

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Marcos Filipe Zandonai

**UMA BUSCA DE CREDIBILIZAÇÃO NO YOUTUBE:
a gestão de pontos de vista sobre questões da covid-19 como estratégia argumentativa
em vídeos de *débunkage* em divulgação científica**

Belo Horizonte

2025

Marcos Filipe Zandonai

**UMA BUSCA DE CREDIBILIZAÇÃO NO YOUTUBE:
a gestão de pontos de vista sobre questões da covid-19 como estratégia argumentativa
em vídeos de *débunkage* em divulgação científica**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Área: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de pesquisa: Análise do Discurso.

Orientador(a): Prof. Dr. Wander Emediato de Souza.

Belo Horizonte

2025

Z27b Zandonai, Marcos Filipe.
Uma busca de credibilização no YouTube [manuscrito] : a gestão de pontos de vista sobre questões da Covid-19 como estratégia argumentativa em vídeos de *débunkage* em divulgação científica / Marcos Filipe Zandonai. – 2025.
1 recurso online (332 f. : il. (algumas color.)) : pdf.
Orientador: Wander Emediato de Souza.
Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.
Linha de Pesquisa: Análise do Discurso.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 302-318.
Apêndices: f. 319-332.
Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Análise do discurso – Teses. 2. Discurso científico – Teses. 3. COVID-19 (Doença) – Teses. 4. Desinformação – Teses. 5. YouTube (Recurso eletrônico) – Teses. 6. Retórica – Teses I. Souza, Wander Emediato de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 418



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Uma busca de credibilização e influência no YouTube: a gestão dialógica de pontos de vista sobre a covid-19 como estratégia em vídeos de divulgação científica débunkage

MARCOS FILIPE ZANDONAI

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Análise do Discurso.

Aprovada em 08 de abril de 2025, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Wander Emediato de Souza - Orientador

UFMG

Prof(a). Maria das Graças Soares Rodrigues

UFRN

Prof(a). Suzana Leite Cortez

Universidade Federal de Pernambuco

Prof(a). Helcira Maria Rodrigues de Lima

UFMG

Prof(a). Daniervelin Renata Marques Pereira

UFMG

Belo Horizonte, 08 de abril de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Wander Emediato de Souza, Professor do Magistério Superior**, em 15/04/2025, às 11:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Suzana Leite Cortez, Usuária Externa**, em 29/04/2025, às 12:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Daniervelin Renata Marques Pereira, Professora do Magistério Superior**, em 29/04/2025, às 13:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Helcira Maria Rodrigues de Lima, Professora do Magistério Superior**, em 09/05/2025, às 14:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria das Graças Soares Rodrigues, Usuária Externa**, em 10/05/2025, às 11:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4101273** e o código CRC **1A91357C**.

AGRADECIMENTOS À CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

AGRADECIMENTOS

Meus pais, Inês e Gilmar, pelos conhecimentos essenciais para eu prosseguir com seriedade, dando-me a preparação necessária, o suporte em suas várias frentes. Obrigado!

Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por ter abraçado o meu projeto e proporcionado momentos de trocas intelectuais: nas aulas, nos intervalos para café, nos eventos acadêmicos (em especial, o SETED) etc.

Núcleo de Análise do Discurso (NAD) da UFMG, pelas enriquecedoras discussões do grupo de pesquisa, permeadas de humanismo e orientadas para a transformação social, o que provocou meu brilhar de olhos e o sempre querer mais.

Meu orientador, Prof. Wander Emediato, por ter nos instigado (a nós, alunos/orientandos) a buscar sempre novas fontes e ideias, e com autonomia, pelas suas falas que tanto inspiram, pelas orientações marcadamente eficientes e críticas. Obrigado pelos dialogismos propiciados.

CAPES, pelo apoio que possibilitou recursos materiais que facilitaram o meu crescimento e a minha rede de contatos de pesquisa.

Professora Maria Eduarda Giering, minha orientadora ontem, mas que, no meu âmago, permanece hoje como referência, norteando-me ainda no amanhã: por ter me ensinado a fazer pesquisa, me indicado os primeiros passos, me enovelando no amor pela divulgação científica; pelo rigor, que fez germinar algo basilar e consistente.

Professora Suzana Cortez, pela leitura muito atenta do meu texto de qualificação, por aceitar fazer parte da banca, pelos comentários enriquecedores; sou privilegiado por ter passado pelo seu crivo e, ainda, por experienciar, através dos seus textos, palavras propulsoras e protagonistas da nossa área, fomentadoras também de clareza, de luz, de didática.

Professora Maria das Graças Soares Rodrigues, por ter aceitado integrar a banca, desde a qualificação, por ter me proporcionado um redimensionamento do olhar sobre o que eu próprio fiz, e isto no entusiasmado diálogo na qualificação. Obrigado!

Professora Helcira Lima, também pela disposição em participar da avaliação desta pesquisa, mas também pelos norteamentos tão teoricamente robustos de suas aulas. Obrigado por nos inspirar fortemente no caminho da argumentação e das emoções.

Professora Daniervelin Renata Marques, por integrar a banca, oportunizando-me ainda mais aprendizados, pois já me auxiliou outrora no amadurecimento em termos de pesquisa, de organização da vida acadêmica. Também agradeço por ter me acolhido afetosamente no

Programa de Incentivo à Formação Docente (PIFD/UFMG), por ter me mostrado balizas para a boa docência e correção de textos, e por ter se entusiasmado com a divulgação científica junto a mim.

Professora Glaucia Proença Lara, por ensinar, por meio do seu exemplo, a organização e a coerência nas muitas facetas da pesquisa (e do ser professor-pesquisador), e, ainda mais, por ter feito uma avaliação produtiva quando do projeto definitivo.

Professora Rosane Campos, por, também através do PIFD, ter dispensado atenção ao meu engrandecimento profissional, pela paciência e carinho. Obrigado!

Agildo de Oliveira, meu amigo, por ter me dado apoio e incentivo enormes quando do projeto de doutorado, não apenas com recomendações pontuais, mas por ter sido parceiro em todo o contexto vital disto. Obrigado por me ajudar a definir eixos de virtude.

Eduardo e Martinha, por me receberem afetosamente em Belo Horizonte e pelas várias dicas. Eduardo, obrigado pelas indicações e empréstimos de leituras, e por mobilizar as belas conexões: música, literatura, política, sociedade, discurso...

Também do NAD, minha grandiosa amiga, Ana Paula Franco, uma dádiva que o POSLIN me proporcionou, por me escutar, por estar presente nos percalços e nas graças, por celebrar o nosso fazer. Obrigado pelos cafés, pelo Elite, pelas gargalhadas todas.

Ainda do grupo NAD, Stener Barbosa, por inspirar reflexão aprofundada sempre com muito juízo crítico, por ter me propiciado diálogos sobre trâmites de pesquisa e enquadramentos teórico-metodológicos possíveis. Nessa toada, obrigado também aos demais colegas do NAD, pelas grandes contribuições.

Professora Ida Lucia Machado, pelos profícuos diálogos sobre a minha pesquisa, por ter me presenteado com a sua amabilidade e o seu profundo conhecimento!

Professor Rodrigo Seixas Barbosa, por também ter me viabilizado espaço de ampliação das noções sobre argumentação; agradeço pelas trocas e por inspirar tanta gente, instigando-nos por meio das múltiplas conexões de saberes.

Professores Bruna Toso Tavares e Rubens Damasceno-Morais, pelos comentários perspicazes na ocasião de minhas comunicações orais; obrigado por estas falas, que refletem a preocupação em gerar qualificação nos pós-graduandos.

Amigo Julio Cesar, pelos incentivos, dicas e companhia, por também ter sido um grande ombro amigo, um real escudeiro, por ter sido uma fonte de força; obrigado por me trazer celebração ao longo do percurso.

Vanessa, minha irmã, pelas conversas profícuas e prazerosas, tão necessárias como espaço de horas vagas, por ser uma presença de embelezamento e abrandamento, e pelos livros!

Grupo Comunicação da Ciência: Estudos Linguístico-Discursivos (CCELD/UNISINOS), por terem sedimentado a realização deste sonho, oportunizando-me o contato vívido com a divulgação científica. Em especial, agradeço ao meu amigo Eduardo Glück, por ser uma grande parceria de elaboração de artigos, por acreditar no meu trabalho, o que ajudou a qualificar o meu ser. Também agradeço singularmente a professora Maria Helena Albé, que, com sua expertise imensurável, forneceu-me bases interessantes desde a graduação em Letras, além de ter me despertado o interesse pelos estudos sobre ponto de vista.

Funcionárias e funcionários da UFMG, em geral, fundamentais para a execução dos nossos sonhos e projetos.

Biblioteca da Faculdade de Letras: pelo insumo bibliográfico, pelo espaço de calma e pela atmosfera de fruição e ode à produção intelectual, elementos que me ajudaram nesta jornada. Agradeço aos bibliotecários, solícitos e com sorriso para nos atender.

RESUMO

Durante a pandemia de covid-19, o Brasil vivenciou a necessidade não apenas de combater o coronavírus, como também lidar com a desinformação sobre esse tema nas redes sociodigitais. Como lembram Massarani, Costa e Brotas (2021), a desinformação tem um potencial destrutivo sobre a saúde pública e a democracia. É frente à antagonização de posições nesse cenário, desembocando na crise de confiabilidade (infodemia), e, portanto, é frente a uma dialogicidade polêmica que certos youtubers científicos desenvolveram uma espécie de resistência. Organizados em um portal de confiabilidade no YouTube (o ScienceVlogs Brasil, SVBr), eles publicaram vídeos que objetivavam corrigir informações falsas e se contrapor à propaganda anticência; isto é, são vídeos de *débunkage*, nos termos de Baur (2021): que buscam desconstruir a visão do *oponente*. Para entendermos de que maneira esses divulgadores científicos se posicionam, nos vídeos, frente a polêmicas da pandemia, elegemos como objeto da análise do discurso aqui proposta dois vídeos, de dois canais de divulgação científica (DC) do YouTube/SVBr. Assim, o objetivo geral da análise é verificar de que forma o discurso dos youtubers funciona como um modo de credibilização de si mesmos e da ciência, ao determinarem-se em relação a posições adversárias. Para tanto, examinamos a gestão do dialogismo interno dos vídeos – a gestão de pontos de vista (PDVs) feita pelo youtuber –, identificando, nas marcas dessa gestão, as visadas argumentativas em prol da credibilização do ponto de vista científico. Isto posto, a pesquisa se vale das categorias teóricas de Rabatel (2016a), tomando os arranjos de relacionalidade entre os PDVs (as formas de acordo, desacordo e neutralidade entre os PDVs/enunciadores) do vídeo-texto (texto monogerido). Essas categorias operam como indícios de argumentação indireta e emocionada (Rabatel, 2018; Pinto; Cortez, 2017). A modalização dos pontos de vista mobilizados nessas cenas intradiscursivas é verificada à luz de Desclés (2009). Como os *pactos* enunciativos sustentam condições pragmáticas e lugares externos do discurso, congruentes a efeitos interpretantes (Emediato, 2020), interseccionamos a supramencionada análise com noções de Charaudeau (2010; 2016) e Flores e Medeiros (2018), por exemplo, que dizem respeito às cenografias de DC iniciadas pelo languageiro de base enunciativa. A preparação do *corpus* contou com a transcrição dos vídeos com base nas convenções de Jefferson (1984). Os textos resultantes foram segmentados, considerando tanto a macroestruturação retórica quanto a progressão textual, visando a cotextualização das ocorrências. A análise inicia-se com as premissas argumentativas e segue para etapas mais centradas nos segmentos, cujos fenômenos encontrados são agrupados em eixos temáticos, por analogia-homologia. Os resultados da investigação, atestando os simulacros enunciativos de DC performados pelo youtuber, mostram estratégias cenográficas de abrandamento, e não só de assertividade da autoridade veridictória da ciência: o abrandamento dá-se com concessões à perspectiva e às emoções do negacionista, seja nas operações de *prise en charge* do PDV científico, seja nas desse PDV adversário. Aliás, tais cenografias dadas na configuração dos PDVs são imbuídas de emoções argumentadas indiretamente, como a alegria/o humor e a indignação, como formas de fazer-criar a razoabilidade da ciência no debate.

Palavras-chave: divulgação científica; argumentação; responsabilidade enunciativa; ponto de vista.

RESUMÉ

Pendant la pandémie de covid-19, le Brésil a éprouvé la nécessité non seulement de lutter contre le coronavirus, mais aussi de faire face à la désinformation à ce propos dans les réseaux socionumériques. Comme le rappellent Massarani, Costa et Brotas (2021), la désinformation a un potentiel destructeur sur la santé publique et la démocratie. Face à la mise en opposition des avis dans ce scénario, aboutissant à la crise de fiabilité (infodémie), et donc face à une dialogicité polémique que certains youtubeurs scientifiques ont développé une sorte de résistance. Organisés sur un portail de fiabilité sur YouTube (le ScienceVlogs Brasil, SVBr), ils ont publié des vidéos qui visaient à corriger les fausses informations et s'opposent à la propagande anti-scientifique ; c'est-à-dire qu'il s'agit de vidéos de débunkage, selon Baur (2021) : ils cherchent à débâter la vision de l'adversaire. Pour comprendre comment ces divulgateurs scientifiques se positionnent, dans les vidéos, face aux polémiques de la pandémie, nous avons choisi comme objet de l'analyse du discours proposé ici deux vidéos, de deux moyens de vulgarisation scientifique (VS) de YouTube/SVBr. Ainsi, l'objectif général de l'analyse est de vérifier comment le discours des youtubeurs fonctionne comme un mode de crédibilité d'eux-mêmes et de la science, en se déterminant par rapport à des positions adverses. Pour cela, nous avons examiné la gestion du dialogisme interne des vidéos – la gestion des points de vue (PDV) faite par le youtubeur –, en identifiant, dans les marques de cette gestion, les visées argumentatives en faveur de la crédibilité du point de vue scientifique. Cela dit, la recherche se sert des catégories théoriques de Rabatel (2016a), prenant les arrangements de relationnalité parmi les PDV (les formes d'accord, désaccord et neutralité entre les PDV/énonciateurs) du vidéotexte (texte monogéré). Ces catégories fonctionnent comme indices d'argumentation indirecte et émotionnelle (Rabatel, 2018 ; Pinto ; Cortez, 2017). La modalisation des points de vue mobilisés dans ces scènes intra-discursives est vérifiée grâce à Desclés (2009). Comme les *pactes* énonciatifs soutiennent des conditions pragmatiques et les lieux externes du discours, congruents aux effets interprétatifs (Emediato, 2020), nous croisons l'analyse susmentionnée avec les notions de Charaudeau (2010 ; 2016) et Flores et Medeiros (2018), qui concernent les scénographies de VS mises en accusation par le langagier de base énonciative. La préparation du *corpus* a impliqué la transcription des vidéos suivant les conventions de Jefferson (1984). Les textes résultants ont été segmentés, en considérant à la fois la macrostructuration rhétorique et progression textuelle, visant à la cotextualisation des occurrences. L'analyse commence par les prémisses argumentatives et passe à des étapes plus centrées sur les segments, dont les phénomènes trouvés sont regroupés en axes thématiques, par analogie-homologie. Les résultats de l'enquête, qui attestent des simulacres d'énonciations de VS par le youtubeur, montrent des stratégies scénographiques de ralentissement, et pas seulement d'assertivité de l'autorité véridictoire de la science : le ralentissement se produit avec des concessions à la perspective et aux émotions du négationniste, soit dans les opérations de prise en charge du PDV scientifique, soit dans celles de ce PDV adversaire. Au fait, ces scénographies données dans la configuration des PDV sont imprégnés d'émotions argumentées indirectement, comme la joie/l'humour et l'indignation, comme formes de faire croire au caractère raisonnable de la science dans le débat.

Mots clés: vulgarisation scientifique ; argumentation ; responsabilité énonciative ; point de vue.

RESUMEN

Durante la pandemia de covid-19, Brasil experimentó la necesidad no solo de luchar contra el coronavirus, sino también de hacer frente a la desinformación sobre este tema en las redes sociales. Como recuerdan Massarani, Costa y Brotas (2021), la desinformación tiene un potencial destructivo sobre la salud pública y la democracia. Es frente a la antagonización de posiciones en este escenario, desembocando en la crisis de confiabilidad (infodemia), y por lo tanto, es frente a un diálogo polémico que ciertos youtubers científicos desarrollaron una especie de resistencia. Organizados en un portal de confiabilidad en YouTube (el ScienceVlogs Brasil, SVBr), publicaron videos que tenían como objetivos corregir información falsa y contraponerse a la propaganda anti-ciencia; es decir, son videos de *débunkage*, según los términos de Baur (2021): que buscan desconstruir la visión del oponente. Para que podamos entender de qué manera estos divulgadores científicos se posicionan, en los videos, frente a las polémicas de la pandemia, se seleccionan como objeto del análisis del discurso aquí propuesto dos videos, de dos canales de divulgación científica (DC) de YouTube/SVBr. Así, el objetivo general del análisis es verificar de qué forma el discurso de los youtubers funciona como un modo de credibilización de sí mismos y de la ciencia, al determinarse en relación a posiciones oponentes. Para ello, se examina la gestión del dialogismo interno de los videos – la gestión de puntos de vista (PDVs) realizada por el youtuber –, identificando, en las marcas de esta gestión, las vistas argumentativas a favor de la credibilidad del punto de vista científico. Dicho esto, la investigación se vale de las categorías teóricas de Rabatel (2016a), tomando la disposición de las relaciones entre los PDVs (las formas de acuerdo, desacuerdo y neutralidad entre los PDVs/enunciadores) del video-texto (texto monogerido). Estas categorías operan como indicios de argumentación indirecta y emocional (Rabatel, 2018; Pinto; Cortez, 2017). La modalización de los puntos de vista movilizados en estas escenas intradiscursivas se verifica a la luz de Desclés (2009). Como los pactos enunciativos sostienen condiciones pragmáticas y lugares externos del discurso, congruentes a efectos interpretativos (Emediato, 2020), se intersecciona el mencionado análisis con nociones de Charaudeau (2010; 2016) y Flores e Medeiros (2018), por ejemplo, que se refieren a las escenografías de DC indiciadas por el aspecto *lenguajero* (discursivo-lenguajístico) de base enunciativa. La preparación del *corpus* contó con la transcripción de los videos basados en las convenciones de Jefferson (1984). Los textos resultantes fueron segmentados, considerando tanto la macroestructuración retórica como la progresión textual, buscando la *cotextualización* (de la noción de *cotexto*) de las ocurrencias. El análisis se inicia con las premisas argumentativas y sigue por etapas más centradas en los segmentos, cuyos fenómenos encontrados están agrupados en ejes temáticos, por analogía-homología. Los resultados de la investigación, ratificando los simulacros enunciativos de DC performados por el youtuber, muestran estrategias escenográficas de relajación, y no solo de asertividad de la autoridad veridictoria de la ciencia: la relajación se da con concesiones a la perspectiva y a las emociones del negacionista, sea en las operaciones de *prise en charge* del PDV científico, sea en las de este PDV adversario. Más aún, tales escenografías dadas en la configuración de los PDVs están impregnadas de emociones argumentadas indirectamente, como la alegría/el humor y la indignación, como formas de hacer creer la racionalidad de la ciencia en el debate.

Palabras clave: divulgación científica; argumentación; responsabilidad enunciativa; punto de vista.

ABSTRACT

During the covid-19 pandemic period, Brazil experienced the need not only to fight the coronavirus, but also to deal with disinformation on this topic in sociodigital networks. As Massarani, Costa and Brotas (2021) point out, this disinformation has a destructive potential on democracy and public health. It is in the face of antagonism of positions of this scenario, leading to a reliability crisis (infodemic), and therefore, it is in the face of a polemic dialogicity that certain scientific youtubers have developed a sort of resistance. Organized in a sort of portal for reliability on YouTube (the ScienceVlogs Brazil, SVBr), these youtubers published videos that aimed to correct false information and counteract to the promotion of anti-scientific thinking; that is, these are *débunkage* videos, under the terms of Baur (2021): videos that seek to deconstruct the opponent's view. To understand how these scientific disseminators position themselves in the face of the pandemic polemics, we chose, as the subject of the analysis of the discourse proposed here, two videos from two channels of scientific publicizing (SP) hosted on YouTube/SVBr. Thus, the overall aim of this analysis is to verify how the discourse of the youtubers works as a way of credibilizing themselves and science, when determining themselves in relation to opposing positions. For this, we examine the management of internal dialogism of videos – the management of points of view (POVs) made by youtuber –, identifying, in the marks of this management, the argumentative objectives (*visées argumentatives*) for the building credibility of the scientific point of view. That being said, the research uses the theoretical categories of Rabatel (2016a), taking the arrangements of the relationship between POVs (the forms of agreement, disagreement and neutrality between povs) of videotext (monogeneric text). These categories operate as indications of indirect and emotional argumentation (Rabatel, 2018; Pinto; Cortez, 2017). The modalization of the points of view mobilized in these intra-discursive scenes is verified in the light of Desclés (2009). As the enunciative *pacts* support pragmatic conditions and the external places of discourse, congruent to interpretative effects (Emediato, 2020), we intersect the mentioned analysis with notions of Charaudeau (2010; 2016) and Flores and Medeiros (2018), for example, which concern the SP scenographies that are indexed by the enunciative marks of the text. The *corpus* was prepared with the transcription of videos based on the conventions of Jefferson (1984). The resulting texts were segmented, considering both the rhetorical macrostructure and the textual progression, aiming at the cotextualization of the occurrences. The analysis deals primarily with the argumentative premises, then goes to other stages, more focused on informational/textual segments, whose phenomena are grouped in thematic axes, by analogy-homology. The results of the investigation, proving the enunciative *simulations* of SP performed by youtuber, show scenographic strategies of slowdown, and not only of assertiveness of the veridictory authority of science: the slowdown takes place, for example, through concessions to the perspective and emotions of the science deniers, either in the operations of *prise en charge* of the scientific POV or in that adversary POV. Actually, such scenographies given in the configuration of POVs are made up of emotions argued indirectly, as joy/comedy and indignation, as ways to make the public believe the reasonableness of science in debate.

Keywords: scientific publicizing; argumentation; enunciative responsibility; point of view.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Espiral da cultura científica.....	37
Figura 2 – Captura de tela de página web que anuncia e descreve o ScienceVlogs Brasil	55
Figura 3 – O selo de qualidade SVBr no canal do Pirula	58
Figura 4 – Quadro das posturas enunciativas	100
Figura 5 – Quadro semântico das operações de <i>prise en charge</i> segundo Desclés (2009)	115
Figura 6 – Convenções básicas de transcrição	145
Figura 7 – Elemento visual como pec apreciativa sobre o PDV2 na AM01 de Slow	171
Figura 8 – Gestuema durante uma anáfora recategorizadora no vídeo de Slow	191
Figura 9 – Foto de uma coalizão apresentada no vídeo de Slow (2023).....	211
Figura 10 – Ironia em “esse <MAR TÁ PRA PEIXE>” (canal do Slow).....	214
Figura 11 – Aspas de ironia da AM15.....	231
Figura 12 – Anáfora visual “coincidência”	266

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Segunda etapa de seleção do <i>corpus</i>	137
Quadro 2 – Definição dos vídeos a comporem o <i>corpus</i> após aplicação das <i>peneiras</i>	138
Quadro 3 – Notações que descrevem as instâncias enunciativas da Análise dos dados	157
Quadro 4 – Macroestruturação retórica do vídeo do canal do Slow	165
Quadro 5 – Amostra 07 (AM07): anáforas de <i>vacinação para covid-19</i> no vídeo de Slow ..	185
Quadro 6 – Alguns processos de atribuição verbal a e2 no vídeo de Slow	202
Quadro 7 – Macroestruturação retórica e resumo do vídeo de NV1C	218
Quadro 8 – Aparato enunciativo da ironia quanto às justificativas de e2	229
Quadro 9 – Analogia do <i>strogonoff</i>	236
Quadro 10 – Resposta crítica à adesão de e2 ao <i>strogonoff</i> (<i>ivermectina=strogonoff</i>).....	238
Quadro 11 – Agressor e vítima no PDV narrado das superdoses.....	242
Quadro 12 – Cadeia anafórica de <i>ivermectina</i> na AM04	245
Quadro 13 – Analogia das evidências anedóticas	253
Quadro 14 – Simbiose entre a instância secundária (e2) e as instâncias terciárias na analogia	255

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

AM	Amostra
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
C&T	Ciência e Tecnologia
CGEE	Centro de Gestão e Estudos Estratégicos
CTS	Ciência-Tecnologia-Sociedade
DR	discurso relatado
D0	discurso de origem
DC	Divulgação Científica
DCM	Divulgação Científica Midiática
E	enunciador
L	locutor
LOC	Locutor
M	minutos
NAD	Núcleo de Análise do Discurso
NASA	<i>National Aeronautics and Space Administration</i>
NV1C	Nunca vi 1 cientista
PDV	Ponto de vista
PDV1	Ponto de vista do locutor/enunciador 1 (do L1/E1, do youtuber científico)
PDV2	Ponto de vista do enunciador 2 (do e2, o sujeito da desinformação)
Pec	<i>Prise en charge</i>
pec2	<i>Prise en charge</i> (em termos de engajamento, de força ilocutória)
POSLIN	Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG
PUS	<i>Public Understanding of Science</i>
RE	Responsabilidade Enunciativa
S	segundos
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
USP	Universidade de São Paulo
YT	YouTube
#	Indicativo de exemplo (fragmento textual que serve de exemplo)

SUMÁRIO

DA PANDEMIA DE COVID-19 (E DA INFODEMIA) A UMA PROBLEMÁTICA ANALÍTICO-DISCURSIVA: NOTAS INTRODUTÓRIAS	18
1 A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO <i>FEED</i>: CONTEXTOS DE PRÁTICA	28
1.1 A divulgação científica em sua variação: tendências a propósito do digital e da democratização	28
1.2 Engrenagens sociotécnicas do YouTube e a conjuntura da desinformação científica	44
1.3 <i>Play</i> nas estratégias cenográficas de youtubers científicos	57
2 DA TEORIA DO PONTO DE VISTA À ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA.....	79
2.1 A noção de ponto de vista.....	79
2.2 A disjunção locutor-enunciador para a variedade de PDVs	83
2.3 Os dispositivos de responsabilidade enunciativa.....	89
2.4 Exploração pragmática das imputações e posturas enunciativas.....	96
2.5 As operações de engajamento (modalização).....	106
2.6 <i>(Dis)likes? smileys?</i> A argumentação emocionada e a questão da empatia	120
3 LENTES E ITINERÁRIOS PARA ACESSO AO <i>TEXTO-MOSAICO</i>: SELEÇÃO, TRATAMENTO E METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS VÍDEOS.....	136
3.1 A seleção do <i>corpus</i>	136
3.2 A transcrição dos vídeos.....	141
3.3. Critérios e passos de análise qualitativa	153
4 ZOOM NAS SUBJETIVIDADES EM CENA: A ANÁLISE EM PERSPECTIVA	164
4.1 Canal do Slow.....	164
4.1.1 Uma assertividade que deixa a empatia entrar	167
4.1.2 A sobre-enunciação pelo humor e outras negociações	177
4.1.3 Referenciação: atenuação do confronto.....	184
4.1.4 Força antivax vs. força da ciência.....	196
4.1.5 Enquadramento pela narrativa e pela referenciação	205
4.2 Nunca vi 1 cientista	218
4.2.1 ‘É só um estudo, mas eu/ciência empatizo...’	220
4.2.2 PDV-muralha da ciência contra as justificativas de e2	225
4.2.3 Resposta às justificativas pela analogia do strogonoff	234
4.2.4 Indignação frente ao PDV2 das altas doses.....	240
4.2.5 PDV do absurdo das evidências anedóticas	250

4.2.6 Constância das réplicas e a tréplica-defesa de L1/E1	261
5 SISTEMATIZANDO E DISCUTINDO OS RESULTADOS.....	269
DAS CENAS A OUTROS POSSÍVEIS CENÁRIOS: CONCLUSÕES E	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	296
REFERÊNCIAS	302
Apêndice A – Transcrição do vídeo <i>O movimento antivacina no Brasil</i>, do Canal do Slow	
.....	319
Apêndice B – Transcrição do vídeo <i>Ivermectina – o que diz a ciência? – um papo sobre</i>	
<i>evidência anedótica</i>, de Nunca vi 1 cientista	326

DA PANDEMIA DE COVID-19 (E DA INFODEMIA) A UMA PROBLEMÁTICA ANALÍTICO-DISCURSIVA: NOTAS INTRODUTÓRIAS

A desinformação tem trazido consequências drásticas, como notado, em particular, na pandemia de covid-19, por nós vivenciada de 2020 a 2022 no Brasil. A desinformação se engrandeceu na pandemia (Almeida; Santos, 2021; Massarani; Costa; Brotas, 2020¹), porque se materializou em uma performance de controvérsias na arena pública, com diversas vozes (atores de diferentes filiações e mentalidades) enunciando, nas mídias, suas convicções sobre a pandemia, transformando esses tópicos em temas sensíveis. Em a pandemia sendo tematizada nos espaços digitais, o que se observou é que “são diversas vozes que assumem um lugar de autoridade e *concorrem* com médicos e pesquisadores pela atenção de milhares de seguidores na difusão de interpretações sobre a pandemia” (Massarani; Costa; Brotas, 2020, p. 247, grifo nosso).

Nesse contexto de disputa de versões sobre a verdade/realidade, onde se fez necessário combater a desinformação científica, devido aos muitos riscos que ela proporciona (Massarani; Costa; Brotas, 2021), foram surgindo iniciativas de resistência. Ela se deu, por exemplo, por meio de webvídeos científicos no YouTube (Massarani; Costa; Brotas, 2021), incluindo naqueles que se filiam à rede ScienceVlogs Brasil (SVBr), foco da nossa pesquisa aqui. O ScienceVlogs Brasil – em uma breve apresentação, pois falaremos dele na fundamentação teórica – é “uma comunidade de divulgação científica que faz a curadoria de canais do Youtube para dar a eles um selo de confiabilidade e de qualidade” (Canquerino, 2019)². Sua proposta é justamente entrar na polêmica, é funcionar “como contraponto à onda de fake news e pseudociência”, como anunciam os organizadores (Sayuri, 2019). Investigaremos aqui a forma como os vídeos dessa organização, publicados no YouTube, tentam se credibilizar, por meio de estratégias enunciativas do divulgador científico youtuber, enquanto orador no vídeo.

Antes de prosseguirmos no ato de situar a nossa questão de pesquisa e de explicitarmos melhor as justificativas para ela, é importante recapitularmos, ainda que panoramicamente, o próprio acontecimento da pandemia de covid-19, principalmente na sua face de produções discursivas, já que é esta crise sanitária, vicejante de polêmica, que deu propulsão aos pronunciamentos que serão examinados aqui, na perspectiva da Análise do Discurso. A

¹ A velocidade com que a desinformação científica (teorias de conspiração, pseudociências etc.) se espalha é sempre maior em comparação com as informações corretas, como observam Massarani, Costa e Brotas (2020).

² Maiores detalhes sobre esse tipo de vídeos serão explicados na seção 2.3.

pandemia, em sua contraface de infodemia³, dá impulsionamento à nossa problemática. Mais adiante, então, após esse passeio mais amplo sobre o problema sanitário, voltamos a falar do olhar que lançaremos sobre os webvídeos (o *corpus*, os objetivos e nossa orientação teórica).

A pandemia de covid-19, drama humano que abalou o mundo, ocasionou 714.379 mortes no Brasil⁴. A covid-19 é a doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, vírus que se espalhou pelo mundo a partir do início de 2020⁵ (Alcântara *et al.*, 2021). Essa pandemia influenciou nas argumentações de alguns youtubers do ecossistema SVBr, preocupado em povoar o YouTube com informação confiável, contra a anticiência. Esse drama da covid se deveu a fatores como o alto nível de contágio e o desenvolvimento rápido de insuficiência respiratória e pneumonia (Alcântara *et al.*, 2021). Após a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhecer, no final de janeiro de 2020, que os casos de contaminação constituíam Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, ela começou a emitir alertas, indicando a necessidade de restrições de isolamento (Alcântara *et al.*, 2021). Por extensão, surgiram outros *performers de alertas*; no Brasil, um dos expoentes foi o biólogo e divulgador científico Atila Iamarino, cujo posicionamento foi estudado, por exemplo, por Alcântara *et al.* (2021), por Almeida e Santos (2021) e em nossos esboços iniciais de pesquisa (Zandonai, 2023).

No principiar de 2020, assistimos ao colapso dos sistemas de saúde em escala planetária, por causa da situação de agravamento de pessoas com crises respiratórias, exigindo tratamento hospitalar mais do que os sistemas habituais podiam suportar (Alcântara *et al.*, 2021). É mister pontuar, no entanto, que gravidade da crise sanitária foi ainda maior por causa da demora na resposta rápida e efetiva de isolamento por parte de alguns grupos sociais e devido a algumas autoridades políticas insistirem em subestimar a doença (Alcântara *et al.*, 2021), como foi o caso em nível federal brasileiro. Podemos dizer, então, que esse problema foi amplificado no Brasil, devido à inação, em algumas frentes da gestão governamental da pandemia na época, o que, na esteira de um enfraquecimento das medidas de contenção de riscos – necessárias antes de uma *cura* comprovada –, junto ao incentivo à imunidade de rebanho, levou a um número *excedente* de mortes (Fonseca, 2022; Alcântara *et al.*, 2021). Essa contrajunção entre setores da sociedade é ilustrativa do *cabo de guerra discursivo*, com o dissenso participando dos processos de tomada de decisão e orientação de condutas.

³ Consoante a Massarani, Costa e Brotas (2021), a infodemia (soma de *informação* com *epidemia*) se refere à sobrecarga de informações, resultando em as pessoas terem dificuldade em distinguir as fontes confiáveis das não confiáveis. O cotejo com a noção de epidemia se deve à conceptualização de que as informações se espalham tal como um vírus em uma crise sanitária (Massarani; Costa; Brotas, 2021). O conceito tem como signifiicante recorrente também a expressão *desordem informacional*.

⁴ Informação de dezembro de 2024.

⁵ Os registros iniciais de acometimento datam do final de 2019 (Ayrolla, 2021).

O impacto da pandemia se localiza também nos discursos, originando interesses de investigação sobre o que esse *cabo de guerra* tem a nos dizer. Entendemos que problemas de saúde pública, como este, devem ser concebidos também como fenômenos sociais e discursivos, uma vez que as disputas e as buscas para consenso ou dissenso (campanhas de saúde, por exemplo) operam para estruturar respostas ao problema sanitário. Por um lado, proliferaram nas redes sociais discursos de desinformação, como a propagação de medicamentos sem eficácia comprovada (como a cloroquina) e declarações xenofóbicas, a propósito das especulações sobre a origem do patógeno (Ayrolla, 2021). Por outro lado, emergiram *experts* da ciência visando a esclarecer à população quais eram as medidas sanitárias necessárias para controle do coronavírus, e visando a atrair a população para a posterior vacinação (Almeida; Santos, 2021). Como dissemos, certos youtubers científicos entraram nessa empreitada, como o canal Nunca 1 Cientista, com parte de seus conteúdos audiovisuais tematizando a pandemia – observável no link⁶ –, problematizando a desinformação sobre ela, circulante anteriormente a tais postagens, como a desinformação concernente à ivermectina. Ou seja, “as redes sociais foram, também, ocupadas pela temática e se tornaram ferramenta de *fundamental importância* na veiculação de informações sobre a situação da pandemia por todo o país” (Almeida; Santos, 2021, p. 112, grifo nosso).

Os objetos de conhecimento postos em cena na pandemia submeteram a ciência ainda mais aos holofotes (Campani, 2024) (‘quando sairá a vacina?’, ‘por que a demora?’, foram alguns questionamentos); logo, a ‘ciência-em-construção’, por assim dizer, ficou mais exposta às tantas falas públicas. Como a ciência se posicionaria discursivamente? Assim, uma vez que a pandemia imbricada com a infodemia leva a atitudes de resistência discursiva de determinados youtubers, isso desperta o interesse sobre de que maneira eles colocam a sua voz (a voz da ciência) como resposta aos questionamentos que deslegitimam a visão da ciência.

Neste cenário, se já é difícil obter o alcance desejado em comunicação científica de maneira séria, pelas características das redes sociais (Fonseca, 2022), a pandemia veio para acrescentar obstáculos a esses divulgadores. As dificuldades vivenciadas são melhor explanadas na fundamentação teórica, como pano de fundo sócio-comunicacional para a análise do discurso do *corpus* desta Tese. A questão é que essas dificuldades levam-nos, aqui, ao

⁶ Utilizando a ferramenta *pesquisar*, dentro do canal Nunca vi 1 cientista, com a palavra-chave “covid”, é possível obter uma lista no eixo vertical contendo acessos a postagens sobre tópicos da pandemia, inclusive desmentindo boatos a ela atinentes. Os resultados são: <https://encurtador.com.br/4mcV5> (Nunca vi 1 cientista, s.d.).

interesse de examinar o modo pelo qual os youtubers científicos, que se pretendem sérios, e insistindo na *resistência*⁷, posicionam-se.

Nossa questão de pesquisa, falando agora em termos mais enunciativo-discursivos é: como esses youtubers divulgadores da ciência, nos vídeos do YouTube, interagem com os outros enunciadores/pontos de vista (sobretudo, os de desinformação) que trazem em seu discurso, buscando modificar o estado de forças (fortalecer o ponto de vista da ciência), pela gestão de pontos de vista? E, em termos mais concretos, a nossa **pergunta de pesquisa**⁸ é: de que maneira estratégica o youtuber científico se apropria da pluralidade de pontos de vista para enunciar a tomada de posição dele frente a posições divergentes? Assim, são os recursos do youtuber *na organização enunciativa* – posturas enunciativas, modalização dos pontos de vista etc. – que interessam como fatores de credibilização da ciência frente aos web-espectadores. Em síntese, perguntamo-nos: como a ciência tenta se afirmar positivamente nessa polêmica?

Uma possível resposta a isto se traduz na **Tese** aqui defendida: defenderemos uma caracterização das atitudes epistêmicas e estéticas como sendo nuançadas, porque de youtubers que não se fixam somente na *sua* verdade/autoridade (a da ciência, a ser incutida), mas que efetuam barganha, concessões para com o virtual enunciador oponente (antifiador), enfim, dinamizam e patemizam os pontos de vista, como uma forma de propagandear uma autoidentidade positiva da ciência.

Em análises preliminares, na fase exploratória, já havíamos percebido sumariamente que o youtuber científico se apropria da pluralidade de vozes, de uma dada maneira, para argumentar, para defender a sua tese como percepção autorizada da ciência. Mas que efeitos e representações, precisamente, são convocados aí? A partir do diálogo que ele cria com as outras vozes e a partir do modo como ele as matiza, apontamos características sociodiscursivas sobre o projeto de fazer-criar desse youtuber, locutor principal e gestor de pontos de vista no vídeo.

De que abordagem teórica nos apropriamos, aqui, para fazer essa análise? Considerando que estamos no terreno do dialogismo e das heterogeneidades enunciativas (o locutor científico dialogando com a alteridade), valemo-nos primordialmente do quadro teórico de Alain Rabatel

⁷ A noção de resistência será mais bem justificada e sustentada na seção 1.2, pertencente ao capítulo 1.

⁸ Nesta Tese, o negrito será utilizado para os destaques máximos, aqueles que demarcam os mais importantes temas dentro de um capítulo, inclusive como organizadores textuais. Já o itálico é reservado para ênfases brandas, para expressões estrangeiras e para sinalizar nomes que descrevem tópicos – por exemplo, eixos temáticos de análise –, tornando o itálico uma forma de isolamento e especialidade lexical. O itálico também se presta a sinalizar termos aproximados, lexicalizações experimentais, empregos *neológicos*, digamos assim, que ajudam a explicar mais didaticamente alguns fenômenos. Para evitar a pujança de itálicos, recorreremos também às aspas simples com esse mesmo intuito de palavras aproximativas; mas as aspas simples apontarão palavras ainda mais estranhas ao contexto formal desta Tese. Por fim, adotamos as aspas duplas, naturalmente, ao longo da análise dos dados (para além do uso convencional em citações acadêmicas) para citações a enunciados retirados do próprio *corpus*.

(2016a), mas também de contribuições vizinhas a esse quadro, principalmente as de Desclés (2009) e de Emediato (2020; 2022), devido às suas categorias teóricas sobre modalização, responsabilidade enunciativa e *prise en charge*. Essas noções têm o mérito, em seu conjunto, de possibilitarem uma análise de como são orquestradas as instâncias enunciativas nos discursos. Essa questão enunciativa do dialogismo de pontos de vista remonta a uma tradição de estudos, na Linguística, que se interessa pela heterogeneidade enunciativa, isto é, pela multiplicidade de vozes que estão na origem dos pontos de vista. Com foco na heterogeneidade do enunciado, essa perspectiva retoma como fundamental a ideia de que um enunciado porta um *dictum* e um *modus* (Bally, 1965) e pode constituir-se de uma multiplicidade de fontes enunciativas. Trata-se, no fundo, do problema da subjetividade na linguagem, uma subjetividade que se reconstrói por estratégias de saliência de um ou outro locutor/enunciador, ou pela criação de áreas de adesão entre diferentes enunciadores, ou mesmo pelo apagamento enunciativo (Rabatel, 2004) de um locutor que, em determinados contextos de enunciação e interação, busca se desinscrever do enunciado e da enunciação. Esses recursos servem para que o locutor (o youtuber científico) produza determinados efeitos sobre o destinatário (Rabatel, 2004), e determinando-se em relação aos outros que ele convoca em seu discurso, aparentando ser empático com essas vozes, ou superior e mais ‘racional’ do que elas etc. Isto permite enxergar o quanto as configurações enunciativas nos informam sobre a argumentatividade de um discurso que se toma para análise (Rabatel, 2018; Emediato, 2022).

Convém delimitarmos esse marco teórico (a teoria de Rabatel), justificando o recurso a ele nesta Tese. Essa abordagem para a análise das *vozes* se justifica porque o interesse vai além da identificação de quais vozes *falam* no vídeo-texto. Ao focalizarmos o dialogismo de pontos de vista, a nossa atenção recai sobre o **heterodialogismo**, que é quando o locutor principal (o produtor textual) evoca pontos de vista diferentes do seu, os quais são postos a dialogar entre si, engendrando algum nível de polêmica (Faria, 2015). Ora, é justamente o diálogo com o ponto de vista antiorientado – com a voz do negacionista –, o que acontece no vídeo-texto, de forma que uma pesquisa que verifica as *atitudes* frente ao negacionista terá na abordagem de Rabatel um bom amparo. Deveras, o vídeo, como texto monogerido, contém movimentos variados, contém relações dialógicas também co-orientadas (do divulgador para com o discurso científico, por exemplo), que o ajudariam a *desbancar* o enunciador antiorientado⁹. Dessa forma, a opção pela abordagem rabateliana (2016a; 2017) é coerente ao nosso trabalho, pois se combina com essa problemática do estudo da polêmica. De fato, Rabatel (2017) inova ao

⁹ Isto conforme análises preliminares, por onde se deram as aproximações primeiras com o objeto empírico, no escopo desta Tese.

mostrar o caráter dinâmico, movediço e oportunista de nossas posições nas relações humanas, o que impõe que rompamos com a hegemonia do binarismo entre consenso e dissenso, que, segundo ele, tenta encaixar as interações tão-somente em uma lógica de cooperação e consenso ou em uma lógica pessimista caracterizada pelo fadado dissenso. Tendo em vista a subjetividade linguageira modal, essa perspectiva teórica põe em destaque as artimanhas de coconstrução de ‘si’ (por parte do narrador) através da reflexão do diálogo com os outros, indelevelmente evocados (Rabatel, 2017). Trata-se de lidarmos com o sujeito – no nosso caso, o youtuber que faz confronto argumentativo – inserido nessas *relações*, em uma visão acional e de reflexividade do sujeito (Rabatel, 2017). O heterodialogismo não necessariamente é plano, isto é, não se caracteriza por uma mesma *energia* (posicionamento, visão de mundo) ao longo de todo um texto ou interação; concepção esta que condiz com nossas hipóteses sobre o discurso do youtuber. É assim que temos pensado o funcionamento da polêmica no âmbito do projeto de pesquisa mais amplo ao qual esta Tese (e vários outros trabalhos) está relacionada: o projeto coordenado pelo Prof. Dr. Wander Emediato de Souza, e intitulado *Interações polêmicas e violência verbal em temas sociais sensíveis: análise da polêmica e da gestão interacional de pontos de vista em diferentes meios*. Empreitada realizada no âmbito do Núcleo de Análise do Discurso (NAD)¹⁰ da Universidade Federal de Minas Gerais, e coordenado pelo referido professor, esse projeto buscou compreender o papel da gestão de pontos de vista no gerenciamento das polêmicas e dos temas sensíveis, em diferentes mídias e meios.

Além da Análise do Discurso em perspectiva enunciativa e pragmática, valemo-nos de noções referentes ao funcionamento comunicacional e discursivo do YouTube, noções advindas de outros autores – por exemplo, Flores e Medeiros (2018) –, cuja contribuição se dá principalmente quando enfatizarmos o funcionamento externo do discurso, após feitas as análises sobre o dialogismo de pontos de vista. Além disso, a Tese realiza costuras analíticas com categorias da argumentação, devido aos sentidos argumentativos que o dialogismo interno de pontos de vista indicia. Por essa razão, a análise recorre a autores como Charaudeau (2010; 2008), com noções teóricas complementares ao trabalho de rastreamento da modalização dos pontos de vista, que é o *carro-chefe* da análise. Essa contraparte da Tese que complementa a análise da responsabilidade enunciativa e dos pontos de vista deve-se à conexão necessária entre o funcionamento interno enunciativo e o funcionamento interno pragmático, e, além disso, à

¹⁰ O Núcleo de Análise do Discurso é um órgão vinculado à Faculdade de Letras da UFMG, mas que congrega pesquisadores e professores de variadas instituições. O objetivo do NAD é realizar simpósios, seminários, grupos de discussão e publicações (entre outras atividades acadêmicas) sobre objetos e temas específicos do campo da Análise do Discurso e suas metodologias (SOBRE, s.d.).

conexão entre esses dois e a exterioridade discursiva, para cumprimento de nosso objetivo, que é explorar o projeto de influência dos youtubers científicos.

Por que é relevante analisar essa ciência que tenta *se impor* no contexto de discutibilidade no YouTube? Em uma palavra: *infodemia*¹¹. Só esse conceito, típico da nossa vida atual, já encapsula nosso **primeiro argumento**, isto é, já nos mobiliza a entendermos melhor as formas de agência, por parte de divulgadores sérios. Observar as formas de resistência à desinformação científica/em saúde e à infodemia advém da importância em, do ponto de vista da cidadania e da democracia, sabermos alguns caminhos ou circunstâncias do ato de fazer frente às distorções de temas científicos. Afinal, tais distorções podem atravancar a reputação da ciência e de atores ilibados (das suas instituições e seus contributos sociais), quando a ciência, por acaso, parece *simplesmente* trair interesses escusos. Essa preocupação é compartilhada por outros pesquisadores: “a desinformação não é um fenômeno novo, mas a ubiquidade do digital potencializou sua produção e circulação, tornando-se uma *ameaça ao pleno funcionamento da democracia*” (Massarani, Costa; Brotas, 2021, p. 77, grifo nosso). Nessa problemática, é importante atentarmos para o fato de que a suposta simples *disputa de narrativas*, como se todo discurso pudesse ser igualmente avalizado na arena pública, proporciona, no fundo, sérios riscos à vida, a direitos *básicos*, conforme estimativas sobre o poder de propagação da desinformação *na saúde*, que podem ser conferidas, por exemplo, em Fonseca (2022) e em Massarani, Costa e Brotas (2021). Haja vista essa desidratação dos valores da verdade – crise epistemológica sobre as instituições promotoras de conhecimento e de verdade (Oliveira, 2020) –, divulgadores científicos que se pretendem sérios (é o caso dos que aqui acompanharemos) estão no centro dessa *tormenta*. Como eles buscam contornar essa desorientação no modo de tratarem a informação científica, em webvídeos, sobre a pandemia?

Ao acompanharmos um pouco da atuação desses divulgadores, este estudo teria o mérito – como **segundo argumento** – de verificar as artimanhas *criativas* levadas a cabo pelos divulgadores: os procedimentos textuais, enunciativos, discursivos que constroem a defesa/legitimidade da ciência. Teremos a oportunidade de verificar os, digamos assim, *estilos de defesa* em atividades divulgativas *novas*, de webvídeos, na multimídia, na multissemiose.

E por que razão o YouTube? O **terceiro argumento** de justificativa é a relevância do YouTube: desde 2017, essa plataforma é o segundo maior mercado de mídia social no Brasil

¹¹ “A infodemia é caracterizada por uma quantidade e variedade excessiva de informações de diferente qualidade e credibilidade (algumas falsas, outras imprecisas, outras baseadas em evidências). A infodemia dificulta que as pessoas encontrem fontes e orientações confiáveis quando precisam, o que representa riscos para a saúde global” (Kalil; Santini, 2020, p. 5).

(Volpato, 2022; Forbes/Redação, 2023) (informação que se mantém verdadeira em dezembro de 2024). O alcance do YouTube é evidenciado também a partir destes dados: ele é a terceira fonte de informações sobre ciência entre os brasileiros¹² (Ayrolla, 2021), e é a segunda fonte para esse mesmo fim entre o público jovem (Ayrolla, 2021); Assim, considerando a forte presença dos *jovens* no YouTube (Ayrolla, 2021; Brasil; Massarani, 2021), enredados pela poderosa economia da atenção – de que falaremos na fundamentação teórica –, cabem observações sobre o seu funcionamento discursivo.

À vista dessas justificativas, propomo-nos, como **objetivo geral**, a verificar de que maneira as formas de posicionamento de youtubers de ciência conduzem a um modo de credibilização de si (e da ciência), ao se determinarem em relação a posições avaliadas como desinformação (adversárias), a propósito de temas da pandemia de covid-19. Para tanto, traçamos os **objetivos específicos**:

- (1) Analisar a gestão do dialogismo interno dos vídeos que problematizam questões da pandemia; ou seja, as táticas de hierarquização dos pontos de vista/enunciadores, de modalização deles.
- (2) A partir do painel de como dialogam entre si os pontos de vista (objetivo anterior), observar os efeitos axiológicos, estésicos e veridictórios constituídos por essa organização, para conferirmos as visadas argumentativas por detrás da gestão dessas posições.
- (3) A partir desses dados do dialogismo (objetivos 1 e 2), compreender os imaginários e cenografias acionados no *corpus* em favor da credibilização da ciência, com foco nas imagens de ciência projetadas e nas emoções argumentadas.

Para finalizar esta Introdução, explicamos, de modo sumariado, os capítulos e a sua sequencialidade no presente texto, pois eles dão sustentação e substância teórica a esta investigação e refletem as etapas de imersão no fenômeno investigado. Essencialmente, o capítulo 1 (a partir da página 28, imediatamente após esta Introdução), com as seções 1.1, 1.2 e 1.3, recobre a dimensão mais sócio-comunicacional da prática de democratização da ciência. A seção 1.1 traz anotações sobre o domínio sociolinguageiro (a divulgação científica nas mídias em geral). A seção seguinte dá relevo à popularização científica *no YouTube*, apontando como os fluxos sociotécnicos desse ambiente influem na relação entre os atores sociais e a

¹² Dados da Pesquisa de Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil 2019 (CGEE, 2019 apud Ayrolla, 2021).

(des)informação científica. Já a seção 1.3 empenha-se na revisão de literatura sobre a atuação pragmática de youtubers científicos que visam à influência. Tal seção nos fornece categorias sobre os efeitos expressivos e imaginários das cenas de enunciação costumeiramente constituídas por youtubers científicos e por youtubers em geral. Com isso, teremos condições de conectar a dimensão do funcionamento externo do discurso (capítulo 1) ao funcionamento interno (do capítulo 2), lugar de sustentação ou remodelamento dos ‘lugares’ do externo.

Nessa coerência, o capítulo 2 (a partir da página 79), composto por 6 seções, concentra-se na problemática mais propriamente linguageira, na perspectiva de Análise do Discurso de orientação pragmática e enunciativa (Emediato, 2022), tendo como grande fio condutor a teoria de Rabatel (2016a) sobre a construção interacional dos pontos de vista. Nesse segundo capítulo, partimos dos pressupostos da teoria (como os conceitos de responsabilidade enunciativa e de imputação) para, depois, tratarmos das formas de modalização e engajamento, que, dinamizando o ponto de vista, criam as *attitudes* atribuídas aos pontos de vista/enunciadores convocados na tessitura do texto (dos vídeo-textos, no nosso caso), *attitudes* estas que informam a orientação argumentativa desses textos.

Saindo das incursões teóricas, o capítulo 3 (página 136) explica a metodologia, desde os esclarecimentos sobre a seleção do *corpus* até os critérios e etapas de análise. Em seguida, ocupamo-nos da análise dos dados (capítulo 4, página 164), examinando os dois vídeos (que respondem a polêmicas sobre a covid-19) de cada um dos dois canais: Nunca vi 1 cientista e Canal do Slow. A transcrição completa da fala do youtuber nos dois vídeos encontra-se nos Apêndices (página 319), mas a análise resgatará a transcrição de recortes textuais (dos Apêndices) relevantes, que serão entremeados à análise. A análise de cada vídeo se dá conforme uma macroestruturação em ‘eixos temáticos’, que traduzem cenas enunciativas ligeiramente mais genéricas que podemos abduzir do dialogismo intradiscursivo (que é o *carro-chefe* da análise). E, então, apesar da análise, reservamos, ainda, o capítulo 5 para uma sistematização dos achados, apontando os aspectos enunciativo-argumentativos da gestão. Esse capítulo busca responder mais diretamente à questão de como se produz a imagem da ciência e o jogo de influência *por meio* da gestão de pontos de vista (ou seja, explicitando mais sistematicamente a relação entre os conceitos mobilizados na Tese). E o último capítulo (*Das cenas a outros possíveis cenários: conclusões e considerações finais*) orienta-se para um balanço da discussão realizada no capítulo 5, avaliando a nossa concatenação ao projeto (ao plano exposto em objetivos e pergunta de pesquisa). Cabe assinalar que, ao longo da Tese, faremos remissões ao material do assim chamado *estudo piloto*. Ele é constituído de vídeos de divulgação científica

do YouTube, aderentes à nossa problemática, e que foram analisados nos primeiros anos do curso de Doutorado, para familiarização com esse universo empírico.

Feita a contextualização da pesquisa, enveredamo-nos, agora, para o nosso apoio teórico, que nos deixa mais inteirados das características e desafios do fenômeno divulgativo investigado e, portanto, do tratamento e manipulação que se fazem adequados para analisarmos esse tornar pública a ciência (o alocamento/deslocamento dela nos espaços participativos), com sua especificidade audiovisual e patêmico-argumentativa, dada a **situação comunicativa** em jogo (na qual tocamos já no primeiro capítulo).

1 A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO *FEED*: CONTEXTOS DE PRÁTICA

Com este primeiro capítulo, nosso objetivo é, primeiramente, na seção 1.1, demarcar o domínio sociolinguageiro que caracteriza a prática de divulgação científica. Um segundo ato é caracterizar, na especificidade, as variações, isto é, os tipos de prática divulgativa, que se dão conforme o fluxo da história e dos dispositivos, já que o tempo nos legou diferentes concepções de divulgação científica. Isso impactará no primeiro ato que anunciamos: a delimitação do que é esse domínio de discurso. Em meio a tal discussão, levantamos a definição de divulgação científica que nos parece mais adequada, considerando a tecnociência (Castelfranchi, 2010) e as demandas por mais democratização (Flores; Gomes, 2014). Essas questões comunicacionais da divulgação científica influem nos vídeo-textos, e, por isso, devem ser levadas em conta.

Já a segunda seção (1.2) do presente capítulo aborda as circunstâncias de produção, circulação e recepção da divulgação científica na plataforma YouTube, mais especificamente. É frente aos desafios explicados em tal seção que devemos ter em mente a ação dos youtubers divulgadores de ciência cujos discursos são aqui examinados.

1.1 A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM SUA VARIAÇÃO: TENDÊNCIAS A PROPÓSITO DO DIGITAL E DA DEMOCRATIZAÇÃO

A divulgação científica é a democratização do conhecimento científico, implicando a diminuição da distância entre *ciência* (uma esfera) e o público em geral (outra esfera), com a manifestação de um certo tipo de *cultura científica*. Essa definição, propedêutica, baseia-se em autores que enxergam essa prática como tornar a ciência algo de domínio público, assinalando o caráter democratizante (Valentim, 2021; Charaudeau, 2016). Por exemplo estes:

Sejam cientistas, jornalistas, professores ou quaisquer outros agentes, os divulgadores transitam em diferentes esferas de criação ideológica e, após a produção da DC, são publicamente representantes da cultura científica, pois são responsáveis por *ampliar o diálogo entre a cultura científica e diversos públicos* (Lima; Giordan, 2021, p. 389, grifo nosso).

Enquanto discurso que responde ao dever de fazer conhecer o resultado de pesquisas científicas permitindo o debate social de ordem ética, os discursos de divulgação e de mediação participam de uma preocupação *democrática* (Charaudeau, 2016, p. 554, grifo nosso).

‘Democratização do saber’ e ‘cultura científica’, por exemplo, são elementos que, então, singularizam a atividade de divulgação científica. Falaremos dessas dimensões ao longo desta

seção. O acesso à ciência deve acontecer sobretudo pelo viés do *direito* das populações, que precisam desse saber para tomarem melhores decisões, não só como um conjunto de curiosidades (um querer-saber). Como mostra Bazzo (2003), as questões de ciência e tecnologia atualmente estão na base das condições de existência humana, tendo elas, então, uma importância para muito além do âmbito acadêmico. Além deste, há diversos outros motivadores para a divulgação científica, de caráter educacional, de soberania nacional etc., os quais não detalharemos aqui, já tendo sido discutidos em outros trabalhos (Castelfranchi, 2010).

Mas o que se entende por divulgação científica (DC¹³) varia, segundo os paradigmas da sociedade e da ciência. Interesses e valorações distintos sobre os usos do conhecimento científico influirão no tipo de divulgação científica. Basicamente, a literatura registra que há uma **visão canônica** e uma **contemporânea** de DC (Motta-Roth; Scherer, 2016), tidas normalmente como opostas. Na sequência, apresentaremos um painel de características dessas duas tendências – que também serão chamadas de *visão 1* (canônica) e *visão 2* (contemporânea), para fins de resumo. Este painel será, no entanto, entremeado por outros conceitos, aqueles referentes aos modelos de comunicação da ciência, que, subsumidos a essas duas grandes tendências, enriquecem o entendimento delas. E, tendo como norte essas informações sobre as tendências de DC, proporemos um outro conceito abrangente do que é a divulgação científica.

Antes de nos aprofundarmos sobre essas diferentes tendências, pontuemos que não há consenso, é claro, quanto à definição (e ao escopo, funções etc.) da DC, pois são muitos os tipos de estudos que se debruçam sobre essa atividade. O que fazemos, aqui, é uma escolha teórica. Diante da pluralidade, marcamos um modo de ver o fenômeno da divulgação científica.

A primeira concepção de DC, a canônica, conduz-nos à definição de **divulgação científica como ato de tradução** (Motta-Roth; Scherer, 2016). Nesse caso, a popularização da ciência acontece dentro de uma crença em *sentidos fixos* a serem transpostos de uma esfera (as instituições científicas) a outras esferas. Já a segunda concepção (**divulgação científica como recontextualização**) defende que a DC é um trabalho de reformulação *criativa* da ciência, por meio do qual criam-se versões do conhecimento especializado, em conformidade com a esfera não científica (Zamponi, 2009; Motta-Roth; Scherer, 2016). O ato comunicativo de divulgação, nessa visão, não presta contas de fidedignidade absoluta às pesquisas científicas de origem. Estando vinculada à visão contemporânea (Motta-Roth; Scherer, 2016), esta é a concepção que nos agrada mais, embora mereça ressalvas e problematizações, conforme explicaremos mais

¹³ Utilizaremos, no mais das vezes, a sigla “DC”, para nos referirmos a “divulgação científica”, assim como empregaremos a sigla “DCM”, como referência à expressão nominal “divulgação científica midiática”, que é uma noção trabalhada por Charaudeau (2016), uma de nossas bases teóricas, desenvolvida no presente capítulo.

adiante (após apresentação acurada dessas duas tendências, na integração com os modelos de comunicação pública da ciência).

A primeira concepção, como anunciado, é a visão canônica, ou DC como atividade de tradução (expressões equivalentes). Antes dos anos 2000, a DC era concebida, nos manuais sobre o tema, como *linguagem simplificada, visar ao público leigo, chegar ao homem comum*, (Flores; Gomes, 2014). Aos destinatários caberia receber informação, tidos como agraciados pela racionalidade do Primeiro Mundo (Germano; Zuleska, 2007), não tendo estatuto para se integrarem criticamente aos processos de ciência. Como salientam Flores e Gomes (2014), apesar da preocupação de democratização e alfabetização científica, essa primeira tendência marca a *distância* e a *diferença* entre as atividades puramente científicas e o campo da comunicação e dos cidadãos. Esse modo de encarar a comunicação surgiu da constatação feita no Hemisfério Norte sobre o desconhecimento, por parte da população, das técnicas da ciência, o que levou, então, a projetos de simplificação do *código* na comunicação (Lima; Giordan, 2014).

Mas por que essa preocupação com a alienação da população? A expressiva taxa de analfabetismo científico afetaria negativamente o desenvolvimento socioeconômico e militar das nações (Pereira; Castelfranchi; Massarani, 2024), além de que a época (pós-Segunda Guerra Mundial) era de entusiasmo referente à energia nuclear e a corrida espacial (Lima; Giordan, 2014). Além do mais, nesse momento, a ciência buscava um reposicionamento da sua imagem pública, fragilizada pelo cenário de devastação e mortes decorrente dos artefatos bélicos (oriundos da ciência), após a Segunda Guerra (Ayrolla, 2021; Massarani; Moreira, 2021). Para que a ciência se posicionasse com otimismo e enfrentasse o analfabetismo científico, o caminho foi debruçar-se muito sobre a questão do *código*: a *linguagem* como solucionadora (Flores; Gomes, 2014).

Entremos, então, em alguns detalhes comunicacionais do paradigma. Os **modelos de comunicação unidirecionais** (modelo do *déficit* e modelo contextual) são o veículo desse paradigma canônico; eles priorizam a via única de comunicação, dedicando-se à disseminação de informação dos cientistas *para* a sociedade (Fares; Navas; Marandino, 2007). “No modelo do *déficit*, a comunicação é unilateral, num cenário em que apenas o cientista/especialista é o emissor, enquanto o público é mero receptor passivo” (Natal; Alvim, 2018, p. 80). Os programas de DC, sob esse paradigma, visavam a preencher a lacuna de conhecimento, com a presunção de que, depois de o *déficit* ser reparado, as pessoas teriam mais compreensão e até entusiasmo para com a ciência (Brossard; Lewenstein, 2021).

Já no modelo contextual, ocorre uma evolução mínima em comparação com o modelo do *déficit*: “embora o cientista ainda seja o emissor, o público receptor já é reconhecido como portador de saberes culturais e experiências prévias dignos de valor” (Natal; Alvim, 2018, p. 80). Os divulgadores devem, assim, levar em consideração fatores como idade, gênero, cultura, localização geográfica, idioma; a conduta do divulgador deve partir da observação de como os destinatários usam esquemas sociais e psicológicos próprios de inteligibilidade, que lhes possibilitam processar a informação ativamente (Brossard; Lewenstein, 2021). As estratégias modernas de *marketing* potencializam essa contextualização, ao buscarem detectar as atitudes preconcebidas do público (Brossard; Lewenstein, 2021).

Como cenário histórico, o modelo contextual foi arquitetado por causa das insatisfações manifestadas pelo *Public Understanding of Science* – também conhecido como “movimento para a cultura científica” ou “**PUS** movement” (Entradas, 2015, p. 504) –, uma iniciativa deflagrada em 1985, na Inglaterra, pela Royal Society, insatisfeita com o modelo do *déficit* (Lima; Giordan, 2014); e que, de lambuja, ajudou a formular também as concepções posteriores (consideradas mais dialógicas). De acordo com essa corrente:

a divulgação científica deve ir além da aquisição da informação, de conceitos e de métodos e contemplar a possibilidade de acesso à informação, a formação do cidadão no sentido em que ele possa ter *opiniões* e uma *visão crítica* de todo o *processo* envolvido na produção do conhecimento científico e sua circulação na sociedade (Lima; Giordan, 2014, p. 17, grifos nossos).

Assim, problemas foram sendo identificados no modelo do *déficit* (o mais emblemático da concepção canônica, dedicada à ‘tradução’). Por exemplo, Brossard e Lewenstein (2021) constataam que, após tantos anos das primeiras coletas de dados sobre a compreensão pública da ciência, os números do analfabetismo científico continuaram surpreendentemente estáveis, e isto após tanto tempo de hegemonia do modelo do *déficit* nos veículos de comunicação e outros programas de treinamento¹⁴.

O modelo contextual, por sua vez, não inova como os dois próximos modelos (dialógicos) – de que iremos falar mais adiante –, inclusive mantém a referida hierarquização (motivo pelo qual está vinculado à visão canônica) entre ‘emissor’ e ‘receptor’. Entretanto, o processo continua unidirecional, porque os interesses da ciência é que bastam, mantendo-se a divisão entre esferas herdada do século XIX (Flores; Gomes, 2014).

¹⁴ Praticamente todos os estudos em Comunicação Social e em Linguística do Texto e do Discurso apontam para a predominância do modelo do *déficit* nas coberturas midiáticas/jornalísticas de C&T. Tocaremos nesse aspecto mais adiante, ao falarmos das iniciativas mais práticas de DC.

Um dos problemas dos modelos unidirecionais é a preocupação distorcida com a linguagem, com o cotejo em relação ao texto-fonte. É que essa ideia de tradução não leva em conta que os desencontros entre as esferas de criação ideológica (ciência e mídia, por exemplo) devem-se ao fato de que a distinção entre ciência e não ciência tem dimensões ontológicas, epistemológicas e axiológicas, e não apenas semióticas (Lima; Giordan, 2021). Os motivos da variação entre as duas esferas estão além do caráter linguístico. Como exemplificam Lima e Giordan (2021), falar de ciência em um café científico ou em uma coluna de jornal não implica uma mera transformação de linguagem a partir do texto-fonte.

Por causa desses problemas, foram surgindo novas iniciativas e concepções, a partir de novos mapeamentos sobre a percepção do público sobre a ciência. Mas, antes de avançarmos para essas ‘novidades’, e tendo em vista a incorporação, aqui, da noção de *modelos de comunicação pública da ciência*, é oportuno situarmos conceitualmente essa noção. Conforme Valença (2015), os modelos de comunicação pública da ciência (como o modelo do *déficit* e o modelo de participação pública) são representações ou modelações comunicacionais, para fins de comunicar informação científica, que ressoam certo paradigma teórico da ciência. Trazendo isso para a nossa problemática, os modelos seriam representações de ciência que ressoariam nos atos de fala de youtubers divulgadores científicos, por exemplo. O reconhecimento desses modelos se impõe porque parte relevante da nossa análise é verificar o lugar axiologizado (de *ethé*) que se extrai do lugar das situações (isto é, do lugar das manobras enunciativas), conforme o aparelho conceitual da gestão dos pontos de vista integrada à argumentação indireta (Emediato, 2020; Rabatel, 2018). Desta forma, concepção de DC incorporada por um dado veículo de comunicação (de um vídeo no YouTube, por exemplo) depende do modelo subjacente à prática divulgativa (Brasil; Massarani, 2021; Navas, 2008).

Uma vantagem do modelo contextual foi promover *insights* de que a divulgação científica, na verdade, é uma recontextualização criativa, o que já direciona as reflexões para a DC enquanto recontextualização-reformulação. Zamponi (2009, p. 324-325) nos dá um painel:

Os meios de comunicação de massa não são mediadores passivos do conhecimento científico, mas contribuem ativamente para a *produção* do conhecimento novo e para a formação de opiniões sobre ciência e cientistas – incluindo informação e pontos de vista que não derivam de fontes científicas. (Zamponi, 2009, p. 324-325, grifo nosso).

Esta observação mostra que a mídia não é apenas ‘transferidora’, mas, sim, evoca novos enquadres sobre os objetos científicos tematizados. Isso já vai pavimentando a concepção de

DC como recontextualização-reformulação¹⁵ (não tradução), embora os modelos multidirecionais sejam mais prototipicamente identificados com a visão 2.

Destarte, o limiar da década de 90 experiencia **novas** insatisfações frente à DC – da Europa, particularmente –, dadas as críticas tanto ao modelo do *déficit* quanto ao contextual (Cunha, 2015; Entradas, 2015). Foi preciso extrapolar as proposições da PUS, porque, seguidamente a 1985, vivenciamos a perda de confiança do público na ciência, por ocasião, por exemplo, da doença das vacas loucas, o que levou a novas exigências na DC (Cunha, 2015; Entradas, 2015). Passou-se a fase de otimismo, havendo, agora, outros desafios à comunicação.

A essa altura (décadas de 80 e 90), como terceira onda¹⁶, o debate é influenciado também pelo movimento CTS (Ciência-Tecnologia-Sociedade). Além de se preocupar com as carreiras científicas, ele problematiza o caminho supostamente neutro ciência→população e procura compor estratégias de participação e decisão da sociedade (e não apenas dos governantes e dos cientistas), buscando transversalidade, contextualização e cidadania crítica (Corrêa Pires; Costa; Moreira, 2022). Conforme as autoras Flores e Gomes (2014, p. 6), “surgem, então, as seguintes indagações: Para quem serve a divulgação científica? Quais interesses e intenções estão por trás do discurso de democratização do conhecimento científico?”.

Essa concepção pressupõe que a DC é uma atividade de recontextualização-reformulação, conferindo-se à DC o estatuto de esfera *própria* ou de gênero discursivo *próprio*, como já caracterizamos (Charaudeau, 2016; Noccioli, 2022). Isto posto, a divulgação científica deve ser entendida como um processo de *recontextualização* da ciência (Motta-Roth; Scherer, 2016), ponto que hoje tende a ser mais consensual. Em tal compreensão, divulgar ciência implica *recriação* do conteúdo científico selecionado e publicizado (Noccioli, 2022). Assim, a DC implica ruptura – termo usado pelo próprio Charaudeau (2016, p. 554) – e não continuidade, não sendo ela um prestar contas ao texto-fonte, algo que importaria a visão de que há perdas ou sacrifícios no ato de DC (que é o que se pensava haver no modelo do *déficit*).

É em tal cenário que passam a ser reivindicados os **modelos multidimensionais** ou **dialógicos** de comunicação pública da ciência (Lima; Giordan, 2014), que são dois. A primeira tendência é o *modelo de experiência leiga*, que valoriza os conhecimentos locais e populares

¹⁵ Aglutinamos os dois termos (‘recontextualização’ e ‘reformulação’) desta maneira com o intuito de apresentar sempre a união de duas características intrínsecas à DC, que são comentadas por diferentes autores.

¹⁶ A primeira onda é a visão canônica da ciência, segundo uma concepção iluminista, que pressupõe o *déficit* da população e, então, investe no movimento de tradução. A segunda onda é provocada pelo Public Understanding of Science, questionando um pouco o modelo de *déficit*, exigindo alguma coisa a mais na comunicação da ciência. A terceira onda é esta que vincula a ciência com questões mais complexas do tempo mais recente, concernentes à relação praticamente umbilical entre sociedade, tecnologia e política (diferentemente daquela época em que havia mais separação entre ciência e sociedade, conforme uma mentalidade industrial inicial).

(Lima; Giordan, 2014). Partindo do pressuposto de que cientistas são regularmente arrogantes (se acham excessivamente certos sobre seu nível de conhecimento), esse modelo comunicacional identifica que há informações adicionais (por exemplo, práticas agrícolas locais, não-modernas, mas validadas em certos sistemas sociais) às quais os cientistas ‘de verdade’ estão alheios (Brossard; Lewenstein, 2021). Então, arquitetar comunicações com base no modelo da expertise leiga é buscar novas formas de resolução dos problemas e eliminar a segregação entre contextos – observada nos modelos anteriores –, a qual estaria superestimando a ciência ‘verdadeira’ (Lima; Giordan, 2014).

Na prática desse modelo, o que tem se tornado comum são as “práticas de coprodução de conhecimento científico”, porque fazem a comunidade científica envolver-se com saberes “locais” e “indígenas” (Castelfranchi, 2010, p. 17). Não se trata de validar conhecimentos indígenas por meio de métodos científicos oficiais, mas de credenciar o conhecimento leigo como, de direito, especializado (Brossard; Lewenstein, 2021). Críticas a esse modelo também aparecem. Por exemplo, a preferência do modelo em deixar de lado o conhecimento confiável produzido pela ciência moderna estaria criando um ambiente anticiência (Brossard; Lewenstein, 2021). Ainda consoante aos autores (2021), esse modelo não aumenta o nível de compreensão pública da ciência entre as pessoas, mas tem tido o mérito de aumentar apenas a confiança entre diferentes participantes em um contexto de disputa em uma política científica.

Já a segunda tendência dos dialógicos (fechando a ‘macroconcepção’ contemporânea) é nomeado *modelo de participação pública*. Especificamente, “por meio de atividades como debates e conferências, o modelo favorece o engajamento e a decisão política frente aos desafios” (Lima; Giordan, 2014, 19-20). Ou seja, esse modelo se realiza prioritariamente em audiências e reuniões públicas, para que o controle das importantes decisões científicas não fique só com os ‘cientistas da elite’, mas seja ampliado a grupos públicos (Brossard; Lewenstein, 2021). Estes são chamados a dar seus *pareceres*, visando ao *uso social* da C&T. Em resumo, esse modelo envolve conscientização, engajamento e empoderamento em relação à ciência; é o público *integrando-se* aos assuntos de C&T, mais democraticamente.

Discursos de DC norteados por esse modelo precisarão, a nosso ver, conectar ciência e *política*, além de diversificar as vozes, em termos de polifonia e dialogismo. Os textos de DCM ganhariam mais tonalidades dialógicas, em vez do monologismo centrado na ciência enquanto discurso de origem, processo constatado por Motta-Roth e Lovato (2011) que, em perspectiva bakhtiniana, analisaram a polifonia em notícias de popularização na mídia de massa.

Na percepção de Natal e Alvim (2018, p. 81), “dentre os modelos citados, o modelo da participação pública aparenta ser o mais inclusivo, no entanto, também suscita

questionamentos: há a percepção de ser mais propício a questões políticas referentes à C&T do que à compreensão da ciência propriamente dita”. De fato, esse sintoma já se faz sentir nos programas de DC orientados pelo modelo contextual, pois, segundo Navas (2008, p. 25, grifo nosso), “mesmo quando os estudos contextuais consideram a presença de forças sociais e culturais, eles ignoram as *respostas* dos indivíduos em relação à informação”; ignoram os *resultados* do processamento dos conteúdos (ou seja, o que é que o público entendeu ou aprendeu?). E críticas neste sentido se dirigiram também ao modelo de participação pública, por ele sublinhar os *processos* da ciência (foco na instância informadora), com desvantagem aos conteúdos (Navas, 2008).

Dado o exposto, nos horizontes vindouros de DC, seria conveniente que as práticas dos divulgadores buscassem **conciliar e equilibrar** essas dimensões. Essa problemática advém de uma visão *integradora*, que nesta Tese defendemos, visão que será explicada a partir de agora, amparada em uma problematização dos modelos (uma vez que já os reconhecemos) e também das ‘macroconcepções’ a que se vinculam, a da tradução e a da recontextualização-reformulação, pois esta última, embora seja a preferida, mais sensível ao funcionamento concreto dos discursos sociais, também apresenta limites.

Admitimos que a DC é um domínio cujas práticas não precisam prestar contas de fidedignidade total ao discurso-fonte (discurso da ciência), pois a DC tem uma finalidade educativa, cultural e não instrucional, devido ao entrecruzamento de esferas que a constitui (Charaudeau, 2016). Contudo, apesar de nos filarmos a essa concepção de DC, compatibilizada com a concepção de DC como recontextualização-reformulação, acreditamos ser necessário acrescentarmos facetas a essa visão renovada de DC (visão 2), com base em uma reflexão mais apurada do que dizem Charaudeau (2016) e Lima e Giordan (2021). Tendo em vista a ‘corda bamba’ em que vive o divulgador – entre as esferas didática, midiática e científica –, então ele poderá privilegiar visadas próprias de uma ou de outra esfera, ainda que ‘condenado’ a sustentá-las todas (Charaudeau, 2016).

Charaudeau (2016) pondera que, ao longo do *continuum* da DCM, as estratégias de credibilidade e de captação calibrarão de diferentes maneiras o peso que terá uma ou outra esfera no produto textual. Fatores como a identidade dos parceiros (Charaudeau, 2016) jogam um papel importante nessa ‘calibragem’. Isso faz com que tipos específicos (variantes, subcontratos) de DCM sejam, sim, associados a um genérico *discurso de divulgação científica*, mas não podendo algum deles isoladamente corresponder “à” DC ou “à” DCM, mesmo que tida como recontextualização-reformulação. Ora, como salienta Charaudeau (2016, p. 554, grifo nosso), “o discurso de divulgação não é tradução de um discurso científico de origem

escrito por autores especialistas de uma disciplina que se dirigem a seus pares, mas um discurso *construído por um órgão midiático* em função da finalidade de seu contrato de comunicação”. Então, o que define verdadeiramente a DC é o contrato em jogo. E os contratos podem fazer movimentar as esferas conforme combinações e interesses os mais variados, fazendo a ciência ser apropriada de muitas maneiras.

Essa é a realidade da DCM, para além da genérica recontextualização: a depender do órgão midiático, o texto de DCM poderá estar mais próximo do contrato científico ou não. Considerando que, nos discursos de DCM, a cultura científica, enquanto referente, não se desconstrói (Lima; Giordan, 2021), então o dialogismo entre esferas faz com que a DC *prolongue* a cultura científica prévia – “a cultura *da ciência*”, no sentido de Vogt (2003)¹⁷. Assim, o referente (cultura *da ciência*) continua vivo quando a DC entra em jogo, embora a DC incorpore também *outros* referentes, incorporando as culturas *pela* e *para* a ciência. Isso coaduna com Charaudeau (2016), para quem a DC é um fato *híbrido*.

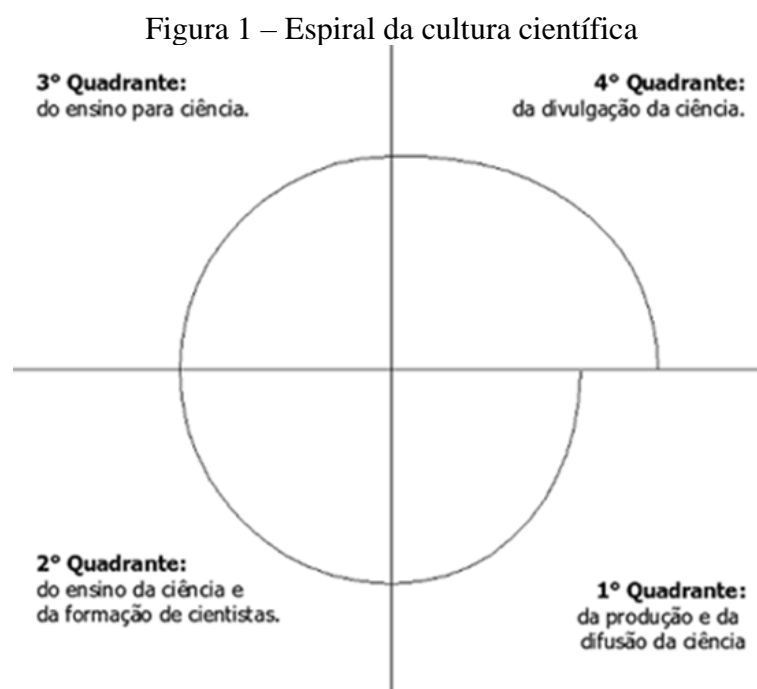
Por consequência, para além da ideia de DC como domínio próprio, questionamos as concepções que veem a DC simplesmente como algo *totalmente* novo. Em vez disso, admitiremos que a DC é algo *também* do novo. Isso porque, como sublinham Lima e Giordan (2021, p. 390), “ainda que a cultura científica tenha maior influência na determinação dos produtos da DC, trata-se de um produto gerado em meio a disputas, cujos escopos variam de acordo com os suportes de DC e os meios de comunicação em que são veiculados”. Essa disputa de sentidos, tensão entre esferas e variedade de formatos, por ocasião de a ciência adentrar a opinião e o domínio públicos, tensiona, a nosso ver, com concepções como esta a seguir, que é costumeira a respeito do que vem a ser a divulgação científica:

Muito menos corporificando a imagem de um discurso da ciência “degradado”, que celebraria, de seu lugar vulgarizado, o discurso absoluto da ciência. Contrariamente a esse modo de ver, vejo no *discurso da divulgação científica um gênero discursivo particular, distinto do gênero do discurso científico, autônomo* tanto quanto qualquer outro discurso possa ser, e envolvente e cativante tanto quanto qualquer boa mercadoria colocada à venda deva ser (Zamboni, 2001, XVIII, grifo nosso).

¹⁷ Afinal, a extensa linha dialógica que faz a DC sair do domínio estritamente acadêmico/técnico/científico envolve outras *culturas científicas*, por assim dizer. Como assinala Vogt (2003), essa *cultura da ciência* – que estamos identificando como *referente prévio*, e que não se abala – se refere às dinâmicas internas à ciência. Mas há também, nas expansões dialógicas divulgativas, a *cultura pela ciência* (movimentos e práticas pró-ciência) e a *cultura para a ciência*, voltada para a socialização dos construtos científicos (Vogt, 2003).

Ou seja, o ato de divulgar ciência implicaria uma passagem relativamente ‘tranquila a uma nova esfera (mais *particular*, com suas novas demandas), sem contemplar a diversidade de escopos, de conflitos, de polêmicas aplicáveis entre essas vozes (Lima; Giordan, 2021).

Como sustentação à presente tese de que a DC é uma *cultura científica espraçada*, podemos nos deter no próprio movimento da cultura científica, noção teórica que recobre os diferentes (pelo menos quatro) ciclos de evolução da ciência ao longo de um *continuum* de esferas sociais (Vogt, 2003), como se pode visualizar na Figura 1.



Fonte: Vogt (2003).

Aplicando a espiral da cultura científica para a nossa discussão, temos que, em qualquer tipo de DC, haveria uma inclinação a algum destes quatro quadrantes. Em alguns pontos dessa espiral da cultura científica, ou seja, desde o início do quadrante 1, acontece o alargamento do conhecimento científico – talvez até sujeito a distorções –, prevendo-se a participação pública e cidadã, e, concomitantemente, em outro ponto da esfera, os frutos da popularização ou do ensino de ciências (3º e 4º quadrantes) reverberam no primeiro ciclo, que é o da própria ciência (a sua institucionalidade primeira, mas com novas compreensões de cidadania). Os quadrantes da espiral apoiam-se uns nos outros – ao invés de separações tão delimitadas –, confirmando que há *estreitamentos* entre as três esferas.

A cultura científica, neste raciocínio, é o processo de enriquecimento – não apenas uma ruptura ou novidade, como parece ser enfatizado em Zamboni (2001) – e de participação dos

variados atores na evolução da ciência (Vogt, 2003). Esse modo de ver deixa a entender que a DC pode acabar, sim, se aproximando do modelo do *déficit*, embora isso frequentemente não seja o desejável¹⁸.

A DC, nesta nossa problematização, não pode ser reduzida ao ato de apresentar saberes científicos de maneira acessível, pois isso supõe a sobrevalorização das visadas *científicas* (referente prévio) *linearmente* direcionando-se aos outros, entendidos como *outros*. À luz dessa espiral, aliás, a DC é um subtipo da cultura científica: é “cultura para a ciência” (Vogt, 2003). Isso porque ela se presta à socialização desses conhecimentos, mas pertence a uma mesma linha de continuidades, evolução e enriquecimento – de imaginários sociais e simbólicos, como diria Vogt (2003). Então, cultura científica, como propriedade importante da DC, recobre a variedade das interações do indivíduo com a ciência (museus, divulgação científica, cultura *pop* etc.).

Resumindo o nosso refazimento da concepção 2: a visão canônica é tida como problemática, sim, mas a visão de reformulação-contextualização precisa ser repensada, arejada, pois a DCM é mais do que ato *novo*: é cultura científica *espraiada* (Vogt, 2003; Lima; Giordan, 2021), do *continuum*. Concordando com Lima e Giordan (2014, p. 29):

Todavia, estamos certos de que a emancipação só é possível por meio de práticas de empoderamento que **contemplem aspectos da proposta iluminista**¹⁹. Tal fato não implica a aceitação incondicional do esclarecimento, visto que muitos dos seus princípios são questionáveis, como a objetividade, neutralidade e a relação entre a Ciência e o domínio da natureza (Lima; Giordan, 2014, p. 29, grifo nosso).

Essas formulações fazem a DC manter conexão com o modelo iluminista-canônico (unidirecionais), dando atenção ainda ao referente *prévio*, e não somente como movimentação dialógica, do *a posteriori* (recontextualização). Essa concepção nos fornece uma visão mais dialógica do processo discursivo da DC, permitindo-nos defini-la melhor agora, integrando os elementos da ‘terceira onda’. Na primeira página do presente capítulo, a definição de DC foi:

¹⁸ O que advogamos é que a DC não deva dar as costas totalmente a todos os parâmetros do modelo do *déficit* e do modelo contextual, sob o pretexto de os modelos dialógicos serem mais ‘simpáticos’, tendo em vista que uma DC de qualidade respeita os dados factuais de base. Além disso, entender a DC como *continuum* (e não restritamente como recontextualização-reformulação) é o que nos permite analisar a pluralidade. No fundo, esse refazimento da concepção de DC aqui proposta dá-se porque a concepção teórica pode, muito bem, evoluir, acompanhando o que pesquisas mais recentes têm apontado, como Dickson (2021), para além das teorizações canônicas que são largamente citadas em trabalhos sobre divulgação científica, como a de Zamboni (2001).

¹⁹ Ou seja, ainda dialogando com a visão clássica/canônica.

Entendemos a divulgação científica como a democratização do conhecimento científico, o que equivale à diminuição da distância entre ciência (uma esfera) e o público em geral (outra esfera), bem como a manifestação de um certo tipo de cultura científica.

A partir das reflexões subsequentes a ela, concordando prioritariamente com Lima e Giordan (2021; 2014) e apoiando-nos em Vogt (2003) e em Charaudeau (2016), incrementamos, agora, a definição para a seguinte (os sublinhados são os acréscimos e alterações):

Nossa definição: A divulgação científica midiática é a democratização e o debate de conhecimentos científicos, para a diminuição da distância entre a ciência (uma esfera) e o público em geral (outra esfera), caracterizada pelo hibridismo de no mínimo três esferas (científica, didática e midiática), buscando estimular no público-alvo e (re)criar, com ele, um certo tipo de cultura científica, seja ela mais retrospectivamente (+tradução), seja ela mais prospectivamente (+recontextualização), trabalho este que dependerá do modelo de comunicação da ciência subjacente ao ato. (acréscimo nosso).

Um outro argumento, ainda, é cabível em favor dessa concepção integradora de DC, inspirada na espiral (Vogt, 2003), na revitalização vigilante da concepção canônica e na problematização da concepção de DC como recontextualização (Lima; Giordan, 2021; 2014). É que, mesmo em um texto de DC enfatize o engajamento público e as problematizações políticas e polifônicas (desejáveis nessa finalidade educativa, cidadã e democrática da DC), certos elementos do *déficit* (evidências factuais, as provas de base) ainda provavelmente serão necessários, o que supõe atenção ao referente prévio, à cultura *da ciência*. O argumento encontra ferrolho em Dickson (2021). O autor (2021) reforça essa defesa do modelo do *déficit*, por mais que isto pareça um contrassenso na época atual. É claro, o autor reconhece que o modelo do *déficit* merece ceticismo, mas também é prejudicial uma certa ‘onda’ do jornalismo científico de distorcer dados científicos para emoldurar a informação científica em algo mais atraente (Dickson, 2021). É por isso, aliás, que muitos pesquisadores têm reservas à midiatização da ciência, e com razão. Logo, concordamos com o autor quando ele diz que:

tomar decisões baseadas em evidências é um ideal ao qual devemos aspirar em todos os níveis da sociedade, desde as comunidades locais até os níveis mais altos do governo. Se as provas relevantes estiverem ausentes – o que infelizmente acontece com frequência –, então o papel do divulgador científico com certeza é preencher as lacunas. Em outras palavras, compensar o “*déficit de conhecimento*” relevante (Dickson, 2021, p. 101).

Assim, segundo o autor, o modelo do *déficit* é, na verdade, desejável, um ingrediente a mais no empoderamento, pois esse modelo nos lembra da necessária capacidade de transmitir fatos de maneira precisa, a responsabilidade com a precisão factual (Dickson, 2021), em algum

nível. O diálogo democrático, tão apregoado contemporaneamente, teria como requisito fundamental a dimensão da confiabilidade informacional (Dickson, 2021). É esse fator, aliás, o que entrelaça as várias manifestações (subconjuntos, subcontratos) da DC e da esfera acadêmico-científica: um zelo à cultura científica de partida, na definição que já propusemos antes para refinar a concepção de recontextualização-reformulação. Nessa tentativa de equilíbrio, não deixemos de lado, é claro, as virtudes das tendências multidirecionais.

Desta maneira, a atitude de o divulgador enfatizar ou não a conexão entre ciência e perspectiva política é algo que dependeria do modo como os modelos de comunicação pública da ciência são articulados em seu discurso (e não apenas da adesão *exclusiva* a um ou outro). Com esse entendimento, avançamos em relação às concepções (*tradução e reformulação*): em primeiro lugar, embaralhamos a rigidez dos papéis dos atores da cultura científica (a ideia de *ir ao público*) e, em segundo lugar, mostramos a importância de uma cultura científica cidadã e espraiada, mas atentos à vigilância epistêmica, como nos alerta Dickson (2021).

Essa concepção de cultura científica espraiada, estando no âmago do nosso conceito de divulgação científica, ressoa, ainda, uma visão mais sociológica e cultural *da própria ciência* (ênfasis no que ela tem de *habitus*), o que é propiciado, por exemplo, pela abertura da *caixa-preta* da ciência por Bruno Latour (2002 apud Duarte, 2019), que demonstra o quanto fatores políticos, culturais e econômicos estão imbricados nas interpretações ditas ‘científicas’ (na acepção de objetivas, neutras, matemáticas) (Duarte, 2019). Tal concepção comunicacional toca, portanto, nas bases da ciência, buscando extrapolar o empirismo e o racionalismo (ênfase nas Ciências Naturais e Exatas) como recursos definitivos para obtenção da verdade objetiva.

Ainda mais, a cultura científica espraiada, ou hibridismo de esferas (Charaudeau, 2016), enquanto abordagem integrada, é o que na prática pode acabar dando mais certo, como diversos relatos já indicam. Com efeito, as pesquisas já têm demonstrado que é a essa integração que os divulgadores efetivamente aderem (Navas, 2008; Brossard; Lewenstein, 2021), mesmo que intuitivamente, como relataremos a partir do parágrafo a seguir.

Praticamente todos os estudos (normalmente em Comunicação Social) que abordam os modelos de comunicação pública da ciência identificam a preponderância do modelo do *déficit*. Isso porque, mais frequentemente, a ciência é representada como exata, de boa-fé, destituída de relações com a política, pois o foco é a *tradução* de fontes já legitimadas, e a ciência é encenada como esforço individual ou mesmo como ato burocrático (Massarani; Buys, 2007; Loose; Lima, 2013; Moreira; Massarani, 2021). Por outro lado, Navas (2008), analisando as iniciativas do Ministério da Ciência e Tecnologia entre 2003 e 2006, identifica tanto políticas que privilegiam a transmissão de informações (modelo do *déficit*) quanto aquelas de participação cidadã. Mas

o mais interessante é documentos que manifestaram uma tensão entre modelos, levando-nos a concluir que existe uma *necessidade de que diferentes modelos de comunicação pública convivam na sociedade* (Navas, 2008).

Brossard e Lewentein (2021) identificam um cenário semelhante ao identificado por Navas (2008). Em atividades ligadas ao Projeto Genoma Humano (PGH), os autores (2021) constataram que o modelo do *déficit* é o pilar principal, mas que os proponentes integram os outros modelos, *motivados por contextos específicos* (ou seja, quando há algo aparente que realmente motive, pragmaticamente, usar um ou outro modelo). Para nós, isso faz muito sentido, em uma perspectiva discursiva, pois, ao invés de idealizarmos um ou outro modelo, seria conveniente percebermos que a identidade deles varia conforme condições pragmáticas e comunicativas. Isso reafirma a nossa definição de DC, integradora. Uma orientação problematizadora e política (dos modelos dialógicos) não é o mais recorrente, e talvez ela nem tenha como ser sustentada de maneira integral em determinados textos. Nesta esteira, em conformidade com Lima e Giordan (2021, p. 384):

Entendemos que a orientação²⁰ não é uma característica elementar da DC, isto é, ser um instrumento para promoção ou para a interpretação crítica da cultura científica não é uma propriedade determinante da DC, mas uma orientação ideológica que fundamenta *determinada* prática de DC (Lima; Giordan, 2021, p. 384, grifo nosso).

Diante disso, podemos nos interrogar: as emoções e *ethé*, verificados no funcionamento intradiscursivo do nosso *corpus*, favorecem qual imagem de ciência enquanto forma de legitimação?

No que se refere à **divulgação científica nas redes sociais**, pode estar surgindo novos modelos; novas questões dentro desse *'feed'*, conforme metáfora usada em nosso título de capítulo. Para Campani (2024, p. 46, acréscimo nosso), “não se pode simplesmente abordar o fenômeno [da divulgação científica], aplicando os conceitos que foram pensados para o contexto midiático pré-digital”, e, pelo que se vê, os referidos modelos foram pensados no âmbito pré-digital. A autora (2024) nos exorta a uma nova postura como estudiosos do discurso de DCM (fundamentada, é claro, em autores como Di Felice). Se as redes sociodigitais modificam sensivelmente a sociedade, elas modificam os usos da linguagem, e, então, muito provavelmente estão modificando as formas discursivas da divulgação científica.

²⁰ ‘Orientação’, no sentido dado pelos autores, é a orientação crítica que o divulgador dá aos acontecimentos científicos, ao invés da prática de simplesmente replicar as ideias das fontes legitimadas (jornalismo de precisão).

Quanto às pesquisas que contemplam os imaginários de DC na especificidade das plataformas digitais, temos, por exemplo, Flores e Gomes (2014) e Brasil e Massarani (2021). Tratemos um pouco do que essas autoras nos fornecem; de todo modo, falaremos, em seções mais adiante, sobre as características mais específicas que a DC assume no YouTube.

Toda uma mudança nos modos de produção e de consumo dos produtos de DC, nos últimos anos, tem ocasionado o imperativo da cultura participativa (Flores; Gomes, 2014). Flores e Gomes (2014) mostram o quão inescapável tem sido a cultura participativa²¹, desenvolvendo-se, agora, de maneira mais radical do que antes: nas tecnologias digitais interativas. Esta noção, então, é para nós um ponto de partida, pois coaduna com os autores que abordam a DC no YouTube (Baur, 2021; Flores; Medeiros, 2018; entre outros). Explicitando melhor, a **cultura participativa** deriva da diversidade maior de produtores de conteúdo de DC (jornalistas e pesquisadores, mas também os *amadores*), cuja relação com o público é muito mais próxima, além de que essa audiência é, agora, uma *audiência muito mais interveniente* do que antes nos conteúdos (Flores; Gomes, 2014). Essa audiência mais interveniente tem a ver com a noção de sujeito *prosumer*²² (Bruns, 2008) e com novas identidades que surgem com o YouTube, como o ‘profissional-amador’ (Baur, 2021)²³. Há um fortalecimento dos amadorismos (comentar, reagir, compartilhar etc.). (Flores; Gomes, 2014). O esmaecimento das posições de cientistas e leigos parece estar na base, então, de novas representações do fazer divulgativo (Flores; Gomes, 2014).

Além da questão da cultura participativa, a pesquisa de Brasil e Massarani (2021), que se propôs a identificar as representações de ciência em vídeos do ScienceVlogs Brasil (SVBr) – o que coincide com a natureza do nosso *corpus* –, constatou o quanto ainda tem sido prioritária a ênfase na ciência hegemônica. As pesquisadoras (2021) notaram que a abordagem desses webvídeos se dá majoritariamente em um viés explicacionista pautado nas ciências exatas e naturais, com a ciência explicando a realidade (isto é, a ciência como detentora de certezas). Essa representação pode ser relacionada, aqui, com os valores da ciência canônica. Isso tudo mostra que, apesar de estarmos imersos em *novas* tecnologias, o que nos levaria a suspeitar que

²¹ A cultura participativa, segundo Jenkins (2006), é a experiência de colaboratividade propiciada pelas tecnologias digitais interativas, por meio da qual os consumidores médios tornam-se agentes da produção e circulação de conteúdos midiáticos (produzir conteúdo, criar *fan fictions*, *mashups* do já disponível etc.). Conforme Fechine (2014) – baseada em Jenkins –, embora a participação sempre tenha existido na cultura, e muitas sejam as possibilidades (e concepções) de cultura participativa, a questão é que as tecnologias interativas *incentivam* a participação ativa de sujeitos que, outrora, consumiam os produtos mais passivamente.

²² Bruns (2008) propõe a fusão das palavras ‘**productor**’ (produtor) e ‘**consumer**’, resultando no termo ‘prosumer’ (algo como ‘prosumidor’), que descreve o usuário da internet que consome e, ao mesmo tempo, produz conteúdo nas plataformas multimídia (Bruns, 2008).

²³ Aprofundar-nos-emos nas ideias de Baur (2021) na seção 1.2, sobre as práticas de youtubers científicos.

a cobertura de C&T contempla mais pluralidade e debate, no fundo, não é isso o que acontece com mais frequência (Moreira; Massarani, 2021; Brasil; Massarani, 2021).

Apesar de operarmos aqui com os modelos de comunicação pública da ciência, acreditamos que as categorias de representação mais específicas, trabalhadas por Brasil e Massarani (2021), possam ser úteis para a identificação dos lugares axiologizados da ciência, que compõem nos atos de linguagem de divulgadores youtubers. Há, nomeadamente, representações como *ciência misteriosa ou mágica* e *ciência perigosa* constando nos webvídeos do SVBr (Brasil; Massarani, 2021). Mas as autoras (2021) constataram também, como o único caso destoante, os vídeos do canal do Pirula, cuja abordagem enfatiza *incertezas e controvérsias do campo científico* – o que pode ser associado à visão 2, à ciência contemporânea.

A ênfase maior por se propagandear uma ciência conforme o sistema hegemônico mostra o quanto ainda falta um ajustamento à realidade plural do universo científico (que é um universo cidadão, insistamos) e às disponibilidades que as próprias infraestruturas digitais dão à cultura participativa, como as conexões entre perfis bem diferentes (de regiões geográficas e gêneros bem diferentes) e as autopublicações compartilhadas (no YouTube, esse tipo de publicação estrutura-se, muitas vezes, no formato *Collab*). Tais elementos mostram a relevância de verificarmos que tipo de ‘paisagem de ciência’ se busca legitimar (atrair, propagandear), como dimensão argumentativa dos webvídeos de ciência no YouTube.

Tendo por base a sistematização semiolinguística feita por Emediato (2020), consideramos aqui que os modelos de comunicação da ciência correspondem ao espaço doxal, sendo eles imaginários sociodiscursivos (Charaudeau, 2006): imaginários de cultura científica, de vida científica. Ao nos valermos dos sentidos produzidos pela gestão de pontos de vista (objetivos específicos 1 e 2), verificamos essas identidades de ciência (objetivo específico 3), que se constituíam em favor da legitimação por parte do youtuber, orador do vídeo.

Assim, concebemos os modelos de comunicação da ciência como imaginários (mundo dos valores) subjacentes a correlatas estratégias enunciativas (mundo da ação) dos pontos de vista. A encenação dos pontos de vista – quando o youtuber põe em diálogo dissimétrico as percepções de *si* (enquanto enunciador principal e filiado ao ponto de vista científico) e as de enunciadores segundos – deixa ver efeitos interpretantes correspondentes a esses imaginários de ciência. Neste sentido, que imaginários de ciência são acionados, em nosso *corpus*?

Com essa articulação (*imaginário e modelos*), sublinhamos os cuidados da interdisciplinaridade da Semiologia, uma corrente teórica que procura não deformar os conceitos de outras disciplinas, mas, sim, interrogá-los em *seu* quadro teórico (Charaudeau,

2013). Essa tomada de empréstimo dos conceitos de outras áreas²⁴, que não da Linguística – como o fazemos, ao usarmos essas categorias sobre as representações de ciência –, é natural na Semiologia (Machado, 2020). Como salienta Machado (2020, p. 60), “nesse caminhar, que é interdisciplinar porque assim o permite a própria Semiologia, de vez em quando sentimos que nas linhas escritas por Charaudeau se entremeiam ecos sonoros de outras vozes que a sua e que parecem com ele dialogar”. Por isso, integramos os modelos a este quadro teórico, traduzindo-os como imaginários sociodiscursivos.

Em segundo lugar (o segundo motivo pelo qual integramos os modelos de comunicação da ciência como imaginários), o caráter de *modelo* (de *exemplar*) remete justamente ao lugar axiológico do discurso, tratado por Emediato (2020, p. 37) como “lugar das representações”, diferentemente do lugar pragmático-discursivo de manobras e estratégias, constituído da modalização, da argumentação etc., abrangendo, em especial, a problemática dos pontos de vista, e sendo chamado genericamente pelo autor de “lugar das situações” (Emediato, 2020, p. 37). De fato, nossa proposta é a de que existe uma vinculação da natureza dos pontos de vista nos vídeos a um sistema de identidades sobre ciência nesses vídeos que se pretendem confiáveis no YouTube. Isto porque a encenação de pontos de vista pelo discurso do youtuber, conferindo diferentes *status* a eles, resulta em uma orientação argumentativa. Nessa orientação, encontraríamos o *ethos*, as imagens *atrativas* de ciência – assim almejadas pelo locutor youtuber –, uma *propaganda* da ciência conveniente aos propósitos do youtuber.

A próxima seção, como já anunciamos, encarrega-se de abordar o funcionamento do YouTube como plataforma e as tendências comunicacionais que se devem a esse estatuto de plataforma, visto que esse é o contexto (e é o *feed*) dos atos de linguagem do youtuber em vídeo (em seu caráter mais pontualizado), a serem analisados, como proposta principal desta Tese.

1.2 Engrenagens sociotécnicas do YouTube e a conjuntura da desinformação científica

Que tipo de experiências videográficas e de divulgação científica o YouTube proporciona aos divulgadores, para que eles possam gerir posicionamentos enunciativos de acordo com seus interesses? Outros autores (Reale, 2018; Fonseca, 2020; Fonseca, 2022) já levantaram interrogações sobre a efetividade e a eficácia de uma democratização dos saberes científicos de maneira qualificada, confiável, dentro das condições técnicas desse ambiente de hipermídia. É preciso considerar essas condições, pois, depreendemos de Paveau (2021), que o

²⁴ Isso vale para as chamadas cenografias de DC típicas do YouTube, de que falaremos mais adiante.

ecossistema digital, com seus traços de programas informáticos, define o modo como os sujeitos discursivizam nesse espaço. Ou seja, ao analisarmos as expressões linguageiras no YouTube, emerge o cuidado de contemplarmos as determinações técnicas, que coconstroem essas formas linguageiras, tornando-as *tecnolinguageiras* (Paveau, 2021).

Por essa razão, nesta seção, entramos em contato com dimensões sociotécnicas (Fonseca, 2022) do YouTube. Elas estão na base, como tendências ou disponibilidades de comunicação, que são incorporadas e se fazem notar na linguagem em ação dos youtubers, voltada à divulgação da ciência. São cinco as dimensões sociotécnicas, as quais podemos conceber como critérios de caracterização de uma plataforma digital, qualquer que seja ela: “Datificação e algoritmos”, “Infraestruturas”, “Modelos de Negócio”, “Governança” e “Práticas e *affordances*” (D’Andrea, 2020 apud Fonseca, 2022).

No que se refere ao *modelo de negócios* (a sustentação econômica da plataforma), o YouTube é um dos serviços da Google, empresa controlada pela Alphabet Inc., que, por sua vez, é uma empresa-mãe da Google (Fonseca, 2022). A proposta do YouTube era ser, inicialmente, um site especializado em hospedagem e compartilhamento de vídeos, aquém do que se tornou hoje: também uma rede social (Velho, 2019). Com a compra do YouTube pela Google em 2006, o YouTube se consolidou como uma plataforma mundial de *streaming*, com audiência próxima a 1,86 bilhões de usuários ao redor do mundo em 2021 (Fonseca, 2022).

O estatuto de *plataforma* é utilizado pela empresa YouTube para ela proteger-se juridicamente de certos problemas (algo que envolve *modelo de negócios*, mas também *governança*²⁵) (Fonseca, 2022). A ideia segundo a qual o YouTube constitui-se estância de intermediação, ofertando negócios uma plataforma – isto é, ‘apenas’ aproximando atores que fazem, entre eles, a troca entre ganhos comerciais e entretenimento –, faria do YouTube (YT)²⁶ um simples facilitador de atividades a ocorrerem *posteriormente* (Fonseca, 2022). Isto se fundamenta na ideia de que a plataforma é não-causal, mas, sim, apenas antecipatória, apenas *ofertadora*, com a responsabilidade das ações recaindo sobre os usuários (Fonseca, 2022).

Porém, Fonseca (2022) discorre que os Estudos de Plataforma descortinam o que está por trás dessa suposta neutralidade, apresentando evidências de que a ação do YouTube não é meramente tecnológica (de um intermediário), mas, sim, que suas mediações são *tecnopolíticas*. Por exemplo, o simples fato de o YT desenvolver mecanismos de moderação de conteúdo mostra que ele refina seus *outputs* conforme expectativas dos públicos (Fonseca, 2022).

²⁵ Essa dimensão técnica se refere ao campo dos regulamentos, como os termos de serviço (Fonseca, 2022).

²⁶ Empregaremos nesta Tese também a sigla “YT”, para “YouTube”, como o faz Montañó (2015) em sua pesquisa sobre essa plataforma. A abreviação serve para facilitar a referência desse objeto no texto.

Mas, por outro lado, algo da intermediação existe, o que complexifica o estatuto desse espaço multimídia. O caráter ‘antecipatório’ se exprime nos processos de capitalização (Velho, 2019). A operação é o YouTube conferir à Google o papel de gerenciador de um mercado multilateral, fazendo a *ponte* entre: (i) os anunciantes que procuram a atenção dos usuários; (ii) os produtores de conteúdo em busca do mesmo, mas também objetivando remuneração; e (iii) os consumidores dos vídeos, em busca de informações e entretenimento (Velho, 2019). A partir desse tripé, a principal fonte dos lucros do YT vem de anúncios²⁷ (Velho, 2019). Apesar desse processo de deixar que se cruzem e se processem os dados entre esses três atores (Van Dijck, 2016), persistem, ainda, em relatórios e estudos técnicos, interrogações sobre o que a Google faz ao ter acesso a informações tão detalhadas de tantos perfis mundo afora (Velho, 2019).

Um ingrediente fundamental do modelo de negócios é a economia da atenção. As informações na web são itens abundantes, como um caos, e, frente a isto, elas são trocadas pelo trabalho dispendido de olhar, por parte dos usuários, o que também é considerado, *a priori*, escasso (Velho, 2019). São escassos por causa da grande concorrência entre atores; é por esse motivo que, segundo Velho (2019), a plataforma desenvolve capacidades de captar e prender a atenção dos usuários. “Portanto, para prosperar neste tipo de economia, um meio é tanto mais eficiente quanto maior for sua capacidade de captar e prender a atenção dos usuários” (Velho, 2019, p. 16-17). Trata-se, então, de atores ‘atentos’ uns aos outros, captando os dados entre si. Para ilustrar a economia da atenção, podemos, aqui, nos valer das engrenagens de *infraestrutura* (outra dimensão sociotécnica) do site. Temos, por exemplo, o *plug-in* reprodução automática de vídeos: após um vídeo assistido terminar, logo outro é iniciado automaticamente. Ora, “quanto maior o tempo na plataforma, maior a quantidade de anúncios a ser exibida (e consequentemente, *maior é o faturamento da empresa*)” (Fonseca, 2022, p. 113, grifo nosso). Outro módulo da plataforma é o desincentivo a downloads. Enfim, há nisto tudo uma grande centralização no YouTube, o fato de sempre precisarmos recorrer ao ele se quisermos acesso a determinado conteúdo, o que converge para a economia da atenção, já que os ganhos comerciais provêm da *quantificação* das audiências (Fonseca, 2022). Assim, a infraestrutura, que é a dimensão física que permite fluxos comunicacionais na plataforma (Fonseca, 2022), está à serviço do modelo de negócios, à serviço da economia da atenção.

Convém nos concentrarmos um pouco mais na **economia da atenção**. Ela é a exploração comercial, por parte de empresas – com suas tecnologias – que capta dados

²⁷ Essa informação é de especial relevância para entendermos outras lógicas que se manifestam na plataforma, quanto às práticas dos youtubers, a serem desenvolvidas mais adiante nesta seção (e também no dimensionamento dos resultados da pesquisa, ao final).

abundantes, que seriam, *a priori*, difíceis de captar, e por meio da troca de informações (Velho, 2019). Uma outra estratégia dessa forma de economia é próprio gênero vlog. Esse formato consiste, basicamente, em o apresentador apresentar-se falando para a câmera, locucionando um monólogo, sem grandes recursos de edição (Burgees; Green, 2009). Para Velho (2019), esse gênero também é uma materialização da economia da atenção, porque – em sendo o formato tradicionalmente mais recomendado para o YT – ele tende a produzir o efeito de familiaridade, de simetria, como se houvesse uma intimidade, uma conversa entre o youtuber e o espectador, o que, no fundo, é uma atenção ilusória (Velho, 2019). A autora explica que:

Por esse mecanismo [da economia da atenção], a audiência sentiria-se compelida a prestar tanta atenção no objeto (Goldhaber referia-se especificamente a um apresentador) quanto o objeto pareceria estar prestando atenção nela. Nesta economia, o objeto também tende a simular originalidade, dado que a novidade costuma parecer mais atraente” (Velho, 2019, p. 42, acréscimo nosso).

Resulta disso que o gênero vlog, natureza do material analisado neste trabalho, não deve ser concebido como um *mero* gênero; se o consideramos gênero, é na sua robustez de prática social. Assim, antes de nos aprofundarmos nas práticas textuais e discursivas dos vlogueiros de DC, é importante termos em mente o quanto o vlog (e outras ferramentas do YT) está aliado a processos maiores – que até nos escapam – da economia da atenção. Esse *formato*, enfim, é uma prática que influi para além da simples interação-enunciação limitada nos minutos entre o youtuber e o espectador. Isso porque ele, de certa maneira, consubstancia processos *tecnopolíticos* de nossas sociabilidades no mundo digital de hoje.

Avançando, um elemento medular das circulações comunicacionais do YT, é o seguinte, segundo Ayrolla (2021, p. 59, acréscimo nosso), em sua investigação sobre o ScienceVlogs Brasil²⁸:

Um dos fatores responsáveis por esse sucesso [do YT] é a própria natureza supostamente *democrática* do YouTube (sugerida no próprio nome da ferramenta). Ao possibilitar que qualquer usuário cadastrado no site possa subir seus próprios vídeos e disponibilizá-los de forma gratuita, o serviço permitiu que milhares de pessoas ao redor do mundo pudessem ser ouvidas por outras (Ayrolla, 2021, p. 59)

²⁸ Como já mais ou menos apresentado na Introdução, o ScienceVlogs Brasil é um conjunto de canais do YT que formam um selo de qualidade científica para os vídeos de DC publicados por eles, tendo também o objetivo, segundo os idealizadores desse projeto, de combater a desinformação nas redes (Ayrolla, 2021; Velho, 2019). Os vídeos analisados aqui pertencem a essa comunidade; falaremos melhor dela logo mais neste capítulo.

A seção comentários e a usabilidade integrada a qualquer dispositivo (elementos da *infraestrutura*), aumentando a acessibilidade de *todos*, ilustram essa cultura participativa no YT, modificando as relações de poder (Burgees; Green, 2009). Desta forma, o sucesso do YT se deve à arquitetura da cultura participativa (Ayrolla, 2021). Complementarmente, tal sucesso se deve ao fator acessibilidade, porque: (i) o uso da plataforma pelos cidadãos dispensa a necessidade de grande conhecimento técnico; (ii) o serviço não limita a quantidade de vídeos a ser compartilhada; e (iii), motivo principal, o YT é a vanguarda da tecnologia *streaming*, ou seja, vídeos que podem ser vistos a qualquer momento sem a necessidade de download (Ayrolla, 2021); só depois tivemos Netflix e outros serviços assim.

A referida arquitetura da cultura participativa e do amadorismo está materializada em determinadas práticas textuais, movidas por *affordances* do YouTube. A dimensão sociotécnica Práticas e *affordances* corresponde a como os usuários se relacionam com as materialidades disponíveis no YouTube, dando conta, então, de como eles aproveitam as materialidades para constituírem as suas práticas mais específicas (Fonseca, 2022). Desde o início, esse ecossistema foi ocupado majoritariamente por experimentações, amadorismos, diferentemente dos grandes estúdios (Burgees; Green, 2009). Nesse âmbito da experimentação participativa, Burgees e Green (2009, p. 78) identificam que, em um dado momento, o formato vlog²⁹ é que se tornou a maneira emblemática de participação no site. Voltaremos ao estatuto do vlog mais adiante, quando do afunilamento da caracterização dele para propósitos de DC. O que enfatizamos agora é que o gênero vlog reúne características marcadamente ilustrativas da cultura participativa e amadorística, como fundamento do YT. Dentre as características, ele congregaria imediatismo e comunicação direta com o público (Burgees; Green, 2009).

Percebemos, de fato, uma crescente nas experiências de imediatismo e rapidez, sintomáticas dessa cultura YouTube; por exemplo, o público online comentando as postagens ao mesmo tempo em que um vídeo é lançado ou em uma *live*. Ademais, em sendo uma variação da cultura de *webcam*, emulando a comunicação interpessoal cara a cara, o vlog se projeta como lugar de “vivacidade” e “emocionalidade”, nos termos de Burgees e Green (2009, p. 79), como se manifesta nas interpelações ao espectador, como diferenciação em relação ao distanciamento em telejornais (Burgees; Green, 2009). Assim, o vlog, com tais características, enfatiza o modo conversação, explicam os autores (2009), convidando os usuários ao debate aberto.

²⁹ Apenas para nos situarmos melhor, “os vlogs, ou videoblogs, podem ser definidos como vídeos em formatos curtos, gravados com instrumentos simples (como celulares com câmeras), e servindo de meio a usuários para fazer comentários, notícias ou esquetes” (Molyneaux et al, 2007 apud Velho, 2019, p. 29).

Já que tocamos nos *affordances*, e focando nas características do nosso objeto de pesquisa (a impactar a análise do dialogismo interno), é importante situarmos o caráter multissemiótico do *corpus*. Nos textos a serem aqui analisados, há uma série de elementos visuais (mudanças de cor da tela, por exemplo), integrantes do próprio texto, já que intrínsecos ao ambiente multimídia. A visualidade faz parte do texto, e, então, é analisada em sua relação significativa com o restante, pois o vídeo-texto do YT é encarado, aqui, em suas séries de tecnografismos (Paveau, 2021). Explica Paveau (2021) que o tecnografismo é um compósito de ordem verbo-icônica, em que a imagem se articula a outras semioses devido à sua natureza multimidiática. Assim, assumindo as orientações de Paveau (2021), entendemos como inescapável um tratamento analítico que valorize as funções discursivas de animações gráfico-digitais, por exemplo, utilizadas por youtubers na edição, e que aparecem na exposição videográfica final, como marca desse tecnôgenero, o vlog de divulgação científica no YouTube. Para um tratamento notacional do não verbal, recorreremos a uma metalinguagem especializada das atividades youtuber, mas pontuando a função textual-discursiva do elemento visual sob escrutínio, consoante à perspectiva teórica adotada, tal como estudos anteriores em Linguística Textual (Nascimento, 2014) têm feito, sensíveis ao componente visual dos seus *corpora*.

Apesar do exposto sobre cultura participativa, contrapontos têm sido levantados a isto. Pipocaram conflitos de interesse entre, de um lado, as comunidades nativas³⁰ e as grandes corporações midiáticas (Velho, 2019). Houve incrementos infraestruturais e de governança dificultando, por exemplo, que canais iniciantes crescessem (Velho, 2019). Isso estaria subvertendo os ideários de uma internet democrática e igualitária, sendo que o YouTube foi construído justamente como contraponto ao monopolismo e à assistência passiva da televisão, que teriam pouca criatividade e diversidade cultural (Ayrolla, 2021).

Essa discussão desemboca no espaço ocupado pela **desinformação** no YT, que tem sido muito maior do que o das informações confiáveis (Velho, 2019). Isso levanta a indagação sobre o sentido da democratização no YouTube e sobre papel das suas engrenagens sociotécnicas nisso tudo. Sobre esse montante de desinformação no YT, Velho (2019) afirma:

Estes resultados em conjunto parecem sugerir que os assuntos mais polêmicos (no sentido de estarem sendo momentaneamente debatidos publicamente e serem capazes de trazer à tona posturas acirradas e até radicalizadas de grupos sociais), como vacinação, mudança climática e algumas doenças graves, atraem usuários de posturas anticientíficas, que dão publicidade a este

³⁰ Essa cultura amadorística contempla, por exemplo, os blogueiros de vídeos caseiros, constituindo o YouTube em suas *raízes* (Velho, 2019; Burgees; Green, 2009, 2009). Trata-se da seara dos usuários independentes.

conteúdo e se engajam com ele de maneira mais concentrada, tornando-os mais populares (Velho, 2019, p. 69).

Assim, a presença de anúncios de produtos ou serviços intimamente relacionados ao tema dos vídeos falaciosos vai impulsionando-os. Ainda que certas estratégias textuais, para aqueles mais letrados digitalmente, sirvam como escapatória à desinformação³¹, como mostra Velho (2019), fatores como a ausência dos *gatekeepers* (figuras de autoridade que filtram os conteúdos) e a necessidade de grande rapidez e simplificação, como tendências da web plataformizada, ocasionam a superação da informação científica pela desinformação online (Fonseca, 2022).

Lembremos que o conceito de desinformação científica, neste trabalho, é aquele que abrange três tipos de manifestação: informações incorretas, pseudociência e negacionismo (Fonseca, 2022). Trata-se de um *continuum*, com o negacionismo (recusa ou aversão total à ciência) sendo sua expressão mais extremada. Podendo, portanto, incorporar traços mais *brandos*, a desinformação científica são os comunicados que têm os objetivos: enganar pessoas e obter ganhos políticos e/ou econômicos com esse engodo (Fonseca, 2022). Não obstante, a oposição consenso científico x desinformação não necessariamente tem limites claros, pois a verdade científica tem uma estabilização relativa, sempre sob monitoramento, como se percebeu nas atividades científicas do período pandêmico, constituídas de testes em desenvolvimento (Fonseca, 2022).

Há outros fatores favorecendo a rápida propagação da desinformação em saúde. Por exemplo, em relação ao papel do modelo de negócios, a plataforma tem privilegiado canais com vídeos curtos e postados com maior frequência, assiduidade e constância – o contato *constante* com os usuários é necessário para alimentar a plataforma (Ayrolla, 2021). Isso dificulta a criação e o alcance de conteúdos de DC de qualidade pelo SVBr, especificamente (sendo ele uma espécie de agência de checagem, mas indo além disso), pois eles demandam muito tempo de pesquisa, uma lógica que é estranha à periodicidade intensa (Ayrolla, 2021).

Para mais do comprometimento com a economia da atenção, conforme o jogo comercial do YT com os anunciantes, é mister lembrar que a desinformação é apenas *favorecida* pelas redes digitais, pois remonta a necessidades, valores e ideologias **muito anteriores**, por onde a descrença nas instituições epistêmicas se mistura com crenças religiosas e filiações políticas (Fonseca, 2022; Ayrolla, 2021). Isso foi sendo captado pela dimensão sociotécnica

³¹ Por exemplo, nos buscadores, a busca por termos mais neutros, como clima e mudança climática, ao invés de termos com sentido muito específico, como “trilhas químicas”, “manipulação climática” (Velho, 2019).

datificação/algoritmos³², em um processo pelo qual a desinformação candidata a aparecer nas telas é aquela que cumpre o requisito de entrelaçar tom político com assunto científico, para melhor entregar/ranquear resultados para o espectador (Fonseca, 2022). Por exemplo, no âmbito dos sujeitos aderidos à desinformação, o que ocorre é uma apropriação dos discursos científicos pelo filtro das pautas da nova direita (por exemplo, a luta comercial e jurídica por uma certa ‘liberdade’ de acesso a tratamentos alternativos, como *background* para a hesitação vacinal), o que mostra o quanto a desinformação está ligada a contextos outros, políticos (Fonseca, 2022). Convergente a todos esses dados, verificou-se que os algoritmos de recomendação pendem mais para a exibição de vídeos sensacionalistas e figurando teorias conspiratórias, mesmo que esses algoritmos sejam rodados com base em metadados de um usuário sem histórico de buscas e sem estar logado em um perfil (Velho, 2019).

Apesar disso, estudos indicam que, na pandemia, houve um grande esforço do YT em desestimular a desinformação, pela revisão das diretrizes de governança (Fonseca, 2022). Para Massarani, Costa e Brotas (2020, p. 247-248), “na pandemia de COVID-19, a plataforma não se notabilizou como espaço de desinformação, seja pela ação da própria empresa, de exclusão de conteúdos nocivos à saúde pública, seja pela inundação de conteúdos favoráveis às práticas e políticas de enfrentamento à pandemia”. Mas acreditamos que isto não exclui os imaginários sedimentados, desde muito, de aversão à ciência, além de que isto indica o protagonismo de divulgadores científicos independentes, fazendo a resistência. De todo modo, os dados elencados nos parágrafos anteriores – e mesmo esse esforço do YT em, ‘colocado contra a parede’, rever suas políticas – atestam o fenômeno plataformação da sociedade, que consiste em sociabilidades mediadas pelas *big-techs*, atentas a (e influenciando) hábitos também fora da internet, por meio da gestão de algoritmos e do controle de dados (Van Dijck, 2016), ao invés da alegação, por parte delas, de serem não-intervencionistas.

Diante da desinformação e da infodemia **em alta**, a postura natural e intuitiva tem sido os divulgadores e pesquisadores ocuparem a plataforma, enchê-la de informação científica confiável, disputando a atenção, como nos canais do ScienceVlogs Brasil (SVBr). No entanto, segundo Fonseca, “a estratégia de disponibilização de informações, apesar de ter um grande valor, não é suficiente para resolver o problema da desinformação” (2022, p. 42), um problema que escapa ao poder dos divulgadores científicos e das organizações jornalísticas. Isso porque,

³² Segundo Fonseca (2022), datificação/algoritmos é o modo como a plataforma se vale dos dados armazenáveis (tudo que vai para a rede são dados armazenáveis) e, assim, reorganiza-os para ranquear os dados (fazê-los aparecer). Monitorar preferências do usuário, prevê-las e, ainda, ranqueá-las tem tudo a ver com algoritmos. Quanto aos algoritmos, Velho (2019) explica que eles são sequências de instruções de programação que processam dados e instruções, para produzirem algum resultado (por exemplo, recomendar itens ao usuário, como *playlists*).

como elucidam Alzamora e Andrade (2019, p. 109), “é a *crença* que delinea a formação da opinião, não a verdade. Tal concepção, de viés pragmático, evidencia que verdade não é atributo necessário da notícia”. Ademais, não é o acúmulo de informação científica que permitirá uma *confiança* nesse tipo de informação (Castelfranchi et al., 2013). Portanto, o que Fonseca (2022) orienta, baseando-se em Bruno Latour, é que a DC não se prenda aos fatos, mas se apresente de maneira mais honesta, com a ‘sujeira’ dos bastidores, isto é, os descaminhos, os erros, os desafios da ciência. Para o autor (2022), a existência de questionamentos, disputas e religiosidades, por exemplo, faz com que a cobertura de ciência precise ir além das informações cientificamente embasadas. Dessa maneira, a estratégia da DC deve adicionar à abordagem explicativa e argumentativa a história das ideias científicas e os contextos culturais, tomando a ciência como algo público (Fonseca, 2022). Parafraseando Latour (2011 apud Fonseca, 2022), é preciso entrar no mundo da ciência pela porta de trás, pelo espaço da ciência inacabada.

A desinformação se deve às propulsões da própria sociedade da informação – centrada nas mídias digitais –, isto é, tem no próprio *estado das coisas digital* as suas molas propulsoras. Além dos fatores motivadores da desinformação já explanados, é importante dimensionar que a celeridade e a voracidade da desinformação advêm, de modo mais amplo, das possibilidades tecnológicas de manipulação, recodificação, descontextualização dos conteúdos (Wardle; Derakhshan, 2017). Trata-se, no fundo, da reorganização dos padrões de poder nos dispositivos da sociedade em rede, o que está associado à figura do *prosumer*, que é a posição, por excelência, dos usuários digitais. O *prosumer* é o sujeito que age como produtor e, ao mesmo tempo, como consumidor, constituindo comunidades de interesse, ao mesmo tempo em que as consome dentro dessas filiações do digital (Bruns, 2008). Parece-nos, portanto, que essa emergência do *prosumer* contribui para a infodemia, com sujeitos experimentando a criação de novos tempos-espacos, porquanto as infraestruturas se orientam para a cultura participativa, no Conteúdo Gerado por Usuário (CGU) (Burgees; Green, 2009).

No campo da DC, essa democratização da autoria como provocadora ou facilitadora do aumento da desinformação na web é comprovada por alguns estudos, mostrando, por exemplo, o aumento do movimento antivax nos Estados Unidos, correlacionado ao crescimento de blogues e sites antivax (Velho, 2019). Chegou-se ao ponto de esse país ter vivenciado a volta de um surto de sarampo em 2017, sendo que, há muito, essa doença estava sob controle no território estadunidense (Velho, 2019). Portanto, a cultura participativa, se é motivo de celebração, é, também, por outro lado, fonte de preocupação, pois informações falsas têm induzido cidadãos ao erro, por exemplo, na diminuição do índice de vacinação em algumas localidades, não só nos Estados Unidos, na época recente (Velho, 2019).

Não obstante, há um imbricamento de fatores na infodemia. Também os aspectos emocionais, em específico, estão em jogo. Nas redes, preponderam os apelos emocionais, como filtros para os sujeitos constituírem e receberem opiniões (Wardle; Derakhshan, 2017), mas tudo isso delineado por *relações de poder* (Marshall, 2017). Desta forma, o apego a uma tese como a de que as vacinas da covid-19 são letais para o ser humano serviria para proteger crenças/emoções **anteriores**. Trata-se de o sujeito, defronte uma dada informação, agir (compartilhar, por exemplo) no sentido de reafirmar narrativas dramáticas mais amplas que descrevem a realidade (Wardle; Derakhshan, 2017). Uma das matrizes emocionais é a sensação de conforto, pois as bolhas digitais propiciam ao sujeito um lugar tranquilo para corroborar seus pontos de vista com outros usuários engajados (de igual para igual), por exemplo em narrativas – que traduzem crenças *prévias* – assentadas na desconfiança nos governos a respeito das intenções com uma campanha de imunização e na majoração dos efeitos colaterais da vacina (Ribeiro, 2024). Dessa forma, o componente das emoções é crucial para a compreensão de como a desinformação viraliza (Wardle; Derakhshan, 2017). Com efeito, o *pathos* é mobilizado na tensão argumentativa entre o polo da desinformação e o do esclarecimento ou checagem dos fatos, algo que nosso estudo piloto (Zandonai, 2023) já vem denunciando, com o youtuber divulgador científico interpretando as heteroemoções (as do adversário, com o qual dialoga polemicamente) em sua postagem audiovisual. Por esse motivo, voltaremos a tratar das emoções no capítulo 2 (especificamente, na seção 2.6).

Outra dimensão importante da desinformação é a perda de confiança na autoridade institucional e informações oficiais, difusoras da *verdade* (Almeida; Santos, 2021; Ribeiro, 2024), algo que também está para além do digital. A atual crise da especialização, que abrange, sim, aquilo que acontece quando cientistas e divulgadores comparecem nas mídias, está alocado, também, no ressentimento de muitos grupos sociais desiludidos com os reiteráveis erros dos cientistas (Almeida; Santos, 2021). Isso, somado ao fato de certos pronunciamentos científicos ao longo da história terem assumido um direcionamento regulatório sobre as pessoas, foi alimentando os *pregadores da dúvida*, os céticos da ciência (Almeida; Santos, 2021), o que é um problema em uma sociedade como a nossa, tão dependente da ciência.

A partir desse dado, acreditamos que essas reações sociais decorrem, em parte, de uma divulgação científica mal feita, aquela que é descontextualizada, em uma voz monológica, descompromissada com a cidadania. Ora, “a ocorrência da pandemia do Coronavírus expôs certa fragilidade do modelo de argumentação apoiado na factualidade (como comprovação de sentidos de interpretação)” (Almeida; Santos, 2021, p. 111) – constatação que vai ao encontro de Fonseca (2022), baseado em Latour. Os signos do *supor*, do ‘*ainda não se sabe*’, das

incertezas, estando tão presentes na pandemia – mas crescentes desde a complexificação da ciência nas últimas décadas – acabam escancarando a ciência frágil, exigindo dela uma nova posicionalidade, a de modalizar aquilo que é ‘fato’ ou ‘versão incontestável’, a fazer isso no momento em que essa ciência entra no debate público e em outras conjunturas (Almeida; Santos, 2021).

Essa ‘crise’ (descredibilização da ciência) acaba sendo, a nosso ver, uma pressão para ela repense o que subjaz às suas falas. É uma pressão para que reinterprete o problema da descredibilização agora sob a ótica de Latour, de uma DC que ‘desce da sua torre’, que não se envergonha de mostrar-se inconclusa e suja. Deve estar na hora de um DC que exponha a multifatorialidade das ‘soluções científicas’. Ora, se é verdade que sujeitos aderidos à desinformação apegam-se ao medo, ao ressentimento, às verdades confortáveis etc. (como vimos), é também verdade que os protagonistas da ciência, em geral, se esquivaram de fazer DC, desdenharam das redes sociais (Fonseca, 2020), o que remonta ao histórico, e ainda vivo, preconceito dos pesquisadores ‘de verdade’ contra quem realiza divulgação científica, como verificado ainda recentemente em pesquisa sobre as dificuldades do ScienceVlogs Brasil (Ayrolla, 2021). Como afirma Fonseca (2020, p. 58), “quando pesquisadores e intelectuais se afastam das redes sociais, os charlatões vão se encarregar de ocupá-las, com muito prazer”. Com uma ciência sentida como intrometida demais na vida das pessoas, mas também prepotente, uma reação de longa data – portanto, não circunscrita à infodemia digital – tem sido a ridicularização dos cientistas e o anti-intelectualismo, que, de lambuja, expõem as fissuras comunicacionais, expõem o caráter poliédrico da crise de legitimidade da ciência (Almeida; Santos, 2021). Ou seja, há grandes ruídos que remontam ao período anterior às redes sociais.

Como notabilizado, a atividade *prosumer* está na base das propulsões da desinformação, mas também dos atos de resistência, que é o que se aproxima da prática dos youtubers divulgadores aqui examinados. Esse cenário da cultura participativa é realmente importante de se manter em mente. A atuação do SVBr deve-se a esses enredamentos horizontais da sociedade em rede. De fato, com a abertura do digital, esses divulgadores puderam experimentar uma liberdade de expressão e de representatividade que não encontravam nas organizações jornalísticas mais convencionais (Velho, 2019). Esse era o espírito já na era dos blogues de ciência brasileiros, antecedentes diretos do ScienceVlogs Brasil. Velho (2019) aponta que a adesão de pesquisadores brasileiros à blogosfera – o condomínio/*hub* ScienceBlogs Brasil como sendo um dos mais proeminentes – deveu-se, em larga medida, à insatisfação deles com a DC

feita em revistas e jornais populares³³. O intuito desses pesquisadores, então, na esteira da democratização das autorias, era, em seus blogs, estabelecer uma interação mais direta e humana com as pessoas interessadas por essas pesquisas e discutir os meandros daquilo que não constava nos *papers*. Assim, os youtubers (vlogueiros de DC), como estes do ScienceVlogs Brasil (SVBr), são dissidentes desse espaço da blogosfera científica (o ScienceBlogs). Isso é declarado em uma das páginas que inauguram o ScienceVlogs Brasil (o coletivo de canais com selo de qualidade) para a sociedade³⁴:

Figura 2 – Captura de tela de página web que anuncia e descreve o ScienceVlogs Brasil



Fonte: O projeto (2016).

Aqueles blogueiros assíduos do condomínio ScienceBlogs Brasil passaram, então, a se profissionalizar no YouTube. Esse fato se explica pelo declínio da produção de blogs de ciência (início dos anos 2010) correlacionado à ascensão das redes sociais, fazendo com que esses divulgadores migrassem para novas plataformas, como o YouTube (Velho, 2019). Podemos, enfim, conectar a percepção de liberdade e democratização com o próprio SVBr (esse

³³ O ScienceBlogs Brasil é uma rede nacional – filiada à rede internacional ScienceBlogs – agregadora de diversos blogs de ciência, das mais variadas disciplinas. Segundo a sua biodata, o portal objetiva “criar um espaço onde é possível discutir Ciência de forma aberta e inspiradora” (SCIENCE BLOGS BRASIL, 2011).

³⁴ É com o objetivo de deixarmos mais explícita a relação entre o condomínio ScienceBlogs Brasil e o projeto mais recente, o ScienceVlogs Brasil (SVB) (este sendo do YouTube), que decidimos exibir o *print* da tela, ao invés de apresentarmos via citação direta o conteúdo que descreve o SVBr.

novo *hub*, no YT), sendo isso reconhecido pelos próprios divulgadores (Velho, 2019). O que temos é que, nos padrões comunicacionais anteriores à blogosfera (onde poucos tinham acesso ao controle midiático), a resistência estruturada em um projeto como o SVBr seria mais difícil de acontecer. Assim, o YouTube é sentido como um lugar privilegiado para a experiência discursiva do divulgador *prosumer* (não só dos outros tipos de *prosumer*).

Superando ou estando paralela aos amadorismos e à experimentação (DNA do YouTube), a profissionalização crescente dos youtubers científicos impele-os a se tornarem influenciadores (Ayrolla, 2021; Campani, 2024). O influenciador digital é o ator que faz-saber, faz-sentir, mas também faz-fazer (incitação à ação), perpassado por alguma atuação publicitária (comercialização de produtos ou serviços) (Campani, 2024; Massarani, Costa; Brotas, 2020).

Essa lógica do influenciar condutas e de *merchandising* é explicada pelo funcionamento da plataforma. Segundo Velho (2019), o YT oferece ferramentas de treinamento aos youtubers em ascensão, o que satisfaz aos interesses do próprio YouTube, pois a criação de garotos-propaganda – vitrines que propalam o sucesso que é o tornar-se youtuber – aumentaria os efeitos de rede, e, por consequência, a valorização financeira da plataforma (Velho, 2019). Como não seria difícil de imaginar, esse *modus operandi* é percebido por youtubers científicos do SVBr como um obstáculo (Ayrolla, 2021). Isso porque a concepção de um selo de qualidade, e dentro da lógica de *grupo*, é algo estranho aos estímulos aos influenciadores individuais, que ganham comparativamente muito mais atenção do YT (Ayrolla, 2021). Mesmo assim, a lógica do *influencer* não passa imune à atuação dos vlogueiros de DC. Isso decorre de a plataforma favorecer republicações e compartilhamentos (Ayrolla, 2021) – o potencial de viralização –, e, também conforme Ayrolla (2021), considerando alguns casos de sucesso, do fato de os influenciadores serem frequentemente chamados para propagandear produtos e serviços em outros locais. Diante dessas tendências sociotécnicas, como os youtubers científicos executam a luta contra a desinformação?

Deveras, a crise pandêmica afetou significativamente a vida, como vimos. Impôs outra abordagem aos veículos de comunicação, impôs uma comunicação de crise, orientada para uma responsabilidade coletiva, mas isso não só para os órgãos oficiais e noticiários mais bem institucionalizados, mas também para os *prosumers* (mensagens dos cidadãos) (Barroso, 2021). Melhor dizendo, nesse contexto, “a função social do discurso dos *media* impôs-se para dirimir o conflito entre falso e verdadeiro, enquanto serviço público de persuasão da opinião pública e apelo retórico à responsabilidade social” (Barroso, 2021, p. 76-77). Como esse apelo a uma responsabilidade de ordem maior se encaixaria nesse ecossistema democrático da liberdade de expressão, que inclui tantos negacionismos ou reservas em relação à ciência?

Divulgadores científicos procurando fazer esse enfrentamento desenvolveram uma série de esforços argumentativos, para fazerem valer o ‘lado’ da responsabilidade social e coletiva, do pacto com a vida, segundo o enquadramento científico³⁵. Por exemplo, identificamos uma série de negações polêmicas³⁶ e ritmos de prosódia estratégicos para tentar persuadir o público em favor das teses da ciência (Zandonai, 2023). Casos assim serão melhor analisados no capítulo 4 (análise dos dados), sendo eles uma atuação condizente com a proposta do grupo ScienceVlogs Brasil (SVBr) – aos quais os vídeos do *corpus* estão vinculados –, cujos youtubers se organizaram no YouTube para fazerem esse tipo de vídeo. De fato, o enfoque da pesquisa desde a fase de Projeto, era tratar de vídeos que contivessem (e representassem) o debate polêmico dessa natureza, direcionando-se contra as teses de desinformação. Em nosso processo inicial de contato com vídeos assim, percebemos que muitos deles, coincidentemente, faziam parte da coalizão ScienceVlogs Brasil (SVBr), como iniciativa explícita (assumida, reivindicada por eles) de contradiscurso. Ou seja, notamos que a contraofensiva à desinformação é assumidamente o plano de ação do agregador SVBr. E, assim, aproveitamos essa diligência instaurada pelo SVBr para tomar como *corpus* os vídeos apenas do próprio SVBr, tido, então, como uma ‘resistência’ científica, a ocupar o YouTube³⁷.

Desta forma, a próxima seção explica melhor o que é o ScienceVlogs Brasil e fala do pragmatismo comunicacional e discursivo desse coletivo/*hub* e de outros youtubers, entendido como adaptação, amoldamento à conjuntura e às condições sociotécnicas (de plataformização) ‘youtubeanas’ abordadas nesta seção.

1.3 *Play* nas estratégias cenográficas de youtubers científicos

Entendido como uma iniciativa de contraofensiva à desinformação científica nas redes sociais, o ScienceVlogs Brasil foi idealizado – como ‘pontapé’ inicial – por Rafael Bento Soares e Vinícius Penteado, que eram blogueiros no ScienceBlogs Brasil (Ayrolla, 2021). O coletivo ScienceVlogs Brasil tem como proposta ser um selo de qualidade para a divulgação científica

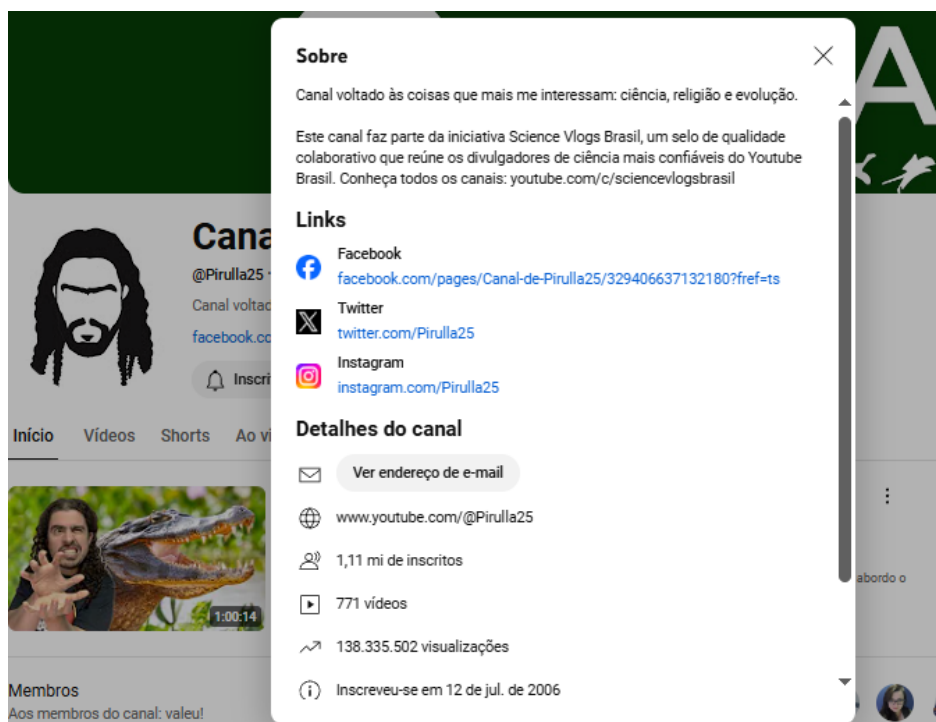
³⁵ A mobilização de tantos atores no debate público, na pandemia, notabilizou os *frames*/enquadramentos religioso, e político, por exemplo, para além do enquadramento científico (Massarani, Costa; Brotas, 2021).

³⁶ A negação polêmica é o ato de negação em que se refuta um enunciado positivo (o pensamento de um enunciador outro), o caráter polêmico devendo-se ao fato de a negação referir-se a uma declaração antitética, e havendo uma modalidade de julgamento por parte do locutor que a nega (Ducrot, 1981 apud Cabral, 2016). Assim, diferentemente da negação metalinguística, a negação polêmica *pressupõe* o ponto de vista de *outro* enunciador, sendo, assim, polifônica (Ducrot, 1981 apud Cabral, 2016).

³⁷ Essa coalizão de videastas – que é mais bem descrita a partir da próxima página –, é possível dentro da dimensão sociotécnica Práticas e *affordances*, que consiste nos métodos pelos quais os usuários da plataforma YouTube tentam alcançar melhores resultados com ela (Fonseca, 2022).

feita no YT, enfatizando a *confiabilidade* de seus conteúdos (Ayrolla, 2021), como já pudemos notar nas informações dadas na Figura 2 (anteriormente), quando tratamos da relação do ScienceBlogs com o SVBr. Diversos canais do YT se articulam mantendo o selo do SVBr durante sua sustentação no YT, por exemplo: o Canal do Pirula e os canais de Marcelo Gleiser e de Drauzio Varela (citando alguns dos mais populares) (Fonseca, 2020). Um exemplo de como o selo aparece no ecossistema é exibido na Figura 3.

Figura 3 – O selo de qualidade SVBr no canal do Pirula



Fonte: Pirula (s.d.).

O slogan do SVBr é: “ciência de verdade explicada por quem entende de ciência pra quem gosta de ciência!” (Ayrolla, 2016)³⁸, exibida na seção *O projeto* (uma espécie de seção *Sobre*), dentro de uma página web dedicada ao coletivo. Nesse slogan, uma apresentação de si, já é bem nítido o tom polêmico³⁹, como modalidade desse jogo dialógico com o ‘outro’, o que

³⁸ Esta informação do slogan é emitida por Ayrolla na aba *O projeto* nesta página de site (<https://www.blogs.unicamp.br/sciencevlogs/2016/02/01/o-projeto/>). Esse autor, David Ayrolla dos Santos, é também o autor da Dissertação de Mestrado que citamos como Ayrolla (2021), a qual é intitulada “‘Fala, galera’: quem são e o que pensam divulgadores científicos brasileiros no YouTube”. Ele próprio é um divulgador científico, do canal Papo de Primata, vinculado ao SVBr, como ele mesmo informa em sua Dissertação (Ayrolla, 2021). Desta forma, Ayrolla é engajado na práxis de DC ao mesmo tempo em que reflete sobre ela academicamente.

³⁹ Entendemos polêmica, conforme Amossy (2017b), como polaridade acentuada, que é quando o choque de posições antagonistas é muito explícito e menciona o adversário. É observável que instância SVBr não apenas se propõe ao debate (tratando de *ideias*), mas menciona a opção (os *sujeitos* e suas teses) que está atacando, pondo-a claramente em desvalorização, operação que é um requisito para a polêmica, segundo Amossy (2017b).

acontece igualmente em outros dos estatutos-manifesto do SVBr. Ora, a expressão ‘ciência de verdade’ pressupõe o ‘outro’, na condição de contrário, que ‘*não é de verdade*’.

Ainda no texto *O projeto*, uma espécie de estatuto-manifesto, Ayrolla (2016), participante do movimento, justifica o SVBr assim:

Afinal, em um ambiente onde a desinformação e a pseudociência vicejam e se fortalecem alimentados por fartas desonestidade e ignorância, é importante que se provenha uma forma de facilitar que o público possa separar o joio do trigo. Torna-se urgente identificar quem divulga ciência com seriedade! (Ayrolla, 2016).

A busca é por denunciar esses conteúdos ‘*desonestos*’ e oferecer esse espaço alternativo, com canais interdependentes desenvolvendo informações bem embasadas (Velho, 2019).

Essa orientação de contrariedade à anticência se apresenta em diversos textos, desde pronunciamentos dos participantes do SVBr em outros veículos de mídia até esses textos de ‘apresentação’, das páginas gerenciadas por eles próprios. A ‘indireta’ ao oponente se observa também no item *Quem somos*, do site oficial do SVBr (Science, 2020), mostrando que a informação científica que eles reivindicam produzir é aquela ‘boa’, como algo distintivo.

Desta maneira, o SVBr propõe-se a ser uma curadoria de conteúdo científico para os web-espectadores, para dar-lhes a certeza de que o conteúdo videográfico ali oferecido é fidedigno, fundamentado em fontes confiáveis, com informações analisadas por pares (Velho, 2019). Para assegurar isto, há todo um processo para admissão dos canais a serem propulsionados no selo. Além dos critérios que já expusemos, a lógica, em resumo, é assim:

Os organizadores da rede explicam como participar da rede: os interessados precisam ter produção de divulgação científica no YouTube e passar por um processo seletivo: primeiro, um grupo de especialistas da USP, que pertencem à área na qual o canal faz divulgação, avalia os conteúdos já postados pelo canal; depois, a comunidade de canais parceiros também analisa a proposta. Ao fim, os selecionados recebem o “selo” Science Vlogs Brasil (Duarte, 2019, p. 75).

Na verdade, o processo envolve várias etapas, o que envolve indicação do canal e observação dos seus critérios de cientificidade, sendo que o controle/moderação continua depois de o canal ser admitido, mesmo que esse procedimento de ser “constantemente analisado por pares” seja dificultoso, como os vlogueiros admitiram (Velho, 2019, p. 84). Tais critérios servem para que, como entrega final no YT, o SVBr estimule uma DC realmente baseada em evidências científicas e, ainda, encoraje a profissionalização dos divulgadores (Duarte, 2019).

Dado o exposto, essa linha editorial do SVBr, comprometida em desacreditar teses consideradas falsas, guarda idiosincrasias compatíveis com o gênero de *débunkage*, um tipo mais específico de divulgação científica, nativo do ambiente YouTube, algo que as lentes teóricas trazidas de Baur (2021) ajudaram-nos a reconhecer nos vídeos do SVBr sob nosso escrutínio desde o estudo piloto. O que é esse ato de resistência, de contradiscurso, classificado como *débunkage*? Baur (2021, p. 2) explica o discurso de *débunkage* da seguinte maneira:

Formado a partir do inglês *debunk*, que significa “desacreditar (uma teoria), desvendar/revelar (uma falsidade), destruir (um mito)”, este neologismo designa “um exercício que consiste em tomar declarações e mostrar em que elas estão erradas ou são enganosas” (A Ameaça Teorizada, 2015). A alunissagem, a Terra plana, os *chemtrails*, os antivacinação, etc., constituem tantas teorias e temáticas ligadas à ciência, que foram e são ainda objeto de vídeos de *débunkage* [desmascaramento] (Baur, 2021, p. 2, grifos da autora, acréscimo nosso, tradução nossa)⁴⁰.

Debunk, do inglês, é desmascarar, desmentir, desmistificar, desacreditar. Ou seja, coincide com os atos a que o SVBr se propõe, já que eles falam em lutar contra a ‘onda de anticiência na internet’⁴¹, em “combater a disseminação de desinformações em larga escala, que incluem notícias sensacionalistas, distorcidas e fabricadas”, como explica Velho (2019, p. 17), a respeito das intenções do SVBr.

No entanto, o *débunkage* não se limita a uma checagem de fatos. Baur (2021) concebe o *débunkage* como um subgênero da DC que, além de desmascarar mitos e democratizar saberes científicos, busca incutir um *método científico*, ensinar os espectadores a *analisarem* as informações. Desta forma, a prática de *débunkage* está associada a um ato comunicacional ligeiramente mais amplo, que é o dos youtubers que fazem vídeos de Filosofia e Espírito Crítico (Baur, 2021). Corrigir informações falsas e ampliar as consciências são, enfim, a proposta desse

⁴⁰ No original, em francês: “Formé à partir de l’anglais *debunk*, qui signifie ‘discréditer (une théorie), dévoiler/révéler (un mensonge), briser (un mythe)’, ce néologisme désigne “un exercice qui consiste à prendre des déclarations et à montrer en quoi elles sont erronées ou trompeuses” (La Menace Théoriste, 2015). L’alunissage, la Terre plate, les chemtrails, les antivaccins, etc., constituent autant de théories et de thématiques liées à la science, qui ont fait et font encore l’objet de vidéos de *débunkage*” (Baur, 2021, p. 2). A alunissagem, que a autora menciona, refere-se muito provavelmente às teorias conspiratórias de alunissagens, que alegam que os pousos na Lua jamais aconteceram, que são apenas enganações impetradas pela NASA (Wikipedia, s.d.). *Chemtrails* refere-se a outra teoria de conspiração, segundo a qual os rastros de ‘fumaça’ (listras brancas) que se mantêm no céu, por um tempo, após passagem de certos aviões, são produtos químicos pulverizados, lançados no ar pelos ricos ou pelo governo, para, por exemplo, envenenar a humanidade (Padinger, 2024).

⁴¹ Em uma matéria jornalística sobre Pirula (um dos youtubers que participam do SVBr) declara-se o seguinte: “Sempre preocupado com a forma como a informação chega ao público por meio da imprensa, Pirula é um árduo da forma como temas científicos são divulgados pelo jornalismo no Brasil. Por causa disto, ele foi um dos criadores do projeto ScienceVlogs Brasil, que reúne canais de divulgação científica nacionais com o objetivo de, segundo Pirula, ‘juntar forças para reduzir essa ‘onda’ anticiência na internet” (Mais Goiás, 2018, grifo nosso).

tipo de vídeo, como aponta Baur (2021): são vídeos que instruem os públicos a desenvolver uma “autodefesa intelectual” e esclarecê-los quanto aos “preconceitos cognitivos” que frequentemente atrapalham no pensamento científico e crítico (Baur, 2021, p. 3). São estes traços compatíveis com muitos dos vídeos do SVBr, como é o caso do canal do Pirula, já conhecido por seus vlogs mais longos, que se aprofundam nas temáticas sob problematização.

Baur (2021, p. 2) também associa os vídeos de Filosofia e do Espírito Crítico ao contexto de cultura participativa, que põe em contestação a “autoridade dos peritos tradicionais”. Isso está coerente com tudo o que já dissemos aqui, sobre o esmaecimento ou fragilização das figuras ‘tradicionais’ de autoridade epistêmica (dos *gatekeepers* ou editores que fazem a triagem editorial), o que desemboca em novas feições para a DC. Que feições? Nas palavras da pesquisadora (2021, p. 2): “Os atores não profissionais aproveitaram as possibilidades abertas pela Internet para adquirir, no domínio da comunicação científica, uma forma de legitimidade baseada em critérios não universitários nem institucionais”. Isso é compatível com os youtubers do SVBr, que, distantes da atividade jornalística mais institucionalizada, vão se profissionalizando *aos poucos* e das formas mais díspares possíveis. Com os novos atores de legitimidade, no centro da comunicação nessas novas mídias, a veracidade deixa de se basear em critérios acadêmicos ou jornalísticos; ao invés disso, a checagem vai acontecendo *a posteriori*, após as postagens já feitas, por meio do *feedback* dos outros usuários e espectadores, sendo a Wikipedia um grande exemplo disto (Baur, 2021).

Nessa busca por desmascarar mitos, “equivocos, informações erradas, aproximações da imprensa, etc., são todos cavalos de batalha desses videomakers” (Baur, 2021, p. 3), constituindo o *débunkage*. Portanto, essa não é uma divulgação científica *branda*, aquela que informa e explica fatos, e até mesmo faz recomendações (argumenta), mas dentro de um espaço dialógico no qual **não** se questiona a autoridade da ciência. É uma divulgação científica mais *engajada*, que se vê na necessidade de fazer réplica a controvérsias que colocam a ciência em descrédito, uma DC cujo modo de falar ressoa a discutibilidade digital (Isola-Lanzoni, 2024). A valer, foram surgindo, como prática emergente, vídeos de DC que precisaram se posicionar de modo mais contundente, que precisaram mitigar conflitos e argumentar a propósito do caráter controverso dos assuntos de ciência e saúde que foram ocupados pela politização (Isola-Lanzoni, 2024). Novas formas de presença online, novos aspectos de interatividade e de propagação de informações vão desenhando uma outra *cara* para a divulgação científica, o que Isola-Lanzoni (2024) chamou de Divulgação Científica Politizada, coerentemente a esses movimentos (como o SVBr) de resposta às contestações à ciência. Consoante a Isola-Lanzoni (2024), a ciência passou a ter que tratar dos usos políticos que foram ancorados a temas

científicos na arena pública (mais do que em outras épocas), ou seja, a fazer uma Divulgação Científica Politizada, diferentemente daquelas situações em que os divulgadores mantinham no texto o explicar como macroato proeminente.

As iniciativas de *débunkage* ou de DC Politizada, a caracterizarem o nosso *corpus*, podem, então, serem concebidas como uma divulgação científica *polêmica*⁴². Os divulgadores são impelidos a se posicionarem a mitigar conflitos, diante de situações como a defesa da vacina ter se tornado um fator de identificação da esquerda política, e a rejeição como um sinal de estar à direita no espectro político (Isola-Lanzoni, 2024), de modo que o divulgador precisa, agora, diante disso, prestar contas sobre esse aspecto *político* e *sensível* dos temas científicos, além dos outros atos discursivos (como o fazer-saber). Assim, o que enfatizamos é a singularidade da DC do nosso *corpus*: em os youtubers científicos estando imersos em uma polêmica – anterior aos vídeo-textos postados, e a qual motiva esses vídeos –, polêmica instaurada no dialogismo em sentido mais amplo e externo, então esses vídeos são de divulgadores ‘emparedados’, que ‘lutam contra a desinformação’ – nos termos de Baur (2021) –, para se legitimar, para salvaguardar aquele espírito de responsabilidade coletiva.

Pesquisas de caráter comunicacional sobre os discursos de legitimação pela ciência em vídeos no YouTube frente às demandas da pandemia descrevem esse acontecimento com noções como polêmica, antagonismo, disputa de narrativas e enfrentamento (Massarani, Costa; Brotas, 2021), categorias condizentes com o estatuto que estamos reivindicando aos vídeos de *débunkage* aqui. As defesas de um ponto de vista – por parte dos divulgadores ou de outros atores – tornaram-se, mais do que comunicações, *armas políticas* (não apenas como defesa de ideias, tão simplesmente), ganhando dimensões maiores de *ataque* e *defesa* (Massarani, Costa; Brotas, 2021)⁴³.

Para sustentarmos um pouco melhor esta especificidade mais polêmica dos vídeos do nosso *corpus*, como *divulgação científica polêmica*, associamos o nosso objeto empírico (devido à natureza da finalidade e dos recursos discursivos, já apresentada) aos critérios definidores da polêmica, segundo o quadro teórico de Amossy (2017b). Tais critérios fortalecem o nosso parecer de que a atividade languageira dos vídeos do nosso *corpus* são *débunkage/polêmicos*. Segundo Amossy (2017b), a polêmica, além de contar com a dicotomização de teses, caracteriza-se pela polarização: o polemista consolida a identidade de

⁴² Justificaremos melhor esta palavra mais adiante.

⁴³ Os autores analisam a tensão e a disputa de atenção, nas redes sociais, quanto aos temas da pandemia de covid-19, como uma disputa que se deveu ao fato de os sujeitos do debate estarem filiados a enquadramentos/*frames*, tais como os *frames* econômico (que posicionava a saúde e a economia como opostos), religioso e político, para além do *frame* técnico-científico (Massarani, Costa; Brotas, 2021).

um grupo, reconhecendo abertamente o adversário a ser combatido e desacreditado. E isso combina com os vídeos do SVBr, conforme apontamentos anteriores. Amossy (2017b) ainda comenta sobre os procedimentos retóricos e discursivos que permitem atribuir a uma argumentação o predicado de polêmica. Entre eles, há a reformulação, os manejos do discurso do outro, a hipérbole, a ironia (Amossy, 2017b), recursos que se fazem notar largamente em nosso *corpus*, enfocados no estudo piloto (Zandonai, 2022; 2023) e principalmente na análise dos dados (capítulo 4) aqui proposta. Tais recursos deixam claro o *choque de posições antagonistas* que permeia o discurso do youtuber polemista, mesmo que, em certo nível, o youtuber busque o acordo, sim (isto é, que os alocutários, todos, adiram ao ponto de vista científico). O vídeo do perfil Nunca vi 1 cientista, pertencente ao nosso *corpus* (Freitas, 2020), é fortemente permeado pelas referências ao discurso outro, pelas ironias, pelas heterorreformulações, que acabam *nutrindo a polêmica*, ao mesmo tempo em que a divulgadora vlogueira⁴⁴ busca fazer-criar a *sua* tese: a de que a ivermectina não pode ser tratada como uma cura ou profilaxia para a covid-19 (Freitas, 2020).

Reconhecer estes vídeos como de *débunkage* encaminha-nos a aproveitar, no presente estudo, as constatações de Baur (2021) em maior plenitude. Noutras palavras, tendo o conceito de *débunkage* como ponto de partida, podemos, agora, ter ‘lentes’ para melhor predizermos os *procedimentos discursivos* dos youtubers do nosso *corpus*. Afinal, uma vez que Baur (2021) esmiúça os ‘enquadres de ação’ (as cenografias) que edificam o *débunkage* no *corpus* dela, então podemos transpor essas características que serviram a Baur também para nosso *corpus*⁴⁵. Isso é importante porque, se nosso objetivo é identificar as *táticas de credibilização*, enquanto atmosferas de sociabilidade científica (engendradas pela orquestra dos pontos de vista), precisamos de um ‘espelho-modelo’ compatível ao nosso *corpus*, que faça jus às ações linguageiras preliminarmente verificadas de divulgadores que ‘lutam para se credibilizar’.

Nesta esteira, conduziremos, a partir de agora, um rastreamento desses ‘enquadres de ação’ dos divulgadores, quadros que são desta ou daquela forma (conforme caracterizaremos) em função justamente do ‘lutar contra a desinformação’ (do propósito de *débunkage*). Abordaremos os ‘**enquadres de ação divulgativa**’, as ‘atmosferas de sociabilidade com a ciência’, as ‘**cenas/paisagens** de enunciação-interação’ que parecem típicas desses divulgadores. E não apenas com base em Baur (2021), mas também em outros estudos muito

⁴⁴ A esta altura de nossa explanação, estamos esmiuçando o estatuto do tecnogênero sob escrutínio. Os vídeos são, sim, vlogs de divulgação científica, mas de um tipo ainda mais específico: são vlogs/vídeos de *débunkage*.

⁴⁵ Os resultados de análise reexaminarão isto, é claro, tratando de focar o que há de *débunkage* em nosso *corpus* especificamente, em seus ‘enquadres de ação’ típicos.

similares, que se aproximam da problemática de pesquisa desta Tese⁴⁶, por enfocarem os elementos propriamente digitais multimidiáticos de comunicação de youtubers científicos, junto ao seu *ethos* (Pébayle, 2021), ou mesmo os seus elementos de resistência (*débunkage* ou investigas de **legitimação**) no ambiente YT (Baur, 2021; Flores; Medeiros, 2018)⁴⁷.

Esses eixos de caracterização das ‘ações práticas’ dos videastas devem ser, aqui, aproveitados, porque esse procedimento está em consonância com o objetivo de pesquisa 3, que conecta a gestão de pontos de vista (objetivos 1 e 2) com táticas de credibilização (objetivo 3). O objetivo específico 3 é investigar os efeitos de sentido situados que são propiciados pela gestão intradiscursiva de pontos de vista: investiga imaginários/experiências com a ciência na condição de orientação argumentativa⁴⁸. À vista disso, entendemos que os dispositivos de responsabilização enunciativa, como manobra enunciativa, seriam as formas de viabilização dessas ‘características de credibilização’, seriam os rastros dessas ‘atmosferas de experiência com a ciência’ – de que tratam Baur (2021) e outros, aqui mobilizados também –, constituídas pelos efeitos da linguagem. Um exemplo seria o enquadre de uma ‘ciência humorada’.

Assim sendo, Baur (2021) identifica, nos vídeos de DC voltados ao desmascaramento, determinadas encenações discursivas, afetivas e enunciativas, orientada teoricamente por noções que articulam semiopragmática e *ethos* (com referências a Maingueneau). É importante lembrar que tais encenações são entendidas como amalgamadas às formatações do YT, de um YT que necessita ser alimentado com vídeos do tipo ‘em resposta’ (o *débunkage* não fica atrás nisso) e com o engajamento permanente dos web-espectadores (dar *likes*, comentar etc.) (Baur, 2021). Arrolando, então, algumas encenações (as mais relevantes), Baur (2021) identifica, como relações afetivas, o **sentimentalismo de convivência com o espectador**, segundo um

⁴⁶ Mais precisamente, tais ‘enquadres’ (com esses atributos ensaiados neste parágrafo) serão concebidos como cenografias, explicação que será apresentada adiante, dentro de desenvolvimento teórico junto a Baur (2021), Flores e Medeiros (2018) e outros.

⁴⁷ Traduzir/conceber a prática de *débunkage* como polemizada e acolhermos, neste referencial teórico, os modos/formatações discursivas desse tipo de DC, na perspectiva de Baur (2021), entendendo-os como cenografias, não é sem motivos. É nosso cuidado de fazermos uma interdisciplinaridade focalizada (Charaudeau, 2013), ou seja, conceber o conceito de Baur – no âmbito da Comunicação, mesmo que articulada aos estudos de Maingueneau – em termos que se aproximem da problemática desta Tese. Trata-se de montar o dispositivo teórico-metodológico de modo a abduzir de lá, da noção de *débunkage* (e das outras categorias com que Baur trabalha) propriedades realmente próximas do dos atos naturalísticos dos youtubers combativos daqui. Trata-se de um aproveitamento das teorias de maneira atentamente fundamentada na natureza dos objetos empíricos.

⁴⁸ Assim, o que advogamos é que a conexão entre a dimensão dos pontos de vista e a do esmiuçamento da orientação argumentativa é o que possibilitará (dentro do nosso aparato teórico) o objetivo mais geral: verificar como as formas de posicionamento de youtubers de ciência *conduzem a um modo específico de credibilização de si* (é esta parte em itálico o que estamos destacando no presente momento da Tese).

efeito de proximidade e relaxamento para com ele: forçar o espectador a sentir que ele, assistindo ao vídeo, está em um ambiente familiar (‘entre amigos’)⁴⁹.

Isso se materializa em dois traços recorrentes *no corpus* da autora (2021): liberdade do tom de fala e informalidade linguageira. O **humor** é um componente dessa informalidade (Baur, 2021). Em casos mais particulares, o humor se perfaz, na verdade, um ato de sarcasmo e ironia (com esquetes e paródias, por exemplo), cuja zombaria é endereçada aos teóricos conspiracionistas (Baur, 2021), o que sugere que o uso do humor é funcional para o *débunkage*. Falas derrisórias – que são a maioria dentro do recurso mais genérico *humor*, no estudo de Baur – são características bem evidenciadas também no *corpus* desta Tese. Aquando da presença do humor em nossas análises, nossa tendência será recorrer, primordialmente, a Sousa e Fernandes (2011) e Baronas e Siqueri (2006). Estas pesquisas, em *Análise do Discurso*, explicam o humor como um processo no qual o locutor desloca os estatutos dos enunciadores e do leitor (afinal, trata-se de dizer de maneira diferente aquilo que se quer dizer) (Sousa; Fernandes, 2011). Assim, exploramos o humor pela camada da modalização e do apagamento enunciativo, devido a essa operação de não dizer o que se quer, de esconder algo, mas, mesmo assim, dizê-lo. A ruptura de mundos modais condiz com o consistente aparato que Possenti (1991; 2023) nos traz; o pesquisador elucida o enunciado humorístico como superposição de *scripts* e como uso intencional do equívoco por parte do locutor, pela constatação de que, ‘sob as palavras’ (sob o dito humorístico), encontra-se *outro* discurso.

Flores e Medeiros (2018) – cujo estudo é citado por Baur (2021) – também desenvolvem uma análise pertinente do humor em vídeos de DC de youtubers que procuram se legitimar. O humor, segundo a referida pesquisa (2018), funciona, de maneira corriqueira nos vídeos, como recurso cenográfico de *entretenimento*, emprego este que se justificaria pelo segmento de público mais aderido a esse tipo de vídeo: pessoas mais *jovens* (Flores; Medeiros, 2018). Nos vídeos do Canal do Slow, a exemplo, as autoras (2018) interpretam as alterações cromáticas (de edição) feitas por esse youtuber, acompanhantes de teatralizações engraçadas ligadas ao assunto científico tratado, como produzindo *efeitos de humor*. As constatações de Flores e Medeiros (2018) – o humor como forma de legitimação – e de Baur (2021) – o humor como forma de *débunkage* – sugerem-nos, para os fins de nossa análise, que o humor atua como peça-chave na orientação argumentativa no dialogismo impetrado pelo youtuber.

⁴⁹ A partir de agora, exploraremos diversas evidências e características dessa primeira categoria de cenografia: da ‘super-proximidade’ com o destinatário, o que é uma grande ‘ode’ ao espontaneísmo e à familiaridade na interação. Mesmo no que diz respeito a outras categorias de cenografia expostas adiante (como ‘ciência multiparadigmática’), faremos vínculos com outros autores pertinentes.

Neste sentido, uma conclusão das articulistas (2018) merece destaque:

A informalidade na linguagem (pelo uso de gírias e palavrões) e um uso pertinente de recursos de entretenimento (como humor e referências a elementos da cultura pop) foram estratégias que podem ser percebidas como uma maneira de construir proximidade com o público do YouTube. Subvertem também a imagem comum de severidade que parece estar associada a uma memória discursiva do campo científico (Flores; Medeiros, 2018, p. 22, grifo nosso, tradução nossa)⁵⁰.

Essa rede emergente de youtubers estaria, assim, valendo-se do humor (e de outros artifícios de *personalização*, como as autoras reconhecem) como uma idiosincrasia dessa comunidade discursiva (youtubers *em processo de legitimação* no YT), algo que eles sentem como necessário para afastar a ideia de que a ciência é fonte de temor e pesadas dificuldades, de que a ciência é constituída apenas por aqueles homens distantes e antissociais de laboratório.

Essa DC em busca de legitimação vale-se de outras estratégias vizinhas ao humor – isto é, circunscritas à cenografia da *personalização/aproximação*, desenvolvida neste momento –, pelo que depreendemos de Flores e Medeiros (2018). Ao invés do uso linguageiro extensivo da impessoalidade, são priorizadas argumentações baseadas na experiência pessoal desses youtubers, além da predileção pela informalidade na linguagem (Flores; Medeiros, 2018), o que coaduna com a caracterização de Baur (2021), sobre a ‘liberdade de tom’. Ou seja, conquistar o público-alvo, pela atmosfera do **relaxamento** e do **familiar**, dependeria de uma série de procedimentos linguageiros, como, por exemplo, a adesão aos palavrões (a um comportamento ‘sem filtros’, de ‘desnudamento’) e a conduta de prestar atenção nos comentários dos seguidores (nos pedidos de temas para vídeos, por exemplo), elementos que são arrolados por Baur (2021) e identificados, por essa autora, como propiciadores do **ethos de bom amigo** – uma outra maneira de nomearmos, então, essa aproximação com o espectador.

Flores e Medeiros (2018) apontam para toda uma construção discursiva que enfatiza a essa intimidade dos youtubers com seus os destinatários:

Outra maneira pela qual os youtubers criam *aproximação com seus espectadores* é pelo uso de expressões e linguagem coloquiais, como gírias e palavrões. Tal estratégia é encontrada em vídeos de metade dos canais analisados [...]. Eles também promovem uma diferença significativa em

⁵⁰ No original, em inglês: “Informality in language (by the use of slang and swear words) and a relevant use of entertainment features (as humor and references to pop culture elements) were strategies that can be perceived as a way to build proximity with the YouTube public. They also subvert the common image of severity that seems to be associated with a discursive memory of the scientific field” (Flores; Medeiros, 2018, p. 22).

relação ao uso regular da linguagem por atores de popularização da ciência tradicional (Flores; Medeiros, 2018, p. 11, grifo nosso, tradução nossa)⁵¹.

A diferença, então, não é só em relação ao discurso da esfera científica, mas, também, em relação a outras tendências de DC⁵². Nosso *corpus* corrobora esse funcionamento. No canal do Slow, por exemplo, o youtuber amiúde se vale de gírias e palavrões e da exposição da sua faceta identitária ‘caseira’, ‘fofa’, íntima. Ele faz questão de exibir seu gato *pet*, como animação para os vídeos, e o seu filho pequeno – geralmente no final dos vídeos, como é verificado no espécime do nosso *corpus*⁵³ (Slow, 2023). Enfim, apelo à personalização.

Além desses recursos, um outro, o simulacro da conversa face a face, pode ser inscrito a essa cenografia, de ênfase na subjetividade e na aproximação frente ao web-espectador (que é ‘macrocenografia’, de que estávamos falando). Testes com uma amostra grande de vídeos científicos descobriram que os conteúdos no YT apresentados em tom conversacional (inclusive, com ritmo de fala bastante acelerado) eram os mais visualizados (Velho, 2019). O simulacro da conversação síncrona é largamente atestado, ainda, por Badoux e Klima (2018), analisando youtubers de perfis bem díspares (não-científicos), o que nos sugere que isso é uma idiosincrasia do gênero discursivo. Todavia, mesmo que esse estilo de oratória não seja um ajustamento ao *débunkage* especificamente, acreditamos que, no fim das contas, tudo isso dá no mesmo, pois, para qualquer youtuber conseguir captar a atenção, ele tenderá a se adaptar a esses ditames da plataforma como estratégia, incluindo youtubers que confrontam a desinformação científica/em saúde.

Outros procedimentos linguageiros indicativos da hegemonia da proximidade por videastas em geral no YT são apontados por Badoux e Klima (2018) – embora o enfoque dos autores seja mais comunicacional. São eles, por exemplo: os códigos de cumplicidade com o espectador, por meio de ‘piadas internas’ que, *a priori*, só os seguidores entenderiam e o recurso frequente a expressões linguísticas que ligam o youtuber diretamente a uma comunidade, perfazendo uma ‘coesão de grupo’ (Badoux; Klima, 2018). Tudo isso serviria para a emulação de um relacionamento enraizado no real/familiar.

⁵¹ No original, em inglês: “Another way YouTubers create approximation to their viewers is by their use of colloquial language and expressions, such as slang and swear words. Such strategy could be found in videos from half of the analyzed channels (figure 7). They also promote an important difference concerning the regular use of language by traditional science popularization actors” (Flores; Medeiros, 2018, p. 11).

⁵² Isso corrobora a nossa hipótese – sustentada na literatura aqui apresentada – de que as tendências do digital, da plataformação, trazem algo de novo à divulgação científica desenvolvida nas mídias digitais.

⁵³ Neste vídeo de Slow (2023), o filho aparece a partir do tempo 13 m 50 s, até o desfecho total do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=yZ6mohwKavs&t=595s>.

Adicionalmente ao papel da familiaridade descontraída e do humor na desconstrução da imagem de severidade da ciência (Flores; Medeiros, 2018), nosso estudo piloto (Zandonai, 2023) suscitou a hipótese de que também o movimento dialógico de concessão (fazer concessões ao adversário)⁵⁴, fusionado com essa cenografia da familiaridade, contribui para tal tentativa de desconstrução representacional. Efetivamente, esses movimentos de concessão, de empatia frente ao público, foram identificados por Baur (2021) e por Pébayle (2021), em suas análises sobre a atividade de DC no YouTube. No caso de Baur (2021), o youtuber performa como um *expert* que não se projeta como especialista todo-poderoso, pois a enunciação dos divulgadores denuncia que o *ethos* de especialista constitui-se progressivamente, não sendo dado *a priori*, pelas credenciais acadêmicas ou institucionais. Já Pébayle (2021) situa a empatia – com esta palavra mesmo – como uma das habilidades que tendem a ser constituídas pelos youtubers científicos (como as montagens de *design* dos vídeos). A empatia (entendida pela autora como o equiparar-se ao destinatário) é utilizada junto a recursos humorísticos e emocionais, os três fatores materializando no discurso a recusa do youtuber à manutenção da hierarquia entre sábio e não-sábio (Pébayle, 2021)⁵⁵. Essas constatações todas podem ser encapsuladas, a nosso ver, na ideia de **cenografia de concessão ou concessão empática** (vinculada, é claro, a essa cenografia mais genérica do relacionamento familiar entre youtuber e espectador, de que estamos tratando, ainda). Assim, a concessão/empatia é um ‘enquadre de ação’ (uma cenografia) já prevista como funcional para o *débunkage* (fazer certas concessões, mas para melhor conquistar o sujeito da desinformação). Ao fim e ao cabo, isso converge para a noção de *ethos de bom amigo* (Baur, 2018).

Para uma aproximação com os estudos de argumentação que valorizam o estrato enunciativo, podemos associar o *ethos de bom amigo* e a concessão empática com o *ethos ad hominem*, teorizado por Meyer (2007; 2008). Enriquecendo com a concepção de Meyer (2007) esse *ethos* de divulgador de que falávamos, teríamos um quadro segundo o qual o youtuber divulgador recorrer à autoridade dele próprio corresponde ao *ethos ad rem*, diferentemente do *ethos ad hominem*, focalizado aqui, associado ao *ethos de bom amigo*. O *ethos ad hominem*, mais precisamente, exprime a dificuldade ou a preferência pela *dificuldade* em fazer passar a resposta, uma encenação da dificuldade em fechar a discussão, no ato argumentativo (Meyer,

⁵⁴ Aproximaremos essa noção de concessão à noção rabateliana (Rabatel, 2013b) de empatia, nas análises.

⁵⁵ Essa ideia de empatia (que parafraseamos) é apresentada sobretudo neste trecho do artigo: “Enfin, A4 [um dos youtubers] utilise l’empathie pour se mettre à égalité avec son public, notamment par une posture décontractée, un rythme (humour, émotion) et un vocabulaire choisi. Elle explique qu’elle refuse de se mettre dans une relation hiérarchique entre un sachant et un non-sachant” (Pébayle, 2021, p. 10, acréscimo nosso).

2007). Isso se corporifica em variadas formas de *assentimento* ao outro, como o negociar, o conceder etc. Como explica Seixas (2015), fundamentado em Meyer:

Quanto mais o *ethos* se projeta como *ad rem*, argumentação fechada no objeto da argumentação, mais a sua força se limitará a uma questão de pura apreciação da qualidade do orador, por sua inteligência ou oratória, por exemplo; por outro lado, quanto mais se direciona ao *ad hominem*, como a argumentação que preza pelo que há de **identidade entre os interactantes**, orador e auditório, mais a argumentação é retórica e mais eficiente ela será em termos de adesão (Seixas, 2015, p. 109, grifo nosso).

Trabalhamos, então, com a premissa de que o desbancar da imagem de todo-poderoso, como estratégia de *débunkage*, encontra ferrolho linguageiro nos processos *ad hominem*, de *identidade* entre sujeitos (ou entre instâncias enunciativas, tendo em vista que as categorias priorizadas neste estudo são as do dialogismo interno). Afinal, na perspectiva de Meyer (2007), a diminuição das distâncias, para efeitos argumentativos, pode se dar, para além do argumento da autoridade, também pela operação de o orador⁵⁶ desvalorizar essa sua autoridade, para fazer melhor passar uma tese própria, paralelamente à valorização das teses do interlocutor⁵⁷. Ou seja, o *ad hominem* se sustenta na comunicação argumentativa em que se minimiza aquilo que fornece a solução; graças à natureza da problematologia do *ethos* (Meyer, 2007).

Essa teorização de Meyer (2007) é encarreirada pelas suas análises de figuras de estilo, o que nos ajuda a receber essa teoria da gestão das distâncias como contribuidora para a negociação epistêmica verificada em nosso *corpus*. Considerando que o *tropo* é transportar uma locução da sua significação própria para outra para lhe dar mais força (Meyer, 2007), podemos pensar que o *ad hominem* é essa *outra* possibilidade, que confere mais força, mais atrativo para o que se quer dizer. Desta maneira, em certo nível, a concessão *ad hominem* é uma espécie de ‘ironia de concessão ao outro’, apesar de reconhecermos, por outro lado, é claro, que a aventura dos assentimentos ao outro possa também enriquecer o próprio orador, sendo mais do que um artifício, como aponta Emediato (2022), como uma das possibilidades da empatia. Enfim, o recurso empatia/concessão/*ad hominem*/bom amigo parece-nos ser um artilheiro enunciativo do exercício de *débunkage* – hipótese que temos desde o estudo piloto (Zandonai, 2023) –, por

⁵⁶ A noção de orador está compatibilizada com a noção de locutor principal (L1), do quadro teórico de Rabatel (2016a), aqui largamente adotado. E os sujeitos, assim mencionados, correspondem ainda ao superficial de uma não-distinção entre locutores e enunciadores, embora sejam justamente os arranjos pontuais, *ad hoc*, de locutor com enunciador, que façam ver, privilegiadamente, a distância ou a aproximação entre posições discursivas distintas (que é a nossa operação analítica nesta Tese).

⁵⁷ Para Meyer (2007), esses movimentos (de creditar a si, ou ao tu, ou ao terceiro etc.) realizam-se em graus.

meio do qual o divulgador confisca, mascara o ‘real’⁵⁸, ou, nos nossos termos, mascara uma faceta enunciativa, deixando-a mais escondida. O que ensaiamos aí é a coincidência possível entre os ‘mascaramentos’ *ad hominem* e as concessões por meio das posturas enunciativas: por exemplo, o locutor principal, o youtuber, coenunciar um ponto de vista diferente do *seu*, demonstrando, por *mise en scène*, reconhecer, validar tal ponto de vista, mas para obter ganhos na discussão. O youtuber científico como desbancado essa sua autoridade ‘permanente’ é algo constatado, aliás, na pesquisa de Reale (2018).

Caminhando para o fechamento dos nossos comentários sobre a cenografia da proximidade, convém lembrar, ainda, que o próprio gênero vlog alimenta essa cenografia, devido ao seu formato considerado *simples*. É um gênero, desde o início, considerado como informal e propiciador de gravações de comentários críticos por parte dos youtubers sobre o próprio fazer na plataforma (Burgees; Green, 2009). Devido, aliás, a essas verbalizações de queixas, o gênero vlog se revela um estimulador da crítica à desinformação científica, porque estimulador dessa metarreflexividade apontada por Burgees e Green (2009). Os vlogs de divulgação científica⁵⁹ caracterizam-se, segundo Reale (2018), pelo monólogo do youtuber feito diretamente para a câmera⁶⁰, portanto olhando ‘para o destinatário’ na maior parte do vídeo, e dentro da técnica de plano fechado (sem muito do corpo do youtuber), o que favorece a enunciação no aqui e agora. Além disso, os componentes do cenário não necessariamente remetem a temas científicos ou grandes montagens (Reale, 2018); aliás, a tendência é uma filmagem caseira (Velho, 2019).

Essa ‘macrocenografia’ da proximidade e do relaxamento não é uma característica exclusiva dos vlogs que fazem *débunkage*, pois parece ser uma tendência dos vlogs *em geral* (Gonçalves; Pereira, 2023). Mas enfatizamos esse traço como cenografia – como o fizemos nas linhas anteriores – porque a atmosfera de proximidade pode ser tomada, sim, como *estratégica* na argumentação dos vlogueiros do SVBr, considerando que certas escolhas de dialogismo interno teriam como horizonte pragmático específico justamente a polemicidade. Esse cálculo estratégico ensejaria, então, a *débunkage*, fazendo com que o formato ‘vlog+*débunkage*’ seja apropriado. Essa característica da proximidade (sentimentalismo de convivência, familiaridade) no gênero vlog é bem pontuada na literatura, mesmo que por meio de outros termos conceituais: em Reale (2018), quanto a vlogs de ciência; em Gonçalves e Pereira (2023), em outras

⁵⁸ “Confiscar” e “mascarar”, os termos são ainda de Meyer (2007).

⁵⁹ Existem outros gêneros/formatos de DC no YT, como conversa em grupo ao vivo, documentário, vídeo comentado etc. (Velho, 2019). Nossa preferência, aqui, é pelo vlog, mais emblemático da crítica *débunkage*.

⁶⁰ Isso contribui para a referida pessoalização ou efeito de subjetividade.

possibilidades de vlog. Delimitando o gênero, Gonçalves e Pereira (2023, p. 21) atribuem ao vlog a idiossincrasia da “expressiva manifestação subjetivada, com recorrente uso da primeira pessoa do singular”, o que ratifica esse apelo ao familiar. A propósito da pesquisa de Gonçalves e Pereira (2023), outro traço típico do gênero vlog – diferenciando-o sensivelmente de outros tipos de vídeos no YT – é a periodicidade constante, que faz com que os *posts* de vlog sejam publicados uma ou duas vezes por semana, em média, nos canais; é o que acontece nos vídeos do nosso *corpus*. Assim, “enquanto os *vlogs* são produzidos com certa regularidade, outros vídeos não têm essa preocupação” (Gonçalves; Pereira, 2023, p. 22).

Uma segunda ‘macrocategoria’ de cenografia pode ser resumida como ***collabs***⁶¹ ou **laços sociais entre canais**. Considerar esta uma especificidade dos vídeos de *débunkage* se deve ao fato de que, na visão de Fonseca (2020) – em capítulo de livro sobre o SVBr, também descrito, aí, como resistência à desinformação científica –, o trânsito entre os próprios canais, fortalecendo uma comunidade, é fulcral na luta contra os obscurantismos, dado que o YouTube não é, desde sua programação, favorável a uma educação científica séria (Fonseca, 2020). Na verdade, em os mercados de multimídia atuais penderem para as comunidades, Fonseca (2020) observa que os cientistas ainda resistem a esse tipo de economia afetiva, o que é contraproducente, segundo ele, visto que são as comunidades que vitalizam e promovem os canais na plataforma, são elas que maximizariam o envolvimento dos públicos com a ciência (Fonseca, 2020). A colaboração com outros canais aumenta as condições de monetização, algo que tem sido feito bastante por youtubers conspiracionistas, como resistência após terem tido os seus canais individuais deletados pelas políticas de moderação no YouTube (Fonseca, 2022). Assim, youtubers científicos *sérios* também poderiam investir mais, e estrategicamente, nessa tática. A nosso ver, essas coalizões de canais, como réplica por parte da ciência, podem ser estendidas à estratégia de citação de outros canais, com enunciados nos quais o youtuber faz referência a um ‘nós-ciência’, um *ethos* coletivo, para se legitimar.

Essa construção coletiva se entrelaça com a próxima (terceira) cenografia, a da **ciência multiparadigmática e complexa**. Diferentemente de ser um modelo de comunicação da ciência, detectamos essa atmosfera como algo já reiterável em vídeos de DC. O que se singulariza aqui é o fato de a cultura científica na maioria dos vlogs ser aquela que se articula com heróis da ficção, com o mundo do videogame, ou que é emoldurada por enquetes-desafios

⁶¹ *Collab* é a abreviação de ‘colaboração’, conceito que se refere à atividade de criação conjunta (dois youtubers ou mais) de um vídeo; pode ser um encontro *online* entre os youtubers (Assis, 2021). Isto funciona como um *networking* que permite angariar novos assinantes ao canal (Assis, 2021). Considerando que esta é uma das *Práticas e afordâncias* nativas do YT, então, a opção por esse termo deriva de ele ser emblemático das práticas de *união* entre diferentes canais, práticas que são variadas, para além da funcionalidade *collab*.

dirigidas aos espectadores (não necessariamente uma ciência dialógica, da teoria dos modelos). Como atesta Duarte (2019), sobre o SVBr, os elementos da cultura pop (animes, filmes e séries de ficção científica etc.) são frequentemente agenciados nos *storytelling* dos vídeos⁶².

Há todo um borrão de fronteiras do conhecimento, um embaralhamento das fronteiras disciplinares, o que se consubstancia no interesse pelo *ethos* de cientista informal (que interage com pessoas várias, perfis vários) (Flores; Medeiros, 2018). Em síntese, integração de saberes. Esse ‘enquadre de ação’ é potencializado, por um lado, pelo fato de muitos divulgadores recusarem a posição de ‘profissional tradicional’ (Baur, 2021). E Fonseca (2020) apresenta evidências do quanto a ampliação das perspectivas temáticas e epistemológicas nesses webvídeos resulta em atrair muito mais pessoas a se interessarem por ciência e a debatê-la no YT. Um caso de sucesso nesse sentido é o canal do Pirula, um sucesso ‘fora da curva’ (com número expressivo de inscritos), considerando que se trata de um canal de ciência (Fonseca, 2020). Sobre esse perfil, o autor explica:

O Pirula não alcançou aqueles resultados “falando” apenas de paleontologia. Seus vídeos mais populares, com mais de um milhão de visualizações, discutem temas como pseudociência, teorias da conspiração e homossexualidade a partir de uma perspectiva biológica, por exemplo. Ele também produz conteúdos sobre ciência, religião e educação, além de discutir, de forma recorrente, outras questões relacionadas à cultura científica e as políticas públicas de ciência. Ou seja, o Pirula participa de debates contemporâneos a partir de sua formação não apenas como paleontólogo, mas como cientista (Fonseca, 2020, p. 62-63).

Assim, conjecturamos que a encenação da ciência multiparadigmática, multidimensional, reticular, ligada a temas sensíveis, é uma cenografia que se ajusta bem ao ato de furar bolhas na rede, favorecendo o *débunkage*. De fato, muito dos vlogs, no intento de desmascararem problemas do senso comum, sublinha as divergências que existem dentro da ciência para se chegar a uma determinada conclusão⁶³ (Reale, 2018).

Essa lógica das aberturas do conhecimento está relacionada à questão dos *collabs*, como mencionamos antes, por um motivo simples. Tal abertura se articula com o estímulo ao diálogo com o diferente, algo que a plataforma demanda – talvez para alavancar a polêmica, ou para garantias epistêmicas. Como assinala Reale (2018, p. 135), “há na plataforma o incentivo ao diálogo com o diferente, pois a perda de estabilização da credibilidade sobre o que vemos na

⁶² O mote de um vídeo dedicado a tratar de conceitos da Física será, por exemplo, as características de velocidade e potência de ação de um super-herói das histórias em quadrinho (Duarte, 2019).

⁶³ Nossa posição, aliás, é de que esse fator é também um critério relevante de confiabilidade dos canais de DC, já que nem sempre essa perspectiva é adotada pelos youtubers que falam de ciência, em geral.

internet convoca o incentivo do diálogo e da criticidade, sabendo que se o conteúdo for apresentado verticalmente provavelmente ele se encerrará ali”. Por essa explicação, como o engajamento é um motor fundamental, a ciência passa a ser *conversada* nas longas espessuras sociais, conjunturais, da cultura pop etc. Reale (2018) também detecta as aberturas de muitos divulgadores a correções e retratações. Isso oportuniza a caracterização da quarta e última cenografia/encenação, o **esforço de referência às fontes**, devido ao incentivo à criticidade, termo usado por Reale (2018) e que, em nossa percepção, condensa os casos em que a autora identifica vídeos que valoram a ciência como complexa, vulnerável, que aceita comentários alheios apontando outras fontes científicas etc.

Como dito anteriormente, o SVBr se preocupa muito com a menção às fontes em seus vídeos; isto é uma diretriz do agregador, antes mesmo de ser praxe nos vídeos unitários. Entretanto, Baur (2021) identifica algo diferente: o fato de as fontes científicas terem um papel muito secundário, com os videastas fazendo citações, na verdade, a colegas youtubers, não a fontes universitárias ou jornalísticas (Baur, 2021). Flores e Medeiros (2018) também enfatizaram que os youtubers (em busca de legitimação) apoiam-se em outras vozes do YouTube para, assim, posicionarem-se como relevantes no ecossistema. Não obstante, o arrolamento dos textos acadêmicos usados como base do roteiro é comum no *corpus* de Reale (2018), de variados tipos de divulgadores brasileiros. Reale (2018) explica esse procedimento como uma busca de compartilhar a competência de criticidade com os espectadores.

Já tendo exposto as principais cenografias, cabe darmos um espaço para o que se entende, aqui, por **cenografia** e *ethos*, já que são noções que articulam os ‘enquadres de ação’ dos videastas, como notabilizado. A noção de cenografia conforma-se bem à grandeza ‘enquadres de ação’, que nos deu acesso até então às características discursivas dos vídeos *débutage*. Quando apontamos que o divulgador científico projeta-se enunciativamente como *bom amigo* (quanto ao enquadre ‘sentimentalismo de convivência e familiaridade com o espectador’), tal *mise en scène* pressupõe automaticamente que os destinatários (o tu-destinatário) é interpelado como *amigo*, não apenas como um simples web-espectador. Isto é uma assimilação que aqui fazemos da análise das cenas de enunciação por Maingueneau (2001), que toma como objeto um anúncio dos saquinhos de *cookies* Week-end. Nesse anúncio (eis o gênero discursivo, mais ‘corretamente’ classificado), a leitora (público-alvo do anúncio) é interpelada, na verdade, como amiga da mulher que fala ao telefone no contexto dessa publicidade (Maingueneau, 2001). Então, a cenografia é, na verdade, uma conversa. Considerando esse mecanismo da interpelação, que enriquece os universos de referência aos quais os produtores textuais visam ‘submeter’ seus destinatários, podemos dizer que o

espectador dos vídeos é enovelado ao discurso sob mais de um papel/identidade; ele é, sim, web-espectador, sujeito que busca o saber, a ciência etc.; no entanto, ele se inscreve no discurso desses youtubers também de *outras* maneiras (como já antevimos), sob outros cenários.

Maingueneau (2001) postula três cenas de enunciação. As duas primeiras tendem a uma feição mais estável nos eventos de fala; elas correspondem às situações de interlocução em um caráter mais ‘estável’, digamos assim. Primeiramente, temos a *cena englobante*, que é o tipo de discurso, tais como os discursos político, jornalístico, publicitário etc. (Maingueneau, 2001). Podemos associá-lo ao *domínio* sociolinguageiro, segundo a nomenclatura de Charaudeau (2016). A cena englobante seria o espaço institucional do evento de fala, com as posições esperadas dos sujeitos de fala. Aplicando isso para a natureza do nosso *corpus*, a cena englobante aqui sob exame é a da divulgação científica (DC), ou mesmo a da Divulgação Científica Midiática (DCM). Mas, como estamos tratando da DC no YouTube, é prudente assinalar que a DC não é *dependente* do ambiente YouTube, evidentemente. Com efeito, a DC, em seu estatuto de cena englobante, é práxis que perpassa diferentes atravessa lugares e materialidades de texto etc. Ela está nos mais variados espaços de interlocução humana, nos mais diferentes veículos, nos mais diferentes lugares institucionais, resultando em a cena englobante DCM ser uma espécie de referência do agir.

Assim, a Divulgação Científica no YouTube é um espécime da segunda cena de enunciação; é um exemplo da *cena genérica*. No YouTube, os youtubers que aqui investigamos apenas recuperam – como finalidade, valor e interesse deles – o agir da divulgação científica, mas o fazem em uma situação de enunciação mais particular: a da vlogosfera no YouTube. A cena genérica, então, no nosso caso, corresponde ao fenômeno dos vídeos que divulgam ciência na plataforma YouTube (e, ainda mais precisamente, os vlogs). Esta é uma forma de explicarmos que a noção de cena genérica, tal como Maingueneau (2001) a concebe, equivale ao quadro de padrões sociocomunicativos, suscitador de expectativas no locutor e no alocutário. Neste sentido, a cena genérica é, trocando em miúdos, o gênero de discurso. Cena genérica e cena englobante formam, juntas, o quadro genérico (Maingueneau, 2001).

A terceira cena de enunciação é a mais relevante para os propósitos desta seção (e deste estudo), porque se compatibiliza com as ‘estratégias cenográficas’ dos youtubers científicos abordadas nos parágrafos precedentes. A **cenografia** é o modo pelo qual o locutor constrói, *a despeito* do quadro genérico, outros espaços onde irá enredar o alocutário no seu projeto de dizer (Maingueneau, 2001; 2015). O campo discursivo e o gênero discursivo não bastam para o locutor ‘convencer’ o público da sua proposta de fala. Isso explica o procedimento de, em muitos romances, o escritor instaurar outros mundos para adentramento na história narrada,

como o relato de viagem, a conversa ao pé do fogo, o diário (Maingueneau, 2015). O relato de viagem, como forma de manifestação do romance, é a atmosfera primeira, entregue ao leitor, como enquadre *conveniente* para a vivência do romance, segundo essa teoria (Maingueneau, 2015). Em síntese, a cenografia seria o dispositivo de enunciação *criado*.

Quando a cenografia é posta em relevo – afinal, alguns gêneros têm menos suscetibilidade à criação de cenografias mais díspares em relação ao quadro genérico (Maingueneau, 2001) –, conforme certas intenções do locutor, algo diferente acontece: “a cenografia leva o quadro cênico a se deslocar para o segundo plano” (2001, p. 87). Ou seja, o espectador dos vídeos (como é o nosso caso) é exposto primordialmente às atmosferas de sociabilidade com a ciência que caracterizamos anteriormente (enquanto estratégias cenográficas frente às condições do YouTube). O fato de o texto em transação ser divulgação científica é a moeda de troca que fica mais ‘adormecida’. O que está na ‘superfície’, para esse leitor, é a cenografia, o cenário desenvolvido pelo youtuber para, como artimanha, sustentar a situação ‘genérica’, que é a DC no YT. Isto é a cenografia. Ela é o cenário de primeira vista para o leitor. As cenografias dinamizam o quadro genérico, trazendo, como no caso do nosso objeto de estudo, a construção de um *ethos* coletivo e a atmosfera afetiva de cumplicidade com os espectadores, cenografias para DC no YT, tal como ensaiamos preliminarmente nas páginas precedentes desta seção.

Além do mais, a cenografia é a escolha do locutor youtuber (evidentemente mais individual do que o coletivo SVBr) para *legitimar* o seu exercício da palavra, mas, como pontua Maingueneau, é uma escolha não-aleatória, e, sim, pensada como aquela mais adequada à vivência do quadro genérico (Maingueneau, 2011). Como salienta o autor, “todo discurso, por sua manifestação mesma, pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima” (Maingueneau, 2001, p. 87). Assim, a cenografia é o modo visto como *necessário* para obter a aceitação dos destinatários a respeito da proposta de querer-dizer; para fazer com que aceitem o quadro cênico genérico. No nosso caso, para fazer com que aceitem o dizer-verdadeiro dessa ciência, orlada pelo YT, em vias de resolver as polêmicas quanto à covid-19. Enfim, a cenografia entra como dispositivo de enunciação criado para fins de validação da situação de enunciação mais ‘abrangente’ (a DC no ecossistema YouTube).

Em a cenografia não sendo, que fique claro, um artifício pontualizado dentro da ‘cena verdadeira’, *a cenografia é a própria enunciação*, é o absoluto da enunciação, pois, como enfatiza Maingueneau (2001), a cenografia é o dispositivo que, pelo prolongamento/processo do seu exercício, torna-se o modo usado para validar a situação de enunciação. No nosso *corpus*, ela é o cenário para validar o projeto de fala segundo o qual o youtuber impõe seu ponto de

vista sobre questões da covid-19. Pensando em nossa problemática, a cenografia teria propriedades voltadas a convencer os espectadores de que aquela é uma DC, *de fato*. A cenografia é uma cilada (Maingueneau, 2001); então, na cilada onde o espectador dos webvídeos sob nossa mira cai, ele pode ser implicado como amigo, como supervigilante epistêmico (atento às fontes acadêmicas), como aventureiro, entre outras possibilidades.

A nosso ver, a construção de um aparelho de validação como este convoca, naturalmente, certas *identidades de youtuber*, paralelas às atmosferas de cultura científica, de vivência com a ciência (paralelas a determinados papéis de tu-destinatário), que são as cenografias. O youtuber parece ser um *performer*, desdobrando-se em papéis, moldando a imagem de si em observância à necessária sustentação (para seus interesses comunicativos) do quadro genérico, e em observância à provável bagagem dos seus públicos, por ocasião da entrada deles na divulgação científica no YouTube. Com isso, o divulgador no YT fomenta uma imagem ou outra de si, por exemplo figurando entre ser uma autoridade científica, de um lado, ou ser conivente e concessivo para com os espectadores resistentes à ciência, de outro. Logo, a noção de *ethos* faz-se necessária para a caracterização *das cenografias* que implicam vivências ‘youtubeanas’ com a ciência.

À vista disso, entendemos o *ethos*, consoante a Amossy, como “a imagem que o orador constrói de si em seu discurso, com o objetivo de contribuir para a eficácia de seu dizer” (Amossy, 2020, p. 79). Considerando que estamos aqui mirando a tática de credibilização dos youtubers frente a controvérsias públicas sobre covid-19, então a noção de *ethos* é importante, já que o *ethos* abarca o agir sobre o outro por meio da fala do orador e da representação de si, desse orador (Amossy, 2020).

Na perspectiva de Meyer (2007) – alinhamento teórico que iremos justificar neste parágrafo –, abordar o *ethos* é circunscrever o olhar analítico para a capacidade do orador em responder/resolver às perguntas do auditório, responder aquilo que coloca o orador e o auditório em uma situação de *diferença*. O youtuber científico sob nossa mira quer tornar atrativa a cultura científica que ele oferece, quer convencer da sua credibilidade, mas dentro do seguinte cenário: ele quer assegurar que os já filiados à ciência mantenham-se nesse caminho e *conquistar os sujeitos hesitantes ou aderidos à desinformação* a se engajarem no ponto de vista científico. E aí que reside a vinculação a essa proposição inicial de Meyer (2007): a posição do orador é uma ‘calibragem’, uma regulação frente a um ‘estado-de-ser’ dos auditórios. Ora, para construir determinada imagem de si, o locutor deve atender, de alguma forma, aos *critérios de virtude advindos do auditório* (Meyer, 2007); um espelhamento, uma identificação. É mediante esses critérios e qualidades incorporados pelo orador em seu discurso, que ele conseguiria

representar ‘bem’ o seu papel de confiança, inspirar confiança, ser um ferrolho de confiança, enquanto modo virtuoso adaptado ao auditório.

Isto posto, o *ethos* é a imagem identitária constituída *por meio da resolução da diferença/distância entre locutor e alocutário*, e, ademais, o *ethos* se constitui via espelhamento com o auditório (Meyer, 2007). É com essa compreensão que o *ethos* é concebido por estas duas características a seguir, por Meyer: “o *ethos* é o orador como princípio (e também como argumento) de autoridade” (este é o tópico *resolução da diferença*), e, também, “o *ethos* se apresenta de maneira geral como aquele ou aquela com quem o auditório se identifica, o que tem como resultado conseguir que suas respostas sobre a questão tratada sejam aceitas” (este o tópico *identificação/espelhamento/negociação com o auditório*) (Meyer, 2007, p. 35). Já que a tessitura dos vídeos do nosso *corpus* indicia que o divulgador se dirige *aos negacionistas*⁶⁴, e não só com pessoas vagamente interessadas por ciência, então essa concepção de *ethos* se faz muito operante. Deveras, o divulgador científico prevê os negacionistas como assistindo a seus vídeos, como sujeitos que acompanham o desenrolar da polêmica no YT; por essa via, facilmente presumimos que há uma distância *maior* (previamente estabelecida) entre orador e auditório (este segmento de auditório). É isso que pressiona o orador do vlog a levar em conta as problematizações específicas desse segmento, por exemplo as convicções prévias que ele tem sobre os objetos de discurso instaurados nas polêmicas sobre a pandemia.

Neste sentido, a definição de *ethos* em Meyer (2007) ajusta-se bem ao nosso *corpus*. Os vídeos são assistidos (ou podem ser assistidos) por muitas pessoas, de modo que o youtuber faz jogadas discursivas para, pelo menos, esses dois tipos de espectador: os já aderidos à ciência e os confusos ou aderidos à desinformação. No primeiro tipo, há mais *identidade* entre as duas instâncias (identidade previamente estabelecida, no plano social, na perspectiva de Meyer), e que o discurso trata de ajustar ou manter; no segundo tipo, há – usando os termos de Meyer (2007), maior defasagem, maior distância entre orador e público, algo que o orador providencia de (se assim o desejar) diminuir. E, sim, o orador youtuber deseja diminuir a distância, pois, como ator de *débunkage*, do SVBr, a sua finalidade mais ampla é provocar a adesão das pessoas à cultura científica, a um modo científico de analisar a polêmica da covid-19.

Portanto, o modo de o orador construir a imagem de si reflete, na verdade, a sua aspiração a ser o fim da linha das dúvidas do público, de ser o *ponto de final dos questionamentos*; esta é tendência do *ethos*, segundo Meyer (2007). A diligenciada eficácia do

⁶⁴ As negações polêmicas, piadas e demais referências específicas ao ‘enunciador negacionista’ são muito frequentes em nosso *corpus* de *débunkage*; mais do que isso, acreditamos que esse funcionamento polêmico é a espinha dorsal da prática de *débunkage*.

dizer do orador – pois este é o fim pragmático último do *ethos*, segundo Amossy (2020) – derivaria dessa regulação das diferenças/distâncias, derivaria daquilo que o *ethos* se presta, por conveniência, a representar (e não só o *ethos* como ‘ser’ de tal ou qual maneira), em observância à gestão das distâncias (Meyer, 2007).

Contudo, esse modo de resolver a distância, de inspirar confiança, de representar papéis, de dar a ver quem o sujeito é (por meio da sua fala), não é uma dinâmica que nos leva a acessar o sujeito uno, o sujeito em um estatuto harmonioso externo ao evento de fala. Assim, o *ethos* (ou, melhor, os *ethé*) apontados em uma análise discursiva têm mais a ver com um quadro figurativo *interno*, o que é a primazia por Ducrot (1998), quadro este que é, sim, aproveitado neste trabalho, mas para além das modalidades de língua tão precisamente. Assim, em o locutor sendo o ente que está na origem das posições enunciativas expressas no discurso (Rabatel, 2016a; Ducrot, 1998), podendo este se compatibilizar com um ou outro dos enunciadores apresentados (por jogos de adesão ou afastamento), o que teremos, na análise, é não a reconstituição do locutor real (da identidade social/institucional), mas, sim, a construção do eu-youtuber como sujeito da enunciação; isto é, um sujeito *construído*, *coconstruído*, fabulado em meio às cenografias. Ou seja, considerando a dinâmica da gestão dos pontos de vista (capítulo 2), o *ethos* se manifesta, a partir daquele trabalho intersubjetivo (Meyer, 2007), como ficção discursiva, ou, melhor, como ficções, facetas de fabulação de si, tidas como convenientes ao seu projeto de dizer (que envolve, sim, motivações externas, mas também as *projeções* de destinatário e de outras instâncias enunciativas internas). No capítulo de análise de dados (capítulo 4), utilizaremos categorias mais específicas de *ethé*, que serão aquelas de Charaudeau (2006), em coerência com a vertente enunciativo-pragmática assumida nesta Tese.

Feitas as observações sobre as cenografias, os *ethé* e as condições sociotécnicas da divulgação científica no YouTube, passamos, agora, para a revisão de literatura sobre a teoria do ponto de vista (Rabatel, 2016a), cujas categorias seriam as indiciadoras dessas *atmosferas*.

2 DA TEORIA DO PONTO DE VISTA À ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA

Observamos nesta Tese os relacionamentos entre a posição da ciência e a posição de desinformação científica, tal como é orquestrada pelo youtuber científico em seu vídeo, cuja finalidade é defender a posição da ciência. Para tanto, o youtuber faz, no texto sob sua responsabilidade, determinadas projeções da perspectiva de ‘si’ (a ciência) e da perspectiva do ‘outro’ (o ‘anticiência’ ou hesitante em relação à ciência), além de criar dialogicidades entre essas duas instâncias. É a configuração e os efeitos dessa dialogicidade o que nos interessa aqui.

A compreensão de como se dá esse dialogismo encontra amparo na teoria enunciativa-interacional de Rabatel (2016a), que será explicada ao longo deste capítulo com a ajuda de fontes adicionais, cujas pesquisas (Faria, 2015; Cortez, 2011b; Emediato, 2022) também utilizam essa teoria. Começamos, então, a explicação de conceitos relevantes dessa abordagem com a seção *A noção de ponto de vista: pressupostos básicos*.

2.1 A noção de ponto de vista

A adoção à teoria de Rabatel (2016a) deve-se ao fato de que, para entendermos o projeto de influência de um determinado autor, não basta apenas identificarmos as vozes que ele mobiliza (por exemplo, que ele cita), mas importa, sobretudo, observarmos a força de cada uma, as *malícias* pretendidas por esse locutor ao associar uma delas a outras, criando aderências, distâncias etc. Considerando a *polêmica* atualizada pelo divulgador científico (que é o *locutor*, por excelência, neste nosso dispositivo teórico-metodológico) nos vídeos de *débunkage* do *corpus*, refazendo o jogo ciência *versus* desinformação, então os direcionamentos que o divulgador dá a tais vozes devem ser observados, devido à dimensão argumentativa desses direcionamentos. Esse direcionamento nos informaria algo sobre a busca de influência do divulgador. Isso motiva a adesão à teoria dos pontos de vista, de Rabatel (2016a).

O *status* das vozes não decorre apenas de se permitir a presença delas, como anunciamos. É importante que a análise de discurso anote os *status* das vozes dentro do dialogismo. Com base na compreensão de que o “PDV do texto” resulta de uma coconstrução dialógica intradiscursiva (Cortez, 2011a), temos que, em havendo o ponto de vista *da ciência* (na voz física do youtuber científico), tal ponto de vista (PDV) só ganha vida nos enunciados *por causa, em face* de outro PDV, necessitando, para isto, proceder a representações desse outro, enfraquecendo a voz dissonante ou considerada pouco conveniente, ou representando-a

de outros modos que não necessariamente enfraquecendo-a (segundo as circunstâncias interacionais e o valor argumentativo dos PDVs). Conforme Cortez (2015, p. 11):

Assim, o pdv do texto se configura em meio a diferentes perspectivas, o que faz com que as falas, percepções e pensamentos representados possam indicar, pressupor e/ou enunciar a existência de ao menos dois enunciadores: aquele que representa um pdv e aquele que é alvo de uma representação (Cortez, 2015, p. 11).

As vozes importam, mas no modo como são *representadas*, e esse enredamento pelo produtor textual (gestor das vozes) é o que descortina o “PDV do texto”. Isso implica que o responsável pela enunciação como ato (no plano dêitico) *reflete* sobre essas vozes, atualiza-as, a depender de suas pretensões; o que não exclui o fato de, por vezes, a análise flagrar também um superenunciador dóxico ou ideológico que pareça simplesmente *atravessar* o autor.

Nessa perspectiva rabateliana, a nossa atenção aqui recai sobre o **heterodialogismo**, que é a realidade quando se põe em foco a relação com o ‘outro’ diferente do ‘eu’ (Faria, 2015), sendo o *eu*, para os fins desta Tese, o locutor divulgador científico no YT, com os pontos de vista (PDVs) que assume. Nesse caso, acontece um diálogo entre o PDV do divulgador de ciência e os PDVs de enunciadores-personagens distintos dele, mas com os quais o divulgador realizará movimentos enunciativos mais ou menos co-orientados ou antiorientados (concordar, discordar, encenar-se como neutro etc.) – pois todo ato de fala parte da alteridade.

Para darmos conta dos elementos desse heterodialogismo, com os movimentos enunciativos do locutor principal em relação a outros pontos de vista (PDVs) –, devemos precisar os instrumentos que correspondem aos sujeitos da encenação enunciativa, que são, essencialmente, locutor e enunciator (Rabatel, 2016a; 2013a). Mas, para melhor entendimento dessa instância, e lembrando que já explicamos o que é o heterodialogismo, convém esclarecer o que se entende aqui por **ponto de vista**, antes de mais nada.

A teoria de Rabatel (2016a) apresenta noções e notações que nos permite examinar os modos semióticos pelos quais um objeto de discurso é apreendido/considerado por um sujeito (singular ou coletivo) (Rabatel, 2016a), tal como o objeto se apresenta nos textos de circulação social. Por exemplo, o objeto de discurso *vacina para a covid-19* circula por aí, mas ele não é apreendido por todos os sujeitos da mesma maneira. Assim, a partir da maneira ‘especial’ como o objeto é considerado pelo sujeito, é isso que constrói, enfim, o ponto de vista. Em suma, o ponto de vista é a representação de percepções e pensamentos (Rabatel, 2016a). A ideia de representação é central, pois o modo de um locutor-autor principal, por assim dizer, apreender o *real* dá-se mediante a *orquestragem* de pontos de vista já dados; uma *orquestragem*, porque

os PDVs são, em seguida, apreendidos (desconsiderados, valorizados etc.) conforme jogos de (não-)adesão, já que são vários os pontos de vista que um produtor textual pode dar a ver. Logo, o ponto de vista que aparece no texto pode ser aquele que o ‘autor’ representa como sendo de outros; não apenas o seu (Rabatel, 2016a).

Por consequência, o estudo de pontos de vista só é possível se considerarmos o sujeito como sujeito clivado, desdobrado⁶⁵, como uma presença que se (re)faz no enunciado, enunciado contendo múltiplos enunciadores com os quais o sujeito dialoga. É por isso que falaremos, logo mais, sobre o sujeito (*o locutor*) como coincidente *ou não* a determinadas vozes, a determinados *enunciadores* (o que implica a diferença entre *locutor* e *enunciador*). Enfim, o que importou, por ora, é o entendimento de que o PDV é o enquadramento que alguma instância subjetiva faz do objeto, associando sujeito focalizador e objeto de conhecimento (Rabatel, 2016a).

Em termos de filiações e afinidades teórico-epistemológicas, esse estatuto do PDV retoma a distinção *dictum* e *modus*, como intrínsecos a todo enunciado, postulado que herdamos de Bally (1951). A partir desse construto, temos, em Rabatel (2016a), que, quando um locutor assume a responsabilidade por um conteúdo, por acreditar na sua veracidade, o *modus* comparece nesse *modo de presença do locutor* (modo de presença que é, mais convenientemente, considerado como *enunciador*). A forma de crer pode ter diferentes forças, o que inscreve o *modus* no enunciado. E se o sujeito se afasta do PDV, imputando-o (seja recusando-o, seja mantendo algum tipo de neutralidade, seja validando o PDV), tudo isso é, ainda, o *modus* na sua relação com o *dictum*. Portanto, o locutor, é, em suma, a entidade que se atualiza modalmente frente ao *dictum* (frente aos objetos, acontecimentos, constatações etc.), e isto mesmo em enunciações tidas como objetivas, pois a hierarquização dos PDVs vai revelando, mesmo nos interstícios do texto (pela atividade inferencial), os tipos de posicionamento (Rabatel, 2016a; 2018).

Ainda nessa discussão epistemológica, antes de fecharmos esta seção sobre o que é o PDV, é importante pontuar que a abordagem de Rabatel é apenas *uma* das opções teóricas para a lida com a problemática enunciativa, das vozes, das subjetividades no discurso. Justificamos anteriormente nossa adesão a Rabatel, mas, no espaço da presente seção introdutória, é cabível esclarecer o *território*, demarcando que *locutor* e *enunciador*, noções recorrentes nesta Tese, diferem do entendimento de Benveniste e de outras teorias da enunciação. Já no *Homo Narrans*, Rabatel (2016a) comenta que Benveniste divide, no seu aparelho formal da enunciação, os índices de ostensão dos fenômenos de responsabilidade enunciativa (este segundo sistema

⁶⁵ O sujeito **clivado**, como o denominamos por ora, corresponde à noção de **sujeito modal**, tal como trabalhada por Rabatel (2013a), e que será mais bem desenvolvida nas linhas a seguir desta seção.

abarca subjetivemas e modalizadores). O locutor comparece, como sujeito modal, isto é, o locutor pode *dar as caras*, sim, por esse segundo sistema: por meio de subjetivemas e posicionamentos anafóricos; com isso, Benveniste compactua – reconhecamos –, em certa medida (Emediato, 2022; Rabatel, 2016a). O problema é que a modalização (esse segundo sistema) não é *obrigatoriamente* o ponto para acessarmos o locutor no plano dêitico, pois modalizadores podem indicar *outras* figurações, outros pactos enunciativos e de sentido. Isto é, contrariando Benveniste, entender que o eixo modal (eixo dos enunciadores, das posições abstratas) é *necessariamente* ligado a um locutor (eixo dêitico, das formas egocentradas) não é verdadeiro para Rabatel (2016a), o que implica sua dissidência em relação a Benveniste. Notadamente, Benveniste, em suas descrições do ato enunciativo, dá predileção à enunciação *em exterioridade* (embora às vezes ele sopesse a figura do locutor pelas *marcas* do *eu*, em interioridade – a enunciação enunciada –, para além, então, da referência ao produtor/dêixis do enunciado). Enfim, para Rabatel, não necessariamente as instâncias que engendrariam formas dêiticas de pessoa se convertem em um posicionamento no texto, “na medida em que todo enunciador, enquanto sujeito modal na origem de um ponto de vista, não é obrigado a exprimir seu ponto de vista ao se tornar locutor” (Rabatel, 2016a, p. 74). Rabatel também rejeita a distinção benvenistiana entre *discurso* e *história*, que oblitera o potencial de enxergarmos mecanismos da subjetividade na modalidade da *história* (nos textos em relato, em 3ª pessoa, que predicam fatos que aparentam narrar-se por si mesmos) (Emediato, 2022). Na concepção de Rabatel, na qual os processos de referência são solidários à enunciação, esse enfoque nos ‘tipos de discurso’, em Benveniste, é contraproducente (Emediato, 2022); aliás, ele impossibilitaria as análises feitas nesta Tese, que levam em conta vestígios linguageiros que, mesmo estando em enunciados aparentemente *descritivos* ou *objetivantes*, revelam-se como formas de determinação do locutor/youtuber frente ao PDV antiorientado.

Tudo isso que explicamos nesta seção (o enunciado como contendo um *dictum*/conteúdo proposicional, mas que é remetido a uma fonte, enunciadora, e que não necessariamente está em sincretismo com um locutor encarnado, etc.) só é possível em uma concepção de **sujeito modal**. Essa noção, para dar conta da clivagem do sujeito, como anunciamos, pressupõe uma metodologia que ultrapassa a organização *ego-cêntrica*⁶⁶ da dêixis, dando atenção aos movimentos do sujeito, ou seja, o fato de ele se mostrar/se apresentar, mas também se desestruturar (como no auto e no heterodialogismo) e até se desinscrever, via apagamento enunciativo (Emediato, 2022). Esse sujeito é da subjetividade modal – e não só da subjetividade

⁶⁶ Termo que pegamos emprestado de Emediato (2022), quando trata da diferença entre os eixos dêitico e modal.

indicial –, pois seu posicionamento (recusas, distanciamento etc.) se revela em toda sorte de componentes linguageiros, porque orientados para propriedades pragmáticas, que são (inter)subjetivas (Emediato, 2022). Logo, o sujeito se constitui mais propriamente um efeito de enunciado, um sujeito que está nas movências, no *esconde-esconde*; um sujeito clivado (ainda que o sincretismo locutor/enunciador seja possível) (Rabatel, 2013a; Emediato, 2022). Isso explica, então, a nossa forma de condução da análise no capítulo 4.

Enfim, a subjetividade do locutor que imerge no enunciado sempre contém outro(s) enunciator(es)/PDVs junto a tal locutor, pois, para um locutor se responsabilizar por um PDV, isso precisa ser motivado de algum ‘lugar’. O ponto de vista surge do diálogo. Especifiquemos melhor quais são esses papéis (locutor, enunciator...) que o texto/enunciado comporta.

2.2 A disjunção locutor-enunciador para a variedade de PDVs

Admitimos que o sujeito da linguagem – seja o ‘outro’, que o locutor principal leva em conta, seja o próprio locutor principal, organizador do texto – é forçosamente, um coator, um sujeito heterogêneo, polifônico (Rabatel, 2016a), que só constrói as ‘verdades’ do seu dizer – ou é responsabilizado por elas, no caso de ele ser o ‘outro’ – no entremeio de outras instâncias que lhe ‘invadiram’ de alguma maneira. Haja vista a desestabilização do sujeito, o que ocorre nos textos é um jogo interacional entre pontos de vista, pois o ponto de vista do ‘autor’, do ‘locutor principal’, só se constitui na medida em que ele aproveita PDVs da alteridade para constituir o seu pdv.

Tudo isso parte do postulado da não-unicidade do sujeito. O enunciado/texto não é constituído por apenas um sujeito falante no enunciado. Para Ducrot (1980)⁶⁷, o enunciado denuncia a enunciação, isto é, o dito denuncia o dizer, sendo que o enunciado é uma pluralidade de vozes. Portanto, o sujeito não é uma existência ‘estável’, mas algo criado a partir dos modos de relacionamento com outros enunciadores. Por isso, é necessário, desde Ducrot (1980), distinguir o autor das palavras, o *locutor*, dos agentes dos atos ilocutórios, os *enunciadores*. De fato, há variados sujeitos com funções diferentes dentro do enunciado, tais como o locutor, o enunciator e o sujeito empírico, visto que o produtor textual (digamos que ele seja o ‘sujeito empírico’, para este começo de conversa) entra em contato com outro(s) enunciator(es), ou seja, com pontos de perspectiva abstratos, aos quais o locutor pode se filiar ou dos quais pode se distanciar (Ducrot, 1980). A pluralidade de vozes permite que se construa o locutor, que é,

⁶⁷ Uma das grandes bases para as pesquisas de Rabatel (2016a; 2013a), ainda que este avance em relação a Ducrot.

na verdade, uma representação; a imagem que dele temos decorre das instruções de sentido do enunciado, das instruções sobre a relação entre as vozes (Ducrot, 1980).

Dada a não-unicidade, Flores e Teixeira (2012, p. 65, grifo nosso), comentando a teoria de Ducrot, assinalam: “dessa forma a enunciação pode ser atribuída a um ou mais sujeitos do enunciado. Entre esses podemos distinguir pelo menos dois tipos de personagens: *os locutores e os enunciadores*”. Nesse enquadre, o locutor é concebido como a instância responsável pela enunciação, a quem deve ser atribuída a responsabilidade pelo enunciado produzido (Flores; Teixeira, 2012). Não se pode confundir o locutor com o autor empírico, embora essa equivalência aconteça muitas vezes, tendo em vista, por exemplo, as marcas de primeira pessoa no enunciado (Flores; Teixeira, 2012; Ducrot, 1980).

Como já apresentado, os **enunciadores** são os pontos de vista abstratos, as posições expressas através da enunciação, as atitudes, os atos ilocutórios aos quais um locutor (que é uma existência concebida e representada, na enunciação, como sendo ‘falante’) pode se engajar, ou se desengajar, ou manter neutralidade (Flores; Teixeira, 2012; Rabatel, 2016a). Afinal, os locutores, que proferem algo (na *concretude* da enunciação) podem, no curso das interações, deixarem de lado determinadas posições, conjuminando-se a outras; assim, filiam-se e desfiliam-se de enunciadores. Por consequência, os instrumentos analíticos que dão conta dos sujeitos da enunciação no texto exigem o desligamento *teórico* entre locutor e enunciador (Rabatel, 2016a), dado que o locutor se sincroniza e se dessincroniza com enunciadores, conforme a situação interacional, ou mesmo encena o apagamento. É esta negociata teórica da disjunção o que estamos apresentando a partir deste parágrafo, e assim prosseguimos, a respeito do estatuto também do locutor⁶⁸.

Com fundamento em tudo isso, aprendemos com Rabatel (2016a, p. 82) que “o **locutor**⁶⁹ é a instância que profere um enunciado (nas dimensões fonéticas e fáticas ou escriturais), conforme um posicionamento dêitico ou um posicionamento independente de *ego, hic et nunc*”. O locutor é a instância que procuramos no texto como sendo a que estaria se engajando em um

⁶⁸ No passeio por esses conceitos, procuramos apontar, até este momento, a consonância teórica que Rabatel (2017) explicita em relação a Ducrot, autor este que contribuiu substancialmente para a teoria da enunciação, ao propor uma análise da cenografia enunciativa interna ao enunciado, fazendo operar a noção de atualização modal. Entretanto, convém ponderar que Rabatel, tirando proveito desse modo de tratamento do problema enunciativo-polifônico, avança em relação a Ducrot, pois hierarquiza os enunciadores, tal como se verifica na seara das posturas enunciativas (agrupamentos de enunciadores conforme o conteúdo proposicional) (Emediato, 2022).

⁶⁹ Na metodologia de Rabatel (2016a), adota-se normalmente a letra ‘L’ ou ‘l’ para designar o locutor nos textos. Como explicaremos adiante, o ‘L’ maiúsculo é reservado aos locutores identificados na situação dialogal, que representam e orquestram papéis enunciativos na enunciação, ao passo que o ‘l’ minúsculo é reservado ao locutor não presente fisicamente na situação, mas, entendido como encarnado, passível de ser citado por um locutor ‘L’ (Rabatel, 2016a).

PDV (Rabatel, 2013a), como anunciamos no parágrafo anterior. Por isso, os locutores são os fúntivos passíveis de serem responsáveis ou responsabilizados⁷⁰ pelos ditos – não é o enunciador que tem essa função –, para que o enlaçamento do locutor ao enunciador resulte em um pdv assumido (ou mesmo atribuído no modo encarnado) (Rabatel, 2013a), ao contrário do movimento no qual o locutor ‘disfarça’ seu PDV, apaga-se enunciativamente. Ou seja, todo locutor, pelas formas de organização do texto – mesmo encenando a neutralidade ou o apagamento enunciativo em dados estágios do texto – se conecta a uma perspectiva modal. Como salienta Cortez (2011a, p. 68-69), “todo locutor é enunciador, mas nem todo enunciador é locutor⁷¹ no aqui e agora do discurso, mesmo que já tenha sido locutor em contexto anterior”. Ora, os enunciadores podem ser mobilizados, mas não serem assumidos pelo locutor principal do texto, além de que muitas posições enunciativas (enunciadores) não estão obrigatoriamente ancoradas em um locutor encarnado (como um locutor secundário, que apareça, por exemplo, por discurso relatado⁷²). Já o locutor, por seu turno, acaba se fazendo enunciador (cedo ou tarde, no texto, monologal ou dialogal), ao posicionar-se quanto aos ditos, mesmo que precisemos interpretar essa apreensão do dito para além de uma responsabilidade chancelada por *EU DIGO* (Rabatel, 2004); ou seja, mesmo que necessitemos enxergar a responsabilidade enunciativa pelas instruções de interpretabilidade que requerem inferência.

Com isso, os textos tendem a ter mais enunciadores do que locutores, porque são muitos os enunciadores *apresentados* na malha textual, mas passíveis de ficarem ‘em suspenso’ quanto ao engajamento de um locutor dado (Cortez, 2011a; Rabatel, 2016a). Mas isso decorre também do fato de o locutor (o encarnado) gozar das prerrogativas da *desresponsabilização* enunciativa (evocar muitos enunciadores e distanciar-se deles), empurrando a responsabilidade a outros (Rabatel, 2016a). Em suma, a relação entre as instâncias – locutor e enunciador(es) – é cambiante, pois o locutor não é obrigado a concordar com o PDV que identifica um enunciador (Rabatel, 2016a).

Até este momento definimos *locutor* e *enunciador* em acepção ampla. Os enunciadores são os centros de perspectiva, compostos por um determinado conteúdo proposicional que é apreendido por um enunciador intradiscursivo (que seria, por exemplo, o enunciador [com pensamento] antivacina)⁷³, já que o ponto de vista é a ligação do conteúdo (*dictum*) com o

⁷⁰ Responsabilizados, no caso de serem encarnados (por exemplo, com fonte enunciativa bem codificada em uma citação); falaremos melhor disso mais adiante.

⁷¹ O enunciador que não é locutor é menos encarnado.

⁷² Adotamos nesta Tese a noção de discurso relatado, no modo de tratamento que Charaudeau (2009) dá ao fenômeno, diferentemente de outras noções caras, como a de discurso reportado, ainda que elas apareçam com frequência na literatura pautada na teoria de Rabatel. Não nos debruçamos, então, sobre essas outras categorias.

⁷³ Sem que um locutor esteja obrigatoriamente na origem desses pensamentos.

direcionamento modal (*modus*, instância subjetiva, enunciador) (Rabatel, 2016a). Os locutores, por seu turno, não se apresentam todos no mesmo nível nos textos, como já prenunciamos; há o locutor *principal* – que, nesta pesquisa, é o youtuber científico – e há os locutores *secundários* (Rabatel, 2016a); o mesmo valendo para os enunciadores.

Destarte, ainda é preciso discriminar melhor as instâncias enunciativas, considerando o grau de encarnação⁷⁴ e a hierarquização enunciativa que o ‘gerenciador’ do texto efetua. Na perspectiva rabateliana (2016a), o **locutor principal** é aquele que, além de ter uma posição (enunciador) – traço dos locutores, em geral, como vimos –, sendo o *responsável* pela posição/pdv/enunciador, é adicionalmente o gestor das vozes.

Quanto à primeira característica, esse locutor – mas, todo e qualquer locutor – é a instância que está na *origem* dos enunciados (ou prenhe de ser a origem), sendo que os enunciados são a junção de *enunciador* (um modo de pensar, de considerar as coisas; um investimento subjetivo) com o *objeto de discurso* (a questão pensada por esse pensar) (Rabatel, 2016a; Faria, 2015). Neste sentido, o locutor, seja o primário seja o secundário, é *evocador*, representado como evocando (defendendo, desejando...) PDV(s). O locutor evoca, origina, defende, pois é a instância *responsável pelo enunciado*, e, portanto, o responsável por um ou outro pdv (Rabatel, 2016a), entendimento que temos desde Ducrot (1980).

Desta forma, o locutor tem a propriedade de se orientar para assumir um enunciador, um pdv. E os pontos de vista (PDVs) são as perspectivas – que o locutor pode apreender –, *mais ou menos* coincidentes com o enunciador. Isso porque, mais precisamente, ‘ponto de vista’ e ‘enunciador’ não estão exatamente no mesmo nível. Como pontua Rabatel (2004 apud Faria, 2015), o PDV é ‘um pouco mais’ do que o enunciador, já que ele integra, além do *modus*, também o *dictum* (o conteúdo proposicional), sendo verdade, contudo, que todo enunciador comporta um PDV:

Ducrot define conjuntamente o enunciador e o pdv. No entanto, por trás da implicação recíproca dos termos (não há enunciador sem pdv e tampouco pdv sem enunciador), os dois conceitos não funcionam no mesmo nível, a noção de pdv serve à definição de enunciador (disjunto do locutor) como a fonte de um conteúdo proposicional exprimindo um pdv – este último se manifesta não apenas no *modus* mas também no *dictum* [Ducrot, 1993: 128] (Rabatel, 2004, p. 6 apud Faria, 2015, p. 65).

⁷⁴ O enunciador é a instância das atualizações efetuadas pelo sujeito modal, o que ‘se engaja’ no enunciado em um modo de preenchimento semântico que é diferente da ‘assunção’ que tem a ancoragem dêitica (Rabatel, 2004 apud Faria, 2015). Assim, com a ancoragem dêitica, o enunciador tende a ser *também* locutor (segundo caso, do final da sentença anterior), ao contrário do primeiro caso, em que o enunciador tende a ser ‘só enunciador’, porque em um âmbito ‘mais modal’.

No que concerne à segunda qualidade do locutor principal/primeiro (gestor dos PDVs), ela não é possível nos locutores secundários, que são, na verdade, citados, evocados (no contexto monológico). Nesta especificidade, ele é o gerenciador das múltiplas posições do texto, exercendo autoridade sobre elas (Rabatel, 2016a). Como elucidada Cortez (2011b, p. 87-88), “a dimensão dialógica do ponto de vista faz com que o *locutor/enunciador primeiro* (L1/E1) ponha em cena diferentes pontos de vista (PDVs), o que é feito por maneiras diferenciadas”; diferenciadas, pois esse locutor/enunciador primeiro é o encarregado por *representar* os pdvs, com seus modos de ligação aos locutores/enunciadores (Cortez, 2011b, p. 87-88, grifo nosso). Desde Ducrot, entendemos que os enunciadores aparecem por meio da imagem que o *locutor* oferece dessas vozes no texto situado (Flores; Teixeira, 2012).

Essa dupla face do locutor principal traz consequências importantes. Se focalizarmos o locutor principal pelo seu engajamento em relação aos enunciados (às ‘ofertas’ de ‘*dictum + modus*’), essa instância se torna locutor/*enunciador* primeiro no sentido de instância que desenvolve a Responsabilidade Enunciativa (RE)⁷⁵, isto é, a RE ‘plena’, também chamada de assunção (o ato de tomar para si uma posição). Nesse caso, o enunciador que aí aparece se perfaz sincronizando com o locutor enquanto ser do mundo (Rabatel, 2016a). Trata-se, aí, do locutor/enunciador 1 (o par L1/E1), cujo PDV assumido é o do locutor ao qual podemos pedir contas pelo que assumiu (Rabatel, 2016a)⁷⁶. Isto não é possível nos locutores secundários, pois eles são organizados pelo locutor primeiro. Prenhes de se juntarem a enunciadores (por exemplo, ‘l2/e2’), esses locutores secundários (citados) não podem *validar* PDV s, pois o seu grau de encarnação não é tão alto quanto o do L1/E1.

É de grande importância a **simbiose (L1/E1)**, aqui trazida à baila. Tal simbiose consiste em L (locutor no ato físico de enunciar, prestes/cobrado a assumir um PDV) entrando em sincretismo com E1, porque se responsabilizando por um enquadre conceitual de objeto de discurso (PDV), mas é *E1*, em maiúsculas, porque, dentre os tantos *e* (enunciadores), este é o mais legitimado no texto, assumido para os benefícios argumentativos do texto (Rabatel, 2016a). Todavia, a representação do PDV assumido por L1/E1 pode trazer dificuldades: isto se dá nos contextos mais opacos, nos quais a relação de L1 com os outros enunciadores é feita de maneira mais implícita, isto é, o L1 não marca tão explicitamente a relação dialógica, pelas cambiantes interpretações da relação que ele teria com outros enunciadores (Cortez, 2011a)⁷⁷.

⁷⁵ Falaremos do dispositivo de Responsabilidade Enunciativa (RE) mais detidamente adiante, nesta seção.

⁷⁶ “L1/E1” é a notação que utilizamos para nos referirmos ao youtuber científico gestor de PDVs.

⁷⁷ Quer dizer, em um determinado texto, não necessariamente o PDV do texto, ou PDV do L1/E1 será transparente, do início ao fim, pois o L1/E1 pode escolher se posicionar claramente apenas no final do texto – ao efetuar o

De todo modo, como assinala Faria (2015), é graças a esse sincretismo (L1/E1) que consideramos a possibilidade de um ponto de vista ser atribuído como *fonte* ao locutor (LOC), por intermédio de seu enunciador, afinal, o leitor, por meio das instruções do texto, desvenda o posicionamento do L1, pelo *modo como se articula a um ou outro enunciador*. Isto vale também para os outros locutores, no caso em que a fonte enunciativa de um ponto de vista é “encarnada”, ou seja, é um locutor, como no discurso reportado (por exemplo, l2/e2) (Faria, 2015).

A simbiose L e E, quanto ao principal (L1/E1), é esta da validação de um ou outro dos enunciadores convocados no mosaico de vozes. Como salienta Faria (2015, p. 67), “atenta-se, prioritariamente, à instância L1/E1, ou mais especificamente, sobre o ponto de vista e seu enunciador como o ponto de partida para as análises, associando-se o enunciador com o locutor enquanto tal ou enquanto ser do mundo”. A simbiose permite, nas análises, a vinculação entre L1/E1 e Responsabilidade Enunciativa, dispositivo que explicaremos mais detidamente adiante.

Além deste motivo, o desligamento L/E é necessário devido às situações em que o responsável pela enunciação como ato, o L1/E1 (patente de obter um E1) apenas *parece* aceitar determinado ponto de vista em um dado momento, mas modificando a sua posição depois (tanto em situações monológicas quanto dialogais). Tais atualizações exigem que enunciadores (eixo modal, das atitudes assimiláveis) e locutores (eixo dêitico) estejam em níveis diferentes, embora jogando entre si. Também há, é claro, os locutores *responsabilizados* (l2, l3, l4 etc.), que podem se combinar a diferentes enunciadores (Rabatel, 2004 apud Faria, 2015). Assim, a disjunção está na base das táticas de (des)responsabilidade enunciativa (desinscrições enunciativas, imputações, de que falaremos a seguir) e das formas muito variadas de se tomar um PDV para si, porque não necessariamente de maneira explícita (por exemplo, assumir um pdv de maneira protegida, como se o PDV não fosse *seu*, mas de uma autoridade, tal como acontece nos realces à atribuição de PDV a outrem). Trata-se das flutuações por meio das quais o locutor escolhe enunciar (Vion, 1998 apud Rabatel, 2013a).

Sistematizando essa questão das notações, temos que L1/E1 é a instância que se refere ao locutor primeiro (Rabatel, 2016a); é uma fonte (um L) que tem um PDV (E) encarnado, constituindo a fonte que é ponto de partida para as relações dialógicas com outros PDVs (Faria, 2015). L1 indica que essa instância desenvolve operações dêiticas, tornando-se responsável pelo ato de enunciação no *aqui* e no *agora*. O segundo componente faz essa instância ser também E1, porque ela é também referência de operações modais (responsável por um ponto

“esconde-esconde” (Rabatel, 2013a) –, assertando o PDV em que acredita, com firmeza, ou se posicionando em favor da probabilidade de um PDV, entre variadas opções de determinar-se em relação aos PDVs que põe em cena.

de vista, do enunciador 1: E1). L1/E1 indica que há sincretismo entre as duas realidades: um agrupamento de enunciador(es) a uma *instância-mundo* que fala.

No caso do nosso *corpus*, o L1/E1 é o divulgador científico que busca se contrapor à desinformação científica. Com isso, comparecem outras instâncias ‘falantes’ (ancoragens segundas, com seus pontos de vista) tais como I2, I3, I4, anotadas com a inicial minúscula porque não estão fisicamente presentes; se elas estivessem presentes (*alter ego* em situação dialogal), haveria uma atualização *dêitica* para L2, L3, L4 (Rabatel, 2016a; Rabatel, 2013a). Dentre esses locutores, entretanto, há os que não necessariamente polemizam com L1/E1, pois podem comportar pontos de vista *orientados* ao do L1/E1. Então, suas notações serão I2/e1, I3/e1, I4/e1 etc., valendo-nos de Rabatel (2013a). Usamos a inicial minúscula, em conformidade com essa teoria (2013a), porque esses locutores não estão presentes, sendo *representação* de L1; na verdade, eles estão linguisticamente em posição segunda, com a dêixis sendo calculada *em relação* a L1 (no plano dialogal e dialógico), visto que é L1 que mobiliza os I/e⁷⁸ citados, e não eles que se implicam na enunciação (Rabatel, 2013a).

Esse movimento de coorientação não será sempre o caso, evidentemente. É que os sujeitos mobilizados por L1/E1, nas interações em geral, podem ser sentidos como tendo pragmaticamente outros interesses. É o caso de nosso *corpus*, com os locutores/enunciadores oponentes sendo identificados como I2/e2, I3/e2⁷⁹ ou, simplesmente e2, a depender do caso: o enunciador (*e*) é também minúsculo, pois é pragmaticamente um outro (não assumido pelo L1/E1), tendo como base ser calculado a partir das coordenadas do *centro* L1/E1, e, além disso, é sem ‘I’ (letra *ele*), porque é um enunciador sem ‘I’, sem ancoragem em um ‘responsabilizado’ encarnado. Nos vídeos do nosso *corpus*, veremos que a preferência é por L1 sustentar um ponto de vista bem determinado, o da ciência (E1), contra os negacionistas científicos (e2).

A partir destas considerações sobre as movências do L1, que articula locutores (*dêixis*) e enunciadores (*modus*), fazendo-os falarem, exporemos, a seguir, a questão do pdv do *eu* e do pdv do *outro*; ou seja, assunção e imputação, respectivamente.

2.3 Os dispositivos de responsabilidade enunciativa

Para falarmos de imputações, devemos lembrar a premissa básica de que o PDV ao qual o locutor/enunciador se filia, tomando-o para si, não pode ser considerado um PDV originalmente criado por esse locutor/enunciador (Rabatel, 2016a). Sempre que o L1/E1 assume

⁷⁸ Abreviatura, neste texto, para locutor-enunciador ou locutores-enunciadores.

⁷⁹ O I3/e2 é o caso de um outro locutor segundo (que não é o I2/e2), um locutor que é coorientado a I2/e2.

o que lhe é conveniente *in loco*, ele, na verdade, vale-se das posições vindas de algum lugar, do (con)texto, mesmo que a superfície textual não dê suficientes indicações disto. Mas, de todo modo, o L1/E1, para assumir algo, pode retomar esse algo, na *mise en scène*, como já supostamente conhecido, via conhecimento compartilhado (Rabatel, 2016a).

Isto posto, e lembrando que os PDVs assumidos ou atribuídos são o enquadramento que uma *instância* subjetiva (enunciador com ou sem locutor) faz do *objeto* de discurso, temos que os dois dispositivos enunciativos básicos do PDV são a **responsabilidade enunciativa** (assunção ou tomar para si o PDV) e a **imputação** do PDV (Rabatel, 2016a). Se o sujeito não assume uma opinião, isso o leva obrigatoriamente à imputação (Rabatel; Chauvin-Villeno, 2006). E apagar-se da enunciação significa também transferir a responsabilidade a outra instância. Costurando com a noção de PDV, tanto imputação quanto RE são tipos de relação sujeito-objeto.

A imputação corresponde à situação de objetos sendo perspectivados pelo outro (conforme a representação do L1/E1). E a responsabilidade enunciativa (RE) é o locutor narrador tomando para si, de alguma maneira, o objeto (um pensamento, uma percepção, um evento etc.) (Rabatel, 2009).

No caso da imputação, a responsabilidade pelo PDV (que é atribuída) é *limitada*, porque a responsabilidade enunciativa, na verdade, depende de falar/dizer em seu sentido material (Rabatel, 2016a). Portanto, nesse caso, a responsabilidade enunciativa é tida como quase-responsabilidade, o mesmo que quase-RE e quasi pec⁸⁰ (Rabatel, 2016a); não podendo ser considerada uma ‘RE’, plenamente. Neste sentido, Rabatel (2009, p. 74, grifo do autor) esclarece que “a imputação é então uma PEC com *responsabilidade limitada*, pois é construída pelo locutor primeiro e atribuída por ele a um locutor/enunciador segundo, que pode sempre alegar que ele não é responsável de um PDV que o L1/E1 lhe imputou equivocadamente”.

Estamos cientes do cuidado conceitual a tomar quanto a determinar a *pec* (*prise en charge*) de locutores/enunciadores *segundos*, dentro da estabilidade com que lidaremos, nesta pesquisa, com os supostos enunciados de negacionistas (o e2), um outro que não fala fisicamente, mas ‘assume’ pec, uma hetero-pec⁸¹. Majoritariamente, eles não *falam*, mas suas percepções são representadas.

⁸⁰ Rabatel (2009) faz corresponder a abreviação ‘PEC’ – que, aqui, usamos como ‘pec’ a ‘responsabilidade enunciativa’, e, então, utiliza ‘Quasi PEC’ para a quase-responsabilidade. A literatura brasileira sobre o assunto tem utilizado os termos ‘RE’ como equivalente à referida ‘PEC’, e ‘Quase-RE’, para a ‘Quasi PEC’, que é a imputação enunciativa (Bernardino, 2017).

⁸¹ O PDV imputado será denominado também, em alguns momentos da análise, hetero-PEC ou hetero-PDV, entendendo-se o PDV atribuído a outrem como uma representação que é *construída* por L1.

Noção cara aos estudos enunciativos e discursivos, a *prise en charge* pode equivaler, apenas circunstancialmente, à RE (Faria, 2015). Isso desde que esses termos se refiram ao sujeito que realiza a *prise en charge* enunciativa. Neste raciocínio, o conceito de *prise en charge* deve ser reservado ao L, *maiúsculo*, quando da sua sincronia com um dado *e*, isto é, quando L aceita a verdade de um pdv (Faria, 2015). Efetivamente, a pec se define como esquema mínimo da enunciação, como algo derivado das máximas conversacionais (Rabatel; Chauvin-Vileno, 2006), o que remete à sinceridade do locutor sobre o que ele enuncia, enquanto produção na enunciação (para além do enunciado). Apesar da complexidade, por causa da controvérsia sobre a noção de *prise en charge*, podemos entendê-la como uma asserção da certeza e, portanto, como um fenômeno pontualizado no texto (Faria, 2015). É neste sentido que, em síntese, Rabatel e Chauvin-Vileno (2006), correlacionam a pec enunciativa à responsabilidade enunciativa, vindo Rabatel (2009) acrescentar no debate, ao definir a pec como em dissociação com a imputação (afinal, a imputação é restringida à noção de quase-pec).

No entanto, o entendimento principal é o de que RE e pec não se correspondem em termos absolutos, como bem explica Faria (2015, p. 23): “compreendeu-se a RE como um fenômeno mais abrangente, que engloba o texto como um todo, incluindo-se suas diversas operações enunciativas, diferenciando-se da PEC (*prise en charge*) que incidiria sobre o enunciado de modo mais pontual”. Como explica Faria (2015), a partir de Moirand, apesar de o termo ‘responsabilidade’ ser associado a ‘*prise en charge*’, eles não devem ser confundidos, uma vez que a responsabilidade enunciativa toma a responsabilidade como um fenômeno de ordem filosófica, ética e moral, mais abrangente que a *prise en charge* (Moirand, 2006 apud Faria, 2015). Melhor dizendo, a RE, enquanto noção filosófica, envolve a ética das práticas linguageiras (Moirand, 2006 apud Faria, 2015), portanto, ela vai além das asserções pontuais de sinceridade. No fundo, a RE é o critério que nos permite cobrar dos locutores a ética da responsabilidade discursiva, por cobrarmos as consequências dos seus atos locutórios, considerando a força pragmática desses atos no mundo (Moirand, 2006 apud Faria, 2015).

Devido a esse entendimento, *prise en charge* (pec) e responsabilidade enunciativa (RE) diferem. A RE corresponde às emissões do locutor/enunciador primário em seu modo de comprometimento, mas a RE é, também, o ato de orquestragem (o L como gerenciador), com o excedente de distribuir PDVs, assumir e imputar etc. (Rabatel, 2009). Tal excedente é explicado por Faria (2015, p. 75, grifo nosso) desta maneira: “enquanto a *prise en charge* é um fenômeno localizado *em um nível local*, no enunciado, a responsabilidade é mais abrangente, englobando: engajamento, apagamento enunciativo, imputação e mediativo”.

Findada esta explicação sobre a questão da *prise en charge* enunciativa, visto que ela circula também, de uma dada maneira, nos locutores/enunciadores secundários, voltemos às propriedades da imputação. Um conteúdo imputado poder ser representado, também, como PDV anônimo (o locutor/enunciador segundo em um estatuto mais implícito), como em enunciados do tipo “é possível dizer que...”, expressando opiniões tidas como comuns (Nascimento; Carvalho; Bernardino, 2012). Isto nos alerta para a possibilidade de imputação em um dizer *sem falas* (sem fala de ‘I’ ou ‘L’). Afinal, a teoria de Rabatel (2016a) prioriza o eixo *modal*, ou seja, a compreensão de que a RE não depende apenas de que sujeitos *locutores* se pronunciem admitindo uma verdade. Além do mais, existe pec, sim, na imputação (como ‘acordo’ de análise, uma quase-pec) devido à saturação semântica dos enunciados, ainda mais porque o L1/E1 tende a se posicionar quanto à pec imputada. Como diz Rabatel (2016a, p. 84), “o locutor não se contenta em pôr em cena enunciadores abstratos na fonte de um conteúdo oposto, negado ou pressuposto, mas os faz ‘assumir a responsabilidade enunciativa’ por intermédio de um sujeito do enunciado dotado de mais ou menos consistência”.

De todo modo, imputar é responsabilizar o outro, sendo que esse outro pode, em momento oportuno, reivindicar não estar comprometido com o PDV que lhe foi imputado, como dito precedentemente (Rabatel, 2009). Nesta esteira, Rabatel (2009, p. 73) pontua: “é esta *quasi PEC*, imputada a e2, que permite em seguida que L1/E1 se posicione em relação à posição enunciativa de e2”. Ou seja, defronte a imputação, L1/E1 (instância que inicialmente imputou) não necessariamente se desresponsabiliza do conteúdo delegado a outrem, visto que a imputação pode lhe ser proveitosa, como ponto de apoio à *sua* tese (do L1/E1), por exemplo (relações de acordo e desacordo; trataremos desses aproveitamentos na seção seguinte). Esse fundamento corrobora que é no apropriar-se dos espaços enunciativos que o locutor principal constrói o tomar para si (Rabatel, 2013a).

Em algum momento, o L1 poderá, sim, encenar a neutralidade, mas, apesar disso, a responsabilidade de algum locutor/enunciador (mais notadamente, a de L1/E1) sempre se revela, uma vez que a pec é a ‘sinceridade’ sempre cobrada, patente, como posição do L1/E1 (Faria, 2015). Portanto, embora haja imputação no texto, é possível identificar o posicionamento de L1/E1 relativo à percepção imputada a e2, por meio da forma como L1/E1 discorda e concorda, ou da forma como encena os dizeres e referentes (mesmo aparentando neutralidade), podendo perfeitamente a sua pec, bem delimitada, estar implícita (Bernardino; Nascimento; Batista, 2020).

Isso significa que, não importando a estrutura de um enunciado, são as relações interacionais de encontro e reencontro entre os enunciadores, no curso do texto – concordar,

afastar-se e revelar uma outra tese etc. – que fazem emergir a (quase-)responsabilidade enunciativa (Faria, 2015). Neste sentido, “a *responsabilidade enunciativa* se relaciona com o ponto de vista através da intervenção que se faz naquilo que se dá a ver nas interações, em outras palavras, de como L1/E1 se posiciona em relação ao discurso de outro” (Faria, 2015, p. 74-75, grifo nosso). Ora, mesmo que o L1/E1 se omita em relação à proposta de um outro, a *pec* não deixa de comparecer, pelos modos de intervenção do L1/E1, nos interstícios do dizer.

Existe uma característica exclusiva do dispositivo de RE. Conforme Rabatel e Chauvin-Villeno (2006), a RE é uma operação que não requer materialidade linguística específica. Afinal, a RE/assunção é pressuposta considerando-se que um L se une a um E para tomar posição frente às vozes do texto (Rabatel; Chauvin-Villeno, 2006). A simples construção dos objetos de discurso (referenciação) já aspectualiza as posições (E) de um Locutor (físico) quando o distanciamento não se materializa. Desta forma, não existem marcas *exclusivas* da responsabilidade enunciativa no sentido de assunção.

Já a *non prise en charge, non pec* (sinônimo de imputação), esta, sim, precisa ser marcada, por meio dos recursos que informem a imputação, como os verbos no condicional, os modalizadores etc. (Rabatel; Chauvin-Villeno, 2006), sinalizando o não-comprometimento por parte do narrador (locutor principal). Perguntamo-nos: que marcas linguageiras indiciam a desresponsabilização (a *non pec*) e, assim, podem nos ajudar a examinar as reações de L1/E1 frente a e2⁸² no nosso *corpus* (o que envolve, aliás, linguagem visual)?

Na verdade, mesmo a imputação não precisa ser marcada por instrumentos convencionais de atribuição/representação de PDVs, como o discurso relatado (Cortez, 2011b). Por exemplo, os processos referenciais de construção do PDV, como utilizado em pesquisas anteriores (Cortez, 2011b; 2011a), atestam o quanto a subjetividade se manifesta por toda sorte de material linguageiro, desde que este faça os contornos do *dictum* simultaneamente remetendo a uma fonte enunciativa outra (Rabatel, 2016a). É o que Rabatel (2016a, p. 104) sinaliza bem nas palavras a seguir:

Localizar um enunciador em um discurso implica buscar sua presença por intermédio da referenciação dos objetos de discurso (inclusive, talvez até sobretudo, na ausência de marcas do *eu-aqui-agora*) em seguida, precisar se o enunciador é o que está em sincretismo com o locutor/enunciador primário, ou, por falta, precisar a posição de L1/E1 a respeito dele (acordo, desacordo, neutralidade). A referenciação não é jamais neutra, mesmo quando os

⁸² Focamos no sujeito negacionista (e2) como zona de alteridade mais importante na análise, pois observaremos como o L1/E1 movimentará esse sujeito (parafraçando-o, comentando-o) para melhor se fazer credível (contra ele) nos vídeos. Não obstante, nesses vídeos, são convocados também enunciadores secundários alinhados a L1/E1.

enunciadores avaliam, modalizam ou comentam o menos possível (Rabatel, 2016a, p. 104, grifo do autor).

Comentar o menos possível corresponderia a formas indiretas de apresentação do pdv, pois uma ‘simples’ inserção do pdv de um personagem (de um enunciador secundário) pode exprimir, de maneira indireta (pela atualização aparentemente ‘banal’ dos recursos semióticos, tanto no cotexto quanto internamente à fala do personagem), o posicionamento do L1/E1, portanto sem a necessária intrusão explícita deste. A propósito, a referenciação será uma das marcas privilegiadas nos vídeos analisados nesta Tese, visto que referenciação e enunciação, solidárias entre si, entrecruzam-se como remetendo a *escolhas* de um *enunciador determinado*⁸³ (Rabatel, 2016a). O que está na base disso, na verdade, é que as marcas do pdv variam conforme o gênero e a situação de interação (Cortez, 2011b).

Com base nisso, serão contempladas categorias languageiras variadas, sensivelmente às demandas do *corpus*. Portanto, a análise dos dados (capítulo 4) contempla alusões a falas/percepções, tanto as entendidas como já ditas/pensadas quanto aquelas que seriam iminentes (pelas entonações, pelo uso da negação polêmica etc.), valorizando índices de polifonia (Ducrot, 1998) e do dialogismo em geral (Rabatel, 2016a), passíveis de captar o conflito dialógico. Tal abertura conceitual é prevista no edifício teórico rabateliano (Rabatel, 2016a), que abarca, com frequência, fenômenos como a evidencialidade e o discurso relatado.

Os modalizadores, notadamente, contribuem para o processo de informar as imputações e os modos de RE, mas principalmente marcando uma camada adicional de *prise en charge*: adicionalmente ao PDV imputado, revelando a *reação* de L1/E1 frente a isto; e, quanto ao PDV assumido, o engajamento em relação a esse PDV. Falaremos da modalização ao tratarmos da *prise en charge* do tipo 2, aquela do engajamento, na esteira de Desclés (2009), na seção 2.5.

Para entendermos os usos que o narrador faz do PDV alheio, nas suas táticas de hierarquização dos enunciadores, é mister comentarmos, ainda, os tipos de PDV: narrado, embrionário e assertado (Rabatel, 2016a). Essas três categorias resolvem a questão de: em que medida o PDV convocado ficará mais objetivante e marcada como ‘outro’ (+exterior), por exemplo, ou se essa voz tenderá a se aproximar muito mais do ‘eu’ (+interior), dialogando com

⁸³ Rabatel (2016a) ultrapassa a convencionalidade das formas enunciativas, esta sendo, aliás, a característica em Benveniste, com os índices do *eu*, do *aqui* e do *agora* (privilegiando a deitização). É por isso que, como já dito no parágrafo, as expressões de referenciação *são enunciativas*, na medida em que mostram e/ou desinscrevem sujeitos (sejam eles pouco ou muito saturados). É claro, os recursos convencionais, como o discurso relatado (percepções no segundo plano), não serão negligenciados. Enfim, a solidariedade referenciação-enunciação decorre também da complementaridade entre deitização e modalização, como forma de acesso aos PDVs (às subjetividades) (Emediato, 2022), segundo um entendimento de que a enunciação não se restringe à dêixis.

este quase como em um monólogo interior; ou se essa voz segunda alcançará o ponto de homologar uma percepção (asserar) ou não (Faria, 2015). Outra possibilidade é, a alguma dessas vozes, ser reservado um maior ou menor espaço de reflexividade (Faria, 2015). Como os enunciadores sem locutores não falam *strictu sensu*, essas formas de PDV requerem tal olhar, para uma descrição dos *ajustamentos de sentido com o outro* e as visadas que provêm dos usos que se faz do outro. Em síntese, PDV narrado, PDV representado e PDV assertado são três modos de verbalização do PDV que retratam focalizações internas deles (Rabatel, 2016a).

O PDV narrado/embrionário enfatiza o comportamento, a forma de agir, os *processos* de determinado enunciador (Faria, 2015). Não se realça o dizer dele (Faria, 2015). Assim, os fatos narrados, ligados a ele, dão-se conforme uma perspectiva independente do ato locucional (dos verbos de locução) (Faria, 2015). O PDV narrado caracteriza-se normalmente por menor debreagem enunciativa: o enunciador é tido como um ‘ele’ (mais afastado do ‘aqui’, isto é, do espaço do ‘citante’), estando nas condições do ‘então’ e do ‘alhores’ (Faria, 2015).

Já “no PDV representado observa-se maior debreagem enunciativa⁸⁴ do que no PDV narrado” (FARIA, 2015, p. 70, grifo nosso). O enunciador convocado, como focalizador de uma percepção, é trazido a uma maior presença, no ‘agora’. Obtém-se, aí, maior efeito de aproximação e de subjetividade, quanto à pregnância do focalizador (Faria, 2015).

O mais relevante é que estes dois, PDV narrado e PDV representado, são sempre PDVs imputados, pois os enunciadores não falam por si, sendo eles enunciadores-personagens apresentados como diferentes do locutor-narrador (Gomes, 2014). Se o locutor-narrador decidir aderir ao pensamento deles, isso será a problemática posterior, apenas, em um discurso.

O PDV narrado é mais particularmente relevante nesta Tese. Nessa modalidade, o locutor-narrador traz a perspectiva do personagem, mas, como vimos, não o delimita como estando em um espaço ‘próprio’, particular. Isto posto, o PDV narrado é a modalidade por meio da qual o narrador tenderá a *compartilhar* ponto de vista com o outro, por desejar *integrá-lo* ao seu discurso, tornando esse ‘outro’ uma instância à serviço do ‘eu’ (por exemplo, endossando o ‘eu’), ou amalgamada ao ‘eu’, para que este último desenvolva o PDV assertado (Rabatel, 2016a). Trata-se da estreita relação entre PDV narrado e empatia, devido à tendência de o PDV narrativo ser um contar dos fatos de partir de um dos atores do enunciado, havendo atribuições de processo mental e escolhas de verbos de movimento, por exemplo, que estabelecem um foco

⁸⁴ A debreagem enunciativa é a operação segundo a qual se marcam, de maneira mais explícita, no enunciado, os elementos da instância de enunciação (o contexto do evento de fala) (Maingueneau, 2001). Trata-se de enunciados que comportam os embreantes (a pessoa do enunciador, as suas apreciações, interjeições, interpelações ao destinatário etc.) (Maingueneau, 2001). O PDV narrado afasta-se muito dessa realização enunciativa.

de empatia (Rabatel, 2016a). Na seção 2.6, debruçar-nos-emos sobre esse conceito de empatia, de Rabatel, incluindo a relação disto com a grandeza pdv narrado.

O PDV assertado, por seu turno, materializa-se, na maioria das vezes, no discurso direto, com um *locutor* (não apenas enunciador) segundo responsabilizado por um discurso. A debreagem enunciativa, aí, é máxima, porque a subjetividade é representada mais visivelmente no seu *ego, hic e nunc* (Faria, 2015). Quanto às marcas, o discurso direto tende a ser acompanhado por aspas, dois-pontos e travessão, para exprimir a fala, opinião ou julgamento de um locutor que coincide com um enunciador (Faria, 2015). Os PDVs narrado e embrionário constituem uma experiência no monólogo interior de L1/E1, ao passo que o PDV assertado é estabelecido como asserção máxima (Faria, 2015).

Nesta pesquisa, conectamos o PDV assertado principalmente com o L1/E1, que é o divulgador científico, pois, na natureza do *corpus*, L1/E1 tem mais possibilidades se se engajar a uma das posições apreciadas ao longo do seu discurso monologal, marcando, a partir disso, comprometimento com uma ou outra das posições (tornando-a *sua*). Afinal, o PDV assertado “corresponde à expressão das falas, pensamentos, opiniões e julgamentos. É o ponto de vista dominante nos textos *argumentativos*” (Rabatel, 2001, p. 157 apud Gomes, 2014, p. 78, grifo nosso). Da imputação, qualquer que seja a configuração, dentre estas três, surge a posição de L1/E1, isto é, o seu direcionamento interpretativo a partir do outro (Cortez, 2011a).

Na esteira dos três tipos de PDV, L1/E1 pode modalizá-los. Desta maneira, o PDV imputado pode, sim, estar funcionando como um simples ‘informe’ para os leitores (uma imputação com visada informativa), mas pode, por outro lado, estar sendo um recurso no qual L1/E1 se ‘escora’ (imputação com visada argumentativa) (Rabatel, 2016a). O que a literatura sobre PDV (Rabatel, 2016a; Cortez, 2011a) aponta, aí, é a questão de como o L1/E1 representa o outro para, em seguida, particularizar a *sua* (do L1/E1) responsabilidade enunciativa. Isto é a exploração pragmática das imputações, que discutiremos a partir de agora (na seção 2.4), o que desemboca na questão das posturas enunciativas.

2.4 Exploração pragmática das imputações e posturas enunciativas

Como sabemos, a imputação é uma responsabilidade limitada, porque não conta com um validador do conteúdo proposicional atribuído. Mas a validação desse hetero-PDV, em não havendo um locutor para homologar tal PDV no plano fônico e escritural, isso pode acontecer por parte *do L1/E1*. Este, a partir do conteúdo imputado, pode apoiar-se argumentativamente no conteúdo imputado (por exemplo, ao tentar se credibilizar com base no discurso citado), ou

rechaçar, de alguma maneira, esse PDV, o que também sinaliza orientação argumentativa. Temos, aí, a exploração pragmática das imputações (Rabatel, 2016a). Ora, se há um PDV *do texto* (do narrador), ele é resultante de uma coconstrução, de um jogo dialógico com outros pdvs (Cortez, 2015). Dessa forma, L1/E1, a partir da responsabilização imputada a outrem, pode estabelecer relações de *acordo*, *desacordo* e *neutralidade* (Rabatel, 2009).

Se um PDV é inserido no discurso de L1/E1, nesse caso o reconhecimento (*a prise en compte*, o tomar em conta) é evidente. Conforme Nascimento, Carvalho e Bernardino (2012):

Isso, no entanto, não significa que L1/E1 irá se pronunciar sobre a validade desses PdV em seu discurso em um primeiro momento. Posteriormente, na medida em que L1/E1 demonstrar o reconhecimento do PdV de outrem é que veremos emergir sua posição e a manifestação de seu próprio PdV que, não necessariamente, estará em concordância com o PdV do outro (Nascimento; Carvalho; Bernardino, 2012, p. 246).

É nisto que reside os usos que se faz do PDV imputado, que irão, no curso do texto, revelar L1/E1 como subenunciador, coenunciador ou sobre-enunciador (Rabatel, 2017). Nessa ótica, um hetero-PDV ser uma quase-pec é algo produtivo, pois é justamente o que permite a façanha dos acordos, das discordâncias etc. (Rabatel, 2009; 2016a). Para Rabatel, é somente no interior da exploração pragmática das imputações que L1/E1 define se há acordo ou desacordo em relação ao PDV alheio, ou mesmo se há neutralidade quanto a ele (ou seja, considerar o PDV imputado sem tomar partido), o que supõe a diferenciação clara entre RE e imputação (Rabatel, 2016a). Trata-se de L1/E1 usar do hetero-PDV para os seus propósitos, integrando-o ao *seu* projeto de dizer, o que o permite formular o PDV do texto, do L1/E1.

Esse mecanismo separa a imputação com visada informativa da imputação com visada argumentativa; a visada sendo calculada por L1/E1 (Rabatel, 2016a). A primeira (visada informativa) sugere o efeito de neutralidade do L1/E1 a respeito do PDV imputado; é como se o L1 não precisasse ou não quisesse assumir por sua conta o PDV imputado. Consoante a Rabatel (2016a, p. 97, grifos do autor), “nos casos de uma visada informativa, a ‘neutralidade’ pode ser analisada, inicialmente, como levar em conta: esta incide sobre a *verdade do relato* da informação, *sem que seja necessário que L1 / E1 se engaje com a verdade do conteúdo proposicional relatado*”. A partir dessa ilusão de neutralidade configurada pela visada informativa quanto ao PDV imputado, o L1/E1 pode, como passo subsequente, sinalizar mais ou menos explicitamente a sua RE, em consonância ou não ao conteúdo imputado.

A exploração pragmática das imputações, como estamos mostrando (mostrar-se neutro, em acordo ou em desacordo), é L1/E1 fazer o movimento de determinar-se em relação ao PDV

imputado; ir ao encontro dele ou em contrariedade a ele. Ir ao encontro pode, como vimos, não significar concordância, adesão, devido à encenação de neutralidade (que é sempre provisória) advinda do modo como os dispositivos de RE estão arrançados.

L1/E1 poderá, inclusive, encenar uma RE compartilhada com um PDV imputado já apresentado em contexto precedente. Isso aconteceria, por exemplo, hipoteticamente falando, no caso de um youtuber científico que, após relatar diferentes intervenções farmacológicas contra a covid-19 (tipos de vacina e de medicamentos), na posição de ‘neutro’, resolvesse, na sequência, mostrar sua adesão a uma das opções. Por essa via, L1/E1 atualizar-se-ia em coenunciador, compartilhando o PDV tido como originário do ‘outro’. Falaremos dessas figuras (coenunciador, subenunciador, sobre-enunciador) detidamente mais adiante.

O que sustentamos até o momento é que o dialogismo interno pode partir de um PDV de com visada informativa. Mas, quando o locutor narrador integra o dito em seu discurso, por *prise en compte*, isso já deve ser entendido como significativo, para além da ideia de concordância ou discordância, pois esse movimento permite ao narrador o processo de rever a si mesmo (rever sua posição, sua RE) (Rabatel, 2016a), ser ‘invadido’ pelas percepções alheias. Além disso, o PDV imputado tratado na atmosfera de neutralidade convoca a espera (por parte dos leitores) pela RE do locutor que imputou (Rabatel, 2016a).

Por seu turno, nos PDVs apresentados com *visada argumentativa*, L1/E1 serve-se da informação mobilizada no PDV imputado *já de início*, como se já aceitasse a tese nele presente, mesmo que indiretamente (Rabatel, 2016a). Um exemplo de visada argumentativa é este:

Exemplo 1 (#1⁸⁵):

No que diz respeito ao ensino, *todo mundo concorda em dizer que existe um desacordo entre minhas posições e as de Ségolène Royal*.
(exemplo de Rabatel, 2016a, p. 98, grifo do autor).

Nesse enunciado, o L1/E1, que narra o evento, escora-se no PDV dos outros, apresentados como “todo mundo”. É como se L1/E1 dissesse: *‘não sou só eu que digo que existe um desacordo entre Ségolène Royal e eu’*. L1/E1 imputa esse ponto de vista, mas ao mesmo tempo concorda, usa o PDV alheio para apoiar a sua tese.

⁸⁵ Para exemplificarmos alguns conceitos sobre PDV e *prise en charge*, utilizaremos fragmentos do *corpus* de outros autores (como Rabatel). Usamos a cerquilha (#) para, de maneira resumida, designar cada exemplo – usar #1, #2, #3 e assim por diante economiza na referência aos exemplos. A adesão à cerquilha (#) baseia-se no uso feito por Motta-Roth e Lovato (2009), onde também o objetivo era subdividir um *corpus* segundo uma sequência numérica (#1, #2 etc.), em um caráter de subdivisão, porquanto os textos eram ligados a um mesmo escopo.

Aprofundando essa questão, temos que a noção de neutralidade (ligada à visada informativa), é problematizada por Bernardino (2015). A autora analisou a gestão dos PDVs em trabalhos científicos de estudantes de graduação, para identificar em que medida a voz autoral deles emergia. Ainda que o *corpus* da autora (2015) tenha revelado que, na maioria, esses estudantes se investem em acordo com o PDV imputado, os posicionamentos de *neutralidade* e de desacordo também aparecem. Entretanto, a neutralidade é concebida como *pseudoneutralidade*, pela autora, já que ela observou que essa encenação discursiva é um tanto *falsa*: os articulistas tendem a se situar em uma situação intermediária entre a assunção e a não assunção, mas que descamba para o crédito dado ao conteúdo tido como ‘dos outros’, pelas pistas do cotexto. O uso da terceira pessoa, para tal encenação, aponta para a ideia de opinião *comum*, de opinião *científica*, o que já configuraria uma posição (Bernardino, 2015).

Destarte, inspirando-nos em Bernardino (2015), conjecturamos que a neutralidade pode vir a ser uma forma de posicionamento de L1/E1. Ela não é o acordo ou o desacordo com a dimensão veridictória do PDV imputado, mas pode nos revelar mais das representações do L1/E1 envolvidas na *prise en compte*. Por exemplo, a depender dos fatores cotextuais e situacionais, ela pode ser a *escolha* do L1/E1 de ficar ‘acuado’ frente a outros PDVs. Transpondo essa reflexão para o nosso *corpus*, isso pode significar, por exemplo, uma provisória amistosidade com o negacionista (e2), com as consequências dessa escolha discursiva, como a de dar a entender a uma parte do auditório, a que cobra a seriedade científica, que esse divulgador fica ‘em cima do muro’, que ele não é assertivo e ético o suficiente na comunicação de temas sérios etc.

Essa questão do acordo, do desacordo e da neutralidade permite que a análise avance para as posturas enunciativas, uma vez que, entre os dispositivos que, a rigor, ‘separam’ as vozes (imputação e RE), os textos e a interação tendem a complexificar isto, pelos mecanismos de condução argumentativa do texto por parte de L1, reveladores de relações de dominância, de subordinação e até de harmonia entre os PDVs (Emediato, 2018a; Rabatel, 2017).

É o caráter movediço, oportunista, dinâmico de nossos posicionamentos nas interações, rompendo-se com a hegemonia do binarismo entre consenso e dissenso, como já anunciamos no capítulo introdutório desta Tese. O sujeito modal é um sujeito que se atualiza no discurso (que responde, que concede, que adere etc.; não apenas ‘submisso’, e tampouco uno e ‘poderoso’ sobre os discursos/PDVs), torna-se mais vantajoso examinar o *continuum* entre dissenso e consenso. Como argumenta Rabatel (2017, p. 202):

As interações são, por natureza, processuais e instáveis, e ao observá-las ao longo do discurso, vê-se que elas se deixam mal caracterizar como decorrente de uma maneira clara e bem identificada de uma forma prototípica de consenso ou de dissenso. Certamente, existem interações francamente consensuais ou dissensuais, mas na maioria dos casos, reina uma grande labilidade interacional em que consenso e dissenso tomam formas pouco animadoras (Rabatel, 2017, p. 202).

Desta maneira, as posturas enunciativas ajudam a compor a *prise en charge* de não importa qual instância enunciativa, pois submeter um sujeito à aliança ou ao distanciamento epistêmico com outra instância significa marcar a *atribuição* de um PDV (imputação) de uma determinada forma ou de outra, mostrando as *formas* de (não-)adesão. Assim, o locutor principal dá existência a diferentes instâncias e naturalmente as hierarquiza, na medida em que delega modos de *prise en charge*, hierarquização esta que traduz relações co-orientadas ou antiorientadas (Emediato, 2022), o que reverbera a gradualidade do dissenso-consenso.

Esse fenômeno é chamado de **posturas enunciativas**: elas correspondem às operações de coprodução dialógica e cognitiva do PDV entre duas instâncias subjetivas (Rabatel, 2013b). As posturas enunciativas são a consonância e dissonância entre os PDVs, estando L1/E1 em algum lugar dessa relação dialógica com os seres intradiscursivos (Rabatel, 2017), e estes, também posicionados sob alguma perpendicularidade com o L1/E1. Afinal, o L1/E1 é o ponto de ancoragem para a hierarquização dos PDVs (Rabatel, 2013b). Para comentarmos cada uma das posturas, apresentamos o Quadro das posturas enunciativas (Figura 4, na sequência), elaborado por Rabatel e exibido em diferentes versões (Rabatel, 2013b; 2017), mas optamos, aqui, pela esquematização feita por Albé (2018, p. 49) com base nessa teoria.

Figura 4 – Quadro das posturas enunciativas

Concordância concordante	Concordância discordante	Discordância concordante	Discordância discordante
Consenso ←		→ Dissenso	
Coenunciação de um PDV partilhado	Sobre-enunciação de um PDV dominante	Subenunciação de um PDV dominado	Enunciação de 2 PDVs opostos

Fonte: Rabatel (2013, p. 173 apud Albé, 2018, p. 49).

Então, segundo a Figura 4, além do dissenso (discordância discordante), temos a **coenunciação** (a primeira relação, da esquerda para a direita), que constitui “a coprodução de um PDV comum e compartilhado por dois locutores/enunciadores” (Rabatel, 2013b, p. 174). É quando os PDVs estão em simetria: dois ou mais locutores/enunciadores estão em sintonia quanto ao PDV, compartilhando a mesma perspectiva.

A postura de coenunciação é o que teríamos de mais próximo de um consenso dentro da relação dialógica entre enunciadores. Ela é a *concordância concordante*, expressão usada por Rabatel (2013b) para assinalar a *verdadeira* concordância, pois o sujeito pode concordar valendo-se de outros matizes: concordar apenas até certo ponto ou mesmo valer-se do PDV da alteridade, mas enriquecendo-o, não totalmente satisfeito com a hetero-pec (que são as outras posturas). Assim, enquanto a concordância concordante iguala mais os sujeitos entre si enunciativamente, as outras (as próximas de que iremos falar) formas de concordar são parciais ou envolvem algum *incômodo*, algum desajuste e tentativa de reajuste defronte a alteridade.

Além disso, a literatura aponta que, nas interações, de modo geral, a concordância concordante tende fortemente a, *a posteriori*, transformar em desigualdade essa relação que, em um primeiro momento, é de dois enunciadores convergentes em relação a um PDV (Rabatel, 2013b). Com isso, o provisório equilíbrio enunciativo é frequentemente abalado pela interferência das relações dissimétricas (subenunciação, sobre-enunciação, dissenso).

Nisto, entram as outras posturas, os estágios intermediários entre o consenso e o dissenso. Na **subenunciação**, discordância concordante, o locutor/enunciador enuncia um PDV dominado por outrem (Rabatel, 2013b). É a coprodução de um PDV dominado do L1/E1 (Rabatel, 2013b). Não é o L1/E1 que está em domínio, quando ele subenuncia um dado PDV em seu texto. Subenunciação é o caso quando a percepção de L1/E1 *se rebaixa* por causa de um pdv dominante/sobre-enunciador, tomando com certa distância o PDV vindo deste último (Rabatel, 2013b). Uma vez havendo uma diferença entre os sujeitos, o que pesa muito, ao fim e ao cabo, é a concordância do L1/E1 ao l2/e2 (ou e2) ao qual adere.

Assim como a coenunciação (concordância concordante), a subenunciação está no âmbito da consonância (Rabatel, 2013b). Nas duas posturas enunciativas, é preservada a *convergência* dos locutores/enunciadores na construção de um dado objeto de discurso.

Não obstante, na subenunciação, o acordo tem um direcionamento interpretativo (uma visada) especial sobre o PDV compartilhado: aquele em benefício do PDV alheio (Emediato, 2022). Muitas vezes, a subenunciação é instaurada porque o locutor subenunciador considera que os e2 são fontes evidenciais o bastante (Emediato, 2022). Por isso, ele se contenta em apenas citar ou aludir a elas, para fazer valer a *prise en charge*; sem modalizá-las, sem

problematizá-las. Neste caso, parece-nos que o L1/E1 *decide* se subordinar. No entanto, como alerta Emediato (2022, p. 325), “é necessário distinguir quando se trata de uma dominação imposta ou escolhida”. Pois a sustentação de um PDV compartilhado pode advir, por um lado, de representações sociais, mas, por outro, de cálculos estratégicos por parte de quem subenuncia. Esse segundo caso é quando, por exemplo, L1/E1 suspeita que o PDV invocado não é dos melhores, mas não tem certezas quanto a como redirecionar os sentidos a partir dele. Com isso, tal L1/E1 considera conveniente ser um subenunciador. Neste caso, a subenunicação familiariza-se com o *distanciamento* enunciativo, mas um distanciamento ‘cômodo’ (Faria, 2015). Por outro lado, pode ser que o subenunciador não se dê conta de que ele está atravessado por um sobre-enunciador, o qual representa uma opinião pública, uma doxa, que garantiria elementos veridictórios (Emediato, 2022).

Agora no âmbito das divergências, mas mantendo certo nível de consonância entre enunciadores, existe a postura de **sobre-enunicação**, que é a concordância discordante, terceiro item da esquerda para a direita, da Figura 4. Basicamente, o L1/E1 que se vale do PDV alheio, nesse caso, vai na mesma direção deste, mas busca instaurar uma diferença, reorientando os valores do PDV imputado, um ‘PDV de suporte’. Neste caso, sim, podemos falar de um sujeito que se faz mais ‘criativo’ diante da fala alheia. Nos termos de Rabatel (2013b), a sobre-enunicação caracteriza-se como a coconstrução desigual de um PDV dominante, com L1/E1 constituindo uma verdade que *domina* face aos enunciadores em consonância com ele.

Segundo Emediato (2022, p. 322), “a postura de sobre-enunicação é definida como uma expressão por um locutor primeiro (L1) de um ponto de vista dominante reconhecido por outros enunciadores”. Nesta esteira, o PDV do L1/E1 se impõe como universal, ainda que com a ajuda de PDVs imputados, os quais, aliás, conferem força ao L1/E1, tornando-o um fiador (Emediato, 2022).

Por exemplo, para endossar uma afirmação, é costumeiro o emprego de fórmulas como *estudos científicos já dizem que..., sempre foi assim, tradicionalmente*; isto é, recorrer a esses enunciadores ‘fortes’ (enumerados, acima, em itálico), para fortalecer a ideia que o locutor quer transmitir. São, tais enunciadores, fontes enunciativas em proveito do sobre-enunciador (Emediato, 2022). Isso porque o L1/E1 apenas aparentemente se apaga enunciativamente. Na realidade, ele impõe o seu PDV, visto que não reproduz *estudos científicos* com reservas. Com isso, o L1/E1 coloca-se enunciativamente como sobre-enunciador, valendo-se dessas instâncias modais para defender enunciações que supõem a aceitação de outros enunciadores.

Mas o sobre-enunciador não se verifica somente nesta forma discursiva. É possível também que L1/E1, gestor das vozes, represente certas posições como explicitamente

dominadoras, enquanto outras são moduladas sob menor assertividade. Não é que as dominadoras apareçam quantitativamente mais no texto, mas que o sobre-enunciador emerge através de artifícios da modalização (*já* disseram, ela *assevera* etc.), da indeterminação impessoal, das generalizações etc. (Emediato, 2022). Afinal, dizer que *todas as pesquisas científicas* apontam para determinada direção (generalizar, e de maneira um tanto impessoal) e, depois, demonstrar validação desse conteúdo por meio de outros instrumentos enunciativos, leva à construção de um sobre-enunciador. Isto é, “o locutor pode colocar certas fontes enunciativas como dominadas, pode associar-se a outras (coenunciador) e colocar-se como sobre-enunciador em relação a ele, seja ao colocar-se em uma postura de sintetizador, seja como crítico e avaliador, palavra final etc.” (Emediato, 2022, p. 323). São endossos estratégicos do L1/E1 construindo a figura de sobre-enunciador.

Nessa lógica de dar a palavra final, como sobre-enunciação, tendem a aparecer nessa postura recursos de reformulação do conteúdo imputado e de mudança de sua visada (Rabatel, 2013b; Emediato, 2022). Por exemplo, em textos de divulgação científica, como os verificados por Albé e Giering (2017), a reformulação, pelas palavras do jornalista citante, dos sentidos de um discurso citado instaura a sobre-enunciação, movida pela intenção comunicativa de didatizar o PDV *coproduzido* (ao qual o jornalista adere, mas a partir do qual avança), condizentemente aos fins de popularização da ciência (Albé; Giering, 2017).

Antes de prosseguirmos para a última postura enunciativa (a do dissenso), convém destacar, uma vez mais, a característica dupla face das posturas de coenunciação, subenunciação e sobre-enunciação, todas elas sendo *compartilhamento* do PDV (é o que as une). As posturas envolvem atribuições também à instância secundária, não dizendo respeito somente ao L1/E1. Outra ressalva nessa teoria é a de que as posturas enunciativas devem ser vistas como grandezas que se interseccionam e se alternam no texto de acordo com o desenvolvimento do debate de PDVs e de acordo com as finalidades pragmáticas (ou restrições situacionais) do L1/E1 (Rabatel, 2017). Assim, um subenunciador (por exemplo, evocado em um discurso relatado) pode, tranquilamente, tornar-se coenunciador em um segundo momento do texto. Entrar em consonância ou em dissonância implica ao locutor/enunciador refletir sobre o valor dessas posições outras, dentro da perspectiva de reflexividade ativa (Rabatel, 2017). Os lugares enunciativos são instáveis, conforme as finalidades e gêneros discursivos.

Aliás, Rabatel (2013b) não enxerga que um dado gênero ou uma finalidade, pela sua natureza, vá definir as posturas, a postura ‘do texto’ ou nele predominante. Porém, o gênero é, sim, um fator de regulação e limitação das posturas enunciativas em virtude dos propósitos comunicativos permitidos por ele (Rabatel, 2013b). Portanto, cabe perguntar, compativelmente

ao objetivo desta Tese: que posturas enunciativas parecem mais experimentadas nos vídeos do nosso *corpus*? Pelos aspectos da situação de interação (capítulo 2), bem como pelo estudo piloto (Zandonai, 2022), antevemos que esse discurso de *débunkage* não se mantém apenas na coenunciação, pois os youtubers expressam o *desacordo*, às vezes até de maneira indignada.

Essa atuação enunciativa classifica-se como **dissenso (discordância discordante)**, caracterizando-se como o extremo oposto do consenso. Nas palavras de Albé (2018, p. 49), o dissenso “emerge da expressão manifesta e explícita de dois PDV opostos” (Albé, 2018, p. 49). O antagonismo torna-se, então, mais evidente. Nas análises, em o dissenso aparecendo, o relacionaremos com a polêmica, segundo a teorização de Amossy (2017a), e com determinadas visadas patêmicas, como a indignação⁸⁶, como uma maneira de melhor caracterizar a discordância discordante no *corpus*, até porque ela é pouco descrita entre os autores que tratam de Responsabilidade Enunciativa, em comparação com as outras três posturas enunciativas.

Como mencionado, o dissenso é bem evidenciado no gênero de webvídeos do nosso interesse aqui. No vídeo (texto monologal e multimodal) analisado no período de exploração do *corpus*⁸⁷ (estudo piloto), o divulgador Pirula (2020a), por exemplo, respondendo a polêmicas a propósito da pandemia de covid-19, faz, em um dado momento do vídeo, uma *correção* do PDV imputado (do oponente), marcando o dissenso frente a ele. O PDV do qual Pirula discorda frontalmente é o que sugere que os dados dos boletins oficiais sobre mortes por covid-19 estão *superestimados*, ao passo que o PDV do Pirula é o de que esses dados, mais plausivelmente, estão *subestimados*, devido aos problemas de governabilidade da época (Pirula, 2020a). Não apenas a heterorreformulação atua no dissenso: observamos, a partir dos comentários sobre essa imputação e, sobretudo, na formulação do PDV contrário (RE discordante), atitudes paraverbais e corporais (como a ênfase da entonação) exprimindo a emoção da perplexidade por parte do divulgador (Zandonai, 2022). Isso indicia o quanto a polêmica está em jogo na postura de dissenso e o quanto as emoções são um critério relevante para a análise.

Considerando que o funcionamento enunciativo intradiscursivo está no centro de visadas argumentativas, então, a contingência de os sujeitos assumirem determinadas posturas deve ser entendida como modos de eles angariarem uma *imagem de si* no discurso; ainda mais levando em conta que essas posições são axiologizadas socialmente, pela sua correspondência

⁸⁶ Essa emoção é coerente com a postura de dissenso, visto que ela está atrelada à tópica da *antipatia*, na perspectiva teórica de Charaudeau (2010). Trataremos melhor das emoções na seção 2.6, deste capítulo.

⁸⁷ Trata-se do vídeo intitulado “É puro alarmismo?”, do canal do Pirula (Pirula, 2020), e pode ser acessado aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=I6v13msovcM>. A análise está disponível em Zandonai (2022). O vídeo tem como objetivo fazer-crer que as previsões científicas sobre o espalhamento do SARSCov-2, à época, não são alarmistas, mas, sim, embasadas cientificamente (Pirula, 2020).

com posições no meio social (Emediato, 2018b). Portanto, uma análise que explore as posturas pode ser bem costurada com a questão do *ethos*, além do *pathos*, como se prenuncia nos comentários anteriores sobre as posturas. É o que já estamos testando, ao observarmos, por exemplo, que as concessões, por parte do youtuber científico (coenunciando com o negacionista), sugerem um *ethos* de democrático perante esse enunciador outro.

De modo a termos materialidade textual para darmos conta tanto da pragmática das imputações (neutralidade, acordo e desacordo) quanto dos papéis simétricos ou dissimétricos entre enunciadores (posturas), valemo-nos da noção de **engajamento**, em conformidade com Rabatel (2009) e Alrahabi e Desclés (2009), tema da próxima seção (2.5).

É que existe um nível inicial de pec, como já vimos antes: o enunciador efetuar uma simples *prise en charge* do conteúdo predicativo (Alrahabi; Desclés, 2009). Contudo, existe a possibilidade também de o sujeito assumir a relação predicativa com uma posição que *realce* o valor de verdade dessa posição. Logo, o PDV (a verdade, a pec do PDV) adquire valores ‘a mais’: valor deôntico, epistêmico, apreciativo etc.

A primeira noção de *prise en charge* será designada por nós como *primeira camada de pec* ou *camada 1 de pec*, referindo-nos ao tema básico do PDV (nos parâmetros do que já foi mostrado até aqui, na fundamentação teórica). Essa noção de pec contempla a ideia de que toda asserção, afirmativa ou negativa, é uma *prise en charge* de seu enunciador (Laurendeau, 2009 apud Faria, 2015). Essa pec 1 corresponde ao esquema mínimo da enunciação simples, que faz o locutor/enunciador que profere o [EU – DIGO] ser o responsável por esse ‘eu digo’. Mas tal conteúdo emanado de si não significa engajamento.

Já a *segunda camada de pec*, da qual nos ocuparemos a partir de agora (seção 2.5), e que estamos introduzindo neste momento, corresponde a comprometimento, a força ilocutória, referente ao locutor/enunciador que *se engaja* no PDV que ele sustenta (Rabatel, 2009). De fato, Rabatel (2009) distingue “pec” de “engajamento”. Também designaremos essa operação de *segunda camada de pec*, ou *camada 2*, entendendo-a como engajamento explícito. Ela corresponde à referida atitude de realçar o valor de verdade da posição (Alrahabi; Desclés, 2009). É quando o sujeito aparece investindo-se mais no PDV, que já é uma pec. Isto posto, a segunda camada (engajamento) é dedicada às operações modais realizadas *sobre* a relação predicativa – seja imputada seja assumida –, modulando uma pec ‘básica’.

2.5 As operações de engajamento (modalização)

Tratar dessa grandeza – engajamento/pec explícita – é dar conta das nuances diversas que engajam os sujeitos frente ao PDV. Se um sujeito se faz subenunciador (por exemplo, um pesquisador citado pelos jornalistas em uma revista de DC), é porque determinadas instruções modais modulam o PDV desse pesquisador de maneira a *subordiná-lo*; e não importa se esse pesquisador é quem *prend en charge* pela primeira vez o PDV. É o que acontece no Exemplo 2, da reportagem de divulgação científica intitulada *A verdade sobre o glúten*, na qual os divulgadores científicos (L1/E1) sobre-enunciam o PDV do médico William Davis (I2/e2). Reproduzimos este trecho a seguir, para averiguarmos a pec engajamento.

Exemplo 2 (#2):

“Não há um só sistema no organismo que não seja afetado pelo trigo”, *ataca* Davis. “Da fadiga à artrite, do desconforto gastrointestinal ao ganho de peso, todos [esses males] têm como origem o alimento, de aparência inocente, que cada um de nós come todas as manhãs”, acredita. Por essa tese, o trigo pode estar nos fazendo mal – e ser o grande responsável pela epidemia de obesidade no mundo (que não é apenas uma questão estética, pois está ligada a uma série de doenças graves, como problemas cardíacos). (Pandolfi, 2014, p. 31 apud Albé; Giering, 2017, p. 285, grifo nosso).

Para que William Davis (nomeado apenas como “Davis”, no trecho) torne-se subenunciador, e a instância jornalística, sobre-enunciador, entra em jogo o comentário parafrástico que se inicia em “Por essa tese [...]” (até “cardíacos”), onde L1/E1 acrescenta sentidos sobre o conteúdo veiculado no PDV imputado, apresentado entre aspas. Mas, além da paráfrase, também o verbo “atacar”, na primeira linha da nossa citação, como verbo de atribuição de dizer a I2/e2, mostra a interferência sobre-enunciadora de L1/E1. Esse verbo atribui um tipo de *atitude* a esse I2/e2. William Davis é representando não apenas como sujeito que *prend en charge* o que disse (dizer que o trigo é a causa de grandes males, como a obesidade), mas é representado como “atacando” (operação enunciativa de *prise en charge* 2), ao dizer isso. Assim, seria ingênuo dizer que William Davis (I2/e2) apenas tem sua voz ‘incluída’ no discurso de L1/E1, que ele apenas *prend en charge* (como RE limitada) o conteúdo aspeado. Por consequência, o verbo “atacar” é passível de ser examinado coerentemente à luz da *segunda camada de pec*, o que é relevante no âmbito das posturas enunciativas. Podemos dizer, aí, que L1/E1 conceptualiza que este I2/e2 investe-se *axiologicamente* no pdv. Enfim, o PDV imputado no #2 não é só uma simples hetero-pec, o que nos convida a uma estruturação analítica da pec à luz das operações de engajamento.

O trabalho de Rabatel (2016a; 2009) supõe, como já visto, que a RE se estende também a locutores/enunciadores segundos. Desta maneira, o engajamento se estenderia aos e2 (como é o caso de Davis, no #2), tendo em vista o papel enunciativo de L1/E1. Consequentemente, a pec atribuída a e2 pode ser modulada quanto ao seu teor de verdade. Isso é válido, é claro, também para L1/E1 (figura prototípica da RE), por poder se representar como mais sensivelmente comprometido com o PDV assumido ou coproduzido (comprometido epistemicamente, deonticamente etc.). Isso é de capital importância para detectarmos as posturas enunciativas no nosso *corpus*, reconhecendo as visadas discursivas do L1/E1.

Em suma, a noção de **engajamento** (Rabatel, 2009; Desclés, 2009), bem como suas operações – a serem explicitadas a seguir, com base em Desclés (2009) –, contribui na exploração pragmática das imputações e nas posturas enunciativas, como construção dirigida das interpretações sobre os PDVs, ligadas à argumentatividade. Como salienta Cortez (2011a):

O estudo do pdv permite vislumbrar não apenas a relação sujeito-objeto, mas a relação sujeito-objeto-sujeito. Nesse sentido, os enunciadores segundos são postos em relação a partir da maneira como o locutor/enunciador primeiro *interpreta* a compreensão que esses enunciadores têm de um determinado objeto (Cortez, 2011a, p. 38, grifo nosso).

O terceiro sujeito dentro da expressão “sujeito-objeto-sujeito” é o L1/E1 que se investe sobre o pdv imputado, mesmo este já contendo o ‘sujeito + objeto’, isto é, os ditos de um e2 e a fonte e2. O fato de o gerenciamento dos PDVs não se restringir a ‘sujeito + objeto’ corrobora o papel da modalização e do engajamento, que tributa a L1/E1 o papel de narrador⁸⁸ que matiza os dizeres, seja imputados seja assumidos – como o narrador, L1/E1, no nosso #2.

Com essas aspectualizações *incidindo sobre* a focalização em RE simples, a gestão dos PDVs envolve – coerentemente, na teoria rabateliana – o engajamento, a segunda camada de pec, enquanto pec ‘mais marcada’, que modula a assertividade. Rabatel (2019) elucida esse quadro, ressaltando que pec e engajamento não se confundem, caso se tome engajamento na acepção de força ilocutória. Dessa forma, pode existir pec com ou sem engajamento (Rabatel, 2009), como mostram igualmente Alrahabi e Desclés (2009).

Com isso, um youtuber científico, na sua fala, pode enunciar o seu PDV, via [EU – DIGO] (pec), e, adicionalmente, pode comprometer-se quanto ao conteúdo (engajamento), expressando-se com uma fórmula do tipo [EU DIGO (QUE É VERDADE)], valendo-nos aqui também dos termos de Desclés (2009) em sua explicação de *prise en charge*. O primeiro caso

⁸⁸ Em situações monológicas, é claro, como os exemplos que temos mostrado preferencialmente aqui.

de pec equivale a crer, mas sem assegurar, enquanto o segundo é crer e assegurar o dito (Desclés, 2009). Nos termos de Rabatel, a diferença é que no primeiro caso, há uma pec com baixa força ilocutória, o que não significa, porém, ausência de pec, ao passo que no segundo exemplo – [EU DIGO (QUE É VERDADE)] –, maior é a força ilocutória (Rabatel, 2009).

O impacto analítico disto é que o locutor/enunciador poderá, uma vez estando associado a um PDV (a uma pec), relacionar-se com esse conteúdo por meio de diferentes graus de engajamento, inclusive com distanciamento (Rabatel; Chauvin-Villeno, 2006). Por exemplo, o L1/E1 pode situar a alteridade como instância subordinada ou dominante – a ele, L1/E1, mas também a outros enunciadores convocados –, ou pode, ainda, indicar que o PDV evocado é *informativo* (a posição de neutro), o que também depende de modalização⁸⁹.

Isso nos conduz a conferirmos, agora, os tipos de pec, propostos por Alrahabi e Desclés (2009) e Desclés (2009), tipos que, no fundo, são possibilidades de modalização. Com esse instrumental, as diferentes tonalidades de engajamento criarão diferentes *status* para as instâncias, hierarquizando-as. Antes de passarmos em revista as **operações enunciativas de *prise en charge* por um enunciador** (Desclés, 2009), cabem quatro ressalvas: primeiro, é importante pontuar que essas operações são apenas uma camada *a mais* do PDV, não contrariando a primeira dimensão de pec do PDV.

Segundo ponto: Alrahabi e Desclés (2009) e Desclés (2009) analisam essas operações de engajamento em enunciados de DRD, discurso relatado direto. Valorizam, a exemplo, os marcadores de discurso relatado (‘*José diz...*’; ‘[...] *diz José*’) que assinalam o ato de linguagem de assumir o conteúdo dito por I2 (Alrahabi; Desclés, 2009). Contudo, no contexto da presente Tese, as operações de gradação na força de engajamento estão para além da DRD. É o que comprovamos por meio do Exemplo textual a seguir (Exemplo 3, #3), de um discurso do divulgador científico Atila Iamarino (Canal, 2020). O trecho todo compreende um conteúdo assumido (RE) por Atila (L1/E1), contudo, ele se engaja nesse PDV pelo viés da baixa certeza (o faz neste momento específico do vídeo, #3). A baixa certeza materializa-se por um verbo modalizador no enunciado de *assunção*, e não em um enunciado de discurso relatado.

⁸⁹ Neste caso, os recursos modais precisariam indicar que o PDV imputado se determina como aquele apenas merece ser relatado, ou que é remetido a única fonte possível até o momento, não havendo a conveniência de o L1/E1 determinar-se claramente em relação a ele.

Exemplo 3 (#3)⁹⁰:

3 m 5 s
Então, a vacina de ebola, que até onde eu sei, é a vacina que correram mais rápido pra desenvolver ela. Pode ((franzindo)) ter outras, >eu espero que deixem aí nos comentários se tiver<, mas essa que eu tenho notícia é a mais rápida. E ela levou cinco anos pra ir a mercado, certo?

(Canal, 2020).

Este enunciado pertence a um contexto maior no qual Atila Iamarino (L1/E1) busca refutar as esperanças (de e2) de soluções imediatas (dentro de 2020) para a covid-19, defendendo a implausibilidade de curas próximas. O argumento para isso é o de que a vacina do ebola é o único exemplo de vacina produzida com maior rapidez – de 2014 até 2019 –, o que deveria servir de parâmetro para todos aceitarem a demora para a verdadeira medida contra a covid-19: a vacina. Entretanto, ao proferir essa ideia, L1/E1 permite-se a incerteza (“*pode ter outras [vacinas mais rápidas]*”), ao enunciar que a vacina para o ebola foi a mais rápida que a humanidade alcançou. Abre a possibilidade que alguém o conteste, que alguém reenuncie o PDV Atila. Essencialmente, L1/E1 se engaja no PDV pelo viés da incerteza, e o faz no PDV assumido, não no DRD. O engajamento de incerteza está, na verdade, em uma assunção pretensamente compartilhada, entre locutor e alocutários presumidos, pois a ideia de que a vacina do ebola foi a mais rápida é tida como uma opinião *comum* (para desestimular a esperança em uma vacina *rápida* para a covid-19), até que alguém conteste L1/E1 *a posteriori*.

Nosso *corpus* preliminar apresentou, então, esses subjetivemas que modulam a verdade dos PDVs, como quando o youtuber tenta ser amistoso para com outra instância. Com isso, subjetivemas em geral parecem poder funcionar como pontos de acesso para a força de engajamento frente ao PDV. Como aponta Emediato (2022), a integração da modalização à análise do funcionamento enunciativo interno oportuniza-nos boas consequências interpretativas sobre a orientação argumentativa (o projeto de influência):

A modalização é um fenômeno enunciativo de grande relevância para a análise e compreensão dos discursos sociais, o que justifica integrá-la como um nível da descrição fundamental do funcionamento enunciativo e, de modo mais amplo, ao processo argumentativo. Isso porque a modalização também se inscreve em uma problemática da influência (Emediato, 2022, p. 251).

⁹⁰ Esse trecho pertence ao vídeo “*Live 20/03 – O que o Brasil precisa fazer nos próximos dias #FiqueEmCasa*” – , em que o youtuber Atila Iamarino visa a desconstruir as esperanças de uma parte do auditório (o e2), instância que minimizava a gravidade da situação pandêmica, à época, confrontando, assim, as diretrizes de cientistas e autoridades. A finalidade do vídeo era alertar para o cenário de 1 milhão de mortes por covid-19, dentro de um curto prazo de tempo, caso não fossem tomadas medidas drásticas (Canal, 2020).

Um terceiro aspecto (outra ressalva) da proposta das operações de engajamento (Desclés, 2009) é que elas têm uma categorização diferenciada se se referem aos sujeitos do plano dialógico principal (enunciador e coenunciador, interagentes) ou às instâncias mais internas, do polo dialógico relatado (o locutor e seu colocutor, conforme seu aparecimento por DR). As categorias mudam pela especificidade de um ou outro polo. Mas, nesta Tese, tal diferenciação não será aplicada, porque, no nosso *corpus*, o colocutor negacionista ('l2/e2' ou mesmo 'e2') coincide em muito com um coenunciador (do dialogismo externo) que teria, por pressuposição, o estatuto de alocutário. A figura l2/e2 (ou e2) é do dialogismo interno, mas, nos devidos contextos, é insinuado, por L1/E1, como espectador. Seguramente, essa diferença será tratada *in loco* na análise, mas não a ponto de reservarmos, de antemão, categorias diferentes para quando o e2 é convocado como alocutário e para quando é apenas integrado por meio de dizeres representados. A única diferenciação será adotar 'l2/e2' para imputações que se aproximam de um discurso relatado, e 'e2' para quando elas são de instância não encarnada.

Aliás, o fato de Desclés trabalhar com a noção de *colocutor* e, ainda, com a noção de *coenunciador* em clara incompatibilidade com o quadro teórico de Rabatel levantaria a questão: por que, nesta Tese, propomos a relação entre os dois autores, se há fragilidade nessa convergência? Isso corresponde à nossa quarta ressalva, que convém esclarecer neste momento, antes de focarmos nas operações de engajamento (*pec 2*) (caracterizadas, devidamente, a partir do próximo parágrafo). Estamos entrelaçando Desclés e Rabatel, mas estando nós, aqui, cientes da dissidência; senão vejamos. Por um lado, Desclés (2009) trata a instalação do ato enunciativo como a fundação necessária de um EU como sujeito enunciador, frente a um TU, coenunciador (Desclés, 2009). Mas *coenunciador* tem outra conotação para Rabatel (nas posturas enunciativas), além de que essa funcionalidade do EU – que, em Desclés (2009), *assume diretamente* a relação predicativa – é algo que complica a simultânea sustentação dos simulacros do L1/E1 (em Rabatel, 2016), no eixo da modalização, que 'borram' o eixo da deitização. Em Rabatel (2017), há o reconhecimento dessa dissidência teórica, pois, ao tratar da disjunção locutor/enunciador – critério fundamental, que viabiliza os simulacros de vozes (os pontos de vista), e as retomadas desses pontos de vista (mesmo que de 'outros-diferentes-de-si', isto é, outros enunciadores –, Rabatel (2017) comenta a perspectiva de Desclés, apontando que este entende *enunciador* como sinônimo do *locutor* ducrotiano; então, a disjunção dos papéis não dá certo nos termos de Desclés. Ora, em Desclés (2009), *enunciador* não é precisamente a fonte do conteúdo proposicional – estendimento que está em Rabatel (2016; 2017). A despeito dessa clara incongruência entre os dois pesquisadores, mesmo assim apoiamo-nos em Desclés (2009), dado que esse autor também se ocupa – como Rabatel – do

problema da *tomada de posição em relação ao que é dito*. Fazemos, assim, a costura entre os dois autores, pelo menos nessa seara das marcas avançadas de *comprometimento*, tendo em vista que eles convergem no entendimento de que o enunciador (todo enunciado tem um ponto de vista) se manifesta, sim, em *diferentes* níveis, pois ele pode manifestar a crença sem assegurá-la *ou* assegurando-a.

Feitas as ressalvas, adentremos, finalmente, as categorias de análise dessas operações de *prise en charge*, a propósito do grau de engajamento de L1/E1 na verdade dos enunciados – seja a da ‘pec’ própria, que é RE, seja a expressa no PDV imputado. Dentre as operações, Desclés (2009) apresenta a categoria de asserção (o não negociável), que consiste na *prise en charge* da verdade. Trata-se do ato de enunciação sobre a verdade do que é dito, buscando torná-lo inquestionável (Desclés, 2009). Abordando os contextos de favorecimento da pec da verdade, Desclés (2009) esclarece:

Em certas circunstâncias, para se opor ou para se justificar ou para defender uma posição, é necessário afirmar e assertar, recorrendo então a marcadores explícitos: *eu afirmo, eu juro, é verdade que...* Em certas circunstâncias ritualizadas, por exemplo no tribunal, pede-se à testemunha convocada que se comprometa completamente com uma afirmação forte (*Jura dizer a verdade, toda a verdade, só a verdade?*) (Desclés, 2009, p. 37).

Os respondentes nessa situação de tribunal não são sujeitos que enunciarão verdades ordinárias ‘simples’, por uma pec do tipo [EU – DIGO] tão-somente, mas suas investidas estão asseguradas por um manto modal do tipo [EU DIGO (QUE É VERDADE)]. Podemos conectar essa operação com a modalidade epistêmica e a modalidade ôntica/alética, o primeiro se referindo à percepção de certo por parte do enunciador, e o segundo, à verdade da proposição expressa como oriunda de necessidades lógicas (Emediato, 2022).

De fato, vão nessa direção os exemplos de Desclés (2009, p. 38) de pec da verdade, como “*É verdade que o tempo está bom hoje em Paris*”, “*Tenho a prova de que o tempo está bom hoje em Paris*”, “*Obviamente faz um dia bonito hoje*”. Em contrapartida, Desclés (2009) deixa claro que “o tempo está bom hoje em Paris” é uma pec negociável, formulada como simples pec. Se redimensionarmos isto para quadro da responsabilidade enunciativa segundo Rabatel (2016), resultará que “o tempo está bom hoje em Paris” é um ato de RE por parte de um locutor enunciador. Seria a pec sem força ilocutória, na acepção rabateliana (2009).

Em segundo lugar, dentre essas categorias de engajamento, temos a *prise en charge* com modalidades de julgamento (Desclés, 2009). Na verdade, referimo-nos a uma categoria bastante abrangente apresentada neste artigo de Desclés (2009), que é a dos julgamentos modais. Ela

encobre as ocorrências nas quais o enunciador marca uma *atitude apreciativa* sobre uma enunciação; ou *julga a atitude* do colocutor ou estabelece algum tipo de *relação intersubjetiva* com o coenunciador pautada no julgamento (Desclés, 2009). Aqui, são os casos de pec nos quais a verdade não é o tópico por parte do enunciador, mas, sim, o expediente do desengajamento, ou o expediente de transferir a *prise en charge*, de compartilhá-la (Desclés, 2009). Assim, o enunciador modula o caráter epistêmico, alético, deôntico, apreciativo, inter-enunciadores/intersubjetivo, mas não afiança a verdade.

Por um lado, essa categoria dá conta daquilo que conhecemos, pela perspectiva de Charaudeau (2009), de modalidade alocutiva. Nesse âmbito, o julgamento modal manifesta-se como *modalidade de interrogação e negação* (Desclés, 2009), como se verifica na explicação a seguir:

Quanto às modalidades inter-enunciadores (ordem, questão, promessa...), elas precisam, para ser analisadas, da apelação ao coenunciador para obter dele um valor determinado. Assim, em uma questão/pergunta, o enunciador, através da sua interrogação, pede uma *prise en charge* por parte do coenunciador e, eventualmente, o engajamento dele, que, assim, através de sua resposta, confirmará, refutará, modulará tal resposta, ou mesmo indicará o desengajamento desse coenunciador. Quando o enunciador enunciar diretamente uma ordem a um coenunciador, isso propõe, mais ou menos firmemente, ao seu coenunciador, que ele atualize tal proposta imediatamente ou posteriormente (Desclés, 2009, p. 45-46, tradução nossa).

Isto são os julgamentos modais: o enunciador assume propostas, desejos, esperando que o outro atualize essa proposta; não assume verdades.

Isto pode ser feito nos comportamentos alocutivos diretos, mas é razoável que relacionemos a categoria ‘modalidade de interrogação e negação’ também com a modalização deôntica, e não apenas com a modalização ilocucionária (isto é, espera de uma completude enunciativa por parte do outro), que acabamos de ver, que já está explicitamente prevista na citação de Desclés. Afinal, o autor (2009) esclarece que, no julgamento modal, por causa do descomprometimento com o que é dito, o que está em jogo é a “incerteza sobre a atualização da relação predicativa”, o que abre o escopo para o eixo do *obrigatório* (o deôntico, o que se ‘deve fazer’), que também é um não-realizado. Sobre essa categoria abrangente do julgamento modal/enunciação modal – que é o que estamos expondo aqui –, Desclés (2009) explica:

Por meio de uma enunciação modal, o enunciador não se compromete totalmente com a realização do que é dito. Ela [a enunciação modal] indica apenas uma incerteza sobre a atualização da relação predicativa; esta atualização pode ser considerada impossível, improvável, apenas possível,

provável, quase certa; *necessária*, possível ou exigida pela auto-obrigação que impele o próprio enunciador a atualizá-la (Desclés, 2009, p. 46, acréscimo nosso, grifo nosso, tradução nossa).

Consequentemente, a *prise en charge* com modalidades de julgamento (ou julgamentos modais), envolvendo claramente as modalidades de interrogação e de negação, envolve também o *deôntico*, embora Desclés não faça exatamente esta delimitação nos termos clássicos da modalização, que aqui fazemos à título de maior entendimento, apenas. Todavia, o que é realmente relevante para Desclés, desta categoria abrangente (julgamentos modais), é o fato de eles serem efetivamente *modais* no sentido de não implicarem o enunciador sobre a *verdade* da proposição; esses julgamentos são o universo dos desejos, das promessas, das propostas (Desclés, 2009), da construção de cenários possíveis.

Dentro dos julgamentos modais, Desclés (2009) contempla, ainda, as *modalidades apreciativas*, declarando o seguinte: “as modalidades apreciativas exprimem uma apreciação axiológica (bom/mau) do enunciador, como no exemplo: *Felizmente, Lucas chegou a tempo*. Este tipo de avaliação não indica incerteza”. (Desclés, 2009, p. 46, grifo do autor). Como se observa, as apreciativas tampouco se pautam na lógica certeza/incerteza.

Relacionemos essas duas operações já apresentadas – *pec da verdade e julgamentos modais* – com os modalizadores, de maneira mais sistematizada. Enquanto a primeira categoria (*prise en charge* da verdade) atrela-se às modalidades epistêmica ou ôntica e alética, a segunda categoria, modalidades de julgamento, por outro lado, pode ser associada à modalidade axiológica, à modalidade volitiva (aquela que marca a vontade do sujeito) e à modalidade ilocucionária/interlocutiva (que emite atos de fala diretivos, ilocutórios) (Desclés, 2009; Emediato, 2022⁹¹). Estamos operando a correspondência com as categorias sobre modalidades, conforme as anotações de Emediato (2022). Aparentemente, embora com outros propósitos teóricos, Desclés (2009) resolve a redundância das modalidades axiológica, volitiva, subjetiva e ilocucionária em um único conceito, o de *prise en charge* de modalidades de julgamento; com outros propósitos teóricos, porque a sua questão de investigação parece ser separar as modalidades que se preocupam com a *verdade* das que não o fazem. A modalidade deôntica, aquela que manifesta regras, obrigações e ideais de conduta (Emediato, 2022) ficaria, por conveniência, segundo nosso entendimento aqui, subsumida também aos julgamentos modais, embora reconheçamos, com Emediato (2022), que ela tem uma forte ligação com a epistêmica e a alética (configurando o conjunto da modalização objetiva).

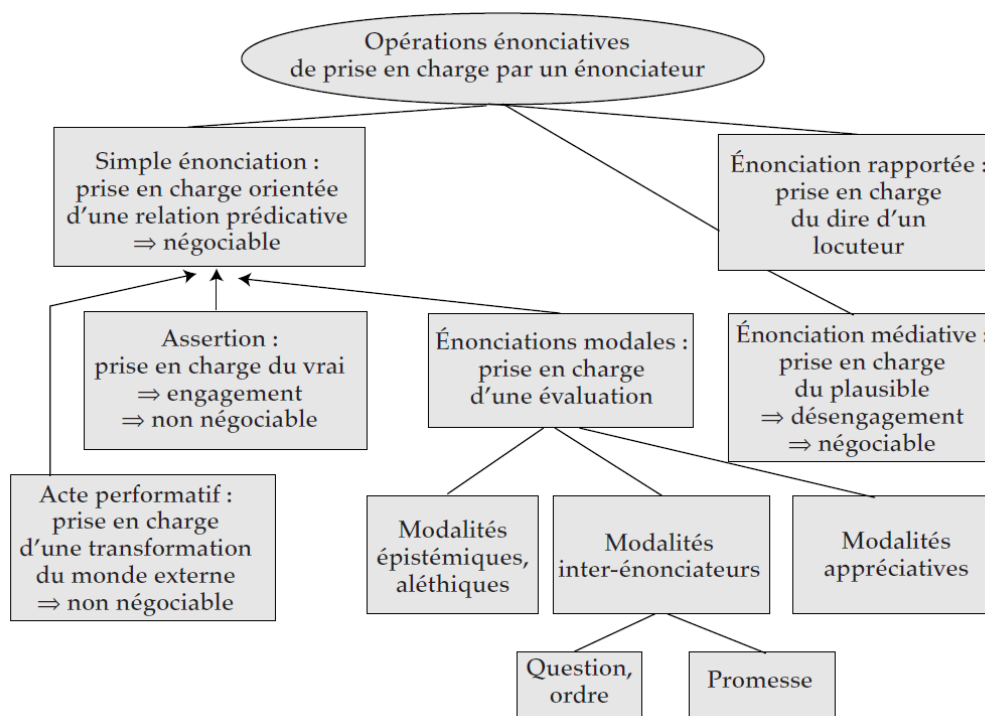
⁹¹ De Emediato (2022), estamos utilizando as categorias consagradas de modalização, para fazermos essa costura com as formas de engajamento, de Desclés (2009).

Adentrando, agora, uma terceira categoria, a *prise en charge* da plausibilidade, um exemplo do autor é: “Teria, portanto, chovido [uma vez que a estrada está molhada]” (Desclés, 2009, p. 42). A expressão em colchetes pode não ser verbalizada pelo locutor, podendo, então, corresponder a um gesto dêitico. Nesse tipo de pec, a proposição é plausível a partir de um dado indício, e disto se vale o enunciador para *evitar o engajamento* (Desclés, 2009); não é o objetivo duvidar da proposição ou diminuir a sua certeza. Neste âmbito, é preciso que o enunciador se apoie inteiramente nos índices – no exemplo usado, a estrada – como forma de desengajamento. Não há a intenção de expressar incerteza ou certeza.

Já os valores epistêmicos comparecem naquilo que o autor designa como *prise en charge* da possibilidade e da probabilidade (Desclés, 2009). Essas operações registram as modalidades de comprometimento do enunciador frente ao ainda não realizável, ou a *prise en charge* de um julgamento modal *incerto* (Desclés, 2009). Exemplos com o valor ilocucionário da probabilidade são: “Lucas pode ter aprendido a lição que lhe foi dada, mas eu não tenho certeza” (2009, p. 45) e “Posso vir amanhã” (2009, p. 46). Nada disso, segundo o autor (2009), deve ser confundido com o mediativo (plausibilidade), pois, neste, o enunciador não busca provar nada. Igualmente, esse quadro de pec alinha-se favoravelmente a certas expressões da modalização objetiva (Emediato, 2022), em especial as menos asseverativas.

Por fim, podemos comentar a quinta categoria de pec da gradação de força de engajamento, mas recuperada pelas anotações de Albé (2018) sobre a teoria de Desclés. Trata-se da PEC com modalidade do dizer (enunciação relatada) (Desclés, 2016 apud Albé, 2018, p. 73). Segundo o autor, essa pec se manifesta nas situações em que o enunciador (E1) cita ou relata os dizeres de um outro locutor enunciador (E2), mas interpreta o modo como esse E2 efetuou a pec. E1 interpreta a forma como E2 apreende o conteúdo proposicional. Isso pode acontecer tanto no discurso direto quanto no indireto. Um exemplo é “Luc disse: O tempo está bom”, no qual o “disse” é uma identificação feita por E1 (Desclés, 2016 apud Albé, 2018, p. 73, grifo nosso). Por extensão, podemos lembrar do nosso Exemplo 2 (de *A verdade sobre o glúten*), “Não há um só sistema no organismo que não seja afetado pelo trigo”, *ataca Davis*. Esse enunciado, como enunciação relatada direta, supõe a ruptura entre dois instantes enunciativos, mas também a interpretação de E1 sobre a atitude do conteúdo relatado.

Valemo-nos da Figura 5 (a seguir) para uma sistematização dessa conceituação, fazendo, em seguida, registros da leitura desse Quadro em uma ordem que parte da coluna da esquerda e termina na coluna da direita.

Figura 5 – Quadro semântico das operações de *prise en charge* segundo Desclés (2009)

Fonte: Desclés (2009, p. 49).

Na primeira coluna (da esquerda para a direita), o item “Assertion : prise en charge du vrai” corresponde à primeira categoria aqui exposta, ‘PEC da verdade’, coincidindo com modalizadores objetivos. Já o item situado no meio do Quadro (“Énonciations modales”) consiste na ‘PEC com modalidades de julgamento’, agrupando as modalidades apreciativas, volitivas, intersubjetivas/inter-enunciadores e, segundo nossas inferências, a modalidade deôntica, pelo fato de ela também implicar a alteridade. Também entram aí as expressões de dúvida, de probabilidade, que apresentamos anteriormente como ‘pec da possibilidade e da probabilidade’. Então, a categoria dos julgamentos é, em síntese, o universo das propostas de mundo, das promessas, desejos, esperanças. Por seu turno, a ‘PEC da plausibilidade’ encontra-se no item do meio na terceira coluna, sendo o que visa ao desengajamento. Por fim, o primeiro item da terceira coluna é a “énonciation rapportée : prise en charge du dire d’un locuteur” (Desclés, 2009), ou ‘PEC com modalidade do dizer’ (Desclés, 2016 apud Albé, 2018), que parece ter muito a ver com os verbos de atitude, que enquadram os dizeres relatados.

Essas operações de engajamento (Desclés, 2009) serão produtivas para entendermos como o L1/E1 do nosso *corpus* modula a certeza dos PDVs que imputa e que assume, situando-se, assim, em algum lugar das posturas enunciativas. Em conformidade com a concepção integrada (Emediato, 2020; 2022), à qual, anteriormente, ancoramos esta fundamentação

teórica, essa modalização serviria aos fins estratégicos de influência por parte do divulgador científico, enquanto horizonte teleológico da gestão das posições/PDVs, com atenção, aqui, à gestão dos atos de *prise en charge*, dos atos ilocutórios dessas instâncias/PDVs.

Melhor dizendo, entendemos que essas categorias modais do engajamento são sintoma de como o videasta científico experiencia a dialogização; são sintoma/indício de como ele percebe o quanto pode atacar/asseverar (ser mais asseverativo, com uma *pec da verdade*, por exemplo) ou ser mais concessivo, por exemplo. Afinal, é pelos *modos* de dizer que o texto expressa pontos de vista (expressa emoções, percepções, reações etc.) (Emediato, 2022) Assim, as categorias do engajamento (Desclés, 2009) nos ajudam a reconstituir interpretativamente o *quebra-cabeça* da gestão dos PDVs. Elas permitem-nos conectar investimentos veridictórios ou afetivos à ‘lugares do PDV’ (*status* dos PDVs), e, em seguida, conectar essa configuração às orientações argumentativas/emocionadas do L1/E1. Afinal, os *status*/configuração dos PDVs têm orientação argumentativa, com o enunciativo, portanto, impactando o componente argumentativo. Por exemplo, projetar o PDV da ciência como tendo um efeito de evidência, por ancorar-se nos modais de autoridade ou na desinscrição enunciativa, conduz as instâncias em debate a que lugares intradiscursivos (e argumentativos)?

Desta forma, ajustarmos a lupa para a modalização, como ‘sedimento’ da orientação pragmática e argumentativa do texto, é entender essas atitudes modais como ‘microrreações’, ‘microcontratos’, enquadramentos das vozes. Essas ‘microrreações’ são cálculos *estratégicos* de negociação do L1/E1 com a alteridade, no dialogismo interno. Desta forma, realçamos que **gerir pdvs é modalizar PDVs** (aspecto central desta Tese).

Essas ‘microrreações’ (atitudes modais projetadas) vão além de uma apriorística contrariedade entre PDVs (ciência vs. anticiência), pois essa modalização é o instrumental do L1/E1 para *tornar-se, remodelar-se* (empatizar, desempatizar-se...); enfim, para ele *agir* (e, assim, desenvolver o projeto de influência como *youtuber do SVBr*). Pois o sujeito não está apenas emaranhado nas posições dóxicas, na ideologia, mas atua reflexivamente, enquanto agência (Emediato, 2022; Rabatel, 2017).

As últimas palavras desta seção, dedicamos a uma extensão necessária decorrente da natureza multissemiótica do nosso objeto, no qual a fala do youtuber é complementada por modulações de entonação, muitas vezes em uma coerência semântico-pragmática com os movimentos corporais. Na verdade, impõe-se a **prosódia como marcadora de atitudes modais**. Além do material linguístico *stricto sensu* – categoria privilegiada até o momento na seção –, também o material paraverbal tem propriedades que dão instruções da produção de

sentido realizada em um gênero dotado de oralidade, como é o do nosso *corpus*⁹². Portanto, esse material paraverbal pode ser, perfeitamente, veículo de quaisquer das operações de engajamento tratadas aqui, algo confirmado por diversos autores que se ocupam da pragmática da entonação (Bodolay, 2009), e previsto também por Emediato (2022, p. 239):

A entonação e a prosódia também são índices de modalização, pois podem comportar apreciação afetiva (grito de gol de locutores esportivos, expressão de medo, de alegria, de interrogação, de insatisfação etc.), ironia. O prolongamento das vogais, a ênfase sobre certas palavras e sílabas, a variação do tom, o ritmo são recursos prosódicos com valores modais importantes (Emediato, 2022, p. 239).

A correlação entre parâmetros prosódicos/paralinguísticos, de um lado, e expressões de atitude/modalização/emoções de outro é amplamente reconhecida, pois, segundo Bodolay (2009), o falante considera *outros* fatores não linguísticos (a identidade do interlocutor, o tipo de evento comunicativo) – a rede de intencionalidades e substratos, na acepção de Reis (2001) –, para decidir pela adoção de um ou outro padrão melódico, que expresse a conformidade, por exemplo, à imposição da autoridade ou à cortesia (Bodolay, 2009). Para abordar essa questão, valemo-nos das contribuições dadas por (e feitas a partir do) pesquisador Cesar Augusto da Conceição Reis, que era da área de Fonética e Prosódia na UFMG, com contributos especialmente na pragmática da entonação (Reis, 2001; Bodolay, 2009; 2020).

Uma divisão tradicional, nesses estudos, é entre atitude, emoções e modalidade. *Atitude* é concebido como o comportamento controlado e consciente, de base moral, também voluntário, cognitivo e convencionado (Reis, 2001). As *emoções*, por seu turno, teriam um caráter não intencional, sendo elas descargas naturais, espontâneas, decorrentes de tensões psicológicas (não cortical). E as *modalidades*, por fim, são as atitudes estreitamente voltadas para os objetivos da comunicação (Reis, 2001). Esses conceitos organizam-se em um *continuum* do mais cortical (mais sob controle do falante) ao menos cortical (menos sob controle) (Bodolay, 2009). Bodolay (2009) propõe outra categorização: os *comportamentos do falante*, que são as atitudes perante o contexto ou o alocutário (por exemplo, a pretensão de ser rude), as *emoções* (no domínio do ‘*não controle*’) e as *atitudes proposicionais*, que são as opiniões, crenças e conhecimentos a respeito do enunciado.

Aplicando para a problemática da nossa pesquisa, então, o que entendemos aqui como operações modais/de engajamento abarcaria, mais prototipicamente, as *atitudes proposicionais*

⁹² Por isso, a transcrição das idiosincrasias da fala é importante (esse procedimento de organização dos dados será explicado no capítulo 3, dedicado à metodologia).

e os *comportamentos do falante*. As abordagens dos autores têm certa aderência ao norteamento teórico desta Tese, pela separação entre conteúdo proposicional (o *conteúdo do enunciado*) e a dimensão mais ‘*subjetiva*’ ou ligada a demandas sociointeracionais, que são as *modalidades* ou *atitudes*. Assim, mantém-se a separação entre *dictum* e *modus*, que constituem o pdv.

Não obstante, as *emoções* também estão nessas operações, como ‘*sobre-enunciação*’, como mudança de clave do enunciado. No que concerne às emoções, não as trataremos no construto de ‘emoção’ dessa teoria de Bodolay (2009): ela estará compatibilizada com a pec de modalidades apreciativas, o que ainda garante coerência com essa teoria prosódica, porque falaremos de emoções *argumentadas*, aquelas que são encenadas, portanto, como procedimentos ‘*do falante*’ ou como atitudes, sem um escrutínio do nível cortical do videasta. Ou seja, as emoções são atitudes modais na medida em que a concepção de emoção é diferente das desses autores, e mais ligada às duas outras categorias (coerentemente ao referencial teórico sobre empatia, argumentação e *prise en charge*), pois falaremos de emoções *argumentadas*, aquelas que parecem, por pistas do texto, serem calculadas para efeitos argumentativos. O segundo motivo dessa reconceituação foi que não tivemos a oportunidade de um aprofundamento nesses aspectos epistemológicos e ontológicos sobre atitudes e emoções dentro da prosódia e da pragmática da entonação, para uma costura mais ‘*precisa*’ entre as teorias.

Há recorrências na combinação entre parâmetros melódicos e atitudes modais (juntando escolhas entonacionais do falante com modalização ou atitude proposicional), quase como uma espécie de *gramática*, por assim dizer. Por exemplo, a ironia de descortesia é normalmente materializada assim: com uma variação melódica maior (o desenho melódico da fala é mais ‘dinâmico’); tessitura mais alta (ou seja, predileção pelo tom agudo, pois tessitura baixa, nessa teoria, é sinônimo de tom grave) e a fala é mais silabada (Cagliari, 1992). Apesar de algumas regularidades na literatura, é necessário lembrar, contudo, que inexistem uma correspondência biunívoca total entre padrão prosódico e atitude (Bodolay, 2009). A sério, uma atitude pode ser expressa por meio de mais de um padrão prosódico, por exemplo (Bodolay, 2009). Outro aspecto é que há uma diversidade de propostas de categorias na literatura. Não daremos preferência, nesta Tese, a uma das sistematizações em particular, tampouco arrolaremos a integralidade de seus conceitos. É conforme as demandas da análise (capítulo 4) que acionaremos casos particulares de correlação entre o parâmetro paralinguístico e o sentido modal, valendo-nos de precedentes sobre a correlação, os quais serão com base nos autores Cagliari (1992), Bodolay (2009) e Baptista (2001), que valorizam o caráter sociointeracional (da Sociolinguística Interacional), pragmático e/ou modal da entonação.

Mas podemos citar algumas situações pertinentes. A categoria ritmo acentual dá conta dos prolongamentos vocálicos, pois, como assinala Bodolay (2009), um dos fatores que define o ritmo na sintagmática é a duração. Nesse âmbito, para além das durações já codificadas no idioma (tempo silábico), existem as durações que o falante imprime estilisticamente (tempo acentual) (Bodolay, 2009), este último importando mais para nós, pois corresponde a prolongamentos frequentes em nosso *corpus*. Baptista (2001) constatou que o prolongamento de vogal funciona para o falante expressar hesitação, cautela, ato mitigador; mas, para a criação do sentido mitigador ou de cautela (na análise feita por essa autora), outras pistas foram conjugadas, como a entonação descendente⁹³. É necessário, assim, reconhecer *outras pistas* que atuam em conjunto, além do contexto interacional; nisto, podemos incluir o *contexto*.

Outro critério prosódico é a tessitura. Existe a tessitura estreita (tom grave), muito ligada a asserções e a atos de autoridade, e a tessitura ampla, que é uma curvatura diferenciada da fala, que a coloca no tom agudo, frequentemente ligado à polidez (Bodolay, 2009). A tessitura ampla (modo mais agudo) aparece muito nos atos de perguntas simples; o ato de perguntar implica maior amplitude do movimento melódico, exprimindo não certeza (Bodolay, 2009). Mas é a combinação de pistas o que ajuda na análise: para demonstrar *autoridade*, o falante faz uso não apenas da tessitura estreita, mas também da proeminência (ênfase a uma sílaba), o que, nesse caso, convoca o critério registro (para além da tessitura) (Bodolay, 2009).

A questão é fazermos com que categorias ligadas às pistas prosódicas sejam um instrumento para darmos mais comprovação do tipo de modalização/engajamento que estamos identificando. É uma maneira, inclusive, de acessarmos os traços modais que parecem ser mais ligados à prosódia, algo que raramente mobilizamos, devido ao fato de a integração entre comunicação paraverbal, corporal e linguística carecer, ainda, de sistematizações teórico-metodológicas nos estudos discursivos (ainda mais em tecnotextos, como este), algo ligado a todo um histórico do grafocentrismo, discutido em iniciativas anteriores (Zandonai, 2015).

Finalizando a abordagem da modalização, já antecipamos aqui a empatia como uma espécie de concessão ao outro, nas atitudes frente a um pdv imputado. Na próxima seção, definiremos com maior profundidade essa questão, ainda ligada à teoria de Rabatel (2016a).

⁹³ Isso confirma a necessidade de uma observância à rede de substratos: as correlações prosódia-modalidade devem ser interpretadas em cotejo com outros critérios, o que permitirá à análise anotar, inclusive, que alguns procedimentos nem são oriundos do indivíduo, mas se referem à situação comunicativa (Reis, 2001).

2.6 (Dis)likes? smileys? a argumentação emocionada e a questão da empatia

Emediato (2022) concebe três grandes tradições no estudo da argumentação. A primeira, *argumentação como problemática do pensamento*, dedica-se às condições de verdade, o que é a prioridade da Lógica. A segunda, a argumentação como atividade de língua, considera que o sentido dos enunciados, essencialmente argumentativo, já está inscrito na língua, haja vista que a reconstrução do sentido parte da *significação*, com o conjunto de instruções de interpretabilidade pela marcação linguística, e, assim, encaminha-se para o sentido do enunciado (Barbisan, 2004). E, em terceiro lugar, temos a *argumentação como problemática retórica* (Emediato, 2022), da qual nos ocuparemos mais, nas palavras a seguir, tendo em vista a sua importância para o dimensionamento da problemática da argumentação emocionada.

A *argumentação como problemática retórica* ocupa-se da arte do discurso persuasivo, o que remete à contribuição dos sofistas (Reboul, 2004). Como eles, no contexto da Grécia antiga, não se inclinavam a uma realidade objetiva fornecedora de consensos, preferiram desenvolver os meios do convencimento tanto pelo viés da aparência de lógica (dada aos argumentos) quanto pelo viés do encanto do estilo, o que os faz articular, ou pretender articular, razão e sentimentos (Reboul, 2004). Como mostra Emediato (2022), tal concepção é atualmente revigorada nas pesquisas que levam em conta a visada persuasiva, os auditórios, a subjetividade e as intenções dos sujeitos na troca verbal, como o fazem Perelman e Olbrechts-Tyteca (1958) e Charaudeau (2009). Assim, alternativamente aos raciocínios de natureza silogística (priorizados na concepção da Lógica), esses pesquisadores observam que os (con)textos argumentativos empíricos suscitam modalidades *outras*, como as do *delectare* e do *movere*, para além do *docere*, reconceituando, é claro, essas noções. Nessa alternativa, situada como revitalização da Retórica (após a segunda guerra mundial),

o ato de argumentar, ao implicar a adesão do auditório à determinada tese, deveria estar implicitamente relacionado a fatores outros [que não lógicos/silogísticos] que contribuiriam para que determinado auditório *universal* ou *individual*, na acepção perelmaniana fosse persuadido (Pinto; Cortez, 2017, p. 52, acréscimo nosso, grifo das autoras).

Frente a essa apresentação, notamos que a abordagem retórica, o paradigma da argumentação como atividade de discurso, é a que tem mais pontos de confluência com a problemática desta Tese. Um indício dessa confluência está no trabalho já sedimentado em torno da *mobilidade empática das emoções em contexto argumentativo*, a partir da teorização de Rabatel (Pinto; Cortez, 2017). Isso porque os espaços criados por L1/E1 para consonância –

como nas concessões empática de negociação com enunciadores segundos no *corpus* do estudo piloto –, algo que, patentemente, significa contágio emocional, é, no nível teórico da Retórica, um trabalho de *pathos*. Veremos exemplos disto, mais adiante, nesta seção.

Nesse enfoque, as emoções se fazem ver pelo jogo dialógico dos PDVs. Ao se agenciarem PDVs/enunciadores, realocam-se (e representam-se) também as emoções deles, até porque as emoções são constitutivas da argumentação (Pinto; Cortez, 2017). As emoções são reconstruídas pelo locutor narrador de maneira a encaminhar uma determinada representação das posições/PDV's (Pinto; Cortez, 2017). Então, é de se considerar, desde já – para essa articulação entre argumentação/*pathos*, por um lado, e empatia, por outro – o caráter englobante e transversal das emoções (Pinto; Cortez, 2017). Fundamentadas em Rabatel, as autoras Pinto, Rodrigues e Cortez (2019) afirmam:

essa visão integradora da emoção possibilita situar *o lugar do sensível na argumentação*, sendo a emoção vista não simplesmente como recurso, mas como constitutiva da própria argumentação. Como não poderia deixar de ser, a discussão sobre o sensível evoca a dimensão subjetiva da argumentação que é inescapável aos pontos de vista que a constituem (Pinto; Rodrigues; Cortez, 2019, p. 185, grifo das autoras).

Como as emoções são definidas nesse contexto teórico? Elas são entendidas prioritariamente como estando no plano da evocação, concernentes aos cálculos e pretensões do L1/E1, e não aos afetos suscitados no auditório concretamente. Afinal, as emoções podem ser apresentadas de modo mais direto (mais formulado) ou mais indireto (Amossy, 2020; Cortez, 2018). No âmbito da evocação, referimo-nos aqui aos contingentes languageiros das emoções dos diferentes enunciadores, mas principalmente através da contraparte *cognitivo-inferencial* que essas subjetividades (não necessariamente encarnadas) sugeridas no texto indiciam. Isso porque esse funcionamento cognitivo-inferencial do PDV (por onde as posições são evocadas) toca na emoção *também* de sujeitos que *não* falam, que não fazem *prise en charge* plenamente; essas emoções tornam-se emoções argumentadas mais inferencialmente do que explicitamente (Rabatel, 2018). São emoções examinadas sob a ótica de uma abordagem não silogística, indireta de argumentação (Rabatel, 2018).

Ora, a emoção não é apenas recurso – artifício do orador para aumentar a eficácia da sua argumentação –, mas tende a ser *objeto* da argumentação, e conectada aos raciocínios, justificada no entremeio dos movimentos lógicos, alicerce dos julgamentos e da crítica (Amossy, 2006 apud Cortez, 2018). Portanto, as emoções não se apresentam apenas sob o recurso a termos de sentimento, isto é, quando se argumenta *sobre* as emoções (Cortez, 2018).

Consideramo-las também quando o locutor argumenta *por meio* das emoções, com emoções representadas, e não necessariamente ditas (Cortez, 2018).

Precisemos o processo pelo qual as emoções são *representadas* na gestão de pontos de vista. Negociar com sujeitos do dialogismo interno é tocar nas suas emoções, e posicionar-se emotivamente frente a eles. Como já observamos em exemplos anteriores, responsabilizar enunciativamente uma determinada instância pode significar fazer sentir que ela “*ataca*” (e não que *afirma*), como na imputação ao especialista William Davis (Exemplo 2). Pode significar realimentar confrontos, como em enunciados do tipo ‘x humilha y’, para encenar as vozes do texto, e isso tudo conduz a emoções específicas conforme as configurações enunciativas (a modalização, o agrupamento de enunciadores, a associação ou não a um sobre-enunciador etc.). Explorar essas facetas (incluindo emoções assinaladas por traços léxico-estereotípicos ou emoções mais *implícitas*), enfim, significa explorar o *lugar do sensível na argumentação* (Cortez, 2018; Pinto; Rodrigues; Cortez, 2019).

Outra confluência com a perspectiva retórica é que o sistema de estudo do ponto de vista regularmente toca nas questões de *ethos*, *pathos* (provas aristotélicas) e *topos*, e isto no próprio procedimento de Rabatel (2013c) de explicar a empatia, no seu artigo *Écrire les émotions en mode emphatique*. Para ilustrar a empatia e as emoções, o linguista analisa, brevemente, um texto narrativo em passado simples, narrado em 3ª pessoa, portanto, por um narrador heterodiegético; trata-se de um fragmento do romance *Jean-Luc perseguido*, do escritor Charles-Ferdinand Ramuz. Logo, o narrador é um outro em relação às personagens postas em ação, nesse exemplo. Nesse texto exemplificado por Rabatel (2013c), um L1/E1 narra e descreve que o pai que observa o filho recém-nascido dormindo pensa em beijá-lo, mas titubeia, e, por fim, satisfaz-se em apenas admirar o bebê. O modo como a criança é tematizada é *segundo o ponto de vista do pai*, sendo que essas escolhas perspectivam um olhar do pai que remete a *topos*, a emoções e a um *ethos* (Rabatel, 2013c). L1/E1 entra nas emoções do pai: estar prestes a beijar o bebê significa que e2, o pai, é bem-intencionado, tem **amor**, tem apreço pelo filho, ao mesmo tempo em que não beijá-lo é praticamente **não querer maculá-lo**. Emerge disto, como indica Rabatel (2013c), uma espécie de *ethos* conservador, por intermédio do *topos* um “herdeiro masculino saudável [não uma menina] é fonte de felicidade”. Por conseguinte, se L1/E1 compartilha valores e representações (com o pai, e2) no contexto do fragmento, há, segundo Rabatel (2013c), fortes indícios de consonância enunciativa com esse pai.

O que sustentamos é que gerir os PDVs é mexer com as apreensões (por exemplo, o modo de olhar do pai, suas escolhas de apreensão do objeto filho, seu tom emocionado, o fato de L1/E1 não ‘superar’, por assim dizer, o raciocínio empático) tão significativas do dialogismo

interno que acionam elementos da retórica, como o *topos*. Afinal, os discursos – sempre endereçados, intencionais –, ao modularem a relação ‘sujeito+objeto’ (por proximidade, dissonância etc.) particularizam uma ancoragem sócio-histórica e axiológica dos conteúdos mostrados por essas formas de apreensão do objeto de conhecimento (Pinto; Cortez, 2017). Conforme pontuam Pinto, Rodrigues e Cortez (2019, p. 185), baseadas em Rabatel:

Na verdade, trata-se de um *jogo de representações* que é instalado nesta arena discursiva em um processo de mão dupla. Essa dialética interna de caráter representacional nada mais é do que a construção das provas aristotélicas: o *ethos* (imagem de si) e *pathos* (imagem do outro) que estão intrinsicamente presentes nesta argumentação retórica. Consequentemente, também podemos afirmar que o tom emocionado a ser transmitido de acordo com o objetivo visado está também presente na argumentação retórica de textos e discursos.

‘*Mexer*’ nos PDVs é tocar nos componentes da argumentação retórica também pelo fato de que a gestão dos PDVs serve para *(re)afirmar as identidades sociais* (Cortez, 2011b). A gestão dos PDVs representa a busca do sujeito em reforçar, reorganizar ou, até mesmo, revolucionar os papéis e contratos sociais/identitários que simbolizam algo no dialogismo interdiscursivo. Isso faz todo o sentido no quadro de uma Semiologia Ampliada, que se dota das categorias de descrição do funcionamento interno do discurso como sedimento para estudar o valor representacional do discurso⁹⁴, isto é, para interpretar os discursos em uma perspectiva enunciativa e pragmática ampliada (Emediato, 2020). Assim, a hierarquização dos pontos de vista é correlacionada com os valores do ambiente interacional e com as condições sociais de construção identitária (Emediato, 2020). É o que fica claro no exemplo narrativo trazido por Rabatel (2013c): a relação entre o narrador (L1/E1) e o pai (e2), conforme a hierarquização desses dois pontos de vista (incluindo, também, a focalização do personagem bebê), orienta para reforçar identidades sociais, pois as orientações semânticas e argumentativas do texto são axiologizadas socialmente (Emediato, 2020).

O percurso conceitual e explanatório de Pinto e Cortez (2017) que associa a empatia ao *pathos* segue essa valorização da perspectiva retórica: do *pathos*, germina-se a *empatia rabateliana*. Como dizem as autoras:

Observamos que um aspecto nos parece fundamental quando do estudo da noção de *pathos*: a importância das “representações” que se tem da emoção do outro para a construção argumentativa de textos escritos e orais. Essas representações, oriundas de “esquematisações seletivas”, são materializadas

⁹⁴ Isto caso a pesquisa tenha por objetivo alcançar o lugar axiologizado do discurso, indo ‘além’ do lugar das situações – valendo-nos, aqui, da divisão feita por Emediato (2020). No caso desta Tese, a costura entre esses dois lugares é assumida.

por escolhas linguísticas (plurissemióticas) que são feitas quando da produção de textos (Pinto; Cortez, 2017, p. 53).

Nessa citação, as autoras apontam para a questão de onde emoções aparecem. É nas referidas esquematizações seletivas por parte de um L1/E1 que detectamos as investidas do ‘fazer ver algo’, no espaço narrado, bem como nas preferências de referenciação (Pinto; Cortez, 2017). No caso da referenciação, as expressões referenciais indiciam PDVs (que podem, adicionalmente, ser apresentados como endossados por outro enunciador; ou em aliança com outro enunciador etc.). Essas representações que se tem da emoção do outro são oriundas de *esquematizações seletivas*, porque L1/E1 *seleciona e atribui* emoções conforme um sistema de valores, o que acaba por direcionar argumentativamente o discurso (Pinto; Cortez, 2017). E a depender das escolhas semióticas, o teor patêmico delas, no texto, terá variações.

Apesar dessa costura toda, e antes de nos aprofundarmos na noção de empatia, convém fazermos três ressalvas. Primeiramente, é preciso distinguir emoções e *pathos*. Consoante a Cortez (2018, p. 6), “o *pathos* estaria mais no nível da provocação (na esfera do destinatário, público, leitor), enquanto que as emoções estariam no nível da evocação (emanada do falante, locutor/enunciador, produtor do texto)”. O *pathos* corresponderia aos efeitos emocionais a serem produzidos, tendo-se como horizonte o alocutário. Por isso, nas análises, o reconhecimento das emoções não se dá na relação com o tu-interpretante, mas em um jogo de sintonia com o tu-destinatário, uma imagem construída pelo L1/E1, valendo-nos do quadro teórico enunciativo de Charaudeau (2009). Já as *emoções* são as projeções de emoções conforme arranjos da organização textual em sentido mais amplo (Cortez, 2018)⁹⁵.

Entretanto, *pathos* e emoções podem, sim, ser interligados, em um trabalho de análise mais completo, considerando a potencial coconstrução das emoções por um *auditório*, se entendido como *provocado* pelas emoções (Cortez, 2018); por exemplo, um auditório que se identifica com as emoções expressas. Neste sentido, na teoria do PDV, teríamos que o orador organiza o seu discurso (a apresentação de si, a construção do *logos*, as emoções a serem evocadas etc.) via agenciamento das vozes, em função daquilo que terá mais apelo para um determinado auditório, e conforme, também, as suas pretensões, a sua busca de influência.

Em segundo lugar, convém fixarmos a nossa concepção de argumentação, selando a ideia de que a primazia da argumentação como problemática retórica não exclui nossa adesão a pressupostos da argumentação na língua. Cuidamos, conforme orienta Emediato (2022), de

⁹⁵ No caso, as emoções são representadas nas manobras discursivas do “lugar das situações”, que congrega as “condições pragmáticas” e as “condições comunicativas” (organização narrativa, descritiva etc.) (Emediato, 2020, p. 37).

integrar os aspectos da teoria ducrotiana (como os encadeamentos argumentativos) a um estudo da argumentação em acepção mais ampla. De certa maneira, a teoria ducrotiana já está integrada na abordagem de Rabatel (2016a), e, ainda, incorporamos teorias que dialogam bem com Ducrot e Rabatel, aquelas que se ocupam do dialogismo ou valorizam o estrato enunciativo dos discursos (Desclés, 2009; Meyer, 2007). Esse corpo teórico é ainda juntado com as vozes teóricas que defendem a tese da argumentação indireta, desde a perspectiva de Grize (Emediato, 2020; Pinto; Cortez, 2017), resultando que: a análise dos PDVs, considerada em seus indícios de argumentação indireta, desemboca em uma análise do fenômeno sociodiscursivo: logo, os conceitos mencionados (PDV, pec, emoções etc.) dão conta do problema do fazer-criar em situação de interação social. Como pontua Emediato (2022), ao nos debruçarmos sobre as argumentações práticas, podemos explorar aspectos que digam respeito a quaisquer das três tradições, tendo o cuidado de ressimbolizá-los em um quadro epistemológico preocupado com *a influência social do dizer*.

Uma terceira ressalva – antes de adentrarmos melhor a noção de empatia – é a de que, embora demos atenção especial à argumentação indireta (pontos de vista), focamos, sim, em um material empírico de estase argumentativa, como o fazem Pinto e Cortez (2017). Desta forma, a análise aqui proposta contribui para a compreensão da prática *argumentativa* como *influência social*. Não estamos alheios à argumentação em sentido mais ‘pleno’, ainda que, nos limites desta Tese, não tenhamos considerações sobre essa grandeza. Participamos, sim, da problemática da argumentação como jogo da influência social (Emediato, 2022) com a premissa de que os divulgadores que aqui observamos procuram incutir ideias da maneira mais atrativa possível, e segundo cálculos (o que a dimensão empática ajuda-nos a enxergar), sinal de inter-regulação, de tentativa de ajustamento a um auditório, como assim Emediato (2022) entende a argumentação. A fim de edificar tal projeto de influência, os divulgadores lançam mão da configuração enunciativa dos PDVs, indiciando enquadramentos argumentativos. Com isso, ‘micromundos’ da subjetividade interna são expressos graças às posturas enunciativas, e isto para fazer valer certos valores em detrimento de outros, o que tem significância argumentativa, como efeitos supostos. E se esse material de subjetividade faz parte do nosso material empírico, instaurado *in loco* por causa de uma polêmica ou embate de posições, por consequência, é natural pensarmos o aproveitamento da gestão dos PDVs, pelo locutor encarnado, para táticas de influência, assim como é real que sua ação reverbere outras inter-regulações (críticas, respostas, réplicas e necessidades de esse locutor rever sua posição depois, presumivelmente). Além disso, como salienta Emediato (2022, p. 454, grifo nosso), “a argumentação, como qualquer prática discursiva, é baseada em representações (tópicos) que de algum modo

vinculam os participantes, seja por meio do compartilhamento (convivência dóxica), seja por *oposição* (dissonância)”. E sabemos, pelos trabalhos de pesquisa do funcionamento externo do discurso, o quanto os vínculos via dissonância ou via compartilhamento, em matéria de negacionismo *versus* ciência, são realmente operáveis.

Na perspectiva de Pinto e Cortez (2017), a abertura rabateliana fornece instrumentos para o estudo das *representações que se tem da emoção do outro*, que é o que estamos designando, assim como o fazem as autoras, como **dinâmica empática das emoções**, o que está dentro do quadro mais amplo do “*argumentar por emoções*” (Micheli; Hekmat; Rabatel, 2013 apud Cortez, 2018, p. 8). Rabatel (2013 apud Silva, 2022), no seu artigo *Empathie et émotions argumentées en discours*, define a empatia como:

colocar-se no lugar de outrem (interlocutor ou terceiros): um locutor emprestando a sua voz a outro para objetivar um acontecimento, uma situação do ponto de vista do outro. Nesse sentido, a empatia integra as problemáticas do ponto de vista (Rabatel, 1997, 1998, 2008a) e se baseia na distinção entre locutor (na origem material de um ato de dicção ou de escrita) e o enunciador na origem das posições enunciativas que transmitem os discursos (Rabatel, 2010). (Rabatel, 2013, p. 160 apud Silva, 2022, p. 53).

A operacionalização da empatia se dá com as figuras de empatizador e empatizado, correspondentes às instâncias enunciativas que já conhecemos nos quadros, respectivamente, de responsabilidade enunciativa (L1/E1) e de imputação (e2). Assim, Rabatel (2013 apud Silva, 2022) nomeia como instância *empatizante* aquela que se coloca no lugar do outro, imaginando o que esse outro, e2, poderia dizer, perceber, fazer, sentir quanto a um conteúdo. Complementarmente, é chamada de instância *empatizada* o sujeito que se beneficia do movimento empático do empatizador (Rabatel, 2013 apud Silva, 2022).

Se conectamos a empatia com a questão das emoções, temos que L1/E1 invoca as *emoções* que imputa a outro – já que as emoções não necessariamente são *ditas*⁹⁶ –, semiotizando emoções que são heteroatribuídas, perpendicularmente à sensação de si ao se colocar no lugar do outro, que são as emoções autoatribuídas (Rabatel, 2013b; Pinto; Cortez, 2017). “Assim, uma fonte não locutora é lugar de emoção, quer dizer, mesmo que um enunciador segundo (e2) não fale, ele tem sua emoção representada, interpretada por L1/E1” (Pinto; Cortez, 2017, p. 55). E Silva (2022, p. 54), também com base em Rabatel, explica que a empatia é a ação do de locutor buscar compreender o que se sucede com o outro, pela via da emoção, de forma que “emoção e a empatia andam juntas”.

⁹⁶ O outro como ser intradiscursivo teria a sua emoção representada, usada para os propósitos de L1/E1.

Melhor dizendo, *tendem* a andar juntas, pelo que observamos nestas pesquisas (Silva, 2022; Pinto; Cortez, 2017) que mobilizam empiricamente o conceito de empatia, em análises. O aspecto nevrálgico da empatia está na potencialidade reflexiva do locutor, uma reflexividade móvel (Rabatel, 2016b). Em sendo a empatia, antes de tudo, uma capacidade humana, ela consiste em o locutor enriquecer-se com os objetos epistêmicos (não só com as questões de emoção, portanto) vistos segundo a experiência e o saber de outros sujeitos; consiste em esse locutor ser capaz de orbitar em torno de noções, objetos e situações, sob um enfoque também *prático, epistemológico e interacional* (Rabatel, 2016b); não apenas emocional⁹⁷. Logo, a empatia é, mais amplamente, imaginar o modo como o outro vê, pensa faz, ou pode fazer determinada coisa, e, é claro, como o outro *sente* (Rabatel, 2016b).

Além disso, nesse artigo de Rabatel (2016b), a noção de empatia é ligeiramente evoluída para a de mobilidade empática. Se a empatia equivale a usar do jogo do PDV para considerar as coisas sob um outro ângulo, com o sujeito modificando-se em benefício desse ângulo, estando interessado nesse outro modo de ver (aceitando a pluralidade da experiência), a mobilidade empática se perfaz quando esse sujeito permite *se enriquecer* com a experiência dos outros e do mundo (Rabatel, 2016b). Ora, é necessário pontuar que o recurso empático não necessariamente se perfaz nessa visada. Isso mostra que há camadas, contínuos de dinamização e enriquecimento na empatia; “não só no sentido de que não podemos fazer outra coisa senão levar em conta os outros, mas no sentido de que temos interesse em nos abrir aos PDV dos outros para melhor construir o nosso(s) próprio(s)” (Rabatel, 2016b, p. 9, tradução nossa).

Para elaborar esse seu conceito de empatia em acepção linguística e enunciativa, Rabatel (2014; 2013b) inspirou-se, de uma parte, no filósofo Gérard Jorland, e, de outra, no neurofisiologista Alain Berthoz; deste, extraiu-se a questão da capacidade do ser humano em mudar de espaço e de percepção, já que a empatia é o olhar que se desloca para assumir (*prend en compte*, ao menos, caso não haja *prise en charge*) o mundo estando no lugar do outro (*forçando* uma percepção, *forçando* um novo lugar) (Rabatel, 2014); e, daquele, pontuamos a diferença entre empatia e simpatia (Rabatel, 2013c), conforme explicado a seguir.

A empatia consiste em se colocar no lugar do outro sem necessariamente sentir suas emoções, como quando antecipamos as reações de alguém; a simpatia

⁹⁷ Rabatel (2016b) precisa desta maneira a noção de empatia no artigo “Agir professionnel, point de vue et mobilité empathique”, onde analisa o modo como professores iniciantes problematizam e, assim, recriam a própria identidade docente (criando um posicionamento profissional próprio). Mas a análise (2016b) registra isto como decorrendo de descentramento desses profissionais em parâmetros enunciativos, por meio de uma negociação com os pontos de vista de outras instâncias (como intelectuais e autoridades institucionais). A ideia de enriquecer-se por meio de um revisar o ponto de vista de si e do outro é trabalhada por Rabatel (2016b) nesse artigo.

consiste, inversamente, em aprovar as emoções do outro sem necessariamente se colocar em seu lugar. [...] Em outras palavras, você pode ser empático sem sentir simpatia, assim como pode ter simpatia sem ser empático (Jorland, 2004, p. 20-21 apud Rabatel, 2013c, p. 65, tradução nossa).

Neste sentido, L1/E1 ser *empático* não implica automaticamente tomar para si, aceitar a emoção delegada a e2. É possível L1/E1 atribuir emoções ao outro, porque entrou no seu centro de perspectiva modal, mas sem ser *simpático* a esse outro. Assim, na empatia não obrigatoriamente acontece fusão ou identificação, mas, na simpatia, sim, há identificação ou compartilhamento fusional com a alteridade (Rabatel, 2013 apud Silva, 2022).

A propósito, esse compartilhamento fusional, que podemos tratar como *simpatia*, aparece no *corpus* do nosso estudo piloto, conforme se percebe no Exemplo 4 (a seguir), que apresenta (na linha 18, especificamente) esse compartilhamento fusional com l2/e2, pelo fato de L1/E1 *validar* – ainda que com certos limites – o conteúdo de um pdv em que *não* acredita, o “PDV2” (da zona de e2), favorável à hidroxicloroquina.

Para contextualizar esse fragmento, o #4 – do vídeo já explorado aqui, “Live 20/03 – o que o Brasil precisa fazer nos próximos dias”, do canal Atila Iamarino (Canal, 2020) – faz parte do primeiro bloco desse vídeo, intitulado *Curas demoram*, tendo como objetivo ‘limpar o terreno’ quanto às promessas de prevenção à covid-19. A ideia é que, naquele momento (início de 2020), não há intervenções farmacológicas eficientes para resolver o problema, premissa esta que, aliás, ajuda Atila a construir, no vídeo, a sua verdadeira tese, que é proposta de solução pelo *comportamento* da sociedade, e *não pelos medicamentos*. É por isso, então, que todo o #4 tematiza a hidroxicloroquina e a cloroquina.

Exemplo 4 (#4):

	07 m 18 s a 8 m 3 s
1	E nessa semana que eu to gravando a live do dia 20 de março, a gente também teve
2	testado e resultados promissores de uma outra droga chamada hidroxicloroquina.
3	Cloroquina é um tipo de droga muito antiga que se usa contra a malária, por
4	muito tempo. E já tentaram usar ela contra a gripe, e não deu muito certo.
5	A cloroquina e a hidroxicloroquina, já tinham relatos na época da SARS de 2003,
6	de que elas podiam ter funcionado contra o vírus. E resgataram essa ideia agora,
7	testaram em pessoas. E essa semana um laboratório francês anunciou resultados
8	promissores de que eles tinham curado pessoas do coronavírus com esses dois
9	remédios, principalmente com a hidroxicloroquina, que faz menos mal pro corpo
10	do que a cloroquina.
	08 m 04 s a 8 m 50 s
11	O problema é o seguinte. Esse estudo é MUIto preliminar. Ele é muito novo. Eles
12	não separaram os pacien/ Os pacientes e os médicos sabiam quem tava tomando o

13	remédio. Então tem o fator humano aí das pessoas esperarem que o remédio
14	funcione. Os remédios que a gente tem na prateleira da farmácia não são
15	desenvolvidos assim.
16	Isso foi testado na urgência, em doses que não são tão controladas. E o resultado
17	de VINte e seis pacientes não é um resultado que se considera confiável pra poder
18	extrapolar isso pra todo mundo. <Então é promisso::r, proMEte ser interessante>,
19	muitos hospitais agora vão começar a fazer testes com isso, >assim como tem
20	hospitais testando medicamentos contra o HIV que parecem que funcionam contra
21	o coronavírus também<. Mas a gente tem que esperar esses <testes (.) pra ter
22	esperança> (.) de que a hidroxicloroquina pode fazer alguma diferença.

(Canal, 2020).

Esse fragmento corresponde à parte do vídeo de Atila que se contrapõe à vontade que as pessoas têm de que os medicamentos da farmácia vão ajudar. Observando os dispositivos enunciativos, praticamente todo o conteúdo das linhas 1 a 10 (1ª parte) é uma imputação, à instância l3/e2, o laboratório francês, que anunciou uma verdade favorável à HCQ (opinião dissonante da de Atila, que é a instância L1/E1)⁹⁸. Mas, logo na sequência, a atitude pragmática (exploração pragmática da imputação) de L1/E1 se estabelece frente ao PDV imputado: desde a linha 11, L1/E1 se mostra em pleno desacordo. Isso se comprova, por exemplo, na expressão “O problema é o seguinte” (linha 11), que avalia negativamente o PDV de l3/e2 (“o problema”) e funciona como uma operação adversativa em relação ao enunciado das linhas 1 a 10.

Contudo, nessa 2ª parte (a contar da linha 11), que faz elevar o PDV assumido, o PDV por responsabilidade enunciativa, de L1/E1, enunciando/contra-argumentando que o estudo de l3/e2 não tem validade, a mobilidade empática de L1/E1 denuncia a simpatia. Isso porque, no entremeio da posição discordante (linhas 11 a 22), Atila demonstra saber que muitas pessoas são simpáticas à hidroxicloroquina (HCQ), ao PDV de l3/e2, estando elas esperançosas quanto a esse medicamento, e, então, apela para essa ‘bondade’ a e2 com o enunciado “<então é **promisso::r, proMEte ser interessante**>” (nosso foco). Essa expressão revela um *miniacordo* com e2 aceitando a esperança dele em relação à HCQ, afinal o que Atila faz é repetir o atributo de “promissor” do estudo (que foi primeiramente expresso na linha 8). Ou seja, na linha 18, Atila desenvolve um assentimento, uma encenação da **simpatia**, relacionada a uma conduta de amistosidade, de polidez, de cuidado para com o e2, por este estar ainda tão apegado à HCQ.

⁹⁸ A instância l3/e2 corresponde ao locutor/enunciador citado como o laboratório francês (“um laboratório francês anunciou resultados promissores [...]”; segmentos 7 e 8); e a figura e2 corresponde aos outros sujeitos que são presumidos, por L1/E1, como aderidos a esse PDV2 (confiante na hidroxicloroquina), pois depreendemos que o L1/E1 dirige seu discurso a esses sujeitos (e2, pressupostos como alocutários).

O desacordo, como orientação mais global do #4, é evidente, a despeito desse artifício pontual de simpatia, que implica a presença sensível (em um sentido de vulnerável) de e2. Mas essa constatação também nos permite enxergar com outros olhos o enunciado das linhas 1 a 10 (que, antes, classificamos como imputação, tão-somente). Pode parecer, aos primeiros olhos, que L1/E1 está apenas, ‘no modo neutro’, retratando esse PDV alheio, nas linhas 1 a 10. Sabemos que ele não é neutro, já que esse L1/E1 resiste ao PDV de l3/e2 a partir das marcas textuais do segundo bloco (08 m 4 s). No entanto, é curioso que o tom prosódico no primeiro bloco (até a linha 10) seja muito mais ‘calma’ (menos engajada, menos incisiva), comparativamente às ênfases prosódicas muito mais frequentes na segunda parte (8 m 4 s), quando da RE. Isto é, o L1/E1 se compromete muito mais no estágio textual que infirma a sua RE (2º bloco). De fato, o modo de relatar a posição e2 (primeiro bloco) não é tão ingênua e neutra assim. Por exemplo, em “e já *tentaram* usar ela contra a gripe”, L1/E1 mediatiza que os laboratórios já tentaram fortalecer o PDV da HCQ, mas L1/E1 relata isto sem força ilocutória de relevância, sem recurso a outros lexemas que confeririam mais poder veridictório a esse pdv. Outro exemplo é o trecho “E resgataram essa ideia agora” (linha 6), de novo uma configuração que não dá atrativos ao PDV2. Já a posição considerada como merecedora de crédito por L1/E1 (2º bloco) recebe uma ritualização maior, como se notabiliza nas pausas, desacelerações e ênfases prosódicas (mais numerosas), como uma visada de captação para que o espectador preste atenção *neste* PDV, e não no anterior (anterior à linha 11). Por estas e outras marcas semióticas, a imputação inicial é uma pseudoneutralidade, pois, ainda que o dispositivo em evidência seja a imputação, o ‘PDV do texto’ *atravessa* o PDV imputado. Isso mostra o quanto os PDVs se organizam em relacionalidade (o modo como um se apresenta se deve ao *status* de outro PDV) e, também, em conformidade com as condições genéricas/interacionais.

De todo modo, a **simpatia** está presente no esforço de polidez do segmento 18. Essa linha, enquanto mobilidade empática (colocar-se no lugar do e2 e, ainda, manter certa simpatia para com ele), acusa que L1/E1 reconhece e até aceita a heteroemoção (e2): a *esperança* de que a HCQ funciona, por exemplo. Ou seja, L1/E1 é compassivo com o interlocutor que percebe a realidade segundo esse PDV antiorientado ao dele. Simultaneamente à heteroemoção, Atila também se *autoatribui* a emoção da compaixão, ou algo ligado à resignação.

Essa identificação com as emoções do outro (aceitar a dor humana, que leva à obstinação da confiança na HCQ) deve-se ao fato de L1/E1 *validar*, mesmo que muito provisoriamente, a emoção de e2. E isso revelaria uma importante visada argumentativa na negociação com o PDV2 (confiante na HCQ e resistente às recomendações científicas oficiais). Em L1/E1 sendo, no plano global, contrário ao PDV2, a empatia faz esse locutor ir além, e

desenvolver amistosidade para com e2, como uma forma de estabelecer um tom de discurso amigável, congruente à busca de angariar legitimidade junto a esse público em específico.

Coerentemente a essa análise, Rabatel (2013 apud Silva, 2022, p. 54) sinaliza que o sujeito empatizado pode ser também um *interlocutor* – e não apenas uma subjetividade em regime delocutivo – como na hipótese de L1/E1 dizer “no seu lugar, eu faria Y”. Além disso, é possível que o L1/E1 suponha um enunciador segundo (e2) que assume a missão de empatizador, de modo que se estimule que esse e2 é que se coloque no lugar de uma outra pessoa, como em “Eu digo que se tu estivesse no lugar de X, tu dirias (que) Y”. (Rabatel, 2013 apud Silva, 2022, p. 54). Esse é o caso, aliás, quando o youtuber científico roga a piedade do público em relação a alguma injustiça causada pela desinformação científica, algo que já notamos no estudo piloto.

Essa breve análise conduz-nos para a costura entre **empatia** e **emoções**, uma vez consideradas as variadas configurações enunciativas da empatia. Nesse quadro teórico-metodológico, concebemos a emoção tanto como *estratégica* ou intencional quanto como *intrínseca* ao discurso. Isto porque, como defendem Pinto e Cortez (2017, p. 55, grifo nosso), “é por meio da dinâmica da representação dos pontos de vista, que podemos falar de empatia em contexto argumentativo *direto* e *indireto* ou, conforme a visão de Amossy (2006): visada argumentativa e dimensão argumentativa”. Neste sentido, o apelo ao sensível acontece também nos textos que não se caracterizam como de visada argumentativa, já que o próprio pdv, quando não é uma opinião explícita, pode carregar *emoções não ditas* por um locutor encarnado ou mais abstratamente representado.

Essa dinâmica das opiniões acontece também com as emoções, como registrado por Rabatel (2013c): “as emoções não são apenas comunicadas, elas são *representadas* e, portanto, tornam-se racionalizadas, inscritas numa visão estratégica que é a de e2 e/ou de E1, na medida em que E1 pode explorar por sua conta emoções de e2”. Assim, avançando na caracterização do sensível na argumentação, temos que, em meio a essas emoções que são inferidas através da imputação ao outro, as emoções se revelam para além de lexemas *tipicamente* emocionados. Pois, como diz Rabatel, “no modo empático, o locutor/enunciador primeiro (L1/E1) não exprime diretamente suas emoções, mas evoca mediatamente emoções que ele imputa a um outro” (Rabatel, 2013c, p. 65).

Aplicando uma exemplificação acordante a isto, do próprio Rabatel (2013c), temos, por um lado, a possibilidade de um locutor dizer ‘Pedro tem medo’, o que configura um argumentar *sobre* as emoções. Mas, alternativamente, é possível que o locutor/enunciador focalize o conteúdo perceptual (que inclui o medo) de modo a fazer sentir ao leitor que Pedro sente medo;

isto é, fazer com que a sensação de medo, atrelada a determinado(s) focalizador(es), fique evidenciada ao leitor, fazendo-o experimentar o medo (Rabatel, 2013c). Neste caso, a operação é *ver as coisas do ponto de vista de Pedro*, uma situação de medo sentida/vista segundo a referência, ou segundo as coordenadas modais que encaixam Pedro (e2) no dizer.

Deste modo, depreendemos de Rabatel (2013c) que a apropriação das emoções no contexto empático dá-se da seguinte maneira: a emoção é captável pela coconstrução dos PDVs, pela dialogização interna, que, por sua vez, toca nas emoções. Isso porque as emoções, uma vez apresentadas, são, subsequentemente, *representadas, assertadas, narrativizadas* (modos de gestão dos PDVs), segundo as relações enunciativas, como no exemplo da narrativa que retrata os sentimentos e valores do pai em relação ao filho (Rabatel, 2013c).

A ligação entre empatia e emoções é bem verificada na pesquisa de Dissertação de Mestrado de Silva (2022), tendo como objeto textos do gênero sustentação oral. Esse gênero, quando no enquadre do direito penal, caracteriza-se como sustentação da defesa de um réu (em face de um tribunal do júri), normalmente com o advogado criminal na posição de defesa do acusado (Silva, 2022). No exame do aparato empático-afetivo dessas argumentações, a pesquisadora (2022) identifica alguns tipos de emoções acionadas no discurso dos advogados como fórmulas para fazer com que o juiz ou o jurado se coloque no lugar do réu. Alguns exemplos são o medo, a dor, a indignação e o arrependimento (Silva, 2022). Em um dos casos concretos, o advogado põe em relevo ações *inocentes* que teriam sido adotadas pelo réu, narrando que este estava em uma situação delicada ao atingir a vítima (recursos para sensibilizar o auditório, para acionar a simpatia/compaixão), chegando ao ponto de este advogado até se exaltar durante a sessão (Silva, 2022). O modo como esse aparato afetivo é utilizado permite-nos entender, com Silva (2022, p. 54, grifo nosso), que “a empatia leva a uma avaliação de uma ação *compreensível*, já que, pela emoção, serve para levar o orador a entender o que levou um ser a agir de determinada forma. Podemos dizer, nesse contexto, que a emoção e a empatia andam juntas”.

É mister registrar a coerência em que a empatia se vê envolvida com o restante da teorização de Rabatel (2013b; 2016), tendo como núcleo a noção de PDV. O PDV não é apenas uma inserção textual-linguística do focalizador, mas um fenômeno de ordem psicossocial e cognitiva, o que traduz justamente a potência da empatia (Rabatel, 2016a):

O PDV, antes de ser um conceito linguístico é, em primeiro lugar, uma postura cognitiva e psicossocial, que leva o indivíduo a se colocar no lugar do outro, até de todos os outros, para poder melhor retornar ao seu, e até para poder

melhor construir um ponto de vista comum que não é nem escrito com antecedência, nem a soma dos PDV particulares. (Rabatel, 2016a, p. 29).

O PDV serve, sim, às atitudes de desacordo, como quando L1/E1 busca se afastar de outras posições, modalizando-as como problemáticas (sobre-enunciação, por exemplo) ou tratando-as com reservas (subenunciação, por exemplo), *mas também serve à empatia*, permitindo a L1/E1 até mesmo atualizar o seu ‘verdadeiro’ PDV a partir do que o ‘outro’ diz (caso o PDV de L1/E1 não coincida, à primeira instância, com o da instância empatizada) (Rabatel, 2016a; 2016b). Nessa situação empática, o que acontece com o L1/E1 é um *retornar a si* (‘rever si’), o que ratifica que o PDV, grandeza cognitiva e psicossocial, está ligado à ética e aos valores no mundo (re)criado pelo sujeito que empatiza. Como afirma Rabatel (2016a), “o PDV abre-se para a problemática dos valores e da ética (Lecraire-Halté, 2004), oferecendo a vantagem de investigar esse vasto território, ao se apoiar na base dos materiais linguísticos” (Rabatel, 2016a, p. 29).

Tendo em vista, ainda, a coerência com outros conceitos da teoria, é no PDV narrado que a noção de empatia tende a comparecer preferencialmente (RABATEL, 2001). Isso faz muito sentido levando em conta que a instância enunciativa mais facilmente empatizar-se-ia com um contexto de debreagem enunciativa mínima, isto é, com um contexto de *ele, então e alhures* (um outro de *si* ou um outro enquanto *ele*) que não é falante, que não é encarnado. Como afirma Rabatel (2001, p. 156, tradução nossa), “o PDV narrado corresponde aos casos em que um fragmento de texto empatiza com um dos atores do enunciado, e narra os acontecimentos de acordo com a sua perspectiva, sem ir até uma debreagem enunciativa sensível através das percepções representadas”. Ou seja, é preciso deixar que a debreagem seja *enunciva*, como no exemplo a seguir de PDV narrado com empatia que é evocado por Rabatel – do romance “*Para o lado de Swann: à procura do tempo perdido*”, de Proust –, exemplo no qual o narrador empatiza com a personagem Swann: “Ao fim de um segundo, ela já havia saído há muitas horas. (Proust, *Para o lado da Swann*)” (Rabatel, 2001, p. 156, tradução nossa). Nesse enunciado, Swann (e2) está triste com a partida (que foi há praticamente um *segundo*) de Odette, mas isto lhe traz a sensação de *horas*, quadro emotivo com o qual L1/E1 empatiza, não guarda distância (Rabatel, 2001).

Neste exemplo de Swann, a empatia é total, mas Rabatel reconhece também a empatia parcial, que é aquela na qual a sequência de ações/falas/percepções de uma personagem pende para um efeito de maior objetividade, mas em meio à qual inferem-se determinados motivos patêmicos *silenciosos*, como em um outro exemplo literário discutido por Rabatel (2001, p. 157) no mesmo artigo. O que importa, enfim, é a possibilidade de gradação na empatia. “O

PDV do personagem pode estar marcado sem que se observe a presença de marcas tradicionais de empatia” (Rabatel, 2016a, p. 141). Um traço indispensável é que haja alguma *identificação* com o ator tido como pivô referencial, aquele segundo o qual os objetos são depreendidos de tal ou qual maneira (Rabatel, 2016a).

No exemplo de empatia do #4 (no segmento 18 daquele trecho do divulgador Atila), vimos que não foi necessário que o l3/e2 ou mesmo o e2 fosse representado em uma enunciação relatada direta, pois o que importa é que as marcas de empatização, *de alguma maneira*, ressaltem o sujeito que percebe (o focalizador), independentemente do tipo de focalização e dos objetos percebidos (Rabatel, 2016a). Segundo Rabatel (2016a), a instância perceptiva e pensante pode se materializar conforme modalidades bem diversas – como no #4, em que a menção à e2 inexistente na linha 18 (quando se fala que “é promissor”) ⁹⁹ –, importando que o processo de focalização (L1/E1 como aceitando que a HCQ é promissora) beneficie um centro de empatia, que, no caso, é e2.

O acesso a este centro de empatia pode se dar por meio de mecanismos linguageiros variados, como a recategorização de objetos de discurso e as escolhas de pronomes (Rabatel, 2016a). As marcas linguísticas serão de empatia quando o sentido do enunciado indiciar que o empatizador imagina aquilo que o empatizado possa julgar, pensar, sentir etc. Para a análise do *corpus* (capítulo 4), especificamente, valemo-nos da categorização das visadas patêmicas (emoções) proposta por Charaudeau (2010) da seguinte maneira:

Proporei quatro grandes tópicos, cada um duplamente polarizado (em afeto, negativo ou positivo, visto que a patemia não é somente o sofrimento), e os nomearei por meio de termos que não têm senão um valor emblemático: a tópica da “dor” e seu oposto, a “alegria”; a tópica da “angústia” e seu oposto, a “esperança”; a tópica da “antipatia” e o seu oposto, a “simpatia”; a tópica da “repulsa” e seu oposto, a “atração” (Charaudeau, 2010).

Existem, ainda, as figuras patêmicas mais específicas, subsumidas às tópicos, como benevolência e compaixão, atreladas à tópica mais ampla da simpatia (Charaudeau, 2010), por exemplo. Essas categorias serão lidas, por nós, como visadas patêmicas, na condição de emoções mobilizadas, interpretadas e inferidas por L1/E1 no seu processo de gestão de pontos de vista, que pressupõe a presença, muitas vezes, da mobilidade empática, como vimos. No percurso da análise, concentrar-nos-emos nos *pathé* mais evidentes do *corpus*, tendo em vista o que é mais relevante no quadro da interação envolvendo os youtubers aqui observados.

⁹⁹ Talvez “E resgataram essa ideia agora” possa subentender a voz social correspondente a l2/e2, no sentido de muitas pessoas que recentemente evocaram/lembaram os supostos benefícios da HCQ.

Como vimos desse conjunto discutido até o momento, o exame da dinâmica empática das emoções dá-se com base em uma concepção que vê nos textos/discursos de qualquer gênero a argumentação indireta. Para mais das argumentações/emoções que compõem por explicitações de tese e conectores, por exemplo, Rabatel (2013b; 2016; 2018) tem preferido examinar as formas *indiretas* de argumentação, inicialmente na esfera literária, mas, de todo modo, instruindo-nos que os variados gêneros revelam uma orientação argumentativa.

Esta é uma abordagem onomasiológica sobre o material linguageiro (Rabatel, 2018). Essa abordagem explica a possibilidade de o texto construir representações compartilháveis, sem que se busque o consentimento do destinatário – como aconteceriam nas fórmulas com conectores e advérbios argumentativos. Esta operação implica apostar nas capacidades *do leitor*, na medida em que ele, diante de uma *natureza de coisas* narradas – em um texto narrativo, por exemplo, como exemplifica Rabatel (2018) –, é capaz de *deduzir* determinado embate de pontos de vista (Rabatel, 2018). Trata-se de visualizar a argumentação para além dos textos dissertativo-argumentativos, nos *comportamentos*, como por meio de ‘simples’ escolhas referenciais, que denuncia a intromissão de opiniões e preferências de um outro enunciador ou do interlocutor (Cortez, 2018).

Desta forma, as heteroemoções e autoemoções, pela argumentação indireta, notabilizam-se por intermédio da complexidade das relações enunciativas entre as instâncias, conforme a gestão que se faz delas, por meio de um *fazer ver* o outro, de um *fazer saber* e *fazer ver* a orientação argumentativa e emocionada do texto, conforme os direcionamentos de L1 no seu modo se compatibilizar com e2. Assim, pelo modo como L1/E1 faz falarem as instâncias/personagens, o apelo ao sensível com fins argumentativos se constitui.

Explicados os fundamentos teóricos do nosso estudo, a sequência deste texto é ocupada pela descrição dos procedimentos metodológicos adotados na lida com o *corpus*. Passemos, então, ao capítulo 3.

3 LENTES E ITINERÁRIOS PARA ACESSO AO *TEXTO-MOSAICO*: SELEÇÃO, TRATAMENTO E METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS VÍDEOS

3.1 A seleção do *corpus*

O *corpus* compõe-se de vídeos postados na plataforma YouTube que divulgam ciência, no formato vlog, com característica de *débunkage*¹⁰⁰, e nos quais o método científico é mobilizado ou pressuposto pelo youtuber, este identificado como *porta-voz* da ciência.

Um outro critério (mas simbiótico a estes anteriores) é o de que todos os vídeos deveriam ser vinculados a canais do selo de qualidade ScienceVlogs Brasil (SVBr), organizados no YT. Isso porque o SVBr propõe-se a ser um filtro epistêmico, colocando os canais associados a ele como *arautos* da insuspeição, algo previsto na apresentação desses perfis enquanto *ethos dito*. Mas a minha questão¹⁰¹ é como esses divulgadores projetam esse imaginário de si, de credibilização, por meio dos mecanismos enunciativos. Portanto, a filiação do *corpus* ao selo viabiliza uma pesquisa que se concentra em como os youtubers *sérios* – que buscam inspirar *confiabilidade* – combatem a desinformação, ou seja, como eles resolvem esse desafio frente às *complicações* do contexto sociocomunicativo que descrevemos na seção 1.3¹⁰².

Na época da seleção do *corpus*, para confecção do Projeto de Qualificação¹⁰³, eu havia discretizado os critérios acima de maneira muito mais minuciosa, em face da verdadeira quantidade de perfis reunidos no SVBr: 59 canais, pela identificação feita na época. Assim, o processo de seleção, para um melhor recorte, teve como foco a *matéria-prima* de 59 canais¹⁰⁴, que foram cotejados com esses critérios rigorosos de seleção, rigorosos porque eu objetivava

¹⁰⁰ Nos parâmetros de caracterização feita no capítulo 1 (seção 1.3), com base em Baur (2021).

¹⁰¹ Desenvolvi o capítulo de Metodologia excepcionalmente em primeira pessoa do singular, para melhor expressar o percurso: para expressar o quanto os passos realizados derivam de um envolvimento meu composto por entroncamentos entre minhas intenções de pesquisa e as realidades da imersão (navegação) no objeto. A primeira pessoa também favorece tratar das vicissitudes desse percurso metodológico.

¹⁰² São muitos os gêneros de divulgação científica no YouTube, como conferimos na fundamentação teórica. Mas, para além desta justificativa de recorte, o fato é que vlog (vídeos-monólogo) é o estilo que tem sido mais aderente, dentro do YouTube, à proposta de *débunkage* – desconstruir conteúdos que tocam na temática científica, mas que são consideradas errôneas (Baur, 2021) –, o que se compatibiliza, naturalmente, com o ScienceVlogs Brasil.

¹⁰³ A seleção do *corpus* foi executada entre os meses de janeiro e fevereiro de 2023. Logo, os dados apresentados sobre os vídeos aqui mencionados são relativos à situação encontrada nesse período na plataforma YouTube.

¹⁰⁴ A lista de canais de que me vali é aquela informada por Andre Azevedo Fonseca em uma matéria publicada por ele no site Universo Racionalista. O título da matéria é “Super lista dos canais de divulgação científica do Science Vlogs Brasil” (Fonseca, 2020b), acessível aqui: <https://encurtador.com.br/StD9E>. A lista serviu como *itinerário*, para eu navegar no SVBr e procurar os devidos canais, checando os critérios de seleção estipulados. Pareceu-me uma lista mais confiável, em detrimento de outras da *web*, até porque o referido autor é também youtuber no canal homônimo também pertencente ao SVBr. Além disso, ele é pesquisador universitário, sendo o autor de um dos capítulos de livro que integram a fundamentação teórica desta Tese, um capítulo que trata justamente da divulgação científica no YouTube e da atuação do SVBr (Fonseca, 2020a), citado na seção 1.3.

um montante de 3 ou 4 canais, na perspectiva, estabelecida desde o início, de efetuar a análise do discurso de um vídeo de cada canal (desses 4 ou 3 canais, que deveria ser o montante final). O cotejo foi feito por meio de uma visita *superficial* (por assim dizer), de minha parte, a esses canais no YT, para conferência dos critérios, processo no qual o conjunto de 59 canais passou para 36, depois para 5, e, em seguida, finalmente, para 3 canais (como sendo material do nosso interesse, nessas diferentes etapas). Essa *peneira*, paulatina desse modo, era, primeiramente, com a finalidade de eu localizar os candidatos a *corpus* que seriam mais aderentes ao escopo do problema de pesquisa (e, então, conforme os critérios descritos no Quadro 1, adiante). Outra finalidade era tornar a pesquisa mais exequível, em termos de quantidade de material.

Para que eu elegeisse, então, objetos audiovisuais coerentes ao interesse da Tese, atentei, por exemplo, aos canais que mantinham uma identidade *estável* como de *débunkage* na plataforma, isto é, cujos youtubers já apresentavam, pelas suas *playlists*, o *hábito* de desenvolverem provocações e/ou respostas de contraponto crítico. Neste caso, o que estava em foco era critério 3 (consoante ao Quadro 1, com critérios de seleção). O Quadro 1, a seguir, permite uma visualização mais concreta dos critérios de checagem nessa varredura – que teve a lista de Azevedo (2020b) como *roteiro* para a checagem realizada no espaço do YouTube.

Quadro 1 – Segunda etapa de seleção do *corpus*

Critério 1	O perfil está em funcionamento atualmente (entre janeiro e fevereiro de 2023), tendo postagens a partir de 2020 sobre a temática referente ao critério 5 (covid-19)? (atualidade do perfil)
Critério 2	O canal é apresentado por um youtuber que, no mínimo, tem formação em graduação na sua área de conhecimento?
Critério 3	Este canal desenvolve, de maneira constante e consistente ao longo de seus vários vídeos postados, uma <i>fala de provocação</i> ao ponto de vista antagônico? Assim, deveria ser identificável o dissenso no <i>processo de fala</i> , não apenas nas descrições <i>externas</i> .
Critério 4	Os vídeos deste canal têm duração máxima de 15 minutos?
Critério 5	Os vídeos deste canal exploram a temática da covid-19, em um sentido amplo? (padronização da temática, inclusive por motivo de respeito às leituras já realizadas durante o estudo piloto)
Critério 6	Critério transversal. É possível reservar uma quota para produções de mulheres divulgadoras de ciência para o <i>corpus</i> final?
Critério 7	Critério transversal. Este canal apresenta muitos <i>comentários dissensuais</i> (de sujeitos adversários) ao ponto de vista do youtuber científico?

Fonte: elaborado pelo autor.

Esses preceitos permitiram-me fazer aquele processo eliminatório (de 59 a 36 vídeos¹⁰⁵; de 36 a 5; de 5 a 3), que deveria expressar meu horizonte de chegada nos seguintes aspectos: (i) um *corpus* com 5 ou 3 vídeos; (ii) fortalecimento de vídeos de mulheres; (iii) vídeos curtos (15 minutos); (iv) vídeos com estilos comunicacionais diferentes entre si, para melhor diversidade da amostra (e dos tipos de gestão de pontos de vista); (v) prática de *débunkage* – na parte oratória do vídeo – focada nas polêmicas sobre a pandemia. O critério 2 (Quadro 1), em especial, reverbera a hipótese de que o dispositivo YouTube constrange, por assim dizer, esses divulgadores a um *novo* modelo de DC, levando-os a *sensíveis adaptações* – como na encenação de emoções – ao modelo de trabalho YouTube, adaptações também aos tipos de tensão próprios dessa conjuntura. Nessa varredura, cheguei, por exemplo, aos canais *Nunca vi 1 cientista*, *Olá, ciência!*, *mimimidias* e *canal do Pirulla*, entre outros. Por outro lado, foi necessário eliminar, nomeadamente, perfis como *Eu, ciência* e *Frank Jaava*, por desenvolverem geralmente temas ‘frios’, e não temas quentes *do momento* referentes à pandemia.

A aplicação do Quadro 1 resultou, enfim, na amostra de apenas **dois perfis**, que não receberam nenhum de sinal de *X* (de eliminação), no escrutínio final feito à luz do Quadro 1, isto é, que atendem mais plenamente aos sete critérios¹⁰⁶. São eles o *Canal do Slow* e o canal *Nunca vi 1 cientista*, conforme exibido no Quadro 2 (a seguir). Para contextualizar, esse Quadro 2 arrola os títulos dos vídeos, destes três canais, e descreve o fim discursivo dos vídeos subsumidos a esses canais e o motivo da escolha destes (em detrimento de outros materiais do SVBr). Esses elementos ratificam a coerência aos critérios estipulados. Assim sendo, o Quadro 2 mostra os vídeos *vencedores*. Após o Quadro, farei uma explicação complementar, sobre o porquê da escolha desses títulos, em específico.

Quadro 2 – Definição dos vídeos a comporem o *corpus* após aplicação das *peneiras*

	Canal do Slow	Nunca vi 1 cientista.
Títulos a comporem o <i>corpus</i> .	O MOVIMENTO ANTIVACINA no BRASIL!!!	Ivermectina – o que diz a ciência? – um papo sobre evidência anedótica.
Data de publicação	15 de maio de 2023.	23 de julho de 2020.
Link para acesso	https://shre.ink/agQo	https://shre.ink/a37x
Fim discursivo	Explicar e fazer-creer que as vacinas contra a covid-19 são	Explicar e fazer-creer que não há evidências científicas para a ingestão

¹⁰⁵ Havia uma lista contendo o conjunto de **36 canais**: cada linha da tabela/lista correspondendo a um canal. É sobre essa lista tabelada que apliquei os critérios do Quadro 1. A sinalização em *X* em algumas linhas (ou seja, em alguns canais), indicava que o canal estava descartado, pela aplicação dos critérios, mas com a especificação de qual critério não foi ‘atendido’ – por assim dizer – pelo canal do SVBr. Essa lista foi utilizada no texto de Qualificação.

¹⁰⁶ Na verdade, quando do Projeto de Qualificação, eu havia chegado a três canais, incluindo um outro, que é o canal do Pirulla. Mas este foi excluído no período após a Qualificação. O motivo é explicado mais adiante.

	eficazes e explicar o funcionamento do movimento antivacina nas redes sociais (especialmente, do grupo Médicos pela Vida).	do medicamento ivermectina para o tratamento da covid-19 e explicar como combater evidências anedóticas.
Duração do vídeo	14 m 09 s	13 m 39 s.
Motivo da escolha do vídeo.	O vídeo se destaca pela riqueza da distribuição de diferentes vozes para a atuação de <i>débunkage</i> : menção a falas antivacina verossímeis (de forma teatralizada); efeitos visuais para simular o debate acalorado; referência explícita a médicos negacionistas e manifestantes pró-Bolsonaro etc. Além disso, o vídeo possibilita contemplar o importante tema das vacinas.	Conforme uma pré-análise, há recursos como ironia, indignação, analogias divertidas, memes (nas animações da edição final do vídeo) e menção de dizeres negacionistas verossímeis, isto é, uma riqueza de recursos que parece ser empregada para o contraponto do tipo <i>débunkage</i> por parte da youtuber.

Fonte: elaborado pelo autor.

Os dois canais apresentavam, nos seus respectivos repositórios – histórico de vídeos lançados – uma grande variedade de produções de *débunkage*. Assim, precisei escolher um, dentre os vídeos desses canais aderentes. A opção por um vídeo de cada canal (e não vários de um mesmo canal) é motivada pelo meu intuito de observar estratégias diferentes de *débunkage*, conforme enredadas por diferentes tendências estilísticas. Ademais, procurei estabelecer um *corpus* que, do ponto de vista temporal, fosse próximo ao ano de 2023 e, assim, próximo ao momento de início das análises (em 2023). É que isto serviria para eu obter um *termômetro* mais representativo de como o debate *tenso* sobre a pandemia de covid-19 ocorreu na perspectiva de um envolvimento com o momento vivido. Para mais, esses vídeos são exemplares de espaços de debate que foram ocupados, em alguma medida, por *reações indignadas*, de modo que ficam confirmados como sendo do meu interesse. A título de ilustração, o canal *Nunca vi 1 cientista* utiliza estratégias variadas de refazimento das vozes evocadas para a finalidade global de desmascarar ideias falsas sustentadas por essas vozes.

Além disso, a inserção do canal *Nunca vi 1 cientista* é o êxito da aplicação do critério transversal nº 7, que traduz a necessidade de impelir o *corpus* a ter produções feitas por mulheres. Isso porque a tendência maior é de os conteúdos de mulheres não serem tão impulsionados nesse ecossistema. O canal *Nunca vi 1 cientista* é apresentado por duas cientistas: Laura Marise de Freitas e Ana Bonassa. A ideia, aí, foi burlar a naturalidade com que a desigualdade na projeção das produções de ciência do YouTube acontece, visto que os canais mais populares, de mais alcance e impacto, são protagonizados por homens, e da região Sudeste, conforme mostra a literatura sobre DC no YT (Reale, 2018; Velho, 2019; Brasil;

Massarani, 2021). Entendo que isso pode gerar o risco de impactar os tipos de objeto de análise que aparecem como *relevantes* para analistas do discurso¹⁰⁷.

Ainda no que concerne à delimitação do objeto empírico, outras eliminações aconteceram em relação ao texto da Qualificação. Notei a necessidade de excluir o objeto *comentários* como material a ser analisado, devido à possível sobrecarga desnecessária, o que, inclusive, segue sugestão dada no Exame de Qualificação. Percebi a necessidade, também, infelizmente, de analisar apenas **dois vídeos** do *corpus* em termos definitivos, de modo que excluí o vídeo do Canal do Pirula¹⁰⁸. Escolha aleatória de exclusão, ela decorreu das grandes demandas que senti durante a análise, e face a complexidade da transcrição. Não vejo nisto, porém, uma perda tão substancial, porque a análise atual terá um conveniente cotejo com dados do estudo piloto (onde um vídeo do Pirulla foi objeto) e, também, com as configurações enunciativo-discursivas identificadas em outras análises próximas, como as de Baur (2021).

Para esta adesão a um *corpus* de quantidade pequena, algo já previsto no Projeto de Qualificação, amparo-me em Moirand (2020, p. 21, grifo meu), que entende que os pequenos *corpora* “possibilitam descrever as formas discursivas, raras ou *não estabilizadas* ainda, [...] bem como as relações entre a linguagem verbal e o mundo (o ambiente, os objetos, os atores e suas ações)”. O não estabilizado se percebe no fato de ainda estarmos, contemporaneamente, criando metodologias de análise das manifestações do YouTube, e se percebe no fato de as problematizações sobre a composição metodológica de *corpora* nativos digitais, em geral, ser algo recente e em andamento, como atestam as datas de publicações acadêmicas importantes que versam sobre isso (Falconi-Pires; Lourenço, 2022; Paveau, 2021). Há uma outra razão pela qual é mais prudente um pequeno *corpus*, dentro de uma problemática como a desta Tese. O analista do discurso, também um *prosumer* – ou *produsuário*, na opção de Paveau (2021) –, defronta-se com a circulação exacerbada e nauseante desses discursos digitais (Paveau, 2021), o que atrai o risco de o analista se perder nessas tantas possibilidades. O YouTube tem essa

¹⁰⁷ Na análise de Velho (2019) sobre como os divulgadores do SVBr lidam com os problemas do modelo de trabalho na plataforma, a autora constatou que 76,9% dos canais desse agregador são executados por homens, enquanto 23,1% são de responsabilidade de mulheres. Esse dado mostra a disparidade de gênero, e reflete, segundo a pesquisadora (2019), o fato de que mulheres cientistas serem, ainda, minoria nos variados campos das “ciências duras” e das engenharias (o que, convenhamos, tende a ser mais incentivado midiaticamente, mesmo que o SVBr se apresente como plural nesse quesito, algo que não checamos nesta Tese). Os entraves para as mulheres se revelam, também, nos dados de Brasil e Massarani (2021): dentre os canais mais famosos do SVBr, nenhum é capitaneado por mulher, e as fontes acadêmicas citadas quase sempre remetem a autores homens, o que contribui para a disseminação da representação da atividade científica como masculina.

¹⁰⁸ Tratava-se de um vídeo do canal do Pirula (2020b), vídeo de 8 de maio de 2020. A finalidade do vídeo é criticar o negacionismo bolsonarista depreendido de uma das declarações públicas do ex-presidente Jair Bolsonaro e criticar a gestão de Bolsonaro quanto à pandemia de covid-19.

natureza, com uma miríade de caminhos multimidiáticos e de tecnogêneros, com um certo frenesi de tecnografismos, com a cultura da convergência (relação com outros ecossistemas) etc., e, por isso, um enfoque é necessário.

De todo modo, no fim das contas, apesar de os comentários não serem contemplados, a perspectiva ecológica, recomendada para a análise de discursos nativos digitais (Paveau, 2021), é ainda assegurada. O aparelho metodológico construído não se inclina à lógica de meramente *coletar* discursos que estão *na* internet a fim de constituir um *corpus* útil, mas, sim, usar *a própria ambiência* para encontrar materiais interessantes, porque a propriedade de *interessante* advém do significado nativo disso; por exemplo, a valorização de animações gráfico-digitais como fator de análise é orientada por uma demanda dessa natureza tecnodiscursiva¹⁰⁹. É em atenção a essa perspectiva ecológica que fiz toda uma *imersão* na seleção do *corpus*: imergir na vlogosfera do SVBr, valorizando suas especificidades (o *débunkage*, a estruturação nativa da *treta*, ou seja, dos embates, e isto com base nos *affordances*. Tudo isso como forma de manter critérios *justos* de tratamento dos vídeos. Além disso, a análise proposta segue uma abordagem qualitativa de pesquisa, entendida como uma abordagem que investiga um fenômeno específico em profundidade (Creswell, 2010). Logo, o recorte bem delimitado, por meio da *peneira*, é oportuno, congruente a um *corpus* pequeno.

A partir disso, o procedimento é analisar a gestão do dialogismo intradiscursivo pelos seus mecanismos de manifestação na *fala* do vídeo, levando em conta recursos foram usados nessa sequência fílmica. Contudo, o caráter verboaudiovisual, com traços prosódicos (como sinalizado na fundamentação teórica), requer uma notação adequada dos fenômenos de expressão oral. Assim, ocupar-me-ei, a partir de agora, da estratégia de transcrição dos vídeos.

3.2 A transcrição dos vídeos

A transcrição dos vídeos se faz necessária, porque o material a ser analisado contém discurso falado; mais precisamente, ele congrega diferentes semióticas: a modalidade verbal/vocal; a linguagem gestual/corporal do youtuber e as outras animações no quadro do vídeo, como fotos. Essa ecologia discursiva exige uma representação adequada, em texto escrito, para os fins desta Tese, favorecendo a fidedignidade quando eu for me referir aos recursos linguageiros paraverbais no momento do relato analítico escrito (o relato no qual

¹⁰⁹ Para a revista destes critérios, baseei-me em Falconi-Pires e Lourenço (2022), que comentam sobre esses cuidados metodológicos, embasados na teorização de Paveau.

inspecionarei o dialogismo de pdvs a partir das marcas *orais* deixadas pelo divulgador). Isto posto, explicarei aqui a seguir organização da transcrição, junto a alguns fundamentos teóricos.

Seguindo as explicações de Pretti (2009), a transcrição consiste na *transcodificação* do material linguístico. Transcodificar é passar esse material de um código sonoro (como é o caso do vídeo) para um código escrito “criado de acordo com nosso objetivo de análise, pretendendo manter a maior fidelidade possível ao texto sonoro original” (2009, p. 309). Rose (2008), por sua vez, define a transcrição em termos de translação: trata-se de codificar um material para outro lugar, acomodando-o *em uma nova forma textual*, visando a simplificar a semiótica primeira para fins de análise científica. Então, em síntese, transcrever é transladar e simplificar (Rose, 2008). A simplificação é um imperativo que deriva da necessidade de darmos conta, de maneira facilitada, do objeto no escopo de uma pesquisa, o que faz a definição de Rose (2008) aproximar-se da de Pretti (2009). Mas Rose (2008) apresenta diretrizes e orientações de transcrição de linguagem *em vídeo*, motivo pelo qual a transcrição, segundo ela, é “transladar e simplificar a imagem complexa da tela”. Dessa forma, embora algumas ideias de Pretti (2009) tenham sido úteis, recorri também a fundamentos de transcrição dados por pesquisadores que lidam com sistemas de transcrição multimodal de videograções, como é o caso em Rose (2008), Garcez, Bulla e Loder (2014) e Cruz et al. (2019).

Pretti (2009) fala da *fidedignidade* à semiótica primeira; o termo pode provocar polêmica, mas é um elemento relevante para fins científicos de transcrição. Uma coisa é a fidelidade; outra, é o inescapável potencial criativo por parte do analista transcritor. Como eu poderia operacionalizar e equilibrar essas duas dimensões nesta Tese?

Ora, a necessidade de *fidedignidade* é um procedimento habitual quando analisamos textos midiáticos *escritos*, na Análise do Discurso; respeitamos o texto em sua concretização real. No caso de dados de fala, essa fidedignidade é obtida por meio da obediência aos procedimentos de transcrição consagrados na literatura, ou seja, o ato de transcrever os elementos falados conforme o símbolo já convencionalizado (Manzini, 2008). No âmbito desta Tese, a observância é às convenções de Pretti (1999) e Jefferson (1984), porque – considerando as intenções prévias, sempre necessárias, para uma transcrição – elas não detalham elementos tão ‘*desnecessários*’, a meu ver, do campo fonético, e que seriam apenas ‘*típicos*’ da oralidade, mas, sim, na minha avaliação, valorizam acontecimentos prosódicos em termos de *atitude*, os quais me parecem aderentes aos fenômenos orais de busca de persuasão.

Além do mais, o componente da fidelidade foi aqui obtido pela via procedimento intrajuízes, ao invés do interjuízes (Manzini, 2008). Isto é, seguindo as indicações de Manzini (2008), na modalidade intrajuízes, eu, como transcritor revia a transcrição elaborada em

momentos anteriores, o que me levava a aperfeiçoamentos para fins de maior fidelidade; o fundamento disso é uma confiabilidade intra-avaliador. O aperfeiçoamento processual pode ser conseguido também quando se apresenta a transcrição à apreciação de outra pessoa (interjuízes) (Manzini, 2008). Não foi o caso na presente Tese, embora tenda a ocorrer nos eventos de apresentação da pesquisa.

De todo modo, nesse esforço de fidedignidade, busquei ao máximo aproximar-me da perspectiva *do youtuber*. Pois, o que está em relevo na transcrição é “o compromisso com a busca por se aproximar da perspectiva dos participantes e das especificidades do aqui-e-agora de cada ecologia sob análise” (Garcez; Bulla; Loder, 2014, p. 267). É por isso que atentei não apenas à sequência de enunciados verbais, mas também a ocorrências paraverbais (risos, truncamentos etc.) e visuais, como os gestos do divulgador. É que alguns aspectos sutis da entonação podem contribuir para a produção de efeitos de sentido sobre os PDVs.

Para além desse respeito aos sujeitos da pesquisa, convém considerar, também, *o lado do pesquisador* (sua subjetividade, a exequibilidade de uma pesquisa de doutorado etc.). Isso nos leva à outra face da moeda: não só fidedignidade, mas também criação (Pretti, 2009; Rose, 2008). A transcrição é uma *criação*, como atividade onipresente de interpretação (Pretti, 1998; Garcez; Bulla; Loder, 2014). É preciso fazer escolhas e recortes; nem toda a complexidade da fala é apreensível pelos (e relevante aos) analistas/transcritores. Por isso, nem tudo o que é mostrado na videogravação do nosso *corpus* foi registrado por mim nas transcrições dos dois vídeos (justificarei o tipo de preferência de transcrição mais adiante).

Muitos consideram a transcrição detalhada – ou, simplesmente, bem cuidada – como um exagero, até porque muitas vezes o interlocutor da transcrição não está familiarizado com as convenções dela (Garcez; Bulla; Loder, 2014). No entanto, convém pontuar que:

mais do que mero preciosismo, a reflexão cuidadosa a respeito dessas escolhas [especificidades de transcrição] é também parte do trabalho analítico, uma vez que tem implicações de ordem prática (a transcrição deve registrar o mais próximo e reconhecivelmente possível os fenômenos de interesse analítico central) e política (a transcrição constitui os participantes para os leitores da transcrição) (Garcez; Bulla; Loder, 2014, p. 267, acréscimo meu).

Dessa formulação dos autores, sublinho duas coisas. A primeira é que a transcrição consiste em um direcionamento dado pelo transcritor, já que a transcrição é uma forma de analisar. Silêncio prolongado, tentativas de autocorreção e pausas bruscas têm significado, mas consoante a determinado quadro teórico. Isso porque extraímos do texto oral, interpretativamente, aquilo que irá nos interessar na elaboração da pesquisa; no caso desta Tese,

extrair do pronunciamento do youtuber os pontos que *merecem* exame, o que nos leva ao segundo aspecto, focado nos interesses delineados nesta Tese. O tipo de truncamento vocalizado pelo youtuber e os seus deslizes de gramática, por exemplo, não precisaram de uma diferenciação tão estrita como em outros tipos de investigação (por exemplo, aplicar símbolos diferentes para quando truncamento se dá em uma sílaba e para quando ele acontece em uma frase). Esse detalhe de distinção não é importante nesta Tese. Portanto, deixei de lado diversas marcas típicas da fala que interessariam a *outras* áreas de pesquisa, uma vez que me detive em fenômenos da problemática da Tese (por exemplo, os risos do youtuber, os enunciados com investimento prosódico de ênfase etc., estes, sim, sendo relevantes). Como ressalta Rose (2008), a translação é, interativamente, a produção do novo, tal como acontece na tradução, gerando o novo, gerando simplificações. E, para além disso, devemos cuidar para sermos explícitos quanto ao porquê dos recursos e modelos empregados na transcrição

Portanto, explícito, aqui, alguns valores e intenções previamente ao formato de transcrição adotado. A transcrição adequada, no contexto desta Tese, foi aquela pautada em um sistema que possibilitava o registro de aspectos entonacionais que poderiam desvelar atitudes dialógicas (e de representação do ponto de vista seu) do youtuber. Para tanto, a perspectiva foi dar atenção a realizações de fala do divulgador (como o alongamento de fonemas, entonações enfáticas, hesitações etc.) as quais, segundo minhas hipóteses prévias, colaborariam para a produção de efeitos discursivos no escopo da construção dos pontos de vista. Deste modo, é o projeto de transcrição em mente que me fez registrar as marcas consideradas relevantes da fala, porque pensando na (projetando a) relação delas com os possíveis direcionamentos de sentido que o youtuber imprimiria sobre os PDVs – o que já constitui, é claro, um ato de pré-análise, como não poderia ser diferente, porquanto já previsto pelos autores que tratam do procedimento de transcrição (Manzini, 2008; Garcez; Bulla; Loder, 2014).

Foi levando em conta essas premissas que decidi usar os símbolos de transcrição propostos originalmente por Gail Jefferson¹¹⁰ (Jefferson, 1984). A lista de convenções de fala é esta da Figura 6 (a seguir), já utilizada na minha pesquisa de mestrado, e com a qual está mais familiarizado. Esse modelo de transcrição foi traduzido e adaptado pelo grupo FEI (Fala em Interação), da Universidade UNISINOS, coordenado pela Profa. Dra. Ana Cristina Ostermann. É também o modelo adotado no grupo de pesquisa dos já citados Garcez, Bulla e Loder (2014).

¹¹⁰ Socióloga que estabeleceu noções fundamentais para o campo científico de Análise da Conversa.

Figura 6 – Convenções básicas de transcrição

(1.8)	Pausa
(.)	Micropausa
=	Fala colada
[Texto]	Falas sobrepostas
,	Entonação contínua
↑texto	Entonação ascendente da sílaba
↓texto	Entonação descendente da sílaba
.	Entonação descendente da UCT
?	Entonação ascendente da UCT
-	Marca de interrupção abrupta da fala
:::	Alongamento de som
>Texto<	Fala acelerada
>>Texto<<	Fala muito acelerada
<Texto>	Fala mais lenta
<<Texto>>	Fala muito mais lenta
TEXTO	Fala com volume mais alto
°texto°	Volume baixo
°°texto°°	Volume muito baixo
<u>Texto</u>	Sílaba, palavra ou som acentuado
(Texto)	Dúvidas da transcritora
Xxxx	Fala inaudível
((Texto))	Comentários da transcritora
hhhh	Riso expirado
hahahehehihi	Risada com som de vogal
{{rindo} texto}	Turnos ou palavras pronunciadas rindo
.hhh	Inspiração audível

Fonte: Konrad (2018)¹¹¹.

Esse sistema de transcrição está na tradição da Análise da Conversa Etnometodológica (Garcez; Bulla; Loder, 2014). A pesquisa realizada aqui não se ancora nos estudos da fala-em-interação social, porém, além de a convenção Jefferson ser a mais familiar para mim, ela dedica algumas notações à multimodalidade, dando espaço, assim, para a questão dos gestos, algo

¹¹¹ A Dissertação de Mestrado de Paola Gabriela Konrad (2018) vincula-se à corrente teórica da Análise da Conversa de base etnometodológica, no contexto do grupo FEI, da UNISINOS.

imprescindível no *corpus* audiovisual. Os pesquisadores dessa vertente têm, aliás, proposto adaptações nesse modelo de transcrição com o intuito de explicar a multimodalidade de videograções (Garcez; Bulla; Loder, 2014; Cruz et al., 2019), recomendações estas que foram importantes para a afinação metodológica desta Tese, também voltado para o vídeo. Logo, as convenções Jefferson se justificam.

Antes de comentar o tratamento dado ao componente visual/gestual, esclareço que, destes símbolos da Figura 6, já estava previsto, desde o Projeto, que eu não utilizaria as convenções da terceira e da quarta linha do modelo (sobreposição de falas e falas coladas), pois o discurso do youtuber científico é monologal. Outra ressalva em relação às convenções é que, na presente pesquisa, o ponto não será usado para assinalar o ritmo descendente; em vez disto, emprego o ponto apenas para demarcar uma finalização de raciocínio, interpretando certos segmentos de fala como final de *período*. A mesma coisa vale para a vírgula, que será entendida aqui de maneira mais simples: como um organizador da elocução do youtuber. Assim, o uso da vírgula será aquele bastante próximo do realizado na sintaxe em variedade padrão escrita.

Essas escolhas, de usar a vírgula e o ponto de maneira mais atrelada à norma padrão escrita, visam a facilitar o entendimento dos leitores da transcrição, até porque a fala desses youtubers em pauta tende a ser mais monitorada, aproximando-se, de fato, do texto escrito em roteiro, como é de costume dos youtubers (Saleh; Sica, 2017). Trata-se de seguir a recomendação de Garcez, Bulla e Loder (2014), de reproduzir, sim, as especificidades da modalidade oral, *mas com parcimônia*, sem tantos exageros fonéticos. Nesta esteira, também mantive os “r” de infinitivo, mesmo que possivelmente o youtuber não os pronuncie. Mas, em outra direção, mantive as formas consagradas “tá”, “tô” e “tive” (quando eram pronunciadas), seguindo as orientações dos autores supramencionados (2014), que são típicas no discurso oral. Porém, mantive a estrutura em norma padrão quando o falante assim a utilizava (“está”, “estou”, “estive”), pois isso pode indicar um tom mais cerimonioso nos processos de engajamento em relação a um PDV. Enfim, nessa consciência dos limites e possibilidades da transcrição, o que fazemos é respeitar a ecologia da fala, por um lado, mas também facilitar, por outro, o acompanhamento dos leitores da Tese.

Tendo em vista o caráter plurimodal do *corpus* desta Tese, segui anotando as disposições corporais do youtuber, como feito em levantamentos analíticos anteriores (Zandonai, 2022; 2023), considerando que a significância do embate entre os pontos de vista se inscreve também no *ethos corporalizado* e não apenas nas expressões verbais. Por isso, vali-me longamente do recurso tradicional de registrar o tipo de movimento corporal entre parênteses duplos, ao longo da transcrição da fala (junto ao segmento de fala em que o

movimento se deu), como previsto nas convenções Jefferson – na 21ª linha da Figura 6, com a indicação “((comentários da transcritora))”. É como procedi também nos artigos de minha autoria que compõem o estudo piloto. Assim sendo, trechos da fala do divulgador, ou seja, enunciados orais proferidos por ele (que vão compondo o texto transcrito) foram intercalados com anotações sobre as ações faciais e gestuais desse orador concomitantes aos proferimentos verbais/orais. Logo, sequências desse tipo continham indicações como: “((sorrindo))” e “((olhos arregalados))”, entremeadas à transcrição da enunciação verbal, colocadas na mesma linha do enunciado verbal correlativo; na mesma linha, porque é necessário observar a sincronia entre o gesto usado e a ocorrência verbal/oral. Esse procedimento foi mantido na Tese.

Para além disso, dispositivos computacionais atualmente nos ajudam a registrar os componentes visuais que acompanham a fala com capturas de tela (*print screens*), que foram suplementarmente utilizadas nesta Tese¹¹². Desta forma, a captação dos dados de fala envolveu, *também*, os *prints* de momentos relevantes (isto é, capturas de tela com algum movimento corporal do divulgador ou com alguma animação gráfico-digital significativa que aparece na tela), embora eu tenha restringido esse tipo de manifestação, no texto principal da transcrição, a notações simples (descritas no parágrafo anterior); entre parênteses duplos, do modelo Jefferson. E qual foi o método de exibição dos *prints* (capturas de tela), neste trabalho, já que a transcrição exhibe o objeto visual apenas na condição de comentário escrito do transcritor?

Como explicam Garcez, Bulla e Loder (2014, p. 276):

Assim, onde antes fazíamos descrições entre parênteses duplos (conforme as convenções Jefferson) para notar um simples gesto, por exemplo, nos últimos anos passamos a incorporar quadros parados (extraídos dos vídeos) às nossas transcrições. As imagens conferem precisão e legibilidade à notação de elementos multimodais, substituindo com vantagem as descrições que antes eram feitas ao longo da transcrição da fala e que, por mais vívidas que fossem, em geral exigiam muita imaginação por parte do leitor.

Entretanto, é necessário continência, como dizem os autores (2014), para não sobrecarregarmos os interlocutores/leitores das transcrições com tanta imagem. Sabemos, afinal, que a figura corporal do youtuber, durante a sequência fílmica postada, é sempre (ou na maior parte) concomitante à sua enunciação verbal-vocal.

Por tal razão, respondendo à questão de como os *prints* aparecem na análise, não mostrarei quadros visuais correspondentes a todas as ocorrências em que há algum gesto

¹¹² Estas gravações não são produzidas por mim enquanto pesquisador, mas constituem informação visual e sonora já existente, de domínio público, motivo pelo qual consideramos dispensável a autorização de imagem dos youtubers.

substancial, nem mesmo *prints* de todas as animações (fotos, legendas) que aparecem durante o vídeo. Acredito que as anotações simples na transcrição integral (conforme Apêndices¹¹³) são suficientes para uma leitura geral daquilo que acontece no vídeo.

Não obstante, o momento da exposição analítica, este sim, conta com a presença de capturas de tela, mas apenas aquelas relativas a momentos do vídeo *que merecem profundidade no relato analítico*, executado no capítulo 4 (análise dos dados). Quer dizer, se um dos fatores visuais¹¹⁴, observável em certo ponto da sequência fílmica, foi considerado indispensável quanto à sua propriedade de complementar a orientação semântica dada em um segmento verbal que representa – e aloca na hierarquização – um PDV, então a moldura correspondente a esse elemento visual será exibida, sim, em algum lugar do relatório analítico, do capítulo de análise. Noutros termos, a imagem foi convocada, no texto da análise, apenas quando era de grande valia eu apontar a sincronia entre corpo/animação e ocorrência enunciativa verbal, sendo que o critério ‘*de grande valia*’ (critério de relevância) é aquele inspirado na categoria de análise que está em pauta no momento do texto. Assim, a intersemiótica de gestão de PDVs é sempre aquela coerente com algum dos subtópicos de análise (que dividem, organizadamente, a narração analítica em eixos temáticos). Por exemplo, posso priorizar a contingência de uma expressão facial indicadora de nojo, e sendo essa uma manifestação do youtuber cuja sincronia com elementos enunciativos verbais é pertinente¹¹⁵, por causa do tipo de fenômeno enunciativo em pauta no eixo temático. O elemento visual, na análise escrita, é também recontextualizado por mim dentro das palavras de análise nas situações de sincronia entre o fato visual e o fato verbal (e prosódico, se for o caso). Essas inserções da figura do youtuber, em fotos/*prints*, “têm a vantagem de serem facilmente interpretáveis e mais holísticas em termos de representação” (Hepburn; Bolden, 2017, p. 122 apud Cruz et al., 2019, p. 12-13).

No Projeto de Qualificação, havia o plano de eu preparar uma transcrição multidimensional, dando conta da multimodalidade dos dados. A minha ideia era incorporar ocorrências visuais já no fio principal da transcrição (que segue a convenção Jefferson), acrescentando a essa coluna de sequencialidade oratória verbal e prosódica uma *outra coluna*, à direita desta primeira, com os *frames*/molduras de *imagens* mais relevantes registradoras de

¹¹³ Os Apêndices são constituídos da transcrição integral dos dois vídeos: um do canal Nunca vi 1 cientista, e outro do canal do Slow. Estão disponíveis no final do trabalho, a partir da página 319. Farei referências a esses documentos (entendidos como transcrição integral) ao longo do presente capítulo de metodologia.

¹¹⁴ Que já terão sido anotados na transcrição simples, dentro dos parênteses duplos.

¹¹⁵ Uma premissa para esse procedimento é a atribuição, de minha parte, de uma indexação da imagem na própria linha/segmento de fala de sua ocorrência, algo que a sintagmática da transcrição principal já terá indicado.

algum gestuema¹¹⁶ ou ícone visual da tela (esta segunda coluna seria para ‘anotar’ em maior detalhe os gestos e nuances prosódicas). Entretanto, ao longo da pesquisa, notei que isto seria dispendioso, sob o critério de custo-benefício para a efetivação da análise. O reconhecimento dos *momentos visuais* mais relevantes, apenas no relato analítico, mostrou-se suficiente, pois, de qualquer maneira, não haveria como o vídeo *inteiro* ser analisado; o trâmite foi elencar os tipos de fenômeno – inclusive as contingências intersemióticas vinculadas a eles – mais ilustrativos da gestão da polêmica e da modalização dos PDVs. Com isso, a decisão foi manter apenas a ‘*sequencialidade verbal*’, por assim dizer, tal como se apresenta nos Apêndices, com as anotações sobre o componente visual sendo aprofundadas na narração analítica.

O julgamento daquilo que seria os momentos visuais *mais ilustrativos*, como mencionei no parágrafo anterior, deu-se a partir das interpretações feitas por mim na *pré-análise*, isto é, no momento de leitura do texto já transcrito e na ocasião das anotações *de esboço* que eu fiz – logo após a transcrição pronta – sobre como acontecem os jogos de heterologização ali mostrados, na transcrição. Aliás, já no momento das anotações de esboço (preparando o relato analítico), fui compilando as ocorrências, ancorando-as, incluindo aquelas intersemióticas, a categorias agrupadoras, que eram recorrentes (ajudando na criação dos eixos temáticos), conforme explicarei melhor mais adiante.

Ainda à guisa de entendimento do texto de transcrição (transcrição integral primeira, esta dos Apêndices; página 319 em diante), ele conta com uma divisão do todo do vídeo em *temporalidades*, que vão entrecortando o produto transcrito. Elas consistem em momentos do vídeo demarcados por *períodos*, tais como “07 min 18 s a 09 min”, “09 min 01 s a 10 min” etc., seguindo a sequência de tempo executada pelo youtuber, e com base no temporizador apresentado na barra inferior à sequência fílmica (barra de progresso e linha do tempo do vídeo). Melhor dizendo, trata-se de partes – demarcadas por *quando começa* e *quando termina* –, informando *início e fim de um trecho*, similarmente à anotação feita no Exemplo 4 (#4, na página 124) na categoria superior à direita do quadro, que informa a temporalidade específica em que o trecho de elocução se deu. Reproduzo, a seguir, uma parte desse trecho, para melhor visualização dessa anotação da temporalidade.

Exemplo 4 (#4), apresentado anteriormente, na página 124:

	07 m 18 s a 8 m 3 s
1	E nessa semana que eu to gravando a live do dia 20 de março, a gente também teve

¹¹⁶ *Gestuema* é o termo técnico usado por Rector e Trinta (2005) para descreverem as formas de postura, os ‘*desenhos*’ no espaço (movimentos corporais) e as expressões faciais. Na verdade, esse termo é específico para gestos que têm significado no contexto, que têm valor comunicativo (Rector; Trinta, 2005).

2	testado e resultados promissores de uma outra droga chamada hidroxicloroquina.
3	Cloroquina é um tipo de-de droga muito antiga que se usa contra a malária, por [...]

Contudo, o processo de narração analítica depende de uma contextualização e de uma recapitulação dos dados de elocução oral (também prosódicos e visuais) já disponíveis na transcrição integral primeira (Apêndices). Dessa forma, as temporalidades aparecem também no capítulo de análise, para melhor situar o leitor a respeito de *sobre qual ocorrência estou me debruçando em certa altura da análise*. As temporalidades não só são mencionadas, como também estão presentes (estão reproduzidas) nos excertos da transcrição, devido à necessidade de eu situar os fenômenos linguageiros sob análise. Elas registram o tempo em que o excerto em foco aconteceu, como o “07 min 18 s a 09 min”, pois apenas copiei (da transcrição) e coleí na análise os trechos necessários. A informação do período em que o trecho sob inspeção se encontra facilitando ao interlocutor desta Tese a checagem.

Esses *blocos* de elocução oral (organizados dentro de temporalidades) não receberam aleatoriamente essas dimensões de extensão temporal a eles atribuídas (que, por exemplo, fazem com que um ‘trecho’, um ‘momento do texto’, comece em 10 minutos e 6 segundos, mas não seja incluindo na temporalidade anterior, que vai até 10 minutos e 5 segundos). A divisão da fala se deu conforme a minha intuição de imputar o caráter de *parágrafo* às partezinhas da sequência da fala. À guisa de ilustração, isso é o que acontece com os *parágrafos* tais como aqueles apresentados para o Exemplo 4 (#4) – na página 124 –, que divide/entrecorta a fala de Atila Iamarino em dois momentos de um mesmo trecho: 7 min 18 s; e 8 min 4 s. Essa demarcação em temporalidades ajuda a entender a macroestrutura dos excertos/fragmentos, que estão no relato da Análise de dados, pois tais fragmentos apenas reproduzem temporalidades estabelecidas nos Apêndices, como “8 m 4 s a 8 m 50 s”.

Por que é pertinente essa divisão temporal? A transcrição é *segmentada* porque isso serve à fácil identificação dos fenômenos que constam no pronunciamento do youtuber. Essas temporalidades – entendidas como *parágrafos* – servem para focarmos nas partes em sua relação lógica de continuidade, com *os antes* e *os depois* dos fenômenos em foco. Para esta divisão interna, no critério de parágrafos, como eu disse, pautei-me nas elaborações de Adam (2011), no que concerne à segmentação gráfica das unidades textuais. Tendo em vista que a elocução do divulgador não está exatamente arquitetada em parágrafos, essa segmentação resultando em parágrafos funciona como um método reorganizador. Adam (2011, p. 84) define que “as operações de segmentação gráfica fornecem instruções para a construção do sentido pela segmentação e reagrupamento (ligação) de unidades complexas variáveis”. Ao segmentar

a fala do youtuber nesses ‘tempos-parágrafos’, a vantagem é eu interpretar a sequência global do vídeo, pois atribuindo às partes um papel de parágrafo, assinalando a *linha lógica* (o que supõe as referidas ligações) para o vídeo. Logo, esses segmentos do todo transcrito são blocos de coerência semântica, seguindo a perspectiva de Adam (2011). Fundamentalmente, estou dando atenção à *coerência* do vídeo para facilitar a análise dos dados. A transcrição, conforme evidenciam os autores já citados (Pretti; 2009; Rose, 2008), comporta interpretação.

Entendo que esse formato de reconfiguração do *corpus* não macula a natureza da articulação verboaudiovisual *real* (que a transcrição busca reproduzir) do youtuber, uma vez que normalmente os vídeos de DC do YouTube são baseados em roteiros (Saleh; Sica, 2017); então, próximos da linguagem escrita. Fazer essa articulação metodológica que aproxima a fala do youtuber a uma lógica ‘*da escrita*’, então, não é um grande problema. E, de todo modo, o interlocutor desta Tese (e das transcrições) poderá fazer cotejo com os vídeos, inclusive pensando em outros agrupamentos sob segmentação, derivados de alguma outra interpretação do objeto textual unitário.

Além disso, um outro cuidado para com o produto transcrito foi organizar a sequência de fala em linhas *numeradas*, como observável na reprodução do #4, que possui 22 linhas, e assim numeradas; o #4 é aquela fala do Atila Iamarino sobre as pesquisas a respeito da eficácia da hidroxicloroquina, discurso este que serviu ao estudo piloto, e apresentada pela primeira vez, como exemplo, aqui, na página 124. A segmentação numérica dá-se com o objetivo de facilitar a referência à fala nos excertos a serem mobilizados no relato analítico (Análise de dados). Portanto, em meu percurso de análise do discurso (capítulo 4), essas indicações numéricas facilitam a referência a expressões pontuais de autoria do youtuber, remetendo-as ao lugar em que o item linguageiro se encontra. Apesar de a análise remeter o leitor ao item ‘*numerizado*’ do excerto, essa checagem pode ser feita, igualmente, nos documentos de transcrição integral, que constituem os Apêndices. As linhas também foram chamadas, por vezes, de segmentos informacionais.

Um penúltimo aspecto a ser anunciado sobre as transcrições, agora, refere-se ao *recorte* de fala que foi efetivamente analisado, do todo do vídeo. Isso porque, mesmo que o foco tenha sido vídeos curtos (15 minutos), alguns blocos de informação foram dispensados, em prol de uma análise focada nos movimentos relevantes de gestão de PDVs. Dado o exposto, que tipo de bloco ou unidade temática foi privilegiada, de cada um dos vídeos? Basicamente, priorizei os dados de fala que se localizavam nas etapas de Narração e de Confirmação, identificadas dessa maneira após audiência do vídeo, valendo-me das partes do sistema retórico aristotélico (Reboul, 2004). De fato, após o texto transcrito, a preparação do *corpus* ainda contou com a

reconstituição da macroestrutura de cada um dos dois episódios audiovisuais, de modo que interpretei os dois textos e atribui-lhes as partes do sistema retórico aristotélico.

Antes de eu explicar esses componentes do roteiro de vídeo que foram efetivamente valorizados na análise, convém esclarecer os motivos de focarmos em alguns (não em todos) os enunciados dos vídeos. A decisão por eu contemplar vídeos de aproximadamente 15 minutos e, após isso, mesmo assim recortar o material para blocos mais relevantes do episódio decorre do imperativo de *exequibilidade* da pesquisa. Afinal, um tempo bastante considerável foi reservado apenas para a preparação do *corpus*. Enquanto outras pesquisas em Análise do Discurso já tomam o texto escrito pronto, a realidade para pesquisas que se ocupam do oral e do multissemiótico é outra, a começar pela carga-horária para transcrição. Com isso, a busca por economizar o processo de preparação do *corpus* (pela organização das proposições a serem *realmente* levadas em conta) deu-se para fins de favorecimento da análise propriamente dita, para que ela fosse mais acessível na pesquisa.

Retomando, então, a questão “que tipo de bloco ou que parte(s) do sistema retórico foram privilegiados?”, dei a atenção especial à Narração e à Confirmação, como já dito; esta última etapa retórica deve-se ao fato de que, como depreendemos de Reboul (2004), ser na Confirmação que o orador investe na refutação de possíveis elementos argumentativos do oponente. E como minha intenção era justamente verificar essa relação do youtuber com as ideias que evoca do antagonista, então a Confirmação é o momento *propício*, pois esse é o expediente que mais facilmente abre um debate com a parte adversária – um debate *ficício*, porquanto na polifonia, em nosso *corpus* –, como explica Reboul (2004). Além do mais, a tarefa Confirmação é a que mais lança mão do *pathos* (Reboul, 2004), de modo que o divulgador científico centralizar-se-ia no seu argumento, opondo-se às outras Propostas, mas, encenando-o para efeitos patêmicos que mostrem um tipo de relação com o oponente *refutável*.

Em suma, a análise dos dados prioriza os momentos de maior evocação dos dizeres sociais que *provocam, intimidam* a ciência, bem como os momentos em que o divulgador responde diretamente a essas polêmicas, desenvolvendo um posicionamento que assim se constitui *por causa do outro* (o ponto de vista antagônico ou resistente, conforme projetado nos enunciados por parte do youtuber). Com isso, dados da Peroração não foram observados. Inclusive, nem investi em detalhar, na transcrição, as elocuções do desfecho (a Peroração), pois normalmente essa etapa do vídeo é voltada a informações que destoam do tópico polemizado (é o momento, na verdade, em que o youtuber solicita *likes* ou pede para que o espectador envie sugestões de novos temas a serem pautados no canal, por exemplo). Com isso, a atenção recai sobre enunciados mais significativos da problemática da Tese. É sobre eles que demoraremos

mais na análise, em detrimento de outras partes regulares do episódio e da prática de vlog científico, como as que contextualizam o tema do vídeo, que fazem *merchandising* etc.

Antes de nos enveredarmos para os critérios e passos da análise qualitativa, um último aspecto a ser registrado concerne à preparação do *corpus* para análise. Tal como mencionado precedentemente, o que eu fiz diante da transcrição integral foi preparar o *corpus*, desenvolvendo, primeiramente, a macroestruturação retórica, isto é, reconstituindo e descrevendo os movimentos textuais executados pelo youtuber em termos de blocos. Esse ordenamento retórico/textual foi posicionado no capítulo de Análise dos dados (capítulo 4), mas precedendo a análise propriamente dita, pois ele ajuda a contextualizar o vídeo, já que ele fornece uma espécie de resumo do vídeo. A macroestruturação foi adotada porque entendi que ela tornaria os apontamentos analíticos – que tendem a ser pontuais, nos excertos ou nos segmentos informacionais – coerentes com a espessura do todo textual. A valer, a sintonia do aspecto enunciativo mais pontualizado com a ordem hierárquica textual iluminaria a inteligência da gestão dos pontos de vista. No percurso original da análise, essa macroestruturação foi seguida de esboços meus, processo no qual procurei seguir os critérios de análise qualitativa (a seguir). Depois, esses esboços foram mais bem ajustados no texto do capítulo 4. Finalizados os esclarecimentos sobre a etapa de preparação do *corpus*, apresento a seguir, finalmente, as coordenadas/critérios para examinar esses objetos verboaudiovisuais.

3.3. Critérios e passos de análise qualitativa

A análise exploratória do *corpus*, que realizei desde o início do curso de Doutorado, para familiarização com a natureza do objeto, foi levando-me a afunilar os aspectos (desse *texto-mosaico*, do ecossistema YouTube) que deveriam ser priorizados, o que impactou, naturalmente, em mudanças quanto ao quadro teórico, já que movidas pelas demandas da atualização do olhar sobre o *corpus*. O exploratório realizou-se, então, como um refinamento constante em respeito ao objeto empírico, tornando esse objeto *causador* de um certo *redesenho* teórico-metodológico para a Tese. Afinal, a abordagem exploratória se refere ao “uso de um método flexível de coleta de dados, cujos princípios de seleção permitem que os conceitos descobertos preliminarmente sejam sucessivamente revisados e complementados durante o processo de pesquisa” (Gasque, 2007, p. 89). Enfim, essa postura conduziu-me às escolhas mais específicas de metodologia e de teoria, explicitadas neste capítulo de metodologia.

É graças a essas contribuições da revisão teórico-metodológica que afunilei o olhar para os vídeos e para os cotextos em que são mais evidentes o embate de PDVs e a refutação a

posições anticientíficas, próprios da prática *débunkage*. Também é devido a essa revisão que decidi, somente depois do Projeto submetido inicialmente ao POSLIN, examinar casos de emoções e ‘*cenografias de débunkage*’, tais como são acessados, é claro, via dialogismo intradiscursivo. Rearticulações entre a teoria e o *corpus*, como estas, foram o recurso para eu estabelecer análises mais sintonizadas com a *perspectiva dos participantes* (os youtubers do SVBr e imersos no debate *quente* sobre a pandemia de covid-19), para fins de um cuidado naturalístico para eu concretizar o objetivo da pesquisa, que envolve identificar *onde estão os pdvs/enunciadores* (reconhecê-los de maneira adequada dentro do *texto-mosaico*) e verificar como eles se organizam, dentro da orquestra feita pelo youtuber, de se determinar em relação a outros PDVs. O que propus aqui, desde o início, portanto, foi uma análise qualitativa, que preconiza a preocupação de compreender como os sujeitos youtubers dão significado à sua atividade, fundamentando-me na compreensão de Flick (2004) sobre pesquisa qualitativa e na Semiologia (Charaudeau, 2009; Emediato, 2020). Por isso, esse *modus operandi* de sintonia cada vez maior com o objeto, como descrito nestes parágrafos iniciais.

Com esse espírito e premissas, e após aquela preparação dos vídeos – como a segmentação deles segundo as tarefas retóricas, segundo o sistema retórico (Reboul, 2004) – as quatro **etapas da análise qualitativa** foram:

1 – Esboços de análise, começando com a definição da situação de comunicação

É realizada, primeiramente, a análise da significação do *vídeo* de uma maneira mais abrangente e esboçada. Em cada um dos vídeos, o procedimento foi, nesta ordem: (i) anotar o tema geral e o fim discursivo do vídeo – observável no Quadro 2, página 134 –; (ii) identificar, sumariamente, os PDVs que o vídeo evoca (principalmente os antiorientados ao youtuber, locutor principal) e (iii) sistematizar o movimento argumentativo geral da *causa* defendida pelo youtuber: as asserções de partida (A1); as asserções de passagem (A3) e a asserção de chegada (A2) que é sustentada pelas duas primeiras, sendo que a A2 é um tanto coincidente com o fim discursivo do vídeo; ou seja, caracterizar a lógica argumentativa segundo Charaudeau (2009). Nesta etapa, enfatizei os componentes da situação de comunicação e da lógica argumentativa (as asserções que funcionam como elementos de base da ordem do argumentar), à luz de Charaudeau (2009). Procedi dessa maneira em estudos exploratórios no âmbito desta pesquisa, identificando em alguns vídeos fins discursivos como “alertar para o cenário de 1 milhão de mortes por covid-19 em 2020, caso não sejam tomadas medidas, e fazer-crer sobre a necessidade dessas medidas”, fim que apareceu em um dos vídeos acompanhados (Zandonai,

2023). Essa finalidade discursiva organiza-se em uma certa lógica argumentativa global (as referidas asserções), convocando argumentos e provas, mas também um universo de crenças (asserção de passagem) que pretensamente valida as provas. Reconhecer de antemão esses componentes deve-se ao fato de que interpretar o texto (no meu caso, interpretar os mecanismos da gestão dialógica dos PDVs) depende de cotejar essas formas-sentido com a situação comunicativa, de modo a apreender dos PDVs a significação *discursiva* deles. Assim, “tal perspectiva consiste em compreender e analisar o significado textual em função da ação discursiva do sujeito enunciador sobre o sujeito receptor *em um determinado contexto sócio-comunicativo*” (Pauliukonis, 2009, p. 2105, grifo nosso), o que, logicamente, depende de sabermos que sujeito “receptor” é este, que “contexto” é este. É por essa razão que, no capítulo 4, a análise propriamente dita é, na verdade, precedida de um preâmbulo que descreve o vídeo segundo os fatores recém mencionados (em especial, a lógica argumentativa), haja vista que essas condições pragmáticas gerais do texto atualizam-se nos fenômenos enunciativos do PDV. Pretendi levar em conta essa relação, naturalmente, na análise do heterodialogismo efetuado no discurso do youtuber.

2 – Definição basilar dos PDVs em confronto (os chamados ‘PDV1’ e ‘PDV2’)

Ainda na antessala, antes da análise mais bem formalizada do vídeo, descrevi a construção básica dos PDVs. Era ainda o momento de uma ‘*análise-em-esboço*’ (procedimento feito nos dois vídeos). Assim, o procedimento foi discretizar os diferentes PDVs e locutores/enunciadores que povoam os dois vídeos, situando, por exemplo, aqueles que estão na origem dos PDVs e os que funcionam aderindo a estes.

Para fins de organização e apresentação formal desses PDVs no relato analítico, estabeleci o PDV da ciência (o divulgador científico como *porta-voz*) sob a codificação de “PDV1”, código que serve para facilitar a referência a esse ponto de vista ao longo das análises, encapsulando a relação *enunciador + ponto de vista específico*. Desta maneira, o PDV1, em quaisquer dos vídeos, equivale à percepção assumida, em algum momento da gravação, pelo locutor principal do vídeo, o divulgador científico youtuber. Como já sabido, não necessariamente esse locutor principal, que coincide com o youtuber, deliberadamente pronuncia um *eu penso x*, explicitando *com consciência* que está assumindo o PDV1. Isto posto, o que fiz, evidentemente, foi *interpretar* essa ligação entre (i) a instância que se responsabiliza pelo dizer; (ii) o conteúdo com o qual essa instância ao menos uma concordância ou adesão; e (iii) paralelamente, destaquei e anotei o modo como essa ligação acontece (os modos de

referenciação, por exemplo). No momento em que ocorre a assunção, por parte desse locutor, do conteúdo tematizado que ele considera *o melhor, o verdadeiro etc.*, então, esse locutor se torna um *locutor-enunciador 1 (L1/E1)*, aquele que claramente está em conjunção com o ponto de vista que busca defender no texto¹¹⁷. Além disso, vali-me da notação “PDV2”, que resume o ponto de vista com o qual L1/E1 está em confronto. O PDV2 é, também, relativamente regular, tal como o PDV1, o que nos coloca nessa equação da encenação enunciativa (PDV1 *versus* PDV2), embora os movimentos do dialogismo interno sejam mais dinâmicos do que isto, podendo o enunciador segundo ser representado de outras maneiras, por exemplo, não necessariamente em simbiose com a perspectiva e2, anticiência. Mas, a rigor, para fins metodológicos de base, o PDV2 é o das *forças contrárias* a L1/E1.

O PDV2 se impõe por eu estar lidando com discursos polêmicos, visto que o youtuber, o L1/E1, movimenta-se, no dialogismo interno, em forças contrárias¹¹⁸ àquelas que põem/puseram em descrédito determinados dizeres da ciência no dialogismo interdiscursivo – pelo que supõe a organização interna do discurso. Mas, ao invés de simplesmente notabilizá-lo como e2 ou como l2/e2 – aquele que, por imputação, discorda de L1/E1 –, usei o código ‘PDV2’, para enriquecer as formas linguísticas de remissão a ele no relato analítico, demarcando, em um só item (‘PDV2’ ou ‘PDV1’), o referente. Um PDV2 pode ser, por exemplo, aquele que é contrário a medidas rigorosas de isolamento e distanciamento social na pandemia de covid-19; nesse caso, o PDV1 corresponde à tese do youtuber científico: a de que essas medidas rigorosas são, sim, necessárias; conforme codificação feita no estudo piloto (Zandonai, 2023).

A heterodialogização verificada na análise notabiliza a pluralidade de locutores e enunciadores que se *ligam* a determinados pdvs/perspectivas, e que, outras vezes, se desligam das perspectivas e conteúdos, conforme a dinâmica processual do texto; ou seja, a análise do heterodialogismo repousa a lupa sobre as diferentes maneiras de *veiculação* dos pontos de vista, na cena intradiscursiva. Ante o exposto, montei o seguinte esquema (Quadro 3), que *roteiriza* a pluralidade de fontes enunciativas do vídeo, as quais, por vezes, se combinam quanto ao PDV (em uma consonância), por estarem na origem dos mesmos conteúdos proposicionais que

¹¹⁷ Lembremos que não necessariamente L1 irá se pronunciar sobre uma verdade em especial, ou demonstrará simpatia exclusivamente pelo ponto de vista da ciência, pois essa nomenclatura concentra-se no nível da enunciação modal.

¹¹⁸ Sobre o emprego da expressão “forças contrárias”: outras pesquisas que também analisam essa organização de instâncias enunciativas (L1/E1 e l2/e2 ou e2) assinalam este segundo, o l2/e2, como “forças contrárias” ao L1/E1, como nas observações sobre a carta-testamento de Getúlio Vargas, na qual se verifica que l2/e2 é evocado como *pessoas* que não contentavam com a política desse ex-presidente, o que configura, justamente, uma situação de discurso *polêmico* (Rodrigues; Passeggi; Silva Neto, 2016).

‘defendem’, e que, em outras condições, distinguem-se sensivelmente, ou em algum nível das posturas enunciativas.

Quadro 3 – Notações que descrevem as instâncias enunciativas da Análise dos dados

Perspectiva E1 (do PDV1)	Perspectiva e2 (do PDV2)
<p>L1/E1: refere-se ao locutor/enunciador que gere os pontos de vista no texto monologal do vídeo, correspondendo ao youtuber e a sua posição E1, posição <i>pró-ciência</i> (explicações e argumentações sobre a covid-19 com base em um suposto discurso da verdade científica). Essa figura L1/E1 é encarnada, com estatuto físico nessa atividade linguageira, sendo a figura que <i>toma para si</i> as posições E1 por julgá-las verdadeiras.</p>	<p>e2.esp.: refere-se aos sujeitos com perspectiva contrária ao entendimento da ciência ou que são hesitantes – estariam <i>confusos</i> – a respeito do debate. Em síntese, PDV antiorientado a L1/E1. Mas há diferentes e2. A decisão por especificar uma das figuras como “e2.esp.” foi para designá-lo como sendo aquele mobilizado nos enunciados de modalidade alocutiva de L1/E1 ou nos enunciados onde constato uma <i>indireta</i>, uma referência ao e2 enquanto espectador presumido. Corresponde ao <i>tu-destinatário</i>, na acepção de Charaudeau (2009), mas, nesse caso, é o interlocutor prefigurado (assistindo ao vídeo) que estaria, <i>a priori</i>, em simbiose com ‘e2’¹¹⁹.</p>
<p>e1.esp.: seguindo o mesmo entendimento de instância interlocutora presumida, em e2.esp., essa figura constitui o tu-destinatário que aparece, no texto de L1/E1, como tendo o efeito de discurso de ser <i>a priori</i> aderido ao ponto de vista do youtuber. A representação em iniciais minúsculas, como se nota, atribui a essas instâncias o estatuto de não proferidoras de uma enunciação ou ingerência no plano dêitico.</p>	<p>e2: é o mesmo que a figura apresentada acima, mas sem o traço de destinatário presumido. Nesse caso, os e2 são, no texto de L1/E1, as fontes perceptivas que retomam os dizeres negacionistas como dizeres <i>externos, anteriores</i> ao ato de L1/E1.</p>
<p>I3/e1: trata-se do PDV/instância que serve de <i>apoio</i> ao L1/E1, mantendo consonância com este. É fonte epistêmica, como certos jornalistas citados por L1/E1, desde que com o estatuto de locutor no modo de apresentação dado pelo youtuber.</p>	<p>I2/e2: se o e2 é menos encarnado, o I2/e2 é uma presença em situações de discurso relatado, que simulam o dizer de e2 como <i>autônomo</i> em relação à situação enunciativa <i>atual</i> (das ingerências de L1/E1). O I2/e2 comparece quando se marca mais claramente o caráter de fidelidade – “grau de fidelidade”, segundo Charaudeau (2009) – do dizer imputado, o que o torna referencial no discurso do divulgador.</p>

¹¹⁹ Esta instância enunciativa tende a ser mais encarnada do que a simples figura ‘e2’ – descrito em espaço mais inferior do Quadro –, mas, mesmo assim, não adoto a notação ‘I’ (*éle*), para representar o papel dessa instância como interlocutora. Isso porque, por mais que esse sujeito esteja presente na interação, concebo-o primordialmente como uma imagem fabricada pelo L1/E1, como algo pressuposto e assim representado no simulacro enunciativo dado a ver por L1/E1, em coerência com a perspectiva de Charaudeau (2009) e com a teoria de Rabatel (2016a).

	<p>e4: Outras instâncias <i>anticientíficas</i>, por assim dizer, que contribuem para o PDV de e2, não sendo locutoras. É o caso de referências genéricas a organizações empresariais que <i>manipulam</i> a instância e2, por serem apresentadas como, por exemplo, fazendo marketing de medicamentos sem comprovação científica. Se mais encarnada, essa figura atualiza-se para l4/e2, mantendo a consonância (imputada) com o PDV da desinformação.</p>
<p>e3: refere-se a estudos científicos variados, sem necessária consonância enunciativa com L1/E1¹²⁰.</p>	

Fonte: elaborado pelo autor.

Apesar do Quadro, apontarei, quando necessário, é claro, também as ocorrências de apagamento enunciativo, que se aplicaria principalmente no L1/E1; isso será explicado na própria narração analítica.

3 – As relações enunciativo-interacionais entre os enunciadores/PDVs

Não basta identificar os PDVs, mas é preciso verificar e caracterizar as *relações enunciativo-interacionais que se estabelecem entre eles*, considerando o jogo de forças que há entre o PDV1 e o PDV2 (as representações desses pontos de vista via posturas enunciativas) e, ainda, a relação induzida entre as encenações desses PDVs, por um lado, e a instância de recepção do discurso (jogo de influência, orientação argumentativa), por outro.

Trata-se de observar as relações consensuais ou dissensuais entre os PDVs: por exemplo, L1/E1 pode querer se aproximar de e2 estrategicamente em algum momento do discurso, em vez de apenas manter o dissenso, que é o pano de fundo da interação. Que tipo de concordância seria esta? Em que grau? São ocorrências deste tipo que assinalo na análise, enquanto etapa 3. Isto corresponde às formas de engajamento em relação aos PDVs (modalização) e às posturas enunciativas, tal como caracterizadas nas seções 2.4 e 2.5.

Melhor dizendo, nesta seara, verifico os investimentos do locutor-enunciador frente à alteridade (por exemplo, a força ilocucionária do PDV1) e as atualizações que esse L1/E1 faz

¹²⁰ A escolha do número 3 ajuda a manter uma relativa coerência com a instância 'l3/e1', que é fonte epistêmica. Afinal, vimos a necessidade de abrirmos as notações do dialogismo para uma voz *terciária*, que é aquela das fontes evidenciais (ou supostas fontes evidenciais) que sustentariam o PDV1 (no caso l3/e1) ou o PDV2, ou simplesmente publicações anteriores quaisquer.

do pdv próprio e do dos outros (subordinando-os ou coenunciando com eles, por exemplo). Ou seja, trata-se de percorrer os seguintes questionamentos: Esse investimento enunciativo é com mais ou menos efeito de autoridade? Ocorre empatia nesses investimentos, ou não? Esse *fôlego* ou *status* atribuído aos enunciadores vai orientando argumentativamente o texto, fornecendo, por conseguinte, as evidências para a identificação de imagens/*ethé*, imaginários e cenografias.

Para tanto, os procedimentos específicos efetuados foram: (i) anotar a configuração discursiva dos PDVs nos trechos mais pertinentes do vídeo, configuração esta formada, no mínimo, por (não em uma sequência de ordem): (i) o conteúdo referencial-objetual (o *dictum*); (ii) tipo de locutor/enunciador; (ii) modo de manifestação (por referência, por evocação de um hiperenunciador etc.¹²¹);, o que abrange o valor ilocucionário da imputação ou da assunção – isto é, o componente da modalização (conforme parâmetros das seções 2.4 e 2.5). Esses procedimentos são estabelecidos porque a verificação do modo de manifestação e do valor ilocucionário comunicam os modos de aparecimento das fontes enunciativas, o que é importante em termos de dimensão argumentativa.

Para verificar esse modo de presença (itens *i* a *iii*) desses PDVs na economia do dialogismo interno, inspecionei o seguinte (ou seja, vali-me dos seguintes critérios):

1 – Já tendo identificado os dois principais PDVs do texto e as instâncias a eles conjuminadas, determinei os **tipos de perspectivação**. Ou seja, o tipo de percepção e de focalização que os PDVs veiculam, com base nos modos de aparição dos PDVs (a forma linguageira de aparecimento; se o PDV é narrado, assertado ou representado etc.). Isso traz a vantagem de eu verificar, por exemplo, se o PDV em foco encena neutralidade, ou se é um PDV crítico, entre outras possibilidades.

2 – Em seguida, foi o momento de descrever e analisar as **operações de engajamento** dos PDVs em sua conexão com as **posturas enunciativas**, isto é, registrar os investimentos diferenciados que esses PDVs assumem no discurso. Mais especificamente, a tarefa foi determinar, por exemplo, se o PDV1 se configura como pec da possibilidade e em que lugar isso o situa na hierarquização das posturas enunciativas.

3 – Em um último momento, dediquei-me a anotações sobre a **imagem que se constrói do(s) enunciador(es)**, o seu *status* funcional (*status* tanto daqueles a quem se imputa conteúdos quanto daquele que assume PDV). Isto engloba as credenciais informadas sobre os

¹²¹ Quando há citações, por exemplo, cumpre observar se o L1/E1 dá detalhes sobre as credenciais dessa instância citada, usando palavras conferem pouca ou grande autoridade a esse enunciador segundo. Outro aspecto dos modos de manifestação é a inclusão, é claro, dos índices das linguagens não verbal e paraverbal.

enunciadores citados (quando a representação é mais explícita), mas também o *status* construído por intermédio de traços prosódicos e corporais. Por exemplo, no estudo piloto, constatei a projeção de uma figura de um e2 obstinado e forte, e de um L1/E1 acuado e deveras cuidadoso, devido à quantidade grande de negações polêmicas realizadas pelo divulgador científico. Estabelecer interpretativamente as posturas enunciativas (etapa 2), relacionando-as aos *status* (etapa 3) significa averiguar o lugar que as instâncias enunciativas ocupam no discurso hierarquizado do youtuber. Por exemplo, situações de consonância com o PDV antiorientado, indicadoras de algum grau de essa empatia, podem estar indicando a imagem de democrático que o L1/E1 tenta pleitear no discurso.

Existe, ademais, um **quarto critério** (ligado a esses relacionamentos entre os PDVs), reservado às emoções em contexto empático, conforme modos de aparecimento dessas emoções por intermédio dos enfoques cognitivos dos pdvs assinalados nas etapas 1 e 2. Ou, melhor, a análise das emoções considera a contraparte psicossocial do PDV. A minha tarefa, nesse momento, é, quando diante de emoções que são relevantes para responder à pergunta de pesquisa, verificar que emoções são acionadas, que direcionamento empático acontece e que valores sobre a interação (o modo sociodiscursivo de se fazer divulgação científica) estão sustentando as heteroemoções e/ou as emoções autoatribuídas? A nomenclatura para tratar das emoções se dá, como já mencionado, com base na grade teórica de Charaudeau (2010), que organiza o universo da patemização em diferentes tópicos, como a da antipatia e a da angústia.

Percorrer essas etapas todas foi levando-me a *unidades de significação abrangentes*, por analogia-homologia, as quais traduziam as *regularidades* no modo como os dois PDVs principais são encenados ao longo do *corpus*, fixando os direcionamentos argumentativos e estésicos recorrentes e emblemáticos do *corpus*. Tipos de unidades de significação foram, por exemplo: *PDV-muralha*; *PDV de compaixão*; *assertividade da ciência, mas envolvendo a empatia*, entre outras¹²². Essas unidades de significação chegaram ao capítulo 4 (análise dos dados) como *eixos temáticos* abrangentes, dividindo as análises em *subseções*. A exemplo, a análise do vídeo do canal do Slow guarda cinco seções (cinco *lógicas abrangentes*, por assim dizer, de relacionamento entre os pdvs), sendo uma delas a *atenuação da diferença em relação ao negacionista* (seção 4.1.3), pois recursos de atenuação foram recorrentes no texto de Slow.

Tornar as porções textuais subsumidas a etiquetas como estas foi um procedimento metodológico inspirado em Emediato (2018a), que, em um estudo sobre processos discursivos de construção midiática do acontecimento plano de ação mundial do FMI, explorou excertos

¹²² Ao longo do aperfeiçoamento das análises, fui modificando essas categorias, até chegar naquelas que realmente organizam, atualmente, a Análise dos dados, dividindo as duas análises (dos dois vídeos) em diferentes subseções.

desses discursos jornalísticos. E o fez (2018) justamente etiquetando-os com uma formulação de ponto de vista em etiqueta abrangente – como estas exemplificadas – que traduzia a pertinência dos dizeres do jornal no modo de falar do acontecimento: então, o ponto de vista expresso no jornal pôde ser transformado em *PDV deôntico de incitação à ação*; em *PDV ecológico*; em *PDV explicativo causal* etc. (Emediato, 2018a), fórmulas que servem, em suma, para organizar melhor as referidas regularidades e constâncias do heterodialogismo. Um outro exemplo é o do discurso de Atila Iamarino, que, conforme análise feita na pesquisa piloto, continha ocorrências recorrentes nestas duas lógicas: a *tensão* com o adversário e a *concessão* ao adversário (Zandonai, 2023). Isso foi verificado no pronunciamento de Átila que, inclusive, já citado nesta Tese. As duas categorias foram estruturadas por analogia-homologia.

Essas etiquetas, se continuarmos no processo de generalização, podem ir nos levando a categorias mais abstratas e menos numerosas. A edificar constantes mais abrangentes e/ou coerentes ao objetivo específico nº 3, busquei, subsequentemente, os *imaginários sociodiscursivos* e o *projeto de influência* dos youtubers, a última etapa da análise qualitativa.

4 – Os imaginários e o contrato de comunicação da DC no YouTube

A fim de fazer uma melhor costura entre a presente etapa com as etapas precedentes, convém pontuar que, até aqui, fiz uma descrição dos procedimentos que tocam mais fortemente na gestão dialógica dos pontos de vista e sua exploração pragmática. Já a presente etapa de análise avança para as notas sobre a práxis da DC. Consiste em explicar o(s) contrato(s) de comunicação e representações imaginárias que estariam motivando as encenações enunciativas (L1/E1 em seu modo de diálogo com e2) precedentemente caracterizadas.

Então, nesta ocasião, incorporando uma visada mais pretensamente explicativa, discuto as relações entre, de um lado, a realização dos PDVs (o intradiscursivo) e, de outro, os imaginários sociodiscursivos e os contratos comunicacionais (inclinando-me para o extradiscursivo), apontando o quanto a ‘*análise interna*’ indicia os elementos da ‘*análise mais externa*’, ou seja, uma comutação dos fenômenos enfocados nas etapas 1 a 3 nos fenômenos da etapa 4. Afinal, entendo que esse jogo do intradiscursivo como reação e tentativa de acomodação/(re)ajuste do que acontece no mundo externo (sócio-comunicacional e das representações) é o que fundamenta os atos enunciativos do youtuber científico. Logo, para finalização do relato analítico, e aderindo à articulação sugerida por Emediato (2020), que é vincular a gestão do dialogismo interno ao funcionamento externo do discurso (ao projeto de

fala do sujeito comunicante e às propriedades situacionais e dos dispositivos), responderei aos questionamentos subsequentes:

- a) Considerando que os *pathé* já dizem algo sobre a identidade do youtuber (critérios 3 e 4 da etapa anterior, que é *as relações enunciativo-interacionais entre os PDVs*), e pergunta é: que *ethé* podem ser detectados enquanto busca de influência sobre o auditório que assiste aos vídeos? Que relação parece está sendo projetada para e com o tu-destinatário dos vídeos?
- b) Como se dá o projeto de influência, desses locutores youtubers, em termos de contratos, imaginários sociodiscursivos e cenografias de *débunkage*? Caracterizo, aí, tais estratégias discursivo-argumentativas entendidas como tributárias de um *tom do debate* na pandemia e do tecnogênero em jogo.
- c) Em que medida é possível notar imaginários de ciência que balizam o dialogismo?

O procedimento científico, aqui, torna-se mais explicativo. Teço comentários explicativos sobre em que medida a organização dialógica dos PDVs é motivada por um certo projeto argumentativo do divulgador científico, em termos de sua possível adaptação a tendências de interação dos vlogs de *débunkage* e a tendências circunstanciais do debate da pandemia. Para tanto, operacionalizo noções teóricas de autores como Baur (2021) e Lima e Giordan (2014), por exemplo. Em suma, trata-se de observar efeitos de sentido situados que o dialogismo produz, enquanto possíveis interpretativos.

Algumas questões observadas foram: no seu modo de modular a voz da ciência, de propagandeá-la e defendê-la, o youtuber é conformado por quais elementos do ecossistema *débunkage* da vlogosfera científica? O humor é um desses modos? As circunstâncias da discussão polêmica deram espaço para o youtuber operar versões democráticas de divulgação do conhecimento científico? Projetei que respostas a questões como estas conduzir-me-iam a visualizar o projeto de influência do divulgador científico.

Complementarmente, as constatações nesse nível permitiram-me reajustar as *unidades de significação abrangentes* (ou seja, aquelas *etiquetas*, eixos temáticos, de que falei antes). É que esse momento de ajuntamento dos achados (das etapas 1 a 4, recém apresentadas) nos *eixos* coincidiram com a estruturação mais bem formalizada (em um texto acadêmico) da análise dos vídeos; por isso, falo em reajuste. Quando tive mais certeza de quais eram as unidades recorrentes, passei para o relato analítico de maneira mais formal. Assim, reformulei as

categorias abrangentes (obtidas por analogia-homologia), conforme agrupamentos dos dados¹²³ obtidos face a essa dimensão dos imaginários.

Os questionamentos de *a* a *c*, da etapa 4 (sobre os imaginários) refletem muito bem a característica de pesquisa qualitativa aqui adotada. Isso porque esses questionamentos fecham a análise, concentrando-a no ponto central, que: *como o youtuber científico constrói uma autoidentidade positiva perante o auditório?*¹²⁴. Essa dimensão ressalta o aspecto *qualitativo* da análise, metodologia esta que, como definem Bauer, Gaskell e Allum (2008), é voltada justamente para a compreensão de *como os sujeitos dão indícios daquilo que tem valor para eles no curso mesmo de suas ações*. Isso significa – usando os conceitos desses autores –, localizar a “orientação consensual” desses sujeitos – dos divulgadores de *débunkage* a propósito da pandemia –, as “normas comuns” que tornam a atividade deles possível, que funcionam como *norte* para suas atitudes dialógicas, que parecem fazer destas as atitudes *convenientes* para a situação (Bauer, Gaskell; Allum, 2008, p. 32). A encenação de PDVs, em posições simétricas ou assimétricas, leva-nos à *reflexividade* dos sujeitos observados, pois tal encenação fornece flagrantes de como os youtubers valoram a sua atividade, flagrantes daquilo com que se preocupam, de como interpretam suas ações.

Por outro lado, esta pesquisa caracterizou-se também como de levantamento bibliográfico (GIL, 2010), pois as análises são embasadas nas fontes teóricas dos capítulos 2 e 3. Isso decorre de as categorias elencadas na etapa 4 (imaginários e contratos), ao ressimbolizarem o dialogismo de pdvs, terem finalidade explicativa. E essa explicação implica levantar contribuições de diferentes autores, para *explicar* justamente os pontos *a* a *c* isto é, responder ao nosso problema: *de que maneira o youtuber científico busca se legitimar no discurso?* Levantar as contribuições dos autores para responder aos itens como estes é precisamente o papel da leitura explicativa (Gil, 2010). Com efeito, a etapa 5 é extrapolar aquilo que os comportamentos enunciativos do youtuber dizem, mostrando suas motivações e tendências, isto é, o que estaria além e na base da gestão dialógica.

À luz desses referenciais, itinerários e critérios, seguiremos, neste momento, para o capítulo 4, dedicado à análise mais concreta dos vídeos do *corpus*.

¹²³ Situando novamente o que significam essas etiquetas (por exemplo, posturas enunciativas de *atenuação do conflito para com o negacionista*), a questão é que elas traduzem a significação discursiva e/ou a dimensão acional/de influência que subjaz às configurações dialógicas dos pdvs.

¹²⁴ Trata-se de entendermos o seu *modus operandi* de comunicação científica persuasiva, o que está no cerne da nossa problemática de Tese.

4 ZOOM NAS SUBJETIVIDADES EM CENA: A ANÁLISE EM PERSPECTIVA

4.1 Canal do Slow

Analisaremos neste momento o episódio intitulado *O movimento antivacina no Brasil – canal do Slow 143* (Slow, 2023), do canal do Slow. O fim discursivo do vídeo é fazer-criar que as vacinas contra a covid-19 são eficazes e fazer-criar que o movimento antivacina nas redes sociais (especialmente o grupo Médicos pela Vida) é causador de problemas, a partir da explicação (fazer-compreender) o funcionamento desse movimento. Esse ato englobante de fazer-criar que os antivax são o verdadeiro problema (e não as vacinas) está imbricado/identificado com a Confirmação nº 4 do vídeo (isto é, a Refutação principal, como veremos na sumarização retórica), Confirmação esta que, na prática, mantém diversas outras partes do vídeo – algumas Narrações – como suas auxiliares, isto é, essas outras partes convergem para a Confirmação nº 4, pois, ao longo do vídeo, buscam arrazoar que há um porquê de Slow estar acusando esse movimento e defendendo as vacinas (e a saúde e a ciência). O mote do episódio é a difusão, nas redes sociais, de discursos antivacina (medos infundados, *fake news* etc.) e a implementação de políticas negacionistas, impetradas pelo movimento antivax organizado em conexão com o governo federal em exercício na época da pandemia de covid-19, como mostrado em uma das fontes do vídeo de Slow (2023): Pinheiro (2023).

A transcrição completa e o link para acesso ao vídeo estão disponíveis no Apêndice A (página 319, ao final). Apesar da transcrição, uma boa forma de acompanhamento da análise é a audiência ao vídeo em cotejo com a sumarização retórica proposta a seguir (Quadro 1), a qual faz uma espécie de resumo do vídeo, situando os movimentos retóricos efetuados por Slow. Apesar disso, os trechos de transcrição (designados como Amostras, e numerados) serão oportunamente reproduzidos ao longo da análise, entremeados com a exposição analítica.

Em termos de organização, teremos, após o Quadro 4 (página a seguir, página 161), que situará o leitor quanto aos movimentos textuais do episódio, a análise propriamente dita (página 163 em diante). A análise é dividida em seções, também denominadas eixos de análise; eixos que recebem determinados títulos (escopos temáticos) de acordo com o tipo de fenômeno enfocado na seção, isto é, de acordo com o tipo de fenômeno observado nas Amostras que estão sob a guarda da seção. Essas Amostras são fragmentos de transcrição que servem para *ilustrar* o fenômeno da seção. Convém lembrar que as Amostras manterão aquela divisão em blocos, oriunda da interpretação/pré-análise na própria transcrição, divisão esta facilitadora da análise. Enfim, após o Quadro 4 (a seguir), passemos, então, aos eixos de análise.

Quadro 4 – Macroestruturação retórica do vídeo do canal do Slow

Exórdio nº 1.	
(seção Introdução) Até 1 m	Narração nº 1: Narra argumentos (A1') antivax costumeiros nas redes sociais. Busca captar a atenção do público pelo modo <i>grotesco</i> de se apresentar o movimento antivax nesse estágio.
1 m a 1 m 39 s	Narração nº 2: Relata o comportamento antivax nas redes sociais em seu caráter geral.
1 m 40 s a 1 m 58 s	Exórdio propriamente dito: Exposição mais objetiva da questão a ser tratada no vídeo.
Momento <i>checagem de fatos</i> do vídeo	
(seção <i>Vacina de RNA</i>) 1 m 58 s a 2 m 42 s	Confirmação nº 1: Refuta o argumento adversário de que a vacina de RNA (caso de algumas vacinas para covid-19) altera o DNA do ser humano.
(seção <i>O que justifica a velocidade?</i>) 2 m 43 s a 3 m 18 s bloco 1	Confirmação nº 2: Refuta o argumento adversário de que a celeridade na fabricação das vacinas de covid-19 significa que elas foram feitas de maneira descuidada, a ponto de modificar a composição genética das pessoas.
3 m 19 s a 3 m 43 s bloco 2	Idem. Com Narração nº 3: como foram os trâmites institucionais e metodológicos para elaboração das vacinas.
(seção <i>Sequelas e mortes</i>) 3 m 44 s a 4 m 7 s bloco 1	Confirmação nº 3: Refuta a tese de que a vacina para covid-19 provoca sequelas ou a morte das crianças vacinadas.
4 m 7 s a 4 m 49 s bloco 2	Idem.
4 m 50 s a 5 m 27 s bloco 3	Idem. Com Narração nº 4: relata as estatísticas e outros dados científicos que sustentam a Confirmação nº 3.
Finaliza o momento <i>checagem dos fatos</i>	
Apresentação ampla do movimento antivax	
(seção <i>Desinformação</i>)	Confirmação nº 4 ¹²⁵ (a principal do vídeo): trechos anteriores e posteriores visam à Refutação nº 4: provar que o movimento antivax é que é o problema, por meio da explicação de como ele se organiza.
5 m 27 s a 5 m 42 s Transição	Exórdio nº 2: Capta o público para a continuidade: o fato de que se abordará o sistema comunicacional de desinformação antivax. Narração nº 5: Imita um negacionista, como mote/exórdio da nova seção (<i>Desinformação</i>), que passa a tratar do sistema

¹²⁵ A categoria Confirmação nº 4 é colocada neste espaço, *encabeçando* os trechos subsequentes, porque consideramos que ela é a categoria que abrange os conteúdos que virão. Isto é, as Narrações que estão por vir (a partir da Narração nº 5) estão à serviço da problematização do movimento antivax, como objetivo principal.

	comunicacional de desinformação dos antivax – nesse caso, sobretudo do Movimento Médicos pela Vida (MPV) ¹²⁶ .
5 m 42 s a 6 m 18 s bloco 1	Narração nº 6: Relata como foram as operações do movimento antivax nas redes sociais.
6 m 19 s a 6 m 46 s bloco 2	Idem.
6 m 46 s a 7 m 4 s bloco 3	Idem. Mas destaque nas operações mais <u>atuais</u> desse movimento, buscando-se mostrar a forte influência dos antivax. (para dar a entender que Slow está de posse de uma legítima causa para defender e acusar; acusar os antivax (Confirmação nº 4)).
7 m 5 s a 7 m 20 s bloco 4	Idem. Mas destaque na descoberta do Movimento Médicos pela Vida (hipônimo do movimento antivax).
Apresentação mais específica: Médicos pela Vida (MPV)	
(Seção <i>Médicos pela Vida</i>) 7 m 21 s a 7 m 42 s	Exórdio nº 3: despertar a atenção/interesse sobre quem são os MPV.
Esmiuçamento sobre o movimento	
(seção <i>Quem são os responsáveis?</i>) 7 m 43 s a 8 m 27 s bloco 1	Narração nº 7: Narra a operação de <i>lobby</i> do MPV junto ao governo federal da época.
8 m 28 s a 8 m 44 s bloco 2	Idem. (com aprofundamento.)
8 m 45 s a 9 m 24 s bloco 3	Idem. Narração nº 8: Narra o recebimento de uma multa pelo MPV.
Foco nos efeitos do <i>lobby</i> MPV/Governo Federal	
(Seção <i>Como o Brasil se isolou do resto do mundo?</i>) 9 m 25 s a 10 m 5 s bloco 1	Narração nº 9: Foco no efeito nº 1: O Brasil destacou a desinformação mais do que outras nações.
10 m 6 s a 10 m 52 s bloco 2	Idem: efeito nº 2: o <i>lobby</i> proporcionou lucro monetário às empresas farmacêuticas interessadas nos benefícios do negacionismo.
Foco nos financiadores do MPV, para fins de Confirmação nº 4	
(seção <i>Quem financia o movimento antivacinas?</i>) 10 m 53 s a 11 m 44 s bloco 1	Narração nº 10: Relata que o movimento antivax, no fundo, é uma indústria multimilionária que objetiva comercializar produtos alternativos sem comprovação científica.
11 m 45 s a 12 m 12 s bloco 2	Narração nº 11: Com base na Narração anterior, relata alguns tipos de comercialização.
12 m 13 s a 12 m 32 s bloco 3	Idem: com destaque no detox de vacina. Confirmação nº 4 (deslegitimação do movimento antivax) leva à Confirmação nº 5 (legitimidade e importância da divulgação científica.)

¹²⁶ Este trecho é uma Narração (Narração nº 5) porque imita um suposto sujeito antivax, como parte da ilustração sobre como é o sistema de desinformação antivax, mas, por outro lado, é também um Exórdio, pois funciona como um *intervalo-vinheta* para esse novo (e principal) tema do vídeo que se dá a partir de 4 m 27 s.

12 m a 33 s a 13 m 2 s	Narração n° 12: apresentação das fontes que embasaram o vídeo.
13 m 3 s a 14 m 9 s	Peroração.

Fonte: elaborado pelo autor.

4.1.1 Uma assertividade que deixa a empatia entrar

Aqui, examinaremos duas Amostras: a AM01 e a AM02. A primeira se concentra em elementos da Confirmação n° 2: a segunda negação que Slow faz ao adversário no vídeo (sobre os ‘mutantes’). Essa Amostra será o ponto de partida, para organização desta seção. Assim, a partir da discussão sobre esta, que é a Confirmação n° 2, faremos uma conexão analítica entre ela e um trecho precedente, que é o da Narração n° 2, pertencente à Introdução do vídeo.

Para contextualizar melhor, a Confirmação n° 2 é a que trata da rapidez na produção da vacina, como se isso significasse descuido. O trecho correspondente à Confirmação n° 2 (transcrição a seguir) conta com dois blocos: um principal (2 m 43 a 3 m 18) e um subtema de complementação a essa sustentação/prova de que as vacinas são seguras (3 m 19 a 3 m 43).

	AM01
	2 m 43 s a 3 m 18 s seção <i>O que justifica a velocidade?</i> (bloco 1)
1	((com o número ordinal na tela; braço para cima)) Segundo:::!! ((vacinas produzidas
2	rápido demais? escrito na tela)) ((começam imagens de laboratório na tela)) As vacinas
3	de covid foram de fato produzidas em tempo recorde, sendo um marco na nossa história,
4	((volta imagem em Slow)) porém isso não quer dizer que elas tenham sido feitas na
5	pressa de qualquer maneira. O que justifica essa velocidade é que o mundo inteiro
6	literalmente ((mãos de cima para baixo; imagem de celas)) PAROU - - <literalmente:::>
7	- - ((ênfase no primeiro plano/close-up)) pra resolver essa treta de uma vez.
8	((imagens de laboratório)) Tudo quanto é centros de pesquisa colaborando e trocando
9	informações, ((imagens de dinheiro)) governos liberando RIOS de dinheiro pra
10	financiar teste de pesquisas, ((imagens de laboratório)) agências e fabricantes sempre em
11	contato ali pra tentar agilizar o máximo possível as análises. ((volta imagem para Slow))
12	((imitando um cidadão desesperado)) Bo:::ra >com isso aí, que tá todo mundo
13	trancado em casa e vidas sendo perdidas na espera da< vacina:::!! ((mudança de cena))
	3 m 19 s a 3 m 43 s (bloco 2)
14	O importante é ter em mente que <todo ((infográfico na tela)) protocolo> científico com
15	<todas as etapas> desde os estudos pré-clínicos em laboratório passando pelos clínicos,
16	testando desde alguns voluntários até <milhares>, foram respeitados no objetivo de
17	garantir o máximo de segurança pras <bilhões> de pessoas que seriam vacinadas dali
18	pra frente. ((imagem de Slow; infográfico no canto da tela)) Mano, olha que
19	responsabilidade, cê imagina se iam sair queimando etapas gerando uns X-men por aí
20	desse jeito, porra ((imagem de um gato balançando)) ((mudança de cena))

Na AM01, como se observa, L1/E1 (Slow) desenvolve uma resposta a e2, a qual consiste em ‘*as vacinas foram, sim, fabricadas de maneira cuidadosa*’ (linhas 4 e 5, a partir de “porém”), contrariando e2. Tal resposta¹²⁷ constitui um PDV assumido (RE) por L1/E1, é encabeçado por uma negação polêmica¹²⁸ e se configura como discordância discordante. O polo antiorientado respondido, de e2 (explicitado entre as linhas 1 e 3), com o qual L1 estabelece pleno desacordo, caracteriza-se por, pautando-se na A1’ (também A1) de que as vacinas foram fabricadas muito rapidamente, concluir que tais vacinas merecem ressalvas. Em síntese, e2 é retomado como tendo o ponto de vista ‘*vacinas rápido portanto não são seguras*’.

Com o dissenso a partir de “porém” (linha 4), a assunção torna-se o dispositivo preponderante nos blocos 1 e 2. Esse PDV de réplica assume uma configuração que produz um efeito de assertividade e autoridade, pois dialoga ativamente com PDVs originários e científicos que irradiam de instantes enunciativos anteriores o *dictum* que endossa L1/E1, sendo eles, por exemplo, os centros de pesquisa (segmento 8, bloco 1) e os estudos pré-clínicos em laboratório (bloco 2). Na verdade, os procedimentos de descrição e narração desse PDV narrado imputado à ciência, durante a AM01, beneficiam a força ilocutória do PDV1 (*pdv atual*), sendo, então, que o básico para essa assunção de L1/E1 é o fato ela estar em coenunciação com essas instâncias.

A força (ou autoridade) para o PDV1, como forma de se erguer impositivo contra e2, advém muito mais do que da simples coenunciação, mas do trabalho de modalização mais pontualizado no interior desse PDV narrado com o qual L1/E1 (PDV1) faz consonância. Nesse âmbito, destacamos, primeiramente, o percurso narrativo dado nos segmentos 15 a 16 (“desde os estudos pré-clínicos em laboratório passando pelos clínicos, testando desde alguns voluntários até <milhares>”). Slow não se contenta apenas em dizer que os estudos científicos seguiram os protocolos em todas as etapas (como descrito antes, já nas linhas 14 e 15). Mais do que isso, nesse enunciado dos segmentos 15 e 16, Slow destrincha a narrativa, em termos de início, meio e fim, tornando mais visualizáveis os passos efetuados pelo enunciador ciência. Esse enquadramento narrativo ajuda a qualificar a ciência como séria, para fins de credibilização. Essa aura de respeitabilidade e autoridade pretendida se verifica, ainda, em outros pontos da materialidade linguageira da AM01, por exemplo as ênfases prosódicas, aqui não examinadas em detalhe.

¹²⁷ Aliás, ela continua a ser explicitada nos segmentos ulteriores, indo em direção ao que designamos bloco 2.

¹²⁸ A negação polêmica é uma sinalização importante e frequente de imputação em nosso *corpus*. Ela pressupõe a voz de outra instância enunciativa, que, nesse caso, presentifica-se como enunciado antitético, isto é, que apresenta um enunciado afirmativo e, muitas vezes, precisa ser inferido. (Ducrot, 1987). Mas também a negação polêmica é evidência de RE, marcando a posição do L1/E1 como contrária à do enunciador segundo.

Ainda convergindo para esse estatuto modal do PDV1, temos o heterodialogismo específico que acontece nos segmentos 18 a 20, que concluem a seção *O que justifica a velocidade?*: “Mano, olha que responsabilidade, cê imagina se iam sair queimando etapas gerando uns X-men¹²⁹ por aí desse jeito, porra”. Em primeiro lugar, podemos dizer que esse enunciado reconstrói uma visão imputada a e2, que é o imaginar a ciência pular etapas, agir inescrupulosamente. Reconstrói, porque, no nível pragmático da imputação, recusa esse PDV, modula-o no regime *do PDV1*. No nível do *dictum* desse PDV responsivo, teríamos a *verdade* do PDV1, como forma de *prise en charge* do PDV1: ‘*não, a ciência não pulará etapas, não gerará mutantes*’ (A2 em contraposição ao A2’, de e2¹³⁰). Mas é o *modus* (modalização, emoção, estesia) na resposta discordante o que nos interessa mais de perto; senão vejamos.

Basta constatarmos que a resposta tem valor pragmático de provocação: com ela, L1/E1 não está apenas querendo modificar o saber sobre a vacina, mas **desafiar** o seu adversário. L1/E1 está interferindo no crer e no ser de e2, especificamente. O operador “imagina se” implica diretamente o e2, identificado, na verdade, como e2.esp. Então, o PDV2 dos mutantes – bem como o próprio PDV1, de resposta – é reenquadrado sob uma modalização interlocutivo-ilocucionária, que instigaria e2.esp. a atualizar-se. Mais precisamente, o que temos no enunciado é o agravar (o agravamento do conflito) e o desafiar (solicitar que o interlocutor, e2.esp., valide ou confirme a proposição e2¹³¹), se recorremos aos macroatos pragmáticos de interações discordantes (CHABROL, 1995 apud Emediato, 2023)¹³². Favorecendo o agravo, temos que o aparente pedido (‘*imagine, por favor, se a ciência faria realmente algo assim, criar mutantes?*’) já contém a solução no próprio ‘pedido-desafio’, de maneira a *encurralar* e2.esp.¹³³

Para a *mise en scène* desse conflito (pressionar e2.esp. a tornar-se E1), atuam ainda certos elementos característicos do deboche e da suavização/atenuação, para além do confronto desafiante. Que elementos são estes? Primeiramente, o “imagina se”, que equivale a algo como ‘*é óbvio que a ciência não fará esse tipo de coisa*’ e, em segundo lugar, a referência aos X-

¹²⁹ Criados por Stan Lee e Jack Kirby, os X-Men são os protagonistas de uma história em quadrinhos que depois foi expandida para outras mídias. O conceito central é o de que uma mutação nos genes faz esses personagens da trama adquirirem características singulares, com valor de superpoderes. (Gonçalves, 2008).

¹³⁰ Em nossa proposta de análise (para os dois vídeos), sempre a premissa argumentativa contendo apóstrofo é a premissa pertencente ao universo intelectual de e2 (imputação). Logo, A1’ é uma asserção de partida segundo a visão de e2, e a A2’ (conclusão) também serve a e2. Muitas vezes, porém, as A1’, especificamente, são as mesmas para L1/E1 e e2, correspondentes a fatos consensuais de base, mas que levam a conclusões distintas e conflitantes.

¹³¹ No caso, e2.esp. é *emparedado*, por assim dizer, pois ele não deve mais *assumir* a perspectiva e2, segundo esse simulacro enunciativo produzido por L1/E1, que é concluir toda a refutação (Confirmação nº 2) com o “imagina se”. Por isso, é como se L1/E1 desafiasse e2.esp., considerando as evidências contrárias ao que e2.esp. quer.

¹³² Nesta análise, sempre que tratarmos de *ato pragmático de...* (por exemplo, ato de agravar, ato de atenuar etc.) estaremos nos baseando nas categorias de Chabrol (1995 apud Emediato, 2023, p. 40-42).

¹³³ Ocorrências como esta são a prova de que a instância negacionista (e2) é percebida como assistindo ao vídeo.

men. No que se refere à alusão aos X-men, este é um recurso de heterodialogização/resposta que refaz o discurso e2 (mutações genéticas) pela hipérbole, com o objetivo de apontar que o elemento temático *mutações nos seres humanos* é a tal ponto irrazoável, tolo, debochável como pensar que os seres humanos se tornariam, *francamente*, X-men. Por isso, há deboche¹³⁴.

Já que existe deboche, então os *status* enunciativos são modificados. O e2 não se perfaz, nessa representação dos PDVs, como o PDV antiorientado de pec séria, tão-somente. O e2 deixa de ser apenas o PDV objeto da discordância discordante. O que ocorre é que a instância e2 é modulada o papel de *tolinho*, de *palhacinho*, algo do tipo. Isso atenua o afrontamento que o próprio L1/E1 engendrou nessa modalização interlocutivo-ilocucionária (que foi descrita anteriormente, mais no começo desta análise).

O que estamos mostrando é que, a despeito do agravo, L1/E1 parece também *se segurar*, no mesmo enunciado, para criar um humor de suavização e de deboche (ato pragmático de atenuação), dentro desse processo mais abrangente do vídeo-texto que é o processo de *débunkage*. O “imagina se” funcionando semanticamente como ‘*é óbvio que*’ mostra que o divulgador visa a neutralizar a diferença com o PDV antiorientado, naturalizando o aniquilamento dele, tornando qualquer outra subjetividade uma subjetividade E1. Com efeito, o “imagina se” introduziria uma verdade (PDV1) *tranquila* de se aceitar, uma verdade clarividente da qual não se pode esquivar, equivalendo a algo como: ‘*poxa vida, convenhamos, é o PDV1 o mais razoável*’. Desta forma, o agravo, que a configuração alocutiva engendra, entendida como força do PDV1, é suavizada no fim das contas. De maneira mais precisa, a proposta *autoritária* de fazer e2.esp. repensar (fazer-fazer) é cingida pela pec suplementar (pec2) apreciativa que ameniza a verdade/resposta do PDV1.

Tal suavização (como pec2, como engajamento), para contrabalançar a verdade talvez inconveniente (de que a ciência é confiável e não gerará mutantes) é evidenciada nas gírias *amigáveis* no enunciado (linhas 18-20). O uso de “mano” e “porra” conferem uma certa camaradagem ao PDV1 discordante, pois a emoção de incredulidade humorada (tópica da alegria) acaba se sobrepondo a esse enunciado alocutivo, dando-lhe um matiz de ‘*poxa, mano*’ ou ‘*fala sério*’, como quem aponta um disparate do outro, mas de maneira leve. Entendemos que a incredulidade humorada estabelece a tópica da alegria¹³⁵, porque há um contentamento

¹³⁴ Neste caso, para além da atenuação (que é o que destacamos a seguir na análise), teríamos o dispositivo enunciativo da ironia, por meio da qual o discurso explícito (o ‘*imagina se...*’, que coloca e2 na responsabilidade enunciativa de que a ciência porventura produziria X-mens, mutantes) é contrariado no nível da enunciação, pela pec de L1/E1; um deboche, enfim, para constranger humoradamente o e2.esp.

¹³⁵ Recorremos às tópicas, teoria de Charaudeau (2010), para identificarmos as relações patêmicas que o divulgador científico instaura em face (ou como manifestação) dos pontos de vista mobilizados. Assim, sempre que aparecerem aqui termos como *emoção*, *sentimento* ou *tópica*, a base teórica é Charaudeau (2010).

incorporado por L1/E1, devido à satisfação em retificar e2 e devido a uma certa vaidade (promoção identitária de si) do Slow em garantir o PDV1. Esse efeito de sentido de ‘suavização-sensibilização’ é promovido, igualmente, por outras marcas, tais como: (i) a referência aos x-men (pec apreciativa de deboche, por L1/E1); (ii) o sorriso do youtuber durante o enunciado (entre o tempo 3:38 e 3:43); e (iii) a provocação ao e2.esp. na imagem de um ‘gato-monstro’ (“gato balançando”; segmento 20), conforme alocamos na Figura 7 e comentamos a seguir.

Figura 7 – Elemento visual como pec apreciativa sobre o PDV2 na AM01 de Slow



Fonte: captura de tela de Slow (2023).

Esse recurso visual funciona como pec de modalidades apreciativas, que modula a pec basilar, almejável (assunção, por L1/E1), de que a ciência não ousaria criar mutantes. O tecnografismo do gato representa o ‘monstrinho-mutante’ (recategorização de *mudança na composição genética humana*), como um X-men, como forma de debochar de e2. Esse traço de monstrinho, insinuando que a crença de e2 é irrazoável, é amparada pela sonoridade de horror ou assombro durante os segundos em que o gato é balançado. A consequência desse reenquadramento do PDV2 é a modalização pelo risível (pec2, apreciativa, com avaliação pelo riso), denotando incredulidade humorada. Enfim, com essa modalização apreciativa (os atenuantes e o humor), o PDV1, que *prend en charge* veridictoriamente o contrário do que e2 pensa, torna-se mais passível do consentimento de sujeitos e2, como efeito interpretante. Os elementos de polidez e aproximação recém descritos, mesmo que não sejam exatamente uma empatia, proviriam de cálculos para compensar *o inconveniente da verdade* da ciência, estabelecido naquela RE de autoridade, do início da seção. Não devemos deixar de lado, é claro, que essa gestão em favor do PDV1 funciona como uma ‘piscadela de olhos’ para os espectadores *em geral*, com Slow buscando propagandear que a ciência é amistosa e agradável.

Essa resposta discordante de L1/E1 se dá a partir do PDV narrado imputado (PDV2) – a fala prévia, de e2, a ser combatida, corrigida –, e vai se desenvolvendo até modular-se como

PDV conclusivo (o “imagina se...”), em favor da defesa da ciência, e não apenas como *fact-checking* pontual contra a tese de que o tempo recorde significa falta de rigor. Isso porque, no final desta AM01, Slow usa justamente o termo “ciência”, não sendo mais apenas a vacina aquilo que ele defende.

Mas acrescentaremos um outro componente dessa batalha contra o PDV2 feita nos limites da AM01. Aquela autoridade-assertividade da ciência, que observamos no início – por exemplo na narrativização que enquadra a ciência como *forte* – sofre, ainda, modulações próprias de empatia, como contrabalanço.

A empatia é observável no seguinte enunciado, que finaliza o bloco 1: “Bo:::ra >com isso aí, que tá todo mundo trancafiado em casa e vidas sendo perdidas na espera da< vacina:::!” (segmentos 12 e 13; bloco 1). Esta é uma reelaboração lúdica de argumento já apresentado por L1/E1 precedentemente, das linhas 5 a 11: o argumento de que há um motivo razoável para as vacinas terem sido fabricadas tão celeremente (mesmo isso tendo gerado a desconfiança dos negacionistas). Esse reforço linhas 12 e 13 (reproduzidas acima) é, de fato, um reforço teatralizado, por L1/E1, que representa, coerentemente ao argumento, pessoas em uma situação de emergência e que, por isso, reivindicam desesperadamente¹³⁶ a vacina, favorecendo a celeridade do aparecimento dela. Faz sentido que esse reforço lúdico esteja alocado como final de um raciocínio¹³⁷ – o final do bloco 1, como segmentamos –, pois o que vem depois, no bloco 2, é apenas subtema em prol da tese ‘*vacinas não foram feitas sem rigor*’.

Por meio desse enunciado – “Bo:::ra >com isso aí [...]” –, L1/E1 torna a sua resposta uma posição em concordância concordante com toda uma população que demandava a vacina rapidamente, uma consonância legitimadora da celeridade da vacina. Para tanto, o próprio formato de digressão (mudança de cromatismo da tela¹³⁸) indica que Slow *sai de si*, incorporando, como personagem, alguém *do povo* que dá anuência à rapidez. Além do mais, esse sujeito do povo ressoa um suposto discurso de “todo mundo”, de um *nós* que está trancafiado em casa. A concordância concordante narrativiza um *nós* (L1/E1 em outro estatuto modal) que está sofrendo, é uma **RE compartilhada**, com a consequência de *não apenas L1/E1* encenar-se na tópica da angústia (e em busca da concretização da esperança), mas, sim, propor que há muitos como ele, que há *muitos/outros também* merecendo compaixão, por estarem na

¹³⁶ Vide aceleração da fala, marcada nos símbolos “>” e “<”.

¹³⁷ Com isso, o enunciado empático aí sob escrutínio (linhas 12 e 13) é uma espécie de digressão – trecho destacável, elemento apenas indireto a favor da argumentação central (Reboul, 2004) –, e do tipo recapitulação, mas que, juntamente com os outros elementos que tornam L1/E1 *pedoso* em relação a instâncias enunciativas outras, tornam essa recapitulação empática algo importante no jogo de influência do youtuber.

¹³⁸ No momento, a tela fica com corte de cor em preto, ou saturação em preto, além de que o personagem de Slow desloca seu olhar para o lado, exortando algo desesperadamente.

mesma tópica, a da angústia, e almejando esperança e alívio. Esse dispositivo enunciativo implica que L1/E1 empatiza com a população como um todo, o que incluiria os negacionistas, que também sofreram com a pandemia. Então, esse arranjo empático patemiza o discurso de L1/E1, como uma forma de conquistar o e2.esp., em benefício da tese de que a ciência está, sim, atuando adequadamente, porque para o *nós. Humano e compadecido* (*ethos* de humanidade), L1/E1 busca fazer valer o *sim às vacinas* nas condições em que foram feitas.

A empatia aparece em diferentes momentos dessa resposta (AM01) que se pretendeu, curiosamente, enfática e assertiva, como por exemplo em uma parte pequena do PDV originário narrado imputado à ciência (a ciência como *aquela que atuou corretamente*), precisamente no segmento 6, do bloco 1; o recorte apenas desse segmento encontra-se a seguir:

5	pressa de qualquer maneira. O que justifica essa velocidade é que o mundo inteiro
6	literalmente ((mãos de cima para baixo; imagem de celas)) PAROU - - <literalmente:::>
7	-- ((ênfase no primeiro plano/close-up)) pra resolver essa treta de uma vez.

Ao incorporar uma perspectiva que é a do “mundo inteiro”, L1/E1 novamente empatiza, encenando o seu lado humanitário, que legitima e justifica as vacinas. Não analisaremos em grande detalhe essa ocorrência aí transcrita. Basicamente, o que ocorre é que L1/E1 está narrando o PDV dos centros de pesquisa e governos (que dá *base* ao PDV1). Mas a questão é que a ênfase realizada especificamente no segmento 6 (na ideia de que ‘*nós todos paramos/sofremos*’) revela um L1/E1 que não apenas mediatiza os feitos da ciência (agente do pdv narrado), mas que narrativiza o PDV assumido, criando *beneficiados*, frente a uma ciência *beneficiária*, e também as *vítimas juntas*, subsumidas no “o mundo inteiro”. Considerando adicionalmente a dramaticidade prosódica e do *close-up* no rosto de Slow, resulta que Slow mostra-se compadecido (simpatia) com a humanidade como um todo, elemento este que ajudaria, como efeito interpretante, a reverter a ideia de ciência como irresponsável.

Aproveitando que estamos falando de empatia, a presença dela se dá também em um momento anterior, fora da Amostra 01, mas também orientado para a visada crítica de L1/E1 frente aos antivax. Trata-se da segunda parte do Exórdio nº 1. Embora foquemos uma parte do Exórdio/Introdução agora, focaremos realmente na Narração que está dentro dele, isto é, na Narração nº 2, que relata o comportamento antivax típico e geral das redes sociais. No recorte de transcrição (Amostra 02), a seguir, temos a Narração nº 2 (no segundo bloco do Exórdio), acrescido de uma partezinha do cotexto anterior do Exórdio, para melhor situar a ocorrência.

outros usuários” (linhas 19-20; grifo nosso). Mas, para além disso, devemos considerar que há toda uma construção actancial constituindo o modo empático, sendo ela a divisão entre *agentes do mal* e *vítimas* ao longo do bloco (linhas 14 a 25); senão vejamos.

Por meio das atribuições de processo verbal, há os que *sofrem* com a “enxurrada” de materiais contra a vacinação (segmento 17), há os que são *inocentemente seduzidos* (segmento 14: “essa é uma parte do discurso que *seduz* [...]”); há os que *sofrem* essa alienação *insistentemente* (“*ficam recebendo* supostas experiências” antivax, segmentos 19 e 20). Valendo-nos das categorias da lógica narrativa (Charaudeau, 2009), tomemos a primeira ocorrência, dos segmentos 14 a 15, mais detidamente: “Essa é uma parte do discurso que seduz diariamente milhares de pessoas a entrarem em dezenas de grupos que habitam o submundo das redes sociais”. Por um lado, essa organização deixa evidenciado que há um agente produtor de discursos antivax tomado como agente *agressor*, devido não só aos sentidos do cotexto, mas também à carga semântica de “seduz”. Tal ação dirige-se ao actante representado como sofrendor da ação, e, portanto, uma *vítima*, qual seja as “milhares de pessoas”, porque atraídas ao “submundo das redes sociais” (continuidade do enunciado narrativo na linha 15) – fortalecendo o estatuto do malfeitor –, cujo núcleo do sintagma tem conotação de malefício no plano narrativo. Tal estruturação colabora para o quadro actancial que situa os antivax como o *agressor* e outras pessoas como *vítimas*. Mais do que isso, na medida em que L1/E1 se faz focalizador testemunha no PDV narrado *ao longo de todo o bloco*, fica claro o processo de *degradação* – os antivax degradam um cenário inicial.

Isso tudo ratifica a empatia efetuada por L1/E1: as “milhares de pessoas”, tal como nomeado no segmento 14, ficam ao longo de todo o bloco pressupostas como sendo as *vítimas* de e2 e e4, conforme se verifica na própria referenciação: “*eles* passam a receber uma enxurrada de materiais” (linhas 17-18; grifo nosso); “__ ficam recebendo supostas experiências” (linhas 19-20; acréscimo nosso) e, por fim, os personagens da encenação teatral dos segmentos 22 a 25, um exemplário anafórico e actancial/teatral dessas vítimas. Em decorrência dessa manutenção textual da lógica agressor-vítima, fica claro, enfim, que não é apenas a ocorrência inicial (*seduz*) que marca a empatia, mas, sim, todo o bloco. Basta aferirmos, por exemplo, que a locução verbal “ficam recebendo” (segmentos 19 e 20) dá a ideia de insistência e, portanto, de força impetrada pelo e2/e4 agressor, favorecendo a ideia de vitimização. Nos termos de patemização, L1/E1 se autoatribui, aí, a emoção da simpatia, especificamente da compaixão, ao empatizar com essas pessoas que se submetem aos materiais antivax.

O termo “enxurrada”, verbalizado com proeminência prosódica (na linha 17, em caixa alta) dá a entender que não há apenas interesses actanciais polarizados, mas, sim, um

desequilíbrio de forças, e que este é o constituinte informacional a ser destacado. O item “*enxurrada*” transmite o sentido de imponência, imputado a e2/e4, algo que a prosódia reforça, contribuindo para a noção de que as vítimas de e2 e e4 são *enxurradas*. No caso específico da “*enxurrada*”, a instância empaticizada torna-se mais específica dentre as “*milhares de pessoas*”: os “*médicos e profissionais da saúde do mundo inteiro*” (linha 18). A força prosódica é a encenação, por L1/E1, da tópica da antipatia/indignação, já que ele *toma as dores* dos profissionais da saúde¹⁴⁰.

Focando ainda nas pessoas comuns em geral (“*pessoas a entrarem em dezenas de grupos que habitam o submundo [...]*”; grifo nosso), empaticizadas por L1/E1, é curiosa a relação de influência de um actante a outro **teatralizada** no espaço de locução dos segmentos 22 ao 25. L1/E1 coloca-se no lugar de alguém em desespero (tópica da angústia), cujo medo o impele a fomentar teses antivax. Aparentemente, a ideia é fazer com que os espectadores se *compadeçam* com a *injustiça* aí semiotizada narrativamente enquanto degradação do tipo dissimulação. No caso, a ideia é que e2.esp. possa se identificar com a última/segunda personagem (linhas 24 e 25; “*ai, meu Deus, eu sabia [...]*”), entendendo-se como manipulado, o que depende do reconhecimento do e4 manipulador, também instância antiorientada.

Finalizando esta análise: esse é o modo empático pelo qual L1/E1 formula o PDV1 (em resposta ao PDV2) na AM01 e se formula o PDV2 na AM02 (que narra os antivax). Essa empatia tem, como consequência pragmático-discursiva interpretante, incutir no público que a ciência é respeitável, defensável, seja ela representada nas investidas de Slow **no pdv2**, seja ela no investimento ilocutório dele propriamente na **resposta fact-checking (pdv1)**.

¹⁴⁰ Em termos de precedentes prosódicos, o parâmetro *registro* contempla o falar alto (registro alto; é o caso ali) ou falar baixo (registro baixo). Bodolay (2009, p. 104) comenta que os registros mais altos são justamente os que demonstram mais emoção, o que se combina com essa ocorrência do *corpus* (e também com outras em que há proeminência prosódica sobre um segmento linguístico), em que parece haver uma certa raiva ou impaciência (a tópica da indignação é o que se corporifica no caso em tela). Em uma problemática sociolinguística preocupada com manifestações prosódicas, Gonçalves (1998) lembra que a proeminência prosódica se singulariza na função comunicativa de distribuir o *status* informacional dos constituintes do enunciado. Portanto, não é à toa que acabemos, intuitivamente aqui, concentrando-nos na proeminência, como relevante para a produção de sentidos, ou melhor, como *relevante para a gestão dos interesses do L1/E1*. Nessa perspectiva do *status*, “*enxurrada*” tem valor informacional maior do que os outros itens: ele é o elemento-foco, em oposição a elementos-suposição, como “*receber uma*” e “*materiais contrários à vacinação*”. Com fundamento nisto, ao fim e ao cabo, parece-nos que L1/E1 sente (plano sensível) a *relevância* – na verdade, o *peso*, para além do proposicional – da *enxurrada* advinda da instância antiorientada, o que resulta na intensificação prosódica como uma instrução de sentido empático-afetivo, pois a *relevância* acaba sendo uma força em um *desequilíbrio de interesses*. Ora, afirma Gonçalves (1998, p. 75) que “*certas partes de um enunciado são enfatizadas não só porque são centros (focais) no discurso, mas também porque são vistas através de certas perspectivas que afetam tanto o que o falante diz quanto o que o ouvinte interpreta*”. Dessa maneira, a proeminência tem a ver com o modo de ver de L1/E1, conforme um modo de ele estar afetado, isto é, um modo de enxergar o movimento da *enxurrada*. Nesse modo de enxergar, de estar afetado, L1/E1 se orienta empaticamente para as vítimas de e4 e e2. Isso vale para “*enxurrada*”, da AM02, mas também poderíamos tratar do apelo emocional construído em “*o mundo literalmente PAROU*”, da AM01, onde o elemento-foco e o peso emocional (para outros sujeitos) também operam.

Passamos agora para uma seção que explora a relação de L1/E1 com seu oponente sob outra chave valorativa: a do humor.

4.1.2 A sobre-enunciação pelo humor e outras negociações

A ocorrência a seguir faz parte do mesmo PDV narrado observado há pouco, pertencente à Narração nº 2, vinculado à seção que, no vídeo, sucede à Introdução, sendo essa seção intitulada *Grupos contrários à vacinação* (transcrição a seguir, Amostra 03). Essa Narração aborda como atuam os antivax nas redes sociais, como etapa abertura do vídeo. Mas, desta vez, concentrar-nos-emos na postura de **sobre-enunciação**, cujo comportamento é similar em outras ocorrências do vídeo, motivo pelo qual essa análise da Amostra 03 será seguida de outra ocorrência cuja sobre-enunciação se dá nos parâmetros do humor.

	AM03
	1 m a 1 m 39 s seção <i>Grupos contrários à vacinação</i>
21	[...] algo terrível aconteceu. ((mudança de cena; começa a imitar pessoa antivax))
22	Vocês não sabem: a minha filha levou o filho lá pra vacinar e começou a nascer
23	umas craca nas costa , tá até hoje internado no hospiTAL. ((imitando outro antivax,
24	com celular na mão; mudança quanto ao lado de ângulo)) Ai, meu Deus, eu sabia,
25	nós temos ↑que compartilhar isso com o mundo inTEIro ((fim da imitação))

Vimos anteriormente que esse momento inicial do vídeo narrativiza os processos de e2, e que o trecho em destaque, em particular, isto é, os segmentos 22 a 25, exemplifica o processo de degradação do tipo dissimulação. Mas, para além de L1/E1 mostrar-se indignado no viés da sua aproximação com os espectadores (pela *humanidade* de L1/E1) e com outras *vítimas*, é crucial que observemos a relação de L1/E1 sob o prisma do diálogo com o e2 propriamente.

Na AM03, aplica-se pec de modalidades apreciativas sobre o PDV2, a qual tem como substância a incorporação da tópica da alegria por L1/E1, porque o divulgador desconstrói sutilmente o PDV2 por meio do contentamento vaidoso e astuto – vaidade, contentamento e orgulho de si, por parte de um locutor que se sente no poder, são elementos dessa tópica¹⁴¹,

¹⁴¹ Convém esclarecermos a conexão que fazemos entre pec de modalidades apreciativas (Desclés, 2009) e tópicas (Charaudeau, 2010). Em momento anterior, isso já se concretizou: quando identificamos que o sobre-enunciador, ao balançar o gato, ironiza o medo de e2 (incredulidade humorada), uma ironia sobre o PDV2, sendo esse fenômeno concebido também como tópica da alegria. A grande questão é que acreditamos, nesta Tese, que o paralelo entre tópicas (indignação, alegria etc.) e pec das modalidades apreciativas é compatível, ainda mais como forma de sobre-enunciação, postura que é habilitada, no *corpus*, a fomentar a orientação argumentativa/emocionada de um dado PDV.

conforme Charaudeau (2010). É como se L1/E1, nesse trecho da AM03, inserisse um ‘*pateticamente*’ como operador modal nessa imputação (a imitação toda).

A sobre-enunciação pelo humor, em circunstâncias muito semelhantes, acontece também em outro trecho do vídeo. Trata-se de um estágio retórico que se dá mais adiante no episódio, onde Slow se dedica à Confirmação nº 3, isto é, à última refutação no âmbito do momento *fact-checking* do vídeo. A sobre-enunciação que iremos verificar ocorre de maneira pontualizada no início (no bloco 1) da referida Confirmação nº 3 (que começa no tempo 3 m 44 s; seção *Sequelas e mortes*), Confirmação que visa a refutar a alegação de que a vacina prejudica crianças especificamente. Podemos averiguar esse trecho a seguir, cujo formato é apenas para situarmos a ocorrência em foco, que está em negrito na reprodução.

AM04	
3 m 44 s a 4 m 7 s	seção <i>Sequelas e mortes</i> (bloco 1)
1	O que nos leva ao ((com o número ordinal na tela)) terceiro ponto, muito comum de
2	se encontrar nesses grupos, de que a vacina da covid ((vacinas deixando sequelas e
3	mortes? escrito na tela)) está deixando <sequelas> e <mortes>, especialmente nas nossas
4	((balançando o corpo indicando colo; som de choro de bebê)) (.) pobres crianças.
5	((título de notícia na tela)) E o fato é que não existe ((negação com as mãos)) nenhum
6	registro no Brasil de criança que tenha vindo a morrer tomando a <vacina da covid>.

Como se percebe, L1/E1 retoma, para recusar, um PDV imputado a e2, segundo o qual e2 (a instância antivax) diz que a *vacina está causando sequelas e mortes*. Essa fala de e2 está em discurso indireto, sem *verbo dicendi*, configurando um PDV narrado¹⁴² (segmentos 2 a 4). Esse conteúdo imputado é logo em seguida, a partir do segmento 5, rebaixado pela RE de L1/E1 em discordância discordante. Todavia, o âmago de nossa análise é uma textualização (“pobres crianças”; linha 4) que se dá ainda sob o regime do universo imputado.

Em aparência, L1/E1 estaria relatando que o e2 tem preocupação com as crianças, como argumento (A1’) para a ideia de que a ciência age precipitadamente (A2’). No entanto, a configuração de “pobres crianças” é resultado de uma modalização dessa lógica argumentativa (A1’ → A2’). O “pobres crianças” faz com que o PDV *compadecido* em relação às crianças seja reformulado (sobre-enunciação) pela chave modal do deboche. Isso se comprova na intenção irônica exprimida na ordenação sintagmática em “pobres crianças”, com **adjetivo** anteposto ao substantivo.

¹⁴² Uma das evidências de que se trata de um pdv narrado é a expressão “muito comum de se encontrar nesses grupos” (linhas 1 e 2), que dá a ideia de que existe um hábito de ação nos ecossistemas antivax aí tematizados.

Garcia (2010) mostra que inversão da ordem dos adjetivos (retirando-os da ordem dominante, que é NA, nome seguido de adjetivo) é motivada por variados fatores semânticos e pragmáticos. Entre eles, o adjetivo anteposto costuma ser uma forma de valoração do tipo depreciação irônica, o que é justamente o que acontece nesse relato, pois o fato relatado, a preocupação de e2, é avaliado por L1/E1 como uma preocupação *hipócrita*, incompatível com a realidade daquilo que é, *de fato*, defendido por e2, efeito que dificilmente seria obtido se Slow empregasse algo como “*as vacinas estão deixando sequelas nas nossas crianças*” na imputação.

Mas, convenhamos, essa é uma ironia um tanto sutil; não é um deboche *escancarado* no processo de fundo, este, sim, existente, de *emparedar* e2. O imaginário de que as crianças devem receber grandes cuidados é por demais forte, e em vários contextos enunciativos/sociais, podendo esse imaginário ser algo razoavelmente admitido no PDV da própria ciência, do próprio Slow, como se o youtuber estivesse, sim, reconhecendo os *necessários* direitos de proteção e de afetuosidade endereçados às crianças, como asserção de partida. Ponderemos que não há tensionamento muito explícito contra e2, mas a lógica de, por meio desse humor derrisório, constranger e2, ainda assim existe. A pausa dramática – simbolizada em “(.)” – e o efeito sonoro de choro de bebê devem ser vistos como indícios de zombaria. Entretanto, é curioso que até mesmo esses posicionamentos críticos de Slow, como desconfiar da sinceridade desse argumento de proteção às infâncias, seja atenuado, um sintoma de que há, no fundo, *negociação* com o negacionista, ao invés de críticas frontais, para que e2.esp. continue atraído pelo vídeo, pelo canal, pela ciência.

Essa construção da ironia derrisória e humorada depende do deslocamento de estatutos modais. No caso de L1/E1, ele se desinscreve da subjetividade ciência, modificando-se para a posição de zombeteiro/animador¹⁴³, atualização enunciativa interna que serve para chamar mais atenção dos espectadores para o problema (a hipocrisia) de e2. Nesta esteira dos efeitos de sentido, Slow projeta um *ethos* de provocador humorado, o que estamos entendendo aqui como *ethos* de inteligência – via Charaudeau (2006) –, devido à figura da malícia. O sujeito e2, por seu turno, também passa a ser *outro*, pois a sobreposição de L1/E1 desliga o antivax do sincretismo ao eixo modal e2 *sério* (da preocupação) para alocá-lo na *não-verdade*, na não-sinceridade do seu PDV (logo, e2 perde pec da verdade) e situá-lo, ainda, como objeto de comédia (pec apreciativa). Essa reorganização modal implica o ato pragmático de agravo, sim, mas esse ato ganha as nuances do humor derrisório, e, então, ganha uma suavização, mas que ainda é uma forma de constranger os e2, de desestabilizá-los (para que mudem para E1).

¹⁴³ A descrição feita neste parágrafo e nos imediatamente seguintes, a respeito do humor derrisório, fundamentada nos estudos enunciativos – por exemplo, em Marques (2024) – aplica-se às outras ocorrências de humor do *corpus*.

Para tratarmos desse deslocamento enunciativo por meio do qual Slow faz humor/derrisão e crítica, baseamo-nos, de início, em Sousa e Fernandes (2011), que já verificaram esse deslocamento (descrito anteriormente) em charges políticas:

observamos que ao **deslocar** o enunciado do campo discursivo político **para o campo discursivo humorístico**, o enunciador/autor utiliza-se da derrisão como procedimento para argumentar contra o discurso político. Assim, o enunciado descolado de seu campo discursivo primitivo já é outro. Percebe-se no segundo enunciado uma negação do já-dito e essa negação dá-se em forma de crítica derrisória, desqualificatória, gerando o riso através da ridicularização. (Sousa; Fernandes, 2011, p. 4, grifo nosso).

Mas esse tipo de deslocamento, nós conceptualizamos como ocorrendo nos enunciados do dialogismo interno – como estamos aqui mostrando. L1/E1, Slow, estaria em um dos níveis da desinscrição enunciativa (Rabatel, 2003), que lhe possibilita se esconder para se tornar *animador*. Trata-se de mostrar uma voz enunciativa *mais adequada*, se nos termos de Marques (2024), pois estamos falando de uma desinscrição por modalização. Consoante à autora:

De facto, mais do que mera forma mínima de apagamento enunciativo, a desinscrição enunciativa é um modo estratégico de apagamento (simulado) do locutor, por desatualização deíctica, diverso do apagamento enunciativo por não modalização, ainda que necessariamente imbricados. (Marques, 2024, p. 342-342).

Isto porque a desinscrição enunciativa não é apenas apagar-se, mas diluir-se, inverter-se, mostrar-se outro; em um caráter *camaleão*. Essa *respiração enunciativa* – o termo é de Vion (1999 apud Marques, 2024) – possibilita a L1/E1 suspender um pouco a *necessária* (outrora) deontologia e autoridade da ciência (inconveniente para o negacionista).

De fato, isso tudo teria por consequência o potencial efeito discursivo de *destronamento/desqualificação do outro por meio da derrisão*, especificamente, noção – esta em itálico – que aproveitamos de Sousa e Fernandes (2011) e de Baronas e Siqueri (2006). Por um lado, L1/E1 se alivia da necessidade de se fixar somente na crítica frontal. Por outro lado, ele insinua que o *modus* objetivo/pec da verdade é insuficiente para o *débunkage*, o que faz da cenografia do humor uma *arma* a mais para se credibilizar (nos efeitos interpretantes do nível interno) como um *bom* divulgador científico de *débunkage*, para manter a confiabilidade tanto com e2.esp. quanto com e1.esp. L1/E1 estaria jogando seu discurso também para os indecisos e para os espectadores não-e2, como performance de suavização, enquanto visada de captação.

Contribuem para o caráter cômico os complementos audiovisuais concomitantes à expressão lexical de “pobres crianças”: o choro de bebê e o gestuema de Slow de balançar o

corpo, denotando cuidado (nos tempos 3:53 e 3:54). Em especial o movimento corporal que simula um colo de cuidado à criança – uma hipérbole – conceptualiza esse cuidado (de e2) como debochável, com o resultado, enfim, de interferir nesse PDV com uma sobre-enunciação de descrédito (pec apreciativa e de modalidades de dizer), posicionamento que está antecedendo a negação polêmica enquanto resposta discordante séria a ser feita a partir do segmento 5.

Essas ocorrências de humor derrisório (AM03 e AM04) atenuam o caráter conflituoso da interação discordante. Ao invés de simplesmente fechamento e polarização sérios – algo que caracterizaria o debate *ciência vs. antivax* em outros instantes de interação –, exploramos, neste eixo de análise, ocorrências em que L1/E1 demora-se no outro/e2, degusta-o.

Focando, então, mais detidamente na proximidade com o negacionista (com esses matizes de atenuação), podemos nos enveredar, agora, na Amostra 5 (AM05). O enunciado que é objeto de nossa atenção está nos segmentos 15 a 16 (a seguir), pertencente ao bloco 2 dessa mesma seção, recém analisada, referente às crianças. A seguir, exibimos, então, o recorte desse fragmento, que continua desenvolvendo a Confirmação nº 3:

AM05	
	4 m 7 s a 4 m 49 s (bloco 2)
11	Já as reações às vacinas podem, sim, acontecer, foram devidamente documentadas nas
12	fases clínicas, a maioria delas, sem gravidade, e são muito RAras de acontecer
13	cerca de ((0.001% na tela)) zero ponto zero zero ((mão indicando um)) <UM por cento>
14	das doses aplicadas. ((mudança de cena)) ((imitando um antivax)) Ah, mas,
15	Slow, mesmo que as chances sejam muito baixas, é meu diREItO não querer
16	correr ((braço indicando combate)) < este risco >. ((volta para Slow))
17	É, só que ((ilustração na tela)) o pulo do gato aqui é que se você realmente tá
18	preocupado com a sua saúde ou a dos seus filhos, as chances de vocês terem uma reação

Nessa réplica concernente à Confirmação nº 3, L1/E1 se permite **se abrir a mais uma objeção provável do oponente** (segmentos 15 e 16). O e2 comparece em um PDV narrado, com L1 imitando o seu jeito de proceder na discussão, simuladamente. Essa antecipação é uma estratégia de concessão a e2, com L1/E1 viabilizando brevemente a plausibilidade de ser razoável a evitação às vacinas, uma concessão feita para melhor refutar esse PDV2.

Ao acolher e2 uma vez mais, L1/E1 valida as preocupações dele, heteroatribuindo e validando, no caso, a emoção do medo presente em e2 (a tópica da angústia) e o desejo de liberdade (a tópica da dor). A emoção da angústia, na figura do medo, decorre de o actante-objeto desconhecido *vacina para as crianças* ser conceptualizado como amedrontador, fomentando um cenário de espera pelo perigo. Quanto ao desejo de liberdade, isso é uma dor,

porque dor de e2 de estar preso: um “estado de insatisfação do desejo” (Charaudeau, 2010). A expressão “esse risco” lexicaliza a emoção do medo, ao passo que a referência ao “diREItto” marca o querer-liberdade, que integra um percurso patêmico em que, inicialmente, e2 acredita estar cerceado, preso (dor) pela imposição das vacinas, para então querer liberdade. O sentido de ímpeto para se libertar marca-se inclusive no movimento corporal de Slow, concomitante ao PDV verbalizado, simulando esse proceder de e2. Esses elementos mostram que L1/E1 se autoatribui a tópica da simpatia. Com ela, L1/E1 busca demonstrar que ele está suficientemente disposto a aceitar *honestamente* (por *honestidade intelectual*) a *pregação de peças*, as refutações¹⁴⁴ com as quais e2 poderia vencer a ciência, para gozo dos sujeitos e2.

Esse movimento enunciativo de abrir-se ao outro faz emergir a imagem de Slow como *ethos ad hominem*, conforme o aparato de Meyer (2007). L1/E1 *tolera* prolongar sua resposta em “É, só que o pulo do gato aqui é que se você realmente tá preocupado [...]”, ao invés de se concentrar só na busca racionalizante no PDV1. Mesmo que isso difira dos recursos de humor vistos anteriormente, a esfera *ad hominem*, na AM05, opera uma maior horizontalidade entre os PDVs *a priori* antiorientados, ao invés de diferença e agravo, o que acontece também no humor debochado e irônico das AM03 e AM04 e nos instantes de empatia (examinados no eixo de análise anterior). Assim, as ocorrências do presente eixo inclinam-se a uma pragmática da negociação, na contramão de um *ethos ad rem* que se verificaria, por exemplo, na indignação.

Averiguemos, a seguir, outra estratégia de atenuação, que decorre de uma – possivelmente reconhecida por L1/E1 – presença de e2 como instância sensível. Essa atenuação localiza-se um trecho de continuidade a essa contra-argumentação à tese dos perigos da vacina para crianças, porque no bloco 3 da mesma seção/Confirmação (o fragmento está a seguir).

	AM06
	4 m 50 s a 5 m 27 s continua seção <i>Sequelas e mortes</i> (bloco 3)
1	Pra vocês terem uma ideia aqui, só pra dar uma RÁPIDA ilustrada, né, até ((título
2	de notícia na tela inteira)) começo de 2020 ((correção na tela: começo de 2022)), a covid
3	já tinha matado mais de 1.400 crianças e deixado outras milhares com <graves
4	seQUElas>. ((volta a imagem de Slow; primeiro plano acentuado)) No mesmo ano,
5	um estudo ((título de notícia na tela)) sugeriu que, de geral que tava morrendo de covid,
6	setenta e cinco por CENto eram de pessoas <não vacinadas>. Enquanto um outro estudo
7	demonstrou ((título de notícia na tela inteira)) que >vacina da covid conseguiu reduzir<
8	em <cerca de noventa e seis> por cento das mortes por covid no Brasil. ((volta imagem
9	para Slow)) O que significa que, se existe um ((mãos simbolizando pingos)) PINGo de
10	de preocupação com a sua saúde a dos outros ao redor em vossa consciência , então

¹⁴⁴ Parece recorrente no gênero de DC do tipo *débunkage*.

11	o caminho ((foto de vacina de covid-19 na tela)) mais racional e seguro é manter sempre
12	((dedo direito em riste)) a nossa vacinação em dia. ((mudança de cena))
	5 m 27 s começa seção <i>Desinformação</i> (bloco 1)
1	((com sinais de visto/verificação na tela)) Check. Check. Check. ((mudança de cena;
2	imitando um antivax)) Não ouçam o que esse barbudo tá falando. Ele nem é MÉDICO!

A AM06 localiza-se logo depois de uma série de argumentos que fortificam o PDV1 em *Sequelas e mortes*. E o marcador textual “o que significa que [...]” (linha 9) marca uma divisão nesse movimento conclusivo da Confirmação nº 3, havendo, então, uma separação em relação à primeira parte, que é precedente à linha 9. O marcador faz a *real* finalização (uma conclusão moralizante) da réplica (Confirmação nº 3) contra o argumento da proteção às crianças.

Com a organização do enunciado (linha 9 em diante) em um suposto raciocínio condicional – ‘*se, por acaso, existe um pingo de preocupação, de sua parte, com a saúde dos outros/das crianças*’ [...] (paráfrase) –, isso favorece a interpretação de que L1/E1 remata o PDV assumido por meio de uma atitude pragmática de desafio¹⁴⁵, congruente a uma provocação, que representaria um incômodo no sujeito e2. O desafio estabelece a relação de força entre L1/E1 e o e2.esp. – assim projetado enunciativamente, com “esp.”, porque o enunciado está na chave modal interlocutiva-ilocucionária –, com a superioridade alocada no L1/E1.

A pragmática do agravo, como modalização dessa RE, edifica-se na estrutura condicional, pois ela coloca, primeiro, em suspeita as intenções benevolentes de e2 – como acontece na ironia da AM04, “pobres crianças”. É apenas na sequência a esse desafio que L1/E1 valida o *sim* de consentimento (de que a preocupação com as crianças existe, sim), ao pressupor que a resolução para o questionamento ‘*será que existe?*’, no nível inferencial, será o *sim*¹⁴⁶. Mas o ponto é essa provocação: ‘*existe, realmente, alguma boa preocupação da parte de e2 (isto é, de você, e2.esp.) em matéria de saúde das crianças?*’. A unidade lexical “pingo”, também, por si só, é uma marca de agravo, insinuando que e2.esp. não *apreende* a preocupação. Enfim, o agravo corresponde a presentificar e2.esp., mas, ao fazê-lo, configurar o seu PDV narrado de preocupação como destituído da *preocupação*. Como se trata de não afiançar a

¹⁴⁵ Essa atitude se deve ao fato de L1/E1 propor que e2.esp. valide uma proposição problemática para este último, qual seja a de que **não há** o pingo de preocupação, o que representaria um inconveniente para esse adversário; empregando aqui a conceituação de Chabrol (1995 apud Emediato, 2023) sobre o ato de desafiar.

¹⁴⁶ Afinal, apesar de L1/E1 configurar o enunciado em um tom de dúvida (‘*se existe..., então...*’), a parte subsequente valoriza um possível *sim*, já que Slow encaminha o discurso para ‘*o mais racional e seguro é investir na vacinação da covid-19*’.

certeza de que e2.esp. se preocupa, a modalização em jogo, sobre o PDV2, é a de pec da possibilidade e da probabilidade¹⁴⁷, pois L1/E1 coloca em dúvida a predicação reivindicada por e2.

O que chama a atenção – eis a grande questão – é a compensação que L1/E1 faz a esse agravo, logo em seguida, na expressão “vossa consciência”. Essa fórmula alocutiva atua como atenuadora justamente em uma parte da Confirmação nº 3 (a conclusão) em que Slow é levado pelo agravo (‘jogar as verdades na cara do oponente’). Essa fórmula representa L1/E1 *se segurando* para não dar vazão apenas à descortesia ou ao *ethos* autoritário. O floreio em “vossa consciência”, pelos parâmetros do fluxo do enunciado, é uma forma de mitigar o fato de que Slow está desconstruindo tudo do e2.esp.: não apenas a A2’ (*vacinas não são seguras*), mas também as emoções, intenções, garantias de base que sustentariam a A2’. Para compensar essa negação das emoções supostas do e2.esp., o youtuber emprega a atenuação, um ato pragmático possível na discordância (Chabrol, 1995 apud Emediato, 2023).

Há ainda outros elementos do vídeo-texto que visam a atenuar a superioridade veridictória de L1/E1. Assim sendo, passemos a observar como a referência, em particular, revela mecanismos de atenuação – como se L1/E1 não quisesse perder a simpatia de e2.esp. e e2 – e ainda outros mecanismos que visam a representar esses pontos de vista em disputa.

4.1.3 Referência: atenuação do confronto

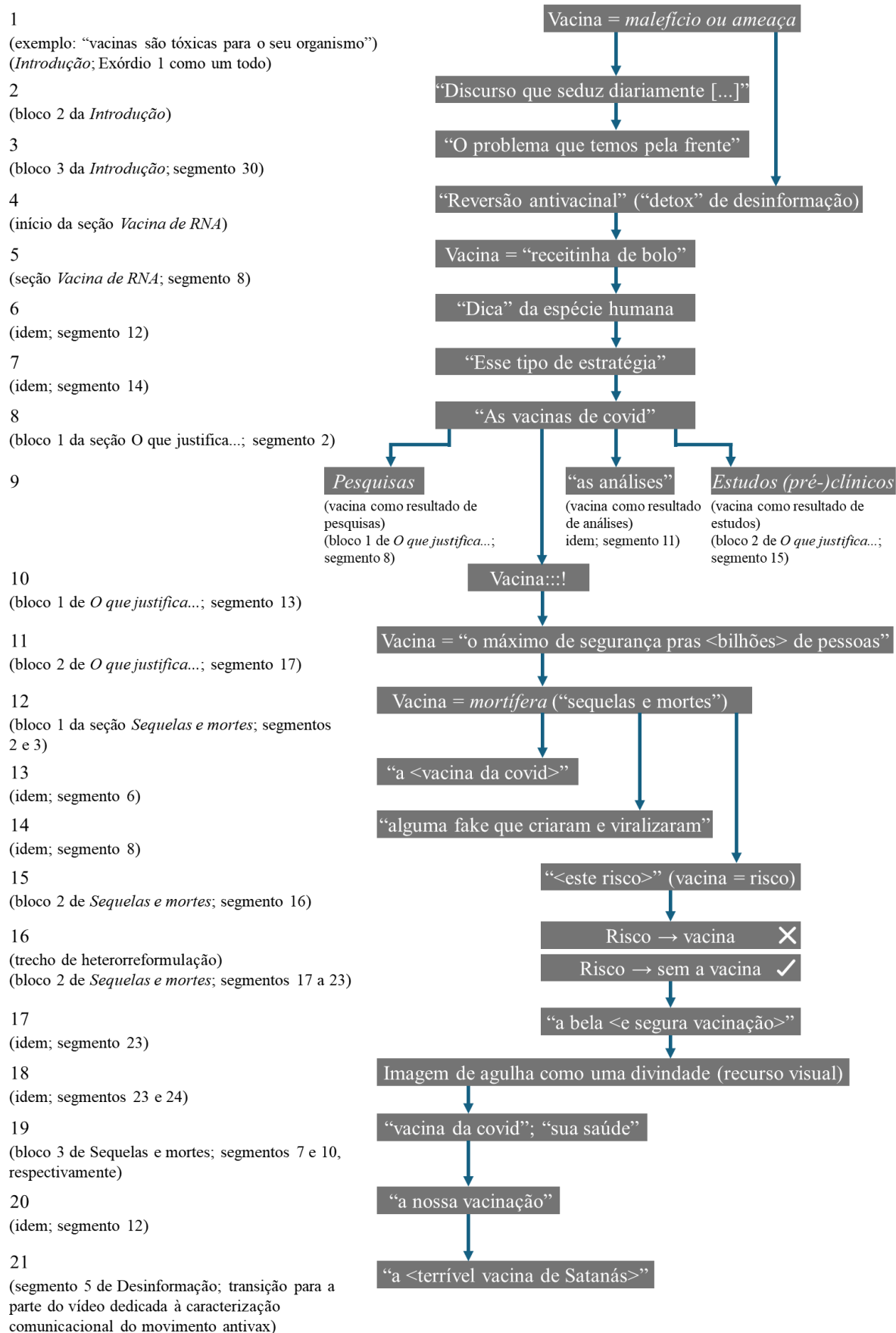
As considerações a seguir pautam-se na cadeia anafórica do objeto *vacina/vacinação*, tal como se realiza desde o Exórdio até a finalização do momento *checagem dos fatos*, isto é, até o início da seção *Desinformação*, a qual muda bastante o enfoque e o tom do vídeo, iniciando o enfoque na caracterização do movimento antivax, em perspectiva denunciante, ao invés de focar só na vacina. A presente seção de análise toma fragmentos dessa parte inicial, que trata da vacina (até o começo de *Desinformação*).

Diferentes amostras estarão sob escrutínio constituindo a Amostra 07 (então, uma ‘super-amostra’, por assim dizer), as quais se caracterizam por serem expressões referenciais refletidoras de variações na modalização dos PDVs nessa primeira parte do vídeo. Mas não nos deteremos na totalidade das anáforas que aparecem no espaço das seções referidas.

Para iniciar, apresentamos subseqüentemente, de maneira esquemática, a cadeia anafórica desse referente principal, conforme se realiza na parte inicial do vídeo:

¹⁴⁷ O que caracteriza essa forma de engajamento é o locutor expressar julgamento de incerteza (Desclés, 2009).

Quadro 5 – Amostra 07 (AM07): anáforas de vacinação para covid-19 no vídeo de Slow



Fonte: elaborado pelo autor.

A observação panorâmica da trajetória do objeto *vacinação para covid-19* revela o caráter disputado sobre os sentidos dele, na medida em que as anáforas sinalizam as atitudes dos diferentes locutores/enunciadores na teia textual, o que Cavalcante e Mesquita (2011) já demonstraram em análises: a referenciação como um fenômeno polifônico-argumentativo. Tais configurações dão saliência às atitudes/PDVs, dão saliência ao embate, dada a relacionalidade dos PDVs. É possível observar, por exemplo, julgamentos sobre o referente tal como é *demandado* por outro enunciador/PDV (quaisquer que ele seja). É o que ocorre na expressão “a terrível vacina de Satanás”, formulada dentro de uma proposição-enunciado que justamente funciona como contraponto à *insistência* de L1/E1 em defender as vacinas (o enunciado está nos segmentos 2 a 5 de *Desinformação*, onde Slow imita um negacionista que estaria respondendo a Slow, referido como “esse barbudo” e “ele [Slow] nem é médico”). Como contraponto a L1/E1, emerge essa resposta *raivosa* em “a terrível vacina de Satanás”, assim como emergem reformulações como “reversão antivacinal”, como PDV assumido desta vez por L1/E1 na abertura de sua exposição (logo após o Exórdio), rotulando o tipo de *combate* que fará com e2 no vídeo, pois esse item referencial *pressupõe* e2. Esses simples exemplos, para introdução, mostram um pouco a funcionalidade do posicionamento heterodialógico pela referenciação, porque supõem *a versão do outro*. Passamos, assim, a focar, aqui, a articulação dialógica de algumas dessas anáforas.

Como se observa na transcrição integral (Apêndice A, página 319), o vídeo começa com as expressões consideradas típicas de e2, e, por isso, o Quadro 2 reproduz exatamente isso, iniciando-se com os Itens anafóricos (Item 1 do Quadro) que retratam o modo como essa instância conceptualiza o objeto de discurso *vacinação para covid-19*, por imputação. Há todo um efeito de realismo sobre o problema que Slow *irá enfrentar*, em termos de encaminhamento argumentativo (e que Slow quer incutir nos espectadores: a instância e2 tida como um problema), ao dar a ver esse PDV representado, no Exórdio, de uma dada maneira. Esse efeito, que tem o PDV representado e o efeito de voz distorcida como marcas, é um recurso argumentativo para Slow dar a entender aos espectadores que ele tem justificativas o suficiente para realizar a tematização problematizadora no vídeo.

Já os posicionamentos mais atrelados ao ponto de vista de Slow (à assunção) vão aparecendo depois, a contar do segundo bloco da seção *Introdução* (tal seção compõe-se de três blocos), como se constata nos Itens 2, 3 e 4 da cadeia (Quadro 5). Nesse particular, é possível constatar o sintagma “reversão antivacinal (‘detox’ de desinformação)” (Item 4), que, como informa o Quadro, é pronunciado no começo da seção *Vacina de RNA*. Como elemento da RE,

esse sintagma nominal com dêitico¹⁴⁸ faz um jogo criativo-crítico com o PDV2 (com sua ideia de *detox vacinal*), jogo por meio do qual L1/E1 contraria o e2, mas instanciando-se no dialogismo por meio da tópica da alegria e do *ethos* de inteligência (astúcia).

Privilegiamos, na sequência, os exemplares anafóricos dos Itens 6 (“dica” da espécie humana) e 10 (“Vacina:::!”; referente ao enunciado “tá todo mundo trancafiado em casa e vidas sendo perdidas na espera da< vacina:::!”) do Quadro 5, para refletirmos melhor sobre como se dá, na referenciação, o confronto aos lexemas *típicos* do PDV2.

O elemento referencial *dica da espécie humana* foi verbalizado no momento da Confirmação nº 1 (seção *Vacina de RNA*), onde se busca fazer-crier que a vacina de RNA não altera o organismo do ser humano. Nesse contexto, temos o seguinte enunciado, que simula, teatralmente, a interação da vacina com outros elementos do organismo, levando Slow a chamar a vacina, metaforicamente, de *dica*: “Parece a imagem de um potencial invasor. É bom a gente ficar de olho, hein. Valeu pela dica espécie HUMANA!” (*Vacina de RNA*; segmentos 11-12). À margem de maiores explicações sobre essa Confirmação, convém observarmos que até mesmo o registro alto (no vocativo “espécie **humana**”, invocando o provedor da *dica*, porque criador da vacina), colabora para elevar a propriedade de virtude, de fonte de contentamento, que se atribui à vacina, coerentemente a um enunciado que perspectiva o objeto segundo o PDV1. O PDV1 vai, assim, marcando-se estrategicamente como contraponto àquele sentido *sombrio* e ressentido do PDV2, tal como apresentado no Exórdio (no Item 1 do Quadro 5).

Relativamente ao item 10 do Quadro, essa anáfora pertence a uma ocorrência que já fora, em partes, examinada em seção anterior. Trata-se do “Bo:::ra >com isso aí, que tá todo mundo trancafiado em casa e vidas sendo perdidas na espera da< **vacina:::!**” (bloco 1 da seção *O que justifica a velocidade?*; segmentos 12 e 13; grifo nosso). É nesse enunciado, como nosso foco agora, que identificamos a anáfora “vacina:::!” – Item 10 – em um sentido de esperança.

Como já vimos no primeiro eixo analítico (*Assertividade que deixa a empatia entrar*), esse enunciado está dentro da Confirmação nº 2, a qual desenvolve a segunda checagem de fatos do vídeo, aquela contra a tese de que a celeridade na fabricação das vacinas de covid-19 representa descuido. Na ocasião, chegamos a apontar que há, nos segmentos 12 e 13, um reforço teatralizado do contra-argumento a essa tese, reforço que exhibe o fundamento, o pretexto para a celeridade na vacina, para dar a entender que a celeridade é defensável. Constatamos aí a concordância concordante de L1/E1 com toda uma população que demandava a vacina rapidamente, o que corporifica uma RE compartilhada, um *nós* desejoso da vacina.

¹⁴⁸ Os processos referenciais são classificados de acordo com a proposta classificatória de Cavalcante (2003).

O que importa, agora, é que a vacina torna-se objeto de esperança, em coerência à atitude enunciativa específica de L1/E1 nessa fase textual. A materialidade prosódica do Item referencial (pelo prolongamento do fonema) não apenas serve para atenuar o dissenso e patemizar *alegremente* (esperança) a irradiação do PDV1 e a tomada de partido nesse PDV, mas colabora para marcar, também, a **empatia**. Expliquemos. No enunciado como um todo (desde a linha 12), L1/E1 empatiza com a população, para melhor conquistar a adesão de e2.esp. para a ideia de que a ciência procedeu adequadamente. E o arranjo empático é bem específico no plano patêmico. L1/E1 se inscreve no estatuto modal do *nós*, o que o torna unido à população (e aos potenciais espectadores, incluindo e2.esp.) pela tópica da angústia; pois a situação de isolamento social afetou a todos. Mas esse focalizador coletivo, em consonância, inclina-se para a esperança, outra tópica possível, o horizonte patêmico no porvir, que estaria justamente na vacina. É o destaque – porque teatralizado – a esse percurso patêmico (da angústia, caminhando-se para o seu oposto, a esperança) que motiva o sentido eufórico da categoria vacina como esperança: “vacina:::!” (Item 10). A prosódia do prolongamento de fonema (critério ritmo acentual) acompanha essa transição da angústia para a esperança, e como uma voz que vem de todos (*todos a querem*, um grito coletivo).

Isso supõe, é claro, por outro lado, um engajamento (pec2), por parte de L1/E1, pautado na alegria: pec apreciativa cuja valoração do objeto é a alegria. Essa modulação no referente *vacinação* é, no fim das contas, na economia do texto, uma forma de povoar esse referente em novos termos, diferenciando-se do povoamento feito por e2 (respondendo-o à altura), assim como acontece nas recategorizações *vacina como dica da espécie humana* (Item 6) e *vacina como receitinha de bolo* (Item 5), sublinhando o **papel aliviador da referência**. O efeito especificamente exagerado, por assim dizer, na exaltação da vacina ganha dimensões ainda maiores nas ocorrências dos Itens 17 e 18 (conforme o Quadro 5), analisadas mais adiante.

Outra categorização que merece atenção é a do Item 12: *vacina como algo mortífero*. Na verdade, não há uma lexicalização explícita do significante *morte* em um nome referencial, mas essa versão do referente aparece no começo da seção *Sequelas e mortes*, como pdv narrado: “O que nos leva ao terceiro ponto [...], de que a vacina da covid está deixando <sequelas> e <mortes>, especialmente nas nossas (.) pobres crianças”. A conotação de *morte*, contudo, é resgatada em outras partes do texto, em diferentes configurações linguísticas. Desta feita, concentramo-nos agora em expressões referenciais que traduzem a visão de e2.

A nomeação correspondente a esse Item 12 localiza-se no bloco 1 da seção *Sequelas e mortes*, como indicamos, sendo instrumento, portanto, da terceira (por isso, Slow fala “terceiro ponto”) e última *checagem de fatos*, aquela contra a tese de que as vacinas seriam letais para as

crianças. O PDV imputado é aquele citado no parágrafo anterior, entre aspas. Mas o que destacamos desta vez, com esse exemplário, é **a grande frequência com que o pdv2 é mote das formulações de L1/E1**, sendo isso marcado na referenciação. O e2 comparece como o *incômodo constante*, e a referenciação marca isto, para além da menção à morte, do Item 12. Convém observar que a vacina como mortífera (Item 12 da nossa cadeia) é recategorizada no mesmo eixo modal, o do PDV2, pela noção de *risco* (Item 15), mais adiante, no mesmo bloco textual do vídeo, como se pode averiguar no recorte subsequente da transcrição. A relação entre os dois Itens, do mesmo PDV, é objeto de nossa atenção nas linhas de análise a seguir.

	4 m 7 s a 4 m 49 s	continua seção <i>Sequelas e mortes</i> (bloco 2)
10	((mudança de cena; alteração no primeiro plano)) ((título de notícia na tela)) [...]	
11	Já as reações às vacinas podem, sim, acontecer, foram devidamente documentadas	
12	nas fases clínicas, a maioria delas, sem gravidade, e são muito RAras de acontecer	
13	cerca de ((0.001% na tela)) zero ponto zero zero ((mão indicando um)) <UM por cento>	
14	das doses aplicadas. ((mudança de cena)) ((imitando um antivax))	
15	Ah, mas, Slow, mesmo que as chances sejam muito baixas, é meu diREItto não querer	
16	correr ((braço indicando combate)) <este risco>. ((volta para Slow))	

A partir do que os Itens 12 (*é mortífera*) e 15 (*é um risco*) revelam, o e2 estaria – *nessa mise en scène* heterodialógica de L1/E1 – atualizando o problema para “este risco” no bloco 2, um nome genérico como anáfora encapsuladora da noção de “<sequelas> e <mortes>” (bloco 1). O que a isotopia dessas categorias propriamente antivax vai nos revelando, uma vez que são **aproveitadas** no vídeo?

Para tecermos melhor a análise dessa **presença de e2**, verifiquemos uma outra cadeia anafórica, que está mais adiante no vídeo, fora da cadeia estabelecida no Quadro 5¹⁴⁹:

	11 m 45 s a 12 m 12 s	continua seção <i>Quem financia [...]?</i> (bloco 2)
1	((volta para Slow)) >E aí faz todo sentido quando a gente entra num lugar< desse e vê	
2	até hoje ((mão direita se ergue)) o pessoal vendendo ((ilustração em miniatura de um	
3	vendedor de remédio)) kit covid por aí ((abaixa o braço)), vendendo .hhh falsificação de	
4	carteira de vacinação e todo tipo de pilantragem que cê pode imaginar, o que com	
5	certeza inclui .hhh um ((aspas com as mãos em detox)) <tratamento de DETOX de	
6	vacina > ((imitando um paciente e um médico)) Ô:::, douto:::r, fui obrigado a me	
7	vacina:::r, e agora, o que que eu fa:::ço? Ô:::, meu senhor, não se preocupa, a gente faz	
8	aqui uma consulta de 500 (mil reais), e aí a gente começa o processo de detox	
9	vacinal, tira ↓todas as impure:::zas, e vai tudo correr bem com o senhor, ↑tá bom,	

¹⁴⁹ A partir desse outro trecho que está mais adiante no vídeo (outra cadeia anafórica), iremos estabelecer relação desse trecho com a anaforização dada em *vacina = mortífera* (“*sequelas e mortes*”) → *este risco* (do Quadro 5).

10	combiNAdo? ((volta para Slow normal))
	12 m 13 s a 12 m 32 s continua seção <i>Quem financia [...]</i>? (bloco 3)
1	Ó hhh, não é zoeira, os cara tão cobrando ((cabeçalho de notícia em miniatura na tela))
2	((ênfase com as mãos)) <quinhentos conto> pra te oferecer um tratamento que não faz
3	o ((mãos vão às laterais; cabeça para cima)) <menor> sentido. E as pessoas aceitam
4	e compram porque já tão ((as duas mãos se direcionam de cima para baixo)) há tanto
5	tempo IMERSAS nessa realidade de desinformação, já não sabem mais ((balançando
6	o corpo)) distinguir o que que é real do que que não é::, o que tem fundamento e o que
7	não te:::m ((para o balanço)). Então, por isso, como sempre [...]

Para contextualizar, esse é o âmbito da Narração nº 11, a qual aprofunda a Narração nº 10, aquela que desvenda a indústria multimilionária por trás do movimento antivax. Como se verifica no recorte focado nesse momento do vídeo, L1/E1, em primeiro lugar, apresenta o objeto de discurso “tratamento de detox de vacina” (linhas 5 e 6), como proposta de e2. Inclusive, mais adiante, entre as linhas 6 e 10, há uma simulação teatral desse tratamento e, então, uma remissão de acompanhamento: “detox vacinal”. Já o bloco 3 aciona uma versão bem diferente desse referente, sendo ele o nosso principal foco. Na formulação “um tratamento que não faz o menor sentido” (bloco 3), temos o posicionamento *de L1/E1* no fio da referência. Isso se explica, aliás, pelo fato de esse novo estágio retórico do texto, o bloco 3, caracterizar-se como comentário mais subjetivo a respeito do enunciado anterior (blocos anteriores). A atualização no bloco 3, assinalada na anáfora recategorizadora avaliativa “um tratamento que não faz o menor sentido”, é a nova atitude modal, o tomar partido de L1/E1.

A opção, de fato, é pelo nome genérico no núcleo nominal (“tratamento”), acrescido de uma qualificação de negação responsável pelo PDV assertado axiológico, a qual deixa clara a recusa que se faz do PDV2. Mas “que não faz o <menor> sentido” acaba sendo, do ponto de vista pragmático, bem mais importante, sendo o núcleo axiológico desse anafórico, sendo o rastro da tensão argumentativa no encadeamento entre o antecedente e o recategorizador.

É com base nessa configuração especial e circunstâncias do Item “um tratamento que não faz o menor sentido” que constatamos que ele não é apenas uma mera heterorreformulação, mas um *ato pragmático*, dadas as circunstâncias da relacionalidade entre os PDVs em disputa. É essa a discussão de Cavalcante e Mesquita (2011). A reflexividade que se exprime nos itens referenciais faz da polifonia nelas presente uma instanciação de algo mais: dos *atos de fala* e das argumentações, conforme um dado projeto argumentativo (Cavalcante; Mesquita, 2011). Isto posto, o processo referencial “tratamento de detox de vacina” (bloco 2) → “um tratamento

que não faz o menor sentido” (bloco 3)¹⁵⁰ não pode ser tomado apenas como uma ligação entre lexemas que são tributários de pdvs anteriorizados.

Aplicando isso a nosso *corpus*, a nomeação “um tratamento que não faz o <menor> sentido” representa o estar importunado com o e2, de um ponto de vista estésico de L1/E1. Essa nomeação é uma resposta a e2, mas é uma resposta que leva em conta elementos circunstanciais que irradiam do PDV2. A recategorização revela o caráter de *estupidez* presente no pdv2 – sem que L1 lexicalize isto –, como fator patêmico. O entorno paraverbal corrobora isto, como se atesta nos *prints* a seguir (Figura 8), que mostram os gestuemas de Slow no momento de pronúncia da parte de negação, interna à recategorização das linhas 2 e 3, com o vetor de movimento indo para as laterais, denotando uma frustração, um desapontamento frente à ‘burrice demais’ do outro, e2.

Figura 8 – Gestuema durante uma anáfora recategorizadora no vídeo de Slow



Fonte: capturas de tela de Slow (2023).

Concomitantemente, ocorre uma ênfase prosódica em “menor” da anáfora “um tratamento que não faz o <menor> sentido” (segmento 3; bloco 3). Trata-se de um pequeno destaque no ritmo acentual (prolongamento), na palavra “menor”, o que, somado a uma pequena mudança na tessitura de voz (uma elevação para tom grave), resulta em uma ênfase de autoridade. Tal ênfase é um indício do quanto o PDV2 é concebido como forte e importunador, a ponto de merecer essa estesia da *contraofensiva*; pois o “menor” pronunciado com força é uma forma de responder e2 à altura¹⁵¹.

¹⁵⁰ A seta indica a transformação do objeto de discurso; nesse caso, do bloco 2 para o bloco 3.

¹⁵¹ O parâmetro prosódico *tessitura* é o que diferencia tom grave de tom agudo. Na ocorrência sob pauta, há maior altura tonal – F0, frequência fundamental, nos termos de Cagliari –, o que sustenta atitudes mais autoritárias (no tom grave) (Cagliari, 1992). Isso se compatibiliza com a ocorrência do “menor sentido”, pois é como se Slow, ali, ‘fechasse a discussão’.

Esse arranjo anafórico, considerados os elementos paraverbais e gestuais, indicam não uma mera resposta recategorizadora, mas, sim, que a resposta (PDV1) é modalizado (pec2) no eixo das modalidades apreciativas, cuja avaliação sobre o PDV2 (respondido) é o de indignação e denúncia (antipatia). Essa emoção é compatível com o fator frustração, indicado antes. De fato, a tópica da antipatia está presente na recategorização “um tratamento que não faz o menor sentido” porque L1/E1 procura se identificar como estando em estado de *indignação* em favor de uma vítima perseguida – no caso, a vítima seria ele mesmo, a ciência e a saúde. Os elementos linguageiros apontados antes (como o vetor do gestuema) demonstram essa indignação. Além disso, o fato de L1/E1 exaltar-se no plano paralinguístico (segmento 3) demonstra a *mise en scène* de denúncia contra e2, que causa o sofrimento de outrem. Afinal, compreendemos, com Charaudeau (2010), que há algo de alocutivo na antipatia, com a indignação assumindo o perseguidor (e2) como alvo, na nomeação “um tratamento que não faz o menor sentido”.

Finalmente, podemos fazer a relação disto com a referência dos Itens 12 e 15 – “<sequelas> e <mortes>” → “este risco” (respectivamente, do bloco 1 e do bloco 2 de *Sequelas e mortes*) – e, então, generalizarmos um pouco sobre a referência polêmica nesse vídeo. Afinal, por que saímos do item “este risco” e fizemos essa ligação com um trecho de mais adiante? Esse componente sensível (tópica da antipatia) se assemelha à ocorrência que observávamos antes, a do “este risco”, segundo o encadeamento anafórico: “<sequelas> e <mortes>” → “<este risco>”. Na verdade, como se pode constatar na transcrição, o anafórico “este risco” é verbalizado na imitação teatral de como e2 faz a objeção (segmentos 15 e 16). Esse jogo lúdico de teatralização é uma ironia sutil, mas descortês, de qualquer maneira. Ao imitar o adversário com “Ah, mas, Slow, mesmo que as chances sejam muito baixas, é meu diRElto não querer correr <este risco>”, temos que o nome “este risco” é pronunciado de maneira desacelerada (como os símbolos < > apontam), o que é, segundo Cagliari (1992), uma das marcas da ironia descortês. Portanto, uma marca de posicionamento *na* imputação.

É aí que fazemos algumas ligações, pois, no caso do *tratamento de detox* → “um tratamento que não faz o *menor* sentido”, também houve posicionamento axiológico. Em “este risco”, em “um tratamento que não faz o menor sentido”, e também em outros elementos do heterodialogismo, como as negações polêmicas da fase *fact checking*, L1/E1 busca desvelar a *insistência* (a força, a importunação, nas objeções) do sujeito e2 no virtual embate nesse texto monogerido. “Este risco”, trocando em miúdos, representa um ‘*lá vem, de novo, o e2*’, no fio dessa referência. Para tal interpretação, temos o gestuema *braço indicando combate* (um exagero, próprio da teatralidade), que acompanha a expressão “este risco” na linha 16. Assim,

a ironia não está apenas na prosódia, mas também nesse gestuema; juntos, esses dois elementos são uma marca da tópica da antipatia, no fio mesmo da apresentação de e2 no vídeo.

É nessa tópica da antipatia que encontramos o *ato de fala* que se instancia no anafórico polifônico (Cavalcante; Mesquita, 2011) ou, nos nossos termos, é nessa tópica que encontramos o engajamento de L1/E1 frente ao PDV antiorientado. Invocar *novamente* e2 em “este risco” – pois o enunciado é uma antecipação a uma **nova** objeção de e2 – é a vivência de expurgar e2 aos poucos, fazendo com que o PDV2 esteja **vivenciado na tópica da antipatia**, esta, sim, sendo índice da presença de L1/E1 no heterodialogismo dessa referenciação. Há todo um ato de frustração incrustado no processo de refazimento dos referentes.

O item “tratamento que não faz o menor sentido” em resposta polêmica a “tratamento de detox” apresenta os elementos de antipatia, enquanto modulação/modalização do PDV1; esta é a questão. Como dissemos, tal recategorização é uma resposta (PDV1, PDV assumido), mas modalizada (pec2) no eixo da pec apreciativa; é modalizada pela indignação e denúncia.

A partir desse passeio, o que importa pontuar é que esses movimentos referenciais em *vacina = mortífera* (“sequelas e mortes”) → “este risco” e “tratamento de detox” → “tratamento que não faz o menor sentido”, uma vez somados com as negações polêmicas e as antecipações às objeções de e2, geram um acúmulo estésico: esse da necessidade – que L1/E1 entende haver – de sempre acolher o ‘problemático e2’ ao longo das tratativas de consecução do PDV1. O PDV1 precisa arranjar-se *no* outro, acomodar-se *ao* outro. Respondendo às indagações que fizemos no começo, é isso o que a isotopia das categorias antivax revela: *as sensações da polarização*.

Um outro exemplo que sustentaria isso é o Item 21: “a <terrível vacina de Satanás>” segmento 5 do bloco de transição 5 m 27 s, iniciando a seção *Desinformação*). Essa expressão referencial se dá em um momento em que L1/E1 imita as *justificativas-de-sempre* de e2, mais um elemento que mostra L1/E1 como **empático** em relação a queixas e emoções de e2.

De certa maneira, os elementos que aí identificamos já foram constatados nos estudos sobre a referenciação em textos polêmicos (Silva; Brito, 2022). Como este vídeo atualiza a polêmica nessas ocorrências referenciais, temos que os objetos de discurso são configurados com ajuda de posicionamentos axiológicos, como já explicitado, em outro *corpus*, por Silva e Brito (2022). Nesse ato de L1/E1 nutrir-se do outro, existe, como sobreposição axiológica, a empatia, por exemplo, mas há também a antipatia, como vimos. Afinal, a referenciação é balizada pelo *pathos*, e conforme o que se sente *do outro*: por exemplo, a sua possível insistência (na antecipação a objeções) e a sua *burrice demais* (na emoção da frustração). Tudo isso acaba instaurando no texto uma suscitação de apelos, como identificaram Silva e Brito

(2022) nessa axiologização das anáforas. A suscitação de apelos, no nosso caso, tem a ver com L1/E1 indicar um senso de pertença, tentando promover que os espectadores (e2.esp.) *também* se envolvam na estesia da ironia, da indignação, da antipatia etc. Destarte, conceder a e2 o *status* de insistente ou mesmo de merecedor de simpatia ou empatia é ativar os sentidos e julgamentos do público espectador, convocá-lo a tomar partido, ao fazê-lo participar dessa estesia/isotopia toda; por exemplo, fazê-lo se identificar com um youtuber *astuto* que diz ‘*detox de desinformações*’, ou irônico em ‘*este risco*’.

Os jogos irônicos, como em “este risco”, e o ‘*lá vem de novo o e2*’ (nas antecipações) estão nessa seara das emoções frente/por causa do outro. Como afirmam Silva e Brito (2022, p. 46), “vários procedimentos discursivos e retóricos podem ser mobilizados para operar a desqualificação do outro [elemento da polêmica], tais como a negação, a **ironia**, a reformulação, a hipérbole, o discurso relatado etc.” (Silva; Brito, 2022, p. 46; grifo nosso; acréscimo nosso). Portanto, insistimos: as construções referenciais são, sim, *mote + resposta* (e2 seguido de L1/E1), mas não apenas isso; elas são *mote* e depois *repulsa*, *mote* e depois *ironia* (como fator de antipatia) etc., como mecanismo de reorientação dos dizeres, ou seja, como elemento que marca a pec2 ou mesmo a pec1 no entremeio e interstícios do outro.

Finalizamos aí as observações focadas na voz de e2. Ocorre que, em meio a essa discussão sobre vacinas matarem as crianças (seção *Sequelas e mortes*), L1/E1 se *apossa de novo da bola*, isto é, recupera o objeto de discurso *vacina = mortífera* segundo o *seu* regime de intelecção, como no Item 16 (*risco=vacina → risco=sem a vacina*), desenvolvido da linha 17 em diante do bloco 2 de *Sequelas e mortes*). Mas, desse bloco (o segundo de *Sequelas e mortes*), privilegiaremos, a seguir, os Itens 17 e 18, ou seja, as anáforas que estão em negrito a seguir (para facilitar) na transcrição a seguir.

	4 m 7 s a 4 m 49 s	continua seção <i>Sequelas e mortes</i> (bloco 2)
17	[...] É, só que ((ilustração na tela)) o pulo do gato aqui é que se você realmente tá	
18	preocupado com a sua saúde ou a dos seus filhos, as chances de vocês terem uma reação	
19	gravíssima, terem sequelas pro resto da vida ou, principalmente, de acabarem	
20	moRRRENDO é ((com sons e efeitos de destruição e mãos para cima ao enunciar os	
21	advérbios)) estronDOSamente, giganTEScamente, estapaFURdiamente maior se ((dedo	
22	direito em riste)) você entrar em contato como a doença do ((entonação mais delicada até	
23	o final)) ↓que com a bela <e segura vacinação>. ((agulha no meio da tela; efeito visual	
24	de celebração da vacinação)) Oh:::. ((mudança de cena))	

O objeto de discurso *vacinação para covid-19* é retomado, na linha 23, como “a bela e segura vacinação”. Imediatamente após essa anáfora lexical, aparece na tela a imagem de uma agulha (representando a vacina), recurso visual este que é concomitante ao “Oh:::”, da linha 24.

Essas duas anáforas estão dentro de um raciocínio mais abrangente de comparação, a qual funciona como argumento hiperbólico. Afinal, há um desequilíbrio entre as duas opções ofertadas a e2.esp: de um lado, há a *bela e segura vacinação* e, de outro, uma construção textual encaminhada para a preterição do “acabar morrendo”. O argumento de comparação serve para fazer os e2.esp. se *constrangerem* a favor do PDV1, não havendo aí apenas oposição de dois PDVs. A referenciação, nessa chave modal, visa a tornar fácil sacrificar o PDV2 em favor do PDV1. Como já demonstrara Reboul (2004), a comparação pode se manifestar como argumento condensado pela hipérbole, conferindo grandiosidade a um dos polos, que é o que acontece, aí, com o objeto *vacinação para covid-19*, mas produzindo sobretudo comicidade.

As anáforas nessas duas linhas finais – e então agora focamos nelas – refletem, para além da pec1 (assunção), a força ilocutória do sujeito L1/E1 frente a elas, que é a pec apreciativa, como atestam os adjetivos – na anáfora lexicalizada – e a anáfora visual de celebração/endeusamento. Temos que L1/E1 investe na anáfora “a bela e segura vacinação” (junto à agulha) a emoção do humor, que expressa o regozijar-se de L1/E1 com a vacina. O regozijo se sustenta ainda no “Oh:::”, expressão de devoção, intromissão de um enunciador religioso em L1/E1, para valorizar a vacina. Especificamente na *anáfora-agulha*, o intertexto do endeusamento é astutamente inserido nela, visando a marcar o poder sobrenatural que estaria na vacina, e não em outra coisa. Essa propriedade dada à anáfora visual promove os sujeitos E1: o *nós-ciência* têm *êxtase* pela vacina. Esse modo hiperbólico tem a sua importância, porque a tópica da alegria, que se dá nesse humor, é uma maneira de povoar os imaginários com a reversão, com imaginários opostos ao PDV2, algo que a comparação ajuda a edificar. Devido à comicidade, outro efeito é o alívio, a atenuação. Isso porque a *anáfora-agulha* contrabalança com as vozes *sombrias* de um antivax (como na Introdução) e as designações do tipo “terrível vacina de satanás”. A comicidade estaria sugerindo o poder de acalento que o PDV1 tem (portanto, ele seria o *melhor*).

Finalizadas as observações sobre a referenciação (AM07), passaremos agora, a partir do próximo eixo, a analisar a gestão de PDVs que acontece quando se narra as operações do movimento antivax (tidas como *problemáticas*, segundo L1/E1), em especial a conexão do Movimento Médicos pela Vida com outras instâncias.

4.1.4 Força antivax vs. força da ciência

A partir deste eixo de análise, observaremos as táticas de gestão de pontos de vista/enunciadores que acontece a partir da seção *Desinformação*, tal como intitulada no vídeo, momento no qual Slow desenvolve Narrações **sobre o Movimento Médicos Pela Vida** (lembrando que as Narrações consistem em expor os fatos – em um parecer ser objetivo – sobre esse movimento antivax de tal maneira que sustentem a causa do orador). Isto posto, focaremos inicialmente em ocorrências da seção *Desinformação*, ocorrências estas que funcionam como mote da discussão no presente eixo de análise. Ou seja, em ocorrências dos blocos 1 e 2 da seção *Desinformação* (do tempo 5 m 42 s a 6 m 46 s, como se verifica na transcrição a seguir), identificaremos elementos que ilustram a *força antivax vs. força da ciência*, mas expandiremos a análise desse fenômeno para outros trechos do vídeo, devido a regularidades encontradas.

Para começar, foquemos no bloco 2 (6 m 19 s a 6 m 46 s; a transcrição é exibida a seguir). Contextualizando, os blocos 1 e 2 dessa seção relatam como foram as operações do movimento antivax nas redes sociais.

AM08	
	5 m 42 s a 6 m 18 s seção <i>Desinformação</i> (bloco 1)
1	cena)) A jornalista Chloé Pinheiro e sua equipe em parceria com o Pulitzer Center
2	resolveu investigar melhor a ((foto de um sujeito encapuzado com laptop))
3	desinformação em torno das vacinas no Brasil, o caminho por onde ela surge e circula e
4	publicou uma série de reportagens um <tanto curiosas>. ((saída das imagens)) A gente
5	sabe que, das principais redes sociais, o Telegram ((ênfase com as mãos; ilustração de
6	de celular com a marca)) é o que mah deixa o pau comer, que não se preocupa com nada
7	que circula por lá, e não é à toa que já ((título de notícia na tela)) foi ((gesticulação
8	mais exagerada)) proibido, banido em vários países do mundo, incluindo o Brasil.
9	((mudança para outro título de notícia na tela; primeiro plano acentuado)).
10	Não à toa ((imagem de notícia na tela)) ele acabou virando um REFÚGIO para
11	conteúdos TÓxicos, discurso de ódio e repleto de desinformação.
12	((imitando um antivax, para um interlocutor hipotético na cena)) Ve:::nha, meu filho,
13	tome aqui ((segurando uma garrafa)) uma pequena dose da <verdade oculta:::>.
	6 m 19 s a 6 m 46 s continuação da seção <i>Desinformação</i> (bloco 2)
1	((muda para Slow)) Sabendo disso, os jornalistas ((foto de uma lupa na tela)) foram lá
2	tentar investigar quais eram os principais grupos que estavam propagando
3	desinformação contra as vacinas, conhecido como ((nome escrito na tela))
4	<MOVIMENTO ANTIVAX>. ((mudança de cena)). Eles identificaram ((um símbolo
5	na tela)) <dezesseis> ((escrito na tela: 16 principais grupos e canais)) principais grupos
6	e canais ligados a médicos negacionistas que, desde o início da pandemia, ali ainda

7	fazendo uma estimativa conservadora, chegaram a acumular cerca de ((número também
8	na tela; acentua-se o primeiro plano/close-up; tensiona o rosto)) <cento e noventa e dois
9	fucking milhões de visualizações nos seus conteúdos>.

L1/E1 assume um PDV oriundo de outro lugar: dos jornalistas, fonte enunciativa mencionada no segmento 1 do bloco 1 e retomada, ainda, no bloco 2 com o anafórico “os jornalistas”. Mais do que mediatizar o discurso da jornalista Chloé Pinheiro em convênio com a organização jornalística Pulitzer Center, L1/E1 *avaliza* o PDV desses jornalistas (l3/e1), o que supõe sua coenunciação a eles. A contar do segmento 7 do bloco 2, é descrita a obtenção numérica do alcance de influência dos “grupos e canais ligados a médicos negacionistas”, conforme a descoberta deles. No regime de coenunciação, Slow diz que os e4 “chegaram a acumular” 190 milhões de visualizações, e não que eles simplesmente ‘*acumularam*’. A construção perifrástica “chegaram a + *verbo*”¹⁵², denotador de maior engajamento, mostra que L1/E1 está em consonância com o l3/e1, e até em um espírito de espanto frente à descoberta. Esse engajamento também aparece no fato de Slow traduzir o *dictum* ‘*cento e noventa e dois milhões de visualizações*’, desse PDV alheio, usando a expressão “fucking”. Já no bloco 1, há marcas como “a gente” (linha 4) e “não à toa” (linha 7), que conferem garantias epistêmicas ao conteúdo de l3/e1, que L1/E1 ressoa, mostrando que Slow aceita o PDV dos jornalistas. Enfim, L1/E1 implementa a postura de concordância concordante para com esses jornalistas, desde o bloco 1, o que funciona para aumentar a força da ciência. Apesar da força de e2 e e4 em alguns momentos, há os reerguimentos contra ele, conforme alguns efeitos de sentido específicos, que valem registro aqui, como segue.

A concordância concordante é o recurso em favor da **força da ciência** nesse momento em que se narram os feitos antivax (AM08), pois as constatações de l3/e1 são configuradas como em benefício de L1/E1, que, justamente, representa a ciência nesse vídeo. L1/E1 e l3/e1 formulam PDV em comum, porque, apesar de alguns traços pretensamente sobre-enunciantes por parte de Slow, o que acontece majoritariamente desde o bloco 1 é Slow resguardar os dois lugares de dizer (de l3 e de L1). São os recursos languageiros que atestam isso:

Entendendo que, na coenunciação, as duas instâncias se fundem enquanto instâncias de *validação* do mesmo ponto de vista (Rabatel, 2017), é evidente que l3/e1 é também tem *status* de avalizador, tendo presença forte nesse cotexto. Basta vermos o início da seção *Desinformação* (bloco 1), onde se instaura essa fonte epistêmica (l3/e1) como âmbito dentro do

¹⁵² O engajamento advém da força dessa construção verbal, enquadrando o processo descrito como algo que deve desencadear surpresa – trata-se de uma verbalização de surpresa; pois o auxiliar “chegar a”, dessa perífrase, dá conta de uma valorização do movimento de acumular, o que não se obteria com o simples verbo “acumularam”.

qual as informações devem ser interpretadas. Quanto à primeira codificação da fonte enunciativa (segmento 1), esse focalizador é retomado, em seguida, no final da linha 4, como “a gente”, indício de plena consonância (adesão de L1/E1) e de **resguarda de que ambos os enunciadores** (L1/E1 e I3/e1) **dizem**, e dizem em comunhão, nessa encenação enunciativa. Tanto é em comunhão que eles são apresentados como *validadores* do PDV tido como em comum, mantendo-se a encenação do relato como *investigação* (linha 2) e *reportagens* (linha 4). Ou seja, há todo um processo de retomada dos modos de dizer de outrem: *investigação* e *reportagens*; elementos de reformulação parafrástica. Admitindo-se, é claro, que a paráfrase nunca é equivalência total entre dois dizeres, temos que, nesse caso do recurso a I3/e1, mesmo em o PDV1 fazendo reformulação parafrástica que expande o PDV jornalístico, ainda assim o PDV1 é semantizado como decorrendo do que o precede, como *resguardando o lugar próprio e primeiro de I3/e1*, ao qual L1/E1 *teria quase um dever* de aderir. Ora, I3/e1, nesse caso, não fica subordinado, mas é a quem L1/E1 presta reverência. Como assinala Rabatel (2021, p. 119), a coconstrução de PDV comum – como aí acontece, com L1/E1 dizendo, e I3/e1 também mantendo seus *dicendi* – pode se dar com reformulação parafrástica bastante convergente ao PDV predecessor, mas também com uma expansão que indique *parecer decorrer do que precede*. É esse segundo fator que constatamos aí, devido à observância, por parte de L1/E1, de qual é a origem, e que mantém sua proeminência como enunciado-fonte. Além disso, como vimos quanto ao bloco 2 de *Desinformação*, L1/E1 se engaja no PDV de I3/e1 (“chegaram a acumular”; “fucking”), em uma reformulação que garante que ambas as instâncias estão em simetria; L1/E1 não está dominado por I3/e1.

Tendo seus espaços garantidos, L1/E1 e I3/e1 são representados como *chancelando* o que dizem via modalização – operadores de modalização consonante, tanto na entonação quanto no plano morfossintático, são índices de coenunciação (Rabatel, 2021, p. 120). Afinal, I3/e1 aparece como “*resolveu investigar melhor a desinformação*” (linha 2; bloco 1) e “*foram lá tentar investigar* quais eram” (linhas 1 e 2; bloco 2). Isto é, como modalização, I3/e1 ganha presença marcante e engajada quanto ao seu próprio dizer; e os remas (elementos de I3/e1) são concebidos em proximidade com L1/E1. E o L1/E1 mantém a consonância, sem que reformule de forma muito desviante o PDV de I3/e1, bastando para isso o “a gente”, de adesão. Ora, “apenas a coenunciação diz respeito a uma colocação que chega até a responsabilidade enunciativa de um PDV comum [conjunto]”. (Rabatel, 2021, p. 118), como atestam as marcas de harmonia entre as duas instâncias ao longo da AM08, via modalização consonante (vide, também, os elementos em negrito no trecho a seguir, do bloco 4 da AM09):

	AM09
	7 m 5 s a 7 m 20 s <i>Desinformação</i> (bloco 4) [e transição para <i>Médicos pela vida</i>]
1	o interessante é que de todos esses grupos analisados , ((mão indicando um)) um deles
2	é <disparado> o ((som de explosão; expressão líder de audiência! na tela)) líder de
3	audiÊNCIA.
4	((imitando Faustão)) Olha ae, olha ae, ((interpolação com imagem de Faustão)) ô LOco,
5	meu, ô loco! ((volta para Slow normal)) Essa foi a melhor imitação do Faustão que cês
6	já viram, né? >fala a verdade, fala a verdade<. Palmas para a imitação do Slo:::w!

L1/E1 assimila-se a l3/e1 ao modalizar (modalização consonante) o ato de *análise* – feito pelos jornalistas – como “interessante”, o que pressupõe aceite epistêmico do conteúdo. E ainda o divulgador mantém l3/e1 em um *status* pragmático proeminente como sujeito que *analisou*, com o qual esse divulgador se *harmoniza*.

Observadas as nuances da coenunciação, a **força do pdv1**, que é o que nos interessa mais de perto, advém dos efeitos dos modos de presença de l3/e1 e de L1/E1, em coenunciação. É o caso nas perífrases verbais empregadas para atribuição de dizer a l3/e1 na AM08: “resolveu investigar melhor” (segmento 2 do bloco 1) e “foram lá tentar investigar” (bloco 2). Mais do que indicarem a hetero-pec, elas são matizadas por L1/E1. Na ocorrência “foram lá tentar investigar”, a construção verbal indica trabalho *árido* dos jornalistas. A perífrase verbal faz indicar que os jornalistas não só *investigaram*, mas foram lá *tentar fazer isso, labutar*. No caso da ocorrência “resolveu investigar melhor”, imputada a l3/e1, o qualificador “melhor” enfatiza que o polo dos contra os antivax está em busca de aprofundamento, também na *labuta*. E, indo para a AM09 – a que acabamos de exibir –, há a menção de que l3/e1 procedeu a uma *análise*, e não a um simples dizer. Por consequência, devido ao simulacro da coenunciação, por onde os jornalistas estão juntos com Slow, esses arranjos de verbo colaboram para o *ethos* de trabalhador (um *ethos* de competência) dos enunciadorees contra os negacionistas; em favor do PDV1. Esses e outros recursos do vídeo vão fazendo a posição antagonica a e2 se fortalecer.

Outro aspecto é que L1/E1 faz questão de **repetir as referências a l3/e1**. A explicitação reiterável das fontes enunciativas de embasamento ao PDV1, povoando o discurso de Slow por meio de diferentes formas de aparição, é uma forma de credibilização. Deveras, em primeiro lugar, temos “A jornalista Chloé Pinheiro e sua equipe em parceria com Pulitzer Center” (no bloco 1) e, depois, “os jornalistas foram lá tentar investigar” (no bloco 2), com “eles identificaram” (segmento 4; bloco 2). A referência a essa equipe de jornalistas se estende, ainda, em mais duas estâncias do vídeo. Primeiramente, no último bloco do vídeo – bloco 4 da seção *Quem financia o movimento antivacinas* –, dedicado, na verdade, a explicitar as fontes do vídeo.

Nesse espaço de locução, como podemos observar na transcrição a seguir (AM10), L1/E1 reproduz a linha-fina de uma matéria publicada justamente por Chloé Pinheiro e sua equipe na revista *Veja* (linhas 2 e 3). Mesmo que isto seja um convite para que os espectadores ampliem o entendimento do vídeo, a sua finalidade não se encerra nisto.

AM10	
	12 m 33 s a 13 m 02 s finaliza a seção <i>Quem financia</i> [...]? (bloco 4)
1	((cabeçalho de notícia na tela inteira; leitura em voz alta)) <A batalha pela vacinação>.
2	Medos plantados, notícias falsas e o desgoverno recente no Programa Nacional de
3	de Imunizações expõem ↑brasileiros a doenças perigosas e evitáveis. ((outra notícia;
4	leitura em voz alta)) E canais de médicos antivacina continuam bombando no Telegram.
5	O grupo Médicos Pela Vida é líder em audiência, com cerca de 160 milhões de
6	visualizações na plataforma, que tem regras FROUxas e funcionalidades que estimulam
7	a <desinformação>. ((volta para Slow; as duas matérias em miniatura na tela))
8	Essas são as duas das reportagens que inspiraram a produção desses vídeos, e os links
9	estarão aqui na descrição. ((as notícias saem da tela))

Que outro fim está em jogo? Há toda uma ritualização dessas fontes epistêmicas. Isso aumentaria o efeito de credibilidade e amistosidade do PDV1¹⁵³, na medida em que L1/E1 se projeta com o *ethos* de competência, porque aparentando basear-se em conhecimentos consolidados, assim como se mostra (quanto à amistosidade) sujeito benfeitor, narrativamente fornecendo ao tu-destinatário ferramentas de aferição da qualidade do PDV1. Converte para esse efeito de sentido também a segunda matéria ali lembrada por Slow, do segmento 4 ao segmento 7, também de autoria de Chloé Pinheiro e sua equipe, como se não bastassem as referências a essa fonte na seção *Desinformação*, que já vimos (na AM08).

Entendendo I3/e1 como instância epistêmica que embasa L1/E1, acrescentamos outra ocorrência: a referência ao “grupo de pesquisadores da Universidade de Santa Catarina”, em outro momento do vídeo: na linha 3 do bloco 1 da seção *Quem são os responsáveis?* (vide Apêndice A)¹⁵⁴. Eles são mencionados no segmento 3 desse bloco 1, espaço de locução no qual se faz um retrato (estendido aos blocos 2 e 3 da referida seção), da atuação de *lobby* do Médicos pela Vida. A menção a esses pesquisadores, encabeçando o bloco 1, é feita como âmbito segundo o qual se deve interpretar o conteúdo da seção. Nessa Narração sobre o MPV, fala-se, por exemplo, de uma carta enviada ao governo Jair Bolsonaro. Esses pesquisadores, na verdade,

¹⁵³ Valemo-nos, aqui, das categorias do Modo de Organização Narrativo e do *ethos*, segundo Charaudeau (2009; 2006).

¹⁵⁴ Estes pesquisadores são entendidos também como I3/e1 para fins operatórios de simplificação da análise.

são da Universidade *Federal* de Santa Catarina (UFSC), pois, se observarmos as Referências do vídeo (na descrição dele), constataremos o artigo com essas credenciais; que tem como autoria pesquisadores da UFSC e um pesquisador da Universidade de Brasília.

E, de maneira emblemática, l3/e1 também comparece nas chamadas *Referências*, seção apresentada na forma de texto escrito na descrição do vídeo, na plataforma. Tal estância funciona, igualmente, na *encenação da credibilização*. Lá estão presentes, por exemplo, o artigo acadêmico dos pesquisadores da UFSC e conteúdos sob a responsabilidade enunciativa da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Enfim, o modo como a imputação (juntando-se todas) a l3/e1 está configurada, que é esse regime da *explicitação reiterável das fontes enunciativas de embasamento ao PDV1*, já que L1/E1 faz questão de destacá-las, mostra que as fontes l3/e1 são creditadas como que *autorizando* L1/E1 às paráfrases que ele faz delas. Com isso, L1/E1, amalgamado a l3/e1, vai criando um *discurso de autoridade*: a força do PDV1. Mais do que colocar l3/e1 como argumento de autoridade (como aquelas marcas de engajamento; AM08), *é L1/E1 junto com l3/e1 que formam a voz de autoridade*. Como o PDV1 sedimenta-se na coenunciação, é preciso lembrar, consoante a Estevam (2019, p. 40), baseado em Rabatel, que “a coenunciação põe o locutor coenunciador como o igual de seu *alter ego* enunciativo”, contemplando marcas de consonância que revelam que esse locutor primeiro obtém benefícios simbólicos, desde que esse discurso precedente seja perspectivado como autoridade (Estevam, 2019, p. 40). De fato, L1/E1 *é oportunista* em relação a l3/e1, mantendo paridade amistosa ao se relacionar com l3/e1 de *diversas maneiras*. Tudo isso visando a desencorajar a posição e2 nos espectadores e2 e nos indecisos, pois o *ethos* de credibilidade instaurado nessas nuances da coenunciação indicaria que há *muitos dizendo a mesma coisa*, muitos convergindo para o PDV1.

O *cabo de guerra*, no entanto, permanece, e **a instância e2 mantém-se forte**, sentida como obstinada, ameaçadora, por parte de L1/E1, o que não é sem consequências para a estesia desse dialogismo; com efeitos, então, para os espectadores, pois esse *cabo de guerra* atualiza o caráter polêmico do discurso de Slow. Isto posto, podemos analisar, agora, certos elementos que parecem favorecer o PDV2. Para tanto, entenderemos e2 como amalgamado a e4: O e2 corresponderá ao Movimento Antivax, ou seja, o agente hiperonímico, os antivax em sua atuação *geral*, apresentados nas Narrações que acabamos de ver, de *Desinformação* (na AM08, por exemplo, eles são apresentados como “grupos” – assim genericamente – que simplesmente espalham desinformação nas redes). E o e4 é a instância *Movimento Médicos pela Vida* (MPV), o hipônimo – o qual ainda não tratamos muito aqui, mas foi contextualizado na AM10, a última que exibimos. O e4 (MPV) é focado nas Narrações que se desenvolvem em momento

imediatamente ulterior, no principiar da seção *Médicos pela Vida* (iniciado em 7 m 21 s), enfoque este que se justifica pelo fato de o MPV, dentro do grande ecossistema antivax, se notabilizar como o “líder de audiência” (conforme dito na linha 2 do bloco 4 de *Desinformação*, AM09, ainda ‘preparando o terreno’ para falar do MPV).

Esse Movimento (e4) desponta forte por meio dos processos de atribuição verbal quando da imputação enunciativa a ele. Arrolemos alguns casos (Quadro 6), para depois tecermos algumas palavras de análise sobre esses verbos:

Quadro 6 – Alguns processos de atribuição verbal a e2 no vídeo de Slow

Verbos	Contexto ¹⁵⁵
“Chegaram a acumular”	“Eles identificaram <dezesseis> principais grupos e canais ligados a médicos negacionistas que [...] chegaram a acumular cerca de <cento e noventa e dois fucking milHÕES de visualizações nos seus conteúdos>.” (bloco 6 m 19 s; <i>Desinformação</i>).
“Saíram dizendo e propagando” e “Atacando”	“[...] os cara elaboraram e enviaram uma carta assinada por trocentos médicos do Movimento pro então presidente da época, atacando as vacinas, defendendo tratamento precoce, assim como saíram dizendo e propagando por aí : o lockdo:::wn, o uso de má:::scaras, [...] estão <destruindo vidas humanas muito mais do que a covid>. (bloco 7 m 43 s; <i>Quem são os responsáveis?</i>).
Gerúndios, como “orientando”	“E assim o Movimento seguiu ali se encontrando com o ex-governo federal, orientando, alinhando pautas, e sempre propagando desinformação sobre saúde pública [...]. (bloco 8 m 45 s; <i>Quem são os responsáveis?</i>).
“Sair recomendando”	Foi a responsável pelas vendas [...] e pagou mais de 700 mil reais a médicos que topassem sair recomendando ivermectina a torto e direito pros seus pacientes, assim como patrocinou um manifesto dos próprios Médicos pela Vida [...]” (bloco 10 m 6 s; <i>Como o Brasil se isolou do resto do mundo?</i>).
“Espalhando desinformação” como carta de baralho	“E muito disso pode ser explicado com o alinhamento do ex-governo com outras organizações, como o Conselho Federal de Medicina, o Médicos pela Vida, assim como uma extensa rede de agentes e de grupos nas redes sociais espalhando desinformação adiante como se fosse carta de baralho ((Slow simulando distribuição de cartas de baralho; imagens de cartas))”. (bloco 9 m 25 s; <i>Como o Brasil se isolou do resto do mundo?</i>)

Fonte: elaborado pelo autor com base em Slow (2023).

Há outras marcas textuais com retrato a *favor* do PDV2 (nosso argumento aqui), mas, privilegiaremos apenas ocorrências de compostos verbais, mostrados no Quadro 6. Por exemplo, quanto ao primeiro caso, L1/E1 atribuí o “**chegaram a acumular**” (uma perífrase;

¹⁵⁵ Os enunciados a que as expressões verbais pertencem, enquanto contexto, foram modificados (por exemplo, com supressões de comentários transcritores originais), para simplificação neste Quadro em específico.

com afixo flexional) aos “grupos e canais ligados a médicos negacionistas”¹⁵⁶, em detrimento do verbo *acumularam*, que implicaria uma força ilocutória mais modesta.

No caso, o auxiliar “chegaram a” dá a entender que e4 alcançou o cume do que era esperado ou possível nas redes sociais. Com isso, L1/E1 dramatiza, catastrofiza a ação do e4/e2, em coerência com a ideia de força do PDV2. Enunciativamente, L1/E1 se marca exprimindo que o fato exposto é *assombroso*, o seu sentimento frente à relação predicativa. Isso é sustentado pelas marcas do cotexto, como o “fucking”¹⁵⁷ e a desaceleração prosódica no momento de pronunciar o número. Isso significa que L1/E1 aplica ao PDV2 uma pec suplementar, do âmbito da modalização. Trata-se da pec apreciativa, por meio da qual L1/E1 marca a sua presença *patêmica*, por meio da emoção do assombro, da surpresa. Essa emoção é a tópica da angústia, pela manifestação da figura do medo; medo em um sentido mais de *preocupação*, condizente com a certeza de que e4 é um actante frente ao qual *se deve* manter um alerta.

O assombro se dá *por causa* da posicionalidade de e4/e2, fonte do arrebatador, pois a angústia “é um estado de *espera* desencadeada por um actante-objeto desconhecido, mas que representa um perigo para o sujeito” (Charaudeau, 2010). O e4/e2 (que é esse *desconhecido*) é um perigo ao L1/E1 e à ciência. Assim, Slow se autoatribuir o espanto *se deve* à heteroatribuição também patêmica desse espírito arrebatador, porque o *status* de L1/E1 nesse dialogismo (como *apequenado*) é algo indissociável da imputação, que se excede, pois se imputa também a e4/e2 algo patêmico: a sua força, conforme a tópica da angústia.

Essa dimensão modalizadora patêmica aplica-se também às outras construções compostas (perífrases) e aos gerúndios individuais listados no Quadro 6, pois essas expressões representam e4 como insistente, pervasivo, infiltrando-se em tudo (ou seja, a *grande força* de e4/e2). É o que fica garantido na recorrência dos gerúndios, mesmo que não perifrásticos, pelo aspecto iterativo¹⁵⁸, de longa duratividade (ao invés de ação pontual) que eles exprimem.

A última ocorrência do Quadro, *espalhando desinformação como carta de baralho* (5ª linha do Quadro), é uma imputação localizável no primeiro bloco da seção *Como o Brasil se isolou do resto do mundo?*, então por volta de 9 m 25 s a 10 m 5 s. Nesse bloco, aquilo que L1/E1 assera (o isolamento do Brasil na época da pandemia) é a sua proximidade, a sua empatia para com o Brasil como um todo, que *sofreu, e por causa* de um grupo pontual de *espertalhões*.

¹⁵⁶ A atribuição é feita *também* por l3/e1 (os jornalistas), considerando o dispositivo de coenunciação instaurado.

¹⁵⁷ O termo “fucking” aumenta a força de e2, pois funciona como um modal de intensificação. Segundo Lobato (2016, p. 24), esse termo provém do verbo *to fuck*, do inglês, tendo o “fucking” se tornado uma “forma adjetiva atributiva”. Um outro exemplo desse uso intensificador, do *corpus* de Lobato (2016), é: “You know, democracy is fantastic, but it is also fucking dull (A democracia é fantástica, mas também é muito chata)”.

¹⁵⁸ Valemo-nos da noção de aspectualização explicada por Neves (2000) e por Carvalho (2018). A iteratividade é um dos traços de aspecto já largamente observada nos verbos em gerúndio (Carvalho, 2018).

Ao modalizar a imputação dizendo que e4 jogava um *baralho de desinformação*, L1 responsabiliza-o por um *excedente*; responsabiliza-o pela leviandade do ato, atribui-lhe as características narrativas de presunçoso, privilegiado, altivo, deslocando-o, no eixo modal, da posição de simples e sério negacionista. Tal excedente é uma pec apreciativa (que avalia moralmente o e4/e2), juntamente com uma pec com modalidade do dizer, pois L1/E1 traduz o modo como e4/e2 efetuou a pec no instante primordial. Tanto no enunciado verbal quanto nos gestuemas de Slow (“Slow simulando distribuição de cartas de baralho”, de modo humorado) a ele concomitante, e4/e2 é, nessa tradução, retratado (pec2) como gozando de vantagens. Essa configuração toda, enfim, tende a incutir a tópica da indignação no público-alvo. Ao unir-se ao Brasil, nessa encenação, L1/E1 insinua que a ciência e a saúde (e ele, L1/E1) são *vítimas*.

Essa força do polo anti-ciência no texto de Slow é amiúde nutrida pela **indignação**, como trunfo para essa vitimização. O sentimento de indignação, segundo Lima (2018), é a culpabilização de algo ou alguém junto a uma espécie de grito enquanto reparo interno/psicológico, não sendo um gesto de vingança. A propriedade da culpabilização nos deixa ver o julgamento moral, componente essencial da emoção (Lima, 2018); L1/E1, assim, moraliza, denuncia o e2 e o e4, apontando-os como quebradores de padrões éticos, enquadrando-os como denunciados/culpabilizados. A partir disso, podemos enxergar a indignação como trunfo utilizado por Slow, pois essa emoção não aparece apenas em “espalhando desinformação adiante como se fosse carta de baralho” (5ª linha), mas também no verbo “atacar” imputado (2ª linha), na apresentação *em série* de gerúndios (3ª linha), na imputação de que os ‘espertalhões’ fizeram um “looping infinito de propaganda falsa de remédio que não funciona” etc. (9 m 25 s, referente à AM12, próxima Amostra desta Tese).

A força de e4/e2 não se deve apenas ao sentido de ameaça, mas também ao fato de ele ser tomado como *doido*, *bitolado* nestas perífrases: “saíram dizendo e propagando por aí” (segunda linha do Quadro 6) e “sair recomendando” (penúltima linha). Esse segundo caso tem seu valor ilocucionário devido também à expressão circunstancial “a torto e a direito” (penúltima e quarta linha; bloco 2 de *Como o Brasil se isolou do resto do mundo?*). Essa imagem de e4/e2 como irresponsável constrói a *força* dele. Por outro lado, os matizes que as construções *sair + verbo* promovem ajudam a descredenciar e4/e2 no âmbito epistêmico, pois ‘*disseram que a vacina e o lockdown são prejudiciais*’ é diferente de ‘*saíram dizendo que esses elementos são prejudiciais*’ (quanto à ocorrência “saíram dizendo e propagando por aí”; segunda linha do Quadro 6); essa segunda versão perde traços de pec da verdade, de seriedade. Novamente, e2 é deslocado da posição de negacionista *sóbrio* (atualização modal) e também do *status* de *apenas* sombrio e ameaçador do começo do vídeo.

Dentro do próximo eixo de análise, é possível observarmos outras evidências de jogadas patêmicas fundadas na hierarquização dos pdvs/enunciadores, conforme segue.

4.1.5 Enquadramento pela narrativa e pela referenciação

Em certos momentos do vídeo, emerge uma narratividade enquanto *enquadramento*; uma narratividade que dá a ver aos espectadores um determinado modo de ser e2, conforme determinada direção de sentido: e2 em um quadro actancial que estaria *afetando* os sujeitos no *modus* E1 e outros. Nos termos de Emediato (2013, p. 79-80), o enquadramento é o procedimento de “circunscrever a discussão pela tematização, apresentar os objetos de discurso de uma maneira no lugar de outra, através de operações de referência (nomação, designação) e pela predicação, orientar a problematização em uma certa direção”.

Isto posto, podemos iniciar verificando a presença desses fatores no bloco textual 7 m 43 s a 8 m 27 s (transcrição exibida a seguir). Esse bloco já havia sido explorado anteriormente na análise; focaliza o *lobby* do MPV junto ao governo federal da época (bloco 1 da seção *Quem são os responsáveis?*). É então nesse bloco que encontramos enunciados como este a seguir, o qual, junto a outros – que serão explorados adiante –, é tomado para análise do enquadramento *pela narrativa*: “Até ano passado, o grupo tinha cerca de 276 médicos cadastrados no site e *engajando vários outros médicos* pelas redes”. (segmentos 6 e 7; bloco 1; grifo nosso). Percebemos já aí o processo narrativo de degradação, haja vista que o ato do agente primeiro (o movimento Médicos pela Vida; “o grupo”) implementa a degradação do estado inicial de outros médicos, que passam a ser atualizados em e2. Temos, ainda, o relato do conluio do MPV com outros actantes nas linhas 8 a 12 (a partir do marcador temporal “só que foi em abril de 2021”). Nesse espaço de locução, fala-se das contribuições positivas dos outros actantes para o atributo *ser famoso em 2021*, do MPV. Por consequência, e4/e2 não é visto apenas como agressor, mas como beneficiário, em um lugar, portanto, de favorecimentos, de privilégios.

	AM11
	7 m 43 s a 8 m 27 s começa seção <i>Quem são os responsáveis?</i> (bloco 1)
6	[...] Até ano passado, o grupo tinha cerca de 276 médicos cadastrados
7	no site e engajando <u>vários</u> outros médicos pelas redes. ((abertura do plano, ainda
8	close-up)) Só que foi em abril de 2021 que eles ((as duas ilustrações saem)) ficaram
9	famosos pra valer. No meio do auge da pandemia, os cara elaboraram e enviaram uma
10	carta assinada por trocentos médicos do Movimento pro então ((Slow cai de cena;
11	imagem de mãos digitando em um laptop durante a fala a seguir)) presidente da época,

12	atacando as vacinas, defendendo tratamento precoce, assim como saíram dizendo e
13	propagando por aí: ((muda para Slow imitando um antivax, dirigindo-se a um
14	interlocutor fictício; mudança de tom)) o lockdo:::wn, o uso de má:::scaras,
15	a obrigatoriedade da vacina, esses elementos estão <destruindo vidas humanas muito
16	mais do que a covid>. ((mudança de cena para Slow normal))

A despeito de isso tudo poder ser interpretado como simples *relato*, o que importa é verificarmos a modalização no cotexto, que vai *colorindo* esse pdv narrado imputado (a e4 e e2). Um exemplo simples é já a ênfase de entonação em “vários”, na linha 7 – o fator registro, que faz proeminência silábica, perspectivando e4 e e2 como fortes. Assim, a questão da força de e2 está dada, sim, na estruturação dessas relações de conluio, mas as funções narrativas de degradação e agressão devem-se também aos **direcionamentos pontuais de modalização**, componentes a mais na encenação narrativa. Chama atenção, por exemplo, que o processo narrativo *ato de fala do MPV*, endereçado ao actante presidente da época, seja perspectivado como “atacar” (linha 4), opção preferida por L1/E1 ao invés de *criticar* ou outros *dicendi* similares. Além disso, em meio a essa imputação toda, os integrantes do MPV, aí responsabilizados (hetero-pec), são identificados como “trocentos médicos” (linha 10) no momento em que se fala da carta por eles expedida em defesa do tratamento precoce. Não iremos analisar detidamente esses dois casos (“atacar” e “trocentos”), mas, no caso de “trocentos médicos” (assim como “os cara”, linha 9), a imputação envolve uma reação axiológica ao PDV2: uma pec de modalidade de dizer (descrédito), que modifica o sentido do ato da carta.

Essa resistência *débunkage* é sustentada, ademais, na imitação que Slow faz desse negacionista, apresentada, na transcrição, entre os segmentos 14-16 na transcrição; o que finaliza o bloco. A essa ocorrência nos debruçaremos um pouco mais. Nesse contexto de imitação, como uma espécie de digressão no final do bloco, foca-se inicialmente na degradação sobre a população, por meio da escolha verbal “saíram dizendo e propagando por aí” (segmento 13), que introduz o discurso que se dá do segmento 14 a 16 (bloco 1). A perífrase verbal de introdução desse discurso relatado narrativizado (que está entre as linhas 14 e 16) já orienta argumentativamente o PDV2, como forte. Já na imitação em si (a contar do tempo 8 m 19 s), instala-se uma tela preta¹⁵⁹ com Slow direcionando o corpo para o lado, para um interlocutor fictício, para pronunciar o conteúdo; a mudança de chave modal se estabelece também pela visualidade. Com base nessa cenografia, e4 (MPV) é representado (um suposto PDV

¹⁵⁹ Recurso curva de cor: um ajuste de cores, na edição do vídeo, para alterar o contraste e a tonalidade da imagem (Aleixo, s.d.).

representado, à serviço do PDV narrado) como falando de maneira tacanha. O prolongamento de sílabas contribui para essa cenografia. Com isso, a e4 é reservado um *status* de *palhaço*, o que se liga à ideia de ‘ameaça estranha’ e insistente, portanto, responsabilizado por elementos da tópica da angústia (aborrecimento, horror) causados em outrem, por exemplo em L1/E1, devido a essa insistência.

Complementarmente, há, nessa construção, uma ironia, com a pec2 de L1/E1 desconfiando da pec da verdade (da seriedade) de e4 (e4 como não-sério), o que não deixa de lado uma pec apreciativa, devido ao fato de L1/E1 investir-se como debochado contra e4. Em paralelismo ou coerência a esse lugar dado a e4 como *palhaço*, focando no *pathos* de L1/E1, temos que, enfim, Slow investe-se como um **denunciante humorado** (indignação), por meio dessa ironia com tom bravo, paralelo ao e4 como beneficiário, ainda mais porque esse enunciado delocutado traz uma *miniempatia*, segundo a qual é a ciência que é vista como o mal, como ameaça, segundo o olhar de e4 (que L1/E1 incorpora teatralmente).

L1/E1 se sobressai como sujeito de reação ao pdv2, ao se valer de elementos como “atacando”, “trocentos médicos” e a imitação debochada. É progressivamente que L1/E1 vai *mostrando as caras*, engajando-se, após a atribuição dos conteúdos aos pesquisadores da UFSC (que, junto a L1/E1, divulgam o que e4 fez; parte suprimida na AM11). No fim das contas, ao usar “atacando” e esses outros artificios, L1/E1 se mostra sobre-enunciador, para fortalecer a imagem de vilão de e4, e para torná-lo objeto da indignação dos espectadores, o que, ao mesmo tempo, ajudaria a garantir a imagem do PDV1 como estando *no lugar certo*, na *racionalidade*.

Tendo em vista que, segundo Rabatel (2016b), um pdv não se restringe a uma extensão semântica particular, há valores exclamativos, afirmativos, de ênfase etc., espargidos em um texto, todos podendo funcionar como escolhas de posição frente a um PDV (Rabatel, 2016b). No caso, são escolhas como “atacando”, “trocentos médicos” que, do plano modal e anafórico, ajudam a constituir os objetos do PDV1 e *também* do PDV2, em relacionalidade. A modalização e a referenciação são cruciais na construção do PDV, como o próprio Rabatel (2016b) ratifica, ao indicar o papel das posições *axiológica*, ideológica, racional, *emocional* (para além do vericondicional) como identificadores de um dado PDV, como aqui também estamos mostrando.

Mas essa posicionalidade de e2 como uma ameaça vexatória (a ponto de nos conduzir a essa argumentação emocionada de L1/E1) dá-se principalmente nas Amostras a seguir (AM12 e AM13). Nelas, há uma estesia para impactar os espectadores para a causa de que os antivax é que são o problema. Os elementos linguageiros marcados em negrito serão o foco da análise.

	AM12
	9 m 25 s a 10 m 5 s <i>começa Como o Brasil se isolou do resto do mundo?</i> (bloco 1)
1	((miniatura de um outro vídeo de Slow, para o qual Slow aponta na tela)) A gente
2	chegou a mostrar um vídeo aqui no canal evidenciando como que o Brasil <u>se isolou</u> do
3	resto do mundo quando o assunto eram as desinformações que circulavam em relação à
4	pandemia ((Slow sai de cena; um plano cartesiano na tela)). Enquanto as redes de tudo o
5	quanto é país viraram as páginas em relação à bendita cloroquina , aqui no Brasil a
6	a entrou num looping infinito de propaganda falsa de remédio que não funciona .
7	((Slow imitando, cantando; imagem de Slow com sobreposição do cercadinho de Jair
8	Bolsonaro)) Cloroquina, cloroquina, (.) cloroquina de Jesu:::s . ((volta para Slow))
9	E muito disso pode ser explicado ((sai Slow e entra imagem de uma equipe junto a
10	Bolsonaro)) com o alinhamento do ex-governo com outras organizações, como o
11	Conselho Federal de Medicina, o Médicos pela Vida ((caracteres de Informática em
12	toda a tela)), assim como uma extensa rede de agentes e de grupos nas redes sociais
13	espalhando desinformação adiante como se fosse carta de baralho ((Slow simulando
14	distribuição de cartas de baralho; imagens de cartas)) ((volta para Slow normal)).
	10 m 6 s a 10 m 52 s <i>Como o Brasil se isolou do resto do mundo?</i> (bloco 2)
1	((título de notícia em miniatura na tela)) O que levou, por exemplo, a um faturamento
2	de 1 bilhão de reais das grandes farmacêuticas vendendo kit covid só no [...].

A AM12, compreendida temporalmente entre 9 m 25 s e 10 m 5 s, refere-se ao momento da Narração nº 9, que mostra que o Brasil se diferenciou das outras nações por privilegiar muito mais a desinformação, favorecendo, assim, o lucro monetário às empresas farmacêuticas interessadas nesse negacionismo. Em resumo: fala dos efeitos do *lobby* MPV/Governo Federal.

Esse é o PDV claramente assumido por L1/E1, conforme a marca “a gente”, já no segmento 1, do início do bloco. Mas, para mostrar esse *seu* ponto de vista, Slow vai encaixando o PDV narrado de e2, mantendo o jogo heterodialógico com ele, ao referir-se, por exemplo, à “propaganda falsa de remédio que não funciona” (segmento 6). Realmente, o PDV narrado serve para Slow não só fazer a *prise en charge* de que *o Brasil se isolou* (tópico desse bloco), mas, também mais adiante, clarificar/assertar esse problema, pela relação entre essa Narração nº 9 (efeitos iniciais do *lobby*, que são, na verdade, a desinformação, pelos atos e falas delegados a e2/e4) e as outras consequências, que são apontadas mais adiante, por exemplo no tempo 10 m 53 s a 11 m 44. Lá, é mostrado que essa atuação do MPV desembocou, *também*, no consumo de “produtos e consultas *sem fundamento*” (linha 16 do bloco 10 m 53 s), como o detox vacinal, além de que tudo constitui “pilantragem” (linha 4 do bloco 11 m 45 s). Desta forma, há uma lógica de ir explicitando progressivamente os efeitos, de várias ordens, da atuação do MPV, nas condições em que ela se deu. Sustentamos, então, que o PDV narrado (onde está o *causador*, o

responsabilizado, como na AM12) funciona à serviço do PDV assertado – aqui ainda em maturação – que objetiva enfraquecer/desacreditar os antivax e promover a ciência.

Concentrando-nos na AM12, e2 comparece já no segmento 5 pela referência “bendita cloroquina”. Ao narrar que o Brasil fomentou a cloroquina no tratamento precoce, L1/E1 se afasta desse objeto de discurso, que simboliza o PDV2 como agente que atua *sobre* o Brasil, sobre o *nós*, que inclui o L1/E1, no mesmo enunciado. O PDV1, então, é evidenciado via sobreposição ao ponto de enunciação e2, nessa narrativização. Como sobreposição, essa voz de L1/E1, que está em “bendita”, modulando “cloroquina” (que é o cerne de e2), pode levar a duas orientações de sentido: (i) significar *maldita, problemática*, em virtude da ironia; (ii) descrever o e2 como insistente, pois dá a ideia de ‘*mais uma vez, lá vem ela, a cloroquina*’, sentido corroborado pela musiquinha no segmento 8, da *cloroquina de Jesus*.

Pela ironia, L1/E1 deixa de lado o seu *modus* de seriedade, acionando outro domínio de inteligibilidade: o do humor, a esfera lúdica. Em termos *de prise en charge* 2, isso é a manutenção da pec da verdade contra e2. Mas, pelo fato de o termo trazer outras qualidades implícitas à ironia (insistência de e2 e *o suportar e2* somente pelo quadro modal e de veridicção da ironia), então o PDV2 é modulado pela pec apreciativa, da derrisão. Por esse caminho da apreciação, L1/E1 reivindica a imagem de humorado, de debochado.

Essa antipatia que é sobreposta/modulada pela ‘alegria-deboche’ (tópica da alegria, como *resiliência*, por assim dizer, contra e2) aparece também na recategorização em “Cloroquina, cloroquina, (.) cloroquina de Jesu:::s” (segmento 8, desse mesmo bloco). Esse enunciado é outra faceta do PDV narrado imputado, mas que a expressão referencial é que inscreve. Trata-se, na verdade, de uma intertextualidade por meio de expressão referencial. As entidades que são evocadas, em alusão, em intertextualidade, são as seguintes:

Primeiramente, é recuperado o acontecimento de apoiadores de Jair Bolsonaro terem cantado, no cercadinho¹⁶⁰, uma paródia da canção *Florentina de Jesus*, do cantor e comediante Tiririca, em maio de 2020 (Caputo, 2021; Uol, 2020). Em sendo uma paródia, o verso com o dizer “Florentina, Florentina, Florentina de Jesus, Não sei se tu me amas, Pra quê tu me seduz?” foi, graças à proximidade entre os significantes em questão, transformado em “Cloroquina, Cloroquina, Cloroquina lá do SUS, Eu sei que tu me curas, em nome de Jesus”, como uma defesa da cloroquina (Caputo, 2021). Essa paródia animada, feita na época da pandemia, estava em consonância com o discurso de Jair Bolsonaro, funcionando como uma forte defesa desse

¹⁶⁰ O cercadinho de Bolsonaro, instalado no Palácio da Alvorada, residência oficial do líder do Executivo, era usado para o ex-presidente Jair Bolsonaro interagir mais diretamente com seus apoiadores (Uol, 2022).

medicamento contra a covid-19 (Uol, 2020). O que é aproveitado disso, por Slow, é a *alegria ingênua*, a *estupidez* – segundo o olhar de L1/E1 – desse evento musicado.

Em segundo lugar, essa intertextualidade por referenciação multimodal resgata o comportamento de Jair Bolsonaro em maior abrangência, considerado, também *problemático*. O simples fato de ele aparecer no vídeo de fundo, da paródia, resgata naturalmente a memória de ele ter exaltado a cloroquina. É importante ponderar que a referência ao acontecimento da paródia como algo ligado especificamente a Bolsonaro e ao cercadinho se circunscreve apenas no elemento visual (na tela) simultâneo à reprodução vocal da paródia em *segunda versão* – para fins de *aumento* do deboche¹⁶¹ –, por Slow, no contexto do segmento 8.

Em termos mais enunciativos, o intertexto *Florentina/cloroquina lá do SUS* (enunciador anterior, ou e2 anteriores) é empregado para se equiparar à cloroquina/desinformação do MPV (e4, principalmente), doando a essa instância atual os atributos também de vergonha, de constrangimento etc. Mas esses atributos não são apenas a concepção *de L1/E1*, mas, sim, concepção de vários outros críticos (outros E1 ou outras posições¹⁶²), que irradiam da memória discursiva. Ademais, o caráter de objeto de vergonha, imputado, é aumentado pela paródia 2, na situação dada por Slow: “cloroquina de Jesus”, como releitura de “cloroquina lá do SUS” (do e2 pregresso). É pela inter-relação entre essas vozes (seguidores + Bolsonaro + MPV¹⁶³, de um lado, e L1/E1 junto a outros E1 ou E_¹⁶⁴) que o referente cloroquina é recategorizado na música, com aproveitamento para a tática de *pec* suplementar, que sublinha a presença responsiva, axiológica de L1/E1. Quanto à *pec2*, em primeiro lugar, se o PDV2 recebe o *status* de objeto de ironia, é porque é relido como uma coisa não deve ser levada à sério; essa contrariedade firma a *pec* da verdade de L1/E1 (e, de certa forma, a *pec* de modalidades de dizer). No entanto, **esse dissenso é disfarçado pela ‘alegria-deboche’**. Por esse lado, a cena de extravasamento da indignação, da linha 8, é manifestação da *pec* de modalidades apreciativas. Essa é a forma usada para L1/E1 reagir à *obsessão* pela desinformação, imputada ao MPV.

Para tal sobre-enunciação e seus efeitos, percebe-se o quanto as posições enunciativas são deslocadas, refeitas, ganhando outros sincretismos, como já explicamos por ocasião de ocorrências anteriores em que o humor aparece, por exemplo, ao juntar e2 com enunciadores

¹⁶¹ Isso porque os apoiadores de Bolsonaro, na ocasião, não pronunciaram “cloroquina de Jesus”, mas, sim, “cloroquina lá do SUS”, sendo que o referente “Jesus” aparece em outra posição do texto da paródia original.

¹⁶² A posição discordante também esteve em circulação naquele momento, e praticamente na mesma chave modal de L1/E1 (crítica, mas ao mesmo tempo com elementos de derrisão, de humor), como se revela em pronunciamentos tais como: “Cadê o Tiririca nesse momento que a gente tanto precisa?” (em resposta crítica ao vídeo com a paródia, dirigida a Bolsonaro) (Gonzaga, 2020).

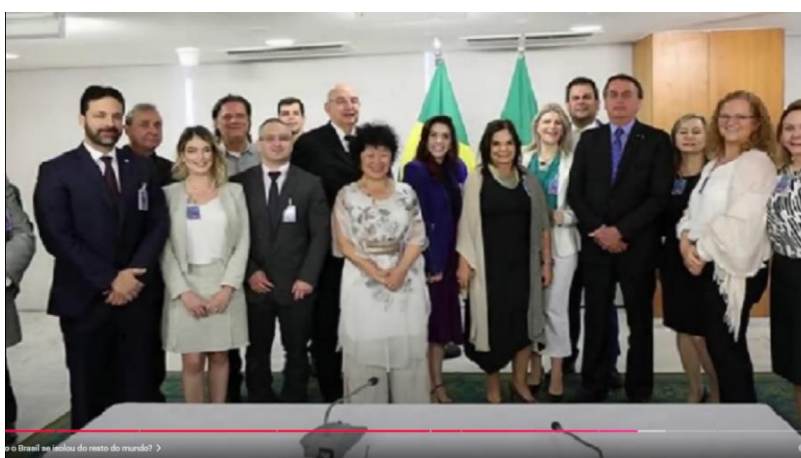
¹⁶³ Ou seja, os vários e2 + e4 (este último sendo, mais precisamente, o MPV).

¹⁶⁴ A sublinha representa outras perspectivas possíveis.

evocados na memória (Bolsonaro e seus seguidores em um contexto específico). Isso porque e2 e L1/E1 deslocam-se dos estatutos modais de sujeitos que *seriamente* reivindicam a cloroquina ou a medida cientificamente embasada.

Esse deboche é *equilibrado* com o aspecto de seriedade exprimido na sutil denúncia de Slow, ao mostrar, na tela, uma fotografia representando o conchavo do governo com as organizações mencionadas na linha 11. É denúncia porque a foto (Figura 9; tempo 9 m 51 s do vídeo) funciona como uma exposição do tipo acusação, ainda mais por ela estar em tela cheia.

Figura 9 – Foto de uma coalizão apresentada no vídeo de Slow (2023)



Fonte: captura de tela de Slow (2023).

Slow poderia muito bem ter apenas descrito essa rede de conluio pelo plano verbal-vocal. Então, em virtude de a foto expressar a tópica da indignação autoatribuída, ela invoca a cenografia do documental, portanto uma cenografia da seriedade. Já a derrisão aliviadora – do “cloroquina de Jesus” – toma como objeto o e2 *constrangedor*, situando Slow em outro estrato modal, aquele da tópica da alegria. Isso tudo revela que o trabalho modal e de encenação das emoções visa à encenação do **equilíbrio entre o alívio via deboche e a seriedade deôntica da indignação** na economia estésica do vídeo; encenação plural da subjetividade.

Na AM12, temos, ainda, a *grande força* de e2 evidenciada na expressão “looping infinito de propaganda falsa de remédio que não funciona” (linha 6 da AM12). Essa nomeação está encaixada no seguinte contexto (linhas 4-6; AM12), como continuidade da discussão sobre o isolamento do Brasil: “Enquanto as redes de tudo o quanto é país viraram as páginas em relação à bendita cloroquina aqui no Brasil a gente entrou *num looping infinito de propaganda falsa de remédio que não funciona*”. O que esse anafórico (em itálico) descreve é a situação que a alteridade, e2, causou no *nós*. Esse enquadramento de que *eu*, L1/E1 e outros, são vítimas, fica mais evidenciado se observado em cotejo com outros recursos do texto – a emoção de

estupefato em “cloroquina de Jesus”; a proeminência prosódica em “se isolou” (linha 2) e “espalhando desinformação” (linha 13) etc.

Ratificando esse enquadramento com base em Charaudeau (2010), o percurso narrativo e patêmico parte de uma dor, desencadeada pelo actante e2, cujo ato de dor coloca L1/E1 como vítima moral, além de que essa dor é apresentada de maneira elocutiva; compatibilizando, aqui, a figura da vítima com a tópica da dor. O fato de a dor ser do Brasil e do “a gente”, nessa *mise en scène*, é um elemento passível de aumentar a sensibilização no público-alvo, em favor da causa de L1/E1, contra os antivax. É mister acrescentar que essa montagem adquire traços sobrepostos da tópica da indignação, devido às outras marcas do cotexto.

Continuando os apontamentos sobre o enquadramento pela narrativa e pela referenciação, é hora de observarmos o discurso que vem logo em seguida a este até agora examinado, logo depois da imitação referente à carta de baralho, que finaliza o bloco 1 de *Como o Brasil se isolou do resto do mundo?*. Importa observar algumas ocorrências do bloco 2 dessa mesma seção, também relevantes quanto a esses enquadramentos. O bloco 2 é iniciado no tempo 10 m 6 s, como mostra a transcrição pertinente para análise, a seguir.

AM13	
	10 m 6 s a 10 m 52 s <i>Como o Brasil se isolou do resto do mundo?</i> (bloco 2)
1	((título de notícia em miniatura na tela)) O que levou, por exemplo, a um faturamento
2	de 1 bilhão de reais das grandes farmacêuticas vendendo kit covid só no ((um com o
3	o dedo)) primeiro ano da pandemia. ((outra notícia em miniatura)) Uma delas, por
4	exemplo, a Vitamedic aumentou seus lucros de venda de ivermectina em 2020 em cerca
5	((com o braço levantado)) de <2.900%>. Foi a responsável pelas vendas de quase
6	80% das ivermectinas em território nacional e pagou mais de 700 mil reais a ((entra
7	imagem genérica de um médico)) a médicos que topassem sair recomendando
8	ivermectina a torto e direito pros seus pacientes, assim como patrocinou um
9	manifesto dos próprios Médicos pela Vida em ((mãos se direcionando para cima))
10	<defesa do tratamento precoce>. ((imitando um antivax falando com alguém))
11	Ô, meu amigo, >vem cá, vem cá<, não fala de vacina, não! Fala que (.) vacina dá
12	autismo. ((close na risada; som de risadas ao fundo)) {rindo} Sempre funciona.
13	Ô, recomenda esse remédio aqui pra gente, depois ((mão próxima à boca)) confere lá na
14	tua conta e bora aproveitar que esse <MAR TÁ ((braços para cima)) PRA PEIXE> .
15	((imagem de muitos peixes, aparentemente mortos; tela em preto e branco)) a:::h.

O PDV narrado se dá em uma sequencialidade em que outro enunciador, no caso a indústria farmacêutica (codificada como e4) é a causadora inicial da agência de e2, uma força *por trás* de e2. Elementos verbais, prosódicos e visuais, nesse contexto da AM13, indicam o

enquadramento pela degradação, mas um enquadramento que dramatiza ainda mais o sentido de degradação, por meio de uma pec2 (de força ilocutória), conforme veremos na sequência.

Concentremo-nos em como essa degradação se manifesta na recategorização “esse <MAR TÁ PRA PEIXE>” (segmento 14). O ato designado como “um faturamento”, mencionado no segmento 1, é recategorizado nesse item lexical, e de uma maneira multimodal, nos segmentos 14 e 15, o que contribui para o enquadramento – traços adicionais da veridicção E1 – dessa lucratividade que é, na pec basilar, imputada a e4. Já antes de “esse <MAR TÁ PRA PEIXE>”, a expressão “<2.900%>” (linha 5), por exemplo, dessa mesma cadeia anafórica, colabora para a dramatização. Nesse caso, a lucratividade é pronunciada em desaceleração, para ampliar o *impacto* desse objeto de discurso. Mas focando em “esse mar tá pra peixe”, explicitada dentro de uma fala atribuída a e4, isto é, em uma simulação de um PDV representado, temos que essa recategorização se dá mediante metáfora e intertextualidade, recuperando a expressão popular “o mar está para peixe”. O mar seria o campo mercadológico para e4 (as vendas de ivermectina), e o peixe corresponde aos lucros de e4. Assim, “esse mar tá para peixe”, tal como conceptualizado nesse contexto específico, significa que a lucratividade dos conluios com desinformação está garantida.

Porém, o e4 que emerge nessa metáfora é contrariado por L1/E1 devido à **ironia multimodal** que imediatamente se instala sobre esse anafórico lexical metafórico, o que funciona como sobre-enunciação do PDV imputado. É que o “esse <MAR TÁ PRA PEIXE>” – no estrato verbal/lexical –, que carrega a ideia de êxito, é modulado para *não-peixe*, não-vida na imagem que precede esse item lexical, o que é uma recusa, por sobre-enunciação, da fala de e4. Com a recusa, L1/E1 sugere sub-repticiamente que o *mercado não está favorável nesse sentido que os antivax pleiteiam* (o sentido que a pec básica de e4 pleiteia), o que supõe o dito de e4 de que é *o mercado está favorável*. L1/E1 recusa esse sentido estrito de negócio lucrativo (imputação básica), pois, adentrando o PDV narrado, ele amplifica (pec2) o suposto negócio lucrativo, como sendo também um ganho de *mortes*. Essa direção irônica e derrisória é figurativizada nos peixes mortos do ‘mar-mercado’ (segmento 15; última recategorização), simbolizando as pessoas mortas por causa do ‘mar-mercado-desinformação’. Essa proposição contrária a e4, de caráter visual, comparece após a elocução *esse mar tá pra peixe* (Figura 10).

Figura 10 – Ironia em “esse <MAR TÁ PRA PEIXE>” (canal do Slow)



Fonte: captura de tela de Slow (2023).

É por causa da dimensão visual e prosódica que atestamos que L1/E1 contraria, com valor de derrisão, o PDV2, o que faz dessas expressões (segmentos 14 e 15) uma referência irônica: com essas mudanças referenciais, L1 retira de e4 o seu sentido de lucratividade exacerbada e a ideia de simples engodo. Consequentemente, depois da imagem, a anáfora lexicalizada do segmento 14 ganha *nova* recategorização, irônica. Isso porque a imagem (linha 15; Figura 10) engatilha a instrução de sentido de que “esse mar tá pra peixe” é, na verdade, um mar que **não** está para peixe.

Mas a expressão “esse <MAR TÁ PRA PEIXE>” integra um suposto proferimento mais amplo de e4 (segmentos 11 a 15; e não apenas os segmentos 14 e 15, já examinados). Esse conjunto anafórico pertence ao enunciado que inicia com “Ô, meu amigo, >vem cá, vem cá< [...]” (a partir do segmento 11). Passamos, aqui, a redimensionar a análise para esse trecho como um todo, mostrando **aspectos empático-afetivos** desse heterodialogismo.

Caracterizando o dispositivo enunciativo, esse conteúdo de fala (linhas 11 a 15) é a simulação de como e4 locuciona, uma *mise en scène* de PDV representado. Mas essa *mise en scène* do D0 de e4 está à serviço do PDV narrado do bloco como um todo (as ações de e4), pois atua para ampliar o sentido dramático da degradação. Esse aumento deve-se ao efeito de psicologização excedente dos personagens e4, como se L1/E1 estivesse descortinando as *verdadeiras* intenções deles, o seu modo delinquente, embusteiro, inescrupuloso, malandro – como os risos ratificam, no segmento 12 – de efetuar a lucratividade. Isso atribui-lhes o papel actancial de embustes, que é justamente uma das figuras possíveis no quadro da degradação.

Essa imitação teatral (englobando a expressão “esse mar tá pra peixe”) promove a seguinte mudança modal: L1/E1 desdobra-se em e4 na imputação, incorporando e4

teatralmente, mas, ao imitá-lo, aplicando um excedente à hetero-pec, L1/E1 também acaba suspendendo um pouco a sua faceta E1 (desinscrição enunciativa para renovação modal), dando vazão à sua faceta *animador*. Assim, L1/E1 torna-se e4, mas também torna-se outro tipo de L1/E1; dois desdobramentos de sua posição inicial. Nessa questão da contrariedade à noção de *apenas lucro* (pec da verdade, por ironia), também há toda uma insinuação de que e4 não está fazendo a coisa **certa**, como uma avaliação do âmbito das modalidades apreciativas por parte de L1/E1; ou seja, é como se o L1/E1, sobre-enunciador, *avaliasse* e sentisse como errada toda a atuação de e4 (e de e2 também, por consequência), o que se combina com a ideia de e4 como embuste com aquelas qualidades da malandragem, e não apenas como errante¹⁶⁵. A propósito, no que concerne ao sujeito e4, ele é também modificado, porque reinventado em uma figura parodística (um primeiro nível de sua identidade interna), tendo em vista o excesso teatralizado, o “a:::h”, os risos etc. Então, e4 sai de sua posição como sujeito que *seriamente*, e até ameaçadoramente, reivindica a (faz *prise en charge* da) desinformação, da liberdade individual etc. O e4, no fim das contas, recebe duas identidades: (i) a de enganador inescrupuloso (para além de um simples negacionista), pela pec da verdade e pela pec apreciativa, na ironia, e (ii) de parodiado, debochável, por outra pec apreciativa, dada pelo L1/E1 animador/debochado.

Tendo sancionado e4 pela pec apreciativa (avaliação das condutas de e4), levando às duas recategorizações (a primeira, no uso de “esse mar tá pra peixe”, e a segunda, da ironia visual também de sobre-enunciação), L1/E1 extrapola as potencialidades do PDV narrado. Com isso, ocorre uma *miniempatia*, que se verifica no fato de Slow encenar a tal ponto a lógica mercadológica que até simula esse código mais informal, *do mar está para peixe*, constituindo um efeito de plausibilidade, a fim de dramatizar mais o PDV imputado. Isso ajuda na *prise en charge* de modalidades apreciativas, contra e4. Essa plausibilidade decorre, mais amplamente, do exagero na imputação; por exemplo, os risos (linha 12) e os gestuemas (segmento 14) de e4, sugerem que este tem *leveza* em *simplesmente comprometer vidas*, estando seguro de si; por isso a pec apreciativa indignada que mira no *inescrupuloso* especificamente.

Para além dessa *miniempatia*, o excedente na representação de e4 acontece no bloco como um todo (na AM13 como um todo). Similarmente àquela imagem das entidades de classe em conluio com o governo (Figura 9), aqui também temos o processo no qual o enunciado verbal apresentando os médicos, também e4, como beneficiários e aliados, acarreta a figura em miniatura identificadora de um médico mediante contornos ou silhueta (linhas 6 e 7, AM13). A simples presença da miniatura, graficamente indicando um médico qualquer, mas sem o

¹⁶⁵ Isso se combina com a indignação (de que falaremos) presente nesse enunciado, pois ela implica o julgamento moral, indicando a percepção de que o denunciado desviou-se da doxa, como aprendemos com Lima (2018).

preenchimento interno – correferencial a “médicos” (linha 7) –, aponta que a má conduta dessa categoria é motivo de surpresa, como algo intrigante, centro do interesse. É como se Slow estivesse, de modo desapontado, *mirando* o papel dos médicos. Então, nessa dramatização pela miniatura, L1/E1 se autoatribui a indignação (tópica da antipatia), ao apontar o contrato quebrado pelos médicos. Em suma, vários elementos da modalização em heterodialogismo vão ajudando a incutir no espectador a ideia de que e4 (e, por consequência, e2) é um problema.

Com esse arcabouço patêmico, que põe em realce e4 como um certo tipo de embusteiro, como caricaturado e como objeto de indignação, temos que, por consequência, a empatia de L1/E1 dirige-se às *vítimas* (vítimas *por causa* de e4) tanto em sua presença delocutada (os ‘peixes-vítimas’ do ‘mar-mercado’) quanto na presença dos espectadores, que seriam potenciais vítimas ou compadecidos com a causa, já que o discurso de L1/E1 apresenta esses elementos de fazer-sentir (causar indignação) já referidos. A primeira e grande evidência dessa empatia é o excedente que acontece na recategorização/enquadramento multimodal do *mar (não) está para peixe*, que imputa a e4 a consecução de mortes, com o agravante do cenário das malandragens, da leveza nos cálculos de custo-benefício.

Isso leva ao *ethos* de humanidade de Slow, projetado para que os destinatários (incluindo e2.esp.) igualmente tomem partido dessa humanidade, a partir da *prise en charge* nascente/embrionária/implícita deles de valorização da vida. Nesta perspectiva, Slow coloca-se, empaticamente, no lugar sobretudo daqueles sujeitos já filiados a E1 (e1.esp.) e com os indecisos, pois os considera como também aderidos a essa humanidade, empatizados com as vidas perdidas. Esses enquadramentos, como marca da empatia, estariam unindo L1/E1 e seu público na tópica da indignação contra e4/e2. Aproveitam-se, assim, as condições de indignação, de humanidade¹⁶⁶, de compaixão (tópica da simpatia), para com as vidas humanas em geral, dos e1.esp. e dos indecisos (a incluir e2.esp.)¹⁶⁷.

Valendo-nos das categorias de patemização (Charaudeau, 2010), em Slow sendo a instância empatizante, podemos estender-lhe o papel de observador-testemunha de uma

¹⁶⁶ Compativelmente a essa conexão forte entre emoções e *ethos*, Charaudeau deixa claro o quanto a indignação é facilmente inclinável a um apelo por humanidade; o que estamos designado como *ethos* de humanidade, também conforme Charaudeau (2006). Diz o autor: “A indignação, por exemplo, pode ter uma base racional que se instaura em uma apreciação da situação, mas pode também provocar uma reação de raiva não racionalizada. Além disso, ela pode ou ter um efeito paralisante, e até mesmo levar a uma angústia, ou, ao contrário, ter um **efeito acional (o humanitário)**” (Charaudeau, 2010, grifo nosso).

¹⁶⁷ Ora, conforme Lima (2018), a indignação pode dirigir-se a um outro não presente na interação, tal como se aqui vislumbramos pela gestão enunciativa. Além disso, de acordo com a pesquisadora (2018), a indignação assenta-se em **valores** e julgamentos morais, que são verificados na análise recém apresentada, como, por exemplo, no suposto agravante de a ação ofensiva ser um mero custo-benefício (em e4) e na ideia de valorização da vida (por L1/E1). Consequentemente, o desenho do movimento narrativo-patêmico daí resultante (com esse modo estético do indutor da ofensa, com a representação também da vítima etc.) pode tornar a indignação persuasiva.

injustiça, o que o coloca em uma atitude patêmica de antipatia, na sua relação com e4/e2. Em paralelo, os enganados são os empatizados, o que contempla os espectadores (e2.esp. e outros), como potenciais enganados, devido aos enquadramentos teatrais, ao tecnografismo. Mais do que isso, os sujeitos em empatia (L1/E1 e os e1.esp., conforme já descrevemos) são, além de focalizadores-testemunhas, também vítimas. E o perseguidor, sendo e4, é construído por meio dos interstícios enunciativos desses enquadramentos. Já a compaixão, por seu turno, derramada sobre as vítimas e sobre os espectadores, refere-se à tópica da simpatia por parte de L1/E1 e seus *aliados* (e1.esp.), o que levaria esse grupo a mentalizar uma *ajuda* aos enganados (e2).

De fato, vemos que a teatralização (segmentos 11 a 15), com as risadas e com afirmações consideradas fortes como *'fala que vacina dá autismo'*, seguida de *'sempre funciona'*, põe em realce as preocupações de e4 tão-somente com o lucro para os seus negócios, algo que a metáfora *esse mar tá pra peixe* condensa. Essa configuração visa a fazer com que o espectador se irrite com e2 e e4, o que comprova que L1/E1 faz heteroatribuição de valores e afetos que habilitam os tu-destinatários à antipatia. Há um pacto da 'irritação-indignação'; do contrário, L1/E1 teria mantido a distância, a precaução, com um tom de neutralidade. Ao mesmo tempo, é preciso pensar no trunfo que o humor da teatralização proporciona para Slow, oportunizando a ele a faceta animador. Com o modo humorístico da teatralização, o youtuber tem a vantagem de exprimir que e4 foi responsável pelas mortes, mas sem afirmar explicitamente isso, protegendo-se, então, juridicamente. Entra em jogo a responsabilidade enunciativa naquele sentido mais abrangente, como algo ligado a questões éticas.

Tendo finalizado o exame do vídeo do canal do Slow, apresentamos a seguir a análise do segundo vídeo do *corpus*, do canal Nunca vi 1 cientista.

4.2 Nunca vi 1 cientista

Analisaremos agora o episódio intitulado *Ivermectina – o que diz a ciência? – um papo sobre evidência anedótica* (Freitas, 2020), do canal de DC Nunca Vi 1 cientista (NV1C). O fim discursivo do vídeo é fazer-creer que não há evidências para a ingestão do medicamento ivermectina para o tratamento da covid-19 e explicar (e instruir) como combater evidências anedóticas. O mote do episódio é o espalhamento, nas redes sociais, do discurso que considera a ivermectina um medicamento milagroso para tratamento da covid-19. O mesmo formato empregado no vídeo do Canal do Slow se aplica aqui: como vlog, a divulgadora Laura Marisa de Freitas fala diretamente para a câmera. De fato, a presença física é apenas de Laura na condução do vídeo, embora até o início da pandemia as apresentações orais fossem compartilhadas com Ana Bonassa, bióloga companheira de Laura nesse projeto; a pandemia fez com que elas implementassem as gravações separadas.

A transcrição completa e o link de acesso a esse vídeo que será agora examinado são encontrados no Apêndice B (página 326). Mesmo assim, para complementar, a sumarização retórica, a seguir (Quadro 7), já permite uma espécie de resumo do vídeo, pois sistematiza os movimentos retóricos dessa fala de Laura, para os propósitos específicos da análise. Apesar disso, os trechos de transcrição relevantes para a análise serão reproduzidos entremeados com a exposição analítica. O tratamento dado às seções que colocam sob escrutínio esse vídeo é um pouco diferente do procedimento no vídeo do canal do Slow; agora, as seções de análise (ou eixos temáticos) correspondem, cada uma, a *uma* Amostra particular, conforme as partes do vídeo (um bloco ou mais de um bloco) consideradas relevantes. Depois do Quadro 7, passamos, então, para a análise.

Quadro 7 – Macroestruturação retórica e resumo do vídeo de NV1C

até 49s	Exórdio. Fazer-saber (contextualizar) a informação básica sobre o que já é estabelecido na ciência sobre a ivermectina. Captar o espectador, destacando os aspectos patêmicos do tema do vídeo.
	PARTE 1. Fim discursivo nº 1: Fazer-creer que não há evidências científicas para a ingestão de ivermectina para o tratamento da covid-19.

<p>53 s a 1 m 10 s (começa seção <i>como surgiu a ivermectina</i>).</p>	<p>Narração nº 1. 53 s a 1 m 10 s: bloco 1. 1 m 11 s a 1 m 22 s: bloco 2. 1 m 23 s a 1 m 36 s: bloco 3. 1 m 37 s a 1 m 57 s: bloco 4. 1 m 58 s a 2 m 15 s: bloco 5. Esses trechos apresentam a situação em que nos encontramos quanto à ivermectina, com os fatos consagrados, não polemizados, sobre reposicionamento de fármaco (inclusive, aplicado à ivermectina).</p>
<p>2 m 16 s a 3 m 9 s (finaliza a seção <i>como surgiu a ivermectina</i>)</p>	<p>Narração nº 2: Segmentos 33 a 40: Expõe o precedente para o uso de ivermectina para covid-19: o estudo com células.</p> <p>Altercação ou digressão (para descontrair): Segmentos 40 a 44.</p> <p>Confirmação nº 1: Segmentos 38 a 44: Prova que a ivermectina não é algo razoável para covid-19, pela prova <i>mata a célula</i>. Portanto, <u>prova e refutação principais do vídeo</u> (reiterada, depois, no trecho 6 m 26 s a 7 m 8 s).</p> <p>Narração nº 3: Segmentos 45 a 48: o conhecimento sobre o que é consenso científico, como requisito para continuar o vídeo.</p>
<p>3 m 10 s a 3 m 21 s. (começa seção <i>artigo científico</i>)</p>	<p>Predomina Confirmação nº 2: Refuta a tese de que um único estudo é suficiente para endossar o reposicionamento da ivermectina, levando à evidência de que a ivermectina não funciona para covid-19, o que é a tese do vídeo.</p>
<p>3 m 22 s a 4 m 3 s</p>	<p>Idem. Confirmação nº 2.</p>
<p>4 m 4 s a 4 m 20 s</p>	<p>Narração nº 4. Mostra o que o adversário está fazendo diante dos fatos, ou seja, que, para ele, um único estudo já serviu para nortear sua adesão à ivermectina. É a história das <i>justificativas</i> de adesão.</p>
<p>4 m 21 s a 4 m 30 s</p>	<p>Narração nº 5: Continuidade da história das alegações do adversário para sustentar o uso irrazoável da ivermectina.</p>
<p>4 m 31 s a 5 m 4 s</p>	<p>Confirmação nº 3. Provas contra a justificativa da pressa, do adversário. Refuta o argumento da pressa.</p>
<p>5 m 4 s a 5 m 25 s</p>	<p>Confirmação nº 4. Refuta que a ivermectina funciona para covid-19 por meio da prova: falta de extensos dados de um estudo planejado que sustentem esse reposicionamento da ivermectina.</p>
<p>5 m 26 s a 6 m 3 s</p>	<p>Confirmação nº 5. Refuta a ideia de que a ciência está despreocupada com o problema. Prova que há, sim, estudos clínicos sendo feitos, com testes com a própria ivermectina.</p>
<p>6 m 3 s a 6 m 25 s</p>	<p>Confirmação nº 5 (continuação): Com base nos estudos citados, provas de que já existem, sim, orientações concluídas sobre o que dá ou não para tomar.</p>
<p>6 m 26 s a 6 m 33 s</p>	<p>Confirmação nº 6 (atualiza a Confirmação nº 1). Refuta o oponente ao dizer que a ivermectina é comprovadamente não funcional para covid-19, por meio da prova: <i>ao eliminar o vírus, a célula também morre</i> (estudo da USP). Portanto,</p>

	Segmentos 38 a 44 de 2 m 16 s a 3 m 9 s e o tempo 6 m 26 s a 7 m 8 s: <u>a posição principal do vídeo.</u>
6 m 44 s a 7 m 8 s	Confirmação nº 6 (continuação): Desenvolve a Confirmação anterior: a ideia de célula que morre.
7 m 8 s a 7 m 25 s	Narração nº 6: Expõe o dado de que uma dose de ivermectina é suficiente (e que mais de uma dose é algo perigoso).
7 m 26 s a 7 m 47 s	Narração nº 7: Narra que muitas pessoas têm tomado mais de uma dose, em função da covid-19. Confirmação nº 7: Refuta esse posicionamento (e procedimento) de tomar mais de uma dose.
7 m 48 s a 8 m 9 s	Confirmação nº 7 (continuação): continua refutação anterior.
08 m 10 s a 8 m 20 s	Idem. Confirmação nº 7: continuação.
8 m 21 s a 8 m 34 s	Confirmação nº 8: Refuta a suposta razoabilidade de se estocar ivermectina em casa.
	Finaliza o fim discursivo nº 1.
	PARTE 2. Começa o fim discursivo nº 2: Explicar sobre efeito placebo e instruir o público a não aderir a ele.
8 m 35 s a 8 m 54 s (começa seção <i>efeito placebo</i>)	Exórdio nº 2: Expõe sobre as evidências anedóticas que se apresentam nas redes sociais.
8 m 55 s a 9 m 17 s	Narração nº 7: Explica o que é evidência anedótica e seus precedentes na Medicina (o fato de que ela se baseia no efeito placebo).
9 m 18 s a 10 m 0 s	Narração nº 7: Explica o que é efeito placebo. Confirmação nº 9 (intercalada à Narração): Refuta, brevemente, a homeopatia, provando sua atuação como efeito placebo.
10 m 1 s a 11 m 28 s	Confirmação nº 10: Refuta a razoabilidade das evidências anedóticas em geral. Para tanto, vale-se de exemplos hipotéticos, para provar que não é razoável envolver-se com elas.
11 m 29 s a 12 m 11 s	Confirmação nº 11 (e última): Refuta a tese de que alguém ter tomado ivermectina é a causa de ter tido uma melhora notável quanto à covid-19. Para tanto, prova que a ingestão de um medicamento não comprovado só <i>coincide</i> com a melhora.
12 m 11 s a 12 m 25 s (<i>considerações finais</i>)	Idem. Confirmação nº 11 (continuação).
12 m 26 s a 13 m 39 s. Desfecho.	Peroração.

Fonte: elaborado pelo autor.

4.2.1 ‘É só um estudo, mas eu/ciência empatizo...’

Para começar o exame de como L1/E1 se posiciona a propósito de e2 nesse vídeo – para deprendermos, desse heterodialogismo, o benefício, a visada de L1/E1 –, nosso foco inicial será uma parte já mais adiantada do vídeo, na altura do tempo 3 m 10 s. Esse trecho tem o fito

de refutar a tese de que um **único** estudo¹⁶⁸ é o suficiente para avaliar o poder positivo da ivermectina no tratamento de covid-19. A título de melhor contextualização, convém lembrarmos que, antes de 3 m 10 s, a divulgadora propõe-se a uma certa ‘honestidade intelectual’, por assim dizer, admitindo tanto que o reposicionamento de fármaco é factível (que a ivermectina até poderia ser usada para combater o coronavírus) quanto que já existe um estudo científico apontando essa funcionalidade, porém com o resultado problemático de que ele registra a morte do organismo que ingere a ivermectina. Ocorre que os negacionistas se apegaram a esse estudo isolado para defender a ivermectina, como revelado pela divulgadora (momentos antes) pelo uso do termo “empolgação”: “A empolgação sobre o possível ((dedos para cima em “possível”)) efeito da ivermectina sobre o vírus SARS-CoV-2 começou com um ((“um” com o dedo, olhos arregalados)) estudo feito em células no laboratório. O estudo mostrava que, em células, a ivermectina impedia o vírus de causar infecção [...]” (finalização da seção *Como surgiu a ivermectina*; 2 m 16 s a 3 m 9 s; grifo nosso). A ênfase no fato de o estudo ser unitário, nesse trecho, indicia a posição discordante de L1/E1 frente ao pdv2, indicando que, para Laura (L1/E1), a asserção de partida *estudo unitário* é ineficiente para levar à conclusão de e2, que é confiar na ivermectina, pois ele não está levando em consideração o consenso científico (a necessidade de mais estudos para endossar a ivermectina). O consenso científico contradiz as promessas dadas pelo estudo unitário, o que é argumentado nesta Amostra (AM14) que iremos analisar (3 m 10 s; refutação ao estudo unitário, porque ele é insuficiente), mas que já teve esse início de discussão no bloco 2 m 16 s a 3 m 9 s, como mostramos, onde se problematizou o referido estudo.

Feita a contextualização, importa, antes da análise, observarmos que, a partir de 3 m 10 s (nossa Amostra 14; AM14), desenvolve-se melhor essa ideia de que aceitar esse insuficiente estudo ‘pró-ivermectina’ é problemático. Como se observa na transcrição (logo a seguir), a AM14 é constituída, na verdade, de dois blocos; o primeiro inicia-se no tempo 3 m 10 s, e o segundo em 3 m 22 s. Essa divisão resguarda a mudança de enfoque dentro do mesmo ‘tópico-frasal’ da Amostra, mostrando frações da Amostra que refletem uma lógica *paragrafada* (temas e subtemas), o que facilita a análise. Após a transcrição, temos a análise.

	AM14
	3 m 10 s a 3 m 21 s. começa seção <i>artigo científico</i> (bloco 1)
1	Um <u>Ú:::nico</u> , um <u>Ú:::nico</u> ((“único” em letras grandes na tela)) <i>artigo científico</i> , ele <u>não</u>

¹⁶⁸ Esse estudo unitário é a A1 que ajuda a formar o pdv1 e também a sobre-enunciar pdv narrado, pdv2. Esse ato de sobre-enunciar é correlato à Confirmação nº 2 (refutar o apoio no artigo unitário).

2	serve pra afirmar ou desafirmar coisas, tá? Sabe aquela história de que uma andorinha
3	sozinha não faz verão? Então (.), com o artigo científico é a mesma coisa.
	3 m 22 s a 4 m 3 s (bloco 2)
4	<Um estudo sozinho> ((arregala os olhos)), ele vai funcionar pra <apontar> ((sinal de
5	direção com as mãos)) uma direção de como conduzir os próximos estudos.
6	Então, no caso, esse estudo em células com a ivermectina, ele aponta:::va que outras
7	análises precisavam ser feitas tanto pra <confirmar> se o resultado era realmente
8	verdadeiro< ---- porque lembrando que o consenso científico ele só vem depois que
9	vá:::rios pesquisadores <u>independentes</u> , <u>no mundo todo</u> , confirmam o mesmo
10	resultado ---- é, e depois a gente teria que ver se as doses que <u>não</u> são tóxicas para o
11	ser humano conseguiriam impedir a infecção pelo SARS-CoV-2.
12	<u>Se fosse demonstrado que <u>sim</u> que tudo isso que eu falei é verdade, aí sim a gente</u>
13	<u>poderia usar esse medicamento <u>com segurança</u> ((breve arregalar de olhos no “com”)).</u>

L1/E1 formula mais claramente o argumento contra a suficiência do estudo unitário (Confirmação nº 2) por meio da negação polêmica entre as linhas 1 e 2 do bloco 1. Podemos parafrasear essa afirmação como: ‘*um único artigo que foca nas células não é suficiente para a conclusão almejada por e2, a confiança*’. A negação é uma recusa ao conteúdo implícito tido como A1’ – *esse estudo é suficiente* – no referido enunciado, implícito este que corresponde justamente à voz de e2 (PDV narrado imputado a e2). Essa materialidade da negação polêmica constrói uma RE com efeito de certeza, que *não titubeia*, algo importante de ser anotado porque haverá ocorrências com maior concessão e até concessão a e2.

Esse pdv científico contrário à simpatia de e2 ao estudo marca a postura de discordância discordante, de dissenso, de L1/E1. Para além da negação polêmica, o que contribui para esse efeito de sentido de agravo¹⁶⁹ (favorável ao dissenso), de polemização, no bloco 1, são as construções com aparência de interrogação: “tá?”; “sabe aquela história de que uma andorinha não faz verão?”. Ora, L1/E1 faz a réplica de que o estudo unitário é parco e, ao mesmo tempo, *implica* nisto o e2.esp., potencialmente identificado com o implícito recusado, implica-o por meio de uma modalização interlocutivo-ilocucionária que convoca (e desestabiliza) e2.esp. a aceitar a proposta corretiva, de *não ao estudo uno*. Isso porque o “tá” é uma pergunta fechada que, sob a prisma pragmático, apresenta um viés de autoridade. A pergunta a respeito da andorinha também pode ser entendida como uma provocação, devido ao caráter um tanto infantilizante da pergunta. No fim das contas, L1/E1 fixa o agravo na relação de heterodialogização dada nessas perguntas, porquanto elas mantêm a assimetria entre L1/E1 e

¹⁶⁹ Estamos concebendo o agravo como “agravamento de conflitos, visando à ruptura”, antônimo de atenuar, como ato pragmático característico de interações discordantes (Chabrol, 1995 apud Emediato, 2023, p. 41).

e2.esp., impondo que o primeiro sabe mais, que o primeiro é o *ethos ad rem*, de fechamento de qualquer desvio em termos de conjecturas extracientíficas, sendo a fórmula interrogativa “tá?” (pergunta fechada) emblemático disto. Essas construções interrogativas, que bloqueiam os sujeitos e2 de outras opções, mantêm o agravo/dissenso já estabelecido na negação polêmica, refazem a cenografia de um L1/E1 cingindo pela pec da verdade, ao contrário do segundo/interlocutor, destituído da pec da verdade já na própria negação polêmica.

Observaremos mais adiante que, curiosamente, esse dissenso na AM14 cederá para uma operação enunciativa mais negociada com e2. A desmontagem do PDV de e2 é a tal ponto negociada que chega a conter empatia – como mostraremos –, suspendendo a discordância discordante, como atitude estratégica de L1/E1. Para observarmos isto, foquemos, antes de mais nada, no **bloco 2** de *Artigo científico* (3 m 22 s; segmento 4 em diante).

A partir da linha 4 do bloco 2 (o início dele), L1/E1 traz o PDV narrado que narra e3 (o estudo com células, *insuficiente* nessa etapa temática), como se depreende das atribuições de processo verbal a e3. O verbo “apontar” indica que o artigo científico aponta *possibilidades*, e não uma certeza já fechada. Há uma coenunciação quase sobre-enunciadora de L1/E1 em relação a e3, relação que *promove* o PDV1, para benefício de L1/E1, para a RE de que o artigo é algo *preliminar*. Em decorrência da escolha de “apontar”, L1/E1 indiretamente corrige e2. Ou seja, mantêm-se o dissenso em relação a e2, a partir do que se entende do e3. O verbo “apontar” – nas linhas 4 e 6 – é a grande marca do dissenso nesse estágio, semiotizando a substituição à ideia de estudo *conclusivo* (em substituição a algo sub-reptício no PDV2: *o estudo conclui, o estudo assevera*). Assim, substitui-se a concepção segundo a qual o e3 fecha o debate por uma nova concepção, a de que não fecha. Com isso, a pec2 que incide sobre esse PDV1 retificativo é, de novo, a pec da verdade, congruente à modalização objetiva que assevera o PDV1.

Convergingo para essa pec assertiva do PDV1, temos as proeminências prosódicas. Por exemplo, o alongamento de fonema (no segmento 9; “vá:::rios”) marca uma busca de força persuasiva por parte de Laura. A ênfase epistêmica acontece também no segmento 4, no verbo “apontar” (oposto ao *fechar*, PDV2), que é, aliás, acompanhado de uma gestualidade para chamar atenção de e2.esp. justamente para o agravo em ação. Laura vai demonstrando, assim, que as certezas favoráveis à ivermectina dependem de experimentos futuros. Na verdade, vários elementos paraverbais, em especial as proeminências marcadas pela convenção “_” (linhas 4, 7 e 9) produzem o efeito de **asseveração da abertura a pesquisas futuras**, modalizando o PDV1 pelo eixo pec da verdade (modalização objetiva), visto que o PDV1 é o substituto retificativo. Tudo como sintoma de uma ‘labuta’ contra a posição PDV2.

Esses são os recursos do heterodialogismo interno para refutar de maneira mais francamente dissensual o PDV2. Mas, nesse mesmo bloco, indo para o final, para o segmento 12 (o penúltimo do bloco), que vai fechando a refutação do e3, uma **concessão** é realizada por parte de L1/E1, fazendo de Laura uma instância empatizadora para com seu oponente. Para ilustrar que a ivermectina só pode dar certo mediante estudos exaustivos (linhas 12 e 13), Laura adiciona o argumento condicional, um enunciado contrafactual, pois, na chave modal do possível, do conjecturável, ela enuncia: *‘ok, está bem, o ser humano poderá, sim, usar ivermectina se ficar evidente, para todos, a confirmação desse estudo unitário preliminar’*. Em proveito da empatia, o mecanismo é L1/E1 colocar-se no lugar do e2 esperançoso, já que ela utiliza o pronominal “a gente” como instância que elabora a hipótese *‘sim para a ivermectina’*. Em o focalizador sendo “a gente”, a RE contrafactual é compartilhada com e2, com L1/E1 coenunciando esse PDV contrafactual, já que ele provém de outro lugar, desviando L1 de seu PDV principal. O “a gente” indica que a conclusão almejada (A2’¹⁷⁰: *a ivermectina é eficaz*, como conclusão do PDV2) agora é, também, de L1, por força da hipótese. Temos agora L1 modalmente aderido a outro pdv, do possível e2, um L1 __. É sintomática a repetição da palavra “sim”, como concessão (linhas 12 e 13), pois indica a breve empatia, assentada em uma encenação, que é do tipo coenunicação; uma concessão a e2. Para tal empatia, o PDV1 é posto em suspenso curiosamente dentro de um trecho de refutação (Confirmação nº 2).

Essa empatia pode ser explicada como um ato de compensar o prejuízo a e2.esp., pois, desde o início do vídeo, a locutora foi apenas anulando a validade do PDV2, e, então, esse enunciado contrafactual seria uma forma de mitigar o conflito com e2. Por isso, L1 funde-se a um e2 que deseja a viabilidade da ivermectina (como visada, no contexto da percepção prevista pelo PDV2). Esse movimento é uma estratégia para equilibrar o clima da interação – com o e2.esp., tu-destinatário –, buscando pôr em cena uma face positiva de Laura, já que a face negativa (das teses que desagradam e2.esp.) já está posta. É como se Laura dissesse: *‘veja, sou também humana, sei da tua esperança com esse estudo’*. Apostar no estudo, nem que minimamente, é uma maneira de a divulgadora sugerir que ela não é *fria* (como um e2.esp. poderia supor, após aquela série de critérios que nos afastam da ivermectina para covid-19). Assim, L1/E1 heteroatribui a e2 e se autoatribui a tópica da esperança.

Passemos, agora, à investigação do próximo eixo de análise.

¹⁷⁰ Como já explicado, sempre a premissa contendo apóstrofo é aquela pertencente ao *mundo* de e2.

4.2.2 PDV-muralha da ciência contra as justificativas de e2

Examinaremos agora as Narrações 4 e 5, o que abrangerá dois blocos textuais, entre o tempo 4 m 4 s e 4 m 30 s. Essas Narrações, como indicado no esquema da organização retórica, mostram as alegações específicas do oponente para se sustentar na ivermectina – o sim à ivermectina –, e são pronunciadas após a Confirmação nº 2. Nesses blocos de Narração, a divulgadora Laura, L1/E1, imita teatralmente a insistência do e2 em crer na ivermectina ignorando os dados científicos (já discutidos até aquele momento no vídeo). Ela delimita essa imitação nas aspas (vide o segmento 4, a seguir), sendo que o objeto da imitação são “as pessoa”, tal como nomeado no começo (segmento 2), termo que se refere a e2. E a representação teatral prolonga-se até o segmento 4 do bloco 4, vide transcrição.

AM15	
	4 m 4 s a 4 m 20 s ainda seção <i>Artigo científico</i> (bloco 3)
1	((agudo)) ((olhos arregalados, franzir de testa no começo)) Só que essas etapas foram
2	completamente ignora:::das. Aí as pesso:::a (.) ((tom de perplexidade, “as pessoa” na
3	tela)) saíram distribuindo ivermectina e mais um <u>monte</u> de coisa num troço que
4	chamaram de kit covid com a ((fazendo aspas com a mão)) <u>justificativa</u> ((Joey na tela
5	a partir de <u>justificativa</u>) de que a gente tá <em guerra> ((aspas com a mão até
6	“morrem”)) e que não podemos ficar esperando testes científico demora:::dos enquanto
7	as pessoas <u>mo:::rrem</u> .
	4 m 21 s a 4 m 30 s continua <i>Artigo científico</i> (bloco 4)
1	E aí outras justificativas ((aspas com a mão novamente para cada formulação de l2/e2))
2	vieram como (.) ((começa tom mais agudo)) eu já tomei e me cure:::i; meu vizinho
3	tomou e não pego:::u ((ainda tom mais agudo)); ou melhor tomar isso do que não
4	tomar na:::da ((olhar de desaprovação no final do trecho)).

Como é o dispositivo enunciativo envolvido nessa teatralização? Os dois blocos, em união, podem ser concebidos como um trecho de PDV narrado imputado, a despeito do PDV representado entreposto. Isso porque, observando o plano global dessa Amostra, L1/E1 está retratando o modo de agir de e2. Isso é corroborado pela atribuição de processo verbal a e2 nos segmentos 2 e 3 (“as pesso:::a saíram distribuindo”), cuja narrativização funciona para qualificar o actante e2 pelo traço do desatino, da *doidice*. O mesmo vale para o modo de menção a esse actante na linha 2 (“as pesso:::a”), pois essa particularidade de concordância, embora remeta à sobre-enunção efetuada por L1/E1, põe em cena, pelo L1 relator (suspenso quanto ao PDV1), o traço *povão em desatino* – digamos assim –, como agente do processo imputado.

Segmentos que simulam PDV representado estão encaixados dentro desse PDV narrado, especificamente nos enunciados mais propriamente delocutivos e atribuídos a um l2/e2 (nesse caso, um *l*). É o que aparece em “um troço que *chamaram* de kit covid” (foco no verbo *dicendi*) e em todos os enunciados que estão sob o signo das aspas, caracterizados como “justificativas”. Valendo-nos dos critérios de Charaudeau (2009) para atestar um discurso relatado (DR), o que confirma com mais peso o DR (PDV representado) na AM15 é o *tipo de distância* do Locutor (do L1/E1 relator), pois fica clara a encenação de não-intervenção do L1/E1 no conteúdo do enunciado de origem, embora o *modus* sinalize, suplementarmente, a não-adesão de L1/E1 em relação ao D0 sob responsabilidade (quase-pec) de e2. O que importa é que a distância por parte de L1/E1 é o sintoma de um discurso de origem não amalgamado à situação de enunciação do locutor relator (L1), sendo o DR um enunciado que é *retomado* por L1. Esses elementos de PDV representado amparam a ideia de que há, sim, um nível de visada informativa sobre o PDV2: o ato de trazê-lo à baila com certa *neutralidade*. Mas, é claro, essa camada informativa – uma das camadas na AM15 – vai aos poucos, sutilmente, sendo sobre-enunciada; de todo modo, esse estatuto embasa a ideia de que há, sim, *imitação*: o ato *reproduzir um D0*.

Cumpramos assinalar, desde já, que esse D0 de e2 que constitui a AM15, tal como retratado, é tido como o mote da ‘reação-resposta’ que é mais bem formulada em sequências posteriores. Assim, o discurso no bloco a partir de 4 m 31 s (a próxima AM que analisaremos) tomará as Narrações 4 e 5 (blocos 3 e 4, agora sob escrutínio) como objeto/alvo da ‘resposta-réplica’.

Verificando o papel de L1/E1 agora como sobre-enunciador (L1/E1, de fato), modalizando o DR, temos que os segmentos 1 a 4 do bloco 3 (precisamente até “chamaram de kit covid com a [...]”, imediatamente antes do aparecimento da figura imagética de Joey Tribbiani) compreendem um PDV imputado *sobre-enunciado*, ao passo que a parte seguinte (a partir de “justificativa”, marcando o aparecimento de Joey, e indo até o trecho final, em 4 m 30 s) é cingida pela posição de *discordância discordante* por parte de L1/E1. Na verdade, o que estamos dizendo é que a AM15 manifesta as duas posturas enunciativas. Por um lado, L1 mediatiza o discurso e2, sobre-enunciando-o, na medida em que traz a relação predicativa supostamente *fiel* de e2, por ‘sinceridade informativa’: as justificativas dele. Mas, por outro lado, o dissenso é constante nos interstícios dessa mediatização via DR, quando, por exemplo, ao se relatar que e2 sente que está em uma guerra (pronunciando “a gente tá <em guerra>”, linha 5), L1/E1 se manifesta prosodicamente indicando desacordo, pelo deboche. Parece que a partir da figura de Joey, o dissenso é mais marcado, graças à animação Joey como um esforço maior para contradizer o PDV2 que justifica.

Investigando o papel da sobre-enunciação, vamos nos debruçar em como L1/E1 sobre-enunciador se comporta nessa AM¹⁷¹, reformulando sentidos do PDV2 para o seu propósito do vídeo. Por exemplo, quanto à modalização objetiva (PEC da verdade), L1/E1 reitera o antagonismo contra e2, demarcando, já no relato, que a sua posição própria (o PDV1) está em outra chave epistêmica. O (des)crédito epistêmico se realiza por intermédio de diferentes elementos textuais (a entonação e a ironia, por exemplo, como veremos), que ratificam a pec da verdade (a atitude de tratar e2 com menos crédito), mas ajudando no dissenso sempre à vista (principalmente a partir da animação de Joey, como marco de uma maior polemização).

Como primeiro fator da modalização objetiva, o lexema “troço” (linha 3) desenvolve uma reinterpretação do PDV imputado, indicando não só o posicionamento de L1/E1, mas também indicando a argumentatividade que se busca incrustar **no** PDV imputado. O termo “troço” faz reformulação categorial (é recategorização): o que no espaço e2 seria nomeado como ‘*medicamentos*’ ou ‘*kit covid*’ é modificado para “troço” pelo L1/E1 interventor/sobre-enunciador. Laura interfere afirmando que o objeto de discurso é “troço”, o que fá-la aparecer pretensamente como sujeito da verdade (modalização objetiva sobre o conteúdo em disputa). No mesmo encaço, “troço” qualifica negativamente a ‘fala-cognição’ outra, de e2, e isso pelo viés tanto da pec das modalidades apreciativas, como pelo descrédito ao PDV2 no eixo da pec da verdade. Enfim, o trecho em pauta (“troço que chamaram de kit covid”), respeitando-se, sim, o relato (l2/e2 como sendo o que chama algo desta ou daquela forma), é encaminhado a um enfraquecimento no que tange à sua pec da verdade.

Ainda no que tange à pec objetiva incidindo sobre os PDVs em heterodialogismo, temos aqueles enunciados mais propriamente delocutivos que estão sob a insígnia das aspas e o ato ilocucional “justificativa” (a partir de “com a justificativa” – segmento 4 em diante, transcrição a seguir, novamente –, com a primeira ocorrência de Joey, aumentando o dissenso). A partir desta parte, o realce é o argumento do e2 (no seu DR) na mais precisa acepção de A1’, pois são mostrados os seus entimemas, como ‘*estamos em guerra, logo recorramos à ivermectina*’, que desenvolve o raciocínio ‘*estamos em guerra, logo a solução precisa ser imediata*’.

	4 m 4 s a 4 m 20 s	ainda seção <i>Artigo científico</i> (bloco 3)
1	((agudo)) ((olhos arregalados, franzir de testa no começo))	Só que essas etapas foram
2	completamente ignora:::das. Aí as pesso:::a (.) ((tom de perplexidade, “as pessoa” na	
3	tela)) saíram distribuindo ivermectina e mais um <u>monte</u> de coisa num troço que	

¹⁷¹ L1/E1 sobre-enuncia o PDV2 por meio de variados recursos, alguns dos quais serão descritos aqui. A sobre-enunciação aí consiste em tentar mostrar aos destinatários do vídeo qual é o *verdadeiro teor* do PDV2, qual é a leitura *adequada* que se deve fazer dele; trata-se, principalmente, de insinuar que e2 faz parlatório, como veremos.

4	chamaram de kit covid com a ((fazendo aspas com a mão)) <u>justificativa</u> ((Joey na tela
5	a partir de <i>justificativa</i>)) de que a gente tá <em guerra> ((aspas com a mão até
6	“morrem”)) e que não podemos ficar esperando testes científico demora:::dos enquanto
7	as pessoas mo:::rem.

Chama atenção, nesse heterodialogismo que mediatiza o conteúdo sob aspas (e que consiste em *justificativas*, como delocutivo), a ambiguidade ironizante impetrada pela divulgadora, na medida em que, ao longo das asserções imputadas (incluindo o bloco 2), ela as julga com descrédito. Tal descrédito se dá pelo emprego de aspas ambíguas, que, indicando DR, servem principalmente para cingir o discurso de e2 com o tom do deboche¹⁷², descredibilizando e2 epistemicamente (pela pec da verdade), e não apenas pela pec apreciativa. Apontemos melhor como se dá essa **ambiguidade ironizante multimodal**; focando primeiramente ainda na pec da verdade (a modalização objetiva que atua sobre o PDV2).

Qualificar o ponto de vista de e2 como justificativa já inscreve um L1/E1 que sobre-enuncia o PDV. O ato ilocucionário do D0, *justificativa*, ganha uma certa ênfase melódica no segmento 4, em sua primeira ocorrência, tanto pelo aspecto prosódico quanto pelo destaque que recebe por meio da animação referente a Joey Tribbiani¹⁷³. Inclusive, o termo “justificativa” é repetido no começo do bloco 4, em uma nova leva de justificativas (A1’), o que não é à toa. O que o termo “justificativa” sugere, no fundo?

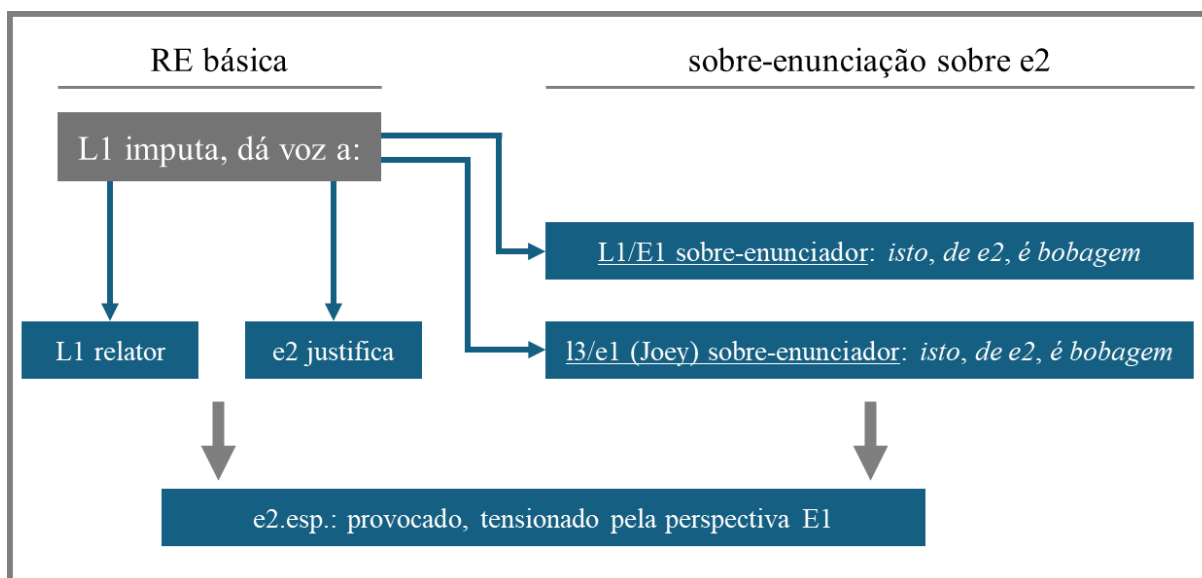
Na primeira ocorrência (linha 4), em particular, esse ato locucional pode ser entendido, por um lado, como uma forma de mediação neutra do DR (ratificando o que já falamos antes sobre a presença do DR e da sobre-enunciação *ao mesmo tempo*). Mas, por outro lado, devido ao tom de derrisão que a prosódia e o meme de Joey lhe conferem, o “justificativa” adquire também uma função de atitude modal, mediante a qual L1/E1 reinterpreta a fala de e2 como um pretexto, ‘desculpa esfarrapada’ para o negacionismo. No fim das contas, tanto no sentido de introdutor de DR quanto no sentido de desculpinha, essa forma linguística de inscrição de e2 é entendida como alegação (uma não certeza), pois outros termos com significados mais sérios poderiam ter sido usados. Esse ilocucional retira o teor de pec da verdade de e2.

¹⁷² O deboche nesse PDV imputado indica a presença de um L1 desdobrado quanto ao seu posicionamento frente a esse PDV. L1 desenvolve uma atitude pragmática de sobre-enunciação discordante simultaneamente ao pronunciamento da imputação, que, em alguma medida, é a atitude pragmática de neutralidade.

¹⁷³ Joey Tribbiani é um personagem da série de comédia *Friends*, que retrata o cotidiano de seis amigos. Joey é um deles, e tem suas ações marcadas pela busca de entretenimento e lazer (Santos; Budag, 2018), pelos bordões e pela sua gestualidade expressiva, assim como acontece nos outros personagens (Santos; Gomes; Monteiro, 2021). O resultado é cenas dessa série tornando-se objeto de apropriação midiática em memes (Rolling Stone, 2020). A espontaneidade de Joey o torna uma figura frequente em memes nas redes sociais, espaços que resgatam, por exemplo, cenas em que ele faz aspas com as mãos, para também indicar algum novo conteúdo sarcástico/irônico. Isto fundamenta o uso desse personagem nas aspas irônicas que analisamos aqui.

Para além do termo “justificativa” em seu estatuto mais estritamente lexical, L1/E1 ironiza o PDV2 com a multimodalidade à sua disposição, conforme arrolado no resumo no Quadro 8 a seguir, e que explicamos logo depois.

Quadro 8 – Aparato enunciativo da ironia quanto às justificativas de e2



Fonte: elaborado pelo autor.

Como visualizado no Quadro, a AM15 manifesta um dispositivo multienunciadores; e com **dois** enunciadores na sobre-enunciação especificamente, que é o que mais nos interessa. Isso porque e2, instância evocada como a que diz/justifica, no DR, tem sua enunciação dada a ver pelo L1/E1 relator (à esquerda no Quadro), pela pragmática da neutralidade. Não obstante, outro sentido vai se constituindo ao longo dos dois blocos de Narração, representado mais à direita no Quadro. Tal sentido se dá à medida que L1/E1 *suplementarmente* se posiciona frente ao DR, sugerindo que o conteúdo imputado é uma *bobagem*. Para isto, L1/E1 lança mão:

- (i) de uma prosódia especial no modo de reprodução do DR a partir do segmento 4 (a partir de “com a justificativa ((Joey na tela a partir de *justificativa*))”);
- (ii) da animação Joey, em si (com suas aspas próprias, ambíguas);
- (iii) e da gestualidade de L1/E1 de aspas irônicas (no segmento 5, por exemplo).

Esse investimento sobre-enunciante faz com que o eixo mais à direita no Quadro 8 (à direita de e2) seja uma *outra* subjetividade, que não a do relator: ali, L1/E1 é sobre-enunciador, e pendendo para o dissenso (ainda que a camada de visada informativa seja preservada).

No que se refere à prosódia, podemos tratar especificamente do tom mais agudo nos segmentos 2 e 3 – “outras justificativas vieram como (.) eu já tomei e me cure:::i” (grifo nosso) (o contexto disso é reproduzido novamente a seguir, para melhor acompanhamento).

	4 m 21 s a 4 m 30 s	continua <i>Artigo científico</i> (bloco 4)
1	E aí outras justificativas ((aspas com a mão novamente para cada formulação de l2/e2))	
2	vieram como (.) ((começa tom mais agudo)) eu já tomei e me cure:::i; meu vizinho	
3	tomou e não pego:::u ((ainda tom mais agudo)); ou melhor tomar isso do que não	
4	tomar na:::da ((olhar de desaprovação no final do trecho)).	

Essa entonação sugere que a ‘fala-cognição’ de e2 é, *no fundo*, infantilizante e, portanto, um discurso qualquer. Esse parlatório infantilizante é figurativizado, inclusive, como rotineiro (reforçando que o PDV2 é enfadonho), haja vista que o prolongamento de fonemas (linhas 2 a 4), como em “tomou e não pego:::u” indica que esse discurso tosco se repete, se multiplica¹⁷⁴. Identificamos nessas ocorrências o ato de deboche (pec apreciativa) e também de desvalia sob a pec da verdade. No fundo, essas atitudes modais mostram um L1/E1 que intenta *desvendar* o *verdadeiro* e2, expô-lo pela sua infantilidade (e não pela sua credibilidade). Portanto, tais nuances melódicas estão ligadas ao ato pragmático de contestar. Segundo Emediato (2023, p. 41), o contestar, recurso de interações discordantes, é um “ato que visa a pôr em dúvida os pressupostos de um posicionamento ou de uma proposição sobre o mundo”.

Sobre-enunciar de modo a enfraquecer o PDV2 é algo que acontece também no plano visual, pelas aspas, haja vista que praticamente toda a enunciação posposta ao ‘marco Joey’ (do bloco 3) é modalizada pelas aspas, desde “*fazendo aspas com a mão*” e a figura de Joey Tribbiani (segmento 4; bloco 3) em suas aspas até as aspas irônicas da divulgadora, aspas estas que se prolongam até o bloco 4. O trecho que justamente começa esse jogo de aspas, no bloco 3, é reproduzido novamente a seguir, para acompanhamento.

¹⁷⁴ Bodolay (2009) expõe que as expressões com *menor* variação melódica (achatamento da curva melódica) geralmente expressam autoridade e certeza, por exemplo pela tessitura estreita (tom grave) e registro baixo (não-destaques). Ora, isso é tudo o que não acontece no enunciado de imputação a e2, o qual estamos examinando. O discurso de e2 é imitado justamente em um registro mais alto (em comparação com outros blocos textuais), com tessitura mais ampla (tom agudo) e, ainda, com os alongamentos nos fonemas, tão bem marcados. Ou seja, há grande exploração melódica, compatível com a não certeza (que se deseja imputar a e2). Os alongamentos (ritmo acentual), em particular, são largamente aderentes à ironia, conforme apontou Cagliari (1992) – isto é, há um *brincar* com as certezas, em nossas palavras. Não obstante, o sentido de ironia (portanto, uma crítica/desconfiança frente à suposta “justificativa” de e2) é obtido, a nosso ver, na combinação com a propriedade *tessitura aguda*. Ao fim e ao cabo, com base em Cagliari (1992) e Bodolay (2009), sustentamos que o alongamento melódico (duração ou ritmo) e a tessitura aguda constituem uma atitude modal.

4	chamaram de kit covid com a ((fazendo aspas com a mão)) justificativa ((Joey na tela
5	a partir de justificativa)) de que a gente tá <em guerra> ((aspas com a mão até [...]

O *frame* do vídeo contendo as aspas de L1/E1 e as aspas de Joey (l3/e1), explicitadas no tempo 4 m 14 s (correferencial ao trecho dos segmentos 4 a 5), é reproduzido a seguir, para melhor acompanhamento da análise subsequente.

Figura 11 – Aspas de ironia da AM15



Fonte: captura de tela de Freitas (2020).

Embora, por um lado, as aspas indiquem delimitação do discurso outro, elas também funcionam como aspas irônicas, de um L1/E1 (sobre-enunciador) que contradiz o conteúdo de e2, desfazendo totalmente¹⁷⁵ a pec da verdade presente nas alegações de e2, do segmento 4 do bloco 3 até o bloco 4. Com essas aspas irônicas, os interlocutores – sobretudo e2.esp. – do vídeo são convidados a reenquadrar aqueles três argumentos de e2¹⁷⁶: de que estamos em guerra e isso impõe a ivermectina; de que a cura do vizinho leva à adesão à ivermectina; de que a ivermectina é a melhor opção contra a circunstância de não tomar nada. Nesta esteira, L1/E1 propõe, nas aspas irônicas, a inversão proposicional e semântica, operada na enunciação contra o enunciado: contra e2 e e2.esp. L1/E1 heterorreformula o sentido do PDV2 por essas aspas.

Tendo em vista o expediente das aspas como fixadoras de *ironia* e enunciação, temos que, no retrato do PDV anticientífico *justificativas*, aqui em foco, as aspas indicam que o

¹⁷⁵ Desfaz a posição de e2 por meio de ironia (dizer o contrário do que está no enunciado). Essa opção pela ironia confirma o caráter flutuante que o dissenso (discordância discordante) pode manifestar. Ora, nesse caso, L1/E1 discorda de e2, mas de modo evasivo, dissimulado. O dissenso, aí, é evasivo; nem sempre é direto e frontal.

¹⁷⁶ O sujeito l2/e2.esp., prefigurado no dialogismo interlocutivo mas também nas coordenadas interlocutivo-ilocucionárias do dialogismo interno, é concebido como um sujeito que facilmente se identificaria com o e2 representado no simulacro intradiscursivo. Há entre essas duas instâncias uma relação de simbiose no eixo modal, tornando l2/e2.esp. aderido a e2 e, portanto, alvo das aspas irônicas.

conteúdo imputado deve ser lido pelo avesso, para sua invalidação, emoldurando o PDV2 segundo o propósito do sobre-enunciador. Mas o caráter tecnovisual das aspas irônicas é algo novo, comparativamente ao que já se sabe sobre o componente modal das aspas irônicas, pois, no caso em tela (segmento 4 em diante, concomitante à Figura 11), a operação sobre-enunciadora das aspas é *simultânea* ao discurso outro, além de que tais aspas *unificam* os valores ilocucionários pretendidos pelo sobre-enunciador. Esse é um aspecto nativo desse tipo de discurso/ecossistema. No que concerne especialmente ao *condensar*, essa desvalidação do pdv imputado pelas aspas irônicas descredencia esse PDV tanto na chave epistêmica quanto na chave apreciativa (pec2)¹⁷⁷. Isto é, o sobre-enunciador L1/E1 aplica ao PDV2 uma força ilocutória adicional (pec2), atribuindo a ele, como pec da verdade, o sentido *não verdade*. Mas a ironia também revela derrisão, visto que L1/E1 desenvolve um certo riso zombeteiro do PDV2 (pec apreciativa), a qual também enfraquece o PDV2, mas em uma atmosfera patêmica (valendo-se do humor debochado) que envolve algum capital ético para L1/E1.

Em coerência com a gradualidade das posturas enunciativas, apontada antes, essas aspas de heterorreformulação demonstram uma sobre-enunciação, mas que está evoluindo para (ou intercambiando com) o dissenso nessa situação enunciativa. Isso porque, em o dissenso não estando tão explicitamente elaborado, esse reenquadre retificativo do PDV2 sinaliza que a *melhor verdade é alguma outra* (a ser formulada como PDV1), acionada, por enquanto, em um certo *suspense*, que, na verdade, deixa clara a importância dessas duas ‘Narrações-teatralizações’ como impulso e justificativa para o que se acarreta disso: a réplica indignada, que virá *depois*, a partir de 4 m 31 s.

Tudo isto – as aspas ambíguas de ironia; a ironia como peça da sobre-enunciação (tanto epistêmica quanto apreciativa) etc. – é potencializado pela animação Joey Tribbiani (Figura 11); foquemos nesse l3/e1. Além de L estar clivado (relator e sobre-enunciador), o próprio papel de sobre-enunciador se desdobra em duas instâncias, como esquematizado no Quadro 8. Nesse nível, L1/E1 faz coenunciação com Joey (l3/e1), instância que é ‘l1’, porque *prend en charge* (na série Friends), no instante de origem, o ato de desacreditar determinada fala alheia por meio das aspas; também é ‘e1’ porque apropriado por L1/E1 como *camarada*, aliado no PDV provocativo de ironia, como propriedade basilar para, em um nível mais avançado, perfazer a crítica de L1/E1 contra o e2. É devido a esse compartilhamento do agravo nas aspas que L1/E1 e l3/e1 coenunciam e, defronte o e2, tornam-se estância de sobre-enunciação. A figura l3/e1, como dito, já possui a *prise en charge* básica de humoradamente desacreditar falas alheias. Com

¹⁷⁷ Essa simultaneidade que acontece, provavelmente, também nas modalizações prosódicas.

isso, L1/E1 emula essa perspectiva provocativa em favor da pec2 endereçada ao pdv2, no aqui e agora do vídeo, tornando l3 um l3/e1 (aspeador-ironizador *de e2*). Consequentemente, Joey, l3/e1, é corresponsabilizado pela ironia destinada a e2, em tom de brincadeira.

Esta análise, portanto, avança nos estudos do discurso por mostrar a possibilidade *tecnovisual* ou *audiovisual* de ser sobre-enunciador e modalizar. É a possibilidade tecnovisual de o sobre-enunciador, na forma de *duas* figuras (no caso, L1/E1 e l3/e1), modalizar um dado pdv, para além dos aspectos verbal, paraverbal e gestual centrados no L1/E1 autocentrado. Assim, L1/E1 e l3/e1 sobre-enunciam o PDV2 *ao mesmo tempo*, e *ao mesmo tempo* em que o D0 (PDV imputado) é pronunciado.

Além disso, entre os traços modais que o l3/e1 (ou uma animação qualquer ativável) oferece à sobre-enunciação está a carga humorada que o maquinário midiático-digital fornece, tendo em vista a memória que esse simples l3/e1 (ou o enunciador animação) aciona. Esse ponto significa que o valor de derrisão que é aplicado sobre o PDV2 já se encontra previamente na animação. Então, o l3/e1, Joey, concentra desde antes do vídeo os dois vieses: veridictório/objetivo e apreciativo.

Cabe insistir que essa sobre-enunciação multimodal dá-se em dois parâmetros de força ilocucionária, reorientando o PDV2. Por um lado, L1/E1 junto a l3/e1 enfraquecem o valor de verdade (pec da verdade), já que as aspas irônicas sugerem o conteúdo avesso como verdade; por outro lado, a modalização dada em l3/e1 sugere divertimento, riso (pec das modalidades apreciativas), uma pragmática do estranhamento derrisório para descredibilizar o PDV2.

Esse texto da AM15 parece-nos ser arquitetado para dar a entender aos espectadores que a Refutação a aparecer depois (no 4 m 31 s a 5 m 4 s; seguinte a este sob análise), com um investimento crítico mais sério, faz parte do *direito legítimo de réplica* de L1/E1. L1/E1 enquadra o PDV2 como suficientemente problemático (chato, errático etc.) a ponto de merecer (e fazer valer) o PDV científico contrário de que a divulgadora própria se investe. O e2 é construído de maneira a legitimar o próprio ato de *débunkage*. Então, o dialogismo interno é inescapável de um plano mais ‘em exterioridade’ (de estratégia textual-discursiva), pois a configuração dele fornece as condições de legitimidade e de pertinência de Laura, medeia relação de condição e de pertinência *entre* pdvs/sujeitos.

Elucidaremos, agora, **aspectos mais gerais de caráter discursivo-argumentativo** que podemos extrair desses dados, finalizando a análise dessa Amostra 15. Temos que o l3/e1 – assim como certos gestuemas e prosódia – é utilizado para *fortalecer* a sobre-enunciação, torná-la mais atrativa contra e2. Mas esse é um fortalecimento também contra o e2.esp., tendo em vista que a sobre-enunciação produz o efeito pragmático de provocação, visando os

espectadores que acreditam na urgência da ivermectina. A provocação é entendida aqui em sinonímia com o ato pragmático do agravo, ou seja, um agravamento do conflito (Chabrol, 1995 apud Emediato, 2023), tornando assimétrica a relação entre L1/E1 e e2.

E, realmente, a multimodalidade da sobre-enunciação (constituída de: entonação irônica, naquele tom agudo e debochado, sobretudo no bloco 2; aspas irônicas no gestuema; e ironia por meio de l3/e1) orienta argumentativamente o discurso no sentido desse agravo, para promover um PDV1 fortalecido, um *PDV-muralha*. Essa ideia de muralha dá-se porque a resposta imediata ao PDV2 é a de um **PDV de superdefesa da ciência**, um PDV ‘provocativo-reactivo’ que não é só de L1/E1, mas de uma L1/E1 *em consonância com l3/e1*, e, ainda, com espírito de deboche. Isso é uma estratégia para produzir o efeito de que a ciência é melhor, mais atrativa, porque irônica e humorada¹⁷⁸. Por consequência, apesar da sobre-enunciação provocativa e debochada, para distanciamento em relação a e2, esse funcionamento enunciativo/modal todo contribuiria para sensibilizar e2.esp., pela multimodalidade do deboche.

Com isso, parece que a locutora se joga nos vários recursos viáveis para fazer frente ao e2 *incômodo*. A emoção da reprovação contra ele, pela tópica da antipatia, está aí em jogo no dissenso. Mas, por outro lado, toda essa dramatização da imputação (brincando com o termo “justificativa”, com a prosódia, com Joey etc.) pode funcionar para a divulgadora reivindicar uma imagem atrativa de si e da ciência. Essa imagem se baseia nessa sua tática de tentar convencer e2.esp por meio de um *ethos* positivo, daquele orador que faz rir, que ouve as alegações do oponente, e astutamente as inverte etc. Isso vai na direção dos outros youtubers divulgadores científicos *débunkage*, que frequentemente se valem do humor e da cultura *pop*.

4.2.3 Resposta às justificativas pela analogia do strogonoff

O raciocínio de e2, apresentado anteriormente, de ‘*se estamos em guerra, logo a solução tem que ser imediata (isto é, a solução é (distribuir) ivermectina)*’ é norteado pelo argumento da pressa. Ela *importa* a ivermectina como solução. Diante desse enfoque perceptivo de e2, e textualmente localizando-se após tais *justificativas* assentadas na pressa (da Amostra anterior), a divulgadora científica passa a desenvolver uma **refutação a esses argumentos**. É esse estágio (Confirmação nº 3), contra as Narrações 4 e 5, que examinaremos agora, sendo essa refutação

¹⁷⁸ Isso é sintomático considerando todas aquelas ocorrências em que e2 é representado como enfadonho.

compreendida entre os tempos 4 m 31 s e 5 m 4 s, conforme indicado na sumarização retórica e cujo trecho está disponível a seguir¹⁷⁹ (foco da presente seção de análise).

	AM16
	4 m 31 s a 5 m 4 s continua seção <i>Artigo científico</i> (bloco 5)
1	É ago:::ra >que a gente precisa ter uma conversa< <u> muito séria</u> (.) sobre algumas
2	coisas (.)
3	A primeira delas. Uma situação de emergência como é uma pandemia <u> não é:::</u>
4	justificativa pra sair fazendo as coisas na pre:::ssa, sem seguir rigor de <u> nada</u> .
5	É tipo você ter só quinze minutos pra almoçar, e aí cê resolve fazer o <strogonoff
6	completo> ((simulando ornamento de strogonoff com as mãos)), preparando a <u> própria</u>
7	<u> batata palha</u> . ((começa enumeração com tom de desastre)) Os quinze minutos
8	vão chegar, você vai sair xxxxxx, é capaz de queimar a batata, o arroz ficar cru e o
9	strogonoff ficar sem molho, e você com fome. <u> SE</u> tivesse pedido um delivery, (.) <que é
10	algo certo ((mão com sinal de certeza)) e comprovado, tava de bucho cheio (.) e feliz, (.)
11	não é?> ((dirigindo-se à Ana Pillow, que gera, por meio de animação, a resposta é))

Como observado, a resposta da locutora à *justificativa* é uma assunção/RE (desde o segmento informacional 1): o ponto de vista de que é necessário medidas mais prudentes, embasadas cientificamente (ao contrário do que e2 pensa: a pressa). Para tal formulação, a locutora desenvolve a estratégia didática da analogia, a partir do segmento 5. Basicamente, a esquematização de L1/E1 é a de que recorrer à ivermectina (como urgência, do PDV2) equivale a recorrer ao cozimento de um strogonoff para um almoço de 15 minutos. Tal analogia serve para didatizar e dramatizar o resultado disto: a inefetividade da solução na ivermectina.

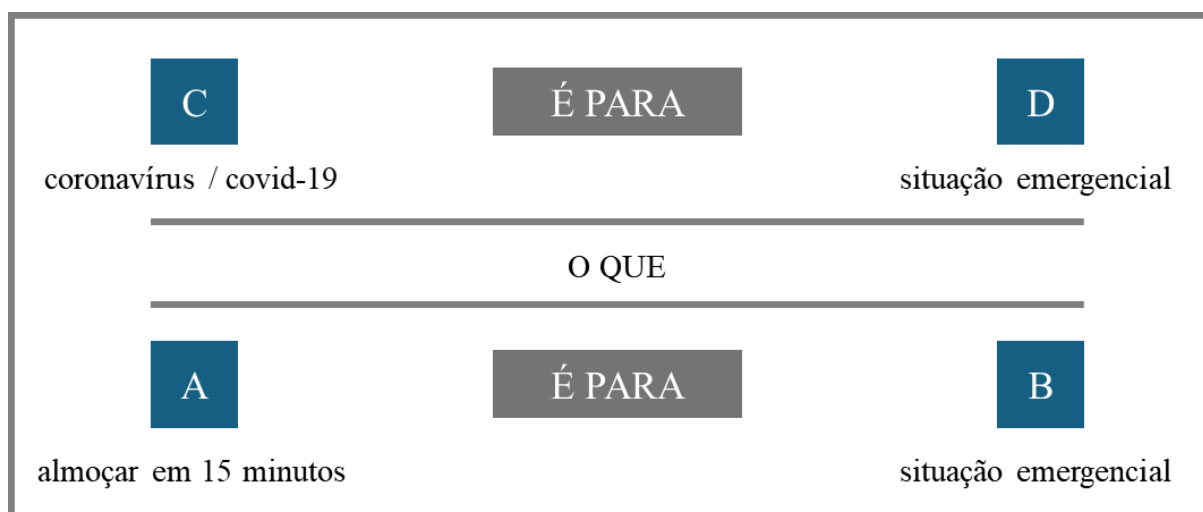
Isso significa que L1/E1 se põe a imaginar um *outro* universo actancial e inteligível de rapidez propulsora de resultados não efetivos: o strogonoff. É nesse aspecto que reside o caráter de PDV narrado hipotético compartilhado na analogia; compartilhado no sentido de ir ao encontro de e2. Trata-se de L1/E1 enunciar (inquirir) a plausibilidade de uma medida rápida propulsora de resultados não efetivos, que é o que une as duas situações mobilizadas na analogia (o strogonoff em 15 minutos e a ivermectina). Trata-se de ir ao encontro da lógica e2 porque essa lógica da pressa não é o que L1/E1 defende, mas, na analogia, acaba sendo seu esforço de

¹⁷⁹ Na Confirmação nº 3, a partir de 4 m 31 s, a youtuber vai desmentindo as alegações enumeradas nas Narrações 4 e 5), para descredibilizar o argumento da pressa (que implicaria a tese: *sim à ivermectina*). Todavia, em um estágio muito mais adiante, ela reage/responde, de modo mais destrinchado, também ao argumento específico do vizinho que teria tomado ivermectina e, então, se curado, mas isso corresponderá a uma outra Confirmação, dentro da seção *Efeito placebo* (que não é esta seção atual). É isso que motiva – cabe aqui a explicação – a expressão “**conversa muito séria**” (segmento 1 da Amostra atual, AM16) logo no começo desse bloco, pois o que a divulgadora faz é uma abertura da remissão aos argumentos anteriores, em um novo momento enunciativo do vídeo, que é o de inquiri-los criticamente.

reflexão. Desta feita, L1/E1 suspende seu PDV normal (E1) e se transforma em outra presença dentro da analogia: a da plausibilidade da pressa. Mas convoca nessa narrativização também o e2, é claro, bem como os espectadores presumidos, solicitando deles a mesma reflexão, do universo do possível (a ivermectina como sendo como um strogonoff). Ao dizer, “é tipo *você* ter só quinze minutos pra almoçar, e aí você resolve fazer o <strogonoff completo>” (início da analogia, linha 5, grifo meu), a locutora já está codificando a fonte enunciativa do PDV (um PDV propositivo de hipótese por parte de um *nós*, um ‘*vamos imaginar que...*’). Logo, a fonte é, sim, L1/E1, suspendendo-se do E1, *mas junto com e2*. O possível mundo de e2 é o que está em realce – esta é a questão –, mas dentro, é claro, de uma organização narrativa que impõe o fracasso do teste hipotético (momento em que L1 retorna a ser L1/E1), pois a analogia é um condicional (*se fizéssemos strogonoff em 15 minutos...*) que leva ao inevitável fracasso¹⁸⁰.

Antes darmos sequência à análise, na qual aprofundaremos a estratégia dessa RE/assunção científica, convém precisarmos a estrutura da analogia:

Quadro 9 – Analogia do strogonoff



Fonte: elaborado pelo autor.

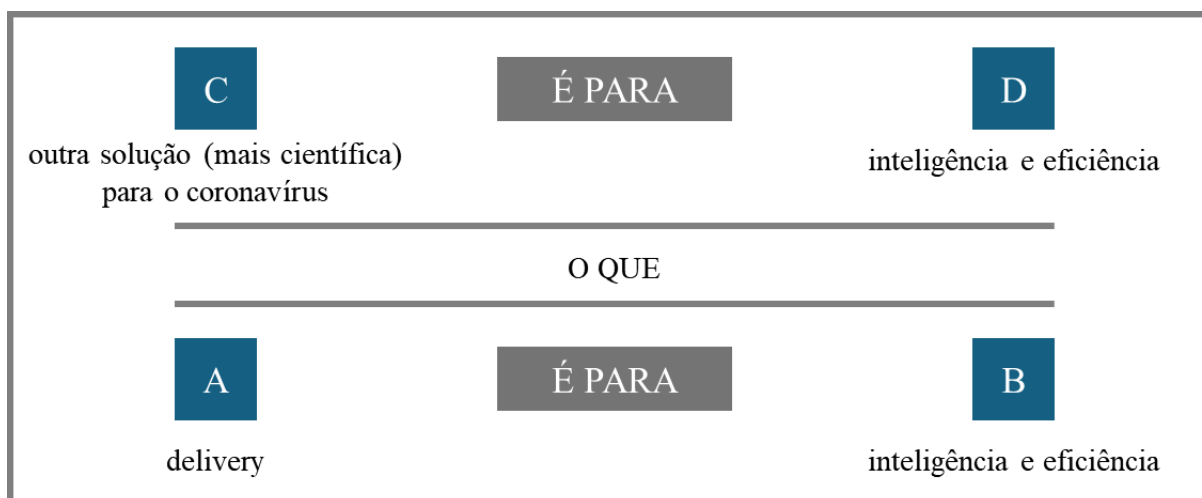
A analogia consiste em tratar a solução **boa/ideal** para covid-19 nos termos de uma busca de solução para o contexto hipotético de precisar almoçar dispo de *só* 15 minutos. Nessa perspectiva, é o caráter *pressa* (situação emergencial) que permite unir, tornar análogos pandemia de covid-19 – o tema; enquanto algo que impõe ação rápida – e o almoço em 15 minutos, algo também de emergência. No caso, essa analogia é imputada a e2, pois é e2 quem

¹⁸⁰ Essa organização actancial do fracasso, nesse pdv narrado analógico, é o que faria, como efeito interpretante, l2/e2.esp. pensar diferentemente de e2, tornando-o alvo do fazer-criar, depois da analogia instaurada.

raciocina a solução da covid-19 sob a lógica da pressa (solucionar a covid=solucionar com rapidez), ao invés da lógica da prudência, do embasamento.

Para além do critério soberano da pressa (enquadre perceptivo no qual L1/E1 também começa a entrar), questão é que, na perspectiva e2, conforme enunciado a partir da linha 5, o e2 coloca como solução boa (no espaço da solução boa/ideal) uma refeição de strogonoff, algo que é demorado, incompatível com até mesmo com a pressa. A refeição de strogonoff é a ivermectina: algo demorado, que proporciona demora quanto à sua eficácia. Logo, esse segundo percurso de raciocínio – que são as ‘pecinhas’ colocadas sobre a analogia primeira: ‘pressa-covid’ e ‘pressa-almoço’ – também é analogia *de e2*, é a situação perceptiva *de e2*: o strogonoff, o querer demais para o momento. Isto é, nesse pensamento de sujeito anteriorizado, L1/E1 *simula* um teste conforme o critério pressa, critério aí soberano (e não o critério fundamentação científica ou prudência). O teste é ‘strogonoff’. Esse é o primeiro elemento de estratégia discursiva: essa imersão de L1/E1 na lógica da pressa é uma *concessão discursiva*, para melhor dialogar com o PDV2.

Em contraponto a isso, a alternativa considerada realmente ideal, aos olhos de L1/E1, para um almoço de 15 minutos (ou seja, se aceitarmos a solução como precisando ser rápida) é pedir um delivery, como revelado na RE *plena*, por assim dizer, de resposta à analogia, no final do bloco, nos segmentos 9 a 11 (“SE tivesse pedido um delivery, (.) <que é algo certo [...]”. A qualificação de que o delivery é o *certo* indica que é aí que reside a resposta em dissenso (a voz crítica da ciência) à analogia de e2 (o enfoque da pressa), em oposição ao *strogonoff-ivermectina*. O delivery equivale, no fundo, à resposta crítica (discordância discordante) contra a ivermectina, uma vez igualada ao strogonoff, uma resposta que se dá somente após a analogia *de e2*, que é solicitar apenas o strogonoff, sem observância à exequibilidade e eficácia. Um esquema ilustrativo possível para essa RE **da ciência** (*delivery-ciência* contra o *strogonoff-ivermectina*), conclusivo na analogia (linhas 9 e 10), seria este:

Quadro 10 – Resposta crítica à adesão de e2 ao *strogonoff* (ivermectina=strogonoff)

Fonte: elaborado pelo autor.

É nesse final (linhas 9 a 11) que a RE (PDV assumido) de L1/E1 finalmente comparece, sob o invólucro metafórico do *delivery*. Pedir um *delivery* equivaleria, inferencialmente, a reivindicar a solução que a ciência garante. Mas a grande questão aí é que a RE *só se edificou a partir do outro*, isto é, a partir e por meio da analogia que estaria sob a percepção de e2. Para a RE da ciência se instalar, foi necessária essa relação nutrida com o e2. Foi necessário que L1/E1 compactuasse com um PDV narrado da prensa. O que está em jogo aí?

Retomando o que já dissemos antes sobre a analogia ser uma imersão de L1/E1 na lógica de e2, entendemos que esse jogo deve ser tratado como *negociação*, que é um dos macroatos de interações discordantes (Emediato, 2023). Como explica Emediato, “a negociação está relacionada com a *prise en charge* dos pontos de vista do enunciador-oponente, o que atribui responsabilidade enunciativa ao locutor”. (Emediato, 2023, p. 41). E, realmente, a pec básica da prensa (do enunciador-oponente, e2) *é incorporada por L1* (outrora sincrético a E1). Prosseguindo na compreensão do ato pragmático de negociação, temos que “estrategicamente, pode ser interessante, para esse locutor, aproximar-se dos pontos de vista do oponente para mais tarde atacá-lo e hierarquizá-lo como um ponto de vista incompleto ou não totalmente consistente” (Emediato, 2023, p. 41). É o que acontece nesse bloco analisado, com o PDV1 estabelecido apenas depois dessa negociação, onde se imaginam as coisas nos termos de um *strogonoff-ivermectina*. Como se pode averiguar na transcrição mais abrangente (a seguir), só no final da AM16, no segmento 10, e, principalmente no bloco textual seguinte, não pertencente à AM16, é que L1/E1 efetua a resposta assertiva e crítica (precisamente nas expressões negritadas) contra essa conjectura/analogia pelo viés da prensa. A seguir, incluímos o que é

posposto a 5 m 4 s, contexto no qual L1/E1 também aumenta a assertividade (pec da verdade) de sua discordância discordante.

	AM16
	4 m 31 s a 5 m 4 s continua seção <i>Artigo científico</i> (bloco 5)
7	<u>batata palha</u> . ((começa enumeração com tom de desastre)) Os quinze minutos
8	vão chegar, você vai sair xxxxxx ¹⁸¹ , é capaz de queimar a batata, o arroz ficar cru e o
9	strogonoff ficar sem molho, e você com fome . <u>SE</u> tivesse pedido um delivery, (.) <que é
10	algo certo ((mão com sinal de certeza)) e comprovado , tava de bucho cheio (.) e feliz,
11	(.) não é?> ((dirigindo-se à Ana Pillow, que gera, por meio de animação, a resposta é))
	Fim da AM16
	5 m 4 s a 5 m 25 s ainda seção <i>Artigo científico</i> (bloco 6)
1	Não é porque a gente tá no meio de uma pandemia que >a gente pode simplesmente
2	sair fazendo as coisas do jeito que a gente bem< entende, nas pressa, que < não vai
3	funcionar >. ((de maneira assertiva nesse trecho enfatizado))
4	E a segunda ((dois com a mão) coisa que a gente tem que conversar é que >sair

Isso comprova o ato pragmático de negociação, pois L1/E1 alia-se muito provisoriamente a e2 nessa analogia (AM16), coonstrói com e2, mas para melhor atacá-lo depois, a partir da linha 9. A qualificação dada ao *delivery* (como item que recategoriza, por analogia, a solução *científica*, seja qual for) como “algo certo e comprovado” modaliza o PDV de L1/E1 pelo completo grau de certeza (pec da verdade no máximo), muito diferente do PDV2.

A resignação incorporada nessa negociação é um índice de empatia, examinando-se a Amostra como um todo. L1/E1 demonstra reconhecer as preocupações dos sujeitos e2, que os movem para a pressa. Isso quer dizer que L1 heteroatribui o medo a e2 (tópica da angústia)¹⁸². Isso é paralelo à resignação provisória de L1/E1 aí projetada. Em termos pragmático-discursivos, irradiar resignação tem a ver com a divulgadora transmitir uma imagem de compreensiva, quanto a essa busca de soluções apressadas, quanto ao desapontamento de e2 (tópica da dor) frente às medidas pouco céleres. Para mitigar os efeitos de sua fala comprometida com a verdade *inconveniente* para e2, a locutora desenvolve o teste da analogia.

Ainda convergindo para a empatia, se analisarmos bem o começo do bloco iniciado em 5 m 4 s (já fora da AM16, e depois dela, conforme se visualiza no último recorte de transcrição), perceberemos que L1/E1 ameniza, pela prosódia, o tom assertivo da resposta científica “não

¹⁸¹ Expressão ininteligível. O símbolo usado está conforme as convenções explicadas na Metodologia.

¹⁸² Consideramos que há reconhecimento, por parte de L1/E1, do medo de e2, pelo seguinte motivo: o estar aterrorizado, sentir-se em perigo (diante da covid-19) estaria levando e2 a querer a solução mais rápida, para sobreviver do jeito mais acessível possível.

vai funcionar” (dissenso ao *strogonoff-prensa*). Tal suavização acontece especificamente na nuance melódica do “não é”, em “**não é** porque a gente tá no meio de uma pandemia [...]” (para atestar isso, é necessário recorrer ao áudio do vídeo). Enfim, sustentamos que a locutora procura compensar o autoritário ‘não ao *strogonoff-prensa*’ (PDV1), que leva angústia a e2, com esse tom *fraternal*, como se ‘assoprasse a ferida’ que ela ocasiona no vídeo. Tudo isso indica o caráter sensível da polêmica, o que repercute na modulação do PDV científico.

Na próxima seção de análise, analisaremos uma parte mais adiantada do texto de Laura, concentrada a partir do tempo 7 m 8 s.

4.2.4 Indignação frente ao PDV2 das altas doses

A Amostra iniciada no tempo 7 m 8 s é composta, na verdade, de dois blocos (7 m 8 s e 7 m 26 s), cuja transcrição é apresentada adiante (AM17). Mas o entendimento desse trecho, isoladamente como aqui está, merece uma certa contextualização. Observamos que a elocução nesse novo ‘tópico-frasal’ iniciado em 7 m 8 s começa com “E cê quer ver outra merda?” (linha 1). Ou seja, a divulgadora começará a falar de um *outro* problema (“merda”). Em que ele consiste? Como anunciado na sumarização retórica, o estágio 7 m 8 s apresenta a informação de base de que uma única dose de ivermectina já é suficiente para os casos a que ela realmente se aplica, e que, por conseguinte, a ingestão de mais doses nos seres humanos é muito perigosa. Esse é o momento em que Laura ataca o problema das altas doses. Desta maneira, o falar de *outra* merda consiste em denunciar a *merda* de muitos aumentarem a dose de ivermectina, acrescentando-se à *merda* precedente, discutida no período 6 m 44 s a 7 m 8 s, de que o estudo *celebrado* pelos negacionistas é aquele que, ao eliminar o vírus, faz a célula morrer também.

Entendendo melhor a progressão informacional desta Amostra (AM17), o bloco 1 dedica-se à informação científica de base, e o bloco 2 é mais polemizado contra e2, fazendo o relato da situação de adesão às *altas* doses, feita pelo negacionista (como tentativa de maximizar a luta contra o coronavírus), e criticando essa adesão (como se pode averiguar na transcrição a seguir). Assim, ainda que a tônica desse estágio retórico não seja a refutação, o tom crítico mesmo assim aparece no momento de relatar o comportamento e2 de ingerir altas doses, que, como sabemos, realmente e perigosamente aconteceu na época (inclusive, por aconselhamento de médicos) como mostram Projeto (2021), Gaion e Bruno (2021) e a própria Laura nesse vídeo, sendo que, na verdade, esse tempo prolongado (mais de uma dose) é causador de problemas de saúde. Por isso tudo é que há o caráter crítico e de denúncia no bloco 2, subtema este motivado pela preocupação da divulgadora com esses efeitos colaterais da superdose.

	AM17
	7 m 8 s a 7 m 25 s ainda seção <i>Artigo científico</i> (bloco 11)
1	((com o rosto mais próximo da câmera)) >E cê quer ver outra merda?< Eu falei
2	logo lá no começo do vídeo que a ivermectina ela é dada em dose ((arregalando os
3	olhos dedo indicando um)) <u>Ú</u> nica pras pessoas. >Então você toma um comprimido só,
4	pro:::nto, mata os piolho tudo<. <u>Esse</u> foi o regime de dose que eles viram que
5	era o seguro pra esse tipo de tratamento. Mas, obviamente, >não sem os efeitos
6	((franzindo um pouco a testa a partir daqui)) colaterais, principalmente<, é, problema de
7	fígado, se eu tô / se eu não tô muito enganada.
	7 m 26 s a 7 m 47 s continua seção <i>Artigo científico</i> (bloco 12)
1	E aí (.) ((barulho com a boca)) O que a galera tá fazendo por aí, é, <pra ((começa com
2	um tom de indignação reprimida)) ((agitando os braços)) prevenir o povo de pegar
3	covid>, é tomar ivermectina todo dia ((tom de indignação reprimida)).
4	((em tom irônico)) Ó que bom! O negócio que cê tem que tomar ((<i>um</i> com a mão)) uma
5	vez só, >um comprimido, dose única, pá pum< ((gesto de <i>uma só vez</i> com a mão)), >tá
6	sendo recomendado pra ser tomado< como dose <u>diária</u> pra prevenir ((fim desse tom))
7	um negócio que a gente nem tem ((as duas mãos para cima e olhar de perplexidade))
8	comprovação ↑na/ de <u>nada</u> ↓que ivermectina previne de pegar covid

Encaminhando-nos para a análise, a partir do segmento 1 do bloco 12, Laura expõe o comportamento de e2, que é o de difundir a dose diária, comportamento este que configura um PDV narrado imputado. O PDV apresentado a partir de 7 m 26 s é tido como sob responsabilidade enunciativa de “a galera”, cuja conotação é de *população em geral*, o que acaba incluindo e2.esp. Malgrado os vários personagens desse PDV, o termo “galera” é fundamental como representando o negacionista em geral, e2, como *responsável* pelas ações narradas nesse bloco.

Nessa narrativização, os processos de e2 são conceptualizados dentro de um quadro de manipulação entre os sujeitos aderentes a esse método de ivermectina. Isso porque a ação anticientífica é enquadrada segundo a lógica do impacto de um agente sobre outro; valendo-nos das noções de Charaudeau (2009) sobre o Modo de Organização Narrativo. Uma das marcas linguísticas disso é a construção “tá sendo recomendado pra ser tomado” (segmentos 5 e 6). O processo agente-agressor orientando-se sobre o agente-vítima se estabelece assim:

Quadro 11 – Agressor e vítima no PDV narrado das superdoses

E1 (ciência): Não tomar altas doses	×	e2			
“O negócio que cê tem que tomar vez só, >um comprimido, dose única, pá pum<” (segmentos 4 e 5, bloco 2, pdv da ciência)	×	galera (agente-agressor)	→	povo (vítima)	segmentos 1 a 3, do bloco 2
	×	alguém (implícito) (agente-agressor)	→	alguém (ocultado) (vítima)	segmentos 4 a 8, do bloco 2
		“[o medicamento] >tá sendo recomendado pra ser tomado< como dose <u>diária</u> para prevenir [...]”			

Fonte: elaborado pelo autor.

Como se verifica nas duas colunas do meio, de destaque (à direita do X, que indica oposição de pdvs), há um sujeito que age espalhando a informação de altas doses (“a galera”; linha 1), e há o paciente, sofrendo tal ação, que é o “povo”, pois, no enunciado “para prevenir o povo de pegar covid”, o “povo” (*outras* pessoas) é o alvo de uma ação cuja origem é “a galera”. Aliás, esse povo como paciente da ação corresponde ao alvo do processo na voz passiva no segmento 6, que está mais adiante, mesmo que esse alvo não esteja explicitado.

O processo narrativo é do tipo degradação dissimulação, porque a ideia de que as doses diárias são algo bom é difundido a muita gente. Essa narrativização ajuda a criar o tom de acusação do L1/E1 relator, ou seja, o *germe* do tom acusatório, pois basta essa hierarquização actancial para antevermos o sentido de *vilania* por parte do agente-agressor.

O contraste de representação entre a perspectiva científica e a perspectiva negacionista fica claro, dividindo bloco 11 e bloco 12. O bloco 11 caracteriza-se pelo efeito de objetividade, com o sentido de ‘o que tem que ser feito’, ‘o que deve ser entendido’ etc., como se notabiliza no presente do indicativo de permanência em enunciados como “a ivermectina ela é dada em dose única” (linhas 2 e 3, bloco 1). Há todo um sentido de ‘harmonia graças às certezas’ do PDV1. Já o bloco 12 seria o *subjetivismo* do e2, a seara do *inventar o que não precisa*, causando males, porquanto o enunciado “E aí (.) o que a galera tá fazendo por aí, é” (linha 1, bloco 2) dá a ideia de *inventionices*, fórmulas alternativas da “galera”, ainda mais se considerarmos que o conectivo “E” em “E aí” tem valor de contraste, análogo ao *mas*. Há também mais truncamentos e nuances melódicas em comparação com a assertividade do bloco anterior. Aprofundando essa dicotomia *objetivismo* e *subjetivismo* – ou *verdade* e *mentiras*, como oposição discursiva dada por L1/E1 –, façamos isto examinando apenas algumas categorias languageiras. Diversos

fenômenos linguageiros poderiam ser enfocados para mostrar o embate de PDVs, mas vamos nos aprofundar mais, a seguir, na ironia (bloco 12) e na referenciação (blocos 11 e 12).

Antes de mais nada, é mister considerar que L1 desenvolve duas funções no bloco 2: relator do PDV narrado (construindo os objetos segundo o olhar de e2, como se Laura indicasse qual é a verdadeira intenção de e2); e sobre-enunciador (*pendendo* o discurso, aos poucos, para o seu PDV). No bloco 12, o PDV2 é modalizado, sim, pelo eixo epistêmico, tendo subtraída a sua pec da verdade, contudo o que chama mais atenção é a **patemização em termos de indignação**, coerente com uma apreciação indignada (pec apreciativa), por parte de L1/E1, ao longo de todo o bloco 12. Basta averiguarmos as convenções de transcrição adotadas no bloco 12, como o truncamento e a repetição da negação (“nem tem”, no segmento 7, e “nada”, no segmento 8). Ademais, esse PDV2 de degradação é matizado pela pec de modalidades apreciativas (indignação) pela ocorrência específica da **ironia**, nesse bloco 12 (focado mais no PDV2):

A ironia se dá no segmento 4 do bloco 12: “*Ó que bom!* O negócio que cê tem que tomar uma vez só” (grifo nosso). É uma reação frente à constatada adoção abusiva de ivermectina. Valendo-nos de Ducrot (1984) e Machado (2014), nessa ironia temos que o L1 (a cientista; na enunciação) testemunha que focaliza o personagem aí soberano e2 (no enunciado), mas cede espaço a outras duas instâncias para dialogarem criticamente com e2:

(i) o L1/e2 (a própria cientista, mas outra de si) que *concorda* com e2, pelo entendimento de que “*Ó que bom!*” é primitivamente um elogio ao negacionista no nível do **enunciado**; e

(ii) o L1 tido como plenamente L1/E1, figura séria que diz, na **enunciação**, o contrário do elogio concordante. Aí, L1/E1 é um estatuto modal renunciado nessa tarefa mais abrangente de sobre-enunciação, pois, por ora, a posição E1 ficara em suspenso, devido ao foco no PDV2.

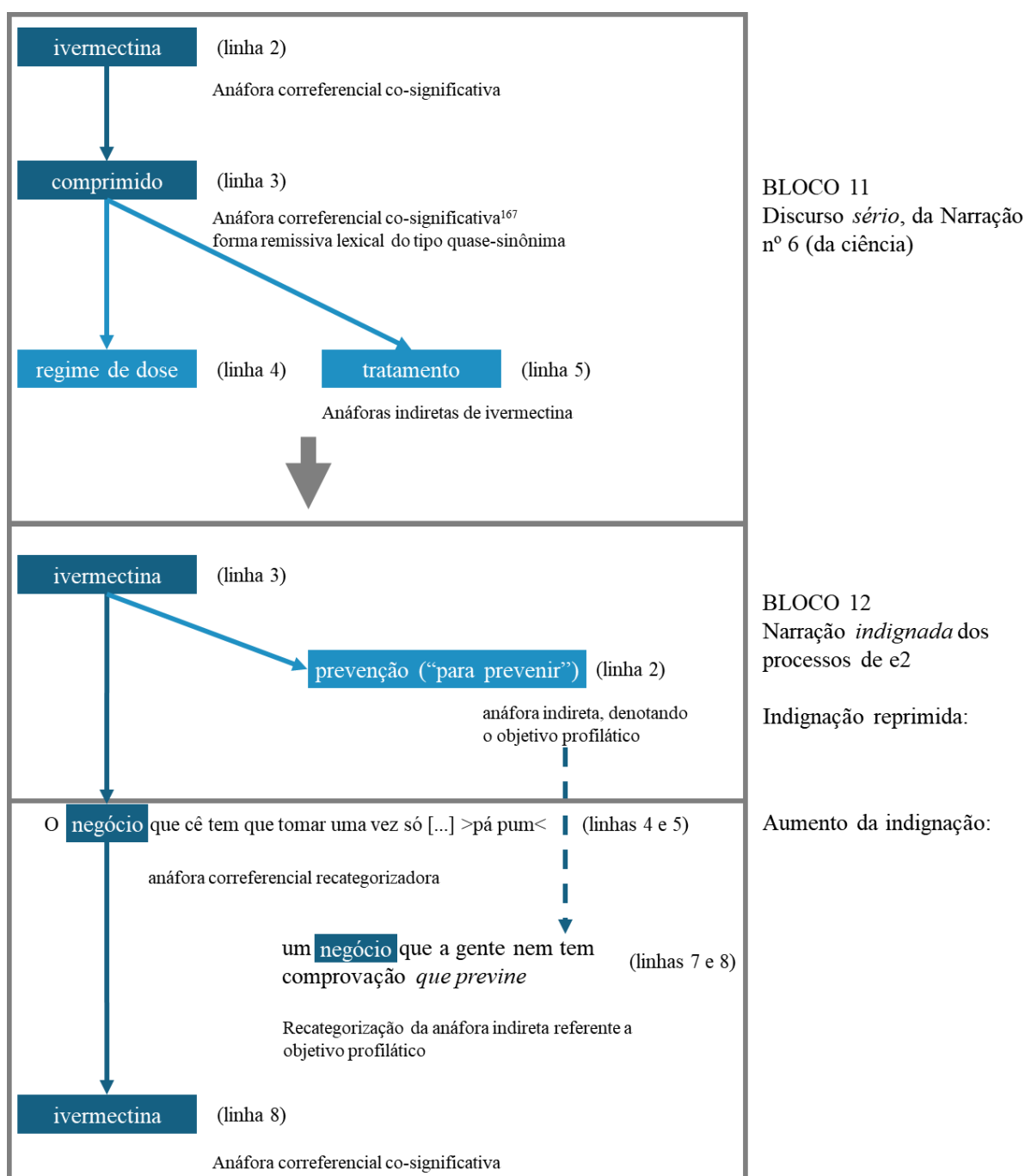
Machado (2014) assinala que ironizar é mostrar que o locutor – no caso, L1/E1 – tem restrições a propósito do alvo da ironia. Com isso, L1/E1, na ironia “*Ó que bom!*” (linha 4), mostra que tem reservas quanto ao PDV2, o que se combina com a sobre-enunciação em desenvolvimento **no bloco**. Com isso, a ironia é uma marcação da distância entre L1/E1 e e2.

Articulando isso com a pec das modalidades apreciativas, pontuamos que a ironia é o recurso de modalização de L1 para fazer evoluir o PDV2, para transformá-lo, *reestruturar o que é conceptualizado no quadro de e2*. É como se L1 impusesse um olhar interveniente para atravessar o olhar que o e2 habitualmente tem do seu próprio PDV. Se, antes, o PDV2 era defensável pelo *modus* do sério – segundo e2 reivindica –, agora, ele deve *receber o olhar*

também do risível. Lembremos que as modalidades apreciativas são a marcação de um julgamento apreciativo (aqui, sobre o PDV2), sem que a verdade esteja em questão.

Nesta esteira, L1 adiciona ao PDV2 valências do riso e do deboche, enquanto pec apreciativa. Com essa chave modal, teríamos o PDV2 no bloco 2 assim: “*Risivelmente*, [o medicamento] tá sendo recomendado pra ser tomado como dose diária pra prevenir um negócio [...]”. Essa modalização representa o conter-se do L1/E1 frente ao seu oponente, pois essa modalização substitui uma RE bem formulada de discordância discordante – um substitutivo encenado, é claro, para algum objetivo discursivo, como uma espécie de *preparação* no texto.

Ainda outra marca textual dessa **sobre-enunciação indignada** é a referenciação, na construção do objeto de discurso *medicamento ivermectina* e dos seus atributos (funções dele). O Quadro 12 sistematiza o percurso desse referente e suas âncoras mais importantes, sendo que o entendimento dessas anáforas é praticamente inseparável da prosódia modalizadora.

Quadro 12 – Cadeia anafórica de *ivermectina* na AM04

Fonte: elaborado pelo autor.

Essencialmente, o que estamos querendo mostrar é o modo de sobre-enunciar o e2, um modo que convoca certos sentidos patêmicos, de indignação.

No bloco 11, destaca-se a configuração linguística mais sóbria dos anafóricos correferenciais a *ivermectina*, coerentemente à pec da verdade (o PDV1 no regime da verdade da dose única). Não é à toa que há uma proeminência prosódica bem notável na palavra “única” (segmento informacional 3), como sendo a verdade de L1/E1, sustentada, é claro, por uma

subenunção que fornece a *mise en scène* da credibilização, da autoridade (“Esse foi o regime de dose que **eles** viram que era o seguro”; linha 4). Há um efeito de assertividade harmoniosa, como se fosse de garantias. São fatores relevantes de uma gestão dialógica contra o PDV2 avalizados no eixo epistêmico. Por seu turno, o bloco 12 registra outra experiência na referenciação, e construindo um outro *mundo*, mais patemizado, ainda assim relevante como estratégia argumentativa contra o negacionista. Se, no segmento 3, o fármaco é nomeado como “ivermectina”, ele é, logo em seguida, recategorizado como “o *negócio* que cê tem que tomar uma vez só” (linha 4; grifo nosso), seguido de apositivos para esse nome central: “um comprimido”, “pá pum”, a título de exemplo. A recategorização de ivermectina por “o *negócio*” denuncia a **impaciência** ou **irritação** de L1/E1, enquanto pec apreciativa, ligada, então, a uma vivência específica de emoção e de *ethos* no fio do jogo dialógico com e2. Trata-se do *modus indignado* (tópica da antipatia) na *labuta* em retratar o modo como e2 apreende esse real.

Os elementos partícipes, meronímicos, que acompanham o referido “o *negócio*” na linha 5 também são verbalizados sob uma apreciação impaciente, indignada: (i) o elemento *dose única* – o *legítimo* para a ivermectina – torna-se “pá pum” (segmento 5)¹⁸³; (ii) esse mesmo predicado é, depois, reformulado no gestuema *gesto de ‘uma só vez’ com a mão* (linha 5), síncrono e co-significativo ao “pá pum” (e elucidativo da *dose única* necessária); um gesto sancionador contra e2, pela insistência no “um”. Tudo isso – junto à aceleração prosódica – denota a *impaciência indignada* frente à informação da desconformidade de e2 à ciência.

Por fim, nessa cadeia anafórica, atentemos para a anáfora indireta de ivermectina: a *prevenção* – que se refere ao objetivo de se usar ivermectina –, focada por nós, no Quadro, primeiramente no segmento 2 do bloco 2. No final do bloco (linhas 7 e 8), enfim, a ivermectina enquanto prevenção é recuperada em um regime de enunciação ‘cansada’, pois se torna “>um *negócio* que a gente< nem tem comprovação ↑na/ de NADA ↓que ivermectina previne de pegar covid”, ‘cansaço’ este bem representado nos símbolos de transcrição. O truncamento, a aceleração prosódica e a ênfase em “nada” deixam evidente a emoção da antipatia/indignação, demonstrando o quanto essa recategorização das linhas 7 e 8 é polemizada. O núcleo nominal “*negócio*”, por um lado, apreende os modos de e2 como *parafernália* (porque na zona de imputação), mas, principalmente, indicia a vivência do L1/E1 na situação enunciativa do aqui e agora do vídeo, que é o de indignar-se, já que a divulgadora mostra não suportar nomear o objeto como “ivermectina”; apela para subterfúgios para não conferir sobriedade, seriedade e relaxamento ao nome “ivermectina”.

¹⁸³ Até porque a expressão “pá pum” é um elemento parafrástico de “dose única” no contexto do segmento 5.

Percebemos, portanto, que essa referenciação está longe de ser apenas *o olhar de e2* (PDV narrado), pois ele é cingido pelo olhar sobre-enunciante de L1/E1, um olhar que **nos revela em detalhe a disputa tensa, negociável do objeto de discurso ivermectina**. A sobre-enunciação vai evoluindo para um dissenso, o que se compatibiliza com nossas hipóteses de que a emoção da indignação se ajusta ao discurso polêmico. É certo que, por um lado, a apreensão do referente se dá conforme e2 – já que se fala da dose diária, do tomar todo dia etc., significantes filiados ao PDV antiorientado. Então, em um certo nível, L1/E1 faz *prise en compte*. Porém, ao retratá-lo, a referenciação revela o incômodo, a disputa de sentidos, revela que essa *prise en compte* não se sustenta tanto, porque os sentidos de e2 são por demais *estrangeiros* (como revelam os truncamentos e a prosódia acelerada, a exemplo). Ao fim e ao cabo, tais arranjos anafóricos e modais tornam-se *a maneira viável*, para L1, de ir ao encontro de e2. Em suma, o que exibimos aí é **a referenciação da dificuldade no dizível**¹⁸⁴ do PDV narrado (PDV2), a qual, para exprimir isto, convoca diferentes semioses, por vezes em uma sincronia complexa.

A correlação desse embaraço e indignação com a prosódia deixa esses achados de análise mais fortalecidos. Então, vale aqui um parêntese sobre a contraparte prosódica dessa incidência sobre-enunciadora, que toma o objeto de discurso (de e2, mas também de L1/E1, negociadamente) como tenso. Com foco no Quadro 12, constatamos que o bloco 11, em sendo mais *dominado* pelo PDV1, manifesta menos *arroubos* prosódicos. Há, é claro, uma ou outra proeminência prosódica, como esta: “eu falei [...] que a ivermectina ela é dada em dose ((arregalando os olhos; dedo indicando um)) **Única** pras pessoas” (início do bloco 11; grifo nosso). Essa ênfase controlada conjumina-se bem com a categoria de Charaudeau (2006) “falar forte”, procedimento expressivo adequado aos *ethé* políticos de poder e de liderança combativa. E isso se comprova justamente na cenografia desse bloco 11: L1/E1 como estando *no poder*; ainda não na estesia do lidar com as ações e significantes típicos de e2 (que é o bloco 12).

Já o bloco 12 começa (linhas 1 a 3 do bloco) prosodicamente com o “falar tranquilo” – como indica o sistema de lentidão (< >) –, o que, segundo Charaudeau (2006), ajusta-se ao *ethos* de inteligente, de caráter, onde haveria maior *cortesia* no tratamento dialógico; não sendo

¹⁸⁴ Essa encenação da dificuldade é a emoção do embaraço, conforme identificamos com o aparato de Lima (2018). O embaraço põe em cena um modo de o sujeito se representar (*ethos*), mas um modo que é parametrizado pelo que o outro enxerga desse orador primeiro. Assim, o sujeito-narrador (no nosso caso, Laura, L1/E1), para ficar embaraçado, precisou avaliar que o e2 quer testemunhar o embaraço, e, ainda mais, que esse é e2 é justamente o que afeta, constrange L1/E1. Ora, segundo Lima (2018), as emoções provêm de um julgamento, de uma avaliação desse locutor/orador, que se consubstancia no fato de o orador dar-se conta de que o e2 é potência e um querer do embaraço. Então, por consequência, vemos que L1/E1 espetaculariza, aproveita o embaraço, estando isso ligado ao *ethos* (a imagem de *ser atingido*).

a força o que está em questão. Isto posto, podemos articular a desaceleração com uma espécie de cortesia do ‘aguentar o outro’, o que corresponde à nossa noção de ‘indignação reprimida’ (Quadro x), logo antes da ironia do “Ó que bom”. Mas notamos que, subseqüentemente à linha 3 (com foco nos discursos e ações de e2), a indignação aumenta, como denunciam a rapidez prosódica e os truncamentos¹⁸⁵. Ainda que os estudos prosódicos não apontem uma equivalência definitiva entre padrões acústicos e todas as emoções, a situação interacional e o cotexto nos permitem concluir, nesse caso, que a indignação está mesmo preponderando (e aumentando) no desenrolar do bloco 12, e por causa dessa *dificuldade do dizível no tratamento dos objetos de discurso na lógica e2*. Por vezes, a desaceleração prosódica já fora, sim, identificada como *angústia* (Cagliari; Massini-Cagliari, 2001), algo correlato ao que identificamos como ‘indignação comedida’, ao passo que os parâmetros acústicos pospostos ao segmento 3 (registros altos, truncamentos, aceleração ‘de nervosismo’) indicam não a fala do líder combativo (Charaudeau, 2006), mas o extravasar da perplexidade, que encarreira o efeito interpretante de busca por fechamento da discussão (*ethos ad rem*), porquanto essas ocorrências de tensão final atestam a cenografia polêmica, antipática, da inconciliação.

Aproveitando o enfoque na referenciação, a acentuação do dissenso se instrumentaliza também no emblemático organizador textual de acréscimo “E cê quer ver outra **merda?**” no começo da Narração nº 6 (o recorte deste trecho está a seguir).

	7 m 8 s a 7 m 25 s	ainda <i>Artigo científico</i> (bloco 12)
1	((pergunta com o rosto mais próximo da câmera)) E cê quer ver outra merda? Eu falei	
2	logo lá no começo do vídeo que a ivermectina ela é dada em dose ((arregalando os [...]))	

A construção em destaque é uma espécie de ‘tópico-frasal’ de um problema complementar (em uma nova menção) gerado por e2: a de que e2, para além de outros problemas, tem praticado a superdose. O foco é a expressão “outra merda”, que, de uma só vez, atrela-se ao já dito (anaforicamente) e antecipa informações (como catáfora). O item “outra” junto ao restante do enunciado torna a expressão “outra merda” um dêitico, ao antecipar o assunto ‘nova merda’ (novo problema a ser falado); mas, focando apenas no “outra merda”, vemos nisto uma ‘catáfora encapsuladora’. No fim das contas, seguimos os critérios de Cavalcante (2003, p. 116), e classificamos esse elemento como *anáfora encapsuladora com dêitico*, do tipo específico *sintagma nominal (anáfora-rótulo com dêitico)*: afinal, o “outra

¹⁸⁵ Lima (2018) também identificou hesitações e pausas bruscas (como em nossas ocorrências) como expressão do embaraço em seu *corpus* envolvendo essa emoção, pondo em relevo o sujeito constrangido, desconfortável.

merda” realiza uma mediação/organização entre o já dito e o novo (estatuto anafórico), e ao mesmo tempo consegue **encapsular** uma porção larga de texto (prospectivo), que é o bloco 2.

Deste modo, encapsulando o que vem depois, o “outra merda” resume o conteúdo integral do bloco 12, que retrata as ações negativas de e2, isto é, aquilo que “a galera tá fazendo por aí”, como Laura diz no bloco 12. Retratar a fala do oponente como “merda” é aumento do dissenso, marca a relação de inconciliação entre os dois PDVs antiorientados. Isso ainda é mais evidente se tratarmos o traço “outra” como signo dêitico que recupera a *merda anterior* de e2¹⁸⁶, criando a cena de *acúmulo de merdas* – como se e2 estivesse no extremo do absurdo –, o que favorece a estigmatização do agente e2. Portanto, essa anáfora-rótulo que faz dêixis prospectivamente é um recurso de crítica frontal a e2 no espaço de Narração. Isso ratifica o quanto é flutuante a modalização do dialogismo com e2: por vezes L1/E1 conversa com ele em uma indignação mais comedida; em outros, de forma mais conflituosa¹⁸⁷, entre outras nuances.

Esses elementos da AM17 indicam, enfim, uma busca por fechar a discussão, marcar a discordância discordante, deixando sobressair a tópica da antipatia como sobre-enunciação que *colore* o PDV2. Chama atenção L1/E1 mostrar-se em desajuste (como modalização) frente ao adversário. Que ganho discursivo isto pode trazer à divulgadora? Acreditamos que essa indignação espetacularizada leva Laura a algum capital estésico interessante para os propósitos globais do vídeo. Capturamos aí o ‘desabafo de ocasião’, a busca de um ‘expurgar lúdico’ de e2. Os enlevos prosódicos e o uso de “merda”, por exemplo, na tessitura da referenciação, alinham-se ao *ethos* debochado e escrachado do youtuber científico; o cientista já dessacralizado, *mais humano*, mais horizontalizado com outros sujeitos, apesar da força desafiadora de L1/E1. Não obstante, o efeito de assertividade (como aparentemente se pretende) caracteriza fortemente o PDV1 (bloco 11), diferente do bloco 12, mais conflituoso.

Já o bloco seguinte, bloco 7 m 48 s, abre para um PDV assumido (correspondente à Confirmação nº 7), com os argumentos explícitos de que a ingestão de mais de uma dose não se sustenta. Mas não analisaremos esse trecho, preferindo ocorrências mais emblemáticas. Portanto, a próxima seção avança para o tempo 10 m 1 s – subsumido ao segundo grande tópico do vídeo: evidências anedóticas –, fazendo a cobertura da Amostra 18, a penúltima desse vídeo.

¹⁸⁶ A merda anterior corresponde à adesão e defesa de e2 do estudo preliminar *onde as células morrem junto com o coronavírus* (conteúdo da proposição precedente a esta que estamos analisando: 6 m 44 s a 7 m 8 s). Ou seja, a merda anterior é esta possibilidade de se endossar a realidade de a pessoa tomar ivermectina e morrer.

¹⁸⁷ A referenciação aí analisada reflete o ato pragmático de agravar, nos termos mais precisos de Chabrol (1995 apud Emediato, 2023), devido à visada de ruptura, de acentuação da divergência, conforme a grade de atos pragmáticos mais habituais de interações discordantes. Mas, ao mesmo tempo, há *piscadas de olhos* para os *Tiers* (tanto l2/e2.esp. quanto os espectadores em geral), em L1/E1 mostrando-se *descolada*, ao usar essa linguagem informal e vil, conforme apontado no parágrafo a seguir.

4.2.5 PDV do absurdo das evidências anedóticas

Antes do tempo 10 m 1 s (nosso objeto privilegiado nesta seção), a divulgadora já iniciara o tópico *evidências anedóticas*; precisamente no tempo 8 m 35 s, inaugurando as elocuições que se referem ao segundo fim discursivo do vídeo. Nesse escopo, Laura contextualiza o problema, relatando que o seu adversário está bastante crente das histórias de pessoas do seu convívio que dizem que melhoraram da covid-19 pelo fato de terem ingerido ivermectina (o que constitui, do ponto de vista de Laura, uma mentira). Com base nesse mote, a youtuber explica o que é evidência anedótica (em 8 m 55 s a 9 m 17 s); em resumo, ela é uma história *de cura*, mas sem provas. Em seguida, após Laura exemplificar um pouco esse problema das anedotas, inicia-se um trecho mais explícito dessa refutação (10 m 1 s), que estará sob exame nesta seção (cuja transcrição está disposta adiante).

No início da AM18, e logo quando se principia o bloco 10 m 1 s, Laura faz um aviso de que está retornando para o tópico das evidências anedóticas, pois, precedentemente, ela se *desviou* para a questão da homeopatia. Assim, o “Mas vamo voltar” (linha 14), correlato à retomada da discussão central, anuncia um novo ‘tópico-frasal’, que é dedicado a **refutar** a razoabilidade dessas anedotas, em resposta ao envolvimento de e2 nelas, contemplado nas Narrações anteriores sobre como essas anedotas operam. Ou seja, a AM18 (10 m 01 s a 11 m 28 s) **aprofunda** as provas contra as anedotas, incluindo e2 polemicamente nessa Amostra.

Para tanto, a divulgadora explicita o absurdo que é acreditar nelas, uma estratégia de **redimensioná-las no âmbito do absurdo**. Como estratégia para esse fazer-creer de caráter global, a divulgadora faz uso da analogia, para deixar mais claro o absurdo, a partir do segmento 2. No caso, ela emprega uma analogia com relatos que já são (ou *seriam*) previamente absurdos.

Em termos dialógicos, o PDV assumido (RE de L1/E1) é o de que é absurdo e catastrófico crer em relatos desprovidos de provas. Tal concepção do PDV1 é uma discordância discordante frente ao PDV imputado (de e2) que está apenas pressuposto nesse PDV1. Ora, dizer que é absurdo crer em relatos quaisquer (como base para decisões quanto à própria saúde humana) é confrontar o pdv que crê neles, confrontar o e2. À vista disso, o PDV1 (RE) está presente, **evocando o e2 que crê, mas que está em conjunção, ainda, com o e2.esp.**, aquele que deveria modificar o seu crer, pela ação de fazer-creer de L1/E1 nesta Amostra. De fato, esse PDV como alvo do confronto *interlocutivo* está mais bem apresentável a partir do segmento 15. Isso porque, na interrogação “E aí eu (.) te pergunto, é:::, <pra tantas coisas mais simples>, [...] <por que aceitar o relato da sua vizinha [...]?>”, está-se responsabilizando e2.esp. pela posição *aceitar relatos da vizinha sobre remédios*. O PDV assertado, RE (de que acreditar nisso tudo é

absurdo) é direcionado a e2.esp¹⁸⁸. A pergunta na fórmula “por que” desvela esse pdv imputado pressuposto, como alvo interlocutivo de um confronto (o alvo que deveria modificar as suas percepções), e não apenas de uma pergunta. Mas antes de nos atentarmos ao dialogismo nesse contexto interlocutivo-ilocucionário que caracteriza o trecho a contar do segmento 15 (e que funciona como conclusão moralizante da analogia)¹⁸⁹, concentremo-nos primeiramente no funcionamento enunciativo da analogia, valendo-nos de Amossy (2020), por onde prosseguiremos após a transcrição.

AM18	
	10 m 1 s a 11 m 28 s Ainda seção <i>Efeito placebo</i> (bloco 2)
14	((mão aberta fechando-se para perto do corpo, indicando retomada)) Mas vamo voltar
15	pra evidência anedótica. Uma informação (.) sem comprovação. Se alguém chegar
16	((direcionando-se a Ana Pillow)) pra você:::, ãh, e falar assim: (.) seu namorado tá te
17	traindo! ((mensagem verbal “que? >:-(” na tela, imputada a Ana Pillow)) Você vai (.)
18	acreditar cegamente nisso ou você vai pedir provas? >Ou então se alguém falar
19	assim:< ah, (.) eu tenho ((balançando o corpo)) um Porsche não sei das quantas, super
20	ca:::ro, Master Bla:::ster, na na na,
21	((interpolação com trecho da série Friends, na qual Joey vangloria-se, perante duas
22	mulheres, de possuir um Porsche, estacionado no local do encontro, coberto por lona,
23	mas que é desabado quando um jogador de futebol cai por sobre as caixas cobertas))
24	você vai acreditar (.) ou você vai querer prova? Ou, ainda, >a pessoa vira pra você
25	e diz assim ah<, (.) tô grávida do Neymar. ((foto do Neymar na tela, com fala imputada
26	a ele: “filho meu? quero DNA!”)) Bom, nesse caso até o <u>Neymar</u> vai querer prova de
27	que isso é verdade.
28	E aí eu (.) te pergunto, é:::, <pra <u>tantas</u> coisas mais simples>, que não colocam a nossa
29	saúde em risco, é, a gente pede comprovação, <por <u>que</u> aceitar o relato da sua vizinha
30	de que/ diz que curou ((gesticulação progressiva)) tomando água com limã:::o
31	de ponta cabeça> exatamente às seis e trinta e três da manhã, (.) sem prova nenhuma?
32	Tomar medicamentos ou usar misturas de plantas <u>sem</u> ter comprovação de que
33	funcionam ou, pior, sem saber se ((mão endereçada ao espectador)) voCÊ realmente
34	pode tomar esse/ eh, essa substância com segurança, coloca ((mão esquerda
35	descensionalmente)) a sua saúde em <u>risco</u> . E o <u>Mínimo</u> que você pode fazer pelo
36	seu bem-estar é procurar apenas aqueles tratamentos ((conteúdo escrito na tela))
37	que já foram comprovados e são seguros.

¹⁸⁸ Há outras evidências de que o dialogismo é com o PDV2, tendo l2/e2.esp. como objetivo discursivo, tais como as menções ao “você” (a exemplo, nos segmentos 3 e 5). O PDV assumido se constrói, então, como um saber a ser imposto no modo interlocutivo/alocutivo. Revela-se claramente o quanto e2 representa o parceiro do ato linguageiro interlocutivo, pela identificação entre instâncias.

¹⁸⁹ Aliás, é fundamental para o percurso analítico essa separação retórica dentro da Amostra: a analogia está na primeira parte, do segmento 2 até o 14, e a reflexão conclusiva sobre ela (com um discurso mais conativo) é a segunda parte, fazendo a finalização a partir do segmento 15.

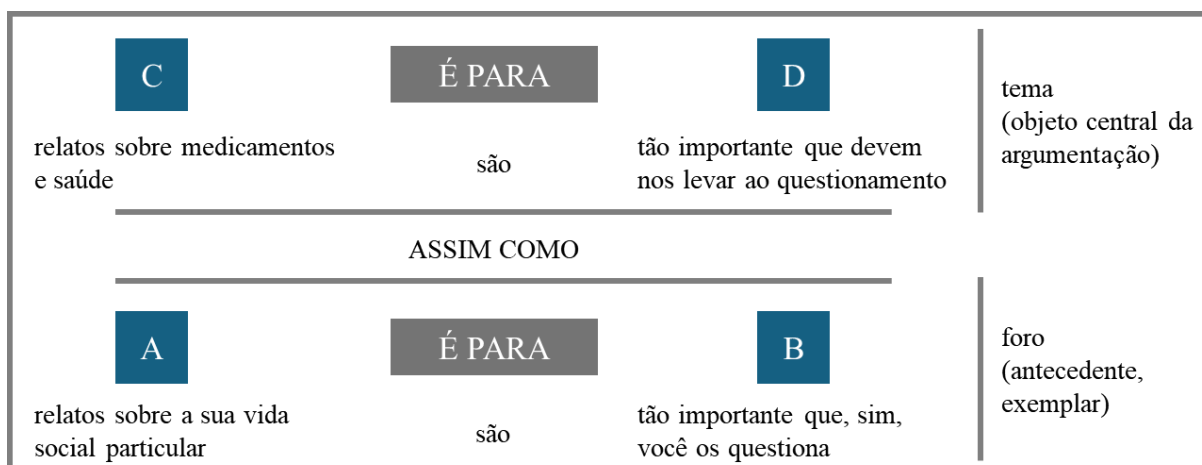
Na analogia criada por L1/E1 (linhas 15 a 17), parte-se de casos particulares da vida social (relatos plausíveis concernentes à vida privada, como foro) para explicar uma lei pretensamente geral, que consistiria em ‘*não se deve acreditar em relatos quaisquer, de qualquer natureza, incluindo os que envolvem saúde e terapias*’ (tema). Essa lei geral coincide com a perspectiva E1, sendo que a estratégia para incuti-la é basear-se, como caso particular, na premissa ‘*você naturalmente não acredita em relatos quaisquer da vida social privada*’ para, depois, estabelecer o consenso mais geral de que ‘*não se deve acreditar em relatos como um todo, incluindo os da saúde*’.

Mas **do ponto de vista de e2**, responsabilizado, ele comparece como responsável pelo caso particular, isto é, entendendo-se e2 (e e2.esp.) como consentindo em relação a esse fato particular – já que a lei geral é uma lógica que L1/E1 extrai a partir desse imaginado consentimento prévio com e2. Noutros termos, e2 é aderido à ideia *não acreditar em histórias que impactam relacionamentos* (caso particular; foro). Isso faz com que e2, entre as linhas 15 e 27, seja focalizador de um pdv representado. Esse PDV imputado é representado porque busca presentificar e2.esp., em uma encenação com efeitos objetivantes. Independentemente dos casos particulares concretos enunciados, o e2.esp. se presentifica como *locucionando* uma resposta do tipo ‘*não creio*’ para cada uma das anedotas hipotéticas propostas por Laura de 15 a 27. Em cada uma das três proposições que funcionam como foro, antecedente, analogia, o e2.esp. (sujeitos e2 e outros, os indecisos) é o que presumivelmente responderiam ‘*não creio*’.

Destarte, fica evidenciado que o discurso no foro é a evocação da voz desse sujeito de quem L1/E1 aqui tenta aproximação: e2.esp. O foro/antecedente consiste em aproveitar as concepções já prontas de e2.esp., pois, ao se aproximar delas, fazendo-as valer na analogia, ficaria, pelos cálculos da locutora, mais fácil para ela argumentar a favor de que essas historietas *em geral* não podem ser objeto de credibilidade se sem provas.

Por meio do Quadro 13 esquemático, a seguir, precisamos a mecânica da analogia.

Quadro 13 – Analogia das evidências anedóticas



Fonte: elaborado pelo autor.

É a partir dessa lógica global que a analogia, de modo mais central, avança para o PDV do absurdo, como algo sob responsabilidade de L1/E1 e que este deseja incutir em e2.esp., para desmontar o PDV2. Isso porque, embora o **foro** e2 receba imputação valorizadora, elogiosa (de ser crítico quanto às anedotas da vida social, algo aprovado por L1), e2 está em dissenso, se ele for visto sob o prisma do **tema**, que é ‘*não acreditemos em anedotas da esfera médica/da saúde*’ (onde e2 acredita). De todo modo, e2.esp. é responsabilizado nas duas dimensões da analogia: é crítico em relação a um dos tipos de relato, mas não crítico frente a outro. Assim, ele é focalizador também do tema, sendo, aí, convocado a atualizar o seu *crer*.

O que é central e básico no esquema (Quadro 13) é a qualidade *absurdo* nos termos D e B, fazendo a analogia funcionar. Essas duas realidades são postas em direta compatibilidade: (i) a visão já pronta em e2 (*é absurdo* acreditar em certas historietas; foro) e (ii) a visão apregoada como tema (*é absurdo* acreditar em quaisquer delas). Como se observa, o PDV que se busca fazer o outro *crer* (o não acreditar nas anedotas) está em plena discordância discordante com o PDV imputado, pois este acredita ainda nas anedotas quanto à saúde, estando limitado a ser cético só naquelas que tratam de relações interpessoais. Mas a inserção das analogias (com os embustes contra Neymar¹⁹⁰, por exemplo), busca atualizar o PDV2, agir sobre ele, por meio da **compatibilidade/conjunção** entre, de um lado, esses embustes absurdos (foro) e, de outro, os engodos referentes a medicamentos suspeitos (tema), entre C+D e A+B.

O elemento de grande discordância – então, o elemento novo para e2 – é o (*dever*) *não acreditar em medicamentos suspeitos*, aspecto central da RE, e expresso no C+D. Esse aspecto

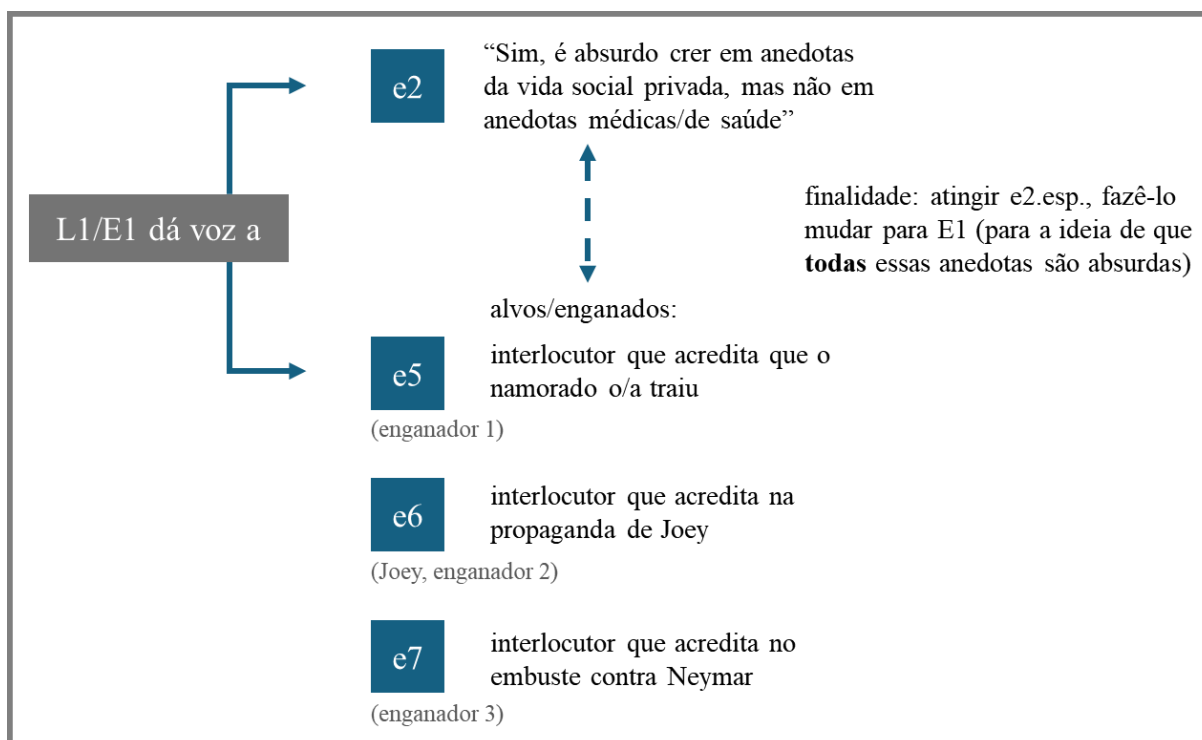
¹⁹⁰ A referência nesse momento do vídeo (linha 25, do bloco iniciado em 10 m 1 s; AM18) é claramente ao jogador de futebol brasileiro Neymar da Silva Santos Júnior, referido mais frequentemente como “Neymar”.

dos medicamentos é refeito na analogia; esse é o ponto aqui. É redistribuído para redimensionar o fazer-creer sobre e2.esp.; é redistribuído no sentido de ganhar paralelo com os engodos já absurdos para *todos*. O fim último é fazer e2.esp. aceitar o PDV1, incorporar que *todos* esses engodos são absurdos, devendo as pessoas se esquivarem deles.

Desta forma, entendemos que, para uma melhor atratividade do PDV1 – que consiste em aproximar o universo e2 de outro, o universo médico (E1) –, ocorre a aplicação da pec de modalidades apreciativas. Afinal, L1/E1 se vê na necessidade de injetar em ambos os termos, em ambas as mentiras, a chave modal *é absurdo, é inacreditável*. É esta apreciação que une coerentemente C e A. Isso permite constituir o **PDV assertado da ciência**: *‘assim como é absurdo x, é absurdo y’*. Isso tudo é importante no sentido de darmos crédito ao papel da modalização, pois se trata, nas linhas 15 a 27 (essas perguntas todas), de espetacularizar o valor modal de absurdo cômico existente no foro, e que seria, *a posteriori*, estendido para o tema.

Outro elemento relevante é o processo de representação do PDV2 (e2 como logrado, enganado), que passa a englobar tanto o e2 (enunciador secundário) quanto os enunciadores terciários, inscritos como e5, e6 e e7, que aparecem somente nesse trecho, e estão didaticamente explicados no próximo Quadro-esquema. Esses terciários correspondem ao e5 enganado/enganador, ao e6 enganado/enganador e ao e7 enganado/enganador (isto é, a três simulacros enunciativos de inocentes sendo enganados por anedotas) (Quadro 14). Essa polifonia decorre do fato de L1 valer-se de tais enunciadores (na condição de engodos *mais absurdos*) para atingir dramaticamente o e2.esp. (enganado, ‘absurdamente’, pelo discurso do kit covid). Isso porque o e2 e o e2.esp. são igualados com os enganados de e5, e6 e e7 (anedotas sobre relacionamentos), dando-se a entender que o e2.esp. também *dá palco* para agentes como e5, e6 e e7. Essa complexidade enunciativa é esquematizada a seguir.

Quadro 14 – Simbiose entre a instância secundária (e2) e as instâncias terciárias na analogia



Fonte: elaborado pelo autor.

Por meio do esquema, visualizamos que os foros se dão em um empilhamento polifônico para atingir sensivelmente o e2.esp., porque a ofensa endereçada a ele (de que ele é um bobo enganado) decorre da aproximação entre foro e tema, e, portanto, da simbiose/aproximação entre e2 e os alvos/enganados (de A+B; foro). Trata-se, aí, de espetacularizar como absurdas as crenças dos sujeitos e2 em evidências anedóticas. Para tal empreitada, o jogo visual e modal de **representação dos terciários (e5, e6 e e7)** é fundamental para tornar a analogia intrigantemente atrativa (provocação), enquanto estratégia de L1 para rebaixar o PDV2 (e modificá-lo, para E1).

De maneira englobante, percebemos que o foro (e5, e6 e e7, como conhecidos de e2 e, portanto, mais internamente, também *considerados como PDV2*) assume uma prosódia especial para demarcar a imputação a esses especiais enunciadores terciários, narrativizados, o que é uma imputação também ao secundário (ao e2 que os reconhece). A sério, a fala desses sujeitos terciários é apresentada de maneira descuidada, como se verifica das linhas 16 a 25. A prosódia, aí, como critério de atitude modal marca o descrédito conferido aos PDVs secundários/terciários, o caráter risível deles (segundo L1/E1). Peguemos o exemplo dos segmentos 19 a 23. Ali ocorre a imputação a e6, Joey, e, mais globalmente, a e2 como *reconhecedor* do e6. Laura imita o ato de e6 de vangloriar-se com o suposto Porsche, mas relatando a retórica dele como um lenga-lenga, pois ela prolonga os fonemas. Além disso, ao

usar o simples “na na na” no desfecho, Laura insinua que há uma continuidade praticamente interminável desse discurso *enfadonho* (a *chatice* das crenças dos sujeitos e2 em geral). Com isso, fica notável a provocação (o ato pragmático de agravo) endereçada a e2.esp., pela via do constrangimento (elemento que exploraremos mais adiante, ao enfocarmos em um desses terciários).

Nesses PDVs imputados como foro, não há uma assertividade na impostação quando L1/E1 os pronuncia. Quanto a isso, a ocorrência do “ah”, no caso do terceiro enunciador terciário (relacionado ao Neymar; linhas 24 e 25), não é banal: “>a pessoa vira pra você e diz assim **ah**<, (.) tô grávida do Neymar”. Essa materialidade prosódica, com tantos truncamentos, insinua que esses PDVs/enganadores não são dignos de crédito, dada a desvalia prosódica exposta. A ideia, então, é, pela pec2 marcada na prosódia, L1/E1 orientar o PDV2 como problemático, devido à sua aliança com a percepção *crer em qualquer anedota médica*.

Para ratificar este apontamento analítico, basta compararmos os foros (PDV2) com o PDV conclusivo moralizante e deôntico compreendido entre os segmentos 28 e 37. Temos aí todo um arranjo prosódico que confere à fala deôntica de L1/E1 um efeito interpretante de maior assertividade. Por exemplo, nas proeminências prosódicas do exemplário subsequente: “<por que aceitar o relato da sua vizinha [...]” (linha 29); “E o Mínimo ↓que você pode fazer pelo seu bem-estar é [...]” (linha 35; grifo negrito nosso). Há uma busca para melhor deixar claro que as proposições enganadoras são idiotizantes, uma busca por escancarar que esse fator problemático (um rebaixamento de e2 pelo eixo de três ‘prises en charge’ de força ilocutória: a apreciativa, a da possibilidade (diminuição da verdade do PDV2) e a modalidade interlocutiva-ilocucionária. Mesmo em e2.esp. sendo um focalizador desses PDVs terciários, por ser fonte do *saber sobre eles*, L1/E1 modaliza os PDVs terciários de modo a destacar o absurdo, o risível e condenável desses engodos. O alcance disso no dialogismo é o de **destacar**, do ponto de vista do L1/E1 sobre-enunciador, **que é absurdo, risível, condenável a coenunciação entre, de um lado, e2 e, de outro, e5, e6 e e7**. Trata-se de enaltecer o baixo senso crítico de e2.esp.

Destarte, o que e2.esp. sabe, enquanto foro, é cingido por L1/E1 sobre-enunciador como debochável, idiotizante. A sobre-enunciação sobre cada um dos terciários acontece de maneira bem estratégica. É interessante destacarmos, a seguir, mais alguns fatores desse jogo dialógico da *cientista séria* frente aos *enganadores*. Poderíamos falar dos três enganadores, mas não aprofundaremos na sobre-enunciação efetuada em cada um deles (em e5, em e6 e em e7).

No que concerne a **e6** (o caso **Joey**), especificamente, temos todo um jogo de memória e cenografia que emprega o personagem Joey Tribbiani como sujeito que propagandeia demais.

Evocado como sujeito ficcional de fala no PDV2¹⁹¹ do foro, o e6 é expresso de maneira multimodal, incluindo a interpolação na cena dos segmentos 21 a 23. A ingreência verboaudiovisual contribui para espetacularizar o constrangimento de e2.esp., já que ele é visto por L1/E1 como análogo aos sujeitos enganados no contexto de e6. É claro que a memória aí recuperada – do Joey paquerador¹⁹², mas também a tal ponto *patético* que não consegue sustentar seus engodos, como se revela na imputação – colabora para construção do foro como **causador de constrangimento** (emoção do embaraço), o que constitui um recurso enunciativo-argumentativo para L1 tentar fazer e2 atualizar-se em e1, na ideia de que ele, o seu oponente interlocutivo, sentir-se-ia incomodado com a burrice. Assim, já que e2 é inserido no processo narrativo do conteúdo imputado como sendo ele uma presa fácil das anedotas (análogas a anedotas em geral, inclusive as da área médica, segundo L1/E1), isso tudo se torna uma forma de provocar e2.esp., fazê-lo despertar para o PDV1.

Deste modo, novamente há adições modais por parte de L1/E1 sobre-enunciador, modalizando a situação PDV2=e6 como condenável. Isso se dá na medida em que se atribui aos interlocutores e6 (as garotas) e também a e2 uma atitude epistêmica rudimentar, uma baixa intelectual. É aí que o PDV2 é modalizado pela pec2 apreciativa como risível, e pela pec2 de modalidades de dizer como inferior epistemicamente (aquele que, na verdade, mente). Tudo isso funcionando para a visada mais englobante: apontar o dedo para e2.esp., para modificá-lo.

Ao analisarmos desta forma a analogia, atentando para a configuração básica de *prise en charge*, identificando o estatuto especial dos diferentes enunciadores e, ainda, apontando a pec2 que L1/E1 incide sobre o PDV2 de antecedência, percebemos que há uma certa **empatia**, nem que mínima, feita por L1, um L1 que, de relator dos PDVs, desdobra-se em sobre-enunciador, mas que, ao fazer o relato dos foros/ PDVs, se revela como empático *também*. Isso ocorre pelo fato de L1/E1 mobilizar no foro situações que são mais prototipicamente entendidas como risco para e2.esp. L1/E1 entra na perspectiva de e2 identificando o que seria mais perigoso para ele, como as alegações de traição, sendo elas, inclusive, concebidas provavelmente como +risco do que as situações médicas. Laura empatiza pelo fato de ela entrar no que é mais sagrado e precioso de e2, como foro, as mentiras que e2 não abriria mão de contestar (por *quase-pec* empática por parte de L1/E1). Aproveitando o que é mais

¹⁹¹ Lembrando sempre, devido à natureza da analogia, que o pdv2 corresponde a: e2 que sabe/reconhece que e7 fala/faz x; e8 fala/faz y, etc.

¹⁹² Paquerador dentro de uma retórica específica de paquerador problemático, porque não sustentado em termos de condições de sinceridade.

pateticamente envolvente para e2, L1/E1 atribui emoções a ele. Isso significa que L1/E1 está aproveitando o que é mais pateticamente envolvente para e2, o que requer, como se vê, heteroatribuição de emoções a e2. Ora, a analogia evoca o exemplo, o antecedente como já integrado nas/pelas representações do coenunciador (Maingueneau, 1999 apud Amossy, 2020, p. 152); entendendo, aqui, coenunciador como e2.esp. **O familiar e antigo, aí mobilizado, é o espaço da empatia**, ponto de partida para o estabelecimento do novo, ou seja, do tema da analogia. Não obstante, no avançar da modalização – na lógica do absurdo –, essa configuração muda, com L1/E1 atribuindo a e2 *novas* emoções: o constrangimento e a perplexidade (tópica da indignação).

Feita a análise da analogia, em seguida, a contar do segmento 28 até a linha 37, temos **a conclusão desse PDV do absurdo, assumida por L1/E1**: o PDV de que crer nessas historietas *todas* é um absurdo (ao contrário do que e2 pensa). Nessa RE (transcrição desse recorte, a seguir), o traço semântico do absurdo se mantém, e justamente trazendo a *moral* dessa gestão de PDVs. Esse efeito moralizante pode ser constatado no sentido que se extrai da pergunta efetuada nos segmentos 28 a 31: “<por que aceitar o relato da sua vizinha que diz que curou [...]>”. O caráter moralizante se verifica na resposta já contida na pergunta; a resposta prevista é: ‘*não há por que crer nesses relatos*’ (pdv de L1/E1 subentendido). Por essa razão, a pergunta é o PDV assertado da ciência, um PDV *seguro de si*, o qual, dissimulado na construção interrogativa, encaminha a visão de que é irrazoável acreditar em evidências anedóticas.

28	E aí eu (.) te pergunto, é:::, <pra <u>tantas</u> coisas mais simples>, que não colocam a nossa
29	saúde em risco, é, a gente pede comprovação, <por <u>que</u> aceitar o relato da sua vizinha
30	de que/ diz que curou ((gesticulação progressiva)) tomando água com limã:::o
31	de ponta cabeça> exatamente às seis e trinta e três da manhã, (.) sem prova nenhuma?
32	Tomar medicamentos ou usar misturas de plantas <u>sem</u> ter comprovação de que
33	funcionam ou, pior, sem saber se ((mão endereçada ao espectador)) voCÊ realmente
34	pode tomar esse/ eh, essa substância com segurança, coloca ((mão esquerda
35	descensionalmente)) a sua saúde em <u>risco</u> . E o <u>Mínimo</u> que você pode fazer pelo
36	seu bem-estar é procurar apenas aqueles tratamentos ((conteúdo escrito na tela))
37	que já foram comprovados e são seguros.

Ocorre que o formato do PDV assumido (RE de L1/E1) dá-se principalmente com a visada de captação. Há uma certa hipérbole conferida à irrazoabilidade das evidências anedóticas. Exagera-se na maneira de retratar o absurdo – no fundo, o ‘fracasso epistêmico’ – do PDV2, na sua dimensão de crer em evidências anedóticas *em saúde*. Isso acontece,

concretamente, na forma como a fala da vizinha é perspectivada nos segmentos 30 e 31. Para entendermos isto, importa precisarmos o dispositivo enunciativo ali em desenvolvimento.

A RE de L1/E1 (irrazoabilidade e fracasso das evidências anedóticas) se constrói a partir do pdv narrado imputado da vizinha (segmentos 29 a 31), o qual é respondido por um desacordo frontal e uma heterorreformulação retificativa – já que o signo “por que” *põe em suspenso* o aceite dos relatos, propondo de imediato o não aceite. Deste modo, o PDV2 está recuperado *dentro* do PDV assertado de L1/E1, para os propósitos pragmáticos de L1/E1; como prevê a teoria, L1/E1 reelabora a imputação em um nível pragmático, reagindo a ela pelo desacordo total. Além da heterorreformulação, a *prise en charge* básica, enquanto PDV narrado (L1 dando a ver os modos de perceber, pensar e agir típicos da esfera e2), já são uma estratégia sobre-enunciadora, porque, para além de se focalizar a esfera da cozinha, aciona-se novamente o esquema actancial do agente degradador (a vizinha) e da vítima (e2 em geral). O mais relevante, contudo, é que o que L1/E1 imputa à esfera e2 – a figura da vizinha, pois e2 seria aderido ao discurso dela – dá-se na chave modal do *hiperbolicamente* irrazoável. A imputação enunciativa é, sim, à vizinha, mas apenas em um nível de cenografia, pois ela é instância responsabilizada pelo ato de recomendar profilaxia sem embasamento (*‘deu certo com ela, então, daria certo a outrem’*). Entretanto, o processo verbal “aceitar” (explícito no segmento 29) instala e2, este, sim, como o principal imputado, sendo ele o *interlocutor-alvo* da anedota, por ser tendente a essa proposta anedótica; ele é que é, mais verdadeiramente, o universo da imputação. E nos segmentos 30 e 31 fica claro o exagero (como pec apreciativa; sobre-enunciação de L1) imputado às ações da vizinha (e2) por meio de diferentes marcas languageiras, construindo uma imputação ‘exagerada-ironizada’ com vistas a ridicularizar o e2-vítima.

Um exemplo simples da sobre-enunciação apreciativa que hiperboliza a posição ingênua de e2 (o alvo da vizinha) é a gesticulação e a entonação acentuadas em praticamente todo o trecho, da linha 29 a 37. Esses elementos atribuem à enunciadora vizinha e a seus respectivos e2 a qualidade de *doidos*. Os gestos entre as linhas 29 e 31, em particular, fortalecem a distância de L1/E1 indignada frente à subjetividade e2, esta relegada ao descrédito (isto é, na pec da possibilidade) e ao debochável (pec apreciativa).

Por conta de tudo isso, a responsabilidade enunciativa imputada a e2 é bastante matizada. É como se houvesse a modalização ‘*absurdamente*’ encarreirando todo o enunciado delegado à esfera da vizinha. Esses elementos parecem servir para ir constituindo a atratividade do PDV1, pois o colocam como o lugar da verdade provada, em oposição ao PDV2.

Já a partir do segmento 32, e fechando no 37 (o qual finaliza a Amostra), temos o **PDV deôntico conclusivo** e moralizante ainda mais explícito, e que é voltado para o fazer-fazer. De

sobre-enunciador, L1/E1 evolui para uma voz una/própria e assertiva, o que perfaz uma RE *mais plena*. Uma vez tendo imergido na zona do outro, L1/E1 autoriza-se agora a emergir em um PDV que tira conclusões desse processo. Esse PDV assertado da ciência ainda mantém a face sobre-enunciadora de L1/E1, pelo fato de este, em sendo responsivo ao PDV2, buscar **reverter as noções mobilizadas enquanto PDV2**. Reverter as noções de e2 é, aliás, um procedimento propriamente de referenciação. Por conseguinte, entramos agora na seara do youtuber de *débunkage* que retorce, ressimboliza, reformula tudo o que a esfera e2 causou nesse dialogismo sobre a pandemia¹⁹³.

A título de exemplo, a lógica do *crer*, tal como foi usada para caracterizar o PDV2 (aquele que é *crente* em anedotas), é reformulada para a ideia de *risco*, na linha 35: “[...] sem saber se voCÊ realmente pode tomar esse/ eh, essa substância com segurança, coloca ↑a sua saúde em **risco**. E o Mínimo ↓que você pode [...]” (grifo nosso). Em momentos anteriores, quando o *dictum* do pdv estava na voz de e2, o ato negacionista era descrito de maneira mais *leve*, porque resolvido nos traços lexemáticos do *acreditar* (em negrito, a seguir) apenas:

(i) Exemplo 1 (na Narração nº 7, sobre o que é efeito placebo; tempo 9 m 18 s a 10 m 0 s): “[...] baseadas principalmente no famoso efeito placebo, que é quando a pessoa melhora <por **acreditar**> que vai melhorar. Esse é um efeito muito bem estabelecido na ciência [...]”.

(ii) Exemplo 2 (na Confirmação nº 10, onde nos situamos agora, mas no começo do bloco): “Se ↑alguém ↓chegar pra você:::, ãh, e falar assim: (.) seu namorado tá te traindo! Você vai (.) **acreditar** cegamente nisso [...]?”.

Como se vê, o *crer* é retorcido, ganhando, nesse momento conclusivo da Confirmação nº 10 (AM18), traço semântico mais condenador, com a suposta *crença* sendo reformulada para *risco* (o colocar a vida em risco). L1/E1 se posiciona, então, como força discordante, *ethos ad rem*, condenando a postura de e2 via heterorreformulação. É a propriedade do *dementir* (Chabrol, 1995 apud Emediato, 2023) que está aí presente como ato pragmático-interacional, aumentando a polêmica com e2, em comparação com os enunciados anteriores.

Outro aspecto de suma importância da alta assertividade – enquanto efeito interpretante – desse PDV conclusivo (em RE) é a modalização interlocutivo-ilocucionária que o matiza. Uma vez investido de uma quase total (se não total) certeza de seu PDV (alta pec da verdade, por meio de recursos linguageiros como o presente do indicativo desde o segmento 32), L1/E1

¹⁹³ Tal como se sucedeu no vídeo de Slow, quando ele procura ressignificar o povoamento que e2 fez em seu discurso, modificando os sentidos, por exemplo, do ‘*detox de vacina*’.

atreve-se a atos alocutivos, tais como a advertência (em “coloca a **sua** saúde em risco”; linhas 34 e 35) e a solicitação contundente (“E o Mínimo ↓ que **você** pode fazer pelo seu bem-estar é procurar [...]” (linhas 35 e 36). São recursos que implicam fortemente o e2.esp. L1/E1 também expõe-se de maneira mais forte, tanto porque realiza os alocutivos, comprometendo a sua própria face (deixando-a exposta a interrogações a respeito da legitimidade para esses alocutivos), bem como compromete o alocutário, e2.esp., ao situá-lo no dever-fazer (com as consequências disso para a imagem de L1/E1). Esses elementos convergem para a assertividade, mas indo além: gerando o desconforto em e2.esp., como efeito provável, interpretante.

L1/E1 encena seu PDV tanto por meio da alta força deôntica e objetiva quanto pela tópica da indignação. No que concerne a esse segundo aspecto, basta apontarmos os *arroubos* prosódicos (linhas 30 e 34). O truncamento constatado no início da linha 30 (símbolo “”) é emblemático, indicando certa figura de *fúria*: “por que aceitar o relato da sua vizinha de que/ diz que curou ((gesticulação progressiva)) tomando água com limã:::o” (linhas 29 a 31). A indignação, na realidade, está presente desde o segmento 30, devido à gesticulação progressiva, orientando o discurso para a conclusão indignada (o espetáculo da frustração e do descontentamento). Isso sugere o possível intento de L1 de sensibilizar os espectadores por meio de um remate dramático, potente de causar comiseração para com a ciência, caso o efeito final seja o de e2.esp. dar-se conta do quanto as pseudoterapias são uma afronta à ciência. Afinal, a indignação realiza-se como encenação, pois não há esquiva de L1 em dar vazão ao seu incômodo em ‘ter de *corrigir*’ o PDV2. Portanto, a indignação faz parte da força modal para conferir ao pdv1 o predicado de *merecedor de crédito*, via sensibilização. Essa tópica está ligada à pec2 via julgamento qualitativo afetivo, o qual, apesar de constituir um sofrer, é algo entendido como estratégico (benefício argumentativo), por ser *mostrado* enunciativamente.

Seguimos, agora, para a análise da última Amostra (Amostra 19) do vídeo de NV1C.

4.2.6 Constância das réplicas e a tréplica-defesa de L1/E1

Esta amostra, iniciada no tempo 11 m 29 s e terminada em 12 m 25 s, é ainda vinculada à seção *Efeito placebo*, em continuidade ao texto da Amostra anterior. Concentra-se ainda no problema do efeito placebo, isto é, das pessoas que acreditam na ivermectina *por crerem em evidências anedóticas*. Como apontado na sumarização retórica, essa Amostra (delimitada no tempo 11 m 29 s até 12 m 25 s) tem, como finalidade global, refutar (Confirmação nº 11) a correlação causal defendida por e2 entre ivermectina e melhoria quanto à covid-19.

Embora a Amostra esteja compreendida entre o tempo 11 m 29 s e 12 m 25 s (linhas 1 a 17), esse período todo de fala foi dividido em **dois** blocos, seguindo aquele critério de *paragrafação*. Assim, decidimos tornar o período 12 m 11 s a 12 m 25 s um bloco em específico. Isso porque ele abre para uma espécie de novo ‘tópico-frasal’ dentro da Amostra, pelo fato de adicionar uma **nova** analogia que ajuda a elucidar a refutação. Mas essa analogia (o bloco 2), que quebra a linearidade informacional da Refutação, não será analisada aqui; analisaremos apenas até 12 m 11 s, focando no mais central da refutação.

De que maneira se dá essa refutação em termos de dialogismo interno? Vejamos, primeiramente, a transcrição.

AM19	
	11 m 29 s a 12 m 11 s finaliza seção <i>efeito placebo</i> (bloco 3)
1	((dirigindo o corpo para a direita, para imitação)) Ah mas então, Laura, como é que
2	você explica o povo que tomou e se curou? Sem um estudo clínico controlado, a gente
3	<u>nunca</u> vai saber se a pessoa realmente se curou ((usando as mãos nessa construção
4	alternativa)) por <u>ca:::usa</u> do medicamento ou se ela se ((sorrindo; mãos indicando
5	liberação)) curaria sozinha de qualquer forma, >e ter tomado o remédio foi
6	simplesmente uma coincidência<. Por exemplo, as gripes e os resfriados se resolvem
7	((mãos abertas para os dois lados)) sozinhos em sete dias, não inte <u>RE</u> essa o que você
8	faça. Cê pode tomar chá de ((mãos indicando liberação; entonação mais grosseira))
9	a:::lho, chá de chá de alface com ... laranja, <u>sei lá</u> . Tudo que cê tomar nesse período
10	de sete dias vai servir pra aliviar os sintomas. Ele simplesmente tem o ((mãos se
11	abrindo para cada lateral)) cu:::rso da doença, que se resolve naquele período,
12	<u>independente</u> do que você faça. Então <u>qualquer</u> coisa que você faça vai
13	acabar sendo simplesmente uma ((<i>coincidência</i> por escrito na tela)) coincidência,
	12 m 11 s a 12 m 25 s seção <i>Considerações finais</i>
14	como::: (.) eu quebrar o <u>pé:::</u> , aí eu engesso por um mês porque eu tempo que demora
15	pra/ o osso colar de volta, a aí no final de um mês eu falo pras pessoa: ((franzindo))
16	ah, meu osso colou porque eu bebi água todo dia. ((arregala os olhos; cabeça se
17	contraí)) (.) ((mãos nas laterais do corpo com palmas para cima)) Entendeu?
	12 m 26 s a 13 m 39 s (desfecho)
18	Espero que tenha ficado claro, mas se você tem ainda alguma dúvida sobre esse [...].

Como se pode averiguar na AM19, o texto inicia-se com uma cessão à voz de e2, figura que estaria fazendo uma réplica a L1/E1 (linhas 1 e 2). Lembremos que, no cotexto antecedente, a refutação a e2, caricaturizando-o como *crente* no efeito placebo, já ocorrera, como se tivesse havido uma *vitória* de L1/E1 sobre e2, assentada na tese de que aqueles engodos são absurdos. É a partir desse terreno que vemos emergir novamente e2 nas linhas 1 e 2, em sua **nova réplica**

(conforme prefiguração de L1/E1), como se e2 não se visse por vencido. Isso leva e2 a esse “Ah mas então, Laura, como é que você explica o povo que tomou [ivermectina] e se curou?” (linhas 1 e 2).

Essa presença de e2 se dá por meio de um pdv representado, visto que L1/E1 concede espaço a um *ele-distante* que entra em cena por meio do ato de réplica, em uma configuração similar à de um DR. O processo mental de réplica se dá por causa da alegação que está *implícita* nessa fala imputada – a alegação/conclusão é: a posição de Laura é falha, insuficiente, tem algum *furo*, porque, como A1’, muitas pessoas obtiveram sucesso com a ivermectina. Portanto, a imputação é lançar objeção a L1/E1. Tudo isso a partir de um *dar a ver* – por parte de L1/E1 – que apresenta a réplica por se antecipar a essa objeção possível dos sujeitos e2.

Posto esse cálculo de predição por parte de Laura, podemos redimensionar essa ocorrência toda, dos segmentos 1 a 13, apontando a estratégia de barganha de Laura, ligada ao tipo de influência que ela busca angariar. Ora, ao se antecipar a e2 (aos pensamentos que se imporiam a propósito dos blocos anteriores, que, de fato, não mencionam casos concretos de pessoas que sentiram melhoras ao tomar o kit covid), L1/E1 resolve *atacar esse problema dos casos individuais*¹⁹⁴. O PDV representado é o mote para Laura poder se defender inclusive quanto a essa questão dos casos individuais, porquanto essa ofensiva de e2 é uma ameaça à face de Laura. Mas, apesar da ameaça, Laura aceita trazer essa questão específica para seu discurso (nesta Amostra). Aceita como oportunidade de fortalecer a sua argumentação. Mais do que isso, L1/E1 provavelmente está encenando a *sinceridade do debate*, querendo mostrar que ela é aberta o suficiente a e2. Trata-se, então, de estar aberta à *real imposição da verdade*, como *mise en scène*. L1/E1 se revela aí como *ethos ad hominem*, ou *ethos* de bom amigo: uma oradora que se abre aos questionamentos, fazendo formulações com, por assim dizer, *honestidade intelectual*. É um recurso para Laura manter os espectadores e2.esp. assistindo, *driblando* a desconfiança deles à ciência.

Nessas condições enunciativas, L1/E1 apresenta a sua tréplica a e2, a contar do segmento 2 até o segmento 6: “Sem um estudo clínico controlado, a gente nunca vai saber se [...]”. Esse PDV assertado e defensivo (assunção de L1/E1) está entrecortado por um PDV narrado, ainda que a serviço do PDV assertado preponderante nas linhas 2 a 13. Esse PDV narrado ‘intromissor’ é o relato hipotético retratando *probabilidades* (a situação de a pessoa ter se curado por causa do remédio *ou* de modo natural), mas que favorecem a tese E1; favorecem a ideia de que a doença covid-19 simplesmente *tem seu próprio curso* e que ingerir ivermectina

¹⁹⁴ Essa é a tônica dos segmentos 1 a 17.

nesse caso será *coincidência*. O PDV narrado, então, é o PDV de probabilidades/alternância de curas. O que deixa evidente a narrativização é o fato de a expressão dessas contingências (a cura ser o remédio ou não) receberem como focalizador *a pessoa*¹⁹⁵. Isso significa que o que está se narrando é a situação de a pessoa ser curada por um ou outro dos motivos, o que, no fundo, é para o bem do argumento de L1/E1: a ivermectina não fornece nenhuma garantia. Essa construção narrativa dá robustez a uma resposta com identidade E1, porque aquilo que é pressuposto na pergunta desafiadora inicial (linhas 1 e 2; de forma provocativa), com ares de certeza, é transformado, agora, em incerto, na chave modal da mera possibilidade ou alternância; servindo ao PDV assertado da ciência, que é: enfraquecer o polo da ivermectina.

Isto posto, embora o PDV narrado faça essa equiparação os motivos de cura, L1/E1, implicitamente, é firme, deixando clara a possibilidade nula de a ivermectina ser a cura. Na verdade, considerando toda a sequência das linhas 6 a 13, a possibilidade média – marcada, antes, nas expressões “ou”, segmento 4, e “sei lá”, segmento 9, exprimindo em igualdade as *opções* de cura *possíveis*, como equiparação entre motivos – é reformulada, em possibilidade totalmente nula (nula a possibilidade de a ivermectina ser a causadora da melhoria). Vejamos alguns recursos modais que favorecem essa contraposição a e2 e à ivermectina.

A atuação do L1/E1 sobre-enunciador respondendo (se defendendo) contra e2, a partir de “Sem um estudo clínico controlado [...]” (linha 2), se perfaz na mudança de modalização. Isso porque a perspectiva de dar crédito a e2, nessas formulações do ‘talvez a ivermectina funcione’ (como no representativo enunciado dos segmentos 3 a 5, que está sob a lógica da alternância) é logo depois modificado para uma *certeza* de que a ivermectina **não** funciona (emblemático nos segmentos 12 e 13: “Então qualquer coisa que você faça vai acabar sendo simplesmente uma coincidência”). A reformulação retificativa ajuda nessa postura de sobre-enunciação (mudança modal), sendo ela materializada nas marcas linguísticas dos segmentos finais do bloco, em uma espécie de *extravasamento* devido às ênfases prosódicas nos segmentos 12 e 13 (nas expressões linguísticas em negrito aqui): “Ele simplesmente tem o curso da doença, que se resolve naquele período **independente** do que você faça. Então **qualquer** coisa que você faça vai acabar sendo simplesmente uma coincidência” (linhas 10 a 13, grifo nosso). As estruturas iniciais com “ou”, com “sei lá” e no condicional – como é o caso em “**Sem um estudo clínico controlado**, a gente nunca vai saber se a pessoa realmente se curou por causa do medicamento ou se ela se curaria sozinha” (linhas 2 e 3), equivalente, por paráfrase, a ‘*se houver um estudo controlado, talvez a gente saiba melhor se a ivermectina foi*

¹⁹⁵ Em coerência com a pergunta-desafio lançada hipoteticamente por e2, “a pessoa” (linha 3) é anafórico de “o povo”, da linha 2 (PDV2).

a causa’ – parecem agir em uma consonância empática mínima com e2, a partir de uma lógica que une os adversários: as incertezas no conhecimento científico. Em contrapartida, mais ao final do bloco, em favor da autoridade do PDV1 (reformulando a modalização), concorrem os operadores linguísticos que exprimem a assertividade da tese de que a ivermectina nem é uma alternativa, como o pronome indefinido absoluto no enunciado das linhas 9 e 10 (“**Tudo** que cê tomar nesse período de sete dias vai servir pra aliviar os sintomas”), equivalente a ‘*não, nada de ivermectina funciona*’, Isso gera um PDV1 modulado pela pec da verdade (modalização objetiva em grau máximo) do sobre-enunciador. Isso atesta que a possibilidade média de a ivermectina ser efetiva pertence ao *mundo de e2*, é uma espécie de empatia mínima com ele.

Esses elementos todos que opõem o pdv representado e a dúvida (‘mundo-e2’), de um lado, e o PDV assertado da ciência (‘mundo-E1’), de outro, denunciam o subtexto *firme* (e não sob a dúvida) de L1/E1, pois a divulgadora tenta se projetar – após um certo intervalo – como segura defronte às objeções de e2, refazendo o conteúdo predicativo ‘*cura porque ivermectina*’. Soma-se a esses elementos o fato de que a menção ao estudo clínico (segmento 2) produz um efeito de assertividade ao PDV1, polemizando frente a e2. A instância estudo clínico (e3) é que seria a responsável (*quase-pec*), na origem, por credenciar a possibilidade baixa (ou nula) de a ivermectina ser a cura: “**Sem um estudo clínico controlado**, a gente nunca vai saber se [...]” (segmentos 2-3). Não é banal que o e3 seja mencionado já no início da macroproposição de assunção. Esse destaque a e3 na introdução da RE justifica-se pelo fato de e3 funcionar como argumento de autoridade, para valorizar o PDV de suspeição de L1/E1, o que, depois, evolui para uma maior força epistêmica. Em termos linguageiros, isso significa que o PDV1, a contar da linha 6, adquire valor ilocucionário de +*verdade* (aumento na pec da verdade), paralelamente à perda desse valor ilocucionário no PDV2.

A referenciação contribui sobremaneira para essa RE assertiva. **De novo, as retorsões.** Enquanto e2 considera que – pela representação criada por L1 – *o povo possivelmente tomou ivermectina e se curou* (segmentos 1 e 2), por outro lado, esse lexema da *cura* é **corrigido para a noção de coincidência** (segmento 13); e de maneira multimodal, dada a anáfora em miniatura gráfico-digital (Figura 12), para fortalecer o dissenso na elocução de “coincidência”. Portanto, mudam-se os atributos do referente central desse debate polêmico, sendo ele a *melhoria/cura* – as melhorias sentidas por quem ingere ivermectina – reformulada para a ideia de *coincidência*, de aleatoriedade (na referenciação verboaudiovisual do segmento 13).

Figura 12 – Anáfora visual “coincidência”



Fonte: captura de tela de Freitas (2020).

Essa noção de coincidência conta com outras anáforas correferenciais para fazer valer a tese de que o referente *melhoria/cura* entendido como *cura* (e2) é, na verdade, uma opção cognitiva *qualquer*. O lexema “não interessa” em “não inteREssa o que você faça” (linha 7) enquadra a noção de melhoria, de e2, como algo insignificante, indiferente, por causa desse sentido de que nada do que e2 faz é efetivo como cura real. Em suma, o que interessa é que o **objeto de discurso *melhoria/cura* segundo e2 passa a ser igual a vazio (pdv2 = vazio, insignificante) (segundo E1)**. O “não interessa” (linha 7) e o “independente” (linha 12) desvalorizam a ação profilática dada nos termos de e2, tornando-a *coisa qualquer, insignificante*, em consonância com o conteúdo proposicional do PDV1 em tréplica: ‘*a doença desenvolve seu curso natural, e a ivermectina não influencia em nada disto*’. A unilateralidade da cura (PDV2) torna-se não-unilateralidade (PDV1).

Concorrem para a modalização de alta certeza do PDV1 diversos elementos, a partir de “Por exemplo, as gripes e os resfriados se resolvem [...]” (segmento 6), isto é, depois da lógica de alternância/possibilidades (mais concessiva a e2). Em favor da encenação da verdade e superioridade do PDV1, podemos mencionar, ainda, agora saindo do âmbito epistêmico, o tom de deboche na enumeração das possíveis outras profilaxias que o e2 poderia reivindicar, nos segmentos 8 e 9 (a partir de “Cê pode tomar chá de [...]”). Trata-se de uma enumeração de possíveis profilaxias de que e2 poderia pensar em lançar mão para resolver a covid-19, mas, no próprio enunciado, caracterizadas como fadadas ao fracasso. A enumeração pertence a um trecho que ilustra o conteúdo do PDV narrado que serve ao PDV assertado da ciência. Em o PDV narrado transmitindo a ideia de que não há como saber a base causal da suposta melhora, essa enumeração exemplifica os tipos de correlação que *só parecem* causais, mas que, *na verdade* (voz do PDV1), são apenas correlações aleatórias, como tomar chá de alface

combinado com melhoria da covid-19. O focalizador do enunciado é e2 (linhas 8 e 9), representado na maneira *típica* como e2 tende a apreender o objeto *solução para a covid-19*; o *tende* está marcado na forma verbal “pode” (segmento 8: “Cê *pode* tomar chá de [...]”), exprimindo o *poder ser solução*. Por conseguinte, essa quase-pec narrada de curas alternativas é sobre-enunciada por L1/E1 por meio da modalização prosódica e gestual. E aí está o grande ponto: tanto os gestos quanto a prosódia na enumeração (linhas 8 e 9) reinterpretem a percepção de e2 – *soluções para a covid-19* – como uma percepção *tosca*.

Concentrando-nos nessa prosódia, temos uma entonação mais *grosseira* delimitada na enumeração, devida, por exemplo, ao prolongamento de fonema (em negrito a seguir) e na pausa genérica simbolizada no “(...)”: “Cê pode tomar chá de **a::lho**, chá de alface com ... laranja, sei lá” (linhas 8 e 9). Essa prosódia indica tédio no ato da enumeração. Ainda no tocante à multimodalidade, cabe registrar a ocorrência gestual *mãos indicando liberação* (segmento 8), por intermédio da qual a locutora dá a entender que os pensamentos de e2 são uma miríade, algo ilimitado, uma explosão de soluções *toscas*. Esses elementos paraverbais atuam como modalização, sinalizando a afetividade negativa de L1/E1 frente a esse PDV2 (pec apreciativa), pela tópica da repulsa (a emoção da aversão). Esse tom de deboche espetaculariza a inferiorização de e2, servindo como capital de divertimento, o que indica o quanto **a polêmica é cultivada** nesse vídeo.

Essa assertividade toda de L1/E1 de transformar *cura* em *não cura*, valendo-se, para isto, da prosódia, da referenciação retificativa, dos gestos etc. se dá de forma paulatina: lembremos da concessão discursiva realizada inicialmente (linhas 1 e 2), onde a divulgadora (L1/E1) concede à voz que ameaça L1/E1, pois a resposta narrativizada a partir da linha 2 deixa aberta a possibilidade, nem que mínima, de a ivermectina ser uma base causal. Tal dinâmica ratifica o caráter paulatino e empático do ato de *débunkage*.

Refletindo sobre essa **empatia**, podemos nos perguntar: por que o condicional “se” é expresso, como lógica do possível no enunciado dos segmentos 2 a 6 (encabeçado pelo “Sem um estudo clínico controlado, [...]”), sendo que o ponto de vista de L1/E1 é, na verdade, um taxativo ‘*não à ivermectina*’? Deveras, a proximidade com o oponente é maior nesse início até o segmento 6. Mas os dois PDVs, após esse trecho, evoluem para uma relação de discordância maior, manifestando a labilidade interacional da locutora, como observado nas marcas linguageiras de hierarquização dos PDVs: primeiramente em maior simetria, com L1/E1 quase subjugada/ameaçada por e2, e, em seguida, L1/E1 forte sobre e2.

Buscando uma explicação, temos que L1/E1 *dá combustível* a e2, deixa-o falar no PDV representado e, ainda, procura passar uma imagem de que seu modo de comunicar ciência não

é autoritário, uma estratégia para angariar a atenção dos espectadores, *especialmente de e2.esp*. Em um contexto sociocomunicativo em que a economia da atenção tende a fazer Laura perder auditório, ela, então, faz questão de *dar palco* a ideias que favoreçam o PDV2, contraditoriamente ao PDV dominante¹⁹⁶. Abrir-se ao e2 é reflexo da tática que os divulgadores científicos de *débunkage* assumem de se apresentarem como não detentores da palavra final.

Por esses motivos, há uma empatia, nem que mínima, entre os segmentos 1 a 6; desde a aceitação das objeções do oponente, e2. Essa empatia é estratégia suavizadora de L1/E1, que se vê na necessidade de *preparar o terreno* para a verdade *inconveniente* do vídeo impõe. L1/E1 textualiza colocando-se no lugar dos sujeitos com perspectiva e2, demonstrando que reconhece o efeito de um taxativo ‘*não à ivermectina*’, já que permite essa pergunta em formato de objeção e ainda realiza essas nuances de modalização.

Terminada a análise, temos, na finalização desta Amostra (segundo bloco da AM19, e iniciando-se na linha 14), o recurso a uma nova analogia, mas não analisaremos este trecho, pois entendemos que já apresentamos elementos suficientes do heterodialogismo de NV1C.

Finalizada a análise dos dois vídeos, anunciamos que o próximo capítulo (mais breve do que esta análise) dedica-se a uma sistematização e discussão dos resultados alcançados. Faremos uma mirada explicativa dos resultados e destacaremos o fator estratégia discursiva, em sua contraparte argumentativa e comunicacional, que se depreende dessa gestão dialógica de PDVs. Assim, passamos ao capítulo 5, de sistematização e discussão dos resultados.

¹⁹⁶ Inclusive, o segundo polo dessa construção/lógica alternativa no PDV narrado é pronunciado de maneira mais *agradável*, por assim dizer. Basta observarmos a diferença de tratamento nessa lógica do *ou* em “POR CA:::USA do medicamento *ou* se ela se ela se ((sorrindo; mãos indicando liberação)) curaria sozinha de qualquer forma” (linhas 4 e 5; PDV narrado). O segundo polo é pronunciado de maneira mais tranquila e segura, sentido que o sorriso ajuda a construir, sinalizando que o conteúdo concomitante ao sorriso (polo 2 da lógica alternativa) é a *ideia melhor*. Isso indica que o segundo polo (posposto ao *ou*) é a opção preferida de L1/E1.

5 SISTEMATIZANDO E DISCUTINDO OS RESULTADOS

Para sistematizarmos, a partir de agora, os resultados e acomodarmos esses achados aos objetivos estipulados, cabe recuperarmos o nosso problema de pesquisa. A análise foi empreendida, nesta Tese, com o fito de entendermos de que maneira divulgadores científicos do SVBr, ao debaterem questões da pandemia de covid-19, apropriam-se de uma certa organização dos pontos de vista para, assim, fazerem uma resposta científica persuasiva. Então, a questão foi: como a ciência busca se afirmar positivamente no dialogismo intradiscursivo?

Para essa estratégia de credibilização, constatamos que os divulgadores Slow (canal do Slow) e Laura de Freitas (canal NV1C)¹⁹⁷ projetam, sim, uma imagem impositiva de si mesmos, exercem autoridade em diferentes segmentos de *prise en charge* (inclusive, da hetero-pec, quando da sobre-enunciação), mas em outros momentos, esses divulgadores também constroem uma relação dialógica empática, simpática frente ao PDV oponente.

Ora, no modo pelo qual L1/E1 convoca (e faz ouvir) as instâncias enunciativas, ele ‘deixa escapar’ os seus valores e preferências de dialogicidade com os outros. Em esse locutor narrador não sendo o controlador das verdades enunciadas textualmente, tampouco uma entidade estável, esse locutor perfaz-se no texto como desenvolvedor de pactos com o outro (de empatia, de humor etc.), para determinada orientação argumentativa. É isso o que a análise permitiu-nos enxergar no *corpus*: que

Face às vozes que traz para o discurso, o locutor escolhe posicionar-se e atenuar ou amplificar a relação de acordo ou desacordo, proximidade ou afastamento, que necessariamente estabelece com elas. Mas é um jogo que não anula a *responsabilidade enunciativa* do locutor (Marques, 2013, p. 148, grifo da autora).

Desta forma, o locutor pode, perfeitamente, afastar-se da alteridade por meio da autoridade-assertividade autocentrada, ou jogar mais negociadamente, e isso pelos mecanismos de modalização dos PDVs (as condições comunicativas-enunciativas, do lugar das situações¹⁹⁸, da agentividade do sujeito-narrador), haja vista que “o locutor não é apenas o garante de uma

¹⁹⁷ Neste capítulo de discussão dos resultados, faremos a referência aos dois vídeos do *corpus* por meio dos nomes “Slow” e “NV1C” (ou “Laura”), uma referência facilitadora para este estágio do texto. Outro aviso é o de que, em alguns momentos, recapitularemos os enunciados das Amostras. Isto é, para melhor ilustrarmos as cenografias enquanto macrocategorias que exprimem os resultados finais, utilizaremos fragmentos das transcrições. Esse exemplário será contextualizado no momento da ilustração, mas o leitor poderá checar melhor o fenômeno recorrendo à Amostra mais ampla (capítulo 4) ou aos Apêndices (que estão entre as páginas 319 e 332).

¹⁹⁸ Servindo-nos do quadro *Lugares sociais do discurso*, que separa o *lugar das situações* do *lugar das representações* (Emediato, 2020, p. 37).

verdade; é também o responsável por uma ação avaliadora que orienta argumentativamente o seu discurso” (Marques, 2013, 148). Desenvolvendo essa labilidade interacional (Rabatel, 2017), o divulgador científico mostra-se *camaleão*, gerindo essas diferentes instâncias enunciativas, com suas estâncias modais, para encaminhar formas de conquista do público reticente ou contrário à ciência.

A presente seção, então, é a seara das *identidades*, emoções e cenas um tanto mais amplas que as configurações do dialogismo interno. Trataremos, a contar de agora, dos modos de credibilização, que são os efeitos de sentido interpretantes (e argumentativos) da gestão dialógica. Ante o exposto, discutiremos, a seguir, os resultados enumerando as cenografias de divulgação científica de *débunkage* (amalgamadas a *ethé*), enquanto cenarizações orientadas para a credibilização, verificadas na análise dos dados. Assim, fundamentando-nos e inspirando-nos na seção 1.3 (Estratégias cenográficas de youtubers científicos), organizaremos a apresentação dos resultados por meio destas categorias:

- (i) Sentimentalismo de convivência pela via da informalidade
- (ii) Sentimentalismo de convivência pelo humor
- (iii) Sentimentalismo de convivência pela atenuação
- (iv) Sentimentalismo de convivência pela empatia
- (v) Ciência multiparadigmática
- (vi) Força do ponto de vista científico (força da ciência)
- (vii) Força do sujeito da desinformação

Começando pelos cenarizações argumentativas de maior barganha do L1/E1 para com outras identidades, chama atenção as manifestações do *sentimentalismo de convivência com o espectador*¹⁹⁹ (*efeito de proximidade e relaxamento*). Nesse âmbito, na fundamentação teórica, chegamos a falar nas “argumentações baseadas na experiência *pessoal*”. A divulgação científica realizada no YouTube procura, de fato, contemplar as errâncias, o cabelo ‘desgrenhado’ do youtuber; em suma, a informalidade, como analisado em Flores e Medeiros (2018), sobre as estratégias de legitimação efetuadas por youtubers de ciência.

Neste caso, chama atenção, no vídeo de Laura (NV1C), o deixar-se levar – por assim dizer – pelas emoções de indignação e embaraço. Ao invés de esconder as emoções ‘bruscas’, há uma espetacularização de tais emoções, o que inspiraria a um *ethos* de humanidade. A ligação das emoções com o *ethos*, bem elucidada por Lima (2018), dá sedimentação à observação de

¹⁹⁹ Inspiramo-nos na expressão usada por Baur (2021) e discutida no capítulo 1.

que o sujeito-narrador do vídeo, como é o caso de Laura, representa-se ao bel-prazer da emoção que o toma, em conformidade com o que possivelmente o auditório quer enxergar.

Para constituir esses efeitos de *humanismo indignado* é suficiente recapitularmos, de Slow, a recategorização polêmica do objeto “tratamento de detox de vacina” efetuada no bloco *Quem financia o movimento antivacinas* no vídeo de Slow, precisamente no enunciado transcrito a seguir (a atenção especial recai sobre o gestuema, anotado entre parênteses): “Ó hhh, não é zoeira, os cara tão cobrando <quinhentos conto> pra te oferecer **um tratamento que não faz o ((mãos em direção às laterais; cabeça para cima)) <menor> sentido**. E as pessoas aceitam [...]”. Analisamos isto dentro do enredamento polifônico-argumentativo das anáforas, com o objeto de discurso “detox vacinal” sendo cingido pela pec2 de ‘burrice demais’, que faz comparecer a emoção da frustração, do desapontamento, do embaraço. Essa emoção, Slow faz questão de corporalizar. Nessa sobreposição axiológico-afetiva (sobre e2), Slow busca suscitar apelos, fazendo os espectadores, no porvir, serem *também* indignados. A ideia é que eles vivenciem debate como sendo *mote + resposta* afetiva, sendo o mote a voz de e2, e a resposta aquilo que humanamente engaja L1/E1 no debate.

No contexto de NV1C, isso também esse descarregar espontâneo também é verificado. Trata-se de mostrar-se *humana*, sensível, abalada. Nesse quesito, podemos mencionar as nuances melódicas incisivas na Amostra 17 (bloco 7 m 26 s a 7 m 47 s da seção *Artigo científico*). Nessa ocorrência, a divulgadora nega polemicamente (negação polêmica²⁰⁰), com aceleração prosódica e truncamentos, a superdose de ivermectina, liberalizando a referenciação da dificuldade do dizível. Ocorre que a imersão dela no pdv imputado (que é aceitação que e2 faz da superdose) faz emergir, no fio da enunciação, a autoatribuição patêmica do embaraço. E, como apontamos na análise, **a locutora faz questão de deixar visível esse embaraço**, o que é coerente ao sentimentalismo de convivência. Também isso reflete que o embaraço é um trabalho de *ethos*, conforme entendimento a partir de Lima (2018). A divulgadora mostrar-se atrapalhada, e *por causa* do outro, se perfaz porque ela supõe que o interlocutor também irá se enovelar a isto. O efeito argumentativo, aí, parece ser o da divulgadora/a ciência mostrar-se como atingida, como uma espécie de vítima. Com isso, essa ocorrência, juntamente a numerosas outras, acaba colaborando – como efeito interpretante – para o capital positivo, em favor da ciência.

²⁰⁰ A negação polêmica acontece quando L1/E1 recusa um ponto de vista implícito mobilizado como antitético (e declarativo afirmativo) no próprio enunciado de negação (Ducrot, 1987).

Assim, são expostas²⁰¹ as vulnerabilidades do dizer e do ser do youtuber. Para essa cenarização, emoções são hetero e autoatribuídas por meio da gestão de PDVs, desenhando, na *mise en scène* argumentativa, um L1/E1 que tenta *se folgar*, se realocar ‘mais tranquilamente’ dentro do problema causado pelo outro, trazido ao texto via imputação. O que sustentamos, ao alocarmos essas ocorrências aí mencionadas (de Slow e de Laura) nesta primeira categoria, é que isto assegura algum *capital étético* para o divulgador científico. No caso, trata-se de uma desconstruir a imagem de severidade da ciência, fincando uma ciência mais ligada ao ordinário, como verificado em Flores e Medeiros (2018).

O segundo achado é o *humor*, mas como ramificação, ainda, do sentimentalismo de convivência. Em nosso referencial teórico, o humor é visto, inicialmente, como estratégia de entretenimento para videastas de DC *se legitimarem* no YouTube (Flores; Medeiros, 2018). Pébayle (2021) também situa o humor como uma peça estratégica em webvídeos de divulgação científica, pois ele é acionado junto à empatia e ao recurso às emoções para neutralizar a hierarquia entre sábio e não-sábio.

Assim sendo, dimensionando a questão para o nosso *corpus*, podemos lembrar das ocorrências da AM03 (“craca nas costas”) e da AM04 (“nossas pobres crianças”), de Slow. Essas escolhas linguageiras confirmam o sentimentalismo de convivência pelo humor, porque, ao hiperbolizarem comicamente aquilo que acontece na imputação (as ações ou dizeres de 2; PDV narrado ou representado), elas refletem o objetivo de L1/E1 de *atenuar* o conflito com e2. Isso constitui uma sobre-enunciação: L1/E1 adiciona à pec1 (imputada) o caráter de risível, de objeto de vergonha. A adição é de uma pec de modalidades apreciativas (convocando-se a tópica da alegria, enquanto humor), que dissimula o fato de L1/E1 estar encaminhando o desfazimento da verdade e seriedade do conteúdo imputado.

Esse reencaixe modal acontece também em NV1C, em um caso que não fora analisado aqui, que é quando Laura se serve do humor debochado (o alvo é Jair Bolsonaro) para criticar a insistência de e2 na ivermectina, devido ao fato de que esse medicamento se mostrava notoriamente prejudicial (trata-se do bloco 2 m 16 s a 3 m 9 s):

	2 m 16 s a 3 m 9 s	finalização da seção <i>Como surgiu a ivermectina</i> (bloco 6)
26	Mas isso só acontecia em uma dose <muíto ((ênfase com as mãos)) maior do> que	
27	permitida nos comprimidos pra humanos. Ou seja, era uma dose (.) <u>tóxica</u> ((expressão	
28	“dose tóxica” na tela)), que pode, inclusive, matar a pessoa que tomar. ----	
29	((começa desvio temático com tela em preto e branco)) >Bom, aí depende do ponto	

²⁰¹ Faz-se questão de expor; esta é a questão.

30	de vista, né? Porque se matar a pessoa< ((imagem de Bolsonaro)), some o vírus, então
31	de repente, vai ver que é isso que a pessoa quer, né, sei lá. ---- Ah esqueci da Ana

O humor derrisório, em NV1C, manifesta-se também na Amostra 15, naquele jogo de pec apreciativa que cinge outros valores ao PDV2 enunciador das “justificativas” supostamente razoáveis a favor da ivermectina; e, para tanto, a comunicadora utiliza a marcação especial das aspas ambíguas.

A atenuação que indicamos haver no humor derrisório deve-se, por vezes, ao *lugar* que a ocorrência humorística ocupa considerando o todo do texto (considerando a progressão textual): por exemplo, na finalização de um bloco, após uma negação polêmica. É o caso da ocorrência “craca nas costas” (AM03, de Slow), inserida ao *final* da seção que, na condição de Exórdio, contextualiza o movimento antivax; trata-se da seção *Grupos contrários à vacinação*, que faz parte da introdução do vídeo de Slow. Como esse trecho é dedicado a expor as práticas de e2, ou, melhor dizendo, a *força* de e2, isso acaba justificando o humor que é alocado no final, como uma forma de contrabalanço, de contraponto à força de e2.

Parece-nos, portanto, pensando no caso de Slow especificamente, que o deboche humorístico tem o fito de ressimbolizar, ressignificar a cadeia de sentidos (polifonicamente já ocupada/saturada) dos argumentos antivacina, ressimbolizar o fio condutor, o leitmotiv, que é, *a priori*, semantizado como conflito, como agravo, ou mesmo como seriedade: a reivindicada seriedade no argumento de proteção às crianças (AM04), por exemplo, o que, segundo L1/E1, não é uma preocupação honesta de proteção. Esse é o humor como estratégia de *débunkage* atenuador, fazendo os ‘motivos’ de e2 se contorcerem para outro lugar discursivo (uma heterorreformulação dos sentidos e identidades do negacionista).

Nesta primeira perspectiva de encararmos o humor, ele seria, em termos argumentativo-discursivos, a diminuição das distâncias entre os dois polos enunciativos antiorientados, pois há uma distância apriorística muito considerável entre o PDV1 e o PDV2. O humor funcionaria para destravar (como aproximação discursiva/psicológica) a tensão polêmica entre as instâncias sociais, para sensibilizar o leitorado a, sensivelmente, aderir ao ponto de vista *criativo* e *atrativo* da ciência, conforme os dados dessa *mise en scène*.

Por outro lado, podemos pensar que, nesse tratamento do humor, o *agravo ainda está presente*, mas é um agravo *mascarado*, que não nega a força e o incômodo que e2 representa na discussão em desenvolvimento no texto monogerido. Por essa via, o humor derrisório deve ser encarado como **sobre-enunciação do agravo, mas derrisão**; é como se o youtuber causasse a ferida, mas também a assoprasse logo em seguida. Noutros termos, o processo é o de

resignação e indignação desde que ‘contidas’, como se esse fosse o meio encontrado, por Laura e por Slow, para eles suportarem e2, lidarem com e2, dentro da situação concreta de um objetivo de *débunkage* (desmentir o e2, o que lhe causaria um inconveniente) e no ‘calor do momento’ da interação sensível e polêmica. Ora, ‘*como posso desmentir, desconstruir o negacionista (que assiste ao meu vídeo, que é uma peça do engajamento...) sem eu ser um comunicador científico agressivo?*’ É como se, frente a essa conjuntura, o youtuber **precisasse** sair do *modus* e identidade de seriedade/autoridade epistêmica, apelando para a faceta de animador/humorístico nessa tática de sobre-enunciação. Dessa forma, o humor mantém o agravo, mas é um agravo contido, apenas mascarado.

A propriedade do *agravo* no humor (mas nessa ambivalência que caracterizamos antes) já é prevista em Baronas, Araújo e Ponsoni (2013), quando tratam do humor em uma videomontagem publicada no YT com vistas a ‘manchar’ a imagem de um político²⁰². Para melhor ilustrar esse *agravo, mas humor*, lembremos da ironia jocosa efetuada por Laura na Amostra 15: as aspas ambíguas. Laura emprega gestuemas e prosódia sugestivos, junto ao ‘enunciador Joey’, para essa ação de gestão do pdv imputado. Como a operacionalidade apontada por Baronas, Araújo e Ponsoni (2013), essas ocorrências são de um humor derrisório que enaltece o lugar do outro *como um outro*. Trata-se de fortalecer que o e2 é, por excelência, o alheio, concebê-lo como alguém sobre o qual facilmente se pode coser, reenquadrar, ressimbilizar, tal como a análise de Baronas, Araújo e Ponsoni (2013) apontam.

Deveras, isso tudo é um trabalho de *ethos*. O youtuber coloca-se na enunciação e coloca o outro da enunciação de uma *nova* maneira; é aí que reside a problemática interessante do humor como resistência nesses enquadres enunciativos. Nessa seara, L1/E1 desdobra-se como animador, uma estratégia para ele se credibilizar frente a um antifidador evocado que ‘precisa’ ser respondido. De fato, o componente do *ethos* integra a problemática do humor: como afirma Possenti (2008, p. 152), “eventualmente, o *ethos* terá extrema relevância, notadamente nos casos em que a piada provoca riso também pela caracterização, explícita ou não, de tipos ou de situações risíveis”. É o que acontece em nosso *corpus*, pois, seja no entendimento do humor como atenuação, seja no de entendimento como agravo disfarçado, esse *ethos* de bom amigo ainda vale: o orador é o camarada dos espectadores, é um outro, diferente de L1/E1 (o sério). Paralelamente, é claro, isso toca na reconstrução do e2, pois os deslocamentos de pec o colocam na enunciação como *tolinho*, como *povão em desatino*, como facilmente *enganado* etc. (ênfase na diferença), faceta identitária soerguida em detrimento da seriedade com que esse e2

²⁰² A reflexão a seguir, neste parágrafo, vale-se do *molde* de análise fornecido por esses autores.

reivindicaria o seu PDV (negacionista). Em suma, esse trabalho de *ethos* é o processo de refazer o tom, refazer-se a si e ao outro.

Em grande medida, essas modalizações do humor ajudam a construir o *ethos* de inteligência; ou seja, o youtuber se movimenta no *ethos* de astuto, do sujeito que cria fingimentos para vencer, pois “a malícia denota um saber jogar com o ser e o parecer: saber dissimular certas intenções, fazer crer que se tem certos objetivos para melhor atingir seus fins” (Charaudeau, 2006, p. 146), mostrar que se dispõe de manobras variadas e criativas para confrontar o negacionista.

Essas *máscaras* impelem-nos a atentar para o jogo de refazimento das identidades intradiscursivas. Essas sobre-enunciações (frequentemente soerguendo a tópica da alegria, ao invés de outro acompanhante para os enunciados de RE e de imputação) operam um deslocamento modal, que foi possível de ser explicado à luz de Baronas e Siqueri (2006) e de Marques (2024), por exemplo. Ora, vimos que os *status* de L1/E1 e de e2 são remexidos.

Para tanto, foi necessário invocar o instrumental das posturas enunciativas (hierarquização dos PDVs), da modalização aí operante – aliás, de uma modalização combinada com o apagamento enunciativo, o apagar-se para mostrar-se outro, outro do outro e outro de si – e a exploração radical heterogeneidade enunciativa consequente que se esparge no texto. Aos poucos, fomos entendendo o desencaixe do L1/E1 e do e2 em termos de uma desinscrição enunciativa, de uma *desmodalização*²⁰³ (sair de cena) que implica *remodalização*. O que nos permitiu enxergar isso foi justamente a dialogicidade radical (Rabatel, 2016a) – a presença sempre prenhe, e o prenhe ato de reagir/julgar a alteridade –, que reconfigura as ‘*prises en charge*’, notadamente na pec2, de modalização, como nos elementos prosódicos.

Quanto à desinscrição enunciativa, diz Emediato (2018a, p. 230):

As estratégias de apagamento enunciativo e a postura de superenunicação, respondem ao que outros autores chamaram de estratégia de desinvestimento do sujeito, de desmodalização (Parret, Berrendonner, 1983), delocução (Charaudeau, 1994), ou de desinscrição enunciativa (Rabatel, 2004) que marca a passagem de uma afirmação pessoal para uma afirmação impessoal. Como uma estratégia enunciativa, permite que o falante imponha – **sem opinião explícita** – seu ponto de vista pessoal, dando-lhe uma aparência - ou um rosto – de objetividade (Emediato, 2018a, p. 230, tradução nossa)²⁰⁴.

²⁰³ Termo utilizado de acordo com a citação a Emediato (2018a), citação bloqueada que aparece a seguir.

²⁰⁴ No original em francês: “Les stratégies d’effacement énonciatif et la posture de surénonciation, répondent à ce que d’autres auteurs ont appelé la stratégie de désinvestissement du sujet, de démodalisation (Parret, Berrendonner, 1983), de délocution (Charaudeau, 1994), ou de désinscription énonciative (Rabatel, 2004) marquant le passage d’une énonciation personnelle à une énonciation impersonnelle. En tant que stratégie énonciative, cela permet au locuteur d’imposer – sans opinion explicite – son point de vue personnel, lui donnant une apparence – ou un visage – d’objectivité” (Emediato, 2018a, p. 230).

De sensível importância é o “sem opinião explícita”: o que L1/E1 estaria escondendo (não explicitando, não soerguendo) é a modalização objetiva/séria que outrora o PDV1 veicula, de modo que, para avançar na análise desse desdobrar-se, tendemos a pensar como Marques (2024), para definirmos o humor em termos de gestão do PDV do outro e recolocação (atrativa, interessante, conveniente...) de si mesmo:

Assente a questão da subjetividade generalizada dos discursos e a impossibilidade de objetividade absoluta, o Apagamento Enunciativo é *ainda uma forma de presença do locutor* e das vozes que traz para o discurso. A definição do AE como simulacro mostra que se trata efetivamente de um apagamento discursivo do locutor, isto é, apagamento da superfície discursiva, por recurso a diferentes dispositivos linguísticos. Não é ausência de uma voz, é antes a possibilidade de *construção de outras vozes* com efeitos de sentido complexos, argumentativos, éticos ou interacionais, determinados pelo género de discurso, pelo contexto em que ocorrem. (Marques, 2024, p. 361, grifos nossos).

Nesta perspectiva, sustentamos que o que faz a desmodalização é algo do tipo ‘remodalização’, isto é, outros *status* para as instâncias enunciativas, como quando L1/E1 mascara a sua crítica e indignação frente a um PDV por meio da ‘alegria-deboche’. Isso corresponde à desinscrição enquanto “dialogismo mostrado mas inverso” (Marques, 2024), onde o divulgador estaria encontrando meios de viver/respirar o heterodialogismo polêmico.

E isso tem tudo a ver com os sentidos idiossincráticos do humor. Ora, se essa desinscrição é o que viabiliza a L1/E1 se impor, mas sem se impor – eis a ‘contradição’ do discurso humorístico, com suas ironias e deslocamentos modais –, isso se deve à própria engrenagem do humor, que é fazer-procurar os implícitos, ao invés de esclarecer a crítica nas asserções, nos PDVs assumidos *escancaradamente*. Dizer e ao mesmo tempo não dizer é o jogo do ‘implícito-humor’. Como já mostra, embora com outras palavras, Possenti (1998), o humor – aqui como um furtivo gestor dos PDVs – é algo dependente da posição-prazer do e2.esp. e de e1.esp., dependente da procura que eles fazem pelos conteúdos implícitos. Humor como desresponsabilização. É que o humor, ao mostrar algo, esconde o que é mais reprovável (esconde, por exemplo, a qualificação ‘explícita’ de e2.esp. como burro); ele solicita que o outro capture esse sentido. Desta forma, os espectadores, estes, sim, sendo quase-responsabilizados (quase-pec), encontrariam o fio da meada da ironia zombeteira, porque a desinscrição, de alguma maneira, funcionou.

O locutor-enunciador primeiro se desresponsabiliza simuladamente deixando que a crítica seja *apenas* captada pelo destinatário. Aí encontramos mais uma provável motivação

para o simulacro do humor. A responsabilidade é delegada para outro lugar: para o espectador que percorre os jogos de sentido, indispensáveis nas estratégias de humor (Possenti, 1998). Isso mantém coerência, então, com a ideia de apagamento enunciativo enquanto *des/remodalização*, que forçosamente leva em conta a hierarquização de enunciadores, os desníveis, a instabilidade de suas aparições e sobreposições ao outro.

Última anotação sobre o humor: com ele, L1/E1 soergue o seu *ethos* de inteligência, pela figura do astuto. Os outros *ethé*²⁰⁵, alheios à cenografia do humor, porque de enunciados não precisamente humorísticos, serão mencionados no desenrolar das próximas macrocategorias de resultados.

No entremeio do sentimentalismo de convivência, a atmosfera da proximidade, do familiar, ramifica-se, adicionalmente – terceira macrocategoria – em *outros tipos de atenuação*, que não necessariamente convocam o humor. Trata-se das situações de configuração dos PDVs mediante as quais compensa-se a autoridade da RE ou o agravo em jogo com *firulas* de amistosidade/amigação, como aquela encontrada na AM01 (Slow): “Mano, olha que responsabilidade, cê imagina se iam sair queimando etapas gerando uns X-men por aí desse jeito, porra”. O enunciado que aí cinge o PDV imputado pela modalização interlocutivo-ilocucionária tem uma configuração que suaviza a RE de L1/E1 e também o próprio desafio que a construção interrogativa engendra. Em esses achados não sendo empatia²⁰⁶, são, ao menos, uma aproximação com o presumido e2.esp, no sentido de cativá-lo, além de funcionarem como uma coesão de grupo (simular que a interação, pelo vídeo, é a de um *nós* formado por amigos) que enlaça e1.esp também.

Na linha de relação com o e2.esp., o *corpus* registrou atenuações do peso dramático não só do PDV1, como também do PDV2, pois é ele que é representado, em Slow, como catastrofizando a ciência e as vacinas. Destarte, essa suavização é uma das estratégias para a ciência recolocar os problemas e os termos na ‘mesa de debate’ (por exemplo, recolocar o estatuto das preocupações com a vacina, ou recolocar o dizer-verdadeiro sobre a ivermectina, que pode ser sentido, em princípio, como muito impositivo).

O quarto achado subsumido ao sentimentalismo de convivência é o que podemos chamar de *cenografia da empatia*, que convoca o *ethos ad hominem* (Meyer, 2007), sinal de que ainda

²⁰⁵ Essa variabilidade dá conta dos imaginários que o divulgador científico pretende incutir no público, para que ele enxergue no divulgador uma ‘completude’ de caráter, como critério para depositar voto de confiança nesse divulgador. Por isso, alguns *ethé* são de identificação, precisamente aqueles que apelam para as suscetibilidades do auditório (como o *ethos* de inteligência, de que estamos falando agora). Mas, dar conta do problema argumentativo em jogo também requer os *ethé* de credibilidade (mais próximos do *logos*), seguindo aqui a abordagem de Charaudeau (2006).

²⁰⁶ A questão da empatia será a próxima categoria a ser comentada.

estamos na órbita do *ethos* de bom amigo que esse sentimentalismo convoca (Baur, 2021). A caracterização dessa frente de ação põe em destaque a empatia (Rabatel, 2013c) e a dinâmica empática das emoções em contexto argumentativo (Pinto; Cortez, 2017). Essas noções da teoria do PDV encaixam-se coerentemente aos conceitos dos autores nos quais nos inspiramos para falar das cenografias. Assim, os PDVs em empatia são o ancoradouro enunciativo dos refazimentos da *hierarquia* na comunicabilidade científica no YouTube (Pébayle, 2021).

Entram em jogo, nesse âmbito, apelos sobre a injustiça e a vitimização sofrida por determinados sujeitos (para que L1/E1 se apresente como compadecido). Por exemplo, aparece aí a benevolência que o próprio e2 parecer ser ‘merecedor de receber’ (conforme leitura/escuta feita por L1/E1), uma forma de L1/E1 projetar uma imagem de compadecido (*ethos* de humanidade). Mas, para além do referido *ethos*, ensaiamos que as ocorrências dessa quarta macrocategoria englobam adicionalmente o *ethos* de civilidade e de democrático do divulgador, na medida em que ele se mostrar abrir-se para algum outro ângulo de visão, aceitando *escutar* um ponto de vista contrário.

Uma das manifestações da empatia dá-se por ocasião da constância das réplicas, quando os enunciados com PDV narrado ou representado colocam em cena a insistência de e2. Ocorrências dessa ordem mostram L1/E1 em uma *mise en scène* na qual ele/ela aceita o pregar peças de e2, atentando-se às objeções prováveis de e2. Isto ajudaria a aumentar a simpatia do sujeito e2.esp. para com a ciência, contando que ele reconheça no divulgador científico a civilidade de uma ‘honestidade intelectual’.

Outrossim, encontramos nuances prosódicas denotadoras de cortesia, acionadas em enunciados justamente que veiculam um conteúdo que – pelos cálculos de L1/E1 – o e2 não gostaria de receber, o que instala a tópica da simpatia em L1/E1, por ele expressar-se com benevolência, com cautela, por meio da entonação especial. É o que acontece no primeiro destaque (em negrito) a seguir, que se situa no final da AM16 (NV1C).

	Fim da AM16
	5 m 4 s a 5 m 25 s ainda seção <i>Artigo científico</i> (bloco 6)
1	<N ão é> porque a gente tá no meio de uma pandemia que >a gente pode simplesmente
2	sair fazendo as coisas do jeito que a gente bem< entende, nas pressa, que < não vai
3	funcionar >. ((de maneira assertiva nesse trecho enfatizado))

Trata-se de L1/E1, apesar da pec da verdade ‘certeira’ da ciência, conter-se em relação a ela, e desenvolver paciência e polidez, como nesse “não é” que tem entonação ascendente, subindo para o tom agudo (tessitura ampla), uma entonação de cuidado em relação a e2.esp.;

caso, o discurso é estruturado de maneira a suscitar *nos interlocutores presumidos* (e2.esp. e e1.esp.) a compaixão (tópica da simpatia) ou outra emoção, desde que correlata ao reconhecimento de alguma dor ou injustiça na qual o L1/E1 se inclui. É o que acontece, por exemplo, na ocorrência em negrito desse trecho a seguir, de Slow: “E muito disso pode ser explicado com o alinhamento do ex-governo com outras organizações, como o Conselho Federal de Medicina, o Médicos pela Vida, assim como uma extensa rede de agentes e de grupos nas redes sociais **espalhando desinformação adiante como se fosse carta de baralho** ((Slow simulando distribuição de cartas de baralho; imagens de cartas))”. (bloco 9 m 25 s; *Como o Brasil se isolou do resto do mundo?*). Ora, L1/E1 enaltece que ele (junto a outros) sofreu na mão dos ‘espertalhões’, que é o e4/e2, segundo o enquadramento proposto no vídeo. Isso se dá com vistas a tornar o espectador a instância empatizante, que se indigna com e4 (jogador do ‘baralho-desinformação’), inclusive reconhecendo-se, ela mesma, como vítima das ciladas impetradas por e4.

Nesta esteira, o vídeo de Slow carrega ainda outras ocorrências em que esse youtuber se coloca na posição de vítima, sobretudo enovelado a um *nós* que inclui e2 e e2.esp., um enquadramento narrativo e patêmico que visa a modificar a percepção daqueles espectadores que ainda estão aderidos ao PDV2, tendo ressalvas ou contrariedades em relação à ciência. Isso se concretizou, de maneira emblemática, na AM13 (a ocorrência do “esse mar tá pra peixe”), que constitui o bloco 2 de *Como o Brasil se isolou do resto do mundo?*. O arranjo de responsabilidade enunciativa a e4 (Médicos pela Vida), nesse bloco, caracterizou-se por aproveitamentos sobre-enunciantes dessa imputação (nível pragmático da imputação). A AM13 como um todo (que é o cotexto do “esse mar tá pra peixe”) engatilha a orientação argumentativa/emocionada da indignação, por indicar que, em princípio, é e4 que está *por cima* (mais forte) enunciativamente. O que comprova isso são elementos como: (i) os risos do MPV (um exagero dramatizante); (ii) o “<2.900%>” pronunciado mais lentamente (para maior efeito dramático), referente à taxa de evolução dos lucros do MPV; e (iii) o operador argumentativo “só” no enunciado subsequente, que sugere a eficácia anômala/extraordinária das ações de e4 no PDV narrado: “um faturamento de 1 bilhão de reais das grandes farmacêuticas vendendo kit covid **só** no primeiro ano da pandemia”.

Para essa orientação argumentativa, o desacordo (por parte do L1/E1) frente a e4 é locucionado com material linguageiro de indignação, estigmatizando e4, para, assim, L1/E1 pressionar/negociar um *acordo* com e2, uma consonância enunciativa com todas as ‘subjetividades-vítima’, pois, nessa proposta indignada, e2.esp. é reconhecido como vítima, como enganado. O acordo também se consubstancia com L1/E1, *a partir do e2.esp.*, pois

e2.esp., ao ver-se como vítima, aliar-se-ia ao L1/E1, que também é (nesse regime de ‘acordo’) um sofredor, sobretudo por ser o porta-voz do protesto indignado.

A engrenagem disso tudo supõe o entendimento de indignação de Lima (2020; 2018) e de Charaudeau (2010; 2009). Essa trama inter-enunciadores (e4, e2, as várias vítimas e L1/E1) dramatiza a degradação feita por e4, fazendo emergir a indignação. Isto é, faz emergir o protesto que culpabiliza e4, mas também e2 (que acreditou nas teses negacionistas); com o efeito de sentido de que esse e2 se enxergue como enganado (como referimos), mas também se constranja, o que é coerente, aliás, com enunciados outros, do vídeo, justamente sob a chave alocutiva (*chacoalhar e2.esp.*). Na verdade, o ‘apontar de dedos’ alocutivo dá-se porque a figura dominante em situação inicial (e4) é, nessa exploração da imputação, retorcida de modo a fazê-la se tornar o perseguido, em L1/E1 sendo a figura que se volta para o e4, agora alvo do alocutivo: ‘*denuncio e acuso e4!*’. Ao mesmo tempo, e2 é alvo desse ‘apontar de dedos’ alocutivo: ‘*te denuncio, pois caíste nessa cilada*’ (lógica do constrangimento, da vergonha).

Desse arranjo, resulta a potência empática. Supõe-se que a dramatização que L1 faz da figura de e4 constranja e2.esp., fazendo-o se compadecer com as tantas vítimas e indignar-se. Essa mobilidade empática de e2.esp. para com L1/E1 e outros sujeitos (os ‘peixes-vítimas’ da AM13) tem como base a construção elocutiva da dor, por meio da qual e2.esp. e muitas outras possíveis subjetividades sofreram a dor de vítimas ou de perseguidos na situação inicial. O e2.esp. e essas outras vítimas estavam no mesmo ‘mar-mercado’, nesse enquadramento. O constrangimento (portanto, a vergonha/dor não se exime) e a indignação/antipatia propulsionam que e2.esp. se una a L1/E1 (consonância enunciativa como horizonte final), sensibilizando-se com esse revide de L1/E1.

Observamos, aí, que o videasta Slow se vale de uma organização languageira que narra a experiência dos *outros* (que são e2.esp e as demais ‘vítimas’); narra a indignação e a raiva deles. Nessa organização, ele também heteroatribui, a e2.esp., o papel empatizador, com a implicação de que L1/E1 também coloca vários outros sujeitos (inclusive ele mesmo, L1/E1) como instância empatizada, uma autoatribuição coletiva da antipatia/indignação. No fim das contas, e2.esp. (e, claro, e1.esp também) é convocado a ser a instância empatizadora,, empatizando com L1/E1, com as vítimas e, também, consigo mesmo, pois incorporaria a revolta denunciante, segundo essa experiência narrativa construída por L1/E1.

Esses dados confirmam, mais uma vez, a teorização de Pinto e Cortez (2017, p. 55), para quem “uma fonte não locutora é lugar de emoção, quer dizer, mesmo que um enunciador segundo (e2) não fale, ele tem sua emoção representada, interpretada por L1/E1”; como é o caso de e2.esp., tendo representada a vergonha e a indignação, algo que acontece também em

outras modulações mais alocutivas feitas no vídeo, por exemplo de provocação da vergonha em e2.esp. De fato, a configuração da AM13 é a experiência de e2.esp. aceitar que sofreu um engodo. A emoção é aproveitada para suscitar apelos no auditório, em conformidade com os interesses argumentativos de L1/E1.

Com essas observações sobre a empatia, notamos que é interessante na análise das emoções em contexto empático incluímos a noção de reportatividade (Duarte, 2020), utilizada por essa autora ao tratar de discursos a respeito da crise dos refugiados. Como, aliás, já previsto na teoria de Rabatel (os variados vetores da dinâmica empática das emoções), a empatia pode não necessariamente se originar do locutor-enunciador primário, pois há textos, como os examinados por Duarte (2020), nos quais reporta-se, faz-se valer a experiência de vítima da crise de refugiados, para que o *leitor* se empatize com a situação.

Os dados mostrados e discutidos na presente macrocategoria (cenografia da empatia) mostram o paradoxo emotivo em modo empático (Rabatel, 2013 apud Pinto; Cortez, 2017), noção de Rabatel que dá conta do fato de que não necessariamente o sujeito assume (toma para si) a emoção, mas aceita, tolera, compreende a emoção de outro, como é o caso do L1/E1, nos vários tipos de enunciado aqui discutidos, mostrando-se resignado, benevolente etc., buscando transmitir, com isso, um *ethos* de humanidade, de civilidade/cortesia e/ou de democrático.

A cumplicidade com e2 é o que destacamos até aqui, sobretudo na macrocategoria *cenografia da empatia*, vinculada ao sentimentalismo de convivência. Esse destaque dado a essa categoria tem a ver com o fato de ela ter sido uma das grandes surpresas nesta pesquisa, pois o projeto de pesquisa, em 2021, foi motivado pelo interesse na exploração das emoções de *distanciamento* entre os dois polos antiorientados. Face ao que enxergávamos como sendo ‘humores muito inflamados’ no debate sobre a pandemia de covid-19, acreditávamos que apenas a incompreensão entre as duas instâncias estaria sendo mais discursivizada, com vídeos marcados pela indignação e pelo embaraço, marcados pela distância entre os dois grupos, pela ideia de que a *língua* dos negacionistas é por demais diferente da língua do divulgador científico sério (e vice-versa, se do ponto de vista do negacionista), levando às heterorreformulações retificativas e negações polêmicas. Mas a atenuação do conflito também se mostrou uma das marcas interessantes dessa interação discordante.

Esse colocar-se no lugar do outro (conforme as categorias de atenuação e empatia) provavelmente está reverberando elementos mais amplos da situação sociocomunicativa. Talvez essas cenografias representem muito mais uma pressão sobre o divulgador científico no YT, em termos de ‘como ele deve dizer’. Por esse raciocínio, essas cenografias expressariam as *restrições* da comunicação no momento sócio-histórico da pandemia de covid-19. A ciência,

de fato, estava *em processo*: ainda monitorando o contágio, ainda realizando testes, permeada por estudos ‘recém saídos do forno’, inclusive com uma situação notória de despublicação do artigo sobre cloroquina (Estudo, 2024). Com isso, os videastas foram ‘obrigados’ a se posicionarem de maneira mais emotiva, atenuadora, democrática, humorística etc., extrapolando a comunicação tão centrada no *logos*, ou pautada em uma abordagem mais asséptica, burocrática, descontextualizada socialmente (a abordagem majoritária na DC). A emergência de saúde pública pôde ter significado um choque de despertar para a DC, em especial no YT, explorar *ainda mais* as estratégias que estão à sua disposição. Nesse quadro que aqui conjecturamos, podemos pensar que estava tão perigosa a desinformação científica que isso fez com que os divulgadores *precisassem* empatizar-se com os sujeitos da desinformação, para, assim, manterem pelo menos o público acompanhando as notificações oficiais, a comunicação de riscos, as recomendações médicas confiáveis etc., para pelo menos os divulgadores terem a chance de *tentar* conquistar a credibilidade do público sobre os conteúdos referentes à covid-19.

Neste sentido, o SVBr tomar iniciativa nessas reversões e resistência frente à desinformação científica/em saúde sobre a pandemia de covid-19, e com essas cenografias e *ethé* em específico, representaria a necessidade premente da credibilização, premente por causa do agravo causado pelas fissuras sociais, políticas e humanitárias que a pandemia, colada à infodemia, foram desencadeando. Enfim, a DC de *débunkage*, sob a possível ótica do youtuber divulgador, não é só o querer, mas o dever da diminuição da distância retórica.

Para termos mais certeza a clareza a respeito de se houve uma guinada a novas estratégias, será necessário, é claro, muito mais estudos, que comparem as comunicações que parecem motivadas pela pandemia com dados de DC representativos do período pré-pandêmico. De todo modo, está claro o *aumento do negacionismo* científico nos últimos anos no Brasil, no embalo do aumento da hesitação vacinal (Gomes, 2022). É improvável que esses indicadores não se façam sentir no trabalho dos divulgadores científicos, impulsionando-os a redobram os esforços de aprimoramento das formas de alcance desses conteúdos científicos, fazendo-os intensificar a captação (fazer-sentir), a sensibilização dos públicos. Assim, a empatia, o humor e a atenuação representam a busca por não perder e2 como espectador, na esteira de uma busca pela escuta mais afinada dos sentimentos ou da situação tecnopolítica em que esse espectador se encontra. A busca de credibilização *débunkage* se firmaria, então, como compromisso, como responsabilidade coletiva e social (Barroso, 2021) frente às fortes tendências do negacionismo (Gomes, 2022), compromisso o qual, convenhamos, estava consubstanciado aos sentimentos dessa premência, por parte dos vlogueiros do SVBr, já há anos

atrás, pois esse compromisso esteve na base da própria criação do SVBr, coletivo que é de luta contra a “*onda anticiência*” nas redes sociodigitais. Então, nessa nossa argumentação, a pandemia de covid-19 *acentuou* a necessidade da abertura dialógica.

Outro ponto interessante sobre o sentimentalismo de convivência é essa cenografia deixar claro que o youtuber entende que esses perfis negacionistas estão, sim, assistindo aos seus vídeos. Do contrário, as interpelações ao e2 não estariam presentes. Desta forma, métricas sobre o consumo dos vídeos desses vlogueiros estariam indicando que há fundamento para o discurso polêmico – ou seja, ele não é aleatório, ao acaso –, levando os vlogueiros criarem os roteiros já prefigurando o oponente. Isso até fortalece o estatuto desse gênero do discurso, o vídeo de DC de *débunkage*, deixando claro o seu estatuto como gênero *argumentativo* fundamentado também no discurso polêmico (Amossy, 2017a).

Outra cenografia que mobilizamos na fundamentação teórica é a da *ciência multiparadigmática e complexa*. Trata-se da tendência de os vídeos de DC no YT explicarem ciência de maneira a quebrar o uníssono da voz científica (Reale, 2018). A DC que prioriza a voz monológica (a da esfera científica de origem), materializando no texto divulgativo contrações monológicas, é o que parece mais recorrente nas pesquisas (Motta-Roth; Lovato, 2011). A DC de *débunkage* faz o divulgador manter novas facetas identitárias: além de sujeito-divulgador, ele é sujeito-cientista, sujeito-professor, sujeito-amigo (como já vimos) e, ainda, *sujeito-fã de quadrinhos* (Duarte, 2019). A ciência entrelaçada a super-heróis e ficção científica é uma das idiossincrasias do formato de vídeos do SVBr (Duarte, 2019).

Por conseguinte, entendemos que essa tendência cenográfica, como estratégia de inspirar a uma autoidentidade positiva frente ao público, é semiotizada nos vídeos aqui analisados, como na referência ao gato de Schrödinger, no bloco 7 m 21 s de Slow (referência que *não* tem a ver com a temática do vídeo de Slow), e no meme do Joey Tribbiani, com seu jogo de aspas (NV1C). Essas referências seriam estratégias para conquistar o público-alvo, pelos atrativos da abertura de referências na construção dos sentidos do vídeo-texto. No caso de NV1C, a ocorrência Joey (AM15) está ligada à gestão enunciativa de PDVs em favor do convencimento do e2.esp., porque organiza diversos PDVs (os ‘enganados’, como subenunciadores criticados, e o enunciador Joey, que é coenunciador a L1/E1 e sobre-enunciador de e2) que injetam uma reestruturação argumentativa da *prise en charge* primeira de e2. Aquela trama polifônica/dialógica tem um ‘verniz diferenciado’ no modo de explorar o PDV imputado de e2, retorcendo os sentidos deste. Isso favorece a construção do *ethos* da youtuber Laura como alguém multimidiático, humorado, um sujeito ‘antenado’. Destarte, a

ideia desse enquadre de ação divulgativa é a conceptualização da ciência como algo mais intercultural, multimidiático, reticular e intertextual.

Não obstante, Reale (2018) também situa na equação da ciência multiparadigmática a atitude de aceitação das rupturas dentro da própria ciência. Isso se combina com a representação que Brasil e Massarani (2021) chamam de *incertezas e controvérsias do campo científico*, uma representação não-canônica da ciência. De fato, discutimos, junto a Fonseca (2022), ressoando Bruno Latour, o quanto seria proveitoso para a DC exhibir suas falibilidades, seus ‘*não sei*’. Essa abordagem mais aberta e espiralada não é tão enfatizada, em nosso *corpus*: é rara na DC do SVBr (Brasil; Massarani, 2021), mas talvez esteja começando a se fazer notar, se pensarmos nas ocorrências de *ethos ad hominem* do nosso *corpus*, a propósito da macrocategoria *cenografia da empatia*.

Considerando que não é facticidade o grande nó da questão no enfrentamento à desinformação científica, e, sim, os hábitos culturais e os imaginários (tanto dos negacionistas quanto da ciência), por demais implicitados nas discussões (Almeida; Santos, 2021), então a DC deveria incorporar o multiparadigmático e complexo. Essa culturalidade e imaginários provavelmente se codificam nas asserções da passagem das argumentações, na doxa, na base das emoções e, então, na interpretação que os sujeitos fazem dos enunciados da DC, mesmo que o divulgador não se dê conta disso. Ora, em nosso *corpus*, as hesitações, pausas, nuances melódicas e heterorreformulações ‘criativas’ são sinal desse algo que não vem à explicitude: as crenças de ceticismo à ciência, o medo de que os cientistas criarão mutantes, ou que as medidas científicas violarão as liberdades individuais etc. Mas esse campo cultural todo é importante; esta é a questão. Ele se faz escutar no modo como o youtuber gere os pontos de vista, ao pressupor medos, por exemplo. Então, o ato de popularizar e debater ciência no YT seria mais proveitoso por meio dessa personalidade de DC que se abraça ao multiparadigmático e complexo (dialógico), já que a ciência/DC também parece ter tido um papel no acionamento dos ressentimentos, pelas verdades inconclusas de seu dizer, pela prepotência retórica, pela negação da própria DC feita pela ‘ciência verdadeira’ etc. (Oliveira, 2021; Fonseca, 2022; Fonseca, 2020).

A penúltima macrocategoria é a *força da ciência*. Ainda que a literatura não tenha observado uma ênfase, por parte dos videastas de *débunkage*, nas fontes epistêmicas propriamente acadêmicas (Baur, 2021), a análise feita nesta Tese constata que a gestão dialógica por vezes orienta-se para essa *força da ciência*. Trata-se de estratégias de dialogismo inclinadas à autoridade da ciência. A questão singular desta cenografia é que a ciência, aí, *impõe-se* ao

espectador não pelos *ethé* de identificação (que já verificamos), mas também pelos *ethé* de credibilidade, valendo-nos da categorização de Charaudeau (2006).

No vídeo de Slow, temos, por exemplo, a explicitação reiterável das fontes enunciativas de embasamento ao PDV1 (AM08 e AM09), sendo elas codificadas, na análise, mormente como I3/e1. Não apenas Slow cita fontes epistêmicas (I3/e1) para conferir-lhes o aspecto de argumento de autoridade, mas *modaliza* o PDV em particular de I3/e1 ou esse PDV quando configurado como estando em coenunciação com o PDV de L1/E1. Modaliza por meio de toda sorte de procedimentos (como os verbos *dicendi* ou de ação usados para mediatizar a voz de I3/e1), os quais acentuam o valor de verdade dos *PDVs convergentes ao PDV1*. L1/E1 engaja-se (e engaja os PDVs científicos originários) pela modalização objetiva, ao invés da possibilidade ou da apreciação sobre fatos que assume (RE) ou sobre o PDV imputado, aquando do relato do pDV negacionista sob a ótica do focalizador coletivo, em coenunciação (L1/E1 com I3/e1). A análise efetuada nas AM08 e AM09 põe em relevo, dentre outras coisas, essa modalização da relação com o coenunciador, I3/e1.

O ganho pragmático e argumentativo disso, para L1/E1, como efeito interpretante, é o de dar a entender que há uma serenidade veridictória na voz científica, que há garantias epistêmicas em sua RE, contrapondo-se a um possível e2.esp. que consideraria que a ciência titubeia, que há fraturas no seu *logos*, que ela não mantém uma espessura epistêmica firme (fundamentada em muitos estudos); tais elementos dificultariam com que e2.esp. deposite voto de confiança nas palavras de L1/E1. Por isso, L1/E1 faz questão de modalizar a própria coenunciação, afinal, isso dá a entender que esses enunciadores estão na origem de uma co-verificação das propostas lógico-proposicionais do PDV científico, e, portanto, que as verdades são co-percebidas, são contratualizadas – afastando a mentira ou o engano –, o que tornaria L1/E1 e I3/e1 incluídos em uma *comunidade* do mundo, valendo-nos de Emediato (2022), coerentemente a uma aura de *comunidade científica*²⁰⁷. Esse efeito do ‘nós afiançador de certeza’, verificado em diversas ocorrências, tem a ver com o que enunciamos como ‘PDV-muralha’, em alguns momentos: essa aura de fortaleza epistêmica que o L1/E1 procura projetar por meio dos PDVs co-orientados a ele. É a ideia de comunidade coesa. Em termos ainda de efeito (para os fins de credibilização), essa configuração enunciativa e pragmática faz com que

²⁰⁷ Neste período, a partir de “por isso”, utilizamos noções referentes à “comunidade do mundo”, apresentada por Emediato (2022, p. 247), para podermos descrever esse efeito de sentido da pec da verdade do PDV assumido. Trata-se de uma categorização proposta por Parret (1988 apud Emediato, 2022), para quem as modalidades expressam tipos de comunidades enunciativas.

a ciência se apresente com o *ethos* de competência, já que o seu saber é representado como bem consolidado e legitimado.

Há também outros atos ilocucionários sustentando esse valor de asserção e autoridade no *corpus*. Podemos lembrar de atos pragmáticos, como o contestar e o desmentir/refutar (Emediato, 2023), que servem para *bloquear* o PDV2, ainda que com o risco do agravo na relação dialógica com o pdv anteriorizado. Nessa seara, temos que a divulgadora Laura (NV1C) se mostra *impositiva* algumas vezes. É o caso na primeira amostra desse vídeo examinada (AM14), por exemplo neste enunciado: “Um Ú::nico, um Ú::nico artigo científico, ele não serve pra afirmar ou desafirmar coisas, tá? Sabe aquela história de que uma andorinha sozinha não faz verão? Então (.), com o artigo científico é a mesma coisa”. Basicamente, o PDV2 é desacreditado. Para invalidar completamente essa opinião imputada, L1/E1 expõe a pergunta cerceadora, finalizada com o emblemático “tá?”, pois a força ilocucionária dessa construção interrogativa é a de recusa, de dissenso, ou, ao menos, uma sobre-enunciação mais próxima do dissenso, sem a investida de confortar ou negociar com o e2.esp. Além do mais, esse PDV assumido como um todo, compatibiliza-se com a ideia de *comunidade* de ação, de que falávamos antes. Isso porque “uma andorinha não faz verão” é uma expressão que, por analogia, quer dizer que um único estudo é pouco. Com isso, L1/E1 sugere que ‘é a união que faz a força’ (cientistas vários em ação), em oposição à busca por tornar os dizeres de um estudo unitário sozinho uma força.

Esses dados vão ao encontro da preocupação de legitimação por parte dos vlogueiros de DC examinados em Flores e Medeiros (2018). Uma das formas de legitimação deles é justamente as “características de referência” (Flores; Medeiros, 2018). Na verdade, a busca pelo enaltecimento das ‘publicações revisadas por pares’, algo estranho ao YouTube, parece ser o preenchimento dessa lacuna que o ecossistema digital vivenciou, devido à fragilização das figuras nucleares de referência (Baur, 2021; Flores; Medeiros, 2018). Com isso, L1/E1 vai, por meio dos dispositivos de *prise en charge*, reivindicando para a ciência no YT a imagem de um ‘Megazord’, contra o mal da desinformação científica, tal como os próprios proponentes do SVBr se enxergam²⁰⁸. A valer, essa lógica do Megazord compatibiliza-se com o esse PDV-muralha, o ‘nós forte’.

Apesar de essas ocorrências do esforço de referência às fontes parecerem, por um lado, a ostentação de um *ethos* de objetividade, acreditamos que essa lapidação do *ethos* de

²⁰⁸ O termo “Megazord” é usado justamente pelos vlogueiros do SVBr, como se eles fossem os Rangers, lutando contra as forças anti-intelectuais (Duarte, 2019). O Megazord, no contexto originário da obra Power Rangers, é uma máquina ou robô gigante formado pelos Rangers para proteger a Terra e a galáxia de perigos (Duarte, 2019).

credibilidade (anterior a uma noção de objetividade) revela, sobretudo, o quanto essa divulgação científica incorpora a *Filosofia e Espírito Crítico* (Baur, 2021). A referência aos artigos científicos, inclusive comentando-os, é uma das formas de o youtuber orientar os espectadores sobre o que é ler a ciência, letrar-se cientificamente. A explicitação dos artigos é o ensino de como se deve compreender os tópicos da ciência. Como *Filosofia e Espírito Crítico*, traço da prática de *débunkage*, isso é ensinar um modo cognitivo de se apropriar dos conteúdos científicos (Baur, 2021). Se isso por acaso escorrega para o modelo do déficit, não é um problema em princípio, ainda mais se pensamos com Dickson (2021), e se pensamos que esses youtubers podem desenvolver estratégias suplementares²⁰⁹.

Prosseguindo na caracterização das cenas de credibilização, lembremos que, se há força do PDV1 (da ciência), temos vestígios também da *força do sujeito* (e ponto de vista) *da desinformação* na construção dialógica dos pontos de vista no *corpus*. A obstinação ou presentificação constante (‘um campo minado anticiência’) de objeções, ressalvas e sentimentos é sentida como uma implicitude *incômoda* para L1/E1, tendo ela uma orientação argumentativa contrária à da ciência. Isso permite, fundamentalmente, a *mise en scène* de que há uma luta entre os dois polos, sugerindo que L1/E1 está em labuta, em um ‘campo minado’, o que tende a colaborar, como efeito pragmático interpretante, para a ideia de que o que a voz da ciência está fazendo é nada mais nada menos do que uma reação justa, uma reformulação justa das peças do debate, um grito por justiça, um ato de resistência.

Essa macrocategoria é atestada na regularidade com que negações polêmicas aparecem, indiciando subliminarmente um e2 obstinado, como projeção feita por L1/E1 no dialogismo. A negação polêmica, neste sentido, consiste em uma espécie de vigilância e monitoração quanto aos implícitos *perigosos*. Por exemplo, no seguinte enunciado com negação polêmica, em Slow, presente no começo da seção *Vacina de RNA* (bloco 1 m 58 s): “a vacina de RNA **NÃO** altera o seu DNA, porque ela não consegue passar nem pra dentro do NÚcleo da sua célula” (grifo nosso). A recorrência disso indicia o que está acontecendo na situação comunicativa: um L1/E1 que se monitora a todo momento, que precisa antecipar-se aos enunciados afirmativos que povoam a polêmica com desinformação. Enfim, *muita negação, porque muita desinformação*. Ademais, essa tensão entre as instâncias antiorientadas materializa-se no embaraço linguisticamente marcado (pausas, hesitações, acelerações prosódicas), na vergonha, na indignação, nos gestuemas de frustração etc.

²⁰⁹ E assim o fazem, haja vista a relação dessas cenas enunciativas com os imaginários sociodiscursivos de ciência e DC, a serem comentados depois.

Finalizados os comentários sobre as cenografias que instrumentalizam o fazer-criar a razoabilidade da posição científica e o *ethos* positivo da ciência, cabem algumas problematizações mais amplas sobre o significado desses achados, em termos de contribuição para os estudos futuros e para a própria atividade de divulgação científica.

Primeiramente, discutamos um pouco a importância da cenografia do **humor**. Podemos conceber essa cenografia como uma facilitadora da resolução do conflito a propósito das respostas (muitas vezes antagônicas entre si) à pandemia. Parece-nos, em princípio, que tal cenografia é empregada de maneira a dar ressonância a conhecimentos ou intuições de que o humor facilita os vínculos, na medida em que retorce as circunstâncias em proveito de uma aproximação discursiva/psicológica, como resposta problematológica que se instala na proporção da tensão daquele momento: um acontecimento que sedimentou uma complexa arena pública, ou, como diz Guerrini (2023), uma grande luta entre interesses, uma disputa entre palavras-valores, ou, como mostram Massarani, Costa e Brotas (2021), um antagonismo preenchido por *ataques*, *defesas* e muita *desinformação*. O humor, nesta perspectiva, serviu como um ‘ferrolho’ em resposta a: ‘*como desarmar, pelo menos um pouco, essa estância tensa?*’.

Em Slow (seção *Sequelas e mortes*; linhas 23 e 24), o jogo lúdico de endeusamento da agulha, como celebração da vacina, parece ser um recurso em termos de função adaptativa à resolução de conflito. Deveras, estudos em Psicologia corroboram que o humor funciona, muitas vezes, como canalizador da hostilidade, driblando que nossas respostas sejam na mesma hostilidade (Leite, 2013). Nesse particular da hostilidade, é interessante refletirmos sobre esses dados do humor, ainda mais no seu caráter derrisório; é aí que podemos constatar mais que o riso/humor facilita a expressão de emoções *negativas* (Leite, 2013). Ora, lembremos do caráter de mascaramento, além de que enunciados humorísticos, às vezes, eram reformulações suavizadoras de coisas *já ditas* pelo youtuber, mas ditas no modo do agravo. É como se o sujeito pudesse, por meio do humor, dizer a hostilidade, mas sem dizê-la, evitando o recurso ao agravo incivil. Isso faz sentido, tendo em vista que várias ocorrências envolvem, na verdade, a representação de e2 ou de e4 de maneira debochada.

Além disso, entendendo-se o humor como um algoritmo para a resolução de conflitos, tem-se verificado que ele funciona similarmente à empatia, escuta ativa e à aceitação (Leite, 2013). Portanto, os parâmetros que recém descrevemos aplicar-se-iam também às *outras* cenografias de sentimentalismo de convivência.

Assim, o riso na condução dos PDVs aliviaria os sentidos negativos do conflito argumentativo em jogo, como o fato de as emoções estarem muito ‘à flor da pele’, associadas

à forte polarização política que filtrou o debate sobre a pandemia. De fato, os assuntos vinculados a esse acontecimento foram politizados, tornaram-se temas sensíveis, extrapolando a esfera do *cuidado com a saúde*, como em temas/enquadramentos do tipo: *vacina chinesa, isolamento e distanciamento social, a administração da pandemia pelo ex-presidente Jair Bolsonaro*, etc. Parece-nos, então, que o humor de *débunkage* é um contraponto a essas ‘sensibilidades’, junto às outras cenografias, pois a cultura pop, a lógica dos *fandoms* e a indústria do entretenimento não estiveram alheias à discussão pandêmica. Nem que teatralmente, essas referências podem se fazer presentes na divulgação científica de *débunkage* no YT. E, efetivamente, cultura pop e entretenimento *ajudaram* na defesa da ciência, como mostram Carvalho et al. (2022):

Nossos resultados demonstram que, entre aquelas que conquistaram maior interação, encontram-se **celebridades** que se notabilizaram pela defesa das medidas de isolamento e da vacinação para o combate à COVID-19. Ressalta-se que, ao se pensar uma gestão mais estratégica da comunicação sobre saúde na contemporaneidade, há que se contemplar esses agentes e com eles construir pontes para a difusão de informação de qualidade, ratificando perspectivas que enfatizem o potencial de **outros conteúdos**, que não os estritamente jornalísticos e/ou científicos, para estimular o debate sobre ciências. (Carvalho et al., 2022, p. 9, grifos nossos).

Esses estatutos modais outros se fazem relevantes, ainda mais se admitimos o caráter espiralar da cultura científica.

Todavia, é importante lembrar que o humor derrisório aplica-se muitas vezes na heteropec, sobre-enunciando o PDV imputado. Lembremos do gato-monstrinho (Slow) e das aspas irônicas sobre o termo “justificativa” (NV1C). Há, então, o risco de ele não ser bem recebido pela instância de recepção, pensando-se, agora, seriamente nos tu-destinatários. Há o risco do não-compartilhamento dos componentes do contrato de comunicação que sustentam o riso (Leite, 2013) sobre, por exemplo, a “cloroquina de Jesus”, caso o público-alvo não esteja receptivo a essa orientação argumentativa/emocionada, do riso/alegria, e caso o enunciado fira a face de parte desse auditório. Aliás, em um momento de tanta polarização, é provável que o humor/riso tenha mesmo ‘saído pela tangente’ na estância do tu-interpretante. Isso deve nos estimular a mais estudos sobre que estratégias são tomadas, sobre como se configura essa pec suplementar apreciativa, sustentada na tópica da alegria, na gestão de PDVs em polêmica, em casos de controvérsia envolvendo a ciência. Afinal, as técnicas de escrita digital desses youtubers ecoam o intuito de, sim, alcançar muita gente, furar bolhas (não só alcançar os iguais, os já aderidos à ciência). Isso se revela nos comentários discordantes e nos *hates* que esses

youtubers recebem (Fonseca, 2020). A aura de superioridade (o *ethos* de inteligência/astuto) que o youtuber projeta nessas configurações de pec é um risco assumido, em sendo a linguagem em discurso uma expedição de aventura, uma aposta (Charaudeau, 2009).

Também notamos o papel importante desempenhado pelas **emoções** na gestão dialógica dos pdvs nesse *corpus*. As autoemoções e heteroemoções são agenciadas para uma negociação com o PDV2, por exemplo quando a tópica da simpatia (emoção autoatribuída) suaviza uma sobre-enunciação inconveniente (suposta como inconveniente) do PDV imputado, o que pressupõe a heteroatribuição de alguma angústia/dor. Um dos aspectos interessantes, aí, é o procedimento de L1/E1, por meio da referenciação polêmica, retorcer pateticamente o PDV imputado: a exemplo, a ivermectina como cura e o detox vacinal como algo sério. Ou seja, o L1/E1 *retrabalhar* as expressões referenciais cingidas *a priori*, isto é, no continente e2, na representação primeira do PDV imputado. Nesse particular, registramos na análise que muitas construções referenciais são, *mote + resposta* (e2 seguido de L1/E1 com a sua resposta), mas não apenas isso; elas são, por exemplo, *mote* e depois *repulsa*, *mote* e depois *ironia* antipática etc. Assim, o *mote*, que é o PDV antiorientado, é seguido de uma **resposta emocionada**; então, o espaço reservado à resposta em assunção/RE não é uma mera resposta. Isso funciona como mecanismo de reorientação dos dizeres, como elemento que marca a pec2 ou mesmo a pec1 do PDV2 no entremeio e interstícios de relações afetivas inferidas com o outro.

Para além da referenciação emocionada, as emoções são notadas nos enquadramentos narrativos, nas atribuições de processo verbal etc. O ponto é que a RE de L1/E1 é uma argumentação emocionada: é ele com repulsa, com ironia descortês, com frustração etc. Isso pode servir como uma forma de conquistar o público-alvo, pois é como se os youtubers avisassem o público, pelas figurações do *ethos*: ‘somos como você’, ‘te entendemos’, ‘somos humanos’. Uma maneira de melhor enovelar o público (sobretudo e2.esp.) ao domínio da ciência e da divulgação científica.

Mas sabemos que as emoções pautam-se em saberes de crença (Charaudeau, 2010). Em alguns momentos da análise, percebemos que a A1' (com apóstrofo, porque asserção de partida do e2²¹⁰) corresponde a fatos *consensuais de base*, que recebem a concordância também do L1/E1. Por exemplo: ‘*vacinas foram feitas rápido demais*’ é uma A1 que vale tanto para e2 quanto para L1/E1. Slow não recusa essa A1' (portanto, ela é também A1); o que ele nega é a conclusão que e2 supostamente pretende tirar dessa A1'.

²¹⁰ Ou seja, a A1' é a premissa que emerge no discurso como sendo a base para o argumento de e2.

Esse é um fenômeno que merece reflexão, devido à força da asserção de passagem (A3) e, portanto, de algo normalmente não explicitado. No *corpus*, mesmo que algumas asserções de partida (A1) pareçam engatilhar com facilidade instruções de sentido contrárias à do PDV1, sendo tais asserções desfavoráveis a L1/E1, porque ocupadas por e2, elas são fatos, não podem ser recusadas, em nome da ‘honestidade’ do L1/E1, que ele parece cuidar para cultivar (*ethos* de credibilidade). Isso significa que a asserção **de passagem** (A3) é que interfere drasticamente na orientação argumentativa, a ponto de, aí sim, os PDVs se tornarem antiorientados. É claro que, às vezes, as opiniões são discordantes também por causa da A1, mas, no caso em específico de ‘*vacinas foram feitas rápido demais*’ (e em outros casos), A1 e A1’ e A1 são idênticos, mas conduzindo o interpretante a conclusões (A2) distintas, devido ao tipo de enlaçamento que a A3 faz às premissas A1 e A2. Desta maneira, é algum elemento validador ligado às *crenças* que atua de forma muito interveniente no debate, gerando a discórdia. Outro exemplo para clarificar: digamos que o PDV científico enuncie que a ciência não sabe algo, isto é, não tem saber suficiente sobre o tópico da discussão e, portanto, é inábil a afirmar alguma coisa. Isso pode levar e2 à conclusão (A2’) de que o PDV científico não merece crédito, o que é uma espécie de ‘extrapolação’ feita na esfera de e2. Mas tal conclusão (A2’) deve-se à crença de base (A3’), que provavelmente não coincidirá com a A2 e a A3 (do PDV1). Por isso, podemos entender que a asserção ‘*vacinas rápido demais*’ como algo que resulta na A2’ (provável A2 de e2) ‘*vacinas não prestam*’ decorre de algum tipo de *passagem* argumentativa (A3’) que *fornece a e2 a sensação de que vacinas são mais provavelmente maléficas*. Parece que e2 tem *garantias* para essa passagem na lógica argumentativa.

Parece-nos que o dialogismo fica dissensual porque algo *do campo dos valores*, pretérito à DC efetuada em nosso *corpus*, é que é dissensual. Fissuras *anteriores* motivando a distância entre os dois polos. O conflito argumentativo, em grande medida, não é sobre fatos, mas sobre as crenças/valores em jogo. Como afirma Lima (2020, p. 225, grifo nosso), “o fato é que as polêmicas são tão dificilmente resolvidas, porque colocam em jogo *valores em oposição*, em choque. Justamente por valorarem algo que está em oposição, os sujeitos entram em conflito; são razões antagonistas”. Afinal, os sujeitos valoram as asserções supostamente lógicas. Isso se combina com as ideias já apresentadas na fundamentação teórica sobre o quanto a desinformação científica está ligada a fissuras históricas no âmbito dos valores, e também a preferências que não vêm à superfície das ‘versões dos fatos’ (como as questões religiosas e políticas) postas na mesa na interação discordante.

Possivelmente, é no campo dos valores que reside a complicação do debate (o estopim da ‘necessidade *débunkage*’) ou mesmo a inconciliação. Isso permite-nos equacionar a

relevância de uma DC matizada pela *Filosofia e Espírito Crítico*, comprometida com esse letramento científico que o SVBr apregoa, não ficando restrita a ‘cancelar’ os *fatos* do adversário. **A desinformação não se refere a fatos**; não apenas. Refere-se a situações de interação, a asserções de passagem, a emoções, ao movediço do tempo (por exemplo, à pressão que uma pandemia pode causar, inclusive nos afetos) etc., enfim, ao que compõe o discurso, justamente na complexidade do interdiscurso. Assim, pensando à luz de Latour, apresentado por Fonseca (2022), convém que a DC de *débunkage* não se restrinja a declarar que informação do *outro* está errada, apostando no explicacionismo, como se a guerra fosse entre fatos. Pode ser necessário também discutir as crenças e emoções nutridas desde antes, e que codificam os debates. Em conformidade com Fonseca (2022), a DC precisaria, mais estrategicamente, abrir a discussão: debater de maneira mais aberta, multiparadigmática e axiológica a ciência. Estão em jogo também as sinuosidades dos algoritmos, das emoções fabricadas *in loco* (nos *feeds*, nas *thumbnails*), que seriam atuantes nos entimemas. Por outro lado, essa dimensão nos dá a clareza do quanto a DC confiável, no YouTube, pode desenvolver uma serenidade e aceitação, no sentido de aceitação de seus próprios limites, de não poder salvar e resolver os problemas da comunicação, considerando as engrenagens complexas da desinformação nas redes sociais.

Último subtema para este capítulo: no que tange aos imaginários de ciência, a cenografia *força do PDV científico* faz a ciência representar-se como autoridade, como um discurso competente, *sem erros*. É sintomático que o vídeo de Slow não tenha comentado sobre as *tentativas* a respeito da vacina, os erros cometidos. E, diante da hesitação vacinal que ele percebe no e2, não houve a problematização de que certos fatos históricos podem até justificar essa hesitação, para além de ela ser apenas uma opinião infundada. Desta maneira, podemos conectar essa cenografia com o modelo do déficit. Não vemos problema em o público ser tratado como deficitário em um ponto ou outro, em alguma medida. Provavelmente, nesse caso que aí ilustramos, a situação emergencial da pandemia, com os ânimos ‘à flor da pele’, com a vertigem da infodemia, não tenha propiciado o tempo necessário para uma curadoria de vídeos que problematizasse as ‘verdades definitivas’ sobre a vacina, ou sobre a respeitabilidade da ciência (no caso dos dois vídeos). Ou seja, pode ser que esses youtubers tenham sentido que é necessário um revide *rápido*, ainda mais porque se trata de um gênero de extensão curta, o vlog. Apesar disso, o canal do Pirula (também vlog) é visto como um dos casos que apresentam discussão mais aprofundada sobre as sinuosidades do pensamento científico (Brasil; Massarani, 2021).

Por outro lado, essa cenografia também dá conta do caráter processual e aberto da atividade científica, quando Laura (NV1C) explica a noção de consenso científico. Isso tem a

ver com a dimensão de *bastidores*, o funcionamento da ciência de maneira mais abrangente, ilustrado no fato de que um único do *paper*, por mais que apresente um efeito de saber definitivo, nunca é a palavra final. O imaginário argumentado nesse enunciado de Laura pode ajudar a apresentar a ciência de maneira menos dogmática e, portanto, mais cativante, porque convidativa ao debate, estimulando até mesmo que o público participe mencionando *outras fontes*. Isso se combina com a representação apontada por Brasil e Massarani (2021) “incertezas científicas, controvérsias do campo e a ciência como atividade desenvolvida em grupo ou em rede”, uma representação que ainda é incomum nas práticas de DC (e desatrelada da visão hegemônica de ciência), segundo essas pesquisadoras (2021). Logo, o referido imaginário argumentado dá espaço para o modelo contextual, talvez aspirando a algo do modelo de participação.

Houve também situações de maior expansão dialógica nesse dialogismo interno. Em Slow, temos todo aquele arranjo com as relações entre e4 e e2, que enfatiza os processos *políticos* do tema. Em NV1C, há também menções ao governo federal da época. Ademais, NV1C não se concentra apenas no fazer-saber, fazer-compreender e fazer-criar centrado no objetivo da locutora (afastar o público da ivermectina); ou seja, não é apenas um ato de autoridade sobre o destinatário, tal como o modelo do *déficit*. Há uma busca por instruir o destinatário quanto a um modo de pensar científico, pela elaboração de hipóteses, pela relação entre raciocínios (analogias, relações com a homeopatia, relações com os saberes populares etc.). Ainda, a posição da divulgadora Laura é cingida pelas vozes e referências que dessacralizam a sua imagem, oferecendo uma sociabilidade mais informal com a ciência.

Consequentemente, localizamos nessas ocorrências o modelo contextual, considerando a preocupação com uma espécie de letramento científico. Os modelos mais multidirecionais parecem ter aparição muito tímida ou nula na forma de comunicação desses youtubers, o que seria motivado, como já comentamos, pelo senso de urgência do ‘revide’ e dos esclarecimentos considerados básicos, mais emergenciais do que a posicionalidade crítica sobre a própria ciência, já que a ciência já estava sendo criticada, ainda que por outras razões. Por fim, o modelo de experiência leiga parece ser explicitamente bloqueado nessa abordagem de DC, haja vista o modo como são enquadradas as ‘receitas caseiras’ em NV1C. Isso possivelmente remete às condições de produção do discurso (a pandemia como algo que exigiu algo direto e objetivo), mas também nos faz refletir sobre a habitualidade dos vetores unidirecionais de cultura científica.

Dessa maneira, o caráter *camaleão* do divulgador científico, nesse *corpus*, concretiza-se ao longo dos dispositivos de responsabilidade enunciativa e suas colorações adicionais de

prise en charge (pec2), fazendo o discurso/*ethos* variar entre apreciações emocionadas e modalizações objetivas, por exemplo. Essas seriam as estratégias para o vlogueiro, nessa investida de *débunkage*, credibilizar-se para o público, face à polêmica prévia, que, em grande medida, desafiou a ciência, desafiou, inclusive, a sua reputação.

Na sequência, dedicamo-nos à arrumação da **nossa** resposta, a resposta de Tese, encaminhando-nos também às considerações finais.

DAS CENAS A OUTROS POSSÍVEIS CENÁRIOS: CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa verificou de que forma os youtubers constroem sentidos de credibilização de si mesmos e da ciência, com vistas a conquistar o público, por meio de uma certa gestão enunciativa do vídeo-texto. Para tal aferição, articulamos, de um lado, as condições comunicativas-enunciativas (a gestão de PDVs enlaçado a um recorte dos estudos de argumentação etc.), com, por outro lado, as condições pragmáticas e sociais, que se referem mais às identidades e aos lugares externos do discurso. A articulação, então, foi entre: (i) o arcabouço teórico sobre PDV, Responsabilidade Enunciativa, *prise en charge* e modalização; (ii) as questões de argumentação/orientação argumentativa; e (iii) o instrumental que caracteriza comunicacionalmente o objeto empírico, cujas pesquisas são também aderentes à perspectiva discursiva (com base mormente em Maingueneau), permitindo, nesse terceiro item, que equacionássemos a gestão dos PDVs às **cenografias do fazer-crer** (em observância à práxis contextual de DC).

Assim, os resultados mostram-nos que os modos de credibilização dão-se mediante aquelas cenografias do fazer-crer que desenvolvemos no capítulo anterior ('ritualizações' com vistas a convencer o destinatário, sobretudo aquele reticente, sobre a razoabilidade do ponto de vista da ciência), as quais são arquitetadas pela gestão enunciativa. Essas cenografias, sumariamente, são: (i) sentimentalismo de convivência pela via da informalidade; (ii) sentimentalismo de convivência pelo humor; (iii) sentimentalismo de convivência pela atenuação; (iv) sentimentalismo de convivência pela empatia; (v) Ciência multiparadigmática; (vi) Força do ponto de vista científico e; (vii) força do sujeito da desinformação.

Esses resultados devem ser lidos conforme os caracterizamos no capítulo anterior. Eles são o fenômeno de os posicionamentos e posturas enunciativas indiciarem as facetas e modulações da imagem de ciência e do tipo sociabilidade que a DC propagandeia nos vídeos de *débunkage* quando a problematização é sobre a pandemia. Notamos que a relação dialógica com o enunciador e2, presentificado por dialogismo interno, pode ser mais frontal, com heterorreformulações e negações polêmicas indignadas, mas também que tal relação pode acontecer de modo mais ameno. As categorias da teoria do ponto de vista foram fundamentais para esta análise: mais ainda, a modalização (no nível das posturas enunciativas) como critério para aferirmos os matizes, o modo como L1/E1 tenta se reerguer perante o outro, o e2.

Ante o exposto, podemos confirmar a tese aqui defendida, amarrando-a aos resultados finais. Projetamos no início do trabalho a seguinte tese:

Defenderemos uma caracterização das atitudes epistêmicas e estéticas como sendo nuançadas, porque de youtubers que não se fixam somente na *sua* verdade/autoridade (a da ciência, a ser inculcada), mas que efetuam barganha, concessões para com o virtual enunciador oponente (antifiador), enfim dinamizando e patemizando os pontos de vista, como uma forma de propagandear uma autoidentidade positiva da ciência.

Nossa proposta permite observar que gerir pontos de vista é modalizá-los, de modo que o componente enunciativo impacta no argumentativo (no fazer-criar almejado nos fins discursivos desses vídeos). Isso porque a Tese mostra que as microrreações de negociação com a alteridade (as quais se fundamentam em cálculos supostos sobre o que e2 faz/sente/pensa) definem a hierarquização dos enunciadores (posturas enunciativas), mas não só: dão-nos pistas dos *ethé*: se o divulgador (L1/E1) é autoritário, se é aberto à alteridade, se ele tem preocupações atenuadoras (caso o que o e2 *emane*, supostamente, seja uma emoção negativa em relação à pandemia).

E essas jogadas de modalização são os vestígios dessa nossa Tese. Isto é, as jogadas de modalização (reações que se faz do outro, negociações com o outro, retomadas do dizer do outro etc.), enquanto microcontratos, são os indicadores, os vestígios de que há uma dinâmica interacional de pontos de vista, e de maneira emocionada, no processo de youtubers científicos suscitarem a credibilização de si e da ciência, ao se determinarem em relação a posições avaliadas como desinformação (adversárias). E essa gestão interacional é nuançada, pois se serve das posturas enunciativas, além de tocar nas emoções, no estético, como as cenografias mostram.

Desta forma, constatamos que os dispositivos de responsabilidade enunciativa, de *prise en charge* e de modalização estão orientados para a problemática da argumentação como jogo da influência social (Emediato, 2022) nos textos do *corpus*. Isto é, a configuração enunciativa dos PDVs, como micromundos, têm significância argumentativa. Isso é coerente ao objetivo que cumprimos: mostrar como a ciência procura, nos vídeos justamente estimulados pela polêmica/infodemia, fazer-criar a sua autoidentidade positiva e a razoabilidade de sua posição frente à polêmica, para ser vista como digna de confiança por parte do auditório (sobretudo o sujeito reticente ou contrário à ciência).

Vale uma pequena discussão sobre o sentido desses resultados. O discurso nesses dois vídeos, com essas características cenográficas específicas, é uma forma reagir ao outro, mas *à altura* da situação, à altura desse outro. Tal discurso de *débunkage* é sintoma de que esses divulgadores atuam dessa maneira porquanto conhecendo o *terreno*, cientes do contrato de comunicação em jogo. Os youtubers conhecem o *vespeiro*, por assim dizer. Eles atuam

considerando as expectativas, as lacunas ou saldos psicológicos dos interagentes e as condições materiais da troca (o contrato de comunicação) nesse ambiente do YT, entendendo-se, aqui, que essas restrições podem provir: (i) de acordos e trâmites que a plataforma oferece ou engendra forçadamente; (ii) de pressões da arena pública da pandemia; e (iii), ainda, das orientações do próprio SVBr, com seus valores de divulgação científica.

Neste sentido, ao se precaveram por meio de tantas atenuações e humor derrisório, por exemplo, isso reflete o fato de esses divulgadores terem sua atividade marcada por um entorno de *hates*, de dificuldades de alcance comunicacional na plataforma e até de pessimismo em relação à própria divulgação científica, algo elucidado por Fonseca (2020), pesquisador e também um dos idealizadores do ScienceVlogs Brasil, ao abordar o alto custo dessas práticas divulgativas no YT atualmente (nos idos de 2020). Apesar de os divulgadores se posicionarem de maneira embasada cientificamente, com o discurso científico, participando da democracia das redes, o ódio dirigido a eles também é democrático (Fonseca, 2020).

É de se considerar que, no horizonte da situação (as *condições pragmáticas*, do *lugar das situações*), existem: as fissuras de governança, de ranqueamento de vídeos, dificultando o alcance da DC no YT (Velho, 2019; Fonseca, 2022), a remuneração mais vantajosa aos *influencers* que instigam ódio e uma maquinaria que mantém polarizações prejudiciais difíceis de desarmar (Pébayle, 2021), por exemplo. Desta maneira, isso fortifica a noção de *ethos* explorada por Flores e Medeiros (2018): o *ethos* como uma posição diretamente ligada a confrontos dialógicos com discursos *anteriores*. As autoras (2018) assinalam, assim, o aspecto indelevelmente interdiscursivo do *ethos*, algo que pudemos sondar um pouco nos dados desta Tese. É esses fatores situacionais, contratuais e interdiscursivos que influem nos modos de discursivização que aqui descrevemos e analisamos. Desta forma, diríamos que o *ethos* desses vlogueiros, tal como o caracterizamos, abarca essa tensão com as condições de produção do discurso, perfazendo-se como combativo, na medida do possível.

Além desse ponto, as estratégias apresentadas são coerentes com o princípio do próprio ScienceVlogs de fazer uma acurada revisão das fontes científicas na curadoria dos vídeos; esse método é um dos pilares do rigor que eles buscam transmitir, o que vale, sobretudo, para a cenografia de força da ciência. Os vlogueiros insistem nesse princípio, nas páginas de apresentação do SVBr, e a gestão interna dos pontos de vista oferece vestígios desse esforço.

No que se refere às contribuições deste estudo, destacamos que há aqui uma outra possível vivificação da teoria dos PDVs, viabilizando diálogos sobre como podemos operacionalizar os conceitos de Rabatel com outros (um tanto exógenos à sua teoria enunciativo-interacional), em especial a metodologia de costura entre essa teoria e outras

ferramentas sobre modalização e *prise en charge* (Desclés, 2009; Emediato, 2022). Neste sentido, esta Tese permite-nos pensar no quanto os papéis enunciativos instalados na RE e na imputação também são convocados como engajamento, o que pode ser relacionado com a argumentação, com as emoções. Por consequência, somamo-nos à problemática da conjunção entre os dispositivos enunciativos e a orientação argumentativa/emocionada (Pinto; Cortez, 2017), tendo em vista o mapeamento do papel do funcionamento enunciativo nas jogadas de influência social (com destaque à concepção retórica de argumentação).

Esta é também mais uma análise que testemunha as competências de distâncias reflexivas que o sujeito pode manter, em relação a si e ao outro. Os locutores que aqui acompanhamos variam a construção dos PDVs, porque esses locutores são *agência*. Já havíamos anunciado isto no marco teórico, mas a questão é que os dados corroboram a labilidade enunciativa e interacional dos locutores/enunciadores. O sujeito não está apenas emaranhado na doxa ou na ideologia, mas atua enquanto agência, na medida em que ele é centro de operações enunciativas e enuncivas que promovem visadas argumentativas (Emediato, 2022; Rabatel, 2017). Ele é centro (e se flexiona) em modos de dizer (junto aos ditos) para, enquanto agência, desestabilizar a desinformação, fincar o *débunkage*, segundo alguma linha estratégica e editorial sua. E encontramos algumas dessas linhas, nesse pequeno *corpus*. A desinformação não precisa continuar sendo esse mal tão gigante, pois o discurso viabiliza dobraduras, escapatórias, barganhas. De todo modo, é interessante flagrarmos o vigor, ainda, dos modelos unidirecionais de comunicação pública da ciência, apesar do contexto ser bastante sensível. Quanto a isso, ficamos com a impressão de que a ciência está um tanto acuada, inanimada.

A presente pesquisa pode contribuir, ainda, para outros estudos acadêmicos, ao apontar um modo de enlaçamento interdisciplinar que ajuda muito na análise de gestão de polêmica envolvendo conteúdos de ciência nas redes sociodigitais. É importante o entrelaçamento de noções e conceitos, para entendermos a construção de sentidos (da gestão de PDVs) na DC realizada em uma conjuntura de fissuras, discórdias, desentendimentos (e mentiras, desinformação) sobre os encaminhamentos quanto à saúde da população. Além do mais, o exemplo desta Tese pode contribuir oferecendo um aparato mais enunciativo e textual para pesquisas interessadas em analisar polêmicas públicas, pois a discretização das instâncias enunciativas ajuda, por exemplo, a desonerar o fatalismo de representações tão estanques, que dicotomizam mensagens cidadãos *vs.* ideologia, e ajudam a esclarecer o quanto os debates são sinuosos, não tão planos (na textualização), pelas atitudes enunciativas (as posturas enunciativas mostram isto), ou seja, os sujeitos em debate têm colorações que indicam filiações várias. Ainda no que concerne às contribuições, seria salutar que a divulgação científica,

enquanto prática de trabalho, se visse no espelho; a fundamentação teórica desta Tese, por si só, pode ser suficiente para isto. Para além das certezas da ciência, acreditamos que é preciso que ela se conecte com os valores, com as asserções de passagem, que faça uma reflexão sobre as emoções, sobre a não-transparência das evidências científicas, as quais estão sempre dentro do *multifacetado* das culturas científica, tecnológica, histórica, política... E é preciso equacionar que o cenário de desinformação latente e guerras retóricas encaminharemos fortes retrocessos sociais (algo ainda presenciado por nós, como a negação das mudanças climáticas) é um lembrete de que precisamos investir mais seriamente em divulgação da ciência.

Estudos futuros poderão ampliar a caracterização desse capital cultivado discursivamente pelos vlogueiros, ao incluir na análise da *força da ciência*, por exemplo, outros mecanismos textuais, como as *collabs*. A lógica de parcerias também integra a cenografia “características de referência”, examinada por Flores e Medeiros (2018) como fenômeno hipertextual e intertextual, com referências a livros, a cientistas e outros canais. Considerando, ademais, que o dialogismo se desenvolve em diversos vetores, é interessante, ainda, que sejam verificadas as formas de agência do youtuber frente à plataforma, enquanto engrenagem de enunciadores digitais. E, principalmente, a análise aqui proposta, por ser de um pequeno *corpus*, pode ser enriquecida privilegiando-se mais amostras, cotejadas com outras ‘tematizações-problematizações’. O que aqui flagramos foram as movimentações frente a uma pandemia, mas é possível que percebamos muito mais empatizações (ou menos) e, ainda, formas de heterologismo que resultam em problemas comunicativos, que são até reformulados pelos próprios perfis, por exemplo.

É possível, aliás, que outras análises testemunhem uma diferença entre homens divulgadores e mulheres divulgadoras quanto a suas atitudes de gestão do dialogismo. No capítulo de metodologia (capítulo 3), discutimos brevemente sobre a questão de gênero social, registrando que as condições sociais do trabalho de DC no YT são desiguais entre os dois gêneros. Neste raciocínio, conjecturamos que talvez as operações de engajamento frente aos PDVs se modifiquem (variem, conforme o critério gênero social ou sexo), caso se clarifique melhor se (e como) as demandas interacionais são mais problemáticas para as mulheres do que para os homens. Parece-nos, por exemplo, que o pronunciamento de Laura (NV1C) é mais combativo, em comparação com Slow, o que muito provavelmente se assenta na desigualdade de gênero, tendo em vista que a descredibilização da mulher (inclusive em posição de autoridade veridictória) é frequente na sociedade. É como se as comunicadoras mulheres precisassem de mais ‘arsenal’ para driblar o desprestígio. Justamente o perfil NV1C costuma tematizar, em seus vídeos no canal, os comentários agressivos e problemáticos que as

divulgadoras recebem. É algo a ser analisado nos futuros cenários de pesquisa sobre a DC na web. Em um momento em que buscamos fortalecer e visibilizar uma ciência de resistência e mapearmos a pluralidade de pontos de vista a respeito de um problema social sensível, a questão das *diferentes* posições (das diferentes performances e identidades) deve ser mais levada em consideração.

Esperamos, enfim, que esta pesquisa atice a curiosidade, o interesse e, por que não, o senso de responsabilidade social e coletiva de nos enveredarmos (como pesquisa e como ação) nas *formas-camaleão*, na respiração enunciativa, na agentividade de resistência e na continuidade da democratização do conhecimento científico, que é um abrir de olhos para o exercício da liberdade. Apostar plenamente na liberdade e na democracia não se dá no arrefecimento desonesto de um dos polos da discussão, no *jogo sujo* da desinformação e dos cancelamentos gratuitos. De todo modo, a participação pública pelo exercício da palavra, gestando as vivências e lutas democráticas, sempre farão com que as subjetividades sejam comentadas, retorcidas, em uma luta interna consigo mesmo (e não apenas com o outro), uma ‘narrativização-espetaculatização’ de si e do outro, para conquistar o voto de confiança do público visado.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi e Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. 2. ed. rev. e aum. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALBÉ, Maria Helena. **A responsabilidade enunciativa em reportagens de divulgação científica e sua materialização no quadro pré-citação**. 2018. 323 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) — Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.
- ALBÉ, Maria Helena; GIERING, Maria Eduarda. Posturas e Apagamento Enunciativo em Reportagem que Comunica Ciência. **Intersecções. Revista de Estudos sobre Práticas Discursivas e Textuais**, v. 3, p. 275-290, 2017.
- ALCÂNTARA, Valderi de Castro et al. Atila, o lançador de alertas: constituição da COVID-19 como problema público no Brasil. **HOLOS**, v. 1, e7830 p. 1-21, 2021.
- ALEIXO, Ricardo. Quais são os Termos Técnicos Usados na Edição de Vídeos? **Blog do MX Cursos**, [s.d.]. Disponível em: <https://abre.ai/l4VO>. Acesso em: 1 out. 2024.
- ALMEIDA, Gabriela Machado Ramos de; SANTOS, Danielly Bezerra dos. Do cientista e sua (des)legitimação: Atila Iamarino e o contexto do Coronavírus no Brasil em 2020. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 15, n. 3, p. 101–124, 2021. Disponível em: <https://abre.ai/l4Wk>. Acesso em: 13 nov. 2024.
- ALRAHABI, Motasem; DESCLÉS, Jean-Pierre. Opérations de prise en charge énonciative: assertion, médiatif et modalités dans le discours rapporté direct, en arabe et en français. *In*: BOGACKI, K.; CHOLEWA, J.; ROZUMKO, A. **Methods of lexical analysis, theoretical assumptions and practical applications**. Białystok: Uniwersytet w Białymstoku, 2009. Disponível em: <https://encurtador.com.br/YhCsr>. Acesso em: 13 jan. 2022.
- ALZAMORA, Geane Carvalho; ANDRADE, Luciana. A dinâmica transmídia de fake news conforme a concepção pragmática de verdade. **MATRIZES**, v. 13, n. 1, p. 109–131, 30 abr. 2019. Disponível em: <https://encurtador.com.br/2ryYI>. Acesso em: 15 set. 2024.
- AMOSSY, Ruth. Por uma análise discursiva e argumentativa da polêmica. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação (EID&A)**, n. 13, p. 227-244, 2017a.
- AMOSSY, Ruth. **Apologia da Polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017b.
- AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Coordenação de Tradução Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. São Paulo: Contexto, 2020.
- ASSIS, Marcos. Como fazer sua primeira collab do YouTube acontecer. **Warp Media – Agência de YouTubers**, 2021. Disponível em: <https://abre.ai/l4VP>. Acesso em: 16 set. 2024.
- AYROLLA, David. O Projeto. **ScienceVlogs Brasil**. Campinas (SP). 1 fev. 2016. Disponível em: <https://abre.ai/l4Vy>. Acesso em: 13 nov. 2024.

AYROLLA, David. “**Fala, galera**”: quem são e o que pensam divulgadores científicos no YouTube. 2021. 286 f. Dissertação (Mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2021.

BADOUX, Lauréane; KLIMA, Héléna. Les vidéos « ASK » : médiatisation et médiation d’une communauté sur Youtube. **La communication digitale**: entre affordances et discours multimodaux, n. 55, 2018, p. 25-40. Disponível em: <https://abre.ai/masB>. Acesso em: 16 out. 2024.

BALLY, Charles. **Linguistique générale et linguistique française**. A. Francke: Berne, 1965.

BALLY, Charles. **Traité de stylistique française**. 3. ed. Genève: Librairie Georg & Cie.; Paris: Librairie C. Klincksieck, 1951.

BAPTISTA, Patrícia Rodrigues Tanuri. Ato de fala e prosódia: uma inter-relação, um casamento feliz. *In*: MENDES, Eliana Amarante de Mendonça; OLIVEIRA, Paulo Motta; BENN-IBLER, Veronika. **O novo milênio**: interfaces lingüísticas e literárias. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2001, p. 257-266.

BARBISAN, Leci Borges. Por uma abordagem argumentativa da linguagem. *In*: GIERING, Maria Eduarda; TEIXEIRA, Marlene. (Org.). **Investigando a linguagem em uso**: estudos em Linguística Aplicada. São Leopoldo: Editora da UNISINOS, 2004.

BARONAS, Roberto Leiser; SIQUERI, M. S. Derrisão em caricaturas políticas: observações sobre interincompreensão intersemiótica. *In*: NOLASCO, Edgar Cézár & GUERRA, Vânia Maria Lescano. (Org.). **Discurso, alteridades e gêneros**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2006, p. 57-70.

BARONAS, Roberto Leiser; ARAÚJO, Lígia Mara Menossi; PONSONI, Samuel. Reflexões acerca da análise dialógica dos discursos verbo-visuais: um caso de humor na política brasileira. **Bakhtiniana**: Revista de Estudos do Discurso, v. 8, n. 2, p. 24-42, 2013.

BARROSO, Paulo Moutinho. Responsabilidade colectiva e comunicação estratégica governamental sobre a pandemia: o caso de Portugal. *In*: I Congresso Internacional de Estudos sobre a Linguagem da Pandemia de Covid-19. Anais [...]. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Universidade do Estado da Bahia e Universidade Nacional de Córdoba, Bahia, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.19/7122>. Acesso em: 14 set. 2024.

BAUR, Monica. La lutte contre la désinformation sur YouTube: étude d’une pratique de vulgarisation scientifique à travers le traitement du film *La révélation des pyramides* par des vidéastes vulgarisateurs. **Communication**, v. 38, n. 2, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://abre.ai/masG>. Acesso em: 12 jan. 2023.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2008.

BAZZO, Walter A. et al. **Introdução aos estudos CTS (Ciência, tecnologia e sociedade)**. Cadernos Ibero-America, Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), 2003.

BERNARDINO, Rosângela Alves dos Santos. **A responsabilidade enunciativa em artigos científicos de pesquisadores iniciantes e contribuições para o ensino da produção textual na graduação**. 2015. 271f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

BERNARDINO, Rosângela Alves dos Santos; NASCIMENTO, Daliane Pereira; BATISTA, Raimundo Romão. Responsabilidade enunciativa e posição ideológica em discursos polarizadores sobre o casamento homoafetivo. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 1-36, 2020.

BODOLAY, Adriana Nascimento. **Pragmática da entonação: a relação prosódia/contexto em atos diretivos no Português**. 2009. 300f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <https://abre.ai/14Xo>. Acesso em: 30 jan. 2023.

BURGESS; Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. Tradução Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

BRASIL, Vanessa; MASSARANI, Luisa. A representação da ciência no Science Vlogs Brasil: uma análise de canais de divulgação científica. **Comunicação & Sociedade**, v. 43, n. 2, p. 155-187, 2021. Disponível em: <https://abre.ai/masQ>. Acesso em: 29 jan. 2024.

BROTAS, Antonio Marcos Pereira; COSTA, Márcia Cristina; MASSARANI, Luisa Medeiros. Enquadramentos e desinformação sobre vacina contra COVID-19 no Youtube: embaralhamentos entre ciência e negacionismo. **Mídia e Cotidiano**, v. 15, n. 3, p. 73-100, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/rmc.v15i3.50954>. Acesso em: 18 jul. 2024.

BROSSARD, Dominique; LEWENSTEIN, Bruce. Uma avaliação crítica dos modelos de compreensão pública da ciência: usando a prática para informar a teoria. *In*: MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro (Eds.). **Pesquisa em divulgação científica: textos escolhidos**. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2021, p. 15-55. Disponível em: <https://encurtador.com.br/q1QFp>. Acesso em: 9 fev. 2025.

BRUNS, Axel. **Blogs, Wikipedia, Second Life, and beyond: from production to produsage**. New York: Peter Lang Publishing, 2008.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 23, p. 137-151, 1992. Disponível em: <https://abre.ai/masV>. Acesso em: 30 jan. 2023.

CALDAS, Graça. Mídias e Políticas Públicas para a Comunicação da Ciência. *In*: PORTO, Cristiane; BROTAS, Antônio; BORTOLIERO, Simone. (Org.). **Diálogo entre Ciência e Divulgação Científica: a formação da cultura científica no Brasil**. Salvador: Editora EDUFBA, 2011.

CANAL DO ATILA. **Live 20/03 - O que o Brasil precisa fazer nos próximos dias #FiqueEmCasa**. [S. I.]. 20 mar. 2020. 1 vídeo (1 hora 16 min 41 s). Publicado pelo canal Canal do Atila. Disponível em: 11nq.com/BJ4tw. Acesso em: 13 dez. 2022.

CANQUERINO, Marcelo. Selo garante qualidade da divulgação científica no YouTube. **Jornal da USP**, São Paulo, 22 mai. 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/selo-garante-qualidade-da-divulgacao-cientifica-no-youtube/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

CARVALHO, Maria Cristina Morais de. **Pensando no gerúndio, acabei fazendo uma tese: análise dos usos do gerúndio não perifrástico em gêneros argumentativos escritos do Português Brasileiro**. 2018. 388 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

CASTELFRANCHI, Yuriy. Por que comunicar temas de ciência e tecnologia ao público?. *In*: MASSARANI, Luisa. (Org.). **Jornalismo e ciência: uma perspectiva ibero-americana**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ / COC / Museu da Vida, 2010, p. 13-22.

CASTELFRANCHI, Yuriy; VILELA, Elaine Meire; LIMA, Luciana Barreto De; MOREIRA, Ildeu De Castro; MASSARANI, Luisa. As opiniões dos brasileiros sobre ciência e tecnologia: o paradoxo da relação entre informação e atitudes. **História, Ciências, Saúde**, v. 20, n. suppl 1, p. 1163–1183, 30 nov. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702013000400005>. Acesso em: 13 ago. 2024.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Processos de referenciação – uma proposta classificatória. **Anais da Anpoll, Maceió**, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2003.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; MESQUITA, Livia de Lima. Argumentação e polifonia em anáforas encapsuladoras. **Letras de Hoje**, v. 46, n. 1, p. 55–63, 2011. Disponível em: <https://abre.ai/14Xh>. Acesso em: 13 nov. 2024.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Coord. da Trad. Angela M. S. Corrêa e Ida Lucia Machado. São Paulo: Contexto, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. *In*: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lucia. (Orgs.). **As emoções no discurso**. Campinas: Mercado das Letras, v. 2, p. 23-56, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. Por uma interdisciplinaridade “focalizada” nas ciências humanas e sociais. *In*: MACHADO, Ida Lucia; COURA-SOBRINHO, Jerônimo; MENDES, Emília (Orgs.). **A transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade em estudos da linguagem**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013, p. 17-51.

CHARAUDEAU, Patrick. Sobre o discurso científico e sua mediatização. **Calidoscópico**, v. 14, n. 3, p. 550-556, set./dez. 2016. Disponível em: <https://encurtador.com.br/DNaCn>. Acesso em: 9 fev. 2025.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco Cabral. Negação, intersubjetividade e polifonia: estudo de caso em processos civis. **Letras de Hoje** (PUCRS), Porto Alegre, v. 51, n. 1, p. 55-64, 2016.

CAMPANI, Daiana. **Escrita digital e encenação tecnoenunciativa na rede social Twitter: a voz de Natalia Pasternak em defesa da ciência durante a pandemia de Covid-19**. 2024. 264 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2024. Disponível em: <http://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/13013>. Acesso em: 9 nov. 2024.

CARVALHO, Eleonora de Magalhães et al. Vacinas e redes sociais: o debate em torno das vacinas no Instagram e Facebook durante a pandemia de COVID-19 (2020-2021). **Cadernos de Saúde Pública**, v. 38, n. (11):e00054722, p. 1-13, 2022.

CORTEZ, Suzana Leite. **A construção textual-discursiva do ponto de vista: vozes, referenciação e formas nominais**. 2011a. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2011a.

CORTEZ, Suzana Leite. Ponto de vista em representação: a construção dos objetos de discurso em reportagens de revista feminina. **Revista Investigações**, v. 24, n. 2, p. 81-101, 2011b.

CORTEZ, Suzana Leite. Representação do discurso outro e construção de ponto de vista em reportagens e artigos de opinião. **Investigações**, v. 28, número especial, p. 1-32, 2015.

CORTEZ, Suzana Leite. Processos referenciais e argumentação emocionada: do pathos à construção do ponto de vista. **Organon** (UFRGS), Porto Alegre, v. 33, n. 64, p. 1-16, 2018. Disponível em: <https://shre.ink/axE1>. Acesso em: 1 ago. 2023.

CORRÊA PIRES, Elocir Aparecida; COSTA, Eliane Picão da Silva; MOREIRA, Ana Lúcia Rosas. Abordagem CTS no ensino de ciências: o que dizem as publicações acadêmicas sobre a formação inicial docente para os anos iniciais do Ensino Fundamental. **Investigações em Ensino de Ciências** (IENCI. online), Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 176-196, 2022.

CUNHA, Diogo Silva da. Sobre a autonomia relativa da Comunicação de Ciência. **Estudos em Comunicação**, n. 21, p. 1-12, 2015. Disponível em: <https://shre.ink/axL4>. Acesso em: 9 ago. 2023.

CRESWELL, John. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRUZ, Fernanda Miranda da; OSTERMANN, Ana Cristina; Andrade, Daniela Negraes; FREZZA, Mineia. O trabalho técnico-metodológico e analítico com dados interacionais audiovisuais: a disponibilidade de recursos multimodais nas interações. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 35, n. 4, p. 1-36, 2019.

DESCLÉS, Jean-Pierre. Prise en charge, engagement et désengagement. **Langue Française**, n. 162, p. 29-53, 2009. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-langue-francaise-2009-2-page-29?lang=fr>. Acesso em: 11 dez. 2022.

DUARTE, Jacqueline Boechat. **Um Megazord contra a anti-ciência: a ciência e a divulgação científica no Science Vlogs Brasil**. 2019. 152 f. Dissertação (Mestrado em Divulgação da

Ciência, Tecnologia e Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2019.

DUARTE, Isabel Margarida. A crise dos refugiados: sequências narrativas e emoção em crônicas/reportagens ou a narrativa ao serviço da persuasão. **Comunicação e Sociedade**, v. 38, p. 107-122, 2020. Disponível em: <https://abre.ai/matl>. Acesso em: 3 dez. 2024.

DUCROT, Oswald. **Les mots du discours**. Paris: Editions de minuit, 1980.

DUCROT, Oswald. **Polifonía y argumentación**. Cali: Universidad del Valle, 1988. (Tradução de Ana Beatriz Campo e Emma Rodríguez)

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes Editores, 1987.

DURÃES, Mariana. Deboche, irritação e ‘tchutchuca’: 10 momentos de Bolsonaro no cercadinho. **UOL**, 16 dez. 2022. Disponível em: <https://abre.ai/l4WF>. Acesso em: 15 set. 2024.

DICKSON, David. Em defesa de um ‘modelo de déficit’ na divulgação científica. *In*: MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro (Eds.). **Pesquisa em divulgação científica: textos escolhidos**. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2021, p. 99-105.

EMEDIATO, Wander. A construção da opinião na mídia: argumentação e dimensão argumentativa. *In*: EMEDIATO, Wander (Org) **A construção da opinião na mídia**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, Núcleo de Análise do Discurso, 2013.

EMEDIATO, Wander. Argumentation, postures énonciatives et interdiscursivité dans la médiation journalistique d’un événement. *In*: MACHADO, Ida Lucia; LARA, Gláucia Muniz Proença; EMEDIATO, Wander. (Org.). **Análise do Discurso: Situações de argumentação**. Lisboa: Grácio Editor, 2018a, p. 213-248.

EMEDIATO, Wander. Face, imagens de si e posturas enunciativas. *In*: CUNHA, Gustavo Ximenes; OLIVEIRA, Ana Larissa Marciotto Oliveira. (Org.). **Múltiplas perspectivas do trabalho de face nos estudos da linguagem**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2018b, p. 71-92.

EMEDIATO, Wander. Problemáticas contemporâneas dos estudos do discurso: por uma análise integrada. *In*: EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lucia; LARA, Gláucia Muniz Proença. (Orgs.). **Teorias do discurso: novas práticas e formas discursivas**. Campinas: Pontes Editora, 2020, p. 19-56.

EMEDIATO, Wander. **Análise do discurso numa perspectiva enunciativa e pragmática**. Campinas: Pontes Editores, 2022.

EMEDIATO, Wander. Interações polêmicas e violência verbal em temas sociais sensíveis: princípios teórico-analíticos e estudos de casos. *In*: EMEDIATO, Wander. (Org.). **Interações polêmicas e violência verbal em temas sociais sensíveis**. Campinas: Pontes Editores, 2023, p. 19-80.

ENTRADAS, Marta. Envolvimento societal pelos centros de I&D. *In*: RODRIGUES, Maria de Lurdes; HEITOR, Manuel (orgs.). **40 anos de políticas de ciência e de ensino superior**.

Coimbra: Almedina, 2015. p. 503-516. Disponível em: <https://shre.ink/aZW8>. Acesso em: 01 ago. 2023.

ESTEVAM, Madson Bruno Soares. **A (não) assunção da responsabilidade enunciativa em redações nota mil do exame nacional do ensino médio - ENEM**. 2019. 149 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: <https://abre.ai/14WZ>. Acesso em: 20 mar. 2023.

FALCONI-PIRES, Livia; LOURENÇO, Julia. Twitter ontem e hoje: observações metodológicas críticas. **Revista Heterotópica**, Uberlândia, v. 4, número especial, p. 36-52, 2022.

FARIA, Vanessa Fabíola Silva de. **Minha voz, tua voz, nossas vozes: uma análise da responsabilidade enunciativa em artigos acadêmicos/científicos**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em: <https://shre.ink/ax5P>. Acesso em: 15 mai. 2023.

FARES, Djana Contier; NAVAS, Ana Maria; MARANDINO, Martha. Qual a participação? Um enfoque CTS sobre os modelos de comunicação pública da ciência nos museus de ciência e tecnologia. In: X Reunión de la Red de Popularización de la Ciencia y la Tecnología en América Latina y el Caribe (RED POP – UNESCO) y IV Taller “Ciencia, Comunicación y Sociedad”, 10., 2007, San José, Costa Rica. **Anais [...]**. San José: RED POP – UNESCO, 2007. p. 1-10. Disponível em: <https://encurtador.com.br/EoNty>. Acesso em: 24 out. 2021.

FECHINE, Yvana. Transmídiação e cultura participativa: pensando as práticas textuais de agenciamento dos fãs de telenovelas brasileiras. **Revista Contracampo**, n. 31, p. 5–22, 2015.

FLICK, Uwe. **Uma introdução a pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FLORES, Natália; GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello. O Público da Divulgação Científica no Paradigma da Cultura Participativa. **Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura**, n. 7, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://abre.ai/matA>. Acesso em: 1 abr. 2023.

FLORES, Natália Martins; MEDEIROS, Priscila Muniz de. Science on YouTube: Legitimation Strategies of Brazilian Science YouTubers. **Revue Française des Sciences de l’information et de la communication**, v. 15, p. 1, 2018. Disponível em: <https://shre.ink/aZvL>. Acesso em: 4 ago. 2023.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à linguística da enunciação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FONSECA, Gregório de Almeida. **A “vacina” nas plataformas: (des)informação científica no YouTube antes e durante a pandemia de Covid-19 no Brasil**. 2022. 229 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2022.

FONSECA, André Azevedo da. Super lista dos canais de divulgação científica do Science Vlogs Brasil (atualizada). **Medium**, Londrina, 13 mar. 2019. Disponível em: <https://shre.ink/ni5b>. Acesso em: 1 out. 2023.

FONSECA, André Azevedo da. Divulgação Científica no YouTube em tempos de obscurantismos. In: GRADIM, Anabela; MOURA, Catarina; RAMALHO, Raul. (Org.). **Comunicar Ciência num Mundo em Mudança**. Covilhã: Editora LabCom/Universidade da Beira Interior (Portugal), 2020, p. 59-78.

FORBES. Brasil é o terceiro país com mais usuários do YouTube em 2023. **FORBES**, 10 mai. 2023. Disponível em: <https://abre.ai/14VR>. Acesso em: 15 ago. 2024.

FREITAS, Laura Marise de. **Ivermectina – o que diz a ciência? – um papo sobre evidência anedótica**. [S. l.], 23 jul. 2020. 1 vídeo (13 min 39 s). Publicado pelo canal Nunca vi 1 cientista. Disponível em: <https://shre.ink/nPTI>. Acesso em: 11 set. 2023.

GAION, João Pedro de Barros Fernandes; BRUNO, Cristina Helena. Atualização: Ivermectina e COVID-19. In: **Informa SUS UFSCAR**. [S. l.], 22 abr. 2021. Disponível em: <https://abre.ai/14W1>. Acesso em: 01 set. 2024.

GARCEZ, Pedro de Moraes; BULLA, Gabriela da Silva; LODER, Letícia Ludwig. Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 30, n. 2, p. 257-288, 2014.

GARCIA, Afrânio da Silva. Deslocamento de adjetivos no sintagma nominal do português. **SOLETRAS**, n. 20, p. 41-64, 2010. Disponível em: <https://encurtador.com.br/G79O1>. Acesso em: 12 nov. 2024.

GASQUE, Kelley Cristine G. D. Teoria fundamentada: nova perspectiva à pesquisa exploratória. In: MUELLER, S. P. M. (Org.). **Métodos para a pesquisa em ciência da informação**. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 107-142.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GERMANO, Marcelo Gomes; KULESZA, Wojciech Andrzej. Popularização da Ciência: uma revisão conceitual. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física (UFSC)**, v. 24, n. 1, p. 7-25, 2007.

GONÇALVES, Alan Ramos. A Metáfora em X-MEN. In: XI Congresso Internacional da ABRALIC. São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <https://encurtador.com.br/OWajH>. Acesso em: 22 abr. 2024.

GONÇALVES, Janaina Luisa; PEREIRA, Daniervelin Renata Marques. Um estudo de vlogs sobre os temas mulher, feminino e feminismo. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, v. 16, n. 1, p. 13-45, 2023.

GOMES, Alexandre Teixeira. **A responsabilidade enunciativa na sentença judicial condenatória**. 2014. 153 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

GOMES, Haendel. Pesquisa indica redução da confiança na ciência e nas vacinas no Brasil. **Fiocruz**. Brasília, 15 dez. 2022. Disponível em: <https://abre.ai/15Ag>. Acesso em: 2 nov. 2024.

JEFFERSON, Gail. Transcription notation. *In*: ATKINSON, J. Maxwell; HERITAGE, John (org.). **Structures of Social Action: Studies in Conversation Analysis**. New York: Cambridge University Press, 1984. p. 9-16.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

ISOLA-LANZONI, Gabriel. Argumentação e explicação na constituição da Divulgação Científica Politizada (DCP): investigando o dissenso em torno da segurança das vacinas. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação – EID&A**, v. 24, n. 1, p. 48–80, 2024. Disponível em: <https://abre.ai/14VT>. Acesso em: 20 dez. 2023.

KALIL, Isabela; SANTINI, Rose Marie. Coronavírus, Pandemia, Infodemia e Política. Relatório de pesquisa. Divulgado em 01 de abril de 2020. 21 p. São Paulo / Rio de Janeiro: FESPSP / UFRJ. Disponível: <https://shre.ink/aZby>. Acesso em: 30 jul. 2023.

KONRAD, Paola Gabriela. **A busca vs. o resguardo de informações acerca dos crimes em interrogatórios policiais: um olhar sob a perspectiva da fala-em-interação**. 2018. 149 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.

LEITE, João Pedro de Guimarães. **A importância do humor enquanto estratégia de resolução de conflitos em indivíduos envolvidos em uma relação amorosa**. 2013. 103 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, 2013.

LIMA, Helcira Maria Rodrigues. Emoções representações de si: a propósito da indignação e do embaraço. *In*: CUNHA, Gustavo Ximenes, OLIVEIRA, Ana Larissa Marciotto. (Org.). **Múltiplas perspectivas do trabalho de face nos estudos da linguagem**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2018, p. 93-107.

LIMA, Helcira Maria Rodrigues. A construção argumentativa pela emoção no discurso jurídico. **Estudos sobre argumentação no Brasil hoje** [recurso eletrônico]: modelos teóricos e analíticos. Natal: EDUFRN, 2020, p. 219-242.

LIMA, Guilherme da Silva; GIORDAN, Marcelo. Da reformulação discursiva a uma práxis da cultura científica: reflexões sobre a divulgação científica. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, abr.-jun. 2021, p. 375-392.

LIMA, Guilherme da Silva; GIORDAN, Marcelo. Entre o esclarecimento e a indústria cultural: reflexões sobre a divulgação do conhecimento científico. *In*: TAVARES, Denise; REZENDE, Renata. (Org.). **Mídias & divulgação científica: desafios e experimentações em meio à popularização da Ciência**. Rio de Janeiro: Ciências e Cognição, 2014, p. 12-32.

LOBATO, Carolina Rodrigues. **Stop talking to me like a fucking politician**: a tradução de expletivos na legenda da série Veep. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

LOOSE, Eloisa Beling; LIMA, Myrian Regina Del Vecchio de. A ciência nos portais de notícias: notas para pensar a popularização científica a partir do jornalismo online. **Animus** (Santa Maria. Online), v. 12, p. 85-102, jul. 2013. Disponível em: <https://abre.ai/matS>. Acesso em: 19 set. 2022.

MACHADO, Ida Lucia. A ironia como estratégia comunicativa e argumentativa. **Bakhtiniana**, v. 9, n. 1, p. 108-128, 2014.

_____. Uma das possíveis aplicações da Semiolinguística: estudo de caso sobre o fenômeno da resiliência. *In*: MACHADO, Ida Lucia; EMEDIATO, Wander; LARA, Gláucia Muniz Proença (Orgs.). **Teorias do Discurso: novas práticas e formas discursivas**. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 57-78.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do Discurso**. São Paulo: Pontes Editores, 2015.

MAIS GOIÁS. Youtuber científico Pirula faz palestra em Goiânia. **Mais Goiás**, 23 ago. 2018. Disponível em: <https://abre.ai/14VF>. Acesso em: 1 nov. 2024.

MANZINI, Eduardo José. A entrevista na pesquisa em Educação e Educação Especial: uso e processo de análise. 2008. Livre-docente em Letras – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2008.

MARQUES, Maria Aldina. Objetivar o discurso? Modos e estratégias de apagamento enunciativo. *In*: PEREIRA, Rodrigo Acosta; PINTO, Maria Alexandra A. Guedes; ARANCIBIA, María Cristina. **Estudos do campo discursivo na contemporaneidade**. São Paulo: Pedro & João Editores, 2024, p. 331-366. Disponível em: <https://abre.ai/14Vr>. Acesso em: 13 nov. 2024.

MARSHALL, Jonathan Paul. Disinformation Society, Communication and Cosmopolitan Democracy. **Cosmopolitan Civil Societies: An Interdisciplinary Journal**, v. 9, n. 2, p. 1-24, 2017. Disponível em: <https://abre.ai/14VY>. Acesso em: 13 dez. 2023.

MEYER, Michel. **Questões de Retórica - Linguagem, Razão e Sedução**. Coimbra: Edições 70, 2007.

MEYER, Michel. **Principia Rhetorica: une théorie générale de l'argumentation**. Paris: PUF, 2008.

MOIRAND, Sophie. A contribuição do pequeno corpus na compreensão dos fatos da atualidade. Trad. Fernando Curtti Gibin e Julia Lourenço Costa. **Linguasagem**, v. 36, n. 1, 2020, p. 20-41.

MONTAÑO, Sonia. **Plataformas de vídeo: apontamentos para uma ecologia do audiovisual da web na contemporaneidade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MASSARANI, Luisa Medeiros; COSTA, Márcia Cristina Rocha; BROTAS, Antonio Marcos Pereira. A pandemia de Covid-19 no YouTube: Ciência, entretenimento e negacionismo. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 19, p. 245-256, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.55738/alaic.v19i35.675>. Acesso em: 18 out. 2023.

MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro. In: MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro (Eds.). **Pesquisa em divulgação científica: textos escolhidos**. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2021, p. 99-105. Disponível em: <https://encurtador.com.br/q1QFp>. Acesso em: 9 fev. 2025.

MOTTA-ROTH, Désirée; LOVATO, Cristina dos Santos. O poder hegemônico da ciência no discurso de popularização científica. **Calidoscópio**, v. 9, n. 3, p. 251-268, 2011. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidos-copio/article/view/cld.2011.93.09>. Acesso em: 19 set. 2022.

MOTTA-ROTH, Désirée; LOVATO, Cristina dos Santos. Organização retórica do gênero notícia de popularização da ciência: um estudo comparativo entre português e inglês. **Linguagem em (Dis)curso** (UNISUL. impresso), Tubarão, v. 9, n. 2, p. 233-271, 2009. Disponível em: <https://shre.ink/aZua>. Acesso em: 4 ago. 2023.

MOTTA-ROTH, Désirée; SCHERER, Anelise Scotti. Popularização da ciência: a interdiscursividade entre ciência, pedagogia e jornalismo. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 11, n. 2, p. 164-189, 2016.

NASCIMENTO, Suelene Silva Oliveira. **A construção multimodal dos referentes em textos verbo-audiovisuais**. 2014. 149 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

NASCIMENTO, Joice Danielle; CARNEIRO, Kennedy; OLIVEIRA, Yasmin; ASSIS, Ingrid Pereira de. Limites da liberdade de expressão: a instrumentalização da Teoria da Espiral do Silêncio para propagar desinformação e discursos de ódio no Twitter. **INICIACOM: Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação Social**, v. 11, n. 2, p. 1-15, 2022. Disponível em: <https://shre.ink/aZcZ>. Acesso em: 31 jul. 2023.

NASCIMENTO, Ilderlandio Assis; CARVALHO, Jorge Queiroz; BERNARDINO, Rosângela Alves dos Santos. A (não) assunção da responsabilidade enunciativa em artigos científicos produzidos por estudantes de Letras. **Diálogo das Letras**, v. 1, n. 1, p. 241-254, 2012.

NATAL, Camila Binhardi; ALVIM, Marcia Helena. A divulgação científica e a inclusão social. **Revista do Edicc**, v. 5, p. 76-87, 2018.

NAVAS, Ana Maria. **Concepções de popularização da ciência e da tecnologia no discurso político: impactos nos museus de ciências**. 2008. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação. Área de concentração: Ensino de Ciências e Matemática) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2000.

NOCCIOLI, Carlos Alexandre Molina. **Surto e epidemia: discursos de autoridades na mídia brasileira**. Campinas: Pontes Editores, 2022.

NUNCA VI 1 CIENTISTA. Canal Nunca vi 1 cientista. Disponível em: <https://www.youtube.com/@nuncavi1cientista>. Acesso em: 1 dez. 2024.

NUNCA VI 1 CIENTISTA. Canal Nunca vi 1 cientista [palavra-chave: covid]. YouTube, s.d. Disponível em: <https://encurtador.com.br/4mcV5>. Acesso em 1 dez. 2024.

OLIVEIRA, Thaiane Moreira. Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais. *Revista Fronteiras (online)*, v. 22, p. 21-35, 2020.

PADINGER, Germán. Rastro de avião é tóxico? Entenda a teoria da conspiração dos chemtrails. **CNN Brasil**, 12 mar. 2024. Disponível em: <https://abre.ai/14WT>. Acesso em: 2 ago. 2024.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do Discurso Digital**: dicionário das formas e das práticas. Org. da Trad. Júlia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. Operações enunciativas em notícias e reportagens impressas. *In*: VI Congresso Internacional da ABRALIN, 2009, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: Ideia, 2009. v. 1, p. 2104-2115.

PÉBAYLE, Emmanuelle Chevry. Pratiques informationnelles des youtubeurs scientifiques au service de la médiation du savoir: Youtubeurs scientifiques: activité et pratiques informationnelles. **Communication**, v. 38, n. 2, 2021. Disponível em: <http://doi.org/10.4000/communication.14808>. Acesso em: 13 nov. 2024.

PEREIRA, Marcelo; CASTELFRANCHI, Yuri; MASSARANI, Luísa. Cientistas brasileiros e divulgação científica: uma proposta de classificação. **Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad**, n. 1, p. 1-24, 2024. Disponível em: <https://abre.ai/14V2>. 1 dez. 2024.

PINHEIRO, Chloé; RIEGER, Henrique; ALMEIDA, Rodolfo. Canais de médicos antivacina continuam bombando no Telegram. **Núcleo**, 27 abr. 2023. Disponível em: <https://abre.ai/14W4>. Acesso em: 11 abr. 2024.

PINTO, Rosalice; CORTEZ, Suzana Leite. Do pathos retórico à ‘empatia rabateliana’: argumentação emocionada em textos/discursos polêmicos. **Revista de Letras (UFC)**, Fortaleza, v. 2, n. 36, p. 51-62, 2017. Disponível em: <https://abre.ai/mauG>. Acesso em: 14 jan. 2023.

PINTO, Rosalice; RODRIGUES, Maria das Graças Soares; CORTEZ, Suzana Leite. Empatia e emoção em textos multimodais: o caso ‘Marielle Franco’. *In*: MARQUES, Maria Aldina; SOUSA, Sérgio Guimarães. (Org.). **Linguagens de Poder**. Braga: Centro de Estudos Humanísticos (CEHUM)/Universidade do Minho, 2019, p. 183-198.

PIRULA. **É puro alarmismo? (#Pirula 328.5)**. [S. I.], 23 abr. 2020a. 1 vídeo (42 min 21 s). Publicado pelo Canal do Pirulla. Disponível em: <https://shre.ink/aZvb>. Acesso em: 3 jan. 2022.

PIRULA. **A covid do Bolsonaro (#Pirula 335)**. [S. I.], 8 jul. 2020b. 1 vídeo (16 min 56 s). Publicado pelo Canal do Pirulla. Disponível em: <https://shre.ink/nPZZ>. Acesso em: 1 out. 2023.

- PIRULA. Sobre. *YouTube*, s.d. Disponível em: <https://abre.ai/l4VM>. Acesso em: 1 nov. 2024.
- POSSENTI, Sírio. Pelo humor na lingüística. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 7, n. 2, 1991. Disponível em: <https://abre.ai/mauL>. Acesso em: 30 jan. 2025.
- POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua**: análises linguísticas de piadas. Campinas: Mercado das Letras, 1998.
- POSSENTI, Sírio. *Ethos* e corporalidade em textos de humor. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana.(orgs). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 149-156.
- POSSENTI, Sírio. Nomes próprios e humor agressivo nas redes sociais. **Revista do GELNE**, v. 25, n. 1, 2023, p. 1-10. Disponível em: <https://abre.ai/l4U6>. Acesso em: 13 nov. 2024.
- PRETI, Dino. **Oralidade em textos escritos**. São Paulo: Humanitas, 2009.
- PROJETO COMPROVA. Ivermectina em altas doses pode causar intoxicação e até convulsão. **Estado de Minas**, 16 jun. 2021. Disponível em: <https://abre.ai/l4Wz>. Acesso em: 01 set. 2024.
- RABATEL, Alain. Fondus enchaînes énonciatifs: scénographie énonciative et point de vue. **Poétique**, n. 126, p. 151-173, 2001.
- RABATEL, Alain. L’effacement énonciatif dans les discours représentés et ses effets pragmatiques de sous-énonciation et de surénonciation. **Estudios de lengua y literatura francesas**, n. 14, p. 33-61. 2003.
- RABATEL, Alain. L’effacement énonciatif dans les discours rapportés et ses effets pragmatiques. **Langages**, n. 156, p. 13-17, 2004.
- RABATEL, Alain; CHAUVIN-VILENO, Andrée. La “question” de la responsabilité dans l’écriture de presse. **Semen: Revue de semiolinguistique des textes et discours**, n. 22, p. 5-24, 2006. Disponível em: <https://shre.ink/aZCS>. Acesso em: 4 ago. 2023.
- RABATEL, Alain. Prise en charge et imputation, ou la prise en charge à responsabilité limitée. **Langue Française**, Paris, n. 162, p. 71-87, 2009. Disponível em: <https://shre.ink/aZFp>. Acesso em: 13 jul. 2023.
- RABATEL, Alain. O papel do enunciador na construção interacional dos pontos de vista. In: EMEDIATO, W. (org.). **A construção da opinião na mídia**. FALE/UFMG: Belo Horizonte, 2013a, p. 19-66.
- RABATEL, Alain. Positions, positionnements et postures de l’énonciateur. **Linha d’Água** (USP), São Paulo, v. 26, n. 2, p. 159-183, 2013b. Disponível em: <https://abre.ai/mauL>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- RABATEL, Alain. Écrire les émotions en mode empathique. **Semen: Revue de semiolinguistique des textes et discours**, n. 35, p. 65-82, 2013c.

RABATEL, Alain. Empathie, points de vue, méta-représentation et dimension cognitive du dialogisme. **Revue Ela – Études de linguistique appliquée**, n. 173, p. 27-45, 2014. Disponível em: <https://shre.ink/aZqq>. Acesso em: 13 jul. 2023.

RABATEL, Alain. **Homo Narrans**: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa: pontos de vista e lógica da narração teoria e análise. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passeggi e João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2016a.

RABATEL, Alain. Agir professionnel, point de vue et mobilité empathique. **Phronesis**, v. 5, n. 3-4, p. 5-15, 2016b. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/1039082ar>. Acesso em: 13 nov. 2024.

RABATEL, Alain. Os desafios das posturas enunciativas e de sua utilização em didática. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação (EID&A)**, n. 12, v. 1, 2017, 191-233. Disponível em: <https://abre.ai/14Ve>. Acesso em: 4 ago. 2023.

RABATEL, Alain. Pour une reconception de l'argumentation à la lumière de la dimension argumentative des discours. **Argumentation et Analyse du Discours** (online), v. 20, 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aad/2493>. Acesso em: 6 ago. 2023.

RABATEL, Alain. **Homo narrans**: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa (Volume 2). Pontos de vista e lógica da narração: metodologia e interpretação [recurso eletrônico]. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi. Natal: EDUFRN, 2021.

REALE, Manuella Vieira. **O sabor do saber**: divulgação científica em interação no YouTube. 2018. 165 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), São Paulo, 2018.

REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RECTOR, Mônica; TRINTA, Aluizio R. **Comunicação do corpo**. São Paulo: Ática, 2005.

REIS, Cesar Augusto da Conceição. A entonação no ato de fala. *In*: MENDES, Eliana Amarante de Mendonça; Paulo OLIVEIRA, Motta; BENN-IBLER, Veronika. (Org.). **O novo milênio**: interfaces lingüísticas e literárias. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 221-230.

RIBEIRO, Ana Paula Miranda Costa. **Coronovac e a genealogia do negacionismo vacinal**: uma análise do discurso digital antivacina no facebook durante a crise sanitária da Covid-19 no Brasil. 2024. 270 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2024.

RODRIGUES, Maria das Graças Soares; PASSEGGI, Luis; SILVA NETO, João Gomes. Saio da vida para entrar na história: pontos de vista, responsabilidade enunciativa coletiva e polêmica pública na Carta-Testamento de Getúlio Vargas. **Conexão Letras**, UFRGS, v. 11, n. 15, p. 99-113, 2016.

ROLLING STONE. 6 memes inesquecíveis de Friends [LISTA]. **Rolling Stone**, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://abre.ai/14Wv>. Acesso em: 18 jul. 2024.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 343-364.

SALEH, Gabriela; SICA, Karen. Roteiro Como Guia: Uma Linha de Raciocínio Para Youtubers. *In*: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 40., 2017, Caxias do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul: INTERCOM, 2017. Disponível em: <https://encurtador.com.br/hQWY1>. Acesso em: 5 jan. 2023.

SANTOS, Edilene Alves dos; BUDAG, Fernanda Elouise. A série Friends e as relações de comportamento e consumo. **Revista Comfilotec (revista da graduação da FAPCOM)**, v. 4, n. 7, [s.p.], 2018. Disponível em: <https://abre.ai/l4Wu>. Acesso em: 17 dez. 2023.

SANTOS, Arthur da Silva Gomes; GOMES, Letícia Vilarinho; MONTEIRO, Raíssa Vieira. O impacto cultural e os novos olhares sobre o seriado “Friends” ao longo dos anos. *In*: XIV ENECULT: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2021. Disponível em: <https://abre.ai/l4Ww>. Acesso em: 18 jul. 2024.

SAYURI, Juliana. Esta é a maior rede de iniciativas de divulgação científica no país. **NEXO**, 18 de maio de 2019. Disponível em: <https://abre.ai/l4Wo>. Acesso em: 18 jul. 2024.

SCIENCE VLOGS BRASIL. **Quem somos**. [s.l.]. 2020. Disponível em: <https://sciencevlogsbrasil.com.br/quem-somos>. Acesso em: 13 nov. 2024.

SCIENCE VLOGS BRASIL. **[Site institucional]**. [s.l.]. 2016. Disponível em: <https://abre.ai/l4VB>. Acesso em: 13 nov. 2024.

SCIENCE BLOGS BRASIL. **Sobre**. 2011. Campinas (SP). Disponível em: <https://abre.ai/l4VI>. Acesso em: 13 nov. 2024.

SCIENCE BLOGS BRASIL. **Science Blogs: Ciência, Cultura, Política**. 2011. Campinas (SP). Disponível em: <http://scienceblogs.com.br/#>. Acesso em: 4 out. 2013.

SEIXAS, Rodrigo Pereira Barbosa. **Negociando distâncias: uma análise retórico-discursiva de dois pronunciamentos políticos**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://abre.ai/l4V4>. Acesso em: 18 jul. 2024.

SLOW, Estêvão. **O Movimento antivacina no Brasil!!! – Canal do Slow 143**. [S. l.]. 15 mai. 2023. 1 vídeo (14 min 9 s). Publicado pelo Canal do Slow. Disponível em: <https://shre.ink/nPTz>. Acesso em: 11 ago. 2023.

SILVA, Ananias Agostinho da; BRITO, Mariza Angélica Paiva. Referenciação e valores em textos polêmicos. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação – EID&A**, v. 22, n. 1, p. 38–60, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.47369/eidea-22-1-3326>. Acesso em: 14 ago. 2024.

SILVA, Karla Stéphanly de Brito. **Dispositivos enunciativos construindo a visada argumentativa de advogados de defesa na “sustentação oral” em crimes de homicídios**. 2022. 306 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, 2022.

SILVA, Raul Guilherme Candido da Silva. **Tópico discursivo e construção do ponto de vista: o trabalho com a produção textual no contexto do Enem**. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2021.

SOBRE o NAD. s.d. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/nucleos/nad/>. Acesso em: 2 fev. 2025.

SOUSA, Waldênia Klésia Maciel Vargas; FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca. O humor: enunciado, enunciação e produção de sentido. **Linguasagem**, v. 16, n. 1, p. 1-11, 2011. Disponível em: <https://abre.ai/14WA>. Acesso em: 23 set. 2024.

UNIFESP. Programa Maré de Ciência promove ação de conscientização e divulgação científica no Dia Mundial da Água. *In*: Notícias UNIFESP. São Paulo, 27 mar. 2019. Disponível em: <https://shre.ink/aZ8F>. Acesso em: 2 fev. 2023.

UOL. Estrutura de ‘cercadinho’ de Bolsonaro no Palácio da Alvorada é desmontada. **UOL**, 16 dez. 2022. Disponível em: <https://abre.ai/14WL>. Acesso em: 15 set. 2024.

VALENTIM, Ana Paula Simonaci. **Divulgação científica e cultura nerd: memória e discurso pró-vacina no canal Nerdologia no YouTube**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Programa de Pós-Graduação em Memória Social, 2021.

VAN DIJCK, José. **La cultura de la conectividad**. Una historia critica de las redes sociales. Tradução de Hugo Salas. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016. Disponível em: <https://abre.ai/14Vf>. Acesso em: 11 nov. 2024.

VELHO, Raphaela Martins Guedes de Azevedo. **O papel dos vídeos de ciência na divulgação científica: o caso do projeto Science Vlogs Brasil**. 2019. 174 f. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2019.

VOGT, Carlos Alberto. A espiral da cultura científica. **ComCiência** (SBPC, Labjor, UNICAMP), Campinas, v. 45, 10 jul. 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2407200308.htm>. Acesso em: 15 jul. 2023.

VOLPATO, Bruno. Ranking: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2022, com insights e materiais. *In*: **Resultados Digitais**. Florianópolis, 23 mai. 2022. Disponível em: <https://shre.ink/cPKs>. Acesso em: 4 ago. 2022.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking**. Council of Europe report, DGI (2017), v. 9, 2017.

WIKIPEDIA. Alunissagem. s.d. Disponível em: <https://abre.ai/14WP>. Acesso em: 2 ago. 2024.

ZAMBONI, Lílian Márcia Simões. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica**. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2001.

ZAMPONI, Graziela. De códigos e livros: a metáfora como estratégia no gênero de popularização da ciência. **Estudos Linguísticos** (São Paulo), v. 38, p. 321-333, 2009.

ZANDONAI, Marcos Filipe. **A referência no sincretismo do YouTube: o caso dos vídeos que divulgam ciência**. 2015. 168 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015. Disponível em: <https://abre.ai/14Vn>. Acesso em: 13 nov. 2024.

_____. A gestão de pontos de vista na atividade argumentativa de vídeos de comunicação científica do YouTube. *In*: MATTOS, Elisa; PASTORINI, Vanessa; MURTA, Michelle; EMEDIATO, Wander; OLIVEIRA, Ana Larissa (Orgs.). **Percursos acadêmicos e debates interinstitucionais: pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFMG**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022, p. 244-260. Disponível em: <https://abre.ai/14Vh>. Acesso em: 16 jan. 2023.

_____. O alerta sobre o coronavírus no YouTube: mobilidade empática e *pathos* na gestão dialógica de pontos de vista em confronto. **Revista Gatilho** (PPGL/UFJF), Juiz de Fora, v. 25, p. 112-141, 2023. Disponível em: <https://shre.ink/nPDN>. Acesso em: 28 set. 2023.

APÊNDICE A – Transcrição do vídeo *O movimento antivacina no Brasil, do canal do Slow*²¹¹

	até 1 m	Introdução
1	((imitando um negacionista, com efeito de voz distorcida; imagens variadas de códigos	
2	computacionais e vacinas)) Você sabia que as vacinas são tóxicas para o seu	
3	organismo e podem te deixar sequelas para o <resto da vida>? Você sabia que a proteína	
4	Spike, da vacina, pode te causar <infertilidade>? Você sabia que a vacina experimental	
5	de RNA pode modificar o seu DNA, gerando < Graves mutações? Pois é. Com toda a	
6	pressa da pandemia, as vacinas foram feitas de qualquer maneira, estão aí sendo	
7	empurradas para as nossas crianças para favorecer os interesses das grandes corporações	
8	farmacêuticas. ((a imagem agora passa a ser de Slow, mas de modo distorcido)) E é claro	
9	que isso não se vê por aí, pois a grande mídia faz de tudo para esconder de você. Mas ó,	
10	calma, não se desespere, vem pro nosso grupo do Telegram, pois aqui nós temos	
11	liberdade para te falar a verdade. ((a partir de agora, voz não distorcida)) Nós podemos	
12	te oferecer consultas para fazer uma reversão vacinal, ou, melhor, um detox para retirar	
13	os metais pesados e as impurezas que as vacinas deixam em você.	
	1 m a 1 m 39 s	seção <i>Grupos contrários à vacinação</i>
14	Essa é uma parte do discurso que seduz diariamente milhares de pessoas a entrarem	
15	em dezenas de grupos que habitam o submundo das redes sociais. ((imagem de uma	
16	manchete na tela)) E uma vez lá dentro, meus amigos, eles passam a receber uma	
17	((movimento intenso com as mãos)) ((ilustração: vacina e um homem)) ENXURRADA	
18	de materiais contrários à vacinação e às orientações de médicos e profissionais da	
19	saúde do mundo inteiro. ((ênfase no primeiro plano/close-up)) Assim como ficam	
20	recebendo supostas experiências dos outros usuários, né, que teriam tomado a vacina e	
21	algo terrível aconteceu. ((mudança de cena; começa a imitar pessoa antivax))	
22	Vocês não sabem: a minha filha levou o filho lá pra vacinar e começou a nascer	
23	umas craca nas costa, tá até hoje internado no hospiTAL. ((imitando outro antivax,	
24	com celular na mão; mudança quanto ao lado de ângulo)) Ai, meu Deus, eu sabia,	
25	nós temos ↑que compartilhar isso com o mundo inTEIro ((fim da imitação))	
	1 m 40 s 1 m 58 s	Introdução e vinheta
26	((quadro Apoiadores do Slow, na tela; som de palmas)) Sejam todos muito bem-vindos	
27	ao canal do Slo:::w, uma iniciativa que existe graças a essas pessoas inCRÍveis ((fim do	
28	quadro)) ((ainda com a manchete e a ilustração na tela)) E no vídeo de hoje nós vamos	
29	se aprofundar um pouco em quais são esses grupos, como eles atuam, quem são os	
30	agentes por trás disso e qual a dimensão do problema que nós temos pela frente	
31	((imagem de comemoração) Uhu:::! bora, Slo:::w!	
	1 m 58 s a 2 m 42 s	seção <i>Vacina de RNA</i>
1	Pra começar, vamos fazer uma ((mãos em movimento circular; frase <i>bora detox da</i>	
2	<i>desinformação?</i> na tela)) reversão antivacinal, né, ou melhor, vamos fazer um	

²¹¹ Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=yZ6mohwKavs&t=595s>

3	detox de algumas das desinformações que circulam muito nesses meios.
4	((com o número ordinal na tela; braço direito para cima)) Primeiro:::, ((a frase oralizada
5	aparece escrita na tela)) a vacina de RNA ((negação com as mãos)) NÃO altera o seu
6	DNA, porque ela não consegue passar nem pra dentro do Núcleo da sua ((ilustração
7	uma célula na tela)) célula, que é onde o seu DNA fica armazenado. Ela circula ali pelo
8	citoplasma, como uma receitinha de bolo pra ajudar a sua célula a combater o vírus
9	no caso de uma infecção. ((mudança de cena)) ((imitando uma célula que, com a ajuda
10	da vacina, constata a presença de um vírus)) ((assovio e pega um papel)) Uh opa opa:::
11	que que é isso aqui, meu amigo? Parece a imagem de um potencial invasor. É bom a
12	gente ficar de olho, hein. Valeu pela dica espécie HUMANA! ((fim da imitação))
13	((ilustração de molécula de RNA)) E apesar da vacina de RNA pra covid ter sido a
14	primeira a circular pelo mundo dessa forma, esse tipo de estratégia ((título de notícia
15	na tela)) já vinha sendo utilizada e testada há DÉcadas com outras doenças.
16	((mudança de cena))
	2 m 43 s a 3 m 18 s <i>seção O que justifica a velocidade? (bloco 1)</i>
1	((com o número ordinal na tela; braço para cima)) Segundo:::!! ((vacinas produzidas
2	rápido demais? escrito na tela)) ((começam imagens de laboratório na tela)) As vacinas
3	de covid foram de fato produzidas em tempo recorde, sendo um marco na nossa história,
4	((volta imagem em Slow)) porém isso não quer dizer que elas tenham sido feitas na
5	pressa de qualquer maneira. O que justifica essa velocidade é que o mundo inteiro
6	literalmente ((mãos de cima para baixo; imagem de celas)) PAROU - - <literalmente:::>
7	- - ((ênfase no primeiro plano/close-up)) pra resolver essa treta de uma vez.
8	((imagens de laboratório)) Tudo quanto é centros de pesquisa colaborando e trocando
9	informações, ((imagens de dinheiro)) governos liberando RIOS de dinheiro pra
10	financiar teste de pesquisas, ((imagens de laboratório)) agências e fabricantes sempre em
11	contato ali pra tentar agilizar o máximo possível as análises. ((volta imagem para Slow))
12	((imitando um cidadão desesperado)) Bo:::ra >com isso aí, que tá todo mundo
13	trancado em casa e vidas sendo perdidas na espera da< vacina:::!! ((mudança de cena))
	3 m 19 s a 3 m 43 s <i>seção O que justifica a velocidade? (bloco 2)</i>
14	O importante é ter em mente que <todo ((infográfico na tela)) protocolo> científico com
15	<todas as etapas> desde os estudos pré-clínicos em laboratório passando pelos clínicos,
16	testando desde alguns voluntários até <milhares>, foram respeitados no objetivo de
17	garantir o máximo de segurança pras <bilhões> de pessoas que seriam vacinadas dali
18	pra frente. ((imagem de Slow; infográfico no canto da tela)) Mano, olha que
19	responsabilidade, cê imagina se iam sair queimando etapas gerando uns X-men por aí
20	desse jeito, porra ((imagem de um gato balançando)) ((mudança de cena))
	3 m 44 s a 4 m 7 s <i>seção Sequelas e mortes (bloco 1)</i>
1	O que nos leva ao ((com o número ordinal na tela)) terceiro ponto, muito comum de
2	se encontrar nesses grupos, de que a vacina da covid ((vacinas deixando sequelas e
3	mortes? escrito na tela)) está deixando <sequelas> e <mortes>, especialmente nas nossas
4	((balançando o corpo indicando colo; som de choro de bebê)) (.) pobres crianças.
5	((título de notícia na tela)) E o fato é que não existe ((negação com as mãos)) nenhum
6	registro no Brasil de criança que tenha vindo a morrer tomando a <vacina da covid>.

7	((ênfase no primeiro plano/close-up)) ((outro título de notícia na tela)) Se você viu
8	algum vídeo ou ouviu falar, saiba que se trata de alguma fake que criaram e viralizaram
9	por aí sem respaldo nos fatos. ((mudança de cena; alteração no primeiro plano))
	4 m 7 s a 4 m 49 s continua a seção <i>Sequelas e mortes</i> (bloco 2)
10	((mudança de cena; alteração no primeiro plano)) ((título de notícia na tela))
11	Já as reações às vacinas podem, sim, acontecer, foram devidamente documentadas nas
12	fases clínicas, a maioria delas, sem gravidade, e são muito RAras de acontecer
13	cerca de ((0.001% na tela)) zero ponto zero zero ((mão indicando um)) <UM por cento>
14	das doses aplicadas. ((mudança de cena)) ((imitando um antivax))
15	Ah, mas, Slow, mesmo que as chances sejam muito baixas, é meu diREItto não querer
16	correr ((braço indicando combate)) <este risco>. ((volta para Slow))
17	É, só que ((ilustração na tela)) o pulo do gato aqui é que se você realmente tá
18	preocupado com a sua saúde ou a dos seus filhos, as chances de vocês terem uma reação
19	gravíssima, terem sequelas pro resto da vida ou, principalmente, de acabarem
20	moRRRENDO é ((com sons e efeitos de destruição e mãos para cima ao enunciar os
21	advérbios)) estronDOsamente, giganTEScamente, estapaFURdiamente maior se ((dedo
22	direito em riste)) você entrar em contato com a doença do ((entonação mais delicada até
23	o final)) ↓que com a bela <e segura vacinação>. ((agulha no meio da tela; efeito visual
24	de celebração da vacinação)) Oh:::. ((mudança de cena))
	4 m 50 s a 5 m 27 s continua a seção <i>Sequelas e mortes</i> (bloco 3)
1	Pra vocês terem uma ideia aqui, só pra dar uma RÁPIDA ilustrada, né, até ((título
2	de notícia na tela inteira)) começo de 2020 ((correção na tela: começo de 2022)), a covid
3	já tinha matado mais de 1.400 crianças e deixado outras milhares com <graves
4	seQUElas>. ((volta a imagem de Slow; primeiro plano acentuado)) No mesmo ano,
5	um estudo ((título de notícia na tela)) sugeriu que, de geral que tava morrendo de covid,
6	setenta e cinco por CENto eram de pessoas <não vacinadas>. Enquanto um outro estudo
7	demonstrou ((título de notícia na tela inteira)) que >vacina da covid conseguiu reduzir<
8	em <cerca de noventa e seis> por cento das mortes por covid no Brasil. ((volta imagem
9	para Slow)) O que significa que, se existe um ((mãos simbolizando pingo)) PINgo de
10	de preocupação com a sua saúde a dos outros ao redor em vossa consciência, então
11	o caminho ((foto de vacina de covid-19 na tela)) mais racional e seguro é manter sempre
12	((dedo direito em riste)) a nossa vacinação em dia. ((mudança de cena))
	5 m 27 s a 5 m 42 s começa seção <i>Desinformação</i> (transição)
1	((com sinais de visto/verificação na tela)) Check. Check. Check. ((mudança de cena;
2	imitando um antivax)) Não ouçam o que esse barbudo tá falando. Ele nem é MÉdico!
3	Não entende de NAda. Nós aqui é que ((começam brilhos sobrepostos)) somos
4	especialistas. ↓E vamos te mostrar o caminho para você não se infectar com a
5	((imagem de fogo no final da imitação)) <terrível vacina de Satanás>. ((mudança de
	5 m 42 s a 6 m 18 s seção <i>Desinformação</i> (bloco 1)
1	cena)) A jornalista Chloé Pinheiro e sua equipe em parceria com (Pulitzer Center)
2	resolveu investigar melhor a ((foto de um sujeito encapuzado com laptop))
3	desinformação em torno das vacinas no Brasil, o caminho por onde ela surge e circula e
4	publicou uma série de reportagens um <tanto curiosas>. ((saída das imagens)) A gente

5	sabe que, das principais redes sociais, o Telegram ((ênfase com as mãos; ilustração de
6	de celular com a marca)) é o que mah deixa o pau comer, que não se preocupa com nada
7	que circula por lá, e não é à toa que já ((título de notícia na tela)) foi ((gesticulação
8	mais exagerada)) proibido, banido em vários países do mundo, incluindo o Brasil.
9	((mudança para outro título de notícia na tela; primeiro plano acentuado)).
10	Não à toa ((imagem de notícia na tela)) ele acabou virando um REFÚGIO para
11	conteúdos TÓxicos, discurso de ódio e repleto de desinformação.
12	((imitando um antivax, para um interlocutor hipotético na cena)) Ve::: nha, meu filho,
13	tome aqui ((segurando uma garrafa)) uma pequena dose da <verdade oculta:::>.
	6 m 19 s a 6 m 46 s continua a seção <i>Desinformação</i> (bloco 2)
1	((muda para Slow)) Sabendo disso, os jornalistas ((foto de uma lupa na tela)) foram lá
2	tentar investigar quais eram os principais grupos que estavam propagando
3	desinformação contra as vacinas, conhecido como ((nome escrito na tela))
4	<MOVIMENTO ANTIVAX>. ((mudança de cena)). Eles identificaram ((um símbolo
5	na tela)) <dezesseis> ((escrito na tela: 16 principais grupos e canais)) principais grupos
6	e canais ligados a médicos negacionistas que, desde o início da pandemia, ali ainda
7	fazendo uma estimativa conservadora, chegaram a acumular cerca de ((número também
8	na tela; acentua-se o primeiro plano/close-up; tensiona o rosto)) <cento e noventa e dois
9	fucking milhões de visualizações nos seus conteúdos>.
	6 m 46 s a 7 m 4 s (bloco 3)
10	E se a gente olhar este gráfico aqui ((mudança de cena para inserção do gráfico)) dá pra
11	ver que o alcance dos grupos vem crescendo <alarmantemente>, sendo 7 ponto 3
12	miLHÕES de visualizações em 2020, aumentando em quase <10 vezes> pra 2021,
13	depois quase <duplicando> em 2022, e já acumulando números notáveis pra esse
14	começo de 2023. ((muda para Slow))
	7 m 5 s a 7 m 20 s <i>Desinformação</i> (bloco 4) [e transição para <i>Médicos pela vida</i>]
1	E o interessante é que de todos esses grupos analisados, ((mão indicando um)) um deles
2	é <disparado> o ((som de explosão; expressão líder de audiência! na tela)) líder de
3	audiÊNCIA.
4	((imitando Faustão)) Olha ae, olha ae, ((interpolação com imagem de Faustão)) ô LOco,
5	meu, ô loco! ((volta para Slow normal)) Essa foi a melhor imitação do Faustão que cês
6	já viram, né? >fala a verdade, fala a verdade<. Palmas para a imitação do Slo:::w!
7	((Slow bate palmas; som de palmas ao fundo; imagem de plateia aplaudindo sobreposta
8	à imagem de Slow)) .hhh ((tosse indicando retorno ao estado de sério))
	7 m 21 s a 7 m 42 s seção <i>Médicos pela vida</i>
1	Acumulando ((gráfico sobre MPV na tela)) cerca de 125 milhões de visualizações
2	no ano de 2022, o grupo é chamado de ((nome do grupo escrito na tela; olhos
3	arregalados; mãos se abrem nas laterais do corpo)) <Médicos pela Vida:::>.
4	E aí vem a pergunta, né? Quem afinal é o grupo que se identifica dessa forma no mundo
5	físico, né, que pode vir a ser ou não as mesmas pessoas que estão por trás do grupo
6	no Telegram? ((mudança de cena, tela mais escura)) ((sorrindo)) Vai saber, né?
7	são os Médicos pela Vida de Schrödinger ((gato balançando e barulho de gato)).
	7 m 43 s a 8 m 27 s começa seção <i>Quem são os responsáveis?</i> (bloco 1)

1	((volta para Slow; gráfico sobre o MPV ainda na tela, junto a outra ilustração))
2	Quem são os responsáveis por propagar tanta desinformação contra ((mexendo na
3	barba)) a saúde pública no Brasil? Pensando nisso, um grupo de pesquisadores da
4	Universidade de Santa Catarina resolveu investigar.
5	((as duas figuras saem da tela; entra foto do cabeçalho do artigo acadêmico))
6	((cena em close-up)) Até ano passado, o grupo tinha cerca de 276 médicos cadastrados
7	no site e engajando vários outros médicos pelas redes. ((abertura do plano, ainda
8	close-up)) Só que foi em abril de 2021 que eles ((as duas ilustrações saem)) ficaram
9	famosos pra valer. No meio do auge da pandemia, os cara elaboraram e enviaram uma
10	carta assinada por trocentos médicos do Movimento pro então ((Slow cai de cena;
11	imagem de mãos digitando em um laptop durante a fala a seguir)) presidente da época,
12	atacando as vacinas, defendendo tratamento precoce, assim como saíram dizendo e
13	propagando por aí: ((muda para Slow imitando um antivax, dirigindo-se a um
14	interlocutor fictício; mudança de tom)) o lockdo::wn, o uso de má::scaras,
15	a obrigatoriedade da vacina, esses elementos estão <destruindo vidas humanas muito
16	mais do que a covid>. ((mudança de cena para Slow normal))
	8 m 28 s a 8 m 44 s continua a seção <i>Quem são os responsáveis?</i> (bloco 2)
1	Pois é, por um lado, enquanto ((imagem em negativo de um médico na tela)) criticavam
2	essas medidas em prol da defesa da vida que já eram consenso nos órgãos internacionais
3	de saúde do mundo inteiro, ((close-up progressivo)) por outro, defendiam como a
4	como a solução o uso do ((com dedo em riste; efeito de foco da câmera se deslocando))
5	<kit covid>. ((mudança de cena; enumeração com o dedo)) Cloroqui::na, ivermecti::na,
6	azitromici::na mais um monte de outros medicamento que ((apontando para sua lateral
7	esquerda)) tem gente aí toma.hhh.ndo até hoje, que <nunca serviram> pra curar covid e
8	ainda podem gerar graves efeitos colaterais, dificultando ainda mais a recuperação dos
9	pacientes. ((mudança de cena))
	8 m 45 s a 9 m 24 s finaliza <i>Quem são os responsáveis?</i> (bloco 3)
11	((imagem de dois homens de terno se cumprimentando)) E assim o Movimento seguiu
12	ali se encontrando com o ex-governo federal, orientando, alinhando pautas, e sempre
13	propagando desinformação sobre saúde pública enquanto defendiam o sádico
14	tratamento ((volta para Slow em close-up)) precoce. ((sai do close-up))
15	((título de notícia na tela)) Defende.hhh.ram tanto que em 2021 o Ministério Público
16	largou uma multa de 10 milhões de reais na ((notícia preenchendo a tela inteira))
17	Organização por potencial dano à saúde pública e dano moral coletivo. ((volta para
18	Slow, dirigindo-se à lateral a interlocutor fictício; tela em preto e branco)) Hmm,
19	o que é o que é um grupo de Médicos pela Vida sendo multado por possíveis
20	dano à saúde pública? ((risos ao fundo; barulho de gato balançando; som de gato))
	9 m 25 s a 10 m 5 s começa <i>Como o Brasil se isolou do resto do mundo?</i> (bloco 1)
1	((miniatura de um outro vídeo de Slow, para o qual Slow aponta na tela)) A gente
2	chegou a mostrar um vídeo aqui no canal evidenciando como que o Brasil se isolou do
3	resto do mundo quando o assunto eram as desinformações que circulavam em relação à
4	pandemia ((Slow sai de cena; um plano cartesiano na tela toda)). Enquanto as redes de
5	tudo o quanto é país viraram as páginas em relação à bendita cloroquina, aqui no Brasil

6	a gente entrou num looping infinito de propaganda falsa de remédio que não funciona.
7	((Slow imitando e cantando; imagem de Slow com sobreposição do cercadinho de
8	Jair Bolsonaro)) Cloroquina, cloroquina, (.) cloroquina de Jesu:::s. ((volta para Slow))
9	E muito disso pode ser explicado ((sai Slow e entra imagem de uma equipe junto a
10	Bolsonaro)) com o alinhamento do ex-governo com outras organizações, como o
11	Conselho Federal de Medicina, o Médicos pela Vida, ((caracteres de Informática em
12	toda a tela)), assim como uma extensa rede de agentes e de grupos nas redes sociais
13	espalhando desinformação adiante como se fosse carta de baralho ((Slow simulando
14	distribuição de cartas de baralho; imagens de cartas)) ((volta para Slow normal)).
	10 m 6 s a 10 m 52 s (bloco 2)
1	((título de notícia em miniatura na tela)) O que levou, por exemplo, a um faturamento
2	de 1 bilhão de reais das grandes farmacêuticas vendendo kit covid só no ((um com o
3	o dedo)) primeiro ano da pandemia. ((outra notícia em miniatura)) Uma delas, por
4	exemplo, a Vitamedic aumentou seus lucros de venda de ivermectina em 2020 em cerca
5	((com o braço levantado)) de <2.900%>. Foi a responsável pelas vendas de quase
6	80% das ivermectinas em território nacional e pagou mais de 700 mil reais a ((entra
7	imagem genérica de um médico)) a médicos que topassem sair recomendando
8	ivermectina a torto e direito pros seus pacientes, assim como patrocinou um
9	manifesto dos próprios Médicos pela Vida em ((mãos se direcionando para cima))
10	<defesa do tratamento precoce>. ((imitando um antivax falando com alguém))
11	Ô, meu amigo, >vem cá, vem cá<, não fala de vacina, não! Fala que (.) vacina dá
12	autismo. ((close na risada; som de risadas ao fundo)) {rindo} Sempre funciona.
13	Ó, recomenda esse remédio aqui pra gente, depois ((mão próxima à boca)) confere lá na
14	tua conta e bora aproveitar que esse <MAR TÁ ((braços indo para cima)) PRA PEIXE>.
15	((imagem de muitos peixes, aparentemente mortos; tela em preto e branco)) a:::h.
	10 m 53 s a 11 m 44 s Começa <i>Quem financia o movimento anti-vacinas?</i> (bloco 1)
1	((volta para Slow normal; com miniatura de outro vídeo do canal)) Quem aí lembra do
2	vídeo que nós também fizemos sobre <quem financia o movimento antiVAX>, baseado
3	num artigo lá ((pedaço do artigo em miniatura na tela)) da Nature, investigando um
4	braço do movimento presente lá nos Estados Unidos? Eles revelaram que o movimento
5	antivax, na verdade, ((muda para uma tela inteira de animação, com prints das fontes))
6	é uma indústria <multimilionária>, muito bem articulada, que treina gente por tudo
7	quanto é canto pra seduzir e converter novos membros na base da conspiração e de
8	muita <desinformação>. ((volta para Slow; com um símbolo antivax em miniatura na
9	tela)) Assim eles formam ((gesto simbolizando bolha)) bolhas e fidelizam um grupo
10	muito suscetível ((cabeçalho de uma notícia, em miniatura na tela)) a entregar o seu
11	dinheiro em troca de ((aspas com as mãos para a expressão a seguir)) <produtos naturais
12	naturais>, de tratamentos alternativos e de medicamentos que, muitas vezes, não tem
13	comprovação nenhuma quando convém. E fazem isso impulsionando anúncios e
14	patrocinando a ((a miniatura da notícia vai desaparecendo)) <desinformação> na ciência
15	(.) pra que as pessoas não busquem os ((foto de antivax em miniatura)) tratamentos
16	eficazes e fiquem ali imersas consumindo produtos e consultas sem fundamento que
17	geralmente não funcionam além do efeito placebo. ((tela inteira com alguém tocando

18	bateria em interpolação com Slow simulando tocar bateria; som de bateria))
	11 m 45 s a 12 m 12 s continua <i>Quem financia [...]</i>? (bloco 2)
1	((volta para Slow)) >E aí faz todo sentido quando a gente entra num lugar< desse e vê
2	até hoje ((mão direita se ergue)) o pessoal vendendo ((ilustração em miniatura de um
3	vendedor de remédio)) kit covid por aí ((abaixa o braço)), vendendo .hhh falsificação de
4	carteira de vacinação e todo tipo de pilantragem que cê pode imaginar, o que com
5	certeza inclui .hhh um ((aspas com as mãos em detox)) <tratamento de DETOX de
6	vacina> ((imitando um paciente e um médico)) Ô:::, douto:::r, fui obrigado a me
7	vacina:::r, e agora, o que que eu fa:::ço? Ô:::, meu senhor, não se preocupa, a gente faz
8	aqui uma consulta de 500 (mil reais), e aí a gente começa o processo de detox
9	vacinal, tira ↓todas as impure:::zas, e vai tudo correr bem com o senhor, ↑tá bom,
10	combiNAdo? ((volta para Slow normal))
	12 m 13 s a 12 m 32 s continua a seção <i>Quem financia [...]</i>? (bloco 3)
1	Ó hhh, não é zoeira, os cara tão cobrando ((cabeçalho de notícia em miniatura na tela))
2	((ênfase com as mãos)) <quinhentos conto> pra te oferecer um tratamento que não faz o
3	o ((mãos em direção às laterais; cabeça para cima)) <menor> sentido. E as pessoas aceitam
4	e compram porque já tão ((as duas mãos se direcionam de cima para baixo)) há tanto
5	tempo IMERSAS nessa realidade de desinformação, já não sabem mais ((balançando
6	o corpo)) distinguir o que que é real do que que não é:::, o que tem fundamento e o que
7	não te:::m ((para o balanço)). Então, por isso, como sempre ((miniaturas saem da tela))
8	nós devemos ((expressão divulgação científica na tela; mãos representando uma magia))
9	((com som de palmas ao fundo)) <↑valorizar a divulgação científica:::;>.
	12 m 33 s a 13 m 02 s finaliza <i>Quem financia o movimento anti-vacinas?</i> (bloco 4)
1	((cabeçalho de notícia na tela inteira; leitura em voz alta)) <A batalha pela vacinação>.
2	Medos plantados, notícias falsas e o desgoverno recente no Programa Nacional de
3	de Imunizações expõem ↑brasileiros a doenças perigosas e evitáveis. ((outra notícia;
4	leitura em voz alta)) E canais de médicos antivacina continuam bombando no Telegram.
5	O grupo Médicos Pela Vida é líder em audiência, com cerca de 160 milhões de
6	visualizações na plataforma, que tem regras FROUxas e funcionalidades que estimulam
7	a <desinformação>. ((volta para Slow; as duas matérias em miniatura na tela))
8	Essas são as duas das reportagens que inspiraram a produção desses vídeos, e os links
9	estarão aqui na descrição. ((as notícias saem da tela))
	13 m 03 s a 14 m 09 s Desfecho, Peroração
1	Tá com ((com sorriso)) gostinho de quero mais? Então, quem se interessou pelo tema,
2	fica aqui o meu >convite ((miniatura do Ciência Suja na tela)) pra vocês irem lá
3	conhecer o podcast< do <Ciência Suja>, que tá com um novo episódio agora
4	investigando melhor o movimento antivacina com foco no Médicos Pela Vida, e que
5	vale muito a pena ir lá ouvir. O conteúdo está <excelente>. É sempre maravilhoso [...].

APÊNDICE B – Transcrição do vídeo *Ivermectina – o que diz a ciência? – um papo sobre evidência anedótica, de Nunca vi 1 cientista*²¹²

	Início (introdução) do vídeo. Até 49 s.
1	Trazemos assuntos polê::micos hoje.
2	<Vamos falar de ivermecti::na (.), que tá <u>super</u> em alta>, mas é um medicamento usado
3	pra tratar infecções causadas por parasitas ((ênfase com as mãos)), tanto <u>dentro</u> do corpo
4	– que são os parasitas internos, >tipo a famosa lombriga, que a gente ouve falar< –
5	como também os parasitas < <u>externos</u> >, como <pioelhos, (.) pulga e (.) sarna>.
6	>Ela é usada tanto por humanos quanto por animais< e geralmente <em dose <u>única</u> >.
7	E, assim como outros medicamentos, a ivermectina pode apresentar vários efeitos, é,
8	colaterais, incluindo náusea, vômito, dor abdominal e até <u>confusão mental</u> .
9	Esses efeitos aparecem <u>principalmente</u> quando a dose tomada < <u>ultrapassa</u> > a dose
10	que é < <u>segura</u> > pra gente tomar.
11	Bom ((em tom de pergunta)) mas (.) se a ivermectina serve pra matar parasita, que ↑raio
12	ela tá fazendo sendo ↓usada pra matar (.) um vírus, pra tratar covid-19?
	Vinheta do episódio. 50 s a 52 s
	53 s a 1 m 10 s seção <i>Como surgiu a ivermectina</i> (bloco 1)
1	Quando a gente tem uma doença nova, é <u>muito</u> comum que a primeira estratégia de
2	tratamento seja >usar medicamentos que já são disponíveis, que já são conhecidos<.
3	E essa estratégia, a gente chama de <reposicionamento de fármacos>. ---- Lembrando
4	que fármaco é o princípio ativo do medicamento, é o trem lá que >vai fazer efeito< ----.
	1 m 11 s a 1 m 22 s continua <i>Como surgiu a ivermectina</i> (bloco 2)
5	Quando o medicamento é aprovado, ele é aprovado pra uma coisa, pra uma ou algumas
6	doenças, em uma dose específica. Se eu quero usar pra tratar o:::utra coisa, eu preciso
7	<testar> pra >ver se funciona pra essa outra coisa<.
	1 m 23 s a 1 m 36 s continua <i>Como surgiu a ivermectina</i> (bloco 3)
8	Redirecionar o uso de um medicamento que já existe pro tratamento de uma o:::utra
9	doença é bem mais simples do que desenvolver um medicamento novo inteiro do zero.
10	<u>Ma:::s</u> (.) não deixa de ser um caminho longo, complexo e cheio de incertezas pra gente
11	resolver.
	1 m 37 s a 1 m 57 s continua <i>Como surgiu a ivermectina</i> (bloco 4)
12	Eu a< <u>inda</u> vou precisar demonstrar> (.) que o medicamento é eficaz e seguro pra esse
13	uso novo, me:::simo que já seja um medicamento usado a rodo ((mãos bem abertas)) pra
14	outras coisas porque ((com entonação de enumeração)) as dosagens podem ser
15	diferentes, o perfil dos pacientes pode ser diferente, as interações medicamentosas
16	podem ser diferentes, e assim por diante. Tem vá:::rias coisas que eu não conheço.
	1 m 58 s a 2 m 15 s continua <i>Como surgiu a ivermectina</i> (bloco 5)
17	aí <u>tendo</u> a covid-19 pela frente pra enfrentar (.), era natural que a gente fizesse
18	<justamente> esse reposicionamento de fármacos pra achar pelo menos um que

²¹² Link: <https://www.youtube.com/watch?v=3NIrQiMN89A&t=731s>

19	funcionasse. E aí que surgiram ((com os nomes da enumeração na tela))
20	a hidroxicloroquina, a nitazoxanida e a ivermectina.
	2 m 16 s a 3 m 9 s finalização da seção <i>Como surgiu a ivermectina</i> (bloco 6)
21	A empolgação sobre o <possível> ((dedos para cima em “possível”)) efeito da
22	ivermectina sobre o vírus SARS-CoV-2 começou com <u>um</u> (“um” com o dedo, olhos
23	arregalados)) estudo feito em <u>células</u> no laboratório. O estudo mostrava que, <em
24	<u>células</u> >, a ivermectina impedia o vírus de causar infecção, porque, de alguma forma, ela
25	impedia o vírus de entrar na célula.
26	Mas isso só acontecia em uma dose <muíto ((ênfase com as mãos)) maior do> que
27	permitida nos comprimidos pra humanos. Ou seja, era uma dose (.) <u>tóxica</u> ((expressão
28	“dose tóxica” na tela)), que pode, inclusive, matar a pessoa que tomar. ----
29	((começa desvio temático com tela em preto e branco)) >Bom, aí depende do ponto de
30	vista, né? Porque se matar a pessoa< ((imagem de Bolsonaro)), some o vírus, então,
31	de repente, vai ver que é isso que a pessoa quer, né, sei lá. ---- Ah esqueci da Ana
32	Pillow. (.) Eu esqueci da Ana. Vou buscar a Ana. ----
33	((dirigindo-se à Ana Pillow)) Você lembra do vídeo onde eu explico o que é consenso
34	científico, Ana? ((dirigindo-se agora para a câmera)) Se você não viu esse vídeo, o link
35	tá aqui na descrição, e você vai lá ver assim que acabar esse aqui. Mas resumindo <u>bem</u>
36	rapidinho ((deixa para a próxima seção, artigo científico))
	3 m 10 s a 3 m 21 s começa seção <i>Artigo científico</i> (bloco 1)
1	Um <u>Ú:::nico</u> , um <u>Ú:::nico</u> (“único” em letras grandes na tela)) artigo científico, ele <u>não</u>
2	serve pra afirmar ou desafirmar coisas, tá? Sabe aquela história de que uma andorinha
3	sozinha não faz verão? Então (.), com o artigo científico é a mesma coisa.
	3 m 22 s a 4 m 3 s continua <i>Artigo científico</i> (bloco 2)
4	<Um estudo sozinho> ((arregala os olhos)), ele vai funcionar pra <apontar> ((sinal de
5	direção com as mãos)) uma direção de como conduzir os próximos estudos.
6	Então, no caso, esse estudo em células com a ivermectina, ele aponta:::va que outras
7	análises precisavam ser feitas tanto pra <confirmar> se o resultado era realmente
8	verdadeiro< ---- porque lembrando que o consenso científico ele só vem depois que
9	vá:::rios pesquisadores <u>independentes</u> , <u>no mundo todo</u> , confirmam o mesmo
10	resultado ---- é, e depois a gente teria que ver se as doses que <u>não</u> são tóxicas pros
11	seres humanos conseguiriam impedir a infecção pelo SARS-CoV-2.
12	<u>Se</u> fosse demonstrado que <u>sim</u> que tudo isso que eu falei é verdade, aí sim a gente
13	poderia usar esse medicamento <u>com segurança</u> ((breve arregalar de olhos no “com”)).
	4 m 4 s a 4 m 20 s continua <i>Artigo científico</i> (bloco 3)
1	((agudo)) ((olhos arregalados, franzir de testa no começo)) Só que essas etapas foram
2	completamente ignora:::das. Aí as pesso:::a (.) ((tom de perplexidade, “as pessoa” na
3	tela)) saíram distribuindo ivermectina e mais um <u>monte</u> de coisa num troço que
4	chamaram de kit covid com a ((fazendo aspas com a mão)) <u>justificativa</u> ((Joey na tela
5	a partir de <u>justificativa</u>)) de que a gente tá <em guerra> ((aspas com a mão até
6	“morrem”)) e que não podemos ficar esperando testes científico demora:::dos enquanto
7	as pessoas <u>mo:::rem</u> .
	4 m 21 s a 4 m 30 s continua <i>Artigo científico</i> (bloco 4)

1	E aí outras justificativas ((aspas com a mão novamente para cada formulação de l2/e2))
2	vieram como (.) ((começa tom mais agudo)) eu já tomei e me cure:::i; meu vizinho
3	tomou e não pego:::u ((ainda tom mais agudo)); ou é melhor tomar isso do que não
4	tomar na:::da ((olhar de desaprovação no final do trecho)).
	4 m 31 s a 5 m 4 s continua <i>Artigo científico</i> (bloco 5)
1	É ago:::ra >que a gente precisa ter uma conversa< <u>mu</u> ito séria (.) sobre algumas
2	coisas (.)
3	A primeira delas. Uma situação de emergência como é uma pandemia <u>não é:::</u>
4	justificativa pra sair fazendo as coisas na pre:::ssa, sem seguir rigor de <u>nada</u> .
5	É tipo você ter só quinze minutos pra almoçar, e aí cê resolve fazer o <strogonoff
6	completo> ((simulando ornamento de strogonoff com as mãos)), preparando a <u>própria</u>
7	<u>batata palha</u> . ((começa enumeração com tom de desastre)) Os quinze minutos
8	vão chegar, você vai sair xxxxxx ²¹³ , é capaz de queimar a batata, o arroz ficar cru e o
9	strogonoff ficar sem molho, e você com fome. <u>SE</u> tivesse pedido um delivery, (.) <que é
10	algo certo ((mão com sinal de certeza)) e comprovado, tava de bucho cheio (.) e feliz, (.)
11	não é?> ((dirigindo-se à Ana Pillow, que gera, por meio de animação, a resposta é))
	5 m 4 s a 5 m 25 s continua <i>Artigo científico</i> (bloco 6)
1	Não é porque a gente tá no meio de uma pandemia que >a gente pode simplesmente
2	sair fazendo as coisas do jeito que a gente bem< entende, nas pressa, que < <u>não vai</u>
3	<u>funcionar</u> >. ((de maneira assertiva nesse trecho enfatizado))
4	É a segunda ((<i>dois</i> com a mão) coisa que a gente tem que conversar é que >sair
5	testando< medicamento às cegas, sem um estudo planejado, < <u>mais</u> atrapalha do que
6	ajuda>, porque você não vai conseguir saber (.) se os efeitos obtidos foram
7	((mãos com movimentos incisivos para baixo)) < <u>realmente</u> > do remédio, porque
8	((fala mais acelerada com certa indignação)) > <u>você ainda não sabe se ele fun</u> ↑ <u>ciona</u> <.
	5 m 26 s a 6 m 3 s continua <i>Artigo científico</i> (bloco 7)
1	((pergunta fazendo imitação jocosamente e em tom mais agudo)) Ai, Laura, mas então a
2	gente vai fazer <u>nada</u> , (.) e vai deixar as pessoa morrer tudo, é isso? ((fim da imitação))
3	Amarra essas carça, meu bem, porque não é isso, não, tá?
4	Os estudos clínicos, eles < <u>estão</u> > sendo feitos, e eles tão trazendo resultado
5	<diariamente>, dando cada vez mais informações sobre o que funciona ou não para
6	tratar os pacientes.
7	>E eu não sei se você já parou pra pensar nisso<, mas as pessoas que < <u>estão</u> > no
8	estudo clínico, elas estão ((fazendo sinal afirmativo com a cabeça)) sendo trata:::das
9	ao mesmo tempo em que a gente obtém os dados do estudo clínico.
10	E, por ser um estudo <controlado>, os resultados que são obtidos eles são muito
11	<confiáveis>, e aí os médicos podem uSAR essas informações pra fazer escolhas, hã,
12	corretas e tratar os pacientes deles com segurança.
	6 m 3 s a 6 m 25 s continua <i>Artigo científico</i> (bloco 8)
1	Foi por esses estudos, por exemplo, que a gente a gente descobriu que ((com os nomes
2	dexametasona e anticoagulante escritos na tela)) dexametaso:::na e anticoagulante

²¹³ Expressão ininteligível. O símbolo usado está conforme as convenções explicadas na Metodologia.

3	ajudam <u>mu</u> ito na recuperação de pacientes que estão ((olhos mais arregalados para a
4	próxima expressão)) em estado grave. E foram eles também que mostraram
5	((na tela, uma espécie de legenda sobre esse aspecto da hidroxiclороquina)) que a
6	hidroxiclороquina <não trouxe nenhum benefício> pra paciente com covid.
7	Por isso ela foi excluída de todos os estudos pela OMS. A gente viu que não adiantava
8	mais investir nisso, porque já tinha sido <mais do que provado> que não funcionava.
	6 m 26 s a 6 m 43 s continua <i>Artigo científico</i> (bloco 9)
1	E no caso da ivermectina, em si, teve um <u>ou</u> tro estudo feito pela USP recentemente
2	que mostrou que ela <u>realmente</u> eliminava o vírus das células, ↑< <u>só que as células</u>
3	morriam também>↓ ((com olhar de ênfase, com tom agudo e com a imagem de
4	Jair Bolsonaro e o balão de fala a ele imputado: chamou de novo?)).
5	((dirigindo-se à Ana Pillow ironicamente)) Aí, Ana (.), tá ↑vendo? (.) ↓A sugestão que
6	eu dei funci <u>o</u> na; >mata as células tudo, acaba com o vírus, ((dirigindo-se para a
7	câmera)) pronto, resolve o problema<.
	6 m 44 s a 7 m 8 s continua <i>Artigo científico</i> (bloco 10)
1	Ou seja, a gente tem (.) dois estudos aqui - - e >aqui eu tô só analisando esses dois
2	estudos< - - que, na verdade, <u>não favorecem</u> o uso da ivermectina pra tratamento da
3	covid. Um deles (.) mostra que a dose que precisa usar - - ((franzindo a testa nesta
4	ênfase)) <cinquenta vezes> mais alta - - que não poderia ser <u>us</u> ada por humanos.
5	E o outro estudo mostra que ((em tom indignado)) as células <u>MORREM</u> junto com
6	o <u>v</u> írus. Só esses dados já serviriam de base pra mostrar que não vale a pena
7	continuar investigando esse medicamento.
	7 m 8 s a 7 m 25 s continua <i>Artigo científico</i> (bloco 11)
1	((pergunta com o rosto mais próximo da câmera)) >E cê quer ver outra merda?< Eu falei
2	logo lá no começo do vídeo que a ivermectina ela é dada em dose ((arregalando os
3	olhos; dedo indicando um)) <u>Ú</u> nica pras pessoas. >Então você toma um comprimido só,
4	pro:::nto, mata os piolho tudo<. <u>Es</u> se foi o regime de dose que eles viram que
5	era o seguro pra esse tipo de tratamento. Mas, obviamente, >não sem os efeitos
6	((franzindo um pouco a testa a partir daqui)) colaterais, principalmente<, é, problema de
7	fígado, se eu tô / se eu não tô muito enganada.
	7 m 26 s a 7 m 47 s continua <i>Artigo científico</i> (bloco 12)
1	E aí (.) ((barulho com a boca)) O que a galera tá fazendo por aí, é, <pra ((começa com
2	um tom de indignação reprimida)) ((agitando os braços)) prevenir o povo de pegar
3	covid>, é tomar ivermectina todo dia ((tom de indignação reprimida)).
4	((em tom irônico)) <u>Ó</u> que bom! O negócio que cê tem que tomar ((<i>um</i> com a mão))
5	uma vez só, >um comprimido, dose única, pá pum< ((gesto de <i>uma só vez</i> com a mão)),
6	>tá sendo recomendado pra ser tomado< como dose <u>di</u> ária pra prevenir ((fim desse tom))
7	um negócio que a gente nem tem ((as duas mãos para cima e olhar de perplexidade))
8	comprovação ↑na/ de <u>n</u> ada ↓que ivermectina previne de pegar covid.
	7 m 48 s a 8 m 9 s continua <i>Artigo científico</i> (bloco 13)
1	A gente não tem nem como <u>pre</u> ver o <u>TAN</u> to de coisa ruim que pode dar só das
2	>pessoas tomarem esse remédio todo dia<, porque essas pessoas elas ((começa tom de
3	enumeração; começa também enumeração por escrito na tela)) tomam <u>ou</u> tros remédios,

4	elas tomam chá, elas comem coisa, elas bebem bebida alcoólica, tudo isso intera::ge
5	((palavras saem da tela)) com o medicamento. Dá pra fazer outro vídeo só pra falar de
6	((tom de enumeração, e dedo da mão indicando esses itens)) interação medicamentosa,
7	interação medic/ medicamento-planta, interação medicamento-alimento, interação
8	medicamento-álcool, ((com as palmas das mãos para frente)) é um <u>monte</u> de coisa.
	08 m 10 s a 8 m 20 s continua <i>Artigo científico</i> (bloco 14)
1	Então cê imagina a merda que dá eu dizer pras pessoas que elas devem ((franzindo
2	mais a testa)) tomar o medicamento todos os dias como ((durante todo este trecho
3	rápido, movimentos com os dedos indicando múltiplas direções)) >prevenção de um
4	negócio que eu nem sei que previne sendo que elas têm um monte de coisa que pode
5	dar errado e pode/< Entendeu? ((entendeu? em letras gigantes na tela; e mãos
6	de lado indo em direção à tela))
	8 m 21 s a 8 m 34 s continua <i>Artigo científico</i> (bloco 15)
1	Fora um <u>OU</u> tro detalhe que, quando isso é divulgado como a <cura milagrosa>, as
2	pessoas fazem uma corrida às farmácias pra <u>estocar</u> o medicamento <sem
3	necessidade>, enquanto as pessoas que ((pontuando com a mão as duas características))
4	<u>estão</u> em tratamento e <u>preC</u> isam desses medicamentos (.) ficam sem nada.
	8 m 35 s a 8 m 54 s continua <i>Artigo científico</i> (bloco 16)
1	Bom, e a terceira coisa que a gente precisa conversar é sobre evidências anedóticas.
2	Se você segue esse canal há um tempo, você com certeza já viu a gente falar sobre isso
3	e explicar em alguns vídeos. Mas hoje eu quero ir um ((dedos das duas mãos
4	se aproximando entre elas próximo ao queixo)) <u>pouqui:::nho</u> mais a fundo nisso, porque
5	a gente tá vendo uma <u>chu:::va</u> <desse tipo de relato> nas nossas redes sociais.
6	Várias pessoas falando que ((em um tom diferente; bochechas mais salientes)) ai num
7	sei quem tomou ivermectina e cloroquina e curou da covid.
	8 m 55 s a 9 m 17 s finaliza <i>Artigo científico</i> e transição para <i>Efeito placebo</i> (bloco 17)
8	De uma forma <u>bem</u> simples e resumida, ((com quadro esquemático escrito na tela; mãos
9	na mesma linha em formato de C)) a evidência anedótica é uma informação que
10	a pessoa ((mãos em direção à câmera simbolizando endereçamento da mensagem)) te dá
11	sem prova. Você ((gesto de não com a cabeça; mãos se abrem)) não tem como
12	comprovar que aquilo que ela >te disse é verdade ou não<. E muitas pessoas se ((mão
13	esquerda em punho fechado encontrando a mão direita aberta)) apegam a isso pra dizer
14	que o que elas <tomaram ou fizeram ((mãos abertas indo para cima nos verbos
15	seguintes)), é, funciono:::u e curo:::u o que elas tinham.
16	É assim que várias ((aspas com as mãos em terapias)) <terapias> são passadas adiante
17	como sendo tratamento, baseadas principalmente no famoso <efeito placebo> ((efeito
18	placebo escrito na tela; dedos marcando isso no ar)), que é [...].
	9 m 18 s a 10 m 0 s começa seção <i>Efeito placebo</i> (bloco 1)
1	que é quando a pessoa melhora <por acreditar> que vai melhorar. Esse é um efeito
2	muito bem estabelecido na ciência e que ele precisa ser inclusive considerado nos
3	estudos clínicos <u>justamente</u> pra eu ter certeza de que a melhora que a pessoa teve
4	((a alternância a seguir por meio da lateralidade com as mãos; franzindo)) foi
5	uma melhora causada pelo medicamento e não porque ela achou que ia melhorar.

6	O caso mais famoso de efeito placebo é a homeopatia. Já tem centenas de estudos que
7	já provaram que o grupo que toma homeopatia tem sempre ((olhos arregalados; uso
8	mãos unidas e em lateralidade para marcar esta comparação)) <os <u>mesmos</u>
9	<u>resultados</u> > do grupo que <u>não</u> tomou nada, mostrando que é um efeito (.) placebo.
10	E a gente pode discutir isso mais a fundo em um outro momento se vocês
11	quiserem. Se você quiser que a gente faça >um vídeo sobre isso, comenta aqui<
12	((sugestão da hashtag por escrito na tela)) hashtag homeopatia pra >gente saber se você
13	quer saber mais sobre esse assunto<.
	10 m 1 s a 11 m 28 s continua <i>Efeito placebo</i> (bloco 2)
14	((mão aberta fechando-se para perto do corpo, indicando retomada)) Mas vamos voltar
15	pra evidência anedótica. Uma informação (.) sem comprovação. Se alguém chegar
16	((direcionando-se a Ana Pillow)) pra você:::, ãh, e falar assim: (.) seu namorado tá te
17	traindo! ((mensagem verbal “que? >:-(” na tela, imputada a Ana Pillow)) Você vai (.)
18	acreditar cegamente nisso ou você vai pedir provas? >Ou então se alguém falar
19	assim:< ah, (.) eu tenho ((balançando o corpo)) um Porsche não sei das quantas, super
20	ca:::ro, Master Bla:::ster, na na na,
21	((interpolação com trecho da série Friends, na qual Joey vangloria-se, perante duas
22	mulheres, de possuir um Porsche, estacionado no local do encontro, coberto por lona,
23	mas que é desabado quando um jogador de futebol cai por sobre as caixas cobertas))
24	você vai acreditar (.) ou você vai querer prova? Ou, ainda, >a pessoa vira pra você
25	e diz assim ah<, (.) tô grávida do Neymar. ((foto do Neymar na tela, com fala imputada
26	a ele: “filho meu? quero DNA!”)) Bom, nesse caso até o <u>Neymar</u> vai querer prova de
27	que isso é verdade.
28	E aí eu (.) te pergunto, é:::, <pra <u>tantas</u> coisas mais simples>, que não colocam a nossa
29	saúde em risco, é, a gente pede comprovação, <por <u>que</u> aceitar o relato da sua vizinha
30	de que/ diz que curou ((gesticulação progressiva)) tomando água com limã:::o
31	de ponta cabeça> exatamente às seis e trinta e três da manhã, (.) sem prova nenhuma?
32	Tomar medicamentos ou usar misturas de plantas <u>sem</u> ter comprovação de que
33	funcionam ou, pior, sem saber se ((mão endereçada ao espectador)) voCÊ realmente
34	pode tomar esse/ eh, essa substância com segurança, coloca ((mão esquerda
35	descensionalmente)) a sua saúde em <u>risco</u> . E o <u>Mínimo</u> que você pode fazer pelo
36	seu bem-estar é procurar apenas aqueles tratamentos ((conteúdo escrito na tela))
37	que já foram comprovados e são seguros.
	11 m 29 s a 12 m 11 s finaliza <i>Efeito placebo</i> (bloco 3)
1	((dirigindo o corpo para a direita, para imitação)) Ah mas então, Laura, como é que você
2	explica o povo que tomou e se curou? Sem um estudo clínico controlado, a gente <u>nunca</u>
3	vai saber se a pessoa realmente se curou ((usando as mãos nessa construção alternativa))
4	por <u>ca:::usa</u> do medicamento ou se ela se ((sorrindo; mãos indicando liberação))
5	curaria sozinha de qualquer forma, >e ter tomado o remédio foi simplesmente
6	uma coincidência<. Por exemplo, as gripes e os resfriados se resolvem ((mãos abertas
7	para os dois lados)) sozinhos em sete dias, não inteREssa o que você faça. Cê pode
8	tomar chá de ((mãos indicando liberação; entonação mais grosseira)) a:::lho, chá de
9	alface com ... laranja, <u>sei lá</u> . Tudo que cê tomar nesse período de sete dias vai servir

10	pra aliviar os sintomas. Ele simplesmente tem o ((mãos se abrindo para cada lateral))
11	cu:::rso da doença, que se resolve naquele período, <u>independente</u> do que você faça.
12	Então <u>qualquer</u> coisa que você faça vai acabar sendo simplesmente uma
13	((coincidência por escrito na tela)) coincidência.
	12 m 11 s a 12 m 25 s <i>seção Considerações finais</i>
14	como::: (.) eu quebrar o <u>pé:::</u> , aí eu engesso por um mês porque é o tempo que demora
15	pra/ o osso colar de volta, a aí no final de um mês eu falo pras pessoa: ((franzindo))
16	ah, meu osso colou porque eu bebi água todo dia. ((arregala os olhos; cabeça se
17	contra)) (.) ((mãos nas laterais do corpo com palmas para cima)) Entendeu?
	12 m 26 s a 13 m 39 s (desfecho)
18	Espero que tenha ficado claro, <u>mas</u> se você tem ainda alguma dúvida sobre esse [...] ²¹⁴ .

²¹⁴ Tendo em vista que a peroração não é analisada, então a transcrição desta parte não foi executada.